Terran Williams

Como **Deus** vê as **mulheres**

O fim do patriarcado

Como Deus vê as mulheres

O fim do patriarcado

Terran Williams



The Spiritual Bakery Publications

Cidade do Cabo, África do Sul

Copyright © Terran Williams, 2022

Traduzido do inglês, 2026, com a permissão do autor – download gratuito em www.hans-joerg-ronsdorf.de

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistema de recuperação de dados ou transmitida, de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico, mecânico, por fotocópia, gravação ou outro, sem a prévia autorização por escrito do detentor dos direitos autorais.

As citações bíblicas, salvo indicação em contrário, foram extraídas de The Holy Bible, New International Version® NIV®

Copyright © 1973, 1978, 1984, 2011 de Biblica, Inc. TM

Usado com permissão. Todos os direitos reservados no mundo inteiro.

Todos os endereços de sites nas notas de rodapé, geralmente encurtados no formato www.bit.ly, foram verificados quanto ao acesso em novembro de 2021.

ISBN da edição em brochura da Amazon: 9798401047878

O que dizem sobre "Como Deus vê as mulheres"

Terran Williams oferece um olhar honesto e consistente sobre o que Deus, na Bíblia, realmente diz a respeito das mulheres e da relação entre homens e mulheres. Este livro vai deixar algumas pessoas desconfortáveis, mas talvez deva mesmo deixar, porque Williams constrói um argumento meticuloso de que a bússola moral de Deus sempre aponta para a unidade de homens e mulheres, na criação, na igreja e em Cristo. Um recurso excelente para todos os que estão lutando com este tema.

—*Dr. Michael Bird, diretor acadêmico e professor de Novo Testamento no Ridley College, Melbourne, Austrália; autor de* Evangelical Theology

Em vez de simplesmente expor e defender sua posição sobre as mulheres e o ministério, Terran Williams nos leva com ele numa jornada, narrando sua transformação teológica, exegética, comunitária e pessoal, com observações perspicazes, discernimento e cautela. Sua narrativa é especialmente útil porque mostra o processo pelo qual ele avaliou criticamente e integrou uma pesquisa extensa, unido a um compromisso inegociável com a autoridade das Escrituras. Ao mesmo tempo, seu estilo envolvente, de quem conversa com o leitor, torna acessíveis pesquisas e interpretações complexas.

—*Dra. Cynthia Westfall, professora pesquisadora no McMaster Divinity College, Ontário, Canadá; autora de* Paul and Gender: Reclaiming the Apostle's Vision for Men and Women in Christ

Com uma lógica implacável e honesta e com a compreensão de quem conhece as duas posições por dentro, Terran Williams apresenta um argumento bem escrito e bem organizado a favor do mutualismo homem–mulher. Ganhei novas percepções ao ler as evidências que, como ele mostra, o levaram a mudar sua própria posição.

—*Dr. Craig Keener, professor de Estudos Bíblicos no Asbury Theological Seminary, Kentucky, EUA; editor de* The NIV Cultural Backgrounds Study Bible*; presidente da Evangelical Theological Society de 2018 a 2020*

Num livro marcante da nossa geração, Terran Williams sonda as profundezas das Escrituras para reconquistar as alturas às quais as mulheres (e os homens) são chamados.

—*Starla e Daniel Webster, pastores da City Lights Church, Dubai*

Este é um livro oportuno e merece muitos leitores. A sociedade perdeu em grande parte a capacidade de discutir com vigor e debater com civilidade, especialmente quando se trata de questões sensíveis como gênero, inclusão, igualdade e etnia. Por isso é revigorante ler um livro escrito com graça e dignidade. Seus capítulos deixam a clara impressão de que foram escritos não só por uma pessoa realmente gentil, mas por alguém que pensa com clareza e está determinado a representar bem o texto bíblico. Terran Williams é essa pessoa: muito lido, articulado, cuidadoso ao formular um conceito e cheio de graça. Espero especialmente que os irmãos absorvam sua mensagem e vivam, dentro da comunidade da fé, a vida cheia de graça que Deus sempre quis para eles.

—Dr. Paul Alexander, presidente do Trinity Bible College and Graduate School, Dakota do Norte, EUA; presidente da World Alliance for Pentecostal Theological Education

Este livro é honesto, humilde, erudito, desafiador. Enquanto lia, não pude deixar de pensar que aquilo que Lee Strobel procurou fazer com o ateísmo ao escrever *The Case for Christ*, Terran Williams faz aqui com a teologia complementarista: torná-la uma posição cada vez mais indefensável para todos os que desejam ser moldados pelas evidências. Sou profundamente grata por este livro — ele vai transformar maravilhosamente o cenário das nossas igrejas. Leia-o, experimente-o, viva-o e veja o reino chegar por meio dele.

—Dra. Katia Adams, pastora da The Table, Boston, EUA; autora de Equal

Esta obra abrangente sobre o assunto, com um bom equilíbrio entre análise e crítica de estudiosos proeminentes, representa o esforço diligente de um seguidor comprometido de Jesus para chegar a uma avaliação honesta de uma questão que tem causado tanta divisão e tanto sofrimento aos cristãos, à igreja e à comunidade. Faremos bem em prestar atenção!

—Dr. Quinton Howitt, cofundador do South African Theological Seminary e da The School of Leadership

Escrito com sensibilidade pastoral e perspicácia teológica, este livro me inspira a liderar uma organização não como um homem, mas como parceira plena no evangelho. Venho originalmente de uma denominação que impedia as mulheres de pregar e liderar, por isso este livro dá a meu marido e a mim um novo começo como novos plantadores de igrejas.

—Minah Koela, CEO da Beautiful Gates, Cidade do Cabo, África do Sul

Este livro é leitura obrigatória para todo crente que deseja ampliar sua compreensão de como homens e mulheres foram criados por Deus para servir juntos em seu reino. Terran Williams fez o que espero que todo cristão (e certamente todo pastor) faça: estudar *por si mesmo* o que as Escrituras dizem sobre gênero e liderança feminina, inclusive procurando entender as posições de todos os lados. *Como Deus vê as mulheres* é a narrativa convincente da busca humilde de um teólogo dedicado pela verdade e, ao mesmo tempo, um estudo completo das teologias e práticas complementaristas e igualitárias.

—Kadi Cole, CEO da Kadi Cole and Company, Flórida, EUA; consultora de liderança; coach executiva; autora de Developing Female Leaders

Dá para perceber quando alguém ama as Escrituras. Ouvi Terran falar pela primeira vez a um grupo de jovens surfistas, há 20 anos. Seus olhos brilhavam, e ele ficava cada vez mais animado enquanto explicava, com grande clareza, como o reino de Deus estava irrompendo em nosso mundo e estava ao alcance deles. Lendo este livro, a única coisa que mudou é que Terran parece ainda mais apaixonado pela Palavra de Deus. Amei cada página e me peguei dizendo: Sim! Sim! Sim! Se você é apaixonado pela verdade, pela liberdade e por tudo aquilo que Deus chamou a igreja para ser, suspeito que vai reagir da mesma maneira. Recomendo este livro a todos, não importa de que lado da cerca você esteja hoje.

—Paul Van Coller, líder da Hope Church, George, da Association of Related Churches in Southern Africa e do Zambia Project

Este livro tem uma urgência missionária — às vezes silenciamos a maior parte da igreja e a impedimos de viver plenamente seu chamado para ver o mundo transformado. Tendo crescido na África do Sul do *Apartheid*, sei por experiência própria como uma ideologia endossada por uma teologia incorreta produziu uma sociedade que falava em igualdade da boca para fora, mas continuava oprimindo pessoas de cor como eu. Da mesma forma, vi a teologia dos "papéis iguais, mas diferentes" produzir mulheres *e* homens feridos. O livro de Terran apresenta um argumento teológico e acadêmico que me ajudou a ir ainda mais fundo na maneira como devo ver e amar minha esposa e as outras mulheres.

—*Julian Adams, pastor da The Table, Boston, EUA; diretor da Frequentsee; autor de* Terra Nova

Este é um chamado claro e sonoro para despertar. Se você tem as Escrituras em alta estima, uma mente rigorosa e está disposto a fazer um trabalho profundo, este livro vai ressoar em você. A busca de Terran pela verdade é familiar a muitos, mas o lugar para onde essas verdades bíblicas nos levam pode ser território desconhecido. Por mais tentador que seja bater o pé, talvez seja justamente disso que precisamos para mudar de ideia.

—*Jess e Tom Basson, pastores da Grace Family Church, Durban, África do Sul*

Assim como em seu livro anterior, Terran escreve com fluência e de modo acessível, tratando de argumentos críticos sem recorrer a tecnicismos. Sua pesquisa é sólida, e ele explora todo o espectro dos argumentos complementaristas e igualitários. A história que ele compartilha de sua jornada com sua esposa, Julie, rumo a um casamento e a um ministério entre iguais ancora sua argumentação na realidade. Das obras que li que ajudam os complementaristas a repensar a questão, esta é uma das mais persuasivas.

—*Dr. Derek Morphew, fundador do Vineyard Bible Institute internacional; autor de* The Kingdom Reformation

Como Deus vê as mulheres é poderoso e maravilhoso! Respeita a autoridade das Escrituras e oferece uma crítica crucial à crença de que os homens devem liderar. Terran Williams recorre a várias disciplinas — teologia, desenvolvimento e ciências sociais, por exemplo — para questionar a maneira como a teologia complementarista obstrui o florescimento humano. Seu trabalho é tão lógico quanto holístico. É maravilhosamente acessível e trata de questões complexas com graça e habilidade.

—*Dra. Mimi Haddad, presidente e CEO da CBE International; consultora em teologia e gênero da World Relief e da World Vision International*

Este é, na minha opinião, o melhor livro sobre o debate entre complementaristas e igualitários evangélicos. É um livro excelente, de primeira linha, que deveria ser amplamente lido pelos evangélicos. Compre exemplares para os amigos, empreste-o a muitos. Ele destaca a verdade de que o evangelho liberta os oprimidos. A Bíblia, de capa a capa, é boa notícia para homens e mulheres.

—*Dr. Kevin Giles, autor de* What the Bible Actually Teaches on Women

Dedicatória

Dedico este livro, em primeiro lugar, a Julie, minha alma gêmea e parceira testada em batalha na vida, na criação dos filhos e na transformação do mundo.

Também a Ivy, nossa filha, feminina e destemida, jovem, mas já impregnada de um senso de chamado divino. Que você corra a carreira para a qual foi chamada, com alegria e confiança, e sem nada daquelas dúvidas sobre si mesma que tantas mulheres antes de você tiveram de suportar.

Nas savanas do nosso continente, leões e leoas rugem juntos para mostrar a força do bando. Assim como na natureza, assim em nossa família, assim em nossa igreja — e assim em nosso mundo.

Por fim, dedico este livro a cada pessoa que deseja responder de novo à pergunta de Jesus que sonda a alma, em Lucas 7:44:

"Vês esta mulher?"

Sumário

Prefácio **10**

Prólogo: Como Deus vê as mulheres **13**

1 Mudando de ideia **17**

Primeira parte – A QUEDA E A ASCENSÃO DAS MULHERES **25**

2 O sexo inferior **26**

3 A ascensão (e as armadilhas) do complementarismo **48**

4 Uma parceria feita no paraíso **75**

5 As relações entre homens e mulheres redimidas **103**

Segunda parte – MULHERES (I)LIMITADAS **123**

6 As mulheres de Corinto **124**

7 1 Timóteo 2:11-15 ..... **155**

8 Esposas, sejam submissas **200**

9 O Deus que se adapta **239**

Terceira parte – O MINISTÉRIO DAS MULHERES **260**

10 Mulheres poderosas no Antigo Testamento **261**

11 Mulheres poderosas nos Evangelhos **279**

12 Mulheres poderosas na igreja primitiva **298**

13 Dons (Romanos 12) vs. gênero (1 Timóteo 3) **332**

Quarta parte – A LIBERAÇÃO DAS MULHERES **352**

14 Feminilidade e masculinidade bíblicas **353**

15 Eva não domesticada **372**

16 Implicações práticas para as igrejas **384**

17 O povo contra o patriarcado **398**

Epílogo: Como Jesus vê as mulheres **420**

Apêndice 1: Deus é masculino? **423**

Apêndice 2: Adão e Eva antes da Queda (continuação) **433**

Apêndice 3: O que significa kephalē **439**

Apêndice 4: As mulheres podem ensinar? **446**

Apêndice 5: Mais dois argumentos tirados de 1 Timóteo 3 ..... **451**

Apêndice 6: Por que os fatos talvez não nos façam mudar de ideia **460**

Muito obrigado **472**

Bibliografia selecionada **474**

Outros livros de Terran Williams **477**



PREFÁCIO

Durante a maior parte da minha vida, fui seguidora de Cristo.

Durante toda a minha vida, fui mulher.

O lugar onde essas duas descrições se cruzam tem sido uma jornada de soltar e de tomar … soltar as expectativas da família, as minhas próprias, as da sociedade e, de fato, até as da igreja sobre quem eu sou. E retomar minha capacidade de agir (por vezes esquecida), meu propósito, minha autoridade e minha percepção de quem Deus é e de quem ele, por sua vez, diz que eu sou.

Este livro — e, mais especificamente, o homem que o escreveu — teve um papel decisivo nessa jornada. Nós nos conhecemos quando eu tinha apenas 17 anos: eu, uma recém-chegada de olhos arregalados, e ele, um líder de cabelos rebeldes da igreja que seria o nosso lar pelas duas décadas seguintes.

Cinco filhos, 4 casas, 18 anos de casamento e 1 burnout depois, continuo de olhos tão arregalados quanto antes, e agora nós dois temos cabelos rebeldes! Mas, por baixo desses traços físicos, estão dois corações marcados por batalhas, que aprenderam e desaprenderam a ver um ao outro mais como Deus vê o outro.

Curiosamente, quando meu marido começou essa jornada rumo a uma mudança em sua teologia sobre as mulheres, eu era sua crítica mais feroz. Nós dois tínhamos estudado teologia, e eu mesma tinha lutado pessoalmente com esse tema muitos anos antes — eu até tinha dado testemunho de como Deus falara comigo naquele tempo turbulento da minha fé e sussurrara com delicadeza ao meu coração cansado: "Por que lutar por posição, se você já está sentada no meu colo?"

Naquele momento, eu tinha me visto como realmente era.

Eu não era uma espécie de serva desvalorizada que precisava exigir seus direitos. Eu era uma filha amada do Altíssimo. Não precisava empurrar e acotovelar para chegar ao lado dos meus irmãos; eu já estava sentada com Deus, perto do seu coração, exatamente onde eu mais desejava estar — independentemente de papéis e restrições.

Depois daquele encontro, eu tinha me conformado de bom grado ao meu suposto papel, dado por Deus, de auxiliadora. Francamente, depois de anos lutando com o meu lugar na igreja, foi um alívio.

E, longe de eu me sentir oprimida, as oportunidades de ministério vieram uma atrás da outra. Eu preguei, dirigi reuniões, participei de decisões cruciais de liderança, plantei igrejas em parceria com meu marido e organizei, junto com outras pessoas, eventos para mulheres que alcançaram milhares.

E, no entanto, ali estava meu marido — tantos anos depois — me dizendo que achava que tínhamos entendido tudo errado! Que, de algum modo, estávamos prejudicando as mulheres e o testemunho da igreja com a nossa teologia.

Eu resisti. Por muito tempo.

Para começar, *eu* não me sentia especialmente prejudicada. E, se eu mudasse de posição, isso não mostraria, ironicamente, que meu marido continuava sendo o cabeça do nosso lar, com uma esposa que apenas seguia as convicções do marido? Terran não pressionou muito, mas, com o tempo e depois de refletir mais, comecei aos poucos a perceber que o nosso nunca tinha sido, desde o início, um relacionamento (ou uma igreja) complementarista típico.

Fui criada num lar com uma mãe tão capaz e trabalhadora quanto meu pai. Estudei numa escola para meninas incrível — onde nem precisavam nos dizer que podíamos fazer qualquer coisa com nossa vida e nosso potencial; nós já partíamos desse pressuposto! Depois tive sucesso cedo nos estudos superiores, na carreira e no ministério — sem nunca me sentir inferior aos homens com quem trabalhei, ministrei e convivi.

Ironicamente, minha insistência em me apegar à minha teologia complementarista (fruto da minha convicção de que eu devia formar minha própria opinião) e a reação tranquila de Terran a isso provaram que, na verdade, éramos muito mais igualitários em nossa parceria do que eu a princípio queria admitir.

Não só o homem ao meu lado, mas também este livro tem sido um dos maiores presentes de Deus para mim. Deus o usou para remodelar a maneira como me vejo como mulher e, com isso, também a maneira como vejo a Deus.

Embora nunca tenha me sentido marginalizada por outros em nossa antiga igreja complementarista, reconheço agora que eu, de maneiras sutis, marginalizava a mim mesma ao ceder demais aos outros — desistindo de sonhar sonhos maiores e diminuindo minha própria voz e meu potencial. Mas, o que talvez seja mais doloroso, vejo agora que, embora nunca me tenha sido negado um lugar à mesa, esse lugar foi negado a muitas das minhas irmãs com dons semelhantes, simplesmente por serem solteiras ou por serem casadas com homens que não eram líderes. Hoje me entristece pensar que fiquei satisfeita com a nossa teologia por tanto tempo porque ela me beneficiava, enquanto feria tantas outras. Ainda assim, há muito pelo que agradecer e muito a esperar. Deus ainda não terminou a sua obra em nenhum de nós!

Embora tanto da minha mente e do meu coração ainda precise ser renovado, aquele sussurro de Deus de décadas atrás é tão verdadeiro hoje quanto era naquela época. Eu *estou* sentada no colo de Deus e nunca preciso lutar por posição. Sou igual em todos os sentidos aos meus irmãos no reino. Só que agora minha teologia está alinhada com minha prática e com minha experiência vivida.

Oro para que este livro seja uma graça semelhante para você, querido leitor. Assim como a Palavra que todos amamos, que as palavras dele iluminem sua mente e permitam que você veja com mais clareza não só a si mesmo, mas também a Deus — em cujos olhos o seu reflexo arde com um amor intenso e libertador.

—Julie Williams



Prólogo: Como Deus vê as mulheres

Durante a maior parte da história da igreja, as pessoas acreditaram que, seja lá o que mais as mulheres fossem, eram inferiores aos homens. O fato de a Bíblia mencionar muito menos mulheres do que homens (apenas 200 dos seus 3.000 personagens com nome) explica em parte a suposição, incontestada durante séculos, de que as mulheres são menos importantes que os homens. Mas o Deus que escolhe o ventre de uma mulher para por meio dele visitar o seu mundo nunca se guiou por estatísticas ou por tamanho. Mesmo nas partes da Bíblia em que um homem tem o papel principal, há mulheres que, apesar de seus papéis menores, transmitem muito mais da visão de Deus para a parceria entre homem e mulher do que talvez percebamos à primeira vista.

Veja Abraão, por exemplo. Ele é o primeiríssimo judeu — homem, livre e uma pessoa de posição social e de recursos. Deus lhe promete que os filhos de seus filhos terão um impacto poderoso. No entanto, ele continua sendo um homem do seu tempo: ter sido escolhido não anula o tratamento terrível que ele dá à sua escrava egípcia, Agar. A pedido de sua esposa estéril, ele usa Agar para gerar um filho. Quando ela fica grávida, ele deixa que sua esposa ciumenta a maltrate, até que Agar foge para o deserto.

A história dela é devastadora: a menos que alguém a resgate, ela e o filho que ainda não nasceu vão morrer. Entra em cena: Deus. Ele intervém para salvá-la e a manda de volta com a garantia de que protegerá tanto ela quanto o seu filho. É uma promessa que ecoa a que ele fizera antes a Abraão: "Multiplicarei sobremodo a tua descendência, de maneira que, por numerosa, não será contada."[1]

1. Gênesis 16:10

Vamos refletir sobre o significado disso: num mundo dominado por homens, Deus começa a revelar o seu grande plano de redenção a Abraão, o primeiro dos patriarcas bíblicos. Mas, mesmo enquanto faz isso, ele se aproxima também de uma mulher. E não de uma mulher qualquer, mas de alguém que estava no degrau mais baixo da escada social — uma escrava. Perdida no deserto, com o coração partido, o espírito sem esperança e o corpo violado, Agar é vista por Deus, e ele proclama sobre ela uma grandeza futura que as condições sociais da época deveriam ter tornado quase impossível.

Ela responde à afirmação de Deus sendo a única pessoa em todas as Escrituras a chamar o seu Criador de "o Deus que me vê".[2] A virada na vida dela vem de uma teologia melhor. Pela primeira vez, ela se vê não como Abraão, Sara ou a sociedade daquele tempo a veem, mas como Deus a vê. Ela é uma semente plantada cedo na longa história da Bíblia, que um dia dará fruto em Cristo, que fará grandes em seu reino não só judeus, mas também gentios; não só livres, mas escravos; não só ricos, mas pobres; *e não só homens, mas mulheres*.

Por que (e para quem) escrevo

Escrevo para as mulheres. Você deseja honrar as Escrituras e dar tudo de si a Deus e à sua igreja? Então vamos arrombar as portas de doutrinas limitantes e infundadas, quebrar os tetos de vidro e destrancar as gaiolas de insegurança dentro das quais tantas viveram por tempo demais. Vamos fazer isso voltando-nos para as Escrituras para redescobrir como Deus realmente vê você.

Escrevo para os homens. Quer você tenha consciência disso ou não, você já tem uma teologia sobre as mulheres. Ela determina como você vê metade da humanidade e mais da metade da noiva de Cristo. Por isso, ela é inseparável da sua própria humanidade e do seu discipulado. Ver as mulheres como Deus as vê não será apenas um presente para as mulheres com quem você trabalha, ministra e convive; será também parte essencial da sua própria experiência de liberdade e santificação. Pelo menos, essa tem sido a minha experiência.

2. Gênesis 16:13

Escrevo para os céticos sinceros. Você tem dúvidas genuínas sobre se as mulheres podem — e se lhes é permitido — estar plenamente em pé de igualdade com os homens, especialmente quando se trata da liderança da igreja? Espero abrir as Escrituras com humildade, de um jeito que ajude você a prestar atenção aos seus preconceitos e às crenças que herdou. Isso exige uma análise detalhada, ponto por ponto, das muitas interpretações das Escrituras que têm sido difundidas por uma variedade aparentemente infinita de sites, organizações, livros e até por uma Bíblia de estudo.

Escrevo para os líderes de igreja. Se você é um líder de igreja complementarista, como eu fui durante a maior parte da minha vida adulta, precisa ter certeza de que aquilo que você crê, pratica e proíbe em relação às mulheres na sua igreja se baseia numa teologia cuidadosamente pensada, que leva em conta a Bíblia inteira. Afinal, a sua posição teológica não afeta só você — ela afeta inúmeras outras pessoas e, em alguns casos, muda o rumo de vidas inteiras.

Embora eu precise questionar muitas suposições antigas, não tenho nenhum desejo de dividir a igreja. Assim como Paulo ao escrever aos coríntios, este livro nasceu de "muita aflição e angústia de coração, e com muitas lágrimas — não para entristecê-los, mas por causa do meu profundo amor pela igreja".[3] Minha esperança é que, ao lê-lo, você experimente algo do que eu experimentei: a emoção e a graça imerecida de ver as escamas caírem de olhos cansados.

Não sou nenhum revolucionário que se levanta em defesa das mulheres. Para ser sincero, sinto que cheguei lamentavelmente atrasado à festa — um menino tocador de tambor que dá sua contribuição perto do fim da batalha —, quando a liberdade para minhas irmãs já está à vista. E, no entanto, senti uma compulsão quase santa de levantar a voz, de tocar o meu tambor, mesmo a esta hora. Pois nos últimos anos, enquanto muitas igrejas deram grandes passos adiante, testemunhei as consequências profundamente preocupantes e a crescente (embora não mencionada) "contagem de vítimas" causadas por igrejas bem-intencionadas que se apegam a uma teologia patriarcal. Em seu rastro jazem Agares. São as inúmeras mulheres que foram forçadas a ir para o deserto, com o espírito quebrantado, um potencial que não chegou a nascer e sonhos

3. 2 Coríntios 2:4

abortados. Em certo sentido, este livro é a minha jornada para esse mesmo deserto — não como vítima, mas como ex-agressor. Tem sido uma peregrinação que partiu de uma confiança direta e arrogante, passou por uma complexidade desorientadora e chegou a uma reverência humilde, à medida que vejo o que sempre esteve nas Escrituras: o que Deus vê quando vê uma mulher.

Embora eu escreva principalmente com um olhar cheio de esperança, voltado para uma igreja futura mais eficaz e que honre mais a Cristo, também escrevo com um olhar pesaroso para trás, reconhecendo as maneiras pelas quais, sem perceber, enfraqueci as próprias igrejas que ajudei a liderar. Este livro é, portanto, o meu pedido de desculpas a todas as mulheres cujo mundo eu possa ter tornado menor sem querer, e a minha tentativa de reparar os erros dos quais participei.



1

MUDANDO DE IDEIA

"Mudar de ideia não significa que abandonamos nossos princípios. Pode significar que aprendemos alguma coisa." Adam Grant

O *Oxford Dictionary* define patriarcado como "qualquer forma de organização social em que os homens têm poder predominante". Por essa definição, eu costumava ser o principal porta-voz de uma doutrina patriarcal na minha igreja.[4] Como pastor principal responsável pelo ensino, várias vezes por ano eu me colocava diante de centenas de novos membros e explicava por que, pela vontade de Deus, era bíblico que os homens tivessem mais responsabilidade na igreja e no casamento. Eu explicava:

Segundo a Bíblia, Deus fez Adão e Eva para que se complementassem em papéis iguais, mas distintos. Mais do que isso, Deus trouxe essa complementaridade para a igreja, de modo que, embora a maioria das funções esteja aberta às mulheres, Deus ordenou que somente homens sejam presbíteros e pastores. Embora haja uma enorme pressão cultural para revisar isso, estamos comprometidos em seguir a orientação da Bíblia, e não da cultura.

E, simples assim, a maioria das pessoas aceitava a nossa posição. Quando alguns não aceitavam e decidiam sair, eu me consolava pensando que a fidelidade a Jesus era o mais importante.

Então, alguns anos atrás, depois que a questão voltou mais uma vez à tona e percebemos que nossas justificativas anteriores eram um tanto frágeis, nossa

4. Embora eu nunca tenha usado a palavra patriarcado para definir minha posição anterior, não consigo encontrar na língua inglesa outra palavra que se aproxime mais daquilo que eu ensinava.

equipe central de liderança decidiu reexaminar a doutrina e elaborar uma exposição e uma defesa completas dela. Embora falássemos do assunto com a mente aberta, nenhum de nós suspeitava de verdade que pudéssemos estar errados em nossa interpretação anterior das Escrituras. Afinal, tínhamos líderes cristãos respeitados, como John Piper e Timothy Keller, que defendiam a nossa maneira de ler a Bíblia em todo tipo de assunto — inclusive gênero e liderança. E Deus tinha abençoado numericamente a nossa igreja enquanto essa doutrina estava em vigor.

Como um dos líderes com mais formação teológica, fui encarregado, junto com outros, de escrever um documento sobre o assunto. Mergulhei no tema com entusiasmo e entrega total, pronto para oferecer uma defesa bem articulada e ponderada da nossa posição. Apesar da minha formação teológica, foi a primeira vez que explorei a fundo os argumentos contra *e a favor* de que mulheres liderem na igreja. Como nunca tive medo dos fatos, li tudo o que pude sobre o assunto.

Enquanto fazia isso — e nunca imaginei que isso pudesse acontecer —, minha confiança virou pó. Quanto mais eu entendia aquilo em que acreditava, e como muitos dos defensores mais conhecidos e mais eloquentes dessa crença defenderam sua posição, mais eu me dava conta de quanto estava errado ao supor que minhas convicções estavam construídas sobre uma exegese bíblica sólida como a rocha.[5] Como podia ser? Como tantos autores e estudiosos que eu respeitava, e que eu julgava imunes às armadilhas da cultura, podiam eles mesmos ter sido capturados por uma cultura antiquada, mas igualmente antibíblica? Minha jornada para descobrir a resposta a essa pergunta é desenvolvida neste livro.

Não mudei de ideia de forma descuidada. Apliquei especialmente o conselho de Provérbios: "O que começa o pleito parece justo, até que vem o outro e o examina."[6] Para ter certeza em dobro e em triplo, revirei cada pedra — cada

5. Essa experiência é comum. Andrew Bartlett, por exemplo, diz em "Men and Women in Christ": "Quando comecei a escrever, eu não sabia ao certo aonde chegaria. … Quanto ao ministério das mulheres, pensei que poderia encontrar argumentos razoavelmente fortes e bem equilibrados dos dois lados, o que significaria que qualquer conclusão sobre essa questão só poderia ser provisória. Eu estava errado …" (p. 15)
6. Provérbios 18:17

texto e cada argumento —, examinando-a por todos os lados, uma vez, outra vez e mais outra. Olhando para trás, essa se revelou uma das jornadas mais libertadoras da minha vida.

Definições e momentos decisivos

Permita-me definir alguns dos termos que uso neste livro. Por *patriarcado* ou *hierarquia de gênero*, entendo a suposição de que, seja qual for a esfera em questão — o lar, a igreja ou a sociedade —, os homens têm o mandato de exercer a autoridade mais alta. Ao contrário das conotações da nossa cultura secular, que retratam os homens como valentões, predadores, omissos e sedentos de poder, quando uso esses termos não quero dizer que os homens sejam sempre opressores ou que sua masculinidade seja inevitavelmente tóxica. Felizmente, cada vez mais igrejas patriarcais estão descobrindo a sabedoria de ouvir a voz das mulheres. Mas, embora essas igrejas deem às mulheres *o direito de opinar*, continua entendido que os homens têm *a palavra final*.

Neste livro, vou me referir principalmente a uma forma específica de patriarcado chamada *complementarismo*. Trata-se de uma versão recente e muito influente de patriarcado revisado, inventada na igreja norte-americana no último quarto do século passado. Embora afirme colocar os sexos em pé de igualdade, ela exclui as mulheres da pregação e da liderança pastoral nas igrejas; defende a submissão da esposa no casamento; e, em menor grau, lança dúvidas sobre a liderança feminina na sociedade. Também tende a valorizar sobretudo o papel doméstico das mulheres, como apoiadoras do marido, donas de casa e educadoras dos filhos.

Para complicar um pouco a jovem história do complementarismo, uma pequena porcentagem de igrejas tentou mais recentemente *suavizar* suas implicações mais duras — permitindo que mulheres preguem (mas não com autoridade). As mulheres também podem liderar homens na igreja (mas só nos níveis mais baixos de liderança). Podem ser líderes de primeiro escalão na sociedade (mas não líderes principais na igreja). Podem tomar decisões junto com o marido

(mas, quando há discordância, é o marido quem desempata). Isso se chama *complementarismo moderado*.

Durante duas décadas, eu me teria descrito como um complementarista moderado. Como muitos outros líderes que se encontram em círculos de igreja semelhantes, eu valorizava muitas mulheres talentosas e trabalhava ao lado delas — grato por fazer parte de uma igreja saudável que não parecia limitar, silenciar ou reprimir o chamado ou a contribuição delas.

No entanto, ao estudar as Escrituras de novo, tive de admitir que, se os métodos complementaristas originais de interpretar as Escrituras estiverem corretos, então o complementarismo moderado é muito menos defensável do que eu esperava. Ele simplesmente já não tem um argumento bíblico sólido para suas práticas mais inclusivas. Concluí que ou devíamos praticar aquilo em que cremos — e não deixar as mulheres pregarem, liderarem ou mesmo liderarem junto com homens —, ou devíamos olhar mais de perto aquilo em que cremos, e por quê. (Afinal, se o complementarismo está errado, então nem mesmo uma forma moderada dele é mais aceitável do que seria uma forma apenas moderada de racismo.)

Tendo feito exatamente isso, examinando mais de perto cada uma das fontes primárias e secundárias, o que descobri me perturbou profundamente. Numa investigação mais cuidadosa, fiquei espantado ao descobrir que teólogos respeitados (como Wayne Grudem, Tom Schreiner e Andreas Köstenberger), assim como pastores queridos (como John Piper e Timothy Keller), ofereceram análises bíblicas gravemente infundadas e argumentos desequilibrados para chegar às suas conclusões de excluir as mulheres de muitas funções de grande impacto. Na verdade, *não consegui encontrar um único argumento bíblico à prova d'água para excluir as mulheres da liderança principal*. Por mais argumentos que se possam apresentar, cada um tem falhas significativas. E simplesmente juntá-los não os torna mais sólidos, assim como empilhar muitas cartas frágeis não produz nada além de um castelo de cartas.

Por outro lado, fiquei igualmente surpreso ao encontrar argumentos bíblicos consistentes, e de fato persuasivos, que mostram por que as mulheres *devem* ser

incluídas. Meu compromisso com uma abordagem do tema baseada na Bíblia inteira é a razão pela qual, por fim, me firmei numa teologia do *mutualismo homem–mulher*.[7] Aprecio o termo sinônimo *igualitarismo* e caminho de braços dados com a maioria dos estudiosos da Bíblia que hastearam sua bandeira nesse mastro — eles estão certos ao dizer que as Escrituras apoiam a ideia de que homens e mulheres são iguais e merecem direitos e oportunidades iguais. Mas prefiro não usar o termo neste livro por três razões: primeiro, os complementaristas também afirmam crer na igualdade entre os sexos; segundo, quando aplicado ao gênero, o termo às vezes é associado à negação de toda distinção entre homens e mulheres; e terceiro, a igualdade não é a única ideia crucial — a parceria recíproca e a unidade colaborativa são igualmente importantes. Com isso em mente, eis a minha definição de trabalho e a posição que vou desenvolver mais adiante neste livro:

O mutualismo homem–mulher é a posição teológica, fundamentada nas Escrituras, de que homens e mulheres são distintos e, no entanto, iguais, criados para servir e trabalhar em parceria, lado a lado, em todas as esferas da vida. A autoridade, os dons e a competência que Deus deu a cada pessoa podem e devem ser reconhecidos e celebrados, independentemente do seu gênero.

Por fim, uma observação sobre a palavra *teologia*. Em sua forma mais simples e pura, a nossa teologia deve ser moldada por um esforço contínuo de chegar o mais perto possível da visão de Deus sobre todo e qualquer assunto. *Como Deus vê as mulheres* é, portanto, *uma teologia das mulheres — o que a Bíblia, tomada como um todo e com suas peças corretamente encaixadas, ensina sobre as mulheres*.

Sempre em reforma

A Reforma Protestante do século XVI trouxe uma revisão muito necessária dos ensinos da igreja. Mas essa mesma Reforma defendia o princípio de uma "igreja sempre se reformando" (da expressão latina *ecclesia semper reformanda*). Calvino e

7. Inicialmente optei por "mutualismo de gênero", mas depois percebi que, na cultura ocidental, "gênero", usado como qualificativo, já não se refere apenas a masculino e feminino. "Mutualismo sexual" também parecia fora de questão, então me decidi pelo nada sexy "mutualismo homem–mulher".

Lutero, por exemplo, não imaginavam ter dado a última palavra sobre qualquer assunto de importância bíblica; antes, passaram às gerações seguintes a tarefa contínua de refletir diligentemente sobre as nossas doutrinas e sobre o alinhamento delas com as Escrituras. Eles sabiam muito bem que, numa igreja com séculos de idade, é fácil acumular objetos estranhos — relíquias velhas e irrelevantes de eras passadas — que precisam ser abandonados, e não abraçados, se a igreja quiser avançar livremente de glória em glória.

Creio que esta é uma das reformas cruciais da nossa geração. Ao ler a história da igreja, eu me maravilhei com a maneira como o Espírito continua a conduzir a igreja a uma clareza cada vez maior sobre seus ensinos e práticas numa grande variedade de assuntos. Se a primeira reforma procurou devolver *a Palavra de Deus* às pessoas comuns, havia muito privadas do seu poder transformador, as reformas seguintes vêm restaurando, de modo lento mas constante, *a obra de Deus* a *todo* o povo de Deus — independentemente de idade, raça, classe ou gênero.

Reformas exigem esforço. Durante grande parte da história da igreja, os cristãos deixaram que uns poucos eruditos escolhidos descobrissem aquilo em que todos nós críamos. De fato, antes da Reforma Protestante e do advento da imprensa em 1436, a maioria considerava a teologia, e boa parte da Bíblia, um palavreado elevado e incompreensível — que só podia ser entendido por sacerdotes que liam e falavam latim e tinham acesso a um raro exemplar da Bíblia. Embora muita coisa tenha mudado desde então, muitos crentes (e de fato muitos líderes de igreja) ainda terceirizam a avaliação deste tema crítico, contando com outros para fazer por eles o árduo trabalho exegético. Quando contei a um colega pastor sobre minha mudança de posição, ele lamentou: "Como pastor ocupado, não sei quando eu deveria encontrar tempo para refletir sobre a minha teologia." Ele tem razão: é preciso tempo e esforço! Mas é um empreendimento que merece esse investimento.

Reformas não precisam desonrar ninguém. Para além de campos divididos e de caricaturas depreciativas uns dos outros, existe um caminho melhor. Refiro-me não só aos dois "lados" óbvios deste debate, mas também aos nossos gêneros

— que com demasiada frequência são jogados um contra o outro, como se todos os homens fossem lixo ou todas as mulheres fossem *Jezabéis*. Nesse sentido, tenho muito orgulho dos muitos homens e mulheres que conheço (dos dois lados desta conversa) que fazem tudo o que podem para edificar o corpo e honrar uns aos outros. Uma pastora me disse: "Eu ando no caminho de Jesus, que elevou as mulheres sem depreciar os homens." Com esse mesmo espírito, desejo também honrar os líderes e teólogos (de novo, nos dois campos) que dedicaram a vida a buscar honestamente a verdade e a justiça. Embora eu possa não concordar com pessoas como Tim Keller e John Piper nesta questão específica, não os vejo como garotos-propaganda bidimensionais do patriarcado. Muito do que sou hoje foi moldado por eles, e continuo aprendendo com eles de muitas maneiras.

As igrejas que avaliam sua teologia precisam dizer não às "guerras culturais" das últimas décadas, assim como aos métodos de constrangimento público de pessoas para provocar mudanças de valores. Ouvindo com empatia as vozes da sociedade e a dor sofrida pelas mulheres, o nosso principal motor nesta conversa deve ser uma compreensão correta e uma aplicação redentora da teologia das Escrituras.

Reformas exigem humildade. É possível fazer a coisa certa, mas de um jeito que causa mais mal do que bem. Onde quer que você chegue, cuide de acrescentar às suas convicções bondade, mansidão e paciência.

Não tenho prazer em controvérsia, e você também não deveria ter. Embora hoje eu creia de modo diferente, continuo tendo muitos líderes complementaristas e suas igrejas na mais alta estima, como meus irmãos e irmãs em Cristo — sejam quais forem as nossas diferenças de entendimento, o que temos em comum é muito maior. Tendo sido complementarista durante a maior parte do meu tempo na liderança cristã, seria impróprio da minha parte sugerir que os que ainda defendem essa posição sejam, de algum modo, espiritual ou intelectualmente deficientes.

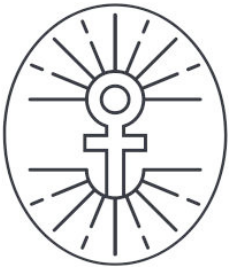
Como vou expor com mais detalhes mais adiante, talvez a relação da igreja com o fenômeno cultural relativamente novo da igualdade feminina seja o maior

estudo de caso que já tivemos para examinar a fundo como a igreja histórica absorveu pressupostos culturais na leitura dos seus próprios textos. Tim Keller expressa isso de forma magistral:

A [nossa] compreensão da Bíblia pode, sem dúvida, estar errada — na verdade, sempre está em parte — e, por isso, deve estar sempre aberta à correção. … Por causa das nossas viseiras culturais, não devemos apenas falar a [uma nova cultura]; devemos também ouvir [as pessoas dela]. Precisamos ouvir o que elas estão dizendo e levar a sério suas perguntas, suas objeções ao que estamos dizendo e suas esperanças e aspirações. Na maioria das vezes, essa interação com uma nova cultura nos mostra muitas coisas ensinadas na Bíblia — coisas que deixamos passar completamente ou consideramos sem importância, e talvez até maneiras pelas quais lemos a Bíblia de modo equivocado através das lentes dos nossos próprios pressupostos culturais.[8]

Segundo o apóstolo Paulo, em Efésios 5, Jesus está sempre trabalhando para embelezar a sua igreja por meio da "lavagem pela palavra", tornando-a cada vez mais gloriosa e sem mácula. É à luz dessa graça que ofereço este livro; embora sem dúvida tenha falhas em todo tipo de lugar de que ainda não tenho consciência, oro para que ele ainda possa ter uma pequena participação na obra renovadora do Espírito, que embeleza a igreja de Jesus.

8. Timothy Keller, Center Church, cap. 8.



PRIMEIRA PARTE

A QUEDA E A ASCENSÃO DAS MULHERES



2

O SEXO INFERIOR

"A mulher foi a autora da queda do homem … mesmo com a ponta dos dedos, como podemos desejar abraçar tal saco de esterco?" Odo de Cluny, 936 d.C.[9]

Supomos ingenuamente que aquilo que a igreja crê hoje sobre as mulheres é o que ela sempre creu. Como você está prestes a descobrir, não é bem assim! Neste capítulo, vamos explorar por que a nossa resposta contemporânea à pergunta "Como Deus vê as mulheres?" é muito superior à resposta que a maioria dos cristãos da história teria dado.

Embora ao longo deste livro estudemos principalmente as Escrituras, neste capítulo e no próximo quero explorar *a situação em que nos encontramos*. Saber onde erramos na história da igreja, há muito tempo e recentemente, ao abraçar insensatamente o patriarcado como o "bom projeto de Deus", é ao mesmo tempo fascinante e assustador.

Até muito recentemente na história, a ideia de que os homens deviam governar as mulheres "para o próprio bem delas" era um princípio universalmente aceito e jamais questionado. Todas as maiores religiões o ensinavam, e a maioria ainda o ensina. Quanto mais conservadora a interpretação de uma religião, mais os homens se inclinaram a confinar as mulheres a apenas certas esferas. Infelizmente, apesar dos recursos intrínsecos e do potencial adormecido que tinha para derrubar essa opressão, a cristandade se apegou em grande parte à ideia da superioridade masculina — interpretando suas próprias Escrituras de modo a defender a ideia de um patriarcado "cristão".

9. Citado de Patralogia Latina em Christine Klapish-Zuber (ed), A History of Women, cap. 1.

Isso acontece porque, durante a maior parte da sua história, a igreja acreditou na inferioridade inerente das mulheres. Um livro tão grande e complexo como a Bíblia pode, grosso modo, ser usado para apoiar qualquer conclusão que alguém já tenha tirado de antemão sobre a realidade. Como cristão sul-africano branco, eu sei bem disso. No meu país, há apenas algumas décadas, alguns dos nossos teólogos "bíblicos" mais eruditos liam o seu racismo dentro da Bíblia, em vez de deixar que a Bíblia denunciasse o seu racismo. Eles manejavam os textos de modo a distorcer seu sentido — criando uma visão das raças como "separadas, mas iguais", chamada *Apartheid*. Os cristãos norte-americanos apoiaram algo semelhante em suas políticas de segregação do início do século XX, apesar dos argumentos claros e convincentes de dissidentes como John Marshall Harlan, um ex-proprietário de escravos que tinha reconhecido o próprio erro. Voz solitária em seus círculos teológicos da época, ele insistia: "A separação arbitrária de cidadãos com base na raça é uma marca de servidão incompatível com a igualdade."[10] Embora os cristãos daquela época talvez tirassem o chapéu para a ideia de igualdade entre negros e brancos, ao segregar os negros em áreas designadas e negar-lhes o direito ao voto, eles estavam minando essa igualdade e desumanizando-os.

Como cristão de hoje, posso dizer algo semelhante sobre a discriminação de gênero na igreja, que talvez tenha sido ainda mais endêmica. Quase toda a igreja, em quase todos os continentes e em todos os séculos, aceitou o ensino de seus líderes de que a mulher era "diferente e inferior". Por mais nobres que sejam as tentativas recentes da igreja complementarista de revisar isso para "papéis iguais, mas diferentes", quero fazer eco ao pensamento de Harlan e aplicá-lo ao gênero: a separação dos membros da igreja com base no sexo é uma marca de servidão incompatível com a igualdade.

Embora eu vá desenvolver esse ponto mais plenamente no próximo capítulo, a afirmação complementarista de que a sua é a posição histórica da igreja revela uma séria amnésia histórica. Embora todos os cristãos e igrejas de hoje afirmem categoricamente que as mulheres são iguais aos homens, quase ninguém parece

10. https://bit.ly/3mzfAEq

lembrar que *só muito recentemente* a ideia da *igualdade* entre homem e mulher se tornou doutrina aceita na igreja.[11]

Talvez este seja o pecado mais difundido e duradouro da igreja histórica: até a década de 1960, a crença de que as mulheres eram essencialmente inferiores aos homens quase não foi contestada. Só então, depois do sucesso do Movimento de Libertação das Mulheres, a sociedade "descobriu" que as mulheres realmente têm inteligência igual à dos homens e são igualmente capazes de exercer uma liderança significativa. *Foi só nesse momento que a igreja no mundo inteiro começou a revisar rapidamente as suas próprias doutrinas sobre as mulheres.* Durante quase dois milênios, quase todos os grandes mestres da igreja tiveram uma visão baixa e restritiva das mulheres. Como vou mostrar a você, eles herdaram essa visão das culturas ao seu redor e, em vez de confrontá-la com as Escrituras, permitiram que a misoginia da sua cultura governasse a sua leitura das Escrituras.

A razão pela qual preciso insistir neste ponto é mostrar que o complementarismo, com seu ensino de "papéis iguais, mas diferentes", se afasta da posição histórica da igreja tanto quanto o mutualismo homem–mulher.[12] *Nenhuma das duas posições existia há apenas 60 anos! Elas são meros bebês na história da interpretação bíblica e, portanto, o complementarismo não tem mais direito à precedência do que o mutualismo homem–mulher.* Na verdade, a minha antiga posição, o complementarismo moderado, é *muito* mais jovem do que as duas — e tem o menor precedente histórico de todas essas posições.

A inferioridade feminina como ensino padrão da igreja

É verdade que o cristianismo atraiu multidões de mulheres às suas igrejas nos primeiros séculos de sua existência. O tratamento revolucionário que Jesus deu às mulheres, as mulheres que exerceram funções de liderança nas primeiras igrejas, a posição igual de homens e mulheres em Cristo segundo as epístolas de

11. O mérito é de William Witt, que em "Icons of Christ" (cap. 3) me ajudou a ver isso corretamente pela primeira vez — seu estudo da teologia da inferioridade feminina como doutrina da igreja durante a maior parte de sua história foi o meu ponto de partida para escrever este capítulo.
12. Andrew Bartlett, em "Men and Women in Christ" (p. 6–10), chega à mesma conclusão: "Quando os complementaristas afirmam que sua posição é 'histórica', trata-se de um equívoco."

Paulo — tudo isso pôs a igreja num rumo que oferecia às mulheres um status novo, que elas não tinham conhecido em nenhum outro lugar nem em nenhuma época anterior da civilização. No entanto, apesar da visão elevada que a igreja primitiva tinha das mulheres e do tratamento que lhes dava, nem tudo ia bem na igreja pós-apostólica. Embora visse as mulheres sob uma luz (ligeiramente) mais positiva do que seus vizinhos greco-romanos, *a ideia da inferioridade da mulher logo criou raízes*.

O que segue é uma seleção de escritos de alguns dos "grandes" líderes e pensadores da igreja na história, que permitem entender essa visão amplamente difundida.

O Pai da Igreja Orígenes (184–253 d.C.) aplicou o ensino de Paulo, "é vergonhoso para a mulher falar na igreja"[13], exigindo silêncio completo das mulheres, mesmo que quisessem dizer algo excelente ou santo, simplesmente porque suas palavras "vêm da boca de uma mulher".[14] Da mesma forma, o Pai da Igreja João Crisóstomo (347–407 d.C.) proibia as mulheres de ensinar qualquer coisa porque "ela ensinou Adão uma vez e o ensinou mal. … Por isso, que ela desça da cátedra do mestre! Agora ela está sujeita ao homem por causa do pecado."[15] Ele advertia especialmente os pastores homens sobre a capacidade da mulher de seduzi-los, aconselhando esses homens a ter "uma precaução mais particular, por causa da propensão da mulher ao pecado … pois o olhar não só da mulher impudica, mas também da recatada, penetra e perturba a mente".[16]

Tertuliano, o pai do cristianismo latino (160-225 d.C.), foi ainda mais duro: "A mulher é um templo construído sobre um esgoto." Ele se dirigiu diretamente às mulheres:

Vocês não sabem que cada uma de vocês é uma Eva? A sentença de Deus sobre este sexo de vocês continua viva nesta era: a culpa também precisa necessariamente continuar viva. Você é a porta do diabo. Você é a primeira

13. 1 Coríntios 14:35
14. Citado em Patricia Cox Miller (ed), Women in Early Christianity
15. Citado em Elizabeth A. Clark, Women in the Early Church
16. Citado em Philip Schaff (ed), St. Chrysostom

desertora da lei divina. Você é aquela que persuadiu aquele a quem o diabo não teve coragem de atacar. Você destruiu com tanta facilidade a imagem de Deus, o homem. Por causa do que você mereceu, até o Filho de Deus teve de morrer.[17]

Por trás de suas denúncias venenosas estavam mulheres de congregações que ele conhecia, que ensinavam e batizavam outras pessoas. Ele não estava nada contente com isso: "Não é permitido à mulher falar na igreja, mas também não lhe é permitido ensinar, nem batizar, nem oferecer, nem reivindicar para si parte em qualquer função masculina [ou] ofício sacerdotal."[18] Tertuliano, ao introduzir métodos políticos romanos nas estruturas da igreja, fez a igreja do seu tempo passar de uma comunidade orgânica a um corpo político, no qual só os homens podiam contribuir plenamente em qualquer tipo de liderança. Ele também insistia na castidade feminina. As mulheres, dizia ele, eram responsáveis não apenas pela sua própria pureza sexual, mas também pela dos homens. Escreveu longos tratados sobre como as mulheres deviam evitar ser atraentes — elas não deviam banhar seus corpos sujos, mas cobri-los da cabeça aos pés com roupas escuras e sem forma, e ficar longe da praça pública para não tentar nenhum homem. Embora pudessem ser redimidas por Cristo, mesmo assim estavam especialmente presas ao pecado, e o melhor era segregá-las e subordiná-las.

Do mesmo modo, o Pai da Igreja Agostinho (354–430 d.C.) acreditava que a mulher não tinha dignidade inerente à parte do homem: "Como auxiliadora, função que pertence somente a ela, ela não é a imagem de Deus. Mas [o homem], sozinho, é a imagem de Deus tão plena e completamente como quando ele e a mulher estão unidos em um só."[19] Com o passar dos séculos, essa visão baixa das mulheres não melhorou. Apesar de sua fama como o grande intelectual seguinte da igreja depois de Agostinho, Tomás de Aquino (1225–1274 d.C.) foi incapaz de detectar uma inteligência comparável nas mulheres que conhecia. Ele contribuiu para a teologia de gênero da igreja ao reviver a ideia absurda de Aristóteles de que as mulheres eram seres humanos defeituosos, resultado de um acidente com o esperma masculino, que em

17. Citado em Alexander Roberts (ed), Tertullian, Minicius Felix, Commodian, Origen
18. Citado em Karen Jo Torjesen, When Women Were Priests
19. Augustine, De Genesis ad litteram, vol. 9.

circunstâncias normais teria produzido outro homem. A implicação disso é que "as mulheres estão naturalmente sujeitas aos homens, porque nos homens predomina a razão".[20]

Tomás de Aquino reconheceu que a mulher compartilhava a natureza humana com o homem (o que foi uma inovação bem-vinda no pensamento) e era "a auxiliadora" do homem, mas logo em seguida restringiu isso ao dizer que, fora da reprodução sexual, "outro homem é sempre mais útil". O homem retribui a pouca ajuda que recebe da mulher liderando-a: "O superior se serve dos seus súditos para o benefício e o bem deles. … Pois teria faltado a boa ordem na família humana se alguns não fossem governados por outros mais sábios do que eles."[21]

Por maior que fosse a mente de Tomás de Aquino no que diz respeito a Deus, infelizmente ela foi enchida de ideias terríveis sobre as mulheres por seu mestre, Alberto Magno, o teólogo dominicano, que escreveu:

A mulher é um homem malformado e tem uma natureza falha e defeituosa em comparação com a dele. Por isso ela é insegura em si mesma. O que não consegue obter, procura alcançar por meio da mentira e de enganos diabólicos. E assim, é preciso estar em guarda diante de toda mulher, como se ela fosse uma serpente venenosa e o diabo chifrudo … Em ações más e perversas, ela pode ser mais esperta, isto é, mais astuta, do que o homem. Seus sentimentos a impelem para todo mal, assim como a razão impele o homem para todo bem.[22]

Martinho Lutero, o reformador protestante (1483–1546 d.C.), sempre polêmico, deu alguns passos positivos para humanizar as mulheres. Mas as velhas ideias continuavam grudadas: "A palavra e as obras de Deus deixam bem claro que as mulheres foram feitas para ser esposas ou prostitutas." "Nenhum vestido cai pior numa mulher do que o desejo de ser sábia." "Os homens têm peito largo e grande e quadris pequenos e estreitos, e mais entendimento do que as mulheres, que têm peito pequeno e estreito e quadris largos, para que fiquem em casa, se

20. Aquinas, Summa Theologica, 1.92.1. www.bit.ly/3CD8B2V

21. Em outro lugar, Tomás de Aquino dá isso como a razão pela qual a mulher não recebe ordens na igreja nem exerce um papel importante: "A mulher está em estado de sujeição, por isso não pode receber o sacramento da Ordem."

22. Filthaut Ephrem (ed), Albertus Magnus: Quaestiones Super De Animalibus, vol. 15, q. 11.

sentem quietas, cuidem da casa e gerem e criem filhos." Comentando um versículo que adverte contra mulheres adúlteras, Lutero aproveitou a ocasião para desabafar suas ideias sobre homens e mulheres:

Ela foi criada para estar junto do homem, para cuidar dos filhos e criá-los … e para ser sujeita ao homem. Os homens, por outro lado, recebem a ordem de governar e ter domínio sobre as mulheres e o restante da casa. Mas, se uma mulher abandona o seu ofício e assume autoridade sobre o marido, ela está (fazendo) uma obra que vem da sua própria culpa e do mal. Pois Deus não criou este sexo para governar, e por isso elas nunca governam com sucesso.[23]

Por mais destrutivas que tenham sido essas ideias dos grandes líderes da história da igreja, John Knox, o reformador escocês e fundador do *presbiterianismo*, leva o prêmio de principal misógino da igreja. Em sua diatribe contra as rainhas católicas Maria de Guise, da Escócia, e Maria Tudor, da Inglaterra, ele baseou seus argumentos, segundo dizia, nas Escrituras: "Deus revelou que é mais do que uma monstruosidade na natureza que uma mulher reine e tenha império sobre os homens."[24] Por natureza, dizia Knox, as mulheres são fracas, frágeis, impacientes, débeis, inconstantes, cruéis e carentes de bom conselho. Essa é a razão pela qual não devem liderar e, na verdade, os homens que se submetem ao conselho e à liderança delas deveriam, por isso mesmo, ser desqualificados para cargos públicos. Citando Paulo, ele dizia que a mulher, mesmo em sua maior perfeição, foi criada para ser sujeita ao homem. Nenhuma compaixão é oferecida às mulheres que possam sofrer no parto e nessa sujeição ao homem — é o justo castigo que ela merece em Eva. Como tal, ela deve entregar todos os seus desejos e toda a sua vontade ao marido e à vontade dele. Tudo isso, diz Knox, tem implicações para o papel da mulher não só no lar e na igreja, mas na sociedade: "Uma mulher promovida a ensinar, a julgar ou a reinar acima do homem é algo extremamente repugnante à vontade e à ordenança de Deus."

Outro reformador, Calvino, escreveu: "Não há nenhum absurdo em que o homem mande e obedeça ao mesmo tempo, em diferentes relações com outros homens. Mas isso não se aplica às mulheres, que por natureza (isto é, pela lei

23. *Luther's Works*, vol. 15, comentário a Eclesiastes 7:26, p. 130.
24. John Knox, First Blast of the Trumpet Against the Monstrous Regiment of Women. www.bit.ly/3EG88xc

comum de Deus) nasceram apenas para obedecer, pois todos os homens sábios sempre rejeitaram a *gynaikokratian*, o governo das mulheres, como uma monstruosidade antinatural."[25]

O puritano John Dod, em sua exposição dos Dez Mandamentos de 1603, escreve: "Assim como a igreja deve temer a Cristo Jesus, assim as esposas devem temer seus maridos. E esse temor interior deve ser demonstrado por uma mansidão e uma humildade exteriores. Pois, se não houver temor e reverência no inferior, não poderá haver honra sólida nem constante prestada ao superior."[26]

Um dos principais teólogos anglicanos, Richard Hooker (1554–1600 d.C.), deu continuidade a essa tradição miserável e persistente de olhar as mulheres com desprezo. Em sua obra *The Laws of Ecclesiastical Polity*, ele disse que os "julgamentos [das mulheres] são comumente os mais fracos por causa do seu sexo".[27] Explicou por que, nas cerimônias de casamento, o pai entrega a noiva ao marido: "A própria imbecilidade de sua natureza e de seu sexo a obriga a ser sempre dirigida, guiada e ordenada por outros."[28]

John Wesley, fundador do movimento metodista (1703–1791 d.C.), deu às mulheres algumas oportunidades significativas de ministrar em suas igrejas; ainda assim, ele via o ministério principal da mulher no lar. Escrevendo à esposa durante uma de suas vertiginosas viagens ministeriais, ele a aconselhou a aceitar a sua sorte de mulher confinada ao lar: "Não dispute mais o domínio, o poder, o dinheiro ou o louvor. Contente-se em ser uma pessoa privada, insignificante, conhecida e amada por Deus e por mim. … Que importância tem o seu caráter para a humanidade, se você fosse sepultada agora mesmo? Ou, se você nunca tivesse vivido, que perda seria para a causa de Deus?"[29]

25. John Calvin, *The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon. (Em seu comentário a 1 Timóteo 2:12.)*
26. John Dod, A Plaine and Familiar Exposition of the Ten Commandements
27. Richard Hooker, The Laws of Ecclesiastical Polity, Prefácio 3.13.
28. Richard Hooker, The Laws of Ecclesiastical Polity, livro 5, 43.5. Em inglês antigo, "imbecility" (imbecilidade) referia-se a alguém fraco ou pouco desenvolvido.
29. www.bit.ly/3nQszRt

Apresento todas essas citações para mostrar uma coisa: a posição histórica da igreja — seja dos Pais da Igreja, medieval, católica, protestante, puritana, anglicana ou metodista — sempre foi a de que as mulheres são "diferentes e inferiores" e, portanto, em grande parte inadequadas para uma contribuição significativa fora da reprodução sexual e dos afazeres domésticos.

Toda passagem bíblica que pudesse ser plausivelmente torcida para apoiar a inferioridade e a subordinação das mulheres foi usada para isso. Durante a maior parte da história da igreja, se uma mulher perguntasse aos líderes da sua igreja como Deus a via, teria recebido uma resposta degradante e humilhante. *A subordinação das mulheres aos homens não era contestada porque se baseava numa suposição jamais questionada: as mulheres são intrinsecamente inferiores aos homens.* A ideia de que as mulheres eram inerente e essencialmente menos inteligentes, mais pecadoras, mais suscetíveis à tentação e emocionalmente mais instáveis levava à conclusão inatacável de que também eram incapazes de exercer liderança no lar, na igreja e na sociedade.

De onde, afinal, vieram essas ideias terríveis?

A cultura prevalece sobre as Escrituras

Um dos erros mais comuns que a igreja continua a cometer é ler as Escrituras pelas lentes da cultura, em vez de ler a cultura pelas lentes das Escrituras. Isso explica o sexismo e a misoginia na história da igreja. Em particular, os escritos de Aristóteles (384–322 a.C.) tinham moldado os pressupostos culturais na raiz do mundo greco-romano, os quais, por sua vez, foram absorvidos pelas primeiras concepções cristãs da diferença entre os sexos. Aristóteles afirmou explicitamente que as mulheres eram homens deformados, e com isso ficavam determinados os seus papéis na sociedade. Aristóteles descreveu as mulheres como "escuras, secretas, sempre em movimento, sem domínio de si e sem limites", em contraste com os homens, que eram "luminosos, honestos, bons, estáveis, senhores de si e com limites firmes".[30]

30. Kayla Huber, "Everybody's a Little Bit Sexist." Citado em Mathews, "Gender Roles and the People of God," cap. 10.

Essas ideias controlaram atitudes e ações culturais em toda a civilização greco-romana. O patriarcado estava embutido no DNA do Império Romano. Os primeiros Pais da Igreja, embora expressassem algumas opiniões positivas sobre as mulheres, *mesmo assim as misturaram com as velhas e feias ideias*. Enquanto os manuais de história da igreja descrevem essa fase inicial da história da igreja como uma "busca da verdade", especialmente no que diz respeito à identidade e à natureza de Jesus, raramente se mencionam as mentiras que, ao mesmo tempo e de forma sutil, estavam sendo absorvidas pela doutrina da igreja sobre a natureza da mulher.

Além disso, um aspecto da filosofia platônica, chamado dualismo, foi um desafio precoce para a igreja e reforçou a depreciação das mulheres. Nessa heresia, a realidade se divide em corpo ou matéria (que se acredita ser inerentemente má) e espírito ou mente (que é inerentemente bom). Essa maneira equivocada de ver o mundo foi também sobreposta a categorias de gênero: os homens, vistos como mais racionais, eram inerentemente bons e feitos à imagem de Deus, enquanto as mulheres, definidas por seu corpo e não por seu cérebro, eram vistas como carnais e feitas apenas à imagem do homem. À medida que essa dicotomia antibíblica entrou no pensamento cristão, as mulheres foram identificadas com a irracionalidade, com a carne e com seus apetites pecaminosos. Essa ideia herética da pecaminosidade inerente da sexualidade feminina pôs a igreja num rumo terrível. O próprio sexo passou a ser visto como consequência da Queda. João Crisóstomo levava seus leitores a imaginar o jardim do Éden antes da Queda como um lugar em que "o desejo de relações sexuais … tinha sido removido de suas almas".[31] Depois da Queda, porém, o sexo se tornou um mal necessário. Necessário para gerar filhos, ele se tornou também o meio de transmitir o "pecado original" a esses filhos. O pecado era uma espécie de doença sexualmente transmissível. Essa triste compreensão do sexo, sobretudo nas mulheres, cuja identidade inteira girava em torno da reprodução sexual, levou a uma estima exagerada pela virgindade, à abstenção ascética do sexo no casamento, a uma fixação na virgindade da mãe Maria e, mais tarde, ao celibato sacerdotal.

31. Elizabeth A. Clark, Women in the Early Church, p. 122–23.

Os homens deviam evitar as mulheres, e as mulheres deviam evitar a si mesmas. O historiador antigo Paládio (386–430 d.C.) fala de 20.000 mulheres vivendo em pobreza, castidade e solidão como eremitas nos desertos do Egito, aparentemente lutando sob o fardo do seu sexo condenado. Essa vida de eremita, adotada por homens e por mulheres, mais tarde evoluiria para comunidades monásticas separadas por sexo, organizadas em torno dos votos de celibato, pobreza e serviço nos mosteiros. Nessa cultura, as mulheres "mais piedosas" evitavam o casamento; se possível, o sexo no casamento; e se tornavam tão pouco atraentes quanto possível. Diz a historiadora Elizabeth Clark:

A palavra mais adequada para descrever a atitude dos Pais da Igreja em relação às mulheres é ambivalência. As mulheres eram criação de Deus, seu bom presente aos homens — e a maldição do mundo. Eram fracas de mente e de caráter — e demonstravam coragem destemida, realizavam prodigiosos feitos de erudição. Vaidosas, enganadoras, transbordando de luxúria — elas levavam homens a Cristo, fugiam do encontro sexual, não vacilavam diante das ameaças do carrasco, adornavam-se com pano de saco e cinza.[32]

À medida que o Império Romano caía lentamente, essas ideias greco-romanas, agora fundidas à teologia da igreja, passaram para a igreja medieval. Como antes, a ambivalência sobre as mulheres permaneceu: por um lado, as mulheres eram pintadas como más e inferiores; por outro, eram louvadas como modelos de virtude e santidade (se de algum modo conseguissem apagar sua sexualidade).

Entram em cena as caças às bruxas. Com essa ambivalência sobre as mulheres tão arraigada, não surpreende que a sociedade e a igreja tenham se empenhado em separar a palha do trigo. Para identificar e condenar uma bruxa, bastava encontrar uma mulher que não reconhecesse humildemente sua condição subordinada; deixar que os inquisidores a torturassem até que ela "confessasse" aquilo de que fosse acusada; e então queimá-la sumariamente até a morte. Um abade de um mosteiro masculino mostrou pouca compaixão pelas mulheres, tão facilmente demonizadas: "A maldade das mulheres é maior do que todas as

32. Elizabeth A. Clark, Women in the Early Church, p. 15.

outras maldades do mundo. O veneno dos dragões é mais curável e menos perigoso para os homens do que a familiaridade com as mulheres. Para a segurança de nossas almas, nós as evitaremos como animais venenosos."[33]

Até a Reforma, a melhor esperança que uma mulher tinha de ser vista como piedosa era evitar por completo o sexo e as funções domésticas. Como freiras, as mulheres podiam receber instrução e experimentar certa independência. E algumas chegavam a ser promovidas a abadessa de um mosteiro feminino. A história medieval fala de homens que, no campo espiritual, davam ouvidos a algumas mulheres desse tipo. Tendo abandonado as funções domésticas por amor de Cristo, Hildegarda de Bingen e Catarina de Siena, por exemplo, falaram em favor de Cristo com uma voz que ressoava com a autoridade espiritual que antes só os homens tinham possuído.

Fora desses papéis espirituais que renunciavam ao próprio sexo, só havia servidão e vergonha. Clemente, no século II, disse: "Para as mulheres, a própria consciência de sua natureza deve despertar sentimentos de vergonha"[34] — tudo porque os Pais da Igreja tinham respondido de modo errado à pergunta de como Deus vê as mulheres, lendo nos textos bíblicos os pressupostos sexistas de sua cultura. Havia, porém, um lampejo de esperança no século XV.

A Reforma e o Iluminismo

A Reforma, possibilitada pela tradução e impressão da Bíblia nas línguas do povo, ofereceu à igreja a chance de se arrepender de sua misoginia doutrinária e recomeçar do zero. Seu fundador, Martinho Lutero, teve os olhos abertos não só para o evangelho das Escrituras, mas também para a bondade do casamento e do sexo. Minando o chamado valor espiritual do celibato e celebrando o casamento e o sexo, Lutero e Calvino viraram de cabeça para baixo 1400 anos de ensino da igreja, de modo que ex-sacerdotes e pastores se casaram, e "a esposa do pastor" se tornou um novo chamado com dignidade espiritual. As mulheres cristãs receberam uma nova honra como esposas, mães e líderes do

33. Citado em Karen Jo Torjesen, When Women Were Priests, p. 223.
34. São Clemente, Pedagogues II, 33, 2.

lar. A esposa de Lutero, Catarina von Bora, criou os seis filhos dele e "dirigia o curral, o viveiro de peixes, o pomar, uma multidão de criados, filhos, visitantes doentes, estudantes hospedados e líderes da igreja em seu enorme claustro agostiniano, com quarenta cômodos só no primeiro andar."[35]

Apesar de todos esses avanços, porém, os persistentes ensinamentos sexistas de Lutero, Calvino e Knox garantiram que o patriarcado continuasse sem ser questionado. Na mente de Lutero, o pecado de Eva ainda tornava subordinado o papel das mulheres. Todo território protestante aprovou uma ordenança matrimonial que enfatizava a obediência da esposa.[36] Além disso, Lutero amarrou firmemente o chamado das mulheres ao lar, não à igreja nem à sociedade em geral: "Pois assim como o caracol carrega consigo a sua casa, assim a esposa deve ficar em casa e cuidar dos assuntos do lar, como alguém que foi privada da capacidade de administrar os assuntos que estão fora e que dizem respeito ao Estado."[37]

"A herança do protestantismo para as mulheres foi profundamente ambígua", escreve Lyndal Roper. "Parte da vergonha inerente à condição feminina diminuiu, mas a subordinação permaneceu, e sua domesticação aumentou. Embora pudesse ter afirmado a igualdade espiritual das mulheres com os homens, a Reforma, em vez disso, inaugurou um 'patriarcalismo renovado' que colocou as mulheres casadas firmemente sob a liderança de seus maridos."[38] No lugar de Maria, a quem as mulheres católicas estimavam por ter se sentado aos pés de Jesus, Lutero parecia exaltar Marta, que trabalhava na cozinha. Com os mosteiros fechados por Lutero e Calvino, quaisquer oportunidades de independência e de ministério que esses lugares antes tinham proporcionado a algumas mulheres deixaram de existir.

Mesmo depois da Reforma, a ideia da inferioridade feminina permaneceu intacta: as brutais caças às bruxas que varreram a Europa e a América do século XV ao século XVII são prova de que a igreja não reformou sua visão depreciativa das mulheres. Um édito do papa Inocêncio VIII, em 1484, para

35. Barbara MacHaffie, Her Story, p. 63.
36. Beth Allison Barr, The Making of Biblical Womanhood, cap. 4.
37. Susan C. Karant-Nunn e Merry E. Wiesner-Hanks, Luther on Women
38. Lyndal Roper, The Holy Household, p. 1–2, citado em Barr, cap. 4.

processar bruxas levou à execução de cerca de 200.000 mulheres falsamente acusadas nas décadas seguintes. Os teólogos que apoiaram essa ordem escreveram um documento, o *Martelo das Feiticeiras*, para explicar por que as mulheres eram tão inclinadas a se entregar ao diabo: eram impressionáveis, tinham a língua solta e, afinal, tinham sido feitas de "uma costela torta". Eva foi a primeira a ser tentada por Satanás, e, como o sexo era o veículo do pecado original, imaginava-se que cada bruxa tinha feito um pacto com o diabo para atrair os inocentes ao pecado. "Visto que, por esse defeito (a costela torta), ela é um animal imperfeito, ela sempre engana … As mulheres buscam, remoem e infligem várias vinganças, seja por bruxaria, seja por algum outro meio. Não é de admirar que exista um número tão grande de bruxas nesse sexo … Toda bruxaria provém da luxúria carnal, que nas mulheres é insaciável."[39] Como apenas 6% dessas mortes ocorreram nos países católicos — Espanha, Itália, Portugal e Irlanda —, os filhos da Reforma, ainda firmemente misóginos, superaram os católicos na queima de bruxas: a Alemanha de Lutero respondeu por 40% das execuções. Outros países predominantemente protestantes, como Suíça, Inglaterra e Países Baixos, responderam por 35%.

Seria de esperar que, onde os líderes reformados falharam em elevar o lugar das mulheres na igreja, os pensadores do Iluminismo tivessem prevalecido na sociedade em geral. Ao propor a nova ideia da igualdade universal de todas as pessoas, os intelectuais do Iluminismo, no entanto, mantiveram seu sexismo.[40] Jean-Jacques Rousseau (1712–1778 d.C.), cujas ideias sobre a igualdade mais tarde contribuiriam para a libertação dos escravos, não prestou nenhuma ajuda à situação das mulheres: "Toda a educação das mulheres deve ser planejada em relação aos homens. Agradar aos homens, ser-lhes úteis, conquistar seu amor e respeito … Esses são os deveres das mulheres em todas as épocas, e é isso que se lhes deve ensinar desde a infância." Da mesma forma, as visões de Immanuel Kant (1724–1804 d.C.) sobre direitos universais e a eliminação das hierarquias sociais não incluíam as mulheres. Ele esclareceu que o marido tem o "direito de possuir [sua esposa], e o dever da esposa de obedecer ao marido é uma

39. H. Kramer e J. Sprenger, Malleus Maleficarum

40. O crédito por esta seção sobre os pensadores do Iluminismo vai para Alice Mathews, Gender Roles and the People of God, cap. 11.

exigência da lei natural, bem como uma obrigação moral." Até a *Encyclopédie* de Denis Diderot (1713–1778 d.C.), conhecida na época por suas visões progressistas, descrevia as mulheres como "fracas, tímidas, astutas, viciosas, vingativas, superficiais e enganadoras" — basicamente inferiores e existindo para servir a seus correspondentes masculinos.[41]

Sofro enquanto escrevo este capítulo. Todo esse tempo — como este livro vai mostrar — a igreja esteve sentada sobre uma mina de ouro de poder igualador, ali mesmo, em suas próprias Escrituras. Finalmente, depois de séculos de subjugação feminina, algumas das ideias bíblicas que igualam os sexos encontraram caminho até a consciência cultural mais ampla. No entanto, quando a cultura em geral começou a aplicar as implicações dessas ideias inspiradas por Deus, a maior parte da igreja escolheu se agarrar ao patriarcalismo como se sua salvação dependesse disso — tornando-se, ironicamente, o último bastião de um princípio ultrapassado e antibíblico.

A ascensão das mulheres

Como qualquer historiador moderno pode atestar, nos últimos dois séculos as mulheres do mundo inteiro reagiram contra a inferioridade, a subordinação e os papéis exclusivamente domésticos que têm sido sua sorte desde sempre. Essa resistência foi lenta, mas constante, e não sem retrocessos. Seu sucesso se demonstra pelo fato de que a maior parte da sociedade hoje reconhece que o abuso sexual, o estupro, a violência contra as mulheres, a desigualdade de oportunidades na educação e no trabalho, a desigualdade salarial e as leis que discriminam por sexo são errados.

Embora historicamente a igreja tenha limitado as ideias bíblicas de "liberdade" à salvação pessoal, desenvolvimentos teológicos dos últimos séculos começaram a

41. Felizmente, foram semeadas sementes para a posterior libertação das mulheres, embora encobertas pela voz da maioria: o marquês de Condorcet (1743–1794) escreveu um tratado defendendo a plena entrada das mulheres na esfera pública, incluindo o direito de votar e de ocupar cargos públicos. E Olympe de Gouges (1748–1793) apontou a incoerência de uma hierarquia de gênero dentro de um sistema igualitário supostamente universal: "A liberdade e a justiça consistem em restituir tudo o que pertence aos outros; assim, os únicos limites ao exercício dos direitos naturais da mulher são a perpétua tirania masculina; esses limites devem ser reformados pelas leis da natureza e da razão."

aplicá-las de forma mais ampla à liberdade social, política e econômica. Armados com uma compreensão recém-descoberta da preocupação de Deus com a emancipação, muitos cristãos estiveram na linha de frente de alguns dos grandes movimentos sociais, como a democracia, a abolição da escravidão, os direitos trabalhistas, o bem-estar social, a igualdade racial, o sufrágio universal e a igualdade das mulheres no local de trabalho. Tome o voto feminino como amostra do progresso alcançado na dignificação das mulheres. As primeiras sufragistas eram em sua maioria cristãs. Embora nenhum país democrático permitisse que as mulheres votassem antes que as Ilhas Pitcairn o fizessem, em 1838, desde que a Arábia Saudita finalmente permitiu que as mulheres votassem nas eleições municipais, em 2015, todas as nações do mundo que têm eleições democráticas agora deixam as mulheres votar.

É claro que, embora as sementes originais dessa revolução remontem ao modo como Jesus tratava as mulheres e à *Magna Carta da humanidade* de Paulo em Gálatas 3:28, muitos outros fatores contribuíram para a progressiva libertação das mulheres. No século XIX, mulheres, predominantemente cristãs, começaram a formar e a liderar todo tipo de organizações de ação social — uma emoção que antes só se experimentava nos mosteiros e nas ordens femininas — para enfrentar toda sorte de males sociais. Mulheres fundaram escolas dominicais para ensinar as crianças sobre Deus e ensiná-las a ler. Cuidaram de crianças órfãs e de viúvas. Ensinaram outras mulheres a ler, a escrever e a fazer contas, e também sobre religião. Fizeram campanha pela paz, pela temperança, pela reforma prisional e pelo fechamento de bordéis. Em tudo isso, algo mais profundo estava em andamento: *as mulheres estavam descobrindo seu poder de mudar o mundo*.

Por isso, também começaram a fazer campanha pelos direitos das mulheres, um movimento em que mulheres de todos os credos, culturas e raças se uniram para propor que a liberdade econômica, psicológica e social era necessária para que as mulheres deixassem de ser cidadãs de segunda classe em suas sociedades. Procuraram mudar a forma como as mulheres eram vistas em suas culturas e, assim, redefinir os papéis socioeconômicos e políticos das mulheres na sociedade. Muitos líderes e estudiosos cristãos estiveram na linha de frente dos

primeiros tempos desse movimento — de modo que se pode dizer que "a Libertação das Mulheres, tal como floresceu na década de 1960, tinha profundas raízes evangélicas e bíblicas."[42]

Nas décadas de 1960 e 1970, especialmente, numa das maiores revoluções sociais de todos os tempos, chegou finalmente a vez de as mulheres conquistarem suas maiores liberdades. Sua causa foi favorecida por outros fatores.

O surgimento da industrialização moderna fez com que as mulheres encontrassem trabalho fora de casa. Embora os melhores empregos e salários fossem reservados aos homens, as mulheres começaram a provar o trabalho fora do lar. Na Segunda Guerra Mundial, multidões de mulheres foram, por necessidade, lançadas nos empregos de seus homens ausentes, que estavam na guerra: dirigiram empresas, aprenderam ofícios, administraram fábricas, dirigiram caminhões e fabricaram armas. Depois da guerra, a natureza do trabalho também começou a mudar. O setor de trabalho de escritório cresceu, à medida que o cérebro se tornava mais importante do que os músculos. As mulheres, em média, talvez tivessem dificuldade com os trabalhos fisicamente mais pesados, mas certamente podiam fazer o trabalho intelectual. O fato de que hoje mais mulheres do que homens se formam na universidade é prova disso.

Além disso, a invenção do anticoncepcional oral na década de 1950 deu às mulheres o controle sobre quando e quantos filhos teriam — com menos filhos, tinham mais tempo. Na década de 1960, movimentos de libertação e protestos públicos varriam o planeta. Os movimentos pelos direitos civis conquistaram grandes vitórias, abrindo em seu rastro o momento ideal para que também o movimento das mulheres florescesse. Na década de 1860, quando a escravidão estava sendo abolida, mulheres, em sua maioria evangélicas, começaram a contestar sua condição subordinada. A princípio, não foram levadas a sério.

42. Kevin Giles, What the Bible Actually Teaches on Women, p. 39: "Este foi um movimento liderado por evangélicos que acreditavam que a igualdade de homens e mulheres em Cristo era claramente ensinada nas Escrituras. Eles se opunham tanto à escravidão quanto à sujeição das mulheres. Entre os líderes das 'feministas da primeira onda' estavam os evangélicos William e Catherine Booth, fundadores do Exército de Salvação, Sojourner Truth, Amanda Berry Smith, Katherine Bushnell, A. J. Gordon e Fredrik Franson."

Ideias que transformam a sociedade costumam levar tempo para ganhar força. Mas finalmente, um século depois, enquanto os direitos civis eram conquistados para as raças não brancas em países dominados por brancos, as mulheres aproveitaram o impulso social para derrubar com sucesso sua condição de inferioridade. Devemos muito a essas mulheres corajosas que nos precederam. É em grande parte graças a elas que hoje as mulheres desfrutam de condição igual.

É difícil exagerar a profundidade da mudança que ocorreu. Em apenas algumas décadas, pressupostos milenares e inquestionados sobre a inferioridade das mulheres deram lugar a um mundo em que juízas, desenvolvedoras de software, cirurgiãs, políticas, presidentas, professoras universitárias, generais e CEOs mulheres parecem perfeitamente normais.

Dada sua cumplicidade histórica tanto na subjugação das mulheres quanto em sua libertação, como a igreja responderia agora a essas mudanças sociais sísmicas?

A cristandade se choca com a libertação das mulheres

A posição da igreja tinha sido historicamente a de que as mulheres não podiam liderar na igreja, no lar ou no trabalho *porque eram inferiores*. Em todos os séculos anteriores aos séculos XX e XXI, a cultura patriarcal tinha estado de acordo com a igreja nisso. Agora, uma nova cultura havia chegado para desafiar esses pressupostos. Como a igreja respondeu no início é história — embora história muito recente —, e muitos de seus principais pensadores e influenciadores ainda estão vivos e se manifestam até hoje com a mesma força.

Infelizmente, a resposta inicial da igreja ao sucesso do Movimento de Libertação das Mulheres foi em grande parte reativa. Apegando-se à ideia da inferioridade feminina, o maior grupo eclesiástico — os católicos romanos —, assim como as igrejas evangélicas conservadoras e as reformadas, foram os mais hostis à mudança. Em resposta aos primeiros clamores pelo fim da subjugação das mulheres e por sua igualdade, os cristãos liam e aceitavam respostas dadas

por autores como John Rice. Em *Bobbed Hair, Bossy Wives, and Women Preachers* (1942), ele tentou acalmar as mulheres afirmando "resolver suas questões com a Palavra de Deus":

O homem é feito à imagem de Deus. Deus é um Deus masculino. O pronome masculino é usado para Deus em toda a Bíblia … Deus não é efeminado. E o homem é feito à imagem de Deus. Por outro lado, a mulher está na imagem do homem e é sua companheira … Bem-aventurada a mulher que se lembra disso; sua glória é ser uma ajuda para o homem e estar em submissão ao marido ou ao pai.[43]

Menos popular, mas mais erudito, ainda em 1957 o evangélico Donald Guthrie, em seu comentário Tyndale sobre 1 Timóteo, opinou: "A prioridade da criação do homem o coloca numa posição de superioridade sobre as mulheres."[44] O renomado estudioso bíblico Charles Ryrie chegou a uma conclusão semelhante em 1958: "O pensamento de Deus a respeito das mulheres … significará subordinação e honra no lar, silêncio e prestimosidade na igreja."[45]

Embora estivessem armados com essas primeiras defesas "teológicas", grande parte da resistência que os cristãos mostraram às mudanças que aconteciam na sociedade era alimentada pela percepção mal informada de que "a família cristã" estava sob ataque. Embora ensinamentos feministas posteriores talvez tenham sido uma ameaça real à família cristã, na realidade o Movimento de Libertação das Mulheres, em sua forma inicial, era apenas uma ameaça a um fenômeno sociorreligioso em que, por causa da revolução industrial, os homens trabalhavam fora de casa o dia todo, enquanto se esperava que as esposas ficassem em casa cuidando da casa e dos filhos. O que os cristãos pareciam ter

43. John Rice, Bobbed Hair, Bossy Wives, and Women Preachers, p. 68.

44. Kevin Giles, What the Bible Actually Teaches on Women, p. 175.

45. Charles Ryrie, The Place of Women in the Church, p. 146. Ao examinar os textos-chave, ele escolheu, sem exceção, as interpretações mais conservadoras. Por exemplo, em seu estudo de 1 Coríntios, em que as mulheres aparecem profetizando e orando no capítulo 11, ao mesmo tempo que recebem a ordem de ficar caladas no capítulo 14, ele argumentou que o silêncio é a norma, embora em circunstâncias excepcionais as mulheres possam dizer ou orar algo diante dos homens. Mas, a seu favor, ele começou a dar palavras a um novo ensino que logo seria aceito pela igreja. Em seu capítulo sobre a atitude de Jesus para com as mulheres, observou que, aos olhos de Jesus, as mulheres eram espiritual e intelectualmente capazes, bem como aptas a servir. Ele esteve entre os primeiros teólogos a reconhecer que homens e mulheres eram "iguais" nos privilégios espirituais e no casamento, mas logo acrescentou a ressalva de que deviam atuar em esferas diferentes.

esquecido na época é que, em culturas cristãs anteriores, o pai também ficava em casa na maior parte do tempo: o próprio lar era uma unidade econômica em que a família inteira era a força de trabalho, que cuidava dos animais e dos campos e exercia pequenas atividades artesanais, como fiar, tecer e trabalhar a madeira.

Além disso, os novos casamentos "igualitários" que a sociedade estava adotando — hoje comumente praticados até por cristãos que se declaram complementaristas no Ocidente — pareciam na época uma derrubada do casamento "cristão", pois as pessoas acreditavam que o principal ensino da Bíblia a respeito do casamento era a relação de autoridade e submissão.

Um acordo e uma bifurcação no caminho

Até a década de 1960, diz o estudioso complementarista Daniel Doriani, os teólogos pressupunham a "inferioridade ontológica" feminina.[46] Até essa época, os teólogos, o clero e todos os demais em geral viam as mulheres como "inferiores" e os homens como "superiores". Argumentavam que a Bíblia dizia exatamente isso.

Mas então uma nova pergunta foi lançada sobre a igreja: "O que Deus tem a dizer sobre essa ascensão sem precedentes das mulheres na sociedade, um movimento social que reivindicou a plena igualdade das mulheres com os homens?" Por um breve tempo, a igreja fechou fileiras em torno de sua doutrina histórica. No entanto, apesar de um choque inicial com a cultura na questão da igualdade entre os sexos, uma percepção maravilhosa se assentou sobre grande parte da igreja entre a década de 1960 e a de 1990: "Espere, nós entendemos errado … as mulheres *são* iguais aos homens."

Esta continua sendo uma das mudanças mais dramáticas da história da teologia cristã. Durante séculos, a igreja havia ecoado culturas patriarcais e misóginas, lendo essas atitudes e ideias no texto bíblico. *Mas agora, graças a uma grande mudança cultural e a cristãos pioneiros e perseverantes no meio dela, a igreja voltou ao texto bíblico e descobriu que, na verdade, havia muita coisa na Bíblia que afirmava a igualdade essencial das mulheres.*

46. Kevin Giles, What the Bible Actually Teaches on Women, p. 176.

Tim Keller, como citei antes, diz: "Na maioria das vezes, … a interação com uma nova cultura nos mostra muitas coisas ensinadas na Bíblia — coisas que ou deixamos passar por completo ou consideramos sem importância, possivelmente até modos como lemos mal a Bíblia pela lente de nossos próprios pressupostos culturais."[47] E assim, lida com mais cuidado, a Bíblia afinal não ensinava que as mulheres eram menos racionais, ou mais suscetíveis ao pecado, ou incapazes de liderar, ou impossibilitadas de trabalhar fora de casa. Embora as sementes da igualdade da mulher estivessem nas Escrituras e tivessem vindo à tona apenas momentaneamente na história da igreja, *foi só recentemente que a igreja finalmente e formalmente começou a abraçar essa igualdade, ampla e orgulhosamente, como questão de doutrina da igreja*. Quem tomava isso como ponto de partida passava a fazer parte de um dia totalmente novo na teologia cristã a respeito das mulheres — uma ruptura com a teologia milenar da igreja.

Se você se surpreende ao ler que a igreja chegou a uma nova clareza sobre o que a Bíblia ensina milênios depois de ter começado, fique tranquilo: sempre foi assim. Quando a cultura acreditava que o mundo era plano, os teólogos ensinavam isso a partir da Bíblia. Quando as pessoas pensavam que o sol girava em torno da Terra, os textos bíblicos o comprovavam. Até que os cientistas aprendessem a datar a Terra, as pessoas acreditavam que Deus a tinha criado em sete dias literais, apenas alguns milhares de anos atrás. Da mesma forma, a abolição da escravidão e a superação do antissemitismo na sociedade envolveram uma nova (e melhor) leitura dos textos bíblicos por parte da igreja. Novas descobertas na cultura podem lançar nova luz sobre o que realmente está (e o que não está) na Bíblia. O mesmo se pode dizer da descoberta, na sociedade em geral, de que as mulheres eram essencialmente iguais aos homens. E não é que a Bíblia *falava*, sim, da igualdade substancial dos dois sexos na criação e em Cristo! Estava lá o tempo todo.

A Igreja Católica, embora inicialmente tenha se unido contra a igualdade das mulheres, também mudou sua teologia. Em 1987, o papa João Paulo II deu voz aos principais teólogos católicos da época ao emitir um ensino vinculante para a

47. Timothy Keller, Center Church, cap. 8.

igreja[48] que rejeitava a visão sustentada durante séculos — de que, na criação, Deus subordinou as mulheres aos homens —, insistindo, em vez disso, na "igualdade essencial" delas.

E as igrejas evangélicas? Em paralelo ao exemplo católico, algumas almas corajosas se manifestaram ousadamente em apoio à libertação das mulheres, argumentando que a plena igualdade e a reciprocidade de homens e mulheres na igreja, no lar e na sociedade é o que a Bíblia sempre teve em vista. *No entanto — e é por isso que este livro precisa ser escrito —, elas encontraram a oposição de outros evangélicos que, embora também rejeitassem o ensino histórico da igreja sobre a inferioridade feminina, procuravam ainda assim manter uma forma de subordinação feminina.*

O que se seguiu foi um debate, que durou décadas, entre esses dois grupos, os hierarquistas e os mutualistas, ambos igualmente dedicados às Escrituras, como mostra uma profusão de livros escritos em resposta uns aos outros por autores homens e mulheres dos dois lados. Tendo concordado em jogar fora de suas doutrinas a ideia da inferioridade feminina, esses dois grupos tomaram dois caminhos diferentes, de modo que hoje algumas denominações adotam uma visão, enquanto outras adotam a segunda. Eis o ponto-chave: *ambas as visões eram totalmente novas na história da igreja*. Os patriarcalistas trocaram a doutrina anterior de que "as mulheres são inferiores e, portanto, subordinadas aos homens" por "as mulheres são iguais, mas ainda assim subordinadas aos homens", enquanto os mutualistas optaram por "as mulheres são iguais e, portanto, não subordinadas aos homens".

A conversa, às vezes acalorada e outras vezes cordial, continuou até 1987. Então aconteceu algo nos Estados Unidos que, a meu ver, pôs um fim prematuro e ilegítimo à conversa: foi formulada a *Declaração de Danvers (Danvers Statement)*, com seu novo ensino chamado "complementarismo". Esse ensino se tornou tão popular que muitos evangélicos afirmam que ele venceu o debate. É claro que essa visão pode ter triunfado por estar correta. Mas, se sabemos alguma coisa da história da igreja, é que também é possível vencer por outras razões. Permita-me compartilhar minha compreensão da "vitória" do complementarismo.

48. João Paulo II, Mulieris Dignitatem: On the Dignity and Vocation of Women.



3

A ascensão (e as armadilhas) do complementarismo

"Estamos convencidos de que a negação ou o descaso para com [a autoridade masculina e a submissão feminina] levará a consequências cada vez mais destrutivas em nossas famílias, em nossas igrejas e na cultura em geral." John Piper[49]

Você já ouviu a história da mãe que fazia a massa do pão, dava-lhe forma, depois cortava as pontas e as jogava fora antes de colocar no forno o que restava da massa? Quando os filhos lhe perguntaram por quê, ela explicou que era assim que a mãe dela fazia, e assim que a mãe de sua mãe fazia antes dela. "É assim que se faz pão — é a nossa tradição." Não totalmente satisfeitos com a resposta da mãe, os filhos foram então insistir com a avó para saber a razão. Ela vasculhou a memória e lembrou que a avó dela costumava fazer pão numa forma pequena — tão pequena que precisava cortar as pontas da massa para que coubesse dentro. As crianças correram de volta para a mãe: "Mãe, agora que não usamos mais aquela mesma forma pequena, não precisamos cortar as pontas!"[50]

Essa pequena história me lembra a diferença entre o complementarismo e o mutualismo. O primeiro se apega ao "argumento da história da igreja" e sustenta que a subordinação feminina é o bom plano de Deus, afinal "a igreja sempre ensinou isso e sempre fez assim". O segundo responde que não há nada de intrinsecamente sensato ou bom em subordinar as mulheres, porque as razões históricas pelas quais a igreja abraçou essa doutrina já não se aplicam. Nos milênios em que a inferioridade feminina era pressuposta e inquestionada

49. The Danvers Statement, www.bit.ly/2Y6Xhgg

50. Agradeço a William Witt, em "Icons of Christ", cap. 3, por esta encantadora ilustração.

na sociedade e na igreja, a subordinação feminina talvez fizesse sentido. Mas no mundo em que vivemos agora, e numa igreja que já não sustenta a ideia da inferioridade feminina, ela não faz sentido algum.

Mesmo assim, ao ver igrejas defendendo o complementarismo, tenho notado quantas apelam para essa ideia de "história da igreja". Já que esse é o ensino histórico da igreja, argumentam, afastar-se dele deve ser perigoso e causar divisão. No entanto, o que a maioria não percebe é que, até a década de 1960, o ensino histórico da igreja era que as mulheres são subordinadas aos homens *porque são inferiores aos homens*.

O sucesso subsequente do Movimento de Libertação das Mulheres foi um grande catalisador para ajudar a igreja, pela primeira vez em sua história, a voltar às suas Escrituras e questionar a ideia da inferioridade feminina. Ao fazê-lo, ela mudou de ideia, com razão. *Naquele momento, a igreja jogou fora a sua forma de pão! Desde então, a maioria das igrejas assa a sua doutrina sobre gênero e liderança com o mesmo pressuposto de partida: que as mulheres são iguais aos homens, e não inferiores. Ao fazer isso, essas igrejas abraçaram um ensino totalmente novo sobre o assunto — que não tem mais que 50 ou 60 anos.*

Então os teólogos, muitos dos quais ainda estão vivos, elaboraram duas doutrinas revisionistas concorrentes, ambas agora partindo da igualdade intrínseca de homens e mulheres. A primeira, que mais tarde seria chamada de *complementarismo*, é uma forma revisada de patriarcado. Ela opta por manter a subordinação feminina, mas rejeita a razão verdadeiramente histórica para fazê-lo. Em vez disso, seus fundadores encontraram novos argumentos nas Escrituras para apoiar sua visão. A segunda posição, comumente conhecida como *igualitarismo*, mas que prefiro chamar de *mutualismo*, descartou por completo a hierarquia de gênero. Com a ideia da inferioridade feminina agora amplamente rejeitada, seus defensores argumentaram que a ideia da subordinação feminina também já não tinha uma base crível.

Eis uma representação gráfica das várias visões:

	Inferioridade feminina?	*Subordinação feminina?*
Hierarquismo histórico (100–década de 1960)	Sim	Sim, porque as mulheres são inferiores
Complementarismo (a partir da década de 1960)	Não	Sim, por novas razões
Mutualismo (a partir da década de 1960)	Não	Não

Neste capítulo, vou examinar a ascensão (e as armadilhas) da hierarquia de gênero revisada, criada na década de 1970 e empacotada como complementarismo na década de 1980 nos Estados Unidos, que passou a dominar tantas igrejas e denominações ao redor do mundo.

Como alguém que vive no extremo sul da África, posso atestar que, quando os Estados Unidos espirram, o resto de nós pega um resfriado. Isso vale para sua política e sua economia, mas também para suas doutrinas. Por causa do enorme número de cristãos que há lá, dos recursos à sua disposição e de seu domínio na mídia e na internet, as teologias nascidas nos Estados Unidos ganham força rapidamente no resto do mundo. Com seu compromisso com a autoridade das Escrituras, na maioria das vezes isso é bom, mas de vez em quando algo mais problemático é exportado. Considere a sua Teologia da Prosperidade: no meu continente, muitas igrejas acreditam que riqueza e saúde podem ser reivindicadas pela fé e pela semeadura de uma "semente financeira" para "o homem de Deus". O resultado: alguns pastores muito ricos lideram igrejas em algumas das comunidades mais empobrecidas da África. Na mesma linha, os Estados Unidos também exportaram com eficácia a sua teologia do complementarismo. A Teologia da Prosperidade surgiu quando professores da Bíblia, em busca de "crescimento da igreja", tentaram casar o cristianismo com o materialismo. Os complementaristas, por sua vez, surgiram quando professores da Bíblia, em busca de "pureza da igreja", tentaram casar o cristianismo com um patriarcado benevolente. A primeira é bem fácil de refutar biblicamente; a segunda se sustenta numa sofisticada rede de argumentos bíblicos — daí o tamanho deste livro.

O que as duas teologias têm em comum é que são doutrinas relativamente novas. O complementarismo é um movimento sociorreligioso, lançado nos Estados Unidos por John Piper, Wayne Grudem e outros no fim do século passado, que defende uma maneira específica de costurar entre si Escrituras selecionadas. Ele rejeita o ensino histórico da inferioridade feminina, mas ainda assim encontra novas razões para sustentar a liderança masculina e a submissão feminina, sobretudo no lar e na igreja. Seus artesãos da palavra reconstruíram essencialmente a hierarquia de gênero de tal modo que poucos complementaristas sequer percebem que é isso, na prática, o que suas crenças significam. Mas, para ser justo, nem todos os seus defensores têm o mesmo empenho em fazer o complementarismo soar palatável aos ouvidos modernos: Russell Moore, por exemplo, ex-presidente da Ethics and Religious Liberty Commission da Convenção Batista do Sul (Southern Baptist Convention), prefere a palavra patriarcado a complementarismo.[51]

Os criadores do complementarismo

Como toda doutrina, essa forma revisada de patriarcado tem um conjunto específico de pais. Originalmente, a maneira característica de o complementarismo costurar entre si certas Escrituras foi inventada por George Knight III, em seu pequeno livro de 1977, *The New Testament Teaching on the Role Relationship of Men and Women*. Nele, Knight abandonou a visão histórica da igreja sobre a inferioridade feminina e optou pela expressão "iguais, mas com papéis diferentes".

Na criação, dizia Knight, Deus havia atribuído a cada sexo "papéis" diferentes e permanentemente obrigatórios. Ele reconhecia que Gálatas 3:28 falava de igualdade dos sexos em Cristo, mas insistia que isso não tinha implicações sociais para as hierarquias de gênero na sociedade e na igreja. Omitiu qualquer ensino sobre Jesus ou de Jesus a respeito do assunto. Tendo argumentado que a subordinação existia antes da Queda, argumentou que três textos (1 Timóteo

51. Veja www.bit.ly/2ZUrOPf

2:11-14; 1 Coríntios 11:3; e 1 Coríntios 14:33-35) mostravam que Paulo endossava, nas igrejas, o que ele chamava de "a ordem da criação".

Argumentou que a menção de Paulo a "o homem, a cabeça da mulher", em 1 Coríntios 11:3, se referia à "posição superior" do homem, e que a palavra *authentein* (que, segundo ele, deve ser traduzida por "exercer autoridade"), em 1 Timóteo 2:12, era uma palavra positiva que se referia à autoridade que os pastores homens exercem. Ofereceu também uma reinterpretação criativa do versículo "E Adão não foi iludido, mas a mulher" (v. 14), que durante séculos tinha sido lido como prova da inferioridade moral e intelectual das mulheres. Eva, disse ele, num ato de "inversão de papéis", tinha ignorado e passado por cima da autoridade de Adão, com resultados desastrosos. Ele chamou tudo isso de "o claro ensino das Escrituras".

As visões de Knight foram contestadas por outros teólogos, e o debate prosseguiu acirrado, enquanto algumas denominações começaram a ordenar mulheres para cargos de liderança e a maioria continuou a discutir o assunto.

No fim da década de 1980, Knight instou duas estrelas eclesiásticas e teológicas em ascensão, John Piper e Wayne Grudem, a entrar na disputa e lidar com esse suposto "falso ensino" que se espalhava pela igreja. Ao longo de duas reuniões em 1987, eles reuniram um pequeno grupo de outros pastores, que se encontraram primeiro em Dallas e depois em Danvers, para discutir o assunto e aprovar uma declaração doutrinária sobre os papéis de gênero, que chamaram de *Declaração de Danvers*. Formaram também uma organização chamada *Council of Biblical Manhood and Womanhood*. Um ano depois, num café da manhã, o Council escolheu um nome para a visão articulada na Declaração de Danvers, optando por não usar os termos patriarcado ou hierarquia, mas sim o termo complementarismo, porque ele enfatizava "a igualdade e as diferenças mutuamente benéficas".[52]

Em 1989, lançaram sua iniciativa com uma entrevista coletiva, distribuindo folhetos e publicando a Declaração de Danvers na *Christianity Today* — tudo na esperança de que ela "obtivesse ampla adesão". Para difundir ainda mais esse

52. John Piper e Grudem, Wayne (orgs.), Recovering Biblical Manhood and Womanhood, p. 11.

ponto de vista, o Council decidiu "publicar livros, artigos e panfletos, realizar seminários para estudiosos, bem como grandes conferências para leigos".[53] A primeira grande obra resultante de seus esforços foi a coletânea de ensaios de 1991 intitulada *Recovering Biblical Manhood and Womanhood*, organizada por John Piper e Wayne Grudem.[54]

Seu ponto de vista foi amplamente recebido e usado por muitos líderes denominacionais para pôr fim a todo debate. No fim do milênio, denominações como a Presbyterian Church of America e a maior denominação, a Convenção Batista do Sul, aprovaram a Declaração de Danvers, determinadas a nunca mais flertar com a ideia de casamentos igualitários, da ordenação de pastoras ou de mulheres no púlpito.

Como o texto mais decisivo para o complementarismo era 1 Timóteo 2:12-15, Andreas Köstenberger e Thomas Schreiner, estudiosos bíblicos respeitados dos seminários batistas do Sul, publicaram a obra acadêmica *Women in the Church* para refutar todas as tentativas de uma leitura não complementarista dessa passagem. Outras obras-chave em apoio ao complementarismo incluem o popular livro de Wayne Grudem, *Evangelical Feminism*, no qual ele afirmava refutar mais de cem contra-argumentos apresentados por não complementaristas. Andreas Köstenberger também publicou seu livro *God's Design for Man and Woman* em 2014.

As criações mais influentes do campo complementarista, porém, são a tradução da Bíblia ESV, de 2001, a *ESV Study Bible* (cujas notas foram editadas por Wayne Grudem), bem como o portal de conteúdo online *The Gospel Coalition*, fundado por John Piper, D.A. Carson e Tim Keller. Em vez de ser uma plataforma ecumênica, a Gospel Coalition tem o complementarismo embutido em sua declaração de fé. Junto com sua revista acadêmica, *Themelios*, ela critica rotineiramente quase toda obra importante que desafia o complementarismo. A colossal editora *Crossway* também ajudou — quase toda obra complementarista importante sai dela.[55]

53. Conforme Piper e Grudem declararam num anúncio na Christianity Today, 13 de janeiro de 1989.
54. A Christianity Today o considerou o livro do ano em 1992.
55. Para uma história cronológica detalhada e um panorama das obras teológicas, veja o capítulo 2 da excelente tese de doutorado de Jamin Hübner: www.bit.ly/3BNaSY8

De fato, o complementarismo tem sido um movimento tão poderoso e eficaz que, para a maioria das igrejas influenciadas por ele, até mesmo considerar outras visões sobre o assunto parece uma evidente tolice ou heresia. Eu sei bem disso — por mais teologicamente perspicaz que eu me imaginasse, nem me passou pela cabeça submeter essa posição a um exame crítico durante quase 20 anos. Ainda assim, se é uma posição falha, por que ela teve tamanha ascensão?

Iguais, mas com "papéis" diferentes

A engenhosa expressão de George Knight "iguais, mas com papéis diferentes" encontrou ressonância imediata nos ouvidos modernos. Ela é muito melhor do que a antiquíssima concepção de "inferiores e, portanto, subordinadas". A palavra "inferiores" é substituída por "iguais", uma melhora substancial, enquanto a ideia de subordinação é substituída por "papéis diferentes". Mas, olhando mais de perto, essa expressão se revela uma espécie de truque de prestidigitação. Isso porque, na maioria dos casos, seus propagadores nem precisam explicar que papéis diferentes são esses. Basta dizer as palavras "iguais, mas com papéis diferentes" para satisfazer a maioria das pessoas que ouvem a ideia pela primeira vez, sobretudo se se acrescentar a ressalva de que homens e mulheres, afinal, foram feitos diferentes por Deus.

O problema, porém, é que o que está escrito *no rótulo* da lata complementarista não está dentro da lata! A ideia de "papéis" é uma construção sociológica moderna que só se tornou popular na década de 1960, quando as esferas de atividade esperadas das mulheres começaram a mudar rapidamente. O termo se refere a uma divisão de trabalho, em que uma pessoa cuida de algumas coisas e outra cuida de outras. Por exemplo, se eu dissesse aos meus filhos, no dia das tarefas domésticas, que vou distribuir papéis diferentes, todos eles esperariam que eu lhes desse responsabilidades diferentes.

No complementarismo, porém, se você fizesse a pergunta (que poucos parecem fazer) "Quais são *exatamente* os papéis diferentes?", a resposta (reduzida à sua essência) seria que, no lar e na igreja, os homens lideram, e nos dois lugares as

mulheres se submetem e ajudam. *Mas veja: isso não é uma distribuição de papéis. É uma simples cadeia de comando.* Um chefe tribal que anda por aí com seu ajudante não está numa "bela interdependência" — está numa hierarquia de duas pessoas.

A ideia de "papéis" traz consigo a ideia de *reversibilidade*. Um filho pode limpar a piscina e outro a sala, e na semana seguinte esses papéis podem ser trocados. Em contraste, o "papel" complementarista é *uma relação de poder permanente e irreversível baseada no sexo da pessoa*. No complementarismo, as mulheres são excluídas de certos papéis na igreja simplesmente por serem mulheres, enquanto os homens não são excluídos de nenhum papel simplesmente por serem homens. Não há nada de complementar nesse arranjo.

Embora a ideia de papéis seja compatível com a igualdade, a ideia de relações de poder permanentes atribuídas no nascimento é uma afirmação de desigualdade. O desafio dos complementaristas sempre foi mostrar como duas pessoas podem ser verdadeiramente iguais e, ao mesmo tempo, com base apenas em seus cromossomos, estar imutavelmente destinadas a liderar ou a seguir. Os apologistas complementaristas respondem traçando um paralelo com as relações na Trindade (de que trataremos em detalhes mais adiante). Também escolhem cuidadosamente analogias, como um oficial e um soldado raso num exército, um gerente e um funcionário, um presidente e um cidadão, ou um pastor e um membro da congregação. Nenhuma delas implica superioridade intrínseca, argumentam, o que é verdade. Mas não são analogias justas nem adequadas[56] — em todos os casos, os papéis podem mudar, e quem tem autoridade a tem com base numa competência ou experiência especial. Sua liderança não é atribuída no nascimento com base em seu corpo. Um pastor, por exemplo, pode liderar por causa de seu caráter, chamado, preparo e dons especiais — mas é possível que esse pastor deixe o cargo um dia e que o membro da congregação se torne pastor.

Não encontrei uma única analogia aceitável que mostre como a autoridade ou a subordinação está embutida nos cromossomos ou no corpo de alguém. As

56. Agradeço a Kevin Giles, What the Bible Actually Teaches on Women, cap. 3, pelos contra-argumentos que seguem.

analogias mais próximas são o sistema de castas hindu, em que o status de poder de alguém é determinado pela classe ou família em que nasce, ou o apartheid, em que a cor da pele determinava os direitos políticos. Ambos os sistemas de atribuir papéis e posição no nascimento — como todos os complementaristas certamente concordariam — são exemplos de *desigualdade*. Então, em que exatamente o complementarismo é diferente do sistema de castas ou do apartheid?

Transigir e capitular

Os complementaristas costumam argumentar que os mutualistas comprometem as Escrituras. O que eles não percebem ou não reconhecem é que, embora sustentem com razão a autoridade divina das Escrituras, fundem a sua interpretação das Escrituras com as próprias Escrituras. A palavra de Deus *é* verdadeira, mas precisamos de humildade para admitir que nossas interpretações dela nem sempre estão corretas. A palavra de Deus é, de fato, infalível. Nós, porém, não somos.

Num vídeo,[57] em que Piper, Grudem e Keller explicam por que o complementarismo faz parte da declaração doutrinária de sua organização, Piper adverte que lidar com a Bíblia de um modo que "se esquiva da liderança masculina e da submissão … é mau presságio para o evangelho". Carson acrescenta: "Contornar o que as Escrituras dizem de forma inequívoca, repetida e clara … não é ouvir o que Deus diz. É um modo de não tremer diante da Palavra de Deus." Keller, mais moderado em suas palavras, ainda assim repete a mesma coisa: o igualitarismo "afeta o modo como lemos as Escrituras. Afrouxa nossa compreensão das Escrituras".

Para os mutualistas evangélicos, essa afirmação é absurda. É totalmente injusto sugerir que centenas de estudiosos bíblicos de toda uma vida, cuja vocação é interpretar corretamente a palavra de Deus ano após ano, têm uma visão baixa da Bíblia. Muitos dos melhores estudiosos bíblicos conservadores do mundo — antes complementaristas e agora não mais — devem suas novas conclusões não

57. www.vimeo.com/44525286

ao descaso com a palavra de Deus, mas, ao contrário, a um estudo mais cuidadoso dela. Há F.F. Bruce, Leon Morris, N.T. Wright, Gordon Fee, Richard Bauckham, Philip Payne, Walter Kaiser, Ben Witherington, Stanley Gundry, Kenneth Bailey, Aida Spencer, Walter Liefeld, Joel Green, Cynthia Westfall, Miriam Adney, Cornelius Plantinga, John Stackhouse, Michael Bird e muitos outros.[58] De fato, nos últimos anos, nada menos que sete mutualistas foram eleitos presidentes da Evangelical Theological Society, uma sociedade da qual só se pode fazer parte assinando anualmente uma declaração de fé na inerrância das Escrituras.[59] Meu ponto é simplesmente que, ao contrário de muitas afirmações complementaristas, este debate gira em torno da interpretação das Escrituras, *não* da autoridade das Escrituras.[60]

Os complementaristas tendem a retratar os mutualistas como aqueles que capitulam diante da cultura. Tendo condenado os movimentos sociais do feminismo como uma ameaça à família cristã, os teólogos complementaristas acusam rotineiramente outros teólogos de estarem em conluio com o feminismo. Eis a reação de J.I. Packer aos que propunham o fim do subordinacionismo na igreja: "A pressão atual para fazer das mulheres [pastoras] deve mais a fatores seculares, pragmáticos e sociais do que a qualquer consideração pela autoridade bíblica. As gerações futuras provavelmente verão essa agitação como mais uma tentativa de batizar a cultura secular em Cristo, como a igreja liberal sempre procurou fazer."[61]

São palavras fortes e enganosas, mas encontram eco naqueles que estão cansados dos "que fazem concessões". Andreas Köstenberger aclama os complementaristas como os heróis do momento diante de um ensino antibíblico que, adverte ele, vai "inevitavelmente reduzir a eficácia da igreja e corroer gradualmente o avanço da missão de Deus em nosso mundo. O complementarismo, o verdadeiro ensino bíblico, é profundamente contracultural, se não culturalmente inaceitável. Se negarmos essa realidade da

58. Agradeço a Kevin Giles, What the Bible Actually Teaches on Women, cap. 2, por esta lista.
59. Nada menos que sete presidentes da Evangelical Theological Society — Roger Nicole, Kenneth Kantzer, Walter Kaiser, Stanley Gundry, Alan F. Johnson, Millard Erickson e Craig Keener — são todos mutualistas.
60. Kevin Giles, What the Bible Actually Teaches on Women, cap. 9.
61. J. I. Packer, "Let's Stop Making Women Presbyters," Christianity Today, 11 de fevereiro de 1991

criação, inevitavelmente nos tornaremos cúmplices de minar a autoridade da Palavra de Deus e daquele que a deu a nós."[62]

Embora todos devamos levar a sério a preocupação dele quanto a capitular diante da cultura, Köstenberger faria bem em aplicar as próprias palavras às próprias visões. Em vez disso, ele parece totalmente alheio ao fato de que o complementarismo é uma visão teológica relativamente nova, que surgiu diretamente de sua concordância com a rejeição cultural da inferioridade feminina. Além disso, parece não se dar conta da possibilidade de que o próprio complementarismo seja uma capitulação diante de uma cultura verdadeiramente antibíblica: a cultura hiperconservadora e patriarcal que glorifica os estereótipos de gênero dos Estados Unidos do pós-guerra dos anos 1950 — em que as mulheres, no seu melhor, eram rainhas do lar, submissas, que criavam os filhos enquanto apoiavam o marido que trabalhava fora. Em resumo, os complementaristas acusam falsamente seus adversários teológicos de comprometer as Escrituras e capitular diante da cultura. Infelizmente, suas distorções não param por aí.

A "BELA" DIFERENCIAÇÃO

Várias vezes por ano, durante cerca de uma década, eu explicava às centenas de pessoas reunidas para o curso de membresia de nossa igreja por que éramos complementaristas em nossa teologia. Eu explicava:

Há quatro maneiras de viver o casamento. No casamento machista, o homem domina, enquanto a esposa o segue servilmente. No casamento hiperfeminista, a esposa domina, e o marido passivo obedece a cada ordem dela. Nenhuma dessas opções representa igualdade real. No casamento igualitário, eles são iguais, mas não há diferenças entre um homem e uma mulher. No casamento complementarista, porém, eles são iguais, e suas diferenças, ordenadas por Deus, são celebradas e honradas.

62. www.bit.ly/3bAU0ZG

Quase todos no auditório aceitavam essa posição, assim como eu. Mas, quando comecei a refletir com mais cuidado sobre minhas crenças e minha posição, percebi que estava conquistando as pessoas ao distorcer a posição igualitária. Não era uma luta justa. *Na realidade, o igualitarismo (ou mutualismo) concorda de todo o coração com o complementarismo em que homens e mulheres são feitos de modo distinto e para se complementarem.* Ainda não conheci um teólogo mutualista que sugira que homens e mulheres sejam, por desígnio de Deus ou em média, iguais no corpo ou nas características psicológicas. No entanto, é assim que muitos complementaristas de destaque continuam a retratar erroneamente seus adversários teológicos. Em seu livro sobre o complementarismo, os Köstenberger argumentam que os mutualistas sustentam a ideia de uma "igualdade indiferenciada".[63] Na realidade, os mutualistas não consideram a sexualidade masculina e feminina fluida ou intercambiável. Não contestam, por exemplo, o entendimento de que só os homens podem ser pais, filhos e irmãos, e só as mulheres podem ser mães, filhas e irmãs.

Do ponto de vista do marketing, se a genialidade de Knight foi criar a expressão "iguais, mas com papéis diferentes", a genialidade de Piper foi inventar o nome "complementarismo" para esse ponto de vista — derivado, em suas próprias palavras, "da complementaridade de Gênesis 2:18, onde Deus dá Eva a Adão como sua auxiliadora idônea". No entanto, tendo estudado a real diferença entre o complementarismo e o mutualismo, penso que uma definição mais justa do primeiro seria "complementaridade *com* hierarquia", enquanto a do segundo seria "complementaridade *sem* hierarquia".[64] Se eu tivesse apresentado as coisas assim às pessoas do nosso curso para novos membros, imagino que mais delas teriam parado para pensar antes de se tornarem membros da nossa igreja.

Nas conversas entre mutualistas e complementaristas, proponho que a melhor maneira de falar sobre nossas diferenças é primeiro concordar que Deus fez homens e mulheres com um propósito, como iguais e de modo complementar.

63. Andreas e Margaret Köstenberger dizem isso em "God's Design for Man and Woman".
64. A edição de 2005 de "Discovering Biblical Equality", organizada por Groothuis, Pierce e Fee, usou "complementarity without hierarchy" (complementaridade sem hierarquia) como subtítulo. Lamento ver que a edição de 2021 abandonou esse termo, evidentemente porque o complementarismo conseguiu, com tanta eficácia, embora de modo enganoso, apresentar a complementaridade como algo incompatível com o igualitarismo.

Isso nos dá uma quantidade surpreendente de terreno comum. A verdadeira divergência está em definir quais são exatamente essas diferenças entre homens e mulheres pretendidas por Deus e a que implicações elas, portanto, levam. Nossas diferenças são realmente tão grandes a ponto de exigirem esferas completamente separadas, com os homens sempre em posição de autoridade? Ou podemos ver a complementaridade como um chamado para trabalharmos juntos, lado a lado, no lar, na sociedade e na igreja?

No ministério da igreja, o ensino do complementarismo sobre a complementaridade sugere que papéis diferentes são atribuídos a sexos diferentes, mas não é isso o que acontece nas igrejas complementaristas, onde as mulheres são excluídas de certos ministérios, enquanto os homens não são excluídos de nenhum! *Qualquer homem pode, em princípio, exercer o ministério de qualquer mulher, mas não o contrário.* Isso não é complementaridade — é exclusão.

O declínio da sociedade

Os complementaristas não apenas retratam erroneamente os mutualistas como pessoas que fazem concessões, que capitulam e que apagam as diferenças entre os sexos; eles também lhes atribuem parte da culpa pelo declínio da própria cultura.

Se uma estratégia política comum é culpar as visões concorrentes pelo declínio da sociedade, então Piper e Grudem utilizam esse recurso com muita eficácia. Por exemplo, com Keller e Carson concordando com a cabeça ao seu lado, Piper explica por que a Gospel Coalition rejeita o igualitarismo, relacionando a falha em fazer dos homens líderes servos no lar e na sociedade com "uma sociedade masculina brutal", "passividade", "uma confusão sobre a masculinidade", "homens que explodem em momentos de fúria", "toda essa questão homossexual", "o abuso de mulheres" e "o abandono das crianças".[65] É claro que a maioria dessas coisas não corresponde de forma alguma aos ideais de Deus. Mas será que Piper pode realmente provar que dizer aos homens que

65. https://vimeo.com/44525286

sejam líderes servos e às mulheres que recebam a liderança dos homens é a solução para todos os males da sociedade?

Da mesma forma, Grudem lamenta as catástrofes que se desencadearão se a igreja permitir a verdadeira igualdade de homens e mulheres no lar, na igreja e na sociedade e aquilo que ele chama de "a abolição das diferenças".[66] Nos casamentos, diz ele, isso transformará "os maridos em fracotes e as esposas em usurpadoras". Na criação dos filhos, "as crianças serão criadas com pouquíssima disciplina e pouquíssimo respeito pela autoridade". Na família, "todas as responsabilidades serão divididas segundo os dons e interesses, e não segundo os papéis especificados pelas Escrituras". No âmbito da sexualidade humana, os homens se tornarão "pouco masculinos e pouco atraentes para as mulheres", e as mulheres se tornarão "pouco femininas e pouco atraentes para os homens", e ambos serão "ambivalentes em relação ao sexo". Nos esportes, as pessoas vão "se opor à competição e considerá-la um mal, e não um bem". Na economia, "ninguém poderia ser muito rico, e haveria uma dependência em grande escala do Estado de bem-estar social e do governo". Na educação, vão "erradicar à força quaisquer padrões de preferências e aptidões naturais dos meninos para alguns tipos de atividade, e das meninas para outros".

Não estou inventando isso. Essas são as palavras de Grudem em sua defesa mais popular do complementarismo. Embora nossa sociedade moderna certamente enfrente desafios muito reais, é falso e desonesto culpar por todos eles as visões do adversário. Talvez a prova mais forte de que a Declaração de Danvers é literatura política seja a sua frase final: "Estamos convencidos de que a negação ou o descaso para com esses princípios levará a consequências cada vez mais destrutivas em nossas famílias, em nossas igrejas e na cultura em geral."[67]

A analista sociorreligiosa Kristin Du Mez, em *Jesus and John Wayne*, explica por que afirmações desse tipo tiveram tanta ressonância nos Estados Unidos evangélicos no fim de um século marcado pela ascensão do feminismo, do secularismo e do pós-modernismo, pela perda de sentido e de identidade e pelo

66. Esta citação e as que seguem no parágrafo vêm de Wayne Grudem, Evangelical Feminism, cap. 1.
67. www.bit.ly/3CFM0CC

sucesso da revolução sexual: "Esses medos foram ativamente atiçados por líderes evangélicos que tinham interesse direto em atiçar medos para consolidar o próprio poder, e vemos isso na história do evangelicalismo conservador."[68]

Há ainda mais uma razão pela qual tantos cristãos ponderados e comprometidos sustentam o complementarismo sem questioná-lo. Tudo graças a uma analogia magistral, mas, no fim das contas, enganosa.

A subordinação na Trindade

Anos atrás, minha esposa foi encarregada de escrever algo para outras esposas de pastores que talvez estivessem lutando para aceitar a liderança masculina no lar e na igreja. Como já expliquei, a ideia básica do complementarismo é difícil de entender: como alguém pode ser igual e, ao mesmo tempo, subordinado. Minha esposa lutava para compreender a razão por trás de nossos supostos papéis diferentes, até que leu a analogia magistral de Kathy Keller, que ela então incluiu como ponto alto de seu próprio texto. Segundo Keller, a esposa do pastor que escolhe a submissão ao marido tanto no lar quanto na igreja é vista à luz da subordinação de Jesus ao seu Pai:

Jesus, em sua condição de servo submisso, assumindo o papel de servo para garantir a nossa salvação (Filipenses 2:5-11), mostra que sua submissão ao Pai foi um dom, e não algo que lhe foi imposto. Em nenhum momento sua igualdade com o Pai é posta em dúvida … A igualdade [essencial] do Filho com o Pai e, ainda assim, sua submissão [funcional] com o propósito da salvação, ao assumir o papel de servo, nos conduzem ao coração do mistério da Trindade. De que outra forma isso poderia sequer começar a ser transmitido, sem atores humanos que encenem as mesmas verdades, os mesmos papéis?[69]

Keller argumenta que Jesus é igual ao Pai e, ainda assim, se subordina a ele. Depois de ler isso, minha esposa e muitas outras esposas de pastores ficaram felizes por terem resolvido a questão em seu coração. Concluíram que, ao

68. Do episódio 5 (aos 13 minutos) do podcast "The Rise and Fall of Mars Hill", disponível aqui: www.bit.ly/3CEBjAm.
69. Kathy Keller, Jesus, Justice, and Gender Roles, cap. 2.

assumir o papel, dado por Deus, de se submeter a alguém "igual" a elas, estavam mostrando ao mundo a vida bela e misteriosa da Trindade.

Mas a analogia tem uma falha fatal. *Em nenhum lugar as Escrituras nos ensinam a moldar a nossa submissão a qualquer ser humano (seja pastor, rei, cônjuge ou pai e mãe) pela submissão de Jesus ao Pai.* O texto a que Keller se refere, em Filipenses 2, em que Cristo, embora igual a Deus, se torna um servo que morre na cruz, descreve principalmente a humildade de Jesus e o seu serviço *aos outros*, algo que *todas* as pessoas podem imitar em sua relação com *todas* as pessoas.[70]

A afirmação de Keller de que a Trindade seria incompreensível a menos que "atores humanos encenem os mesmos papéis" é perigosa. Apesar das numerosas tentativas recentes de projetar na Trindade as relações sociais que consideramos ideais, *não existe nenhuma relação terrena capaz de retratar adequadamente as relações na Trindade.* Michael Bird sugere, não muito em tom de brincadeira, que, se tivéssemos de encontrar uma, seria um casamento a três entre um homem mais velho, um homem mais jovem e um eunuco. O ponto de Bird é que é um erro grave relacionar os papéis de marido e esposa com os papéis de Pai e Filho.[71]

Se o golpe de mestre de Knight foi a expressão *iguais, mas diferentes* e o de Piper foi o termo *complementarista*, a contribuição de Grudem foi esse ensino sobre a analogia entre a Trindade e o casamento. Foi ele quem, em sua *Systematic Theology* de 1994, primeiro levou para o grande público a ideia de Knight, de 1977, de que a Trindade, por toda a eternidade, representava um exemplo bíblico de genuína igualdade como pessoas e de diferença de papéis.[72] Em reação aos que argumentavam que a Trindade era um excelente exemplo do tipo de submissão mútua que eles tinham em vista entre homens e mulheres, Grudem partiu com tudo na direção oposta, argumentando que papéis distintos estão, na verdade,

70. Isso é explícito em sua frase de abertura, que declara: "por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros. Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus…" (Filipenses 2:3-5)
71. Veja este pequeno vídeo para mais detalhes: www.bit.ly/3waFKAs
72. Na verdade, George Knight III, em seu pequeno livro de 1977, "The New Testament Teaching on the Role of Women", foi o primeiro a propor essa analogia, mas Grudem a desenvolveu e a divulgou como teologia formalizada em sua "Systematic Theology", o manual mais usado em seminários e institutos bíblicos do mundo inteiro para resumir o ensino bíblico.

no coração das relações *eternas* dentro da Trindade. Introduziu o termo *Eternal Functional Subordination* (subordinação funcional eterna) para argumentar que, éons antes de o Filho sequer partir em sua missão à terra, ele já era subordinado ao Pai. Era importante para Grudem mostrar que a subordinação do Filho ao Pai não era temporária. Ele argumentou: "Será que o Filho diz ao Pai: 'Não é justo que você esteja no comando só porque é o Pai'? Será que o Filho diz ao Pai: 'Você esteve no comando por quinze bilhões de anos, e agora é a minha vez pelos próximos quinze bilhões'? Não! De jeito nenhum!"[73]

Tim e Kathy Keller parecem não chegar a crer na subordinação *eterna* do Filho, mas ainda assim se tornaram os divulgadores mais populares da ideia de que a Trindade é um modelo do casamento complementarista, chegando a argumentar num livro campeão de vendas que, "visto que os papéis [no casamento] que nos foram atribuídos estão enraizados na natureza das relações dentro da Trindade, certamente não nos cabe mexer na [relação de autoridade e submissão] que Deus pretende para o casamento".[74] Mas, sem o argumento sobreposto de Grudem de que a subordinação do Filho é *eterna*, a analogia dos Keller entre a Trindade e o casamento não se sustenta. Na encarnação do Filho, uma pessoa da Trindade se torna humana por 33 anos e, durante esse período, aceita voluntariamente receber ordens do Pai e do Espírito. Quando colocamos isso contra o pano de fundo de sua igualdade e reciprocidade eternas, vemos a encarnação pelo que ela é: um acontecimento irrepetível na história de toda a realidade. Não é responsável nem adequado tomar esse momento da existência eterna de Deus como a norma permanente e inalterável para os papéis de gênero num casamento humano. Ao contrário do período em que o Filho esteve na terra enquanto seu Pai estava no céu, esposa e marido têm os pés no mesmo chão.

É por isso que Grudem reforçou o argumento. Seguindo-o, a maioria dos teólogos complementaristas passou a falar das relações *eternas* dentro da Trindade como relações de igualdade *e de "papéis."* Outros teólogos complementaristas, como John Starke, Bruce Ware, Rodrick Durst, Malcolm

73. Wayne Grudem, Evangelical Feminism and Biblical Truth, cap. 1.
74. Timothy e Kathy Keller, The Meaning of Marriage, cap. 6.

Yarnell e Michael Ovey, apresentaram modelos da Trindade que enfatizavam a hierarquia, e não a igualdade, como sua característica definidora. "O Pai é a autoridade de Cristo, e sempre foi … Não há Trindade sem a ordem de autoridade e submissão",[75] disse Owen Strachan em seu livro de 2016, *The Grand Design: Male and Female He Made Them*, que ele dedica "a Wayne Grudem … que mostrou a nós e a tantos outros o grande desígnio de Deus em Cristo".

Confiante em seu novo argumento a favor da subordinação feminina, Grudem chegou a apostar tudo nele, dizendo que "uma compreensão correta da Trindade pode muito bem vir a ser o fator mais decisivo para finalmente decidir" sobre a condição e os papéis das mulheres.[76] Em 2016, porém, outros teólogos complementaristas respeitados uniram forças para enfrentar as graves armadilhas da versão de Grudem da Trindade. Para ser justo, o primeiro teólogo a criticá-la foi o mutualista Kevin Giles, em sua obra de 2002, *The Trinity and Subordinationism*.[77] Mas só quando um número suficiente de teólogos complementaristas desafiou a heresia por meio de uma série de posts em blogs e dos debates online que se seguiram, em 2016, é que a doutrina finalmente caiu de modo decisivo. Isso levou a um arrependimento generalizado da ideia não ortodoxa da qual os complementaristas tinham indevidamente se beneficiado durante todos esses anos na defesa de sua posição sobre a hierarquia de gênero. E certamente era preciso arrependimento: a *subordinação funcional eterna* de Grudem segue numa direção semelhante — embora não vá tão longe — à da antiga heresia do *arianismo*, na qual o Filho é, *em sua essência eterna*, inferior ao Pai.[78] Essa heresia foi repudiada pela primeira vez pela igreja primitiva num concílio que afirmou a unidade e a igualdade essenciais nas relações eternas da Trindade. Como disse Liam Goligher num post durante o debate: "Dizer que há

75. Owen Strachan e Gavin Peacock, The Grand Design: Male and Female He Made Them

76. Wayne Grudem, Evangelical Feminism and Biblical Truth, p. 411, nota 12.

77. Kevin Giles, The Trinity and Subordinationism: The Doctrine of God and the Contemporary Gender Debate

78. A "Eternal Functional Subordination" se assemelha a uma espécie de semiarianismo, chamada "homeísmo", em virtude de três coisas: 1) uma dependência excessiva da Trindade econômica nas Escrituras para formular as relações trinitárias imanentes, 2) o que leva a um subordinacionismo robusto, caracterizado por uma hierarquia dentro da Divindade, 3) e, em consequência, a identificar o Filho como possuidor de uma glória e majestade menores que as do Pai." (Michael F. Bird e Scott Harrower, orgs., 2009: "Trinity without Hierarchy: Reclaiming Nicene Orthodoxy in Evangelical Theology," cap. 1.) Matthew Tinkham chama essa heresia de "neossubordinacionismo" — veja www.bit.ly/3PXG1jT

uma primazia real do Pai ou uma subordinação do Filho dentro da Trindade eterna é ter saído da ortodoxia cristã."[79] Até a Gospel Coalition publicou então um artigo que revisitava o ensino de Agostinho sobre a Trindade e mostrava que ele negava a relação de autoridade e submissão como característica das relações eternas dentro da Trindade.[80] Tão radical e abrupta foi a virada de opinião no mundo teológico que hoje é amplamente aceito nos círculos complementaristas conservadores que relações sociais específicas, incluindo o casamento, não devem ser projetadas na vida interior da Trindade.[81] Tendo sido desviados do rumo por Knight e Grudem, muitos estudiosos evangélicos deixaram clara sua rejeição da "narrativa complementarista [sobre a Trindade] enxertada por um pequeno grupo de teólogos para escorar suas afirmações sobre os papéis de gênero" e renovaram seu compromisso com "a fé apostólica e evangélica que confessa um só Deus e três pessoas iguais, [não] distinguidas

79. Fonte: www.bit.ly/3wdix0I Outros estudiosos observaram como Grudem havia confundido a linguagem de "papéis diferentes" com autoridade e submissão. Mas desta vez ele havia projetado na Trindade a sua doutrina de "iguais, mas com papéis (de gênero) diferentes". No entanto, embora um estudo do Novo Testamento mostre Jesus, o Espírito Santo e o Pai "fazendo coisas diferentes", isso não deve ser simplesmente confundido com ideias de autoridade e submissão. Os argumentos de Grudem de que, sem uma hierarquia eterna, não temos como distinguir o Pai, o Filho e o Espírito começaram a parecer muito frágeis. É verdade que o Pai está à frente do planejamento da redenção, enquanto Jesus está à frente da realização da salvação, e o Espírito, da aplicação da salvação. No entanto, esses "papéis" diferentes não indicam hierarquia, ainda que indiquem ordem. Enquanto Jesus estava na terra, recebia instruções do Pai e do Espírito. Quando Jesus voltou para o céu, o Espírito foi enviado pelo Pai e pelo Filho. Mas essa "submissão" de um aos outros é exigida pela colaboração missionária absolutamente singular entre eles; não é sinal de uma hierarquia eterna nas relações entre o Pai, o Filho e o Espírito. Embora o Pai dirija as operações, o Pai está ao mesmo tempo — porque Deus é simultaneamente Pai, Filho e Espírito, que compartilham uma só vontade — realizando suas próprias operações no Filho e no Espírito. Tendo uma só essência, a Divindade compartilha uma só vontade — um fato que não sustenta nenhum discurso significativo de autoridade e submissão em sentido eterno. Talvez a negação mais clara da subordinação atual de Jesus ao Pai esteja em Paulo, que diz em 1 Coríntios 15:28 que "o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos". Segundo esse versículo, Jesus Cristo não está sujeito ao Pai durante a era presente; portanto, não pode ser verdade que ele seja eternamente subordinado. O que exatamente será essa "sujeição" futura, no fim da era, divide os estudiosos. Sugiro que, quando consideramos o contexto dos versículos 24-27, em que se cita o Salmo 8, ela se refere a Jesus em seu papel singular como o verdadeiro Adão, e não à sua natureza como o eterno Filho de Deus. Como o Deus-homem, a divindade que assume em si a humanidade, ele finalmente realizará a unidade escatológica de todas as coisas. Então, a humanidade redimida que ele representa ocupará plenamente o seu lugar como os reis e as rainhas da criação renovada, em submissão — e não mais em rebelião — ao seu Deus, um Deus triúno que, nesse momento, se dará a conhecer maravilhosamente, sem ser obstruído pelo pecado, por Satanás ou pela morte, em todos os assuntos humanos e também em todo o universo.

80. Veja www.bit.ly/3x2GWX6

81. Veja o resumo de Wyatt Graham das cinco razões pelas quais a doutrina da Subordinação Eterna do Filho foi rejeitada nessa época: www.bit.ly/3mCmusv

… por graus de autoridade".[82]

Que avanço maravilhoso! De fato, a única aplicação legítima das relações trinitárias a uma comunidade humana é aquela a que Jesus se referiu em sua oração para que seus seguidores fossem um entre si, da mesma forma que ele e o Pai são um.[83] Quando experimentamos o transbordar do deleite ilimitado do Pai e do Filho um no outro, da honra que um presta ao outro e do amor de um pelo outro,[84] percebemos que *a melhor maneira de retratar a relação entre o Pai e o Filho em nossas comunidades terrenas (e em nossos casamentos) não é por meio de cadeias de comando, mas por meio de laços de alegria, honra e amor mútuos*.[85]

E, no entanto, embora eu aplauda os líderes que reconheceram publicamente seus erros, muito dano já foi feito. Muitas pessoas comuns, incluindo muitos líderes que conheço, foram persuadidas *indevidamente* a aderir ao complementarismo por meio dos livros de Grudem e dos Keller anteriores a 2016, que defendiam um duvidoso paralelo entre a Trindade e o casamento.[86]

O FASCÍNIO DO COMPLEMENTARISMO MODERADO

Algumas igrejas são complementaristas convictas porque entendem plenamente e concordam com o complementarismo original e oficial apresentado por Piper, Grudem e outros. Talvez documentos de posição complementaristas, seminários teológicos e vínculos denominacionais tenham firmado suas convicções. Outras igrejas, porém, como aquela que ajudei a liderar, se identificaram de início como complementaristas porque, bem, acho que não o entendíamos de verdade por completo!

Gosto de pensar que eu jamais teria aceitado todo o complementarismo no pacote de Grudem, contra o qual argumento neste livro. Antes de investigar o

82. Michael F. Bird e Scott Harrower, orgs., 2009: "Trinity without Hierarchy: Reclaiming Nicene Orthodoxy in Evangelical Theology," cap. 1, 2.
83. João 17:21-23
84. Mateus 3:16-17, João 14:31, Lucas 10:21, Romanos 5:5
85. João 13:34
86. Como a "Systematic Theology" de Grudem e os livros dos Keller, "The Meaning of Marriage" e "Jesus, Gender and Justice".

assunto como se deve, enquanto eu acreditava que o complementarismo moderado da minha igreja era, mais ou menos, a mesma coisa que a versão original, eu me sentia bem em me chamar de complementarista.

Mas veja: isso coloca os complementaristas moderados numa posição precária. Eles têm práticas mutualistas, mas afirmam ser complementaristas na teologia. Não é de admirar que os criadores do complementarismo — como Piper, Grudem, Schreiner e Köstenberger — continuem a repudiar essas expressões mais moderadas. Por exemplo, num artigo, Russell Moore lamenta tendências nas comunidades de igrejas complementaristas que supostamente foram enredadas pela cultura feminista, de modo que "as decisões práticas, na maioria dos lares evangélicos, são tomadas por meio de um processo de negociação, submissão mútua e consenso". Ele fala de uma igreja em que uma mulher que ele conhece "não consegue se lembrar de seu pastor ensinando sobre a liderança masculina". Ele teme que "essa teologia de base feminizada esteja borbulhando até chegar à academia e à liderança denominacional".[87] Da mesma forma, Köstenberger adverte contra o mesmo fenômeno na liderança da igreja:

Ansiosos por mostrar que o complementarismo é culturalmente inofensivo, até relevante, eles podem tentar acomodar seu ensino e sua prática à cultura a tal ponto que se tornem quase indistinguíveis do igualitarismo. Mulheres menos militantes podem ser colocadas em posições de liderança por complementaristas para evitar a impressão de uma liderança feminina barulhenta, agressiva ou talvez mais ofensiva, de tipo feminista.[88]

Lendo essas declarações, percebo agora que péssimo complementarista eu era! Na verdade, quando me pergunto como aceitei o complementarismo por tanto tempo na igreja que ajudei a liderar, percebo que foi em grande parte porque éramos simplesmente complementaristas muito *incoerentes*. Não praticávamos o que dizíamos crer. Permitíamos que mulheres pregassem. Não nos limitávamos a nomear presbíteros: falávamos de *casais do presbitério* e explicávamos que, embora tecnicamente só o marido fosse o presbítero, como ele e sua esposa são uma só carne, quando Deus chama um marido, dá uma graça correspondente à

87. Fonte: www.bit.ly/3GL5lom
88. Fonte: www.bit.ly/3CIkVyG

esposa. As esposas participavam das nossas reuniões do presbitério, e suas vozes eram bem-vindas em parte das nossas tomadas de decisão.

Embora eu não possa falar por outros casais, meu próprio casamento também era muito mais igualitário do que Grudem ou Piper gostariam. Nossa teologia sobre as diáconas significava que nos sentíamos à vontade com mulheres liderando homens em vários ministérios e pequenos grupos. Líderes mulheres prosperavam especialmente em nossos ministérios de justiça social. (Se a sua igreja é complementarista e vocês não estão prontos para abandonar o complementarismo, mas sabem lá no fundo que algo pode estar errado nele, recomendo de todo o coração que considerem "fazer concessões" também em alguns desses pontos!)

E, no entanto, ao refletir sobre minha própria trajetória, viver esse tipo de dicotomia entre a posição que se diz ter e a prática real nunca é o ideal. Se o que "sabemos lá no fundo" difere do que dizemos crer, que por sua vez difere de nossas práticas, temos um problema. Devemos a nós mesmos ter uma teologia e uma prática coerentes entre si.

Duvido que eu me tivesse sentido compelido a reexaminar minha posição se três coisas não tivessem acontecido. A primeira é que muitos dos nossos pastores e pregadores começaram a usar a ESV e a *ESV Study Bible*. Embora eu goste da maior parte dessa tradução, eu me pegava fazendo careta toda vez que liam qualquer uma das muitas passagens do Novo Testamento em que um apóstolo falava apenas aos "irmãos", e não, como na NIV, aos "irmãos e irmãs". Quando a ESV foi lançada, recomendei sua Bíblia de estudo — e então muitos de seus leitores começaram a me perguntar por que permitíamos que mulheres pregassem, quando as notas de estudo contestavam isso com ferocidade!

A segunda é que alguns dos presbíteros mais jovens e suas esposas estavam recebendo grande parte de sua formação teológica pelo site pessoal de Piper e pela Gospel Coalition. Muitos deles, embora procurassem respeitar os presbíteros mais antigos, tiveram a coragem de admitir que agora não

acreditavam que as mulheres devessem pregar. Na verdade, uma das nossas dez congregações recebeu permissão para não ter mulheres pregando em sua igreja.

Em terceiro e último lugar, ao longo de muitos anos, nós nos juntamos a um movimento crescente de igrejas e nos envolvemos cada vez mais nele. Esse movimento tinha abraçado plenamente o complementarismo desde os seus primeiros dias. Ao contrário da nossa igreja, porém, a maioria das igrejas desse movimento *de fato* praticava o que pregava. Não havia mulheres pregadoras. Só homens eram ordenados presbíteros. Não se falava de "casais do presbitério". Muitos dos líderes desse movimento expressaram preocupação com as práticas aparentemente igualitárias da nossa igreja — o que era compreensível: tínhamos afirmado ser complementaristas.

Numa ocasião, uma das esposas de pastor mais antigas de todo o movimento visitou nossa igreja e incentivou as esposas dos nossos pastores a permanecerem em sua faixa; ela explicou sua abordagem: "Ele é chamado para liderar a igreja; eu sou chamada para servi-lo." Embora eu tenha certeza de que algumas das esposas naquela reunião se sentiram muito encorajadas por isso, sei que muitas saíram atordoadas. Tendo estado lado a lado, ombro a ombro conosco durante décadas, nossas esposas nunca antes tinham sido vistas como mero apoio conjugal. Cada uma, à sua maneira, tinha dedicado alguns de seus melhores anos a edificar e fortalecer nossa igreja na linha de frente da vida ministerial. Ao mesmo tempo, eu continuava encontrando mulheres feridas que tinham deixado ou estavam deixando suas igrejas nesse movimento porque sentiam que as mulheres eram restringidas no ministério ou não eram ouvidas por seus líderes homens.

Então, em meio a tudo isso, nossa igreja decidiu revisitar o fundamento doutrinário de nossa compreensão de gênero e do presbitério, e comecei a ler de novo os argumentos teológicos e bíblicos de Piper, Grudem e Schreiner.

Como a adepta da Cientologia que gosta de sua religião até o dia em que é convidada a abrir o envelope secreto e descobre que, na verdade, é um thetan aprisionado neste universo, eu gostava do complementarismo até realmente entender alguns de seus ensinamentos internos. Por mais bem-sucedido que o

complementarismo tenha sido em se espalhar pelas igrejas do mundo inteiro, olhando mais de perto ele se parece menos com revelação divina e muito mais com uma sofisticada construção teológica que oculta outra forma de opressão.

O PAVOR DA EXCLUSÃO

Há outro motivo pelo qual o complementarismo prevaleceu em tantas denominações e igrejas como a minha. Um estudo recente sobre *vieses* nas ciências comportamentais mostrou que, na maioria dos casos, *não acreditamos no que é verdadeiro; acreditamos no que não nos fará perder nossas alianças.*[89] Isso pode soar sinistro, mas na realidade trata-se de um viés *inconsciente*. Como pessoas, cristãs ou não, reagimos a toda ideia nova com a mesma pergunta instintiva: "O que vai acontecer com a minha posição social e o meu lugar neste mundo se eu aceitar isso?" Não "Isso é verdade?", mas "O que isso vai fazer com a minha vida?" (Trato disso com muito mais profundidade no *Apêndice 6: Por que os fatos talvez não nos façam mudar de ideia.*)

Pense em como isso pode se desenrolar em igrejas que talvez decidam rever sua doutrina da subordinação feminina. Antes da década de 1960, igrejas e denominações eram geralmente lideradas por homens remunerados — as mulheres não estavam à altura da tarefa, acreditava-se. Quase todas as igrejas tinham essa visão. Então a maioria das igrejas e denominações mudou de opinião de forma bastante abrupta e passou a afirmar que mulheres e homens tinham capacidade igual. Agora o debate era sobre a que conclusão cada igreja ou denominação chegaria: incluir ou excluir as mulheres da liderança e do púlpito.

É claro que, em meio a tudo isso, houve uma busca genuína pela verdade, mas não sejamos ingênuos quanto à natureza humana. Eram principalmente os clérigos remunerados que teriam de decidir a questão, não as pessoas sentadas nos bancos da igreja. Coloque-se no lugar de um líder de igreja daquela época, tentando decidir. Qual é o subtexto de cada pensamento seu? Eu sei bem, pois fui clérigo remunerado a vida toda: "Não quero perder minha posição nesta

89. Dedico o Apêndice 6 ao tema dos vieses cognitivos.

igreja, nem meu emprego." Mais uma vez, não é uma acusação. Não pensar de modo algum no impacto pessoal e nas implicações de nossas decisões coletivas é simplesmente impossível.

O que acontece em seguida, segundo os especialistas em ciências comportamentais, é que surgem alguns *pioneiros*. Neste caso, seriam aqueles que começam a afirmar que se convenceram pelas Escrituras de que as mulheres também podem liderar. O que os demais líderes estão pensando agora? "Bem, admiro sua coragem, mas vou ficar na retaguarda até ver para que lado a maioria vai." É claro que eles não dizem isso — mas entendem intuitivamente que a minoria vai perder seu lugar, e provavelmente seu emprego.

Nessa incerteza, em que a maioria não podia mudar de opinião enquanto não soubesse que a maioria o faria, ecoou uma voz clara e cristalina de duas das estrelas em ascensão do mundo evangélico: "Não deem ouvidos às feministas evangélicas. Elas transigem com as Escrituras, capitulam diante da cultura, destroem a cultura e apagam a diferença entre os sexos. E além disso: somos iguais, mas diferentes; afirmamos a complementaridade; a autoridade masculina e a submissão feminina refletem-se na Trindade; a nossa é a posição histórica; e aqui estão um site, uma tradução da Bíblia, um Conselho, uma conferência, pregadores poderosos e cativantes e obras de referência, caso você ainda tenha alguma dúvida."

Por incrível que pareça, de meados da década de 1960 até o fim da década de 1980 houve um debate saudável e aberto, em que os dois lados discutiam qual era a interpretação mais provável dos poucos textos controversos. Então vieram aqueles que, por meio da *Declaração de Danvers*, afirmaram que os mutualistas negam a autoridade bíblica e preferem distorcer as Escrituras para ajustá-las à sua agenda feminista. Os que contestaram a posição complementarista dizem: "Esse foi o fim de qualquer debate e diálogo sobre o que a Bíblia realmente diz."[90]

Os esforços e a mensagem dos complementaristas foram tão astutos e hábeis politicamente que conquistaram com facilidade os indecisos. No debate, os

90. Veja Kevin Giles, What the Bible Actually Teaches on Women, cap. 2. Giles, que está na linha de frente do debate desde meados dos anos 1970, conta essa história.

opositores ferrenhos da inclusão das mulheres agora estavam totalmente convencidos. Os que estavam no meio, ansiosos por manter seu lugar no mundo, viram a decisão ser tomada por eles. E os clérigos não complementaristas, a não ser que tivessem a sorte de estar numa igreja ou denominação igualitária, tiveram de passar à clandestinidade ou sair e recomeçar em outro lugar — uma provação dolorosa em qualquer dos casos.

Esse pavor da exclusão é tão forte que tem o poder de ensurdecer e cegar. Quando leio os pouquíssimos estudiosos complementaristas encarregados de resenhar obras de quem está fora do seu próprio campo, fico admirado, vez após vez, com o tom desdenhoso deles, com a surdez diante do que está sendo dito, com a fragilidade aparente de seus argumentos. No entanto, são justamente esses homens, encarregados de criticar obras que desafiam sua visão, que geralmente ocupam a mais alta liderança acadêmica de suas denominações, seminários e organizações complementaristas. Veja os seis seminários da Convenção Batista do Sul nos Estados Unidos: todos os anos, *os professores precisam assinar a Declaração de Danvers para manter o emprego*. Todo. Ano. Não há espaço para dúvida no assunto. Foi assim que, com seus autores ainda vivos, o complementarismo chegou a ser tido como verdade inquestionável.

Ainda assim, líderes e teólogos continuam deixando o rebanho complementarista. Se o silêncio é o preço de ter um lugar à mesa, talvez seja um preço alto demais. Beth Moore, ela mesma por muito tempo a principal personalidade feminina da Convenção Batista do Sul, passou recentemente a enxergar essa infeliz confusão entre complementarismo e autoridade bíblica em sua denominação e a deixou publicamente. Há pouco tempo, ela desafiou os criadores desse sistema: "Não podemos participar da construção de um sistema e depois ficar sentados à nossa escrivaninha, alheios ao que várias pessoas estão fazendo em nome dele. Se você ajudou a construir algo que se transformou num Frankenstein, vá buscar seu laço, Victor, e traga esse monstro de volta."[91] Continuam a ser publicados livros de grande sucesso, escritos por ex-complementaristas especialistas em sua área acadêmica, que defendem o mesmo

91. Veja o feed de Beth Moore no Twitter em 8 de abril de 2020.

ponto.[92] Se algum dia houve um momento para abandonar essa teologia caída e fracassada, o momento é agora.

Deixando de lado a história do complementarismo, é hora de mergulharmos nos principais textos bíblicos. Ao fazermos isso no próximo capítulo, logo descobriremos onde o complementarismo erra — e isso começa logo no princípio …

92. Mais recentemente, Beth Allison Barr, em "The Making of Biblical Womanhood", e Kristin Du Mez, em "Jesus and John Wayne: How White Evangelicals Corrupted a Faith and Fractured a Nation".



4

Uma parceria feita no paraíso

"Eva não é nem superior nem inferior, mas igual a Adão. Ela é uma metade de uma polaridade, um polo Sul para um polo Norte. Ela é a aliada mais forte dele na busca dos propósitos de Deus, o primeiro obstáculo dele quando ele sai do rumo." Victor Hamilton[93]

Quando o pinguim Mano, em *Happy Feet*, encontra o oráculo Lovelace, percebe um plástico enrolado em volta do pescoço dele. Lovelace insiste que se trata de seu "talismã sagrado", dado a ele pelos "seres místicos",[94] e, portanto, a base de seus poderes. É claro que nós sabemos o que Mano apenas desconfia: o que está no pescoço dele é um pedaço de lixo em que ele deve ter se enroscado ao nadar quando era um pinguim mais novo. Quando Mano e seus amigos excêntricos o reencontram, Lovelace está com dificuldade para respirar e falar.[95] Mano conclui: "Essa coisa no pescoço dele está apertada demais. Está sufocando ele!" No início, Lovelace tira algum tipo de poder do pedaço de plástico, mas só quando se dá conta de quanto ele é destrutivo e limitador é que finalmente consegue se livrar dele. Não é uma bênção, mas uma maldição.

Da mesma forma, o patriarcado "cristão", que o complementarismo diz ser o resultado do "bom desígnio de Deus" em Gênesis 2-3, pretende ser um talismã da verdade, um princípio divino de autoridade masculina e submissão feminina que, aplicado no lar e na igreja, traz a bênção de Deus. Como vou lhe mostrar neste capítulo, ele não faz parte, de modo algum, do propósito mais elevado de Deus para as relações entre homens e mulheres — nem no lar, nem na igreja,

93. Victor Hamilton, The Book of Genesis: Chapters 1–17, p. 181.
94. Veja este trecho em vídeo da cena: www.bit.ly/3BzJGvK
95. Veja este trecho em vídeo da cena: www.bit.ly/3mCpcyb

nem em qualquer outro lugar. Pelo contrário, é o resultado de relações entre homem e mulher corrompidas e sufocadas num mundo caído.

O enredo das Escrituras começa num jardim, onde os propósitos de Deus para a humanidade e a criação estão gloriosamente à vista. Então se instala o caos. Satanás tenta Eva e Adão a abrir mão de sua alta dignidade como portadores da imagem de Deus. Felizmente, a redenção chega mais tarde em Jesus, a verdadeira imagem de Deus, que enfrenta a tentação de Satanás, também num jardim, mas desta vez resiste às suas mentiras. A história termina quando aquilo que Jesus começou em sua primeira vinda, ele completa na segunda — trazendo uma esplêndida cidade-jardim na qual seus propósitos originais para a humanidade e a criação triunfaram. A teologia cristã não pode ser separada da grande história do mundo. Se a redenção final é a restauração da criação original, precisamos entender corretamente o começo das coisas. É por isso que a investigação teológica dá tanto peso aos capítulos iniciais (e finais) da Bíblia. É por isso que a Declaração de Danvers, o manifesto complementarista, começa onde a Bíblia começa, oferecendo estas afirmações:

Tanto Adão como Eva foram criados à imagem de Deus, iguais diante de Deus como pessoas e distintos em sua masculinidade e feminilidade. … As distinções entre os papéis masculino e feminino são ordenadas por Deus como parte da ordem criada e deveriam encontrar eco em todo coração humano. … A liderança de Adão no casamento foi estabelecida por Deus antes da Queda e não foi resultado do pecado.

Depois de cada uma dessas frases, a Declaração apresenta textos-prova, sobretudo e da forma mais repetida versículos de Gênesis 1-3. Na verdade, um único versículo é usado para sustentar as três afirmações — um versículo que carrega peso doutrinário como poucos: "Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea" (Gênesis 2:18).

Com base nessa leitura de Gênesis 1-3, e de 2:18 em particular, os complementaristas passaram a defender a "liderança masculina" no lar, na igreja

e também na sociedade em geral,[96] na qual as mulheres, embora "iguais em dignidade e valor", *ainda assim precisam se submeter aos homens que exercem autoridade.*[97] De fato, dezenove dos vinte e dois autores de *Recovering Biblical Manhood and Womanhood* baseiam seu argumento a favor da subordinação feminina na criação ou na ordem da criação.

Embora poucos de nós hoje contestem que a Bíblia ensina igual dignidade entre homens e mulheres, a questão é se devemos contestar a ideia de que a autoridade masculina e a submissão feminina fazem parte da criação antes da Queda. Vamos dedicar este capítulo inteiro a descobrir isso.

Gênesis 1 — O rei e a rainha da criação

Gênesis contém dois relatos da criação, um em Gênesis 1 e outro em Gênesis 2. Cada um apresenta uma ordem diferente dos acontecimentos e ênfases temáticas diferentes, mas eles são mantidos juntos por algumas ideias em comum. No primeiro capítulo, os seres humanos são a criação de Deus no sexto dia: "Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. … Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou."

Nos primeiros cinco dias da criação, Deus ordena: "Haja …", mas aqui ele diz: "Façamos … à nossa imagem." Nesse ato criador final, os seres humanos são, sem dúvida, o ápice da sua criação. Nem os anjos, nem as galáxias, nem qualquer uma das criaturas sencientes que percorrem o nosso planeta trazem a sua imagem. O que significa trazê-la?

Significa que fomos feitos para representar Deus. Como temos uma relação única com Deus e uma relação única com o mundo maravilhoso em que nos

96. Nem todos os complementaristas dizem que a autoridade masculina se estende à sociedade em geral, embora alguns dos principais, como John Piper e Andreas Köstenberger, certamente o digam. Como diz este último: "Insistir que as mulheres podem se dedicar a qualquer atividade fora do lar sem nenhuma ou com mínima preocupação com o propósito específico de Deus na criação para cada sexo. Isso é contrário ao ensino bíblico e profundamente problemático." (Fonte: www.bit.ly/3by3zsy)

97. Os Keller afirmam isso mesmo: "A autoridade terna e servidora da liderança do marido e o dom forte e gracioso da submissão da esposa nos restauram àquilo que fomos feitos para ser na criação." (Tim e Kathy Keller, The Meaning of Marriage, cap. 6.)

encontramos, estamos entre Deus e sua criação como representantes de ambos. Representamos a criação como sacerdotes da criação, dando voz, em nome do restante da criação, à adoração inarticulada que ela presta ao seu Criador. Representamos Deus como vice-regentes da criação, refletindo o bom caráter de Deus para toda a criação. Não apenas sozinho, mas com a humanidade e por meio dela, Deus planeja exercer cuidado e liderança sobre a criação. É por isso que o nosso "domínio" deve refletir o caráter de Deus. É mais útil pensar na imagem que trazemos como uma tarefa que nos foi confiada de modo singular do que como algum tipo de marca inerente escondida no mais profundo da nossa alma. N.T. Wright capta bem essa ideia quando diz que devemos ser um "espelho inclinado: acerte o ângulo, e você poderá ver coisas que de outra forma lhe seriam invisíveis. Nossa vocação como portadores da imagem é refletir informações sobre Deus às pessoas ao nosso redor pela maneira como vivemos e agimos."[98]

Observe especialmente a igualdade fundamental entre homens e mulheres, entre o masculino e o feminino. Num mundo em que os homens desvalorizaram as mulheres, esta passagem traz uma palavra corretiva, ao ligar o valor do Deus à cuja imagem a mulher é feita ao valor da própria mulher. Não apenas os homens: *ambos* somos criados à imagem de Deus, para *ambos* representarmos o amor, a sabedoria e o poder de Deus diante de tudo o que as suas mãos fizeram.

Também disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra. …" E Deus os abençoou e lhes disse: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra." (Gênesis 1:26-28)

Duas maneiras pelas quais abençoamos o mundo são gerar filhos e cuidar da terra como mordomos. Juntos, tanto o homem como a mulher, fomos criados para refletir a semelhança de Deus, recebemos autoridade sobre o reino animal e fomos encarregados de povoar o planeta com mais pessoas que se juntarão a nós para *edenizar* cada vez mais a boa criação de Deus.

98. Citado em Alice Mathews, Gender Roles and the People of God, cap. 13.

Observe especialmente que, embora homens e mulheres possam ter aparência diferente e um seja capaz de dar à luz e amamentar bebês e o outro não, *esta passagem não cria dois conjuntos diferentes de instruções para homens e mulheres*. Não apenas os homens, mas também as mulheres recebem autoridade como vice-regentes de Deus, o que é um aspecto da nossa plena humanidade. *São necessários homens e mulheres juntos para refletir a imagem completa de Deus. Essa é a bênção de uma aliança.* O que quer que seja próprio de cada sexo, biológica ou psicologicamente, o ponto é que cada um de nós traz tudo o que é para toda a vocação que Deus tem para nós como raça humana. Deus não estabelece um domínio "masculino" como seu padrão e plano para a humanidade. Não, homem e mulher juntos trazem a imagem de Deus. "Somente esse tipo de participação compartilhada na representação do reinado de Deus diante do mundo é capaz de fazer justiça ao Deus cuja imagem trazemos."[99]

Na verdade, a ideia de Deus de criar uma *união* perfeita entre homem e mulher surge como uma surpresa no fluxo do capítulo. Nos dias anteriores da criação, Deus imprime ordem num mundo caótico *separando* o firmamento, as águas e a terra. Até as estrelas demarcam tempos *distintos*, e dias e anos, e o sol governa o dia, enquanto a lua é a sentinela da noite. Quando os seres humanos recebem a liderança sobre o restante da criação, todos e tudo "sabem o seu lugar". Mas, quando chega a criação do homem e da mulher, ele para de traçar limites e, em vez disso, une-os como parceiros plenos, *sem o menor indício de papéis baseados no sexo ou de hierarquia*. Deus poderia ter dito a Adão: "Você sujeita a terra", e a Eva: "Você cria os filhos." Em vez disso, ele enfatiza a plena colaboração deles como cogenitores, cossacerdotes e corregentes. Mais tarde na história, nós, humanos, escolheremos uns poucos para serem reis e rainhas, mas a designação original de Deus para toda mulher e todo homem é ser rainha e rei.

Este capítulo inaugural do Bom Livro de Deus emoldura cada capítulo posterior e o restante da história. Pelo menos até aqui, não há papéis de gênero revelados por Deus. Não se falou de um sexo ter autoridade sobre o outro. Homens e mulheres governam juntos a terra de Deus — uma aliança que C.S. Lewis

99. Sarah Bessey cita J. R. Daniel Kirk dizendo isso em "Jesus Feminist", cap. 5.

retrata lindamente quando Edmundo, Susana, Pedro e Lúcia se sentam nos quatro tronos de Nárnia.

"Tudo muito bem até aqui", diz o complementarista. "Espere até chegarmos aos capítulos dois e três, o segundo relato." Nas últimas décadas, os complementaristas montaram uma lista considerável de argumentos a favor da suposta liderança de Adão sobre Eva antes da Queda. Vou expor esses argumentos e responder a cada um deles, mostrando que nenhum está explícito no texto. Mesmo assim, essa lista é tão persuasiva para quem a ouve pela primeira vez que a pessoa supõe que o caso está encerrado. Conheço o poder dessa lista: inspirado por uma série de sermões feita pelo então famoso pastor-teólogo e pregador de megaigreja Mark Driscoll, cheguei a pregar alguns dos pontos dessa mesma lista. Como professor da Bíblia que afirma "ensinar a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade", olho hoje para trás com bastante pesar por ter me deixado levar por essa abordagem forçada dos capítulos iniciais da Bíblia.

Neste capítulo, vou listar as cinco inferências mais destacadas que diversos pregadores e estudiosos complementaristas usam para tentar provar a liderança de Adão sobre Eva antes da Queda. No Apêndice 2, rebato outros seis argumentos.

1º argumento: Primeiro foi formado Adão, depois Eva

O complementarista argumenta que *em Gênesis 2 Adão foi criado primeiro e Eva depois, e isso mostra que o homem é o líder da mulher. De fato, Paulo, em 1 Timóteo 2:13, chamou a atenção para esse fato: "Porque, primeiro, foi formado Adão, depois, Eva."*

Vou examinar a fundo as palavras de Paulo a Timóteo no capítulo 7. Por enquanto, observe que Paulo não diz: "Adão estava no comando de Eva", que é apenas uma das interpretações do que Paulo quis dizer. Com base numa leitura cuidadosa de 1 Timóteo 2, apresentarei outras duas no capítulo 7. Seja o que for que Paulo quis dizer em 1 Timóteo 2, Gênesis 2 deve primeiro ser lido à sua própria luz. Mesmo que suponhamos que Paulo usou Gênesis 2 para apoiar a subordinação feminina (estou certo de que não usou), isso não significaria

necessariamente que Gênesis 2 em si ensina isso. Douglas Moo explica que os escritores do Novo Testamento às vezes usam passagens do Antigo Testamento não como leituras ou provas definitivas, mas como argumentos *ad hoc*, ou veículos de expressão, para sustentar o ponto que estão defendendo.[100]

Deus poderia ter criado os dois sexos simultaneamente, mas não o fez. Por quê? Uma resposta se destaca: Adão é formado primeiro e depois Eva porque *Deus quer mostrar a Adão (e a seus filhos) quão desesperadamente sozinho, incompleto e insuficiente ele é sem Eva (e suas filhas) — a criação final de Deus*. Em Gênesis 1, depois da gênese de mares e sementes, estrelas e vida marinha, aves e animais, vem a coroa da criação de Deus: "o homem … homem e mulher". Observe que esse mesmo senso de expectativa crescente ocorre no capítulo seguinte, quando o ato final de gênio criativo de Deus dá ao Éden — com toda a sua flora, sua fauna e seu único homem já no lugar — uma mulher deslumbrante. Em paralelo ao crescendo das criações em Gênesis 2, cresce em Adão um anseio cada vez mais profundo por sua contraparte. Nenhum dos animais (e ele passa por todos eles!) acaba sendo sua alma gêmea. Mas, quando encontra o maior presente de Deus, a única criatura feita de material já vivo, ele irrompe numa canção de amor que começa com as palavras culminantes: "Esta, afinal …!" (*Zōt happa'am … !*)

Uma leitura direta de Gênesis 2, portanto, não progride da autoridade masculina para a submissão feminina, mas da incompletude humana para uma união e parceria profundas. Mesmo assim, os complementaristas parecem determinados a ler *mais* na passagem. Veja, por exemplo, James Hurley, que em 1981 apresentou o argumento de que os primeiros leitores teriam entendido a prioridade de Adão como sua autoridade por causa da antiga ideia de *primogenitura*, segundo a qual o filho mais velho de uma família herdava o dobro da parte da herança recebida por seus irmãos e assumia a liderança da família.[101] Mas Adão não "nasceu", e Eva não era sua irmã. E em nenhum lugar das Escrituras a primogenitura é aplicada à ordem da criação ou às relações entre marido e mulher.

100. D.A. Carson (ed) Hermeneutics, Authority and Canon, p. 188
101. Man and Woman in Biblical Perspective, Zondervan, p. 207

As culturas altamente patriarcais que cercavam Israel tinham suas próprias histórias da criação, como a história mesopotâmica de Atrahasis, na qual Tiamat é descrita e existe antes de Marduk, e mesmo assim o patriarcado continuava a ser defendido naquela cultura.[102] É evidente que, para os antigos leitores de várias histórias da criação, o fato de o homem ou a mulher ter vindo primeiro não tinha nenhuma influência sobre seus pressupostos acerca da hierarquia. Além disso, o restante do livro de Gênesis mostra Deus invertendo propositalmente a primogenitura presente na cultura antiga e abençoando, em vez disso, os nascidos depois com autoridade de liderança (Jacó sobre Esaú, José sobre seus irmãos).

2º argumento: A mulher foi feita "do homem" e "para o homem"

Paulo diz isso mesmo em 1 Coríntios 11:8-9. Embora só examinemos 1 Coríntios 11 a fundo no capítulo 6, por ora lembremos que ele qualifica os versículos 8-9 com os versículos 11-12: "No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher. Porque, como provém a mulher do homem, assim também o homem é nascido da mulher."

Em 1 Coríntios 11, ao mesmo tempo que sustenta a complementaridade entre homem e mulher, *Paulo não defende a subordinação das mulheres aos homens. Pelo contrário, ele enfatiza a honra mútua que mulheres e homens devem dar uns aos outros.* E com razão — o fato de Eva ser "de" Adão retrata o homem como a fonte digna de honra da mulher; o fato de Eva ser "para" Adão significa que a mulher é o complemento digno de honra do homem. A lição para o leitor e para a leitora é a mesma: Deus fez cada sexo para estimar o outro e ser interdependente dele.

Eva foi feita "para" Adão, que era insuficiente sozinho. Isso não significa que ele tenha autoridade sobre ela, assim como não seria o caso se eu contratasse um professor particular "para" o meu filho — o professor dele não seria, por isso, seu subordinado.[103]

102. Conforme argumenta Richard Hess em "Discovering Biblical Equality", cap. 4.
103. Agradeço ao meu amigo Andrew Bartlett por esta analogia — ele a usa numa crítica a Mike Winger.

O Criador que faz Eva "de" Adão é o único que tem autoridade sobre ela. A criação de Eva não foi como a geração de um filho. Um filho pode vir do nosso corpo, no sentido de que ele "pertence" a nós e está, inicialmente, sob a nossa autoridade. A gênese de Eva é diferente. Seu primeiro contato é com o seu Criador. Ela conhece Deus antes de conhecer sua contraparte. O homem não participa nem dá conselhos na criação dela. Ele dorme enquanto ela é formada. Ela lhe é apresentada já inteiramente feita.

Atribuir ao homem autoridade sobre ela porque ela foi feita de uma parte do corpo dele significaria que Adão teria de chamar o solo de seu senhor, pois ele foi feito do pó. Além disso, se tanto o homem como a mulher são atos diretos, pessoais e intencionais do Criador, podemos perguntar o que Gênesis 2 diz sobre *o motivo de ela ser feita dele e não do solo*. Mais cedo no capítulo, Deus forma da terra não só Adão, mas também animais e aves. Se Deus tivesse criado Eva da mesma forma, o que a ligaria especificamente a Adão? O fato de ela ter sido feita dele é exatamente o que impressionou Adão em Eva, quando ele declara que ela é osso dos seus ossos e carne da sua carne.

Falando do lado dele, os tradutores que optam por "costela" quase certamente estão errados. Quase todos os outros usos da palavra hebraica *tsela* se referem ao "lado" de alguma coisa, geralmente a uma de suas metades.[104] Ela é feita do lado dele. Em 1157, pouco antes de se tornar arcebispo em Paris, Pedro Lombardo, um raríssimo dissidente do antigo patriarcado, comentou com razão este versículo: "Eva não foi tirada dos pés de Adão para ser sua subordinada, nem da cabeça dele para ser sua senhora, mas do seu lado para ser sua parceira."[105]

3º argumento: "Chamar-se-á varoa"

Grudem argumenta que, quando Adão encontra Eva e diz: "chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada", ele lhe está dando um nome, o que é importante, diz Grudem, porque, assim como Deus exerce domínio sobre a

104. Veja www.bit.ly/3mH7w4E
105. Peter Lombard, The Sentences

criação ao dar-lhe nomes, também Adão mostra sua liderança sobre os animais ao dar-lhes nomes, e assim Adão demonstra sua autoridade sobre a mulher ao dar-lhe um nome.

Calma lá. É verdade que a mesma palavra para "chamar" ou "dar nome" (*kara*) é usada para Deus dando nome às coisas em Gênesis 1 ("dia", "noite", "céus", "terra" e "mares") e para Adão dando nome aos animais e às aves (Gênesis 2:19-20). Mas a atividade de classificar uma coisa ou espécie não é automaticamente uma expressão de autoridade — a menos que já esteja estabelecido que quem dá o nome tem autoridade sobre aquilo.[106] Por exemplo, apenas 13 capítulos depois,[107] Agar, uma serva, *dá um nome a Deus ao descobrir algo sobre ele.* Ela certamente não tem autoridade sobre Deus. Assim, o fato de Adão chamar a mulher de "varoa" não é necessariamente prova de hierarquia.

O que isso prova é que ele discerne a categoria singular dela — alguém como ele mesmo. Nas línguas antigas, os nomes eram descrições da coisa, da pessoa ou da espécie que recebia o nome. O fato de o varão (*ish*) em Gênesis 2 chamá-la de "varoa" (*ishsha*) torna especialmente improvável que ele esteja exercendo autoridade. *Observe a semelhança entre os substantivos* — Adão reconhece que ela, ao contrário dos animais, é alguém como ele e uma companheira adequada. *Enfatiza-se a semelhança dela, não a sua submissão.* Dizer "Você é aquela que é como eu e você me completa" dificilmente é o mesmo que dizer "Eu mando em você". É improvável que devamos perceber uma cadeia de comando entre homem e mulher nesta passagem, especialmente no exato momento em que Adão está extasiado — depois de passar pelo longo desfile circense de animais, ele finalmente encontrou a pessoa certa.

Além disso, poucos tradutores sequer consideram a palavra "varoa" (mulher) um nome próprio. Trata-se, antes, de um substantivo comum que todos os leitores antigos conheciam, uma simples designação do sexo feminino. Somente

106. "Quando Deus confere um nome a algo, ele o faz na sua qualidade de soberano governante, mas *qārā'* por si só não sugere superioridade. Por isso, é forçar a questão sugerir que, ao dar nome aos animais, o homem exerce soberania sobre eles. Para que isso ficasse claro, seria preciso um paralelo ao 'sujeitai' e ao 'dominai' do cap. 1. … Ao atuar como aquele que dá nomes, o homem demonstra uma capacidade de discernimento." (Victor Hamilton, New International Commentary on the Old Testament)

107. Ela deu este nome ao SENHOR, que lhe falava: "Tu és o Deus que me vê." (Gênesis 16:13)

em Gênesis 3:20 Adão "deu nome" (uma palavra diferente: *vaiyokra*) à sua mulher, Eva. O fato de esse ato de dar nome acontecer depois da Queda significa que não podemos concluir nada a partir dele sobre a suposta hierarquia nas relações antes da Queda.

4º argumento: "Onde estás?"

Depois que o casal come o fruto proibido, os dois se escondem no jardim, e então Deus chama o homem: "Onde estás?" (Gênesis 3:9) Mas por que Deus se aproxima só do homem e não também da mulher? Os complementaristas deduzem que Deus, ciente do pecado, pede contas a Adão. Afinal, segundo esse argumento, Deus havia deixado apenas Adão no comando.

Mas não é nada assim que a interação acontece. Ele não diz: "Que fizeste!", mas: "Onde estás?" Nos capítulos dois e três de Gênesis, o escritor apresenta Deus de forma antropomórfica. Deus anda no jardim. Ele faz Adão com as próprias mãos. E aqui ele tem uma curiosidade genuína sobre por que não consegue encontrá-los. É claro que, teologicamente, podemos afirmar que Deus é transcendente e sabe todas as coisas, mas neste relato destaca-se a capacidade de Deus para um relacionamento genuíno conosco, e isso exige que ele faça perguntas com real curiosidade. De fato, diante da resposta de Adão, ele faz mais duas perguntas: "Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?" (v. 11). Sua missão de averiguação continua quando ele pergunta algo a Eva (v. 13).

Resta a pergunta: por que Deus fala com Adão primeiro, e só com Adão? A resposta pode estar em perceber um recurso literário que o narrador usa com maestria ao longo de toda a narrativa do jardim: *Deus só fala com Adão, Eva e Satanás um de cada vez.* Há uma ordem específica em todas essas interações em Gênesis 3: a serpente engana a mulher, que desencaminha o homem. Por sua vez, Deus se dirige ao homem, que culpa a mulher, depois à mulher, que culpa a serpente. Por último, Deus anuncia as consequências para a serpente, depois para a mulher e então para o homem. A ordem é: serpente, mulher, homem;

homem, mulher, serpente; e serpente, mulher, homem. Se Deus tivesse falado primeiro com a mulher, ou com o homem e a mulher ao mesmo tempo, o recurso literário teria sido prejudicado.

O fato de Deus interrogar Adão e depois Eva também permite que a reação em cadeia das acusações se desenrole — revelando assim a falta de arrependimento deles, bem como o efeito danoso do pecado sobre o relacionamento do casal.

Por fim, qualquer argumento de que a ordem em que Deus fala indica seu reconhecimento de uma cadeia de autoridade desmorona quando as duas rodadas da interação de Deus com os três são colocadas lado a lado. Depois das entrevistas iniciais de Deus com o homem, que aponta para a mulher, e depois com a mulher, que acusa Satanás, ele declara as consequências a cada um dos três — mas desta vez inverte a ordem e se dirige a Adão por último. Quem argumenta que o fato de Deus se dirigir primeiro (ou por último) a Adão significa algo sobre uma suposta hierarquia precisa explicar por que isso não significa nada disso quando ele também fala com ele por último (ou primeiro).

5º argumento: Ezer kenegdo

"Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea."[108] Este versículo é o principal argumento que muitos usam para defender que as mulheres devem estar sob liderança masculina como parte do desígnio bom e original de Deus. Como eu disse antes, a Declaração de Danvers, cuja primeira versão foi redigida por John Piper, faz dez afirmações "doutrinárias" sobre o papel de homens e mulheres e usa este único versículo como texto-prova para *nada menos que quatro* dessas afirmações. John Piper explica como entende o versículo: "Deus nos ensina que a mulher é a 'auxiliadora' do homem no sentido de uma assistente leal e adequada na vida do jardim."[109] De modo semelhante, George Knight diz: "É simplesmente apropriado … afirmar que, se um ser humano é criado para ser o auxiliador de outro ser humano, aquele que recebe essa ajuda tem certa

108. Gênesis 2:18
109. John Piper e Wayne Grudem (eds), Recovering Biblical Manhood and Womanhood, p. 79

autoridade sobre aquele que é seu auxiliador."[110]

Mas Knight e Piper erram ao concluir isso. É claro que um auxiliador pode ser um inferior, *mas também pode ser um igual ou até um superior*. O que seria das crianças sem a "ajuda" de suas mães, ou dos alunos sem a "ajuda" de seus professores? O que é particularmente fascinante, porém, é que *a palavra nunca denota subordinação no Antigo Testamento.* De fato, a palavra traduzida como "auxiliadora" (hebraico: *ezer*) é usada predominantemente na Bíblia para *Deus* ajudando o seu povo. Das 19 ocorrências de *ezer* no Antigo Testamento fora de Gênesis 2, ela é usada 16 vezes para Deus[111] em sua relação com Israel como "auxiliador" e três vezes para designar apoio militar, como reforços sem os quais uma batalha estaria perdida. *Em 18 das 19 ocorrências, aquele que é ajudado não é o líder de quem ajuda.*[112] Em oito desses usos, o "auxiliador" é um "salvador", "protetor" ou "libertador". Nas demais ocorrências, a natureza da ajuda é uma oferta de força, muitas vezes de natureza militar. Ser *ezer* de alguém, então, é suprir o que lhe falta oferecendo a própria força ou intervenção.

Por esse motivo, a palavra "auxiliadora" (em inglês, "helper") é irremediavelmente inadequada para transmitir o verdadeiro sentido da palavra *ezer*. Em nossos dias, a ideia de "auxiliar" geralmente sugere um subordinado menos qualificado, como o aprendiz de uma eletricista que lhe passa a chave de fenda certa. Ela provavelmente conseguiria fazer o trabalho sozinha, mas ter alguém para ajudar nas tarefas menores é vantajoso. Não! *Ezer* deveria ser traduzida como "auxiliadora forte", ou melhor ainda, "parceira" — como fazem muitas traduções, como a REB, a NAB, a NRSV e a CEV.

De que maneira, então, Eva ajuda Adão? Alguns complementaristas usam este versículo para dizer que ela o ajudava sendo mãe dos filhos dele e também dona de casa. Mas isso está longe de ser a principal maneira como ela ajuda Adão em Gênesis 2, onde se dá o sentido primordial: "Não é bom que o homem esteja

110. George Knight, The New Testament Teaching on the Role Relationship of Men and Women, p. 43

111. Veja Êxodo 18:4; Deuteronômio 33:7, 26, 29; Salmos 20:2; 33:20; 70:5; 89:19; 115:9, 10, 11; 121:1, 2; 124:8; 146:5; e Oseias 13:9.

112. A única exceção talvez seja Ezequiel 12:14, onde se fala do rei da Caldeia, que não tem ninguém ao seu redor para ajudá-lo na batalha. Ainda assim, o que se enfatiza nessa passagem não é a autoridade do rei sobre esses auxiliares, mas o seu total desamparo sem eles.

só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea." *Ela o ajuda resgatando-o de sua solidão.* Ela é sua companheira. Além disso, uma reflexão um pouco mais ampla indica que ela se associa a ele para fazer o que já sabemos de Gênesis 1: os dois portadores da imagem receberam a missão de refletir Deus para o mundo e de povoar e edenizar o planeta.[113] Eva também deve ser parceira de Adão na tarefa que lhe foi dada de cuidar do jardim.

Em essência, ela não é criada para servi-lo, mas para servir ao lado dele. Se houver alguma dúvida, basta considerar a palavra traduzida como "idônea" (hebraico: *kenegdo*). Ela não é apenas sua *ezer*, ela é sua *ezer kenegdo*. O que significa essa palavra? Acontece que "idônea" (em inglês, "suitable") é uma tradução tão inadequada de *kenegdo* quanto "auxiliadora" é de *ezer*. *Kenegdo* é uma expressão composta que significa *semelhante e oposta a ele*. "Homem e mulher são como duas peças de um quebra-cabeça que se encaixam", diz Kathy Keller, "porque não são exatamente iguais nem aleatoriamente diferentes, mas são diferenciados de tal modo que juntos podem formar um todo completo."[114]

Ela é sua parceira e aliada indispensável. O que falta ao homem, a mulher possui e supre. Ela não é uma mera ideia tardia nem uma assistente opcional de um homem independente e autossuficiente. Ela é sua companheira, seu complemento, sua contraparte e sua colaboradora.

Se ele está em guerra, ela é sua companheira de combate. Se ele *edeniza* o mundo, ela é sua colaboradora. Se ele cria filhos, ela é cogenitora.[115] Essa relação entre o primeiro homem e a primeira mulher é definida pelo apoio mútuo, pela apreciação mútua, pelo compartilhamento das próprias forças para complementar o outro e pelo reconhecimento do que é igual e do que é diferente no amigo mais próximo. Deus sabia que não era bom que nós, filhos,

113. Alguns estudiosos observam que a palavra *ezer* antecipa a ajuda suprema que ela dará aos homens: no capítulo seguinte, somos informados de que o "descendente" de Eva resgatará a raça humana, incluindo todos os homens. Num interessante jogo de palavras, a palavra hebraica para "semente" (descendência) em Gênesis 3:15 soa parecida com ezer. Nesse sentido, ela é a salvadora dele, porque dará à luz o Salvador do mundo.
114. Tim e Kathy Keller, The Meaning of Marriage, cap. 6.
115. Na verdade, ser *ezer kenegdo* de alguém implica que essa pessoa é o mesmo para você. Aquele a quem você deve ajudar também é o seu semelhante-oposto, seu coedenizador, coportador da imagem, cogenitor e companheiro de combate, tanto quanto você o é para ele, trazendo quaisquer forças que ele tenha e de que ela também precisa para se completar.

irmãos, maridos e amigos, estivéssemos sós; por isso nos deu nossas melhores aliadas, presenteando-nos com filhas, irmãs, esposas, amigas e colegas de trabalho. Não mais deixados a fazer sozinhos a obra de Deus — em nosso lar, na igreja ou no mundo —, homens como eu podem agora, com alegria, humildade e gratidão, estar ao lado de nossas parceiras e companheiras de luta. É isso que Gênesis 2:18 significa.

Você consegue ver como isso mina o complementarismo? Quatro das afirmações "doutrinárias" da Declaração de Danvers ficam cambaleando se tiverem sido construídas (como creio) sobre uma interpretação falha de Gênesis 2:18 como seu texto-prova recorrente. Talvez Gênesis 2:18 seja uma "auxiliadora inidônea" para o complementarismo! Piadas exegéticas sem graça à parte, espero que você consiga ver por que procurar sinais de liderança masculina sobre a mulher no mundo de Gênesis antes da Queda está se mostrando uma busca inútil.

Exemplos de eisegese

Quando se trata de interpretação, a *eisegese* deve ser evitada. Não devemos injetar numa passagem um sentido que nem o autor humano nem o autor divino colocaram ali. Antes, devemos fazer uma boa *exegese* e discernir o seu sentido correto.

Quando li Gênesis pela primeira vez, na adolescência, não notei nada sobre a autoridade de Adão sobre Eva até Gênesis 3:16. Mas, depois que ouvi algumas das cinco inferências que abordei neste capítulo (e das seis no Apêndice 2), foi me parecendo cada vez mais óbvio que Adão estava no comando. No entanto, Walter Brueggemann, em *Genesis: A Bible Commentary for Teachers and Preachers,* diz que "tal exegese trai o texto e é um bom exemplo das maneiras como os nossos … pressupostos controlam a nossa exegese".

Para ilustrar o poder potencialmente enganoso das inferências, imagine que me tivessem ensinado que antes da Queda Eva era superior a Adão e sua senhora, com base nos seguintes argumentos: 1) Em Gênesis 1, quem é criado por

último governa; portanto, Eva, criada por último em Gênesis 2, também governa. 2) Eva é chamada de "auxiliadora" — um termo usado sobretudo para Deus, que vem resgatar os fracos. 3) Adão foi feito do pó, Eva da carne. 4) Nas culturas patrilocais, as mulheres deixavam os pais para serem enxertadas na família do marido, mas Gênesis 2:24 diz que o homem deixa sua família para se unir à esposa. 5) Satanás sabe que, para dispersar as ovelhas, precisa ferir o pastor — e é o que ele faz. 6) É preciso um poder sobre-humano para derrubar Eva, e apenas um pouco de pressão humana para derrubar Adão. 7) Deus dá a sentença primeiro a Eva e depois a Adão, pois ela, como líder, é a mais responsável. 8) A consequência do pecado para Eva é que ela não governará mais; agora ele a governará.

Se esse tivesse sido por muito tempo o ensino da igreja, talvez denominações inteiras acreditassem nisso. Empilhar argumentos e repeti-los sem parar parece legitimá-los. No entanto, tanto a lista complementarista de argumentos quanto esta lista de oito pontos são exemplos do mesmo erro: *eisegese*. Quando ligamos pontos que não foram feitos para ser ligados, surge uma imagem distorcida.

A "ordem da criação" se aplica a toda a criação

Se o complementarista usa a "ordem da criação" como base para proibir as mulheres de liderar os homens, ou de liderar junto com eles, na igreja e no lar — então isso se aplica também a toda a sociedade. *A criação, teologicamente, se estende a todas as esferas*. Adão e Eva não foram apenas a primeira família e a primeira igreja; foram também a primeira comunidade humana, a semente da própria sociedade. A maior parte dos estudos sobre 1 Coríntios 11 e 1 Timóteo 2 conclui que Paulo usa Adão e Eva antes da Queda como protótipo das relações entre homem e mulher *em geral*.

Embora eu não concorde com a visão de John Piper, eu o elogio por ser *coerente:* a criação, pensa ele, limita as mulheres nas estruturas eclesiásticas *e* sociais. Ele cita com aprovação outro teólogo: "Gênesis 2 … me convence de que a relação homem-mulher é intrinsecamente irreversível. … [Uma] chefe mulher [que] tem

um secretário homem … imporá uma tensão à humanidade de ambas as partes … Isso faz parte da … criação, um dado que nada vai mudar."[116]

Num artigo, How Should Women Lead?[117] Piper argumenta que as mulheres só podem liderar homens "de forma impessoal". Elas podem exercer influência sobre os homens a distância — como urbanista ou arquiteta que projeta as ruas ou os edifícios pelos quais os homens circulam, por exemplo, mas não como sargento instrutora. Podem liderar homens "de forma não diretiva", como Abigail, que "dissuadiu Davi de matar Nabal" com "incrível contenção e submissão". (Do mesmo modo, uma mulher não pode ensinar doutrina a um homem pessoalmente, apenas por meio de um livro que ela escreve, caso em que "ela não está olhando para mim nem … me dirigindo com autoridade como mulher".[118])

De maneira semelhante, Kevin De Young argumenta que o desígnio da criação sustenta o ideal da liderança masculina na sociedade.[119] Se a leitura complementarista de Gênesis 2-3 estiver correta, então não ousamos incentivar em nossas filhas a aspiração de chegar a uma liderança direta e pessoal sobre homens — não só na igreja, mas também no local de trabalho e no governo. De Young chega a aconselhar suas filhas, que podem se encontrar em qualquer nível do "organograma de uma empresa", a aceitar que o plano de Deus é "o homem liderando e a mulher ajudando". Elas precisam abraçar a "feminilidade" e deixar que os homens "liderem em amor" enquanto elas "ajudam humildemente".[120]

116. John Piper, Recovering Biblical Manhood and Womanhood, p. 37

117. www.bit.ly/3LPBXQV

118. John Piper responde à pergunta "Você usa comentários bíblicos escritos por mulheres?" dizendo: "Há essa interposição do fenômeno chamado *livro* e *escrita*, que coloca a mulher como autora fora da vista do leitor e, em certo sentido, tira a dimensão de sua pessoalidade feminina."

119. Critico o artigo de Kevin De Young "*Death to the Patriarchy?*" aqui: www.bit.ly/3LQLN4W.

120. Em "Men and Women in the Church", cap. 9, De Young revela o que ensina aos filhos: "O homem liderando e a mulher ajudando é o que homens e mulheres devem buscar intencionalmente e estar ansiosos por aceitar. Mesmo no local de trabalho, onde o organograma de uma empresa pode ter homens e mulheres posicionados em todos os níveis, creio que ainda há uma maneira de os cristãos abraçarem a masculinidade e a feminilidade de modos apropriados. … Um homem que lidera em amor torna muito mais fácil para uma mulher ajudar humildemente." Esta é uma mensagem ambígua, em que um comentário é neutralizado por outro: 1) As mulheres podem se ver liderando homens na sociedade. 2) Mas as mulheres *na verdade* deveriam estar incentivando os homens a liderar. (Ele depois passa a interpretar muito mal a história de Débora, sugerindo que ela estava tentando passar sua liderança a Baraque — vou rebater essa interpretação equivocada no capítulo 10.)

Que restrição pesada essa interpretação impõe às opções profissionais de nossas filhas! Para meu alívio, estou convencido de que Piper e De Young leem Gênesis 2 de forma equivocada. Nem que seja apenas pelo florescimento vocacional das mulheres, peço encarecidamente aos meus amigos complementaristas que ao menos considerem que a hierarquia de gênero talvez não exista em Gênesis 2. Voltar-nos para Gênesis 3 nos ajuda a chegar finalmente a essa conclusão.

A GÊNESE DO PATRIARCADO

Se o patriarcado não fazia parte do desígnio pretendido por Deus, por que quase todas as culturas da história o praticaram? Gênesis 3 oferece uma resposta teológica.

Enquanto o suco ainda escorre do queixo de Adão e Eva, Deus se dirige à serpente, à mulher e ao homem. Ele os adverte sobre as consequências de seus atos e os prepara para elas. À mulher ele diz: "o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará".[121] O que está acontecendo aqui?

Os complementaristas dizem que, por causa da Queda, o governo benevolente que o homem exercia sobre a esposa antes da Queda se transforma agora em tirania. Nessa visão, a palavra "governar" (hebraico: *mashal*) significa aqui *governo opressivo*. Em vez de oferecer uma liderança piedosa, ele a dominará. O que antes era bom (sua liderança amorosa sobre ela) transformou-se em algo brutal e explorador.

Mas é isso mesmo que Deus está dizendo? O que se comunica claramente é que Adão, como resultado da Queda, passará agora a assumir a liderança sobre Eva (e, por extensão, os homens assumirão a liderança sobre as mulheres). Gênesis 1:26-28 revelou que o ideal de Deus é que os homens governem *ao lado* das mulheres. Que sombrio, então, que, na criação caída, o homem governe *sobre* a mulher.

A palavra hebraica *mashal* não significa oprimir, como argumentam alguns complementaristas. Antes, significa reinar, governar, administrar, dominar ou

121. Gênesis 3:16

liderar. Em suas 81 ocorrências no Antigo Testamento, significa simplesmente liderança ou governo: na primeira ocorrência, o sol "governa" a noite e o dia; na última, um sacerdote-rei "governa" o povo de Deus.[122] Nenhum dos dois principais dicionários de hebraico bíblico que analisam cada ocorrência da palavra no Antigo Testamento registra um único sentido negativo para ela. A menos que esteja ligada a um termo qualificador como "duro", o seu conceito semântico central não inclui opressão nem tirania. Um sinal de que o mundo deu errado, diz Deus, é que os homens assumirão o governo sobre as mulheres simplesmente porque elas são mulheres. Embora o governo masculino abusivo seja pior que o governo masculino benevolente, nenhum dos dois é o ideal de Deus. O simples fato de que a relação entre homens e mulheres se tornou, em consequência da Queda, desigual e baseada no poder já é horrível o bastante em si mesmo.

Nos dois versículos seguintes, a consequência que Adão tem de enfrentar é que o próprio solo do qual ele foi originalmente tirado agora só produzirá alimento à custa de seu sangue ferido pelos espinhos e do suor do seu rosto. Colocadas lado a lado, as consequências de Eva e de Adão são paralelas: Adão agora estará sujeito à sua fonte (o solo), enquanto Eva agora estará sujeita à sua fonte (Adão). Esta é a verdadeira gênese do patriarcado — uma configuração padrão desastrosa que se manifesta em toda sociedade caída na qual os homens assumem o controle sobre as mulheres.

O QUE É O "DESEJO" DE EVA?

O que significa que Eva "desejará" (hebraico: teshuqah) Adão? Os estudiosos da Bíblia propõem três opções principais. Vamos examinar cada uma.

Desejo natural. Essa visão entende o desejo ou a devoção de Eva por seu homem como algo natural, até ordenado por Deus. O contexto dos versículos 16-19 sugere que se trata de um desejo natural, ainda que frustrado: a mulher traz filhos ao mundo, algo bom, mas, depois da Queda, há uma dor terrível. Da mesma forma, o homem tira alimento do solo, como antes, mas agora os

122. Confira você mesmo: www.bit.ly/3nVjfvA.

espinhos o atrapalham — na verdade, o solo agora o engolirá na morte. *Cada uma dessas coisas prevê que uma busca dada por Deus será desviada do seu curso.* Na mesma linha, então, o desejo dela por seu parceiro é natural, mas infelizmente é frustrado pela determinação dele de governá-la.

Desejo exagerado. Essa visão modifica a anterior ao sugerir que o desejo ou a devoção que Deus deu à mulher por seu homem se torna idólatra depois da Queda. Como a princesa da Disney que espera ser resgatada pelo verdadeiro amor do seu coração, essa visão sugere que é por isso que a mulher tantas vezes se enreda socialmente a um homem, encontrando sua identidade primária na aceitação e nos braços dele, e não nos de Deus. Isso a tornará exigente ou, como sugeriu Calvino, servil: rendida, sem espinha dorsal, a cada desejo do marido.

Desejo rebelde. Segundo essa interpretação, ela deseja dominá-lo e ele responde na mesma moeda — e começa uma batalha dos sexos. Os não complementaristas que têm essa visão dizem que "os dois que antes reinavam como um [agora] tentam governar um ao outro",[123] embora o homem vá prevalecer. Os complementaristas a leem como a rebelião de Eva contra o governo de Adão, previamente ordenado por Deus, que agora se torna tirânico. Diz Grudem: "A distorção foi que Eva agora se rebelaria contra a autoridade do marido. Ela tem um impulso e uma inclinação interior para se opor a Adão, para resistir à liderança de Adão. Seu impulso, seu desejo e sua vontade estão voltados contra o marido." Com Grudem como membro do comitê de tradução, não surpreende, então, que a ESV traduza: "Teu desejo será *contra* o teu marido."

Qual visão está correta? Oscilei entre a primeira e a segunda; no entanto, duvido seriamente da terceira, especialmente de sua versão complementarista. Por seis razões, que ordeno mais ou menos por peso crescente:

Primeiro, as implicações dessa interpretação são sutilmente perniciosas. Ela sugere que o motivo pelo qual Adão exerce controle sobre Eva é que ela vive arranjando briga com ele. Embora o governo dele possa ser duro, segundo essa

123. Victor Hamilton, New International Commentary on the Old Testament.

visão ele é compreensível — de que outra forma alguém lida com um subordinado desafiador?

Segundo, no versículo anterior, em que se descreve uma batalha de mão dupla pelo domínio, Deus deixa isso claro: "Porei inimizade entre [a serpente] e a mulher." Se em Gênesis 3:16 se descreve uma "batalha dos sexos" paralela, de mão dupla, por que Deus não diz também: "Haverá inimizade entre a mulher e o homem"? Nesta passagem, o domínio parece fluir num único sentido.

Terceiro, "desejo de controlar" é uma tradução nova. As poucas traduções recentes (como a NLT) que optaram por "desejo de controlar" seguem um artigo de 1975 intitulado *What is Woman's Desire?*[124] O artigo observa que a mesma palavra rara para desejo de Gênesis 3:16 é usada de novo em Gênesis 4:7, quando se diz a Caim que o pecado está à espreita à porta e o *deseja*, mas ele deve dominá-lo. O artigo conclui que a palavra, nos dois casos, deve significar "desejo de controlar". No entanto, os contextos das duas passagens são bem diferentes.[125] Por exemplo, na primeira, Eva é advertida de que outro a governará em consequência do pecado dela. Na segunda, Caim recebe a ordem de dominar, para impedir o pecado. É arriscado usar o contexto para ler um sentido numa palavra em uma passagem e depois transportar esse sentido para outra passagem com um contexto diferente.[126]

Quarto, a escolha da ESV, "desejo … contra", não só é peculiar e provavelmente errada,[127] como inverte o sentido: a contrariedade está no homem em relação à mulher. Assim como as dores de parto complicam o ato de ela trazer filhos ao mundo, também o papel autoafirmativo dele como seu senhor é contrário ao desejo ou à devoção dela por ele, seja natural, seja idólatra. A agonia, neste último caso, não surge das dores de parto, mas do governo que ele impõe.

124. Veja www.bit.ly/3mHetTi

125. Veja www.bit.ly/2YguUMU

126. No entanto, Wayne Grudem sabe disso: sobre outra passagem, ele escreve que "é um erro fundamental de interpretação" "importar o contexto de uma palavra usada num caso para o uso dessa palavra em outro caso". (Evangelical Feminism, 5.10)

127. Substituir a palavra "for" (para) pela palavra "contrary" (contra), neste caso, traduz mal a preposição hebraica *el*. Mary Convoy e Matt Lynch criticam bem esse erro — veja www.bit.ly/3T8fjGz e www.bit.ly/3MNDPdz

Quinto, embora seja possível, é improvável que a palavra signifique uma coisa para o autor de Gênesis e outra bem diferente para o autor de Cântico dos Cânticos. Se tentarmos harmonizar o sentido central de *teshuqah* em Gênesis 4:7 e em Cântico dos Cânticos 7:10 — "Eu sou do meu amado, e ele tem saudades [*teshuqah*] de mim" —, concluímos que ela provavelmente se refere a um forte desejo natural ou a uma devoção exclusiva, e não a um desejo de dominar (a menos que pensemos que Cântico dos Cânticos celebra uma forma de sexo ou de amor baseada no poder). Além disso, embora os contextos de Gênesis 3:16 e de Cântico dos Cânticos 7:10 sejam diferentes, ambos se referem a uma relação entre mulher e homem.

Sexto, quase todos os intérpretes e tradutores do passado e do presente entendem a palavra *teshuqah* como "voltar-se" ou como "desejo".[128] Walter Kaiser observa que, antes que o monge italiano Pagnino a traduzisse em 1528 com o sentido de "desejo", *todas* as doze versões antigas conhecidas optaram pelo sentido "voltar-se".[129] Embora a influência de Pagnino prevaleça nas traduções atuais, um destacado estudioso do hebraico bíblico, Andrew Macintosh, argumenta que ela significa "devotado" (no sentido de voltar a atenção para alguém de modo exclusivo).[130] Isso completa a sinistra metáfora de Gênesis 4:7: o pecado, como um predador agachado, "travou a mira no seu alvo", e Caim, agora advertido, precisa dominar o seu possível agressor. Também funciona em Cântico dos Cânticos: "ele é exclusivamente devotado a mim". Quanto a Gênesis 3:16, dá credibilidade à segunda visão: "tu te desviarás [de Deus] para o teu marido".[131] Lidas assim, nenhuma dessas passagens implica dominação.

Não é essa a verdadeira tragédia do poder do pecado nas relações entre homem e mulher? Segundo a segunda visão — a minha escolha —, houve uma terrível

128. Veja dois artigos de Marg Mowczko: www.bit.ly/3ghuPAZ e www.bit.ly/3yW4kI3

129. Hard Sayings of the Bible, p. 98.

130. "The Meaning of Hebrew תְּשׁוּקָה," *Journal of Semitic Studies* LXI/2 (2016), p. 365-87.

131. Katharine Bushnell, missionária na China na virada do século XX, sustentava essa visão. Em vez de "desejo", ela preferia traduzir a palavra como "voltar-se". Assim ela traduziu o versículo: "Tu te estás desviando para teu marido, e ele te dominará." Antes da Queda, tanto Adão como Eva se submetiam à autoridade de Deus. Depois da Queda, por causa do pecado, as mulheres passariam a se voltar primeiro para o marido. (Fonte: Kristen Du Mez, A New Gospel for Women, p. 121)

inversão da beleza do primeiro encontro do casal: o homem antes celebrara ter encontrado, como dom de Deus, a parceira igual que procurava; agora ela sofrerá ao encontrar um senhor no homem para quem ela olha como substituto de Deus. Em vez de governar junto com sua coportadora da imagem (Gênesis 1) e de colaborar com sua contraparte igual (Gênesis 2), o homem caído agora controlará a mulher que anseia por ele como seu complemento (Gênesis 3:16). Corrompidos pelo pecado, tanto a mulher como o homem perderão parte da parceria íntima que Deus originalmente planejou.

Uma última pergunta sobre Gênesis 3:16. É uma maldição, uma prescrição ou uma descrição? Não é uma maldição. A serpente e o solo são amaldiçoados por causa do pecado da humanidade, mas o homem e a mulher não. Também não é uma prescrição. Deus não ordena aos homens que oprimam as mulheres, nem às mulheres que sintam dor no parto. Antes, é uma descrição. Em consequência da ruptura no relacionamento entre a humanidade e Deus no jardim, esta é uma distorção específica que se tornará comum nas relações humanas.

Por mais terrível que seja o relacionamento fracassado entre os sexos, ele pode e deve ser combatido. Devemos fazer o que pudermos para remover de nossos relacionamentos a dominação, a inferioridade esmagadora, a superioridade tóxica e a idolatria, com o mesmo empenho com que procuramos tornar o parto menos perigoso e doloroso, e com que adubamos a terra e eliminamos as ervas daninhas ao cultivá-la.

Homem e mulher

Em última análise, será preciso o "descendente" de Eva para restaurar as relações entre homem e mulher. Chegaremos a isso no capítulo 5. Até lá, não nos esqueçamos do ideal de Deus: em nossa luta contra a hierarquia de gênero, temos um exemplo inspirador ao qual aspirar: o magnífico primeiro encontro de Adão e Eva. Richard Davidson, em seu monumental estudo sobre gênero e sexualidade no Antigo Testamento, observa:

A criação do homem no início da narrativa e a criação da mulher no final da narrativa se contrabalançam perfeitamente. O narrador usa exatamente o mesmo número de palavras (em hebraico) para descrever a criação do homem e a criação da mulher. O movimento em Gênesis 2 não vai do superior ao inferior, nem da liderança à submissão, mas da incompletude à completude. A mulher é criada como o clímax, o ponto culminante da história, e como plena igual de Adão.[132]

Em nenhum lugar de Gênesis 2 o homem recebe autoridade sobre ela, nem lhe é dito que a lidere, nem a ela que lhe obedeça. O que fica claro é que, no fim de Gênesis 2, ele tem uma parceira para livrá-lo da solidão e colaborar com ele na mesma vocação que ele recebera antes.

Considere o pós-escrito teológico no final de Gênesis 2. Se a leitura complementarista do capítulo estivesse correta, ele provavelmente diria: "Por isso, o homem … manda na sua mulher." Em vez disso, o arremate é aquele citado em todo casamento cristão: "Por isso, … o homem … se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne." As expressões "se une" e "uma só carne" confirmam que o capítulo ensina reciprocidade e completude, não governo nem comando.

Paulo parece confirmar essa percepção: depois de se referir a Gênesis 2:24 em 1 Coríntios 6, apenas alguns versículos depois, em 1 Coríntios 7, ele especifica: "A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; … o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher." Na leitura que Paulo faz de Gênesis 2, como os dois cônjuges são uma só carne, ambos têm o mesmo acesso a essa única carne e a mesma autoridade sobre ela.[133]

Gênesis 2, portanto, não ensina que a liderança é inerente à masculinidade e a submissão é inerente à feminilidade. O que ele afirma, em vez disso, é a unidade, a mutualidade e a igualdade entre homens e mulheres — não a hierarquia.

132. Richard Davidson, Flame of Yahweh, cap. 2.

133. Agradeço a Andrew Bartlett, que, em comunicação direta comigo, me ajudou a ver essa ligação entre 1 Coríntios 6:16 e 7:4.

A primeira menção de qualquer subordinação das mulheres aos homens ocorre em Gênesis 3:16, quando se diz que o homem "governará" a mulher *como consequência do pecado*. Se Deus tivesse planejado que os homens liderassem as mulheres, não o teria inserido nestes textos com pelo menos metade da clareza que dá às duas outras menções de autoridade: a autoridade benevolente da humanidade não caída sobre a criação e a autoridade autoafirmativa dos homens caídos sobre as mulheres? A ausência de qualquer outra coisa sobre autoridade deixa claro que, segundo o ideal de Deus, somente Deus tem autoridade sobre os seres humanos; e homens e mulheres têm uma coautoridade dada por Deus para servir um ao outro, e não explorar um ao outro, e, em parceria um com o outro, servir o restante da criação.

Deixar de ver, depois ver

Quando começamos a *ver* algo que não existe num texto bíblico, precisamos da ajuda de Deus para *deixar de ver*. Dado o ensino histórico da igreja de que "as mulheres são subordinadas porque são inferiores", a maioria dos comentaristas antigos leu a inferioridade feminina nesses relatos anteriores à Queda, de modo a confirmar sua recusa da liderança feminina na igreja e na sociedade. De nosso ponto de vista privilegiado, porém, sabemos agora que as gerações anteriores estavam apenas lendo o texto pelos olhos de suas próprias culturas patriarcais e misóginas. Longe de enfrentar a cultura dominante ao seu redor, elas capitularam diante dela.

Mas, pela graça de Deus, não só o Pai da Igreja Crisóstomo,[134] mas também Lutero, o fundador do protestantismo, viram Gênesis 2-3 com clareza suficiente. Apesar da visão geralmente negativa que Lutero tinha das mulheres, com o passar do tempo ele conseguiu "deixar de ver" o que não estava em Gênesis 2-3 e apreciar plenamente o que estava ali. Ainda solteiro e jovem, ele pregou sobre Gênesis em 1523, aceitando sem questionar a visão de longa data de que Eva fora criada para a submissão ao marido. Interpretou o fato de Adão dar nome a Eva como sinal de que ela dependia dele. Escreveu sobre ela como

134. Por exemplo, Crisóstomo observa em Gênesis 2 que "Eva não foi sujeitada logo que foi feita; nem, quando Deus a levou ao homem, ela ouviu de Deus tal coisa, nem o homem lhe disse tal palavra: ele disse, sim, que ela era osso dos seus ossos e carne da sua carne". (1 Coríntios, Homilia 26)

"uma mulherzinha fraca" ofuscada pelo intelecto do marido e culpou a suscetibilidade dela à heresia de Satanás pela queda de Adão.

Mas, quando estava bem mais velho e casado, pregou de novo sobre a mesma passagem. Desta vez, ele a viu de outra forma. Como um historiador resume sua mensagem: "Eva tornara-se uma mulher heroica, uma excelente filósofa, que desempenhava um papel igual no lar e governava a criação em parceria igual com o marido. Ao enfatizar as maneiras como Eva era igual a Adão antes da Queda, as especulações de Lutero foram além das de qualquer um de seus predecessores teológicos."[135]

Pela graça de Deus, aquilo que Lutero, mergulhado até o pescoço em sua cultura misógina, conseguiu vislumbrar em Gênesis 2, também a mim foi concedido ver. Em muitas das minhas jornadas teológicas, os avanços na minha compreensão das Escrituras vieram quando admiti que vinha lendo nas Escrituras algo que simplesmente não estava lá.

Lembro-me vividamente da noite em que finalmente vi o verdadeiro ensino de Gênesis 2. Eu tinha tanta certeza de que a liderança masculina existia no jardim antes da Queda, mas (pela primeira vez) estava aberto pelo menos a ouvir por que talvez não fosse assim. Tendo começado a escrever parte do documento de estudo da nossa igreja sobre o assunto, propus-me a montar uma tabela com argumentos a favor e contra — totalmente despreparado para o que aconteceu em seguida. Enquanto refletia sobre cada argumento, uma percepção começou a tomar forma, e exclamei em voz alta: "Nossa — não está aqui. Eva é igual a Adão em todos os sentidos!"[136] Nesse momento, minha esposa passou por mim, um pouco perplexa com a minha explosão repentina. Eu queria explicar a ela o que estava vivendo e o que acabara de (deixar de) ver nas Escrituras, mas, antes que as palavras saíssem da minha boca, as lágrimas rolaram pelo meu rosto. Pois diante de mim estava alguém que eu tinha visto incontáveis vezes e

135. Mickey Mattox, Defender of the Most Holy Matriarchs: Martin Luther's Interpretation of the Women of Genesis, p. 252-53 (Citado por Davidson em Flame of Yahweh, cap. 2, nota 23.)
136. Como um documento como Gênesis 1-3 pôde ter sido escrito num mundo tão radicalmente patriarcal e, ainda assim, estar livre do patriarcado — isso simplesmente me deixou impressionado. Compare-o, por exemplo, com a história das origens de Atrahasis, de um período semelhante, na qual a criação surge quando o deus masculino Marduk despedaça a deusa Tiamat, cujas partes do corpo se tornam o nosso universo físico.

que, no entanto, eu estava *vendo* como se fosse pela primeira vez. "Você é a minha *ezer kenegdo* — minha auxiliadora forte e minha combinação perfeita. Você é osso dos meus ossos e carne da minha carne", eu lhe disse. "Você é forte onde eu sou fraco." Removida dos olhos da minha mente uma trave de incompreensão sobre o ideal de Deus, vislumbrei minha esposa como Deus a vê.

Estou me arriscando aqui com interpretações escandalosas de Gênesis 1-2 que Crisóstomo, Lutero e agora eu abraçamos ilegitimamente? De modo algum — naquele que talvez seja o livro mais magistral de um estudioso teologicamente conservador sobre gênero e sexualidade no Antigo Testamento, Richard Davidson adota exatamente a mesma visão que apresentei neste capítulo e cita cinquenta grandes estudos acadêmicos sobre Gênesis 2 que chegam à mesma conclusão.[137] De fato, "a maioria dos comentaristas hoje rejeita que Gênesis 1-2 subordine a mulher antes da Queda".[138] *The Book of Genesis: New International Commentary On The Old Testament,* por exemplo, descreve a relação do casal até Gênesis 3:16 como "um reinado de coiguais …" que "governam como um só". Da mesma forma, *Genesis: NIV Application Commentary* avalia que "Gênesis 2 … não oferece nenhum estabelecimento ou articulação de papéis de gênero. Independentemente das conclusões que se possam tirar sobre a questão como um todo quando se consideram os textos do Novo Testamento, este texto trata de papéis humanos, não de papéis de gênero. Homem e mulher servem juntos."

Até a Igreja Católica Romana, o maior segmento da igreja no mundo, ensina hoje a igualdade "essencial" e "fundamental" dos sexos, atribuindo a subordinação das mulheres aos homens *inteiramente à Queda*. O papa João Paulo II diz: "A superação dessa herança maligna", mencionada em Gênesis 3:16, "é tarefa de todo cristão".[139] O patriarcado não é um talismã da verdade; antes, ele se enroscou no pescoço da humanidade quando o maligno se infiltrou rastejando pela primeira vez em nosso meio. Louvado seja Deus, porém, que,

137. Desde que ele escreveu seu livro "Flame of Yahweh", esse número aumentou. Fora das faculdades bíblicas complementaristas, esse é o consenso aceito pela maioria dos estudiosos do Antigo Testamento.
138. Diz Kevin Giles em What the Bible Actually Teaches on Women, cap. 2.
139. João Paulo II, Mulieris Dignitatem, p. 36–41

imediatamente depois da Queda, promete que um descendente de Eva[140] virá um dia para tirar o jugo do povo de Deus, removendo e desmontando as amarras da opressão que destroem relacionamentos, restringem tantas pessoas e desfiguram a nossa maneira de ver uns aos outros.

140. Veja Gênesis 3:15.



5

As relações entre homens e mulheres redimidas

"Sem alarde e sem publicidade, Jesus pôs fim à maldição da Queda, devolveu à mulher a nobreza que ela em parte havia perdido e reivindicou para a nova comunidade do seu reino a bênção original da criação: a igualdade entre os sexos." John Stott[141]

Eu moro na Cidade do Cabo, uma grande cidade portuária no extremo sul da África. Agora imagine se os navios tivessem de fixar a sua direção no momento em que deixassem o porto da cidade — sem poder alterar o curso depois disso, eles chegariam necessariamente aonde quer que a direção inicial os levasse. Uma diferença de apenas alguns graus poderia significar a diferença entre chegar ao Rio de Janeiro ou a Miami.

No capítulo anterior, comparamos as leituras complementaristas e mutualistas de Gênesis 2 e 3 e descobrimos que os complementaristas afirmam que a relação de autoridade e submissão entre homem e mulher sempre fez parte da boa criação de Deus, enquanto os mutualistas argumentam que esse tipo de hierarquia só apareceu depois da Queda. Como você certamente percebe, esses são pontos de partida *muito* diferentes. Dependendo de qual deles você escolher, toda a sua maneira de ver a grande narrativa bíblica — e, de fato, as conclusões a que você acabará chegando — será fortemente afetada por isso. Erre a direção inicial das relações entre homens e mulheres, e você não vai simplesmente parar no Rio, mas no Polo Sul (metaforicamente, é claro)! É isso que há de tão trágico (na minha opinião) no complementarismo: *aquilo que entristece a Deus, grandes setores da igreja idealizam*.

141. John Stott, Issues Facing Christians Today, cap. 13.

Como podemos ter certeza de que o bom plano de Deus para as relações entre homens e mulheres é seguir para o Norte, rumo ao mutualismo, e não para o Sul, rumo ao complementarismo? Felizmente, temos muito mais na narrativa bíblica — sobretudo quando a redenção aparece por inteiro — que confirma essa direção inicial.

Quando se trata de extrair teologia das Escrituras, o essencial não é tanto quantos textos tratam de um assunto, mas identificar as grandes porções da Bíblia que sustentam o peso do edifício. Por exemplo, já descobrimos como os três primeiros capítulos da Bíblia são decisivos e ricos em teologia. Da mesma forma, quando se trata de extrair do Novo Testamento uma teologia abrangente sobre homem e mulher, há algumas outras seções importantes que têm um peso enorme.

Essas seções, proponho, incluem a maneira como Jesus tratava as mulheres; o derramamento do Espírito sobre as mulheres no Pentecostes; a visão de Paulo para a humanidade redimida em Gálatas 3:28; e o lugar das mulheres na nova criação.

Um amigo das mulheres

No capítulo 11 examinaremos o ministério das mulheres nos Evangelhos. Por enquanto, vejamos especificamente como Jesus tratava as mulheres. Um dos aspectos mais impressionantes do seu ministério terreno é a maneira como ele derrubou as hierarquias de gênero e subverteu o machismo. Na verdade, a dignidade radical que ele concedeu às mulheres não tinha precedentes entre os líderes religiosos do mundo antigo. Tenho uma amiga que chegou à fé quando descobriu isso a respeito de Jesus. Feminista radical, ela estudava o patriarcado na história e tinha curiosidade de saber como cada um dos fundadores de religiões havia promovido o domínio masculino — e ficou de queixo caído quando descobriu nos Evangelhos que Jesus é o primeiro emancipador de mulheres de grande destaque da história. Quem é este homem?, ela se

perguntou. Hoje ela canta para ele ao meu lado na igreja, profundamente apaixonada por ele.

Compare a maneira como Jesus tratava as mulheres com a do rabino Eliezer, do primeiro século, que advertia: "É melhor queimar as palavras da Torá do que confiá-las a uma mulher. Quem ensina a Torá à sua filha é como quem lhe ensina a lascívia."[142] Como modernos, poderíamos pensar que Jesus foi apenas gentil com as mulheres, mas ele foi muito mais do que isso — ele foi revolucionário. Por causa de uma leitura equivocada daqueles primeiros capítulos de Gênesis, somada ao patriarcado que se seguiu e envolveu todos os cantos do mundo conhecido, os mestres da lei e os fariseus, em grande parte, responsabilizavam as mulheres pelo mal no mundo e as mantinham rigorosamente separadas de boa parte da vida social e religiosa da qual seus maridos, pais e irmãos participavam livremente. Ben Siraque compartilhava o desprezo de Eliezer: "Não te sentes no meio das mulheres; pois das roupas sai a traça, e da mulher, a maldade da mulher. Melhor é a maldade de um homem do que a bondade de uma mulher; as mulheres trazem vergonha e opróbrio."[143]

Nos Evangelhos, porém, as mulheres estão entre os amigos e seguidores mais próximos de Jesus. Em pelo menos uma viagem missionária, além dos seus doze discípulos, Joana, Suzana e Maria Madalena o acompanham. Ele havia libertado esta última de uma vida de tormento. Mencionada nada menos que 14 vezes nos Evangelhos, ela é a primeira pessoa a encontrar Jesus recém-ressuscitado. Quando ele vai ao encontro dela no dia da sua ressurreição, ela ouve a primeira palavra que sai da boca do Senhor ressuscitado: "Mulher…" A princípio ela não tem certeza de que é ele, mas, quando ele diz o nome dela, de um jeito que só ele sabe dizer, ela percebe tanto que a morte não é o fim quanto que ela deve ser uma das suas amigas mais próximas.

Jesus de Nazaré foi um pioneiro em dignificar as mulheres. Nos Evangelhos, como outrora fizera o profeta Elias, ele ressuscita o filho único de uma viúva, reconhecendo a devastação dela pela perda do filho, bem como a

142. A Mishná, Sotá 3:4, 19a; 21b

143. Eclesiástico (Sirácida) 42:12-14. Em outro lugar, o Eclesiástico afirma que uma filha era uma perda total e uma fonte constante e potencial de vergonha.

vulnerabilidade social em que ela passaria a viver.[144] Em outra ocasião, ele encontra uma mulher que há 12 anos sofria de um sangramento menstrual crônico. Violando as leis de pureza que a consideravam impura, ela toca às escondidas a orla do manto dele. Jesus ignora a crença de que isso agora o tornaria "impuro" e, em vez disso, elogia a fé corajosa que ousou estender a mão até ele e extrair dele poder de cura. Depois, naquela terrível sexta-feira, Jesus pede ao seu melhor amigo que cuide da sua própria mãe, no exato momento em que o coração dela está sendo traspassado pela execução do filho.

Ao contrário dos rabinos, que evitavam até mesmo mencionar mulheres, Jesus povoa os seus sermões com personagens femininas. De forma escandalosa, ele compara a alegria de Deus pela nossa salvação à de uma viúva que encontra a moeda perdida.[145] Em outro momento, ele insiste que o tipo de ousadia de que precisamos na oração é o de uma viúva em busca de justiça.[146]

Ele também destaca certas mulheres que exemplificaram a resposta correta à sua mensagem. Ele usa o gesto de amor de uma prostituta perdoada para envergonhar o comportamento pouco hospitaleiro de um fariseu.[147] Ele chama a atenção para a generosidade de uma viúva pobre[148] e acolhe as mães que trazem os filhos para serem abençoados, apesar da reação dos seus discípulos impacientes.

Jesus chega a questionar as normas e leis inquestionadas que deixavam as mulheres vulneráveis aos caprichos dos homens**.** Um grupo religioso rigoroso tenta apanhar Jesus numa armadilha: "É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo?" Jesus responde a essa lei parcial em favor dos homens citando a intenção original de Deus para o casamento: "O homem se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne." Eles perguntam por que, então, Moisés ordenou que o homem desse à mulher uma carta de divórcio e a mandasse embora. A resposta de Jesus é eletrizante: "Por causa da dureza do coração de vocês, Moisés permitiu que vocês repudiassem a sua mulher. *Mas não*

144. Lucas 7:11-15
145. Lucas 15:3-10
146. Lucas 18:1-8
147. Lucas 7:36-50
148. Marcos 12:41-44

foi assim desde o princípio."[149] Numa situação em que as esposas eram consideradas propriedade do homem, em que os homens podiam se divorciar das esposas por terem estragado o jantar ou por não serem bonitas o bastante, e em que as ex-esposas passavam muito mal na sociedade, Jesus desafia os homens a ver as suas esposas como ele as vê: como pessoas de valor intrínseco, inseparável e insubstituível. O que Eva era para Adão antes da Queda — uma contraparte querida e uma companheira igual — as esposas deles deveriam ser para eles. Em tudo isso, Jesus não permite que a cultura caída em que vivem mude a definição do casamento, nem que dê aos homens o privilégio especial de simplesmente se desfazer das suas *ezer kenegdos*.

As mulheres também são gente

As mulheres não são essencialmente "outras" em relação aos homens. Elas compartilham plenamente a humanidade dos homens. Elas não devem receber um tratamento especial, mas sim um tratamento humano. Ao dispensar qualquer alarde quando lidava com mulheres, Jesus deu exemplo disso. Nos Evangelhos, as mulheres simplesmente estão ali. Às vezes são citadas pelo nome, às vezes ficam em segundo plano. Às vezes recebem. Outras vezes dão. Jesus as trata como iguais aos homens. Algo incrível para a sua época: não há nenhum lugar nos Evangelhos em que Jesus se dirija aos homens enquanto homens ou às mulheres enquanto mulheres. Ele também não dá ensino algum sobre papéis de gênero ou sobre manter-se dentro de esferas próprias de cada sexo. Diz a autora canadense Sarah Bessey:

Ao longo dos relatos dos Evangelhos, vi que Jesus não tratava as mulheres de modo diferente dos homens, e gostei disso. Não éramos preciosas demais para palavras, delicadas como porcelana fina. Não recebíamos nenhum passe livre, nem preocupações cheias de dedos quanto à nossa capacidade de entender, de contribuir ou de trabalhar. As mulheres não eram doces ou fracas demais para a convicção do Espírito Santo, nem manipuladoras demais e propensas demais ao ciúme, à insegurança e ao engano para fazer recuar o reino das trevas. Jesus não

149. Mateus 19:1-8

era paternalista e não nos tratava com condescendência.[150]

Bessey ecoa alguns dos sentimentos de Dorothy Sayers, uma estudiosa de Oxford:

Talvez não seja de admirar que as mulheres tenham sido as primeiras junto ao berço e as últimas junto à cruz. Elas nunca tinham conhecido um homem como este Homem — nunca houvera outro igual. Um profeta e mestre que nunca as importunava, que nunca as bajulava, nem as adulava, nem as tratava com paternalismo… que levava a sério as perguntas e os argumentos delas, que nunca lhes demarcou uma esfera, nunca as exortou a serem femininas nem zombou delas por serem mulheres; que não tinha interesses próprios a defender nem uma inquieta dignidade masculina a proteger; que as aceitava como as encontrava e era completamente livre de constrangimento.[151]

Os narradores dos Evangelhos não apenas normalizam a presença das mulheres na sociedade e no ministério, mas também as apresentam sob a luz mais positiva possível. *Tome o Evangelho de João.* Quando examinamos nos seus capítulos a interação de Jesus com as mulheres, vemos que uma mulher (Marta) fica decepcionada com ele, mas ele a trata com tanta delicadeza e, como veremos no capítulo 11, responde à dor que ela sofre em seguida com a mais alta honra. Ao contrário da sociedade em que estavam imersos, que vivia atacando e culpando as mulheres, nenhuma mulher é mostrada resistindo à iniciativa de Jesus, ou deixando de crer, ou abandonando-o ou traindo-o. Compare isso com a maneira como João apresenta a hipocrisia, a vaidade, a inconstância, a obtusidade, a incredulidade deliberada e a completa maldade em discípulos homens de Jesus.[152]

Ou tome o Evangelho de Lucas. Há 27 passagens na biografia de Jesus escrita por Lucas em que homens e mulheres aparecem *em pares*, começando pelo anjo que aparece ao homem Zacarias *e depois a Maria*, e indo até a presença de homens *e mulheres* que testemunham a morte e a ressurreição de Jesus e interagem com elas. Considerando o enorme cuidado que Lucas dedica à estrutura da sua obra-

150. Sarah Bessey, Jesus Feminist, cap. 1.
151. Dorothy Sayers, Are Women Human? Essays on the Role of Women in Society, p. 68.
152. Veja João 12:4-5; 13:2, 27-40, 37-38; 9:24-35; e 16:18, 31-32.

prima, seria uma pena não perceber o que ele quer dizer: *com a vinda de Jesus vem a plena dignidade das mulheres*. Talvez a melhor maneira de captar isso seja observar como Jesus tratou três mulheres em particular:

A mulher junto ao poço. Num mundo em que ensinar teologia a uma mulher era visto não só como desnecessário, mas como imoral, em João 4 encontramos Jesus planejando deliberadamente a sua viagem para cruzar o caminho de uma mulher desprezada junto a um poço em Samaria. Como os rabinos não falavam publicamente nem com as mulheres da própria família, quanto mais com mulheres estranhas, ela fica desconcertada com o pedido de ajuda que ele lhe faz abertamente e com a conversa dele com ela. Isso logo leva a uma conversa pessoal e teológica sobre o histórico de relacionamentos dessa mulher e sobre a necessidade que ela tem de Deus. Como alguém que tinha sido maltratada por muitos homens, a história dela revela que ela nunca antes tinha sido tratada assim por um homem. Nessa conversa, a mais longa registrada entre Jesus e qualquer pessoa, ele leva a sério as perguntas teológicas dela. Quando ele lhe diz que vá chamar o marido, notamos o seu aparente e sutil desprezo pela visão da época de que a esposa deveria seguir o marido, e não tomar a frente dele. O resultado dessa conversa é que ela se torna a primeira pessoa no Evangelho de João a descobrir que Jesus é o Messias — e a sua primeira evangelista em grande escala.

A mulher apanhada em adultério. Um grupo de homens atira aos pés de Jesus uma mulher apanhada na cama com alguém que não era o seu marido. Embora a lei de Moisés incriminasse também o homem adúltero, ele está ausente desta história — provavelmente foi deixado de lado. A multidão tenta usar a vergonha e a culpa evidente da mulher para apanhar Jesus numa armadilha. Lá está ela, com o rosto no pó, exposta e humilhada, esperando a primeira pedra. Mas Jesus traça um círculo de proteção em volta dela.[153] Faz-se silêncio, a tensão chega ao auge. E então ele fala. Ao contrário de todas as outras vozes, porém, a dele não está carregada de fúria e ódio. O seu desafio — que quem não tiver pecado atire a primeira pedra — atinge os homens, e não a mulher, bem no meio dos olhos. Um a um, punhos cerrados soltam pedras pesadas. A mulher se ergue, e ele está

153. Agradeço a Sarah Bessey, uma escritora magistral, por esta frase.

esperando — cobrindo-a delicadamente com uma graça transformadora, nunca antes vista.

Maria de Betânia. No Oriente Médio, homens e mulheres não conviviam socialmente. Jose ben Johanan, de Jerusalém, tinha ensinado: "Quem conversa muito com uma mulher atrai o mal sobre si mesmo e acabará herdando o inferno."[154] Mas Jesus choca os seus seguidores ao permitir que Maria "se sente aos seus pés", uma expressão técnica para ser discípulo de alguém. Sendo o primeiro rabino a fazer isso, Jesus mais uma vez contraria as normas sobre os papéis de homens e mulheres. Cabia às mulheres cuidar das tarefas domésticas, e aos homens conversar com o rabino convidado e sentar-se para ouvir o seu ensino. Além disso, ser aluno de um rabino colocava a pessoa num caminho de formação que podia levá-la a tornar-se rabino. No entanto, quando Jesus é questionado por permitir a Maria esse lugar de honra, ele mostra que está fazendo mais do que simplesmente tolerar o lugar dela aos seus pés. Ele o incentiva. Chega até a repreender Marta, que estava esfregando as panelas: "[A]ndas inquieta e te preocupas com muitas coisas, mas poucas coisas são necessárias — ou, na verdade, apenas uma. Maria escolheu o que é melhor."[155]

Encontramos Maria de Betânia mais uma vez nos Evangelhos. Apenas seis dias antes da sua prisão, com a sombra da cruz pairando sobre a sua cabeça, Jesus está como convidado num jantar quando aquela que antes se sentara aos seus pés entra agora com um vaso de alabastro cheio de perfume caro. Ela contorna silenciosamente a sala até ficar atrás de Jesus, quebra o vaso e derrama o seu conteúdo inestimável sobre a cabeça e os pés dele.

Os convidados homens não apreciam o gesto nem o belo perfume que agora enche a sala. Em vez disso, condenam o sacrifício de Maria como um desperdício irracional. "Deixem-na em paz!", diz Jesus. "Por que vocês a estão incomodando? Ela fez uma coisa bela comigo! Ela derramou perfume sobre o meu corpo antecipadamente, para preparar o meu sepultamento. … [O]nde quer que o evangelho for pregado no mundo, também o que ela fez será

154. Perkei Avot 1:5
155. Lucas 10:42

contado."[156] No Evangelho de Marcos, nenhuma pessoa recebe honra maior, e Jesus a concede arriscando a sua própria reputação, ao ignorar a indignação dos homens à mesa. E que momento santo existe para cada um de nós agora mesmo: ao lermos esses versículos, *nós* nos tornamos o cumprimento da promessa de Jesus — reconhecendo e honrando exatamente a mulher que Jesus honrou.

As mulheres e o Espírito da missão

No dia de Pentecostes, Pedro explica à multidão perplexa o significado do derramamento do Espírito sobre 120 homens e mulheres. Ele afirma que isso cumpre a profecia de Joel, proclamada séculos antes: "Nos últimos dias, diz Deus, derramarei do meu Espírito sobre todas as pessoas. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os seus jovens terão visões, os seus velhos terão sonhos. Até sobre os meus servos, tanto homens como mulheres, derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão."[157]

Em toda a Bíblia hebraica, não há registro de o Espírito ter sido derramado sobre um escravo, um gentio ou uma mulher — apenas sobre homens judeus livres. Mais precisamente, só reis e profetas recebem esse tipo de bênção. E, no entanto, a profecia de Joel, possivelmente a predição mais ousada feita por um profeta judeu, declara que virá um tempo em que o Espírito será dado não apenas a reis e profetas judeus, mas a "todas as pessoas", incluindo os gentios, os "servos" de baixa condição, ou escravos, e até as "filhas" e as "mulheres".

A partir daí, o livro de Atos documenta o fogo do Espírito de Deus se alastrando para fora daquele cenáculo em Jerusalém, enquanto ele faz o que havia prometido fazer: enchendo e capacitando também mulheres, escravos e gentios. Até Pedro, preso ao etnocentrismo judaico da sua criação, fica chocado mais tarde, na casa de Cornélio, ao ver o Espírito derramado sobre gentios. Só então ele finalmente consegue crer que também os gentios podiam ser incluídos

156. Marcos 14:1-9
157. Atos 2:17-18; Joel 2:28-29

no povo de Deus.[158] Ao lermos a Bíblia do começo ao fim, deveríamos sentir um assombro semelhante ao que Pedro experimentou na casa de Cornélio, ao vermos aquilo que antes era dado somente a homens ser dado, no dia de Pentecostes, também às mulheres!

No entanto, era exatamente para lá que Jesus estava conduzindo as coisas. O seu envolvimento radical com as mulheres durante a sua vida terrena, por exemplo, foi consumado pela sua morte na cruz, que foi também o momento em que o véu do templo se rasgou em dois[159] e a santa presença de Deus, que antes habitava o Santo dos Santos, transbordou para as ruas. O complexo do templo judaico na época da sua morte era formado por áreas concêntricas que permitiam, da mais interna para a mais externa, apenas homens judeus no pátio interior, gentios no pátio dos gentios e, além disso, mulheres no pátio das mulheres. O simbolismo é bastante claro: os pátios representam o ponto mais próximo da presença de Deus a que diferentes tipos de pessoas podiam chegar. Somente homens hebreus tinham permissão para entrar no templo propriamente dito, e somente um homem judeu, uma vez por ano, tinha permissão para entrar no Santo dos Santos.

Sinta, então, o assombro de que, enquanto o sangue escorria do lado de Jesus, o Espírito de Deus transbordou do Santo dos Santos — rompendo as suas margens, rasgando em dois o véu que separava e potencialmente trazendo todos para o próprio centro de tudo! *Nunca mais haveria, nas estruturas do povo de Deus, domínios "só para homens" ou "só para judeus".*

O dom do Espírito é dado não apenas como parte da plena salvação de uma pessoa e da sua inclusão no povo de Deus, mas também em vista da sua plena participação na missão de Deus. Tanto Joel, na sua profecia, quanto Pedro, na sua pregação, ligam o Espírito ao convite que é feito ao mundo: "todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo".[160] O que Joel e Pedro querem dizer é que, quando o Messias vier, tanto o livre como o escravo, o velho e o jovem, o rico e o pobre, o judeu e o gentio, o homem e a mulher serão igualmente salvos

158. Atos 10:44-48
159. Mateus 27:5
160. Atos 2:21, Joel 2:32

e igualmente enviados no poder do Espírito para fazer missão. Em Cristo, todos nós, tanto homens como mulheres, seremos reis, profetas, sacerdotes, mensageiros e missionários.

A profecia de Joel começa a se cumprir quando a primeira igreja é lançada. Em Atos 1, antes de o Espírito ser concedido, somos informados de que "[t]odos eles perseveravam unânimes em oração, *com as mulheres e com Maria, mãe de Jesus*, e com os irmãos dele. Naqueles dias, Pedro levantou-se no meio dos irmãos (um grupo de cerca de cento e vinte pessoas) e disse: 'Irmãos e irmãs…'"[161] Por que as mulheres, e não apenas os homens, estavam se preparando? Muito simples: elas também tinham sido comissionadas pelo Jesus ressuscitado. Atos 1 vem logo depois de Lucas 24, em que, dias antes de subir ao céu, Jesus faz uma refeição com os seus discípulos — o que inclui os apóstolos "e os que estavam com eles"[162] — e lhes ordena que sejam suas testemunhas a todas as nações, mas só depois de receberem poder do alto. Quem são "os que estavam com eles"? Entre eles há muitas mulheres — no versículo 10, "elas" são mulheres, e esse "elas" passa a ser "eles" nos versículos 33 e 50-53 e em Atos 1:14. O que acontece quando "eles" (incluindo muitas mulheres) recebem o Espírito? "Todos" começam a "anunciar as maravilhas de Deus"[163] diante dos espectadores — *não só homens, mas mulheres na linha de frente da missão de Deus.*[164]

Se a bênção mais alta dada à igreja é o Espírito, e a obra mais importante da igreja é proclamar Jesus a um mundo perdido e moribundo, então precisamos notar que as mulheres na igreja primitiva — bem ao contrário da tendência do Antigo Testamento — participavam plenamente, junto com os homens, do poder e da missão. Não percamos este ponto crucial: embora judeus, homens e senhores dominem o horizonte da narrativa bíblica, a profecia de Joel e a

161. Atos 1:15-16

162. Lucas 24:33

163. Atos 2:11

164. Da mesma forma, em Atos 4, na mesma igreja de Jerusalém, encontramos mais uma vez mulheres na linha de frente da missão do evangelho. Depois que Pedro e João são soltos da prisão, eles vão até os seus amigos e os conduzem a um tempo de oração. "Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e anunciavam com ousadia a palavra de Deus." (Atos 4:31) Quem são os "eles" que oram e pregam? Não há razão para supor que as mulheres mencionadas em Atos 1 e 2 tenham sido excluídas. Isso fica claro quando vemos o resultado de homens e mulheres anunciando a bondade de Deus: "E cada vez mais se agregavam ao Senhor crentes, multidões de homens e mulheres." (Atos 5:14)

citação que Pedro faz dela mostram que gentios, escravos *e mulheres* recebem um lugar igual no plano de Deus. Eis outra passagem pequena, mas de grande peso, que diz algo muito semelhante.

Nem judeu nem gentio

Antes de conhecer Jesus, Paulo, como todos os judeus, provavelmente fazia a oração da manhã em que louvava a Deus por não ter sido criado gentio, escravo ou mulher. Quando essa oração era feita numa sinagoga com mulheres presentes, as mulheres, por sua vez, agradeciam a Deus "por me teres feito segundo a tua vontade" — e, ao fazer isso, reconheciam a sua inferioridade aos olhos de Deus e aceitavam os seus privilégios menores na vida judaica antiga.

Podemos pensar na circuncisão, o sinal da aliança no Antigo Testamento, como algo muito doloroso que os homens judeus tinham de suportar. Na realidade, era um símbolo de status que eles traziam no próprio corpo, marcando-os para o escalão religioso mais alto — um escalão que excluía tanto os gentios quanto as mulheres. Imagine agora a emoção da igualdade trazida pelo sinal da aliança no Novo Testamento. Não mais a circuncisão masculina (que, por sua própria natureza, excluía), mas o batismo é o rito de todo crente, ministrado a judeus *e* gentios, a homens *e* mulheres.

Muitos estudiosos nos dizem que as seguintes palavras de Gálatas 3:28, que contrapõem com precisão a antiga oração da manhã de Paulo, de antes da sua conversão, eram usadas como fórmula batismal falada: "Não há judeu nem gentio, escravo nem livre, nem há homem e mulher, pois todos vocês são um em Cristo Jesus."[165] A expressão-chave é "em Cristo Jesus". Embora Jesus de Nazaré represente aquele que, na crença dos judeus, ocupava o lugar mais alto no povo de Deus — o homem judeu livre —, todos os que são batizados em seu nome herdam nele a mesma posição privilegiada. Este versículo não rebaixa toda a humanidade ao mesmo nível. Pelo contrário, eleva a humanidade

165. O contexto imediato deixa clara essa ligação: "porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes" (Gálatas 3:27). Como novos crentes, ao entrarem nas águas do batismo, eles expressavam a sua nova identidade e a sua unidade em Cristo.

redimida à mesma altura. Não admira que este versículo tenha sido chamado o texto socialmente mais explosivo da Bíblia e *a Magna Carta de Paulo para a humanidade*. Se lermos Gálatas 3:28 no contexto de toda a carta, veremos que o ponto de Paulo é que Deus tem uma só família, e não duas. A família que Deus prometeu a Abraão é formada por todos os que creem em Jesus — filhos e filhas de Abraão, tanto os que herdaram os seus genes, os judeus que creem, quanto os que imitaram a sua fé, os gentios que creem. Paulo escreve isso para tratar das relações problemáticas entre judeus e gentios. Os judeus havia muito se consideravam superiores aos gentios e, embora agora tivessem o mesmo Salvador, continuavam achando que eram os favoritos de Deus. Se os gentios quisessem estar diante de Deus como seus verdadeiros iguais, acreditavam muitos cristãos judeus, primeiro precisavam ser circuncidados. Paulo não aceita nada disso. Ele declara irrelevante a distinção entre circuncisos e incircuncisos. Judeus e gentios têm, ambos, pleno acesso ao círculo mais íntimo de Abraão: "Não há judeu nem gentio", diz ele. Segundo Paulo, quaisquer diferenças étnicas e sociais que existam "lá fora, no mundo" não têm importância "aqui, na igreja".

Embora o foco da carta aos Gálatas seja a suposta inferioridade dos gentios aos olhos dos judeus, Paulo menciona de passagem que o mesmo princípio se aplica às hierarquias entre "livre e escravo" e entre "homem e mulher". *O seu ponto principal é que o evangelho abole os sistemas hierárquicos de valor e de privilégio baseados na etnia, na condição social e no sexo.*

Nem escravo nem livre

Em Gálatas, Paulo apresenta uma teologia radical que provoca uma espécie de terremoto cultural, ainda que, a princípio, ele só tenha sido sentido como um leve tremor. Da mesma forma, a sua carta a Filemom também orienta um senhor cristão sobre como rever a maneira de tratar o escravo que está voltando para ele. Paulo encoraja esse líder de uma igreja doméstica em Colossos a receber de volta o seu escravo fugitivo, Onésimo. Desde a sua fuga, Onésimo tinha chegado à fé, e agora Paulo o está enviando de volta ao seu "dono", junto

com esta carta, mas com o entendimento de que o status quo da relação entre eles será rompido. Ele desafia Filemom a receber Onésimo "não mais como escravo, mas, mais do que escravo, como irmão amado. Ele é muito amado por mim, e ainda mais por você, tanto como pessoa quanto como irmão no Senhor".[166] Colocando Gálatas e Filemom lado a lado, percebemos que Paulo trata das tensões entre judeus e gentios e entre livres e escravos da mesma maneira: *sem negar as diferenças sociais, ele procura dissolver a hierarquia tanto quanto possível, aplicando o poder unificador e igualador do evangelho.*[167]

Em todos esses exemplos, *Paulo derruba radicalmente as hierarquias sociais* na maneira como os crentes se veem e se tratam uns aos outros: judeus e gregos na igreja da Galácia, e senhor e escravo na igreja de Colossos. Paulo pode não estar eliminando as diferenças sociais entre eles,[168] mas a cruz de Cristo e o dom do Espírito começaram a dissolver as discriminações, as animosidades, as exclusões e as normas hierárquicas que por tanto tempo tinham sido aceitas e estimadas.

Em todas as cartas de Paulo, ele se preocupa especialmente com a diferença que o evangelho faz na vida prática da comunidade. A igreja não existe apenas para crer no evangelho. A igreja existe para descobrir, na sua comunidade e por meio dela, a melhor maneira de as pessoas se relacionarem e atuarem lado a lado. Ela é o único lugar no mundo em que todos devem participar em pé de igualdade.

Sem perceber esse ponto de modo algum, muitos estudiosos complementaristas leem Gálatas 3:28 apenas como uma declaração geral sobre a posição de cada pessoa diante de Deus, negando o fato de que Paulo se preocupa especialmente com as consequências práticas e comunitárias dessa teologia crucial. No

166. Filemom 1:16

167. Da mesma forma, ao tratar das tensões entre ricos e pobres na igreja de Corinto, em 1 Coríntios 11:17-34, Paulo confronta a maneira pecaminosa como os ricos daquela comunidade estavam tratando os pobres. Ele os repreende por se empanturrarem e se embriagarem à mesa da Ceia do Senhor, enquanto deixavam os pobres passar fome. Ele lhes pergunta: "Vocês desprezam a igreja de Deus e humilham os que nada têm?" No evangelho, em que ricos e pobres estão unidos como o único corpo de Cristo, um caminho melhor é que "irmãos e irmãs, quando (se) reúnem para comer, esperem uns pelos outros".

168. É por isso que, no nível pastoral e missionário, Paulo ainda opta por uma abordagem diferente ao evangelizar judeus e gentios e ao pastoreá-los na questão da lei de Moisés, à qual os judeus se apegavam. (Veja 1 Coríntios 9:17-23, Romanos 14-15) Judeus e gentios podem ter chegado ao "mesmo destino, mas chegaram por rotas muito diferentes e conservam memórias e imaginários culturais muito diferentes". (N.T. Wright — fonte: www.bit.ly/3q7vQid)

entanto, na mente de Paulo, a nossa posição diante de Deus moldará os nossos relacionamentos concretos e a forma que a igreja assume. O evangelho de Cristo abre não só uma nova maneira de nos relacionarmos com Deus, mas também uns com os outros. O mundo judaico, altamente hierárquico, em que Paulo foi criado foi virado de cabeça para baixo em Cristo. Essa nova existência em Cristo deve levar a uma nova experiência de comunidade, diz Gálatas 3:28.

O que isso significa para a relação entre homens e mulheres?

Nem homem nem mulher

Depois de mencionar a unidade e a igualdade entre "judeu e gentio" e entre "livre e escravo", Paulo acrescenta um terceiro par: "homem e mulher". Isso não quer dizer que Paulo esteja afirmando que nos tornamos seres sem gênero e sem sexo quando somos batizados. O que precisa desaparecer, isso sim, são as tensas relações de poder — "lá fora, no mundo", a hierarquia e o status quo entre homem e mulher podem ser gritantes, mas "aqui, na igreja", uma nova ordem começa a se manifestar.

E quanto à liderança na igreja? Este é um assunto a que chegaremos mais adiante, com mais detalhes, mas, por ora, observe esta perspicaz observação do estudioso do Novo Testamento F.F. Bruce:

A equiparação que Paulo faz da condição do homem e da mulher em Cristo não implica restrição maior do que a sua equiparação da condição do judeu e do gentio, ou do escravo e da pessoa livre. Se, na vida comum, a existência em Cristo se manifesta abertamente na comunhão da igreja, então, se um gentio pode exercer liderança espiritual na igreja tão livremente quanto um judeu, ou um escravo tão livremente quanto um cidadão, por que não uma mulher tão livremente quanto um homem?[169]

Embora alguns de nós talvez tenham dificuldade em aceitar o argumento de Bruce, a meu ver ele está de acordo com a observação que Paulo faz — rejeitando qualquer tentativa de manter privilégio, poder ou posição com base

169. F.F. Bruce. The Epistle to the Galatians

no sexo, na condição social ou na etnia. Bruce procura destacar uma incoerência evidente em tantos estudiosos da Bíblia, que de bom grado tratam das implicações da teologia de Paulo para as relações étnicas (judeu–gentio) e socioeconômicas (escravo–livre), mas deixam de aplicá-la às relações entre homem e mulher. Na sucinta declaração teológica de Paulo, porém, os três pares são paralelos.

O mínimo que podemos dizer é que, embora em Gálatas Paulo não desenvolva o que tudo isso significa para as mulheres e os escravos, como faz para os gentios, ele está evidentemente desmontando barreiras que privilegiam alguns e penalizam injustamente outros. Ele vislumbra mulheres, escravos e gentios experimentando a liberdade das hierarquias culturais, e a unidade e a igualdade no corpo de Cristo, onde as distinções, embora não sejam totalmente eliminadas, devem ser profundamente reduzidas. *Esta é uma ideia verdadeiramente radical.*

Mas aonde tudo isso vai dar? Exploraremos os papéis ministeriais das mulheres na igreja primitiva no capítulo 12, mas agora vamos saltar para o fim da história.

Como no céu

Por enquanto, vivemos num tempo em que as sombrias predições de Gênesis 3:16 estão se cumprindo, com homens dominando as mulheres de bom grado, mas o patriarcado será finalmente tragado pela *Parousia* de Jesus. No fim da carta de Paulo aos Gálatas, em que ele procurou mostrar como o evangelho abole as divisões e as hierarquias no povo de Deus, ele diz: "Nem a circuncisão nem a incircuncisão significam coisa alguma; o que importa é a nova criação."[170] A nova criação se refere à promessa de Deus de refazer a raça humana e o universo. Na futura recriação do mundo por Deus, as divisões e as hierarquias deixarão de existir; mas já agora esse futuro se faz presente na igreja pela obra de Cristo e pela presença do Espírito, que concede a todos dons de liderança e

170. Gálatas 6:15

de ensino, para que homens e mulheres, mais uma vez, governem lado a lado (Lucas 22:30).[171]

No entanto, alguns estudiosos complementaristas afirmam que, mesmo no mundo futuro, serão os homens, e não as mulheres, que governarão. É verdade que Jesus prometeu doze tronos futuros aos seus apóstolos homens, recompensando-os um dia com grande honra pelos seus sacrifícios,[172] mas, quando lemos as passagens em que essas promessas são feitas, Jesus estende uma promessa semelhante a *todos os seus seguidores*, e não apenas aos doze.[173] Quanto aos 24 anciãos na visão apocalíptica de João, não devemos forçar demais o simbolismo apocalíptico — mesmo que os 24 sejam os 12 filhos de Israel e os 12 apóstolos, o que eles representam é *todo o povo de Deus*. Além disso, o problema de afirmar que a honra mais alta está reservada por toda a eternidade a 24 homens judeus livres é que isso não tem implicações apenas para as mulheres, mas também para os escravos e os gentios: ficarão eles para sempre no fundo da pilha? Certamente não — só chegaríamos a essa conclusão se cometêssemos o erro de interpretação tão comum de ler de maneira literal as declarações simbólicas das Escrituras.

O que está claro no ensino de Jesus é que os que estão no degrau mais baixo do mundo caído receberão as posições mais altas no mundo redimido. Na parábola dos talentos, Jesus relaciona a fidelidade aqui com a recompensa celestial e com autoridade no céu. A mártir cristã do século IV Blandina, "uma escrava franzina, frágil e desprezada", tinha razão em crer que a sua fidelidade até a morte poderia significar que ela seria "colocada entre a elite do céu, sentada bem dentro do esplendor do palácio radiante de Deus, à frente daqueles que, no

171. Segundo a profecia de Joel sobre o reino vindouro, quando o Espírito for derramado como um dilúvio e multidões de pessoas de todas as nações se virem invocando o nome do Messias-Senhor, tanto homens *como mulheres* serão os seus participantes principais.

172. Mateus 19:28 e Lucas 22:30

173. Em Mateus 19, depois da sua promessa claramente metafórica aos doze de que eles se sentariam em doze tronos, em compensação pelos sacrifícios que fizeram por ele, ele fala logo em seguida de como "todo aquele" que faz sacrifícios por ele será recompensado nesta vida e na próxima, de modo que muitos que são os últimos na terra serão os primeiros no céu. Da mesma forma, em Lucas 22, pouco antes de Jesus mencionar os seus discípulos sentados nos doze tronos para julgar Israel (de novo, algo altamente simbólico), Jesus diz que, no seu reino, o servo de todos será o maior de todos — uma referência não apenas aos doze, mas potencialmente a qualquer pessoa. Em ambos os casos, os doze tronos são simbólicos, e está presente a ideia de que pode haver pessoas recompensadas com uma honra ainda maior do que a dos apóstolos no céu.

mundo caído, tinham sido incomensuravelmente superiores a ela".[174]

Como sabemos que, nos novos céus e na nova terra, homens e mulheres serão igualmente coerdeiros? No Antigo Testamento, havia três funções de "liderança" que Deus destacou para uma unção especial: profetas, sacerdotes e reis. O Novo Testamento retoma esses três papéis e os projeta — ainda que de forma transformada — na eternidade.

As mulheres são e serão profetas. Já vimos as mulheres no Pentecostes profetizando junto com os homens. Embora a profecia como a conhecemos vá chegar ao fim, é provável que o povo de Deus continue a proclamar os oráculos de Deus por toda a eternidade. *Da mesma forma, as mulheres são e serão reis e sacerdotes.* Pedro inclui as mulheres da igreja a quem escreve quando lhes diz que eles "são raça eleita, sacerdócio real".[175] João, incluindo também as mulheres, louva a Deus pela maneira como esses papéis continuarão para sempre: "para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra".[176]

Estenda a sua imaginação até os horizontes mais distantes do tempo, e você perceberá que, quando virmos o cumprimento pleno de Gálatas 3:28 nos novos céus e na nova terra, as hierarquias de gênero que até agora dominaram a história humana farão o seu número final de desaparecimento. Toda competição entre os sexos, toda degradação de um pelo outro, finalmente dará lugar a uma valorização e a uma colaboração mútuas e completas.

Isso não deveria nos surpreender: a nova criação é a restauração e o pleno florescimento da criação original. O plano inicial de Deus era que Adão e Eva fossem ambos guardiões da palavra de Deus, que ambos governassem a terra como rei e rainha e que ambos cultivassem o jardim-templo como sacerdotes. *Por toda a eternidade, homens e mulheres redimidos trabalharão lado a lado na realização final da primeira criação, como coprofetas, cogovernantes e cossacerdotes.* Se é para lá que tudo caminha na igreja de Jesus, por que nos contentaríamos com algo menor agora?

174. Tom Holland, Dominion: The Making of the Western Mind, cap. 4
175. 1 Pedro 2:9
176. Apocalipse 5:10

Grandes coisas acontecem em versículos pequenos

Das milhares de pessoas citadas pelo nome na Bíblia, a imensa maioria são homens judeus livres — na verdade, há apenas 200 mulheres citadas pelo nome em todas as Escrituras. Depois de um começo tão brilhante para as mulheres na narrativa da Bíblia e na história da humanidade, a Queda dos nossos primeiros pais nos lança numa direção desastrosa. A maioria dos personagens principais da Bíblia são livres, não escravos; judeus, não gentios; e homens, não mulheres. O que concluímos disso? Concluímos, então, com base na pura estatística bíblica, que Deus prefere homens judeus livres?

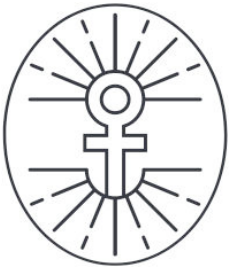
Certamente não. A razão pela qual encontramos sobretudo histórias sobre judeus é que eles eram o povo especialmente chamado por Deus para esperar, acolher e compartilhar o Messias com o mundo. Da mesma forma, os homens livres aparecem a cada passo porque as antigas condições sociais do mundo mediterrâneo mantinham os escravos e as mulheres praticamente invisíveis, fora da esfera pública — que é o lugar onde se desenrola boa parte da narrativa bíblica.

Assim, o desequilíbrio estatístico evidente nas Escrituras *não* é resultado de uma escolha preferencial de Deus pelos homens para tratamentos ou tarefas especiais no seu reino, mas sim resultado de um mundo caído, dominado pelos homens (como Deus predisse em Gênesis 3), no qual Deus, com misericórdia e paciência, acomodou os seus propósitos de revelação e de redenção.

Além disso, se olharmos para a enorme ênfase nos judeus, não só no Antigo Testamento, mas também no Novo, não podemos concluir que os judeus estão num nível mais alto na economia de Deus, se levarmos em conta declarações bíblicas cruciais que têm um peso teológico imenso — como a promessa a Abraão de que a sua descendência "abençoará as nações do mundo" ou a declaração sobre a igreja de que "não há judeu nem gentio em Cristo". Embora essas declarações sejam poucas e esparsas, elas funcionam como fatores decisivos na interpretação bíblica e na crença e na prática aceitas pela igreja.

A narrativa bíblica, embora dominada por homens judeus livres, não trata apenas de homens judeus livres. Do ponto de vista teológico, grandes coisas acontecem em versículos pequenos. Nem todos os textos têm o mesmo peso. Embora pedras preciosas possam estar espalhadas por toda a terra, há lugares onde elas aparecem em enormes quantidades. Embora toda a Escritura seja inspirada, notamos que grandes quantidades de doutrina importante se acumulam em certos lugares: quando se trata de descobrir o lugar da mulher no coração de Deus, na igreja e no futuro do mundo e na consumação da história, as porções das Escrituras que falam mais alto costumam ser: o começo e o fim da narrativa bíblica e, entre eles, a maneira como Jesus tratava as mulheres, o derramamento do Espírito, que não faz distinção de sexo, em cumprimento de Joel 2, e a visão radical de Paulo em Gálatas 3:28 de uma igualdade espiritual que, lenta mas seguramente, começa a se manifestar numa igualdade social e funcional na igreja — algo especialmente evidente em Romanos 16 (que examinaremos no capítulo 12) e em Romanos 12 (que exploraremos no capítulo 13).

Com essas coordenadas estabelecidas, estamos muito mais preparados para seguir para o Norte, e não para o Sul, na nossa avaliação das mulheres, e também para entender três passagens bíblicas em particular que sopram como ventos contrários e que, numa leitura superficial, parecem implicar inferioridade ou subordinação feminina. É a essas passagens tão contestadas que nos voltamos agora.



SEGUNDA PARTE

MULHERES (I)LIMITADAS



6

As mulheres de Corinto

"No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher." 1 Coríntios 11:11

Aqui vai um conselho: *se o trabalho técnico de entender passagens bíblicas difíceis realmente não é com você, pule este capítulo e o próximo e volte a eles no final.* Minha esposa, a primeira leitora do meu primeiro rascunho, me disse: "Todos os capítulos deste livro são um prazer de ler" — exceto este e o próximo, que são "um trabalho muito pesado". Por causa do leitor, eu gostaria que esses dois capítulos fossem menos complexos — mas, como o complementarismo é uma teia muito sofisticada de argumentos "bíblicos", se quisermos ver pessoas e igrejas se libertando dela, temos de desfazer essa teia um fio de cada vez.

Como breve visão geral, o ponto principal apresentado neste capítulo e no próximo é, dito sem rodeios, que *os complementaristas leram de forma incorreta três passagens das cartas de Paulo (1 Coríntios 11:3-16, 1 Coríntios 14:33-35 e 1 Timóteo 2:11-15). Eles concluem que Paulo ensina a subordinação feminina em todas as igrejas e para todos os tempos. Mas nessas passagens Paulo trata de uma situação histórica específica ou de uma sensibilidade própria de uma cultura. Embora contenham fragmentos de teologia sobre homem e mulher que podem nos ajudar hoje, nenhum desses textos sustenta uma hierarquia de gênero válida universalmente.*

Tratamos das duas primeiras passagens neste capítulo e da terceira no próximo, procurando a cada vez entender e criticar a interpretação complementarista e, depois, avançar em direção a uma interpretação melhor. Pedro comenta que nas

cartas de Paulo "há certas *coisas difíceis* de *entender*".[177] Essas três passagens devem estar no topo da lista. (Mais uma coisa antes de mergulharmos: para não sobrecarregar este capítulo e o próximo, coloco muito conteúdo muito importante nas notas finais; então, fique à vontade para garimpar ali também.)

1 Coríntios 11:3-16

A primeira passagem tem a ver com *cobrir a cabeça* — bem, prepare-se para quebrar a cabeça com esta. Várias vezes na vida, durante dias a cada vez, tentei achar pé e cabeça nela e saí com um pouco mais de compreensão, mas também com mais perguntas do que tinha no começo. Deixe-me pôr você a par de onde cheguei com esta passagem.

Leia rapidamente esta passagem (talvez você precise voltar a ela ao longo do capítulo) e não se surpreenda se, ao fazê-lo, a sua cabeça começar a girar:

3 Mas quero que vocês entendam que a cabeça de todo homem é Cristo, e a cabeça da mulher é o homem, e a cabeça de Cristo é Deus. 4 Todo homem que ora ou profetiza com a cabeça coberta desonra a sua cabeça. 5 Mas toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua cabeça — é o mesmo que estar com a cabeça raspada. 6 Pois, se a mulher não cobre a cabeça, então que corte também o cabelo; mas, se é vergonhoso para a mulher ter o cabelo cortado ou a cabeça raspada, então ela deve cobrir a cabeça.

7 O homem não deve cobrir a cabeça, visto que ele é imagem e glória de Deus; mas a mulher é glória do homem. 8 Pois o homem não veio da mulher, mas a mulher, do homem; 9 nem o homem foi criado por causa da mulher, mas a mulher, por causa do homem. 10 É por esta razão que a mulher deve ter autoridade sobre a sua própria cabeça, por causa dos anjos. 11 No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem é independente da mulher. 12 Pois, assim como a mulher veio do homem, assim também o homem nasce da mulher. Mas tudo vem de Deus.

177. 2 Pedro 3:16

13 Julguem vocês mesmos: é apropriado que a mulher ore a Deus com a cabeça descoberta? 14 A própria natureza das coisas não lhes ensina que, se o homem tem cabelo comprido, isso é uma desonra para ele, 15 mas que, se a mulher tem cabelo comprido, isso é uma glória para ela? Pois o cabelo comprido lhe foi dado como cobertura. 16 Se alguém quiser ser contencioso a respeito disso, nós não temos outra prática — nem as igrejas de Deus.

Deixe-me começar dizendo abertamente o meu ponto mais polêmico: se a interpretação complementarista desta passagem for verdadeira, então — embora alguns complementaristas neguem isso — ela significa, primeiro, que toda mulher adulta deve viver sob a autoridade de um homem, geralmente o pai ou o marido; segundo, que as mulheres não devem ser líderes de homens no nível mais alto na igreja *e também na sociedade* e, muito possivelmente, também não devem ser líderes de homens em níveis mais baixos; e, terceiro, que todas as mulheres devem, de modo geral, ser submissas a todos os homens, seja como irmãs em relação aos irmãos, seja como colegas de trabalho em relação aos colegas homens. Mesmo quando eu era complementarista, não afirmava isso, mas, ao examinar mais de perto, percebi que esse é, de fato, o resultado de uma interpretação complementarista *coerente* da passagem. Assim, se é isso que Deus *está* dizendo nesta passagem, precisamos saber com certeza. Mas, se *não* é isso que ele está dizendo, tenho certeza de que também queremos saber disso com certeza. Vamos lá.

No único ensino sobre cobrir a cabeça em toda a Bíblia, Paulo se preocupa com mulheres que deixam o cabelo solto durante o culto público ou que não usam véu,[178] bem como com homens que deixam o cabelo crescer. Na cultura ocidental moderna, nenhuma dessas coisas seria um problema, mas naquela cultura elas transmitiam uma mensagem que Paulo não considerava sábia. Por isso, ele dedica ao assunto uma longa seção da sua carta. Como faz em outros pontos da carta, em vez de simplesmente ordenar um comportamento melhor, Paulo acumula várias razões. Mas, justamente quando estamos prestes a fazer o

178. O debate acadêmico sobre se Paulo se refere a uma cabeça coberta 1) por um capuz ou véu ou 2) por cabelo comprido ou preso é cansativo. O magistral comentário de Anthony Thiselton sobre 1 Coríntios examina os argumentos dos dois lados e se inclina, por pouco, para a ideia de uma cobertura na cabeça, véu ou capuz. Eu sigo essa posição.

avião da interpretação decolar da pista, batemos em vários quebra-molas que dividem os melhores estudiosos.[179] Comecemos pela situação de que Paulo está tratando.

A situação e por que ela preocupava Paulo

Parece que algumas mulheres não estavam usando véu nas reuniões da igreja, deixando, em vez disso, o cabelo à vista de todos, e alguns homens estavam deixando o cabelo crescer. Por isso, Paulo pede às mulheres que cubram a cabeça com um véu e aos homens que mantenham o cabelo curto quando participam da oração e da profecia nas reuniões de culto da igreja. Paulo não chega a dar uma ordem — ele faz um apelo baseado em muitos argumentos, incluindo a sensibilidade cultural.

Por que as mulheres tirariam o véu, e por que os homens deixariam o cabelo crescer? Pode ser que estivessem sendo rebeldes, embora seja mais provável que tivessem presumido que a igualdade cristã entre os sexos que Paulo pregava (conforme Gálatas 3:28) significava que não havia diferenças entre homens e mulheres e, por isso, ignoravam as convenções da sua cultura quanto ao decoro de cada sexo. Outro possível motivo das mulheres é o desejo de superar a sua condição secundária na sociedade comportando-se como homens. Quanto às mulheres que tiravam o véu: eram os homens ou as mulheres que estavam por trás disso? A maioria dos comentaristas diz que as mulheres estavam tirando o véu por iniciativa própria. Recentemente, Cynthia Westfall, com base no versículo 10, ao qual chegaremos em breve, argumentou que, na verdade, as mulheres sofriam pressão dos homens para fazê-lo. Seja qual for a visão que

179. William Witt, em Icons of Christ, cap. 8, lista as perguntas a que os estudiosos dão respostas diferentes: Paulo está falando de algum tipo de cobertura ou peça para a cabeça (um xale, um capuz, uma túnica ou um véu) ou de penteados (cabelo comprido ou solto)? O que significa a palavra grega para "cabeça" (kephalē)? Como Paulo pode traçar paralelos entre pares tão diferentes: Deus como cabeça de Cristo; Cristo como cabeça do homem; e o homem como cabeça da mulher? "Homem" e "mulher" se referem a homens e mulheres em geral, ou a maridos e esposas em particular? O que significa dizer que os homens são a glória de Deus, ao passo que a mulher é a glória do homem? O que Paulo quer dizer quando escreve que a mulher deve ter "autoridade" sobre a sua cabeça? Qual é o sentido da referência aos anjos? O que pensar da afirmação de Paulo de que "a natureza ensina" que os homens não devem ter cabelo comprido? Quando Paulo afirma que "nós não temos tal prática", a que prática ele se refere?

adotemos, Paulo não combate atitudes pecaminosas nesta passagem — ele apenas apresenta argumentos para preservar as sensibilidades culturais da época. Independentemente da motivação delas, Paulo não acha uma boa ideia as mulheres tirarem o véu nem os homens deixarem o cabelo crescer. Ele tem várias preocupações.

A primeira, com base no relato de Gênesis 1 e 2, é que Deus fez homens e mulheres de igual valor, mas não os fez idênticos. Visto que "Deus os criou homem e mulher", Paulo considera insensato fundi-los numa única massa amorfa.

Uma segunda preocupação é que, na cultura deles, quando uma mulher deixava o cabelo comprido solto fora de casa, isso comunicava condição inferior e disponibilidade sexual. Cynthia Westfall documenta o fato de que, no mundo greco-romano, as escravas e as prostitutas eram proibidas de usar véu.[180] As mulheres casadas cobriam a cabeça como símbolo da sua respeitável condição de casadas, da sua modéstia e da sua castidade. Cobrir a cabeça falava da sua condição honrada.[181] Na mente de Paulo, então, quando todas as mulheres cobriam a cabeça numa reunião da igreja, isso comunicava de forma bela que *todas as mulheres — solteiras ou casadas, escravas ou livres — eram honradas em Cristo e na igreja, mesmo as que não recebiam honra fora da igreja.* Tendo em mente que a igreja de Corinto era formada em grande parte por mulheres de condição inferior na sociedade — "nem sábios, nem poderosos, nem de nobre nascimento"[182] —, percebemos como a insistência de Paulo em cobrir a cabeça, na verdade, conferia a todas as mulheres em Cristo uma valorização elevada, contrária à cultura.

Uma terceira preocupação, relacionada à anterior, é que, naquela cultura, uma mulher descobrir o cabelo em público era algo vergonhoso. Na verdade, Paulo usa duas vezes o termo "desonra" e uma vez o termo "vergonha" — ambos podem ser traduzidos por "vergonha" — nos versículos 4-6. Numa cultura de honra e vergonha, uma cabeça descoberta chamaria a atenção para a mulher de

180. Cynthia Westfall, Paul and Gender, 25.
181. Cynthia Westfall, Paul and Gender, 27.
182. 1 Coríntios 1:26

um modo que minaria o respeito dela por si mesma, o respeito da comunidade por ela e — aos olhos dos observadores — o respeito pelo Deus que estava sendo adorado.

Uma última preocupação é que tudo isso minaria a "ordem" da igreja. Esta parte do ensino se encaixa numa seção maior da carta aos Coríntios, dedicada especialmente a pôr em ordem uma igreja que tinha caído na desordem,[183] uma seção que termina com as palavras: "tudo deve ser feito com decência e ordem".[184] Diante da aparente inclinação da igreja de Corinto para a liberdade e a autoexpressão, Paulo procura ajudá-los a repensar como fazem certas coisas (incluindo o que usam na cabeça, a Ceia do Senhor e os dons espirituais), para que todos os crentes sejam edificados; todos os visitantes, cativados de forma atraente; e, acima de tudo, Cristo seja glorificado.

Verdades atemporais

Hoje, quase nenhuma igreja insiste em cobrir o cabelo. Os estudiosos concordam que o conselho de Paulo se aplicava a uma cultura que já não existe. Há, então, alguma coisa nesta passagem que possamos tomar como verdade atemporal para todas as igrejas, em todos os lugares?

Para responder a isso, precisamos primeiro reconhecer que, nesta passagem, Paulo não está preocupado principalmente em nos oferecer uma teologia altamente desenvolvida sobre homem e mulher. Ele se concentra, antes, em tratar de uma prática culturalmente específica. *Mesmo assim, há indícios de uma teologia sobre homem e mulher que transparecem.* Eis uma lista rápida de afirmações verdadeiras às quais ainda podemos nos apegar hoje.

Tanto mulheres quanto homens devem participar dos ministérios da palavra falada dirigidos a Deus (quando "oram") e uns aos outros (quando "profetizam"). Nesta passagem, Paulo se alegra com o fato de esta ser a prática da igreja, mesmo enquanto adverte sobre a apresentação inadequada de mulheres e homens ao fazê-lo. Se qualquer

183. 1 Coríntios 11-14
184. 1 Coríntios 14:40

igreja de hoje quiser se tornar tudo o que pode ser, ela precisa da contribuição falada, ativa e igual, tanto de mulheres quanto de homens.

Homens e mulheres, embora iguais em Cristo, são, no entanto, diferentes na criação. Deus criou dois sexos: masculino e feminino. Eles não são iguais; devem ser complementares. São necessários os dois para expressar plenamente a imagem de Deus.

Às mulheres deve ser dada a mais alta condição possível. Se a sociedade tem uma visão rebaixada ou distorcida das mulheres, a igreja deve ser o lugar onde lhes é oferecida a mais alta dignidade, independentemente da condição passada ou presente delas na sociedade em geral.

Devemos prestar atenção à mensagem que transmitimos por meio das nossas ações. Em qualquer cultura e geração, pode haver certos comportamentos que, embora possamos ter as nossas razões válidas para ignorá-los ou adotá-los, transmitiriam a mensagem errada aos outros e não ajudariam o testemunho da igreja.

A posição complementarista

Como os complementaristas veem esta passagem? Nem todos a usam como base para a sua doutrina. Quando os teólogos complementaristas da *Village Church* estudam esta passagem (e a seguinte) como parte do seu levantamento dos textos sobre homem e mulher, fazem isso de um modo que não sustenta nenhum ensino sobre autoridade masculina.[185] Com razão — os comentários mais bem avaliados sobre 1 Coríntios não veem autoridade masculina em 1 Coríntios 11.[186]

185. www.bit.ly/3CFKgJO. Veja as páginas 33–37.

186. O site www.bestcommentaries.com classifica os comentários de Gordon Fee (NICNT), Anthony Thiselton (NIGTC) e David Garland (BECNT) sobre 1 Coríntios como os melhores, com notas de 4,91, 4,88 e 4,88 de 5,0, respectivamente. "A metáfora em 11:3 é muitas vezes entendida como se estabelecesse estruturas de autoridade. Mas nada na passagem sugere isso" (Fee) "Pace Grudem, ela não parece denotar uma relação de 'subordinação' ou de 'autoridade sobre'." (Thiselton) "Paulo não está tentando estabelecer uma hierarquia de gênero que coloque as mulheres num papel subordinado."(Garland)

No entanto, muitos complementaristas argumentam que esta passagem ensina que *as mulheres, por desígnio de Deus, estão sob a autoridade dos homens*. Embora eu tenha acabado de tentar simplificar o sentido da passagem, deixe-me repetir que ela é muito complicada e continua a frustrar os intérpretes modernos. A sua complexidade aumenta ainda mais quando os intérpretes se tornam inseridores —lendo na passagem significados adicionais. É isso que creio que os estudiosos complementaristas fizeram quando afirmam: "O princípio permanente de 1 Coríntios 11:2-16 é a submissão da mulher à autoridade masculina. Ele ensina que a mulher pode participar da oração e da profecia na igreja sob a liderança e a autoridade espiritual masculina."[187] Eles baseiam isso em algumas ou em todas estas quatro afirmações: 1) a palavra *cabeça* significa *cabeça sobre*, ou seja, autoridade; 2) Paulo via hierarquia no casamento de Adão e Eva antes da Queda; 3) as mulheres são, de algum modo, menos imagem de Deus do que os homens; e 4) as mulheres de Corinto deviam usar na cabeça um símbolo da autoridade masculina. Vou responder agora a cada uma dessas afirmações, dedicando mais tempo à primeira.

"Cabeça" significa autoridade?

"Cabeça" significa "cabeça sobre"? No inglês moderno, "head" (cabeça) é usado metaforicamente para designar um chefe, alguém que está no comando. Mas era assim que a metáfora "cabeça" teria sido entendida pelos falantes nativos de grego que receberam a carta de Paulo? A maioria dos complementaristas diz que sim. Deus quer, dizem eles, que todas as mulheres estejam em submissão a uma cabeça masculina — e, portanto, as esposas devem se submeter aos maridos, e as mulheres não podem liderar numa igreja.

O versículo 3 é decisivo para a interpretação complementarista. Então, o que Paulo quer dizer com: "A cabeça de todo homem é Cristo, e a cabeça da mulher é o homem, e a cabeça de Cristo é Deus"?

Muitos complementaristas, entendendo "cabeça" (*kephalè*) como "cabeça sobre" (no sentido de "autoridade sobre"), concluem que os homens (como "cabeça")

187. Köstenberger e Köstenberger, God's Design for Man and Woman, p. 160.

devem exercer autoridade sobre as mulheres da mesma forma que Deus (como "cabeça") exerce autoridade sobre Cristo, e Cristo (como "cabeça") exerce autoridade sobre os homens. Lendo dessa maneira, parece que Paulo equipara a autoridade de Deus Pai sobre Cristo à autoridade de um homem sobre as mulheres. Ao ligar essa analogia a uma descrição da vida interior do Deus trino, eles concluem que a hierarquia de gênero tem de ser universal, e não meramente cultural ou consequência da Queda.

Mas, como vou lhe mostrar, quando determinado pelo contexto dos versículos seguintes, "cabeça", neste caso, não significa *autoridade*, mas algo como *fonte de vida honrada — a pessoa da qual alguém deriva a sua vida ou identidade*. Na verdade, no tempo de Paulo, a ideia de que *kephalē* significava *autoridade* seria muito rara, se não inexistente — insisto que você leia o Apêndice 3: O que significa *kephalē*, no qual apresento os argumentos a favor disso.

Os estudiosos complementaristas costumam fazer referência cruzada a Efésios 5 ("o marido é a cabeça da mulher"), que é o único outro lugar em que Paulo usa a palavra *kephalē* para se referir às relações entre homem e mulher. Argumentam então que, como cabeça significa autoridade em Efésios 5, tem de significar autoridade em 1 Coríntios 11.[188] Mas, como examinaremos no capítulo 8, provavelmente também não significa autoridade ali.[189] Ao contrário da acusação complementarista de que entender *kephalē* como fonte de vida é uma inovação recente nos estudos de vocabulário, os Pais da Igreja de língua grega Cirilo de Alexandria, Teodoro de Mopsuéstia, Atanásio e Eusébio

188. Por exemplo, Schreiner diz: "Visto que Paulo usa 'kephalē' para significar autoridade quando fala de maridos e esposas em Efésios 5:22-24, ele provavelmente tem a mesma ideia em mente em 1 Coríntios 11:3." (Fonte: www.bit.ly/31rylBA)

189. Muitos dos argumentos complementaristas que li e que afirmam que "cabeça" em Efésios 5 significa "autoridade" o fazem com base na sua interpretação do que a palavra significa em 1 Coríntios 11:3. Num caso clássico de "o ovo ou a galinha", uma interpretação fraca é usada para reforçar a outra, até que não conseguimos ter certeza de qual veio primeiro. Uma das razões pelas quais devemos ter cuidado ao transportar sentidos de um texto para outro é que ele usa a palavra "cabeça" de modo bem diferente: em 1 Coríntios 11, ele fala de Adão como a cabeça de Eva, que não é descrita como o corpo de Adão, ao passo que em Efésios 5 ele fala do marido como a cabeça da sua esposa, que é o corpo dele.

entenderam todos *kephalē* aqui como *fonte*.[190] Não é de surpreender, portanto, que tantos estudiosos concluam que Paulo quis dizer *fonte*, e não *autoridade*, em 1 Coríntios 11:3.[191]

Ainda assim, por mais improvável que seja, Paulo poderia, em tese, ter querido dizer *autoridade* aqui. Como podemos ter certeza? O caminho para identificar o sentido de Paulo em cada caso é o contexto.[192] Vamos examinar com cuidado os versículos 4-16, mas, primeiro, vamos entender as três afirmações paralelas sobre a "cabeça" em 1 Coríntios 11:3.

Uma história de três cabeças

Paulo escreve que "a cabeça de todo homem é Cristo, e a cabeça da mulher é o homem, e a cabeça de Cristo é Deus". A chave para entender corretamente essas três linhas está na sequência em que Paulo as apresenta. À primeira vista, alguém poderia pensar que Paulo deveria ter colocado a última linha em primeiro lugar, para que se lesse: "Deus é a cabeça de Cristo, que é a cabeça do homem, que é a cabeça da mulher." Mas ele não faz isso. Por que, então, esta ordem? A resposta é que *Paulo está seguindo uma linha do tempo*.

Embora o sentido de "a *kephalē* de todo homem é Cristo" não seja decisivo para a nossa discussão, parece retomar a teologia de Paulo sobre Cristo como o meio de toda a criação. Nesse sentido, em Gênesis 2, Deus criou Adão *por meio de Cristo* e, num sentido derivado, todo homem que veio depois.

190. Payne, Man and Woman, One in Christ, cap. 7. Por exemplo, Cirilo de Alexandria (que morreu em 444 d.C.) escreveu: "Lucas [3:38, 'Adão, de Deus'] … explica a fonte do homem, o Deus Criador. Assim, dizemos que 'a cabeça (kephalē) de todo homem é Cristo', pois o homem foi feito por meio dele e trazido à existência … 'E a cabeça (kephalē) da mulher é o homem', porque ela foi tirada da carne dele e, portanto, de fato o tem como sua fonte. Da mesma forma, 'a cabeça (kephalē) de Cristo é Deus', porque ele procede dele segundo a natureza: pois o Verbo foi gerado de Deus Pai."

191. Payne, Man and Woman, One in Christ, cap. 7, nota 7, lista quarenta obras acadêmicas que argumentam que kephalē significa "fonte" em 1 Coríntios 11:3. Esse livro foi publicado em 2009; hoje a lista é muito mais longa.

192. Alan Johnson, por exemplo, faz um metaestudo de 17 estudos importantes, de todos os lados, sobre a palavra kephalē e conclui: "Parece haver um consenso crescente de que kephalē, como metáfora, pode ter um sentido diferente num contexto diferente." (Fonte: www.bit.ly/3GJ9Vnc)

A oração seguinte, "a *kephalē* da mulher é o homem", refere-se ao que aconteceu em seguida no jardim do Éden: do lado de Adão, Deus fez Eva. Sabemos que Paulo está se referindo a Adão e Eva porque ele usa o singular "mulher", e não "mulheres", e "homem", e não "homens", e depois volta, no versículo 8 e no versículo 12a, a mencionar que Eva (a quem ele chama de "mulher") veio de Adão ("homem"). Confirmando a interpretação de que o versículo 3 fala de Adão como a *fonte* de Eva, Paulo menciona por fim que, em outro sentido, cada um dos filhos de Adão *veio de* uma das filhas de Eva — a sua mãe (v. 12b) — e, em ainda outro sentido, todos *vieram do* seu Criador (v. 12c).

A última oração, "a *kephalē* de Cristo é Deus", muito provavelmente se refere à encarnação de Cristo. No seu ministério terreno, ele era "a imagem do Deus invisível", representando diante de um mundo que observava o Pai como a sua fonte.[193]

Poderíamos perguntar por que Paulo não diz que Cristo é também a *kephalē* de toda mulher. A resposta está em outra pergunta: por que Paulo junta, para começar, essas declarações teológicas estranhas e aparentemente desconexas? Os versículos 4-5 oferecem algumas respostas convincentes: *usando um recurso didático criativo, Paulo está ligando a maneira como uma mulher e um homem tratam a sua respectiva cabeça física à maneira como cada um trata a sua respectiva cabeça metafórica*. Em outras palavras, no versículo 3, Paulo estabelece a premissa de que todos têm uma cabeça metafórica, a fim de argumentar, nos versículos 4-5, que o que homens e mulheres fazem com a sua cabeça física no culto reflete sobre a sua

193. Colossenses 1:15 e Hebreus 1:3. Para entender esta terceira linha, precisamos entender que as três linhas do v. 3 são analogias aproximadamente paralelas. Não são equivalentes exatos. Em Gênesis 2, Deus literalmente criou Adão. Pode-se dizer que Adão "vem de" Deus. Eva também "vem de" Adão, mas não da mesma forma como Adão veio de Deus. Por fim, o Filho "veio do" (ou "vem do") Pai. Como Paulo diz anteriormente na sua carta aos Coríntios, "Cristo se tornou para nós sabedoria da parte de Deus … a nossa redenção" (1 Coríntios 1:30). Mas isso não se refere de modo algum a ele ter sido criado pelo Pai — antes, provavelmente se refere à maneira como ele recebe do Pai a sua vida e a sua identidade. Jesus declarou: "assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo" (João 5:26 NIV). Os estudiosos que creem que a última linha de Paulo pode ser uma referência à relação *eterna* do Filho com o Pai, e não apenas à sua relação *na encarnação*, podem estar certos. Mas, de qualquer maneira que seja entendida, *kephalē* aplicada à relação entre o Pai e o Filho não denota autoridade. Para dar uma analogia: seja na eternidade, seja na encarnação, o Pai é a *kephalē* do Filho — da mesma forma que o sol é a *kephalē* de um raio de sol. Nunca houve um sol sem raio de sol, nem um raio de sol sem sol. Cristo (o raio de sol) pode ser funcionalmente distinto de Deus (o sol), mas isso não significa que ele esteja eternamente subordinado ao Pai.

kephalē metafórica mencionada no versículo 3 — para "todo homem" (v. 4), ela é "Cristo" (v. 3); para "toda mulher" (v. 5), ela é "o homem" (v. 3).

Por mais estranho que isso soe aos ouvidos modernos, Paulo alterna entre um uso literal e um uso metafórico da palavra *kephalē*. Eva honrou Adão como a sua *kephalē*, e assim cada filha de Eva deve honrar os filhos de Adão honrando a sua cabeça física (o que se demonstra usando uma cobertura na cabeça). Do mesmo modo, Adão honrou Cristo como a sua *kephalē*, e assim cada filho de Adão deve honrar Cristo honrando a sua cabeça física (o que se demonstra mantendo o cabelo curto).

Por mais fortes que sejam as três afirmações do versículo 3, os versículos 4-5 evidentemente não são teologia sofisticada. Este é Paulo, como pensador genial e original, fazendo conexões para dar mais força ao seu argumento. Ele não está tentando principalmente ensinar a eles (nem a nós) uma teologia desenvolvida sobre homem e mulher, mas sim reforçar o seu argumento de que as mulheres devem se cobrir no culto.

Agora, ao refletirmos sobre os versículos que seguem o versículo 3, perceberemos que Paulo não pode estar querendo dizer "autoridade" no versículo 3 — sabemos disso porque, do começo ao fim, a ideia que integra tudo é a de honrar a própria fonte, e não a de se submeter a um líder: por exemplo, depois de dizer que "o homem é a *kephalē* da mulher" (v. 3), Paulo parece parafrasear o mesmo ponto no versículo 8, dizendo que "a mulher veio do homem" — uma referência a Adão como a fonte de Eva, e não como a sua autoridade.[194] Além disso, passando de Cristo como Criador ("a *kephalē* de todo homem é Cristo"), Paulo fala depois de Deus como Criador no versículo 12, quando diz: "tudo [ou todas as pessoas] vem de Deus". Aqui, de novo, Paulo

194. Diz Cynthia Westfall em "Paul and Gender" (cap. 1): "As referências ao relato da criação na passagem, e particularmente em 11:8, são usadas por Paulo para retomar, explicar e ampliar a sua declaração teológica em 11:3. No contexto próximo, a afirmação de que a mulher veio do homem e de que a mulher foi criada por causa do homem sugere que a origem da vida do homem e da mulher está em vista em 11:3."

enfoca Deus não como a autoridade, mas como a fonte daqueles que ele cria.[195] Isso também nos ajuda a entender como Cristo pode ser chamado de *kephalē* de "todo homem" no versículo 3 — nem todos os homens o têm como sua autoridade, mas todos o têm como sua fonte criadora.

Reforçando isso, a expressão "Deus é a *kephalē* de Cristo" nunca foi entendida pela ortodoxia como se o Pai fosse a autoridade de Cristo. Como demonstrei no capítulo 3, foram teólogos complementaristas que tentaram repetidas vezes acoplar uma suposta hierarquia às relações eternas da Trindade, para sustentar sua ideia de uma hierarquia permanente nas relações entre homem e mulher. As descrições ortodoxas da relação entre o Filho e o Pai, mesmo durante a vida dele na terra, *não* falam tanto do Pai impondo sua "autoridade" sobre o Filho quanto do Filho que, num amor que se doa, se submete à vontade do Pai, que na verdade é a sua própria.[196]

Kathy Keller admite que, embora seu "primeiro contato com as ideias da liderança do marido e da submissão [no casamento] tenha sido intelectual e moralmente traumático", quando alguns "professores talentosos [a] conduziram a [ver como] a Segunda Pessoa da Divindade [se submeteu] e assumiu o papel de servo", ela passou a aceitar que podia desempenhar o "papel de Jesus" em seu casamento. Ela oferece apoio bíblico para essa ligação: "Em 1 Coríntios 11:3, Paulo diz … que a relação entre o Pai e o Filho é um modelo para a relação do marido com a esposa", na qual "homem e mulher são convidados a

195. Comparar 1 Coríntios 8:6 com 1 Coríntios 11:12 confirma isso. "Há um só Deus, o Pai, de quem vieram todas as coisas … e um só Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem vieram todas as coisas." (1 Coríntios 8:6). "Pois, assim como a mulher veio do homem … Mas tudo vem de Deus." (1 Coríntios 11:12) No primeiro texto, Deus é o Criador último, e Jesus é aquele por meio de quem Deus cria todas as coisas. No segundo, Deus é o Criador último, e Adão é aquele por meio de quem Deus cria Eva. Nesse sentido, tanto Deus quanto aquele por meio de quem Deus cria podem ser chamados de *kephalē.* Ambos atuam como fonte, embora de tipos diferentes: Deus é a fonte última, ao passo que Jesus ou Adão são uma fonte intermediária. Os dois tipos de fonte são dignos de honra.

196. O Pai da Igreja João Crisóstomo refutou a visão subordinacionista da Trindade nesta passagem ao dizer: "O Pai gerou o Filho, não como escravo sob seu comando, mas como livre, prestando obediência. [O Filho] não é escravo; ele tem a mesma honra daquele que o gerou." A Trindade, como tradicionalmente entendida, enfatiza relações de amor mútuo, e não relações de autoridade. Os primeiros teólogos orientais falam do Pai como "a fonte da divindade". O Pai gera eternamente o Filho, e o Espírito procede do Pai. Os teólogos ocidentais preferem a linguagem do Logos, a quem o Pai gera, e do Espírito Santo como o amor mútuo que procede tanto do Pai quanto do Filho.

espelhar e refletir … autoridade amorosa e submissão amorosa".[197] Infelizmente, por mais brilhante que seja boa parte do livro dos Keller sobre o casamento, um best-seller, ele ajudou a difundir não apenas uma interpretação equivocada, mas também uma aplicação equivocada de 1 Coríntios 11:3, que leva as esposas a pensar que têm a tarefa especial de espelhar a submissão do Filho ao Pai por meio de sua submissão ao marido.

Não existe nenhum versículo que fundamente nossos "papéis designados" na Trindade, e certamente não 1 Coríntios 11:3. Isso fica muito evidente no fato de que Paulo apresenta não apenas duas linhas paralelas, mas uma terceira. Os complementaristas que gostam de comparar o homem como cabeça da mulher com Deus como cabeça de Cristo parecem esquecer a primeira linha: Cristo é a cabeça do homem. Talvez seja possível espremer alguma semelhança entre Deus e Cristo, de um lado, e o homem e a mulher, de outro ("iguais em essência, mas subordinados na função" é a proposta complementarista), mas, se era isso que Paulo queria ensinar, ele não teria acrescentado também a primeira linha, sobre Cristo e o homem, pois nenhum homem é igual a Cristo.

Resta uma pergunta sobre esta questão da cabeça de Eva. No versículo 5, Paulo diz que a mulher que desonra sua cabeça física também desonra sua cabeça metafórica, que, segundo o versículo 3, é "o homem". A pergunta, então, é: a que homem ou a que homens Paulo pode estar se referindo? Complementaristas como Köstenberger tendem a responder que se trata da *liderança espiritual masculina*. Muitos pastores complementaristas ampliam isso e dizem que toda mulher deve estar sob uma cabeça masculina, seja o marido, o pai ou uma equipe pastoral masculina.

Mas a pista para uma resposta mais sólida está no versículo anterior: "todo homem" deve honrar "sua cabeça" (v. 4). Essa formulação nos leva de volta ao versículo 3, onde descobrimos que a resposta já foi dada: "Cristo" é a cabeça de todo homem. Do mesmo modo, "toda mulher" deve honrar sua cabeça (v. 5), o que também nos remete ao versículo 3, onde descobrimos que o "homem" mencionado é Adão, que tipologicamente representa todos os homens. Em

197. Tim e Kathy Keller, The Meaning of Marriage, cap. 6.

outras palavras, é improvável que Paulo esteja se referindo a algum homem específico; ele se refere, antes, a todos os filhos de Adão.

Embora toda essa conversa sobre honra talvez não ressoe muito em nós, que já não vivemos numa cultura de vergonha e honra, ela teria sido plenamente compreendida pelos leitores da carta de Paulo. Nesta passagem, ele combina os conceitos de *kephalē* e de honra. Em outras palavras, o uso que Paulo faz de *kephalē* no versículo 3 parece reunir os dois conceitos que atravessam esta passagem: fonte e honra.

Então, vamos responder à pergunta crucial feita anteriormente: *o que significa o versículo 3?* Significa que Cristo é a fonte digna de honra do homem (como seu Criador); o homem (Adão) é a fonte digna de honra da mulher (Eva); e Deus é a fonte digna de honra de Cristo (em sua encarnação).[198]

Concluo: *o versículo 3 não diz absolutamente nada sobre a subordinação de Cristo ou da mulher*.

Paulo vê hierarquia no jardim?

No capítulo 4, argumentei que um estudo cuidadoso de Gênesis 1-3 revela que a hierarquia de gênero veio por causa da Queda, e não pelo bom plano de Deus na criação. Em contraste com essa visão, os complementaristas usam os seguintes versículos para argumentar que Paulo enxergava hierarquia antes da Queda: "Porque o homem não veio da mulher, mas a mulher, do homem; nem o homem foi criado por causa da mulher, mas a mulher, por causa do homem" (v. 8-9). Comentando esses versículos, Schreiner diz: "Paulo obviamente

198. Uma resposta mais longa poderia ser que o versículo 3 significa: em Gênesis 2, Adão (e todo homem) recebeu sua identidade ou existência de Cristo, que, por isso, é digno da honra dele. Mais adiante em Gênesis 2, Eva (e toda mulher) recebeu sua identidade ou existência de Adão; por isso, ele (e todo homem) é digno da honra dela. Por fim, na encarnação (ou talvez na eternidade), Cristo recebe/recebeu sua identidade ou existência do Pai, que, por isso, é digno da honra dele. Também podemos perguntar: se a pessoa A é a *kephalē* da pessoa B, o que a pessoa B é para a pessoa A? Ora, se a pessoa B recebe sua existência ou identidade da pessoa A, outra maneira de dizer isso é que a pessoa B é *a imagem* da pessoa A. O fato de Paulo dizer logo em seguida que "o homem é a imagem e glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem" (1 Coríntios 11:7) pode indicar que Paulo tinha isso em mente. Em outras palavras, um corolário teológico elegante do versículo 3 é dizer que o homem é feito à imagem e semelhança de Cristo; Eva foi feita à imagem e semelhança de Adão; e Cristo é a imagem e semelhança de Deus. Repito: nada disso implica a subordinação da mulher nem a de Cristo.

interpretou Gênesis 2 como revelando uma distinção de papéis entre homens e mulheres" — e com isso ele quer dizer papéis de autoridade e de submissão.[199]

Mas você consegue ver por que isso não é nada óbvio? Só se pressupusermos que Paulo fala da subordinação feminina no versículo 3 é que concluiremos que Paulo via hierarquia antes da Queda. Mas, nesses versículos, ele apenas desenvolve o que já disse no versículo 3 sobre Gênesis 2: "A *kephalê* de [Eva] é [Adão]" — e menciona os dois pontos mais marcantes. Primeiro, Eva foi feita a partir de Adão, literalmente criada do seu lado — e é por isso que as mulheres coríntias deveriam honrar os homens da igreja, que, desde o jardim, são sua fonte.[200] Segundo, Eva foi feita para Adão, para ser sua auxiliadora e parceira, sua *ezer kenegdo*, para completá-lo e estar ao seu lado — e é por isso que as mulheres coríntias, ao se lembrarem do jardim, não deveriam desonrar os homens de quem foram feitas para ser parceiras. (Por outro lado, os homens coríntios tampouco deveriam desonrar as mulheres, sem as quais eles são incompletos.)

Em suma, tanto Gênesis quanto Paulo destacam ao mesmo tempo uma distinção entre os sexos e a necessidade de uma interdependência em que um honra o outro — mas nenhum dos dois diz nada sobre os "papéis" hierárquicos que Schreiner afirma encontrar nesta passagem.

As mulheres são portadoras da imagem de Deus em igual medida?

E quanto a "O homem … é a imagem e glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem" (v. 7)? Para ser justo, quase nenhum complementarista usa este versículo para reforçar seu argumento. A razão pela qual Grudem não usa este versículo para defender a subordinação feminina é que, à primeira vista, ele parece contrariar a convicção que compartilhamos de que os sexos não são apenas diferentes, mas "iguais". Na verdade, este foi um texto-prova usado

199. Palavras de Tom Schreiner em "Recovering Biblical Manhood and Womanhood", p. 133.
200. "O homem não veio da mulher" (v. 8) — pode-se argumentar a partir de Gênesis 2 que Adão também deve honrar Eva, mas Paulo observa que não se pode dizer que ela tenha sido a fonte dele.

durante a maior parte da história da igreja para defender o ensino, nunca contestado, de que as mulheres eram inerentemente inferiores aos homens.

Paulo está dizendo que as mulheres são feitas à imagem de Deus em menor grau do que os homens? Não.[201] Dizer, como a igreja fez durante grande parte de sua história, que Eva recebe de Adão apenas uma parte da imagem de Deus contradiz Gênesis 1, que reconhece a imagem divina igualmente nos dois sexos. O que Paulo, que conhece bem Gênesis 1, parece estar fazendo é dar continuidade ao seu argumento de que Deus/Cristo é a fonte honrada de Adão, que é a fonte honrada de Eva. Ela recebe sua existência e identidade não só de Deus, mas também de Adão. Ao usar aquele véu na cabeça no culto, as mulheres honram os homens.

Paulo talvez também insinue a inversão da direção da honra — Adão é a glória e imagem (no sentido de imagem gloriosa) de Deus. Da mesma forma, Eva é a imagem gloriosa de Adão. Isso combina bem com as palavras de encanto de Adão quando se viu refletido em Eva pela primeira vez: "Finalmente! Osso dos meus ossos, carne da minha carne." *Se as mulheres devem honrar sua fonte em Adão, os homens devem honrar sua própria imagem nas mulheres.*

Em vez de ler as palavras de Paulo como a descrição de uma perda de valor (de Adão para Eva), talvez devêssemos lê-las como um crescendo de glória. Adão é *apenas* a imagem e glória de Deus, ao passo que Eva é a imagem e glória *tanto de Deus quanto de Adão*. Não é assim que se leem Gênesis 1 e 2? Nos dois capítulos, a obra-prima da criação de Deus vem no fim. No capítulo 1, é a humanidade. No capítulo 2, é a mulher. Adão é feito do pó, mas Eva é feita de carne.[202] Num mundo em que as mulheres foram tão desvalorizadas, as palavras de Gênesis e de Paulo aqui são contraculturais como poucas.

201. Lucy Peppiatt (em "Women and Worship at Corinth") e outros estudiosos da Bíblia propõem a tese de que Paulo escreve isso, mas, na verdade, neste ponto está citando falsos mestres da igreja, como faz em outras partes de 1 Coríntios. Para manter este capítulo num tamanho razoável, decidi não explicar essa tese, mas me apoiar na interpretação de Cynthia Westfall, que considero mais convincente.

202. Seguindo atentamente o argumento de Paulo aqui, estaríamos mais inclinados a dizer que Adão é inferior a Eva do que o contrário. Naturalmente, para evitar o erro oposto ao da igreja em grande parte de sua história misógina, não faremos isso.

As mulheres devem usar um "símbolo" de autoridade?

Agora vem meu versículo preferido desta passagem: "É por essa razão que a mulher deve ter autoridade sobre a própria cabeça, por causa dos anjos" (v. 10). Seguindo a tradução inovadora da RV de 1881, a ESV traduz este versículo assim: "Por isso a esposa deve ter *um símbolo* de autoridade sobre a cabeça, por causa dos anjos." Como a ESV afirma ser uma tradução literal, e não dinâmica como a NIV citada antes, você suporia que a tradução da ESV fosse a mais literal das duas. Mas estaria enganado. *O grego original não menciona nenhum tipo de sinal ou símbolo.*

Por que a ESV faria isso? Convém aos complementaristas argumentar que a cobertura da cabeça da mulher é um símbolo da "autoridade" (em grego: *exousia*) dos homens, ou talvez do marido, sobre ela. Mas Paulo nunca disse isso. Embora os estudiosos da Bíblia debatam vários aspectos deste versículo, a questão crucial que precisamos levantar é: quem tem a "autoridade" de que Paulo fala aqui? Se ela tem apenas "um símbolo de autoridade", isso significa que os homens em geral, ou talvez certos homens, têm autoridade sobre ela. Mas o grego afirma que a própria mulher "tem autoridade sobre" a própria cabeça. A mesma formulação aparece quando Jesus concede a seus discípulos "autoridade sobre" (*exousian … epi*) Satanás. Em todos os outros 102 usos da palavra *exousia* no Novo Testamento, incluindo seus nove usos em 1 Coríntios, ela se refere a uma autoridade que a própria pessoa possui.[203] O argumento de Paulo é que, se Deus, na criação, deu a Eva e a suas filhas algum tipo de autoridade, não cabe a homem nenhum (nem aos tradutores da Bíblia) tirá-la dela. *Mas isso é exatamente o oposto do que a tradução da ESV sugere.* Aqui está a maior fraqueza da leitura complementarista de 1 Coríntios 11: *o único lugar que de fato menciona algum tipo de autoridade fala da autoridade da mulher.* É verdade que a autoridade dela tem algo a ver com a cobertura da cabeça, mas o que parece ser enfatizado é a prerrogativa dela, livre de qualquer coação, de usá-la, antes de mais nada. Por que Paulo acrescentaria esse ponto sobre o direito dela de usar

203. Philip Payne, Man and Woman, One in Christ, cap. 10.

um véu na cabeça? Os estudiosos não têm certeza, embora Cynthia Westfall argumente que foram alguns homens, e não as próprias mulheres, que pressionaram as mulheres coríntias a tirar o véu. Não podemos ter certeza, mas, se for isso, então Paulo está encorajando as mulheres a *desafiar* aqueles homens que estão tentando colocá-las numa situação constrangedora.

Paulo apresenta duas razões para essa autoridade que a mulher possui por si mesma. A primeira, sinalizada pelas palavras do início do versículo 10 ("por essa razão"), nos remete aos versículos 8 e 9, nos quais ela, o ponto alto da criação, vem para o lado de Adão como sua parceira e, por isso, não deveria envergonhá-lo. Sem dúvida, argumenta ele, aquela que é o ápice da criação e igual a Adão é capaz de se sustentar sobre os próprios pés, não é? A segunda é "por causa dos anjos". O que isso significa? Os estudiosos oferecem muitas sugestões. Duas me parecem as mais convincentes: ou é uma referência aos anjos que estavam presentes na criação (que estavam lá quando Eva chegou em toda a sua glória) ou, talvez de modo mais plausível, tem relação com uma afirmação anterior de Paulo, na mesma carta, a respeito dos anjos, numa seção em que ele diz que os santos um dia julgarão os anjos[204] — nesse caso, faz todo o sentido que as mulheres decidam sobre a própria vestimenta, pois *Eva e suas filhas pertencem à realeza e, ao lado dos homens, um dia governarão o cosmo inteiro.*

Essa autoridade dada por Deus é precisamente a razão pela qual não só os homens, mas também as mulheres podiam contribuir com oração e profecia, como os versículos 4-5 afirmam de passagem.

Todavia, no Senhor

Até aqui nesta passagem, Paulo disse coisas que podem ser interpretadas — e foram — como se ele estivesse elevando os homens (v. 3-6) e também as mulheres (v. 7, 10). No fim, porém, ele deixa muito claro que, no evangelho e na igreja, os dois sexos são iguais e igualmente dependentes um do outro: "No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem é independente da mulher" (v. 11). No versículo 3, ele afirmou que Adão foi a

204. 1 Coríntios 6:1-2

fonte biológica de Eva (e que, portanto, todas as mulheres deveriam honrar todos os homens), mas agora ele também destaca que todo homem tem sua gênese biológica numa mãe: "Pois, assim como a mulher veio do homem, assim também o homem nasce da mulher" (v. 12) — e, portanto, todos os homens deveriam honrar todas as mulheres. *Ao combinar uma observação sobre como Eva surgiu em Gênesis 2 com uma observação sobre como todo homem vem a este mundo, Paulo deixa claro que a honra deve fluir nos dois sentidos* — o que nos deixa ainda menos margem para defender uma hierarquia de gênero com base na ordem da criação. Mutualidade, igualdade, unidade — e tudo isso sem apagar a diferença entre os sexos: é isso que Deus parece ter tido em vista desde o início.

Alguns estudiosos argumentam que, nesta passagem, Paulo trata apenas de maridos e esposas, e não das relações entre homens e mulheres em geral. Isso é possível, embora remotamente. As palavras gregas para "homem" e "mulher" também podem ser traduzidas por "marido" e "esposa", se é disso que a passagem fala. No entanto, a maioria dos estudiosos argumenta que, se lermos a passagem inteira, Paulo está se referindo ao modo como todos os homens e todas as mulheres se relacionam, o que inclui os casais, mas vai além deles.[205]

Dito isso, se a minoria dos estudiosos estiver certa quanto a Paulo falar apenas a casais, podemos concluir que a cabeça metafórica da mulher no versículo 5 se refere possivelmente a seu *paterfamilias*, o homem "responsável" por ela segundo a cultura greco-romana. Sendo assim, Paulo lhe diz que o honre, mas não dá nenhum apoio à ideia de que ela seja subordinada a ele — na verdade, a passagem inteira caminha na direção de uma equiparação dos sexos. É impressionante que, no outro lugar em que Paulo fala do marido como *kephalē* (em Efésios 5), ele enquadre a relação entre marido e esposa no conceito abrangente da *submissão mútua*. Da mesma forma, aqui em 1 Coríntios 11, ele conclui com um ensino sobre a *interdependência mútua*.

205. A menos que imaginemos as mulheres solteiras e as viúvas tirando agora a cobertura da cabeça, justamente aquilo que lhes confere dignidade. O argumento mais forte, porém, é que Paulo, no versículo 12, diz que "todo homem nasce da mulher" — isso não faz sentido se for lido como "todo marido nasce de sua esposa". Thiselton observa que "a esmagadora maioria dos autores argumenta de modo convincente que a questão diz respeito às relações entre os sexos como um todo, e não apenas às do círculo familiar mais restrito", em "1 Corinthians (NIGTC)."

Quer esta passagem se refira às relações entre todos os homens e mulheres, quer (o que é menos provável) apenas às relações entre maridos e esposas, penso que podemos descartar com confiança a afirmação complementarista de que "Paulo quer que as mulheres usem uma cobertura na cabeça para mostrar que são submissas à liderança masculina".[206] Para a maioria de nós, essa é uma notícia fantástica! Imagine que Deus quisesse que todas as mulheres se submetessem a todos os homens, que é o que Paulo, ao fundamentar seu argumento na criação, estaria dando a entender. Isso incluiria a submissão da mulher aos homens no casamento, nas relações familiares, nos grupos de amigos, nas relações de trabalho, na sociedade e na igreja. Estremeço ao pensar no efeito paralisante que esse ensino incorreto teve, ao longo dos séculos, sobre mulheres que interpretaram mal esta passagem, como se ela as ensinasse a ter uma disposição submissa em relação aos homens. Infelizmente, é isso que Piper ainda ensina no capítulo de abertura de *Recovering Biblical Manhood and Womanhood*: "A mulher madura … afirmará a força e a liderança dos homens de alguma forma *em todos os seus relacionamentos* com homens dignos."[207] Felizmente, Jesus, e um estudo sério desta passagem, põem um fim decisivo à mutilação que essa interpretação equivocada causa às mulheres.

Quanto mais examinamos cada argumento que os complementaristas apresentam em favor de uma leitura desta passagem em termos de autoridade e submissão, mais vemos por que cada um deles precisa ser rejeitado como uma lamentável distorção de uma passagem que, na verdade, eleva maravilhosamente as mulheres, em vez de diminuí-las ou subordiná-las.

Vamos agora explorar a segunda das três passagens de Paulo que, à primeira vista, parecem apoiar as conclusões complementaristas.

1 Coríntios 14:33-35

Como acabamos de ver em 1 Coríntios 11, Paulo confere grande dignidade às mulheres. Ele não só aprova a participação feminina na oração e na profecia,

206. Palavras de Schreiner em "Recovering Biblical Manhood and Womanhood", p. 132, 135.
207. Palavras de John Piper em "Recovering Biblical Manhood and Womanhood", p. 21.

como seus comentários sobre a cobertura da cabeça nascem de seu desejo de ver todas as mulheres devidamente honradas. Mais adiante na mesma carta, há outra passagem que, numa primeira leitura, certamente parece contradizer a anterior:

33 Pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz — como em todas as congregações do povo do Senhor. 34 As mulheres devem permanecer em silêncio nas igrejas. Não lhes é permitido falar; antes, devem estar em submissão, como diz a lei. 35 Se quiserem informar-se sobre alguma coisa, perguntem ao próprio marido em casa; pois é vergonhoso para a mulher falar na igreja.

Como os estudiosos debatem esta passagem sem cessar, apresentarei as cinco principais posições propostas por diversos estudiosos. (Na verdade, são seis posições, mas mostrarei que uma delas é um desdobramento de outra; por isso, vou tratá-la como uma subposição.) Também tomo a liberdade, com base em minha própria avaliação dos argumentos, de organizá-las da que considero mais fraca para a mais forte.

Posição 1: As mulheres devem permanecer em silêncio nas reuniões de culto

Os estudiosos tiveram dificuldade para entender como Paulo podia permitir que as mulheres falassem nas reuniões da igreja no capítulo 11 e, no entanto, parecer proibir essa mesma atividade no capítulo 14. Até a década de 1960, quando a inferioridade e a subordinação femininas ainda eram, de modo geral, inquestionadas, estudiosos desde um Pai da Igreja como Orígenes até o comentarista Charles Ryrie acreditavam que Paulo pretendia que as mulheres ficassem em silêncio *como regra geral*. Ryrie, em 1958, pelo menos acrescentou que poderia haver exceções em que as mulheres podem falar.

Mas, se o restante das Escrituras é sempre o melhor intérprete de um texto bíblico específico, então essa posição histórica precisa ser rejeitada. No capítulo 11 e ao longo da maior parte do capítulo 14, Paulo aprovou que as mulheres falassem na igreja. Portanto, não podemos entender suas instruções nestes

versículos no sentido de que todas as mulheres devam ficar em silêncio em todas as igrejas.

A inverossimilhança dessa posição, agravada pela descoberta da igualdade das mulheres depois da década de 1960, levou a muitas outras tentativas de entender esta passagem.

Posição 2: As mulheres não devem avaliar profecias

Essa posição liga o silenciamento das mulheres por Paulo à instrução que ele dá alguns versículos antes: "Falem dois ou três profetas, e os outros avaliem com cuidado o que é dito" (v. 29). Ela argumenta que Paulo silencia as mulheres apenas parcialmente. Embora tanto profetas homens quanto mulheres possam falar, essa posição conclui que as mulheres não devem *avaliar* as mensagens proféticas.[208]

Com base na referência aos maridos (v. 35), essa posição sugere que, no mundo antigo, teria sido culturalmente constrangedor — e, portanto, uma violação da "ordem" a que Paulo alude — uma mulher avaliar em público as profecias do próprio marido ou de outros homens.

Essa posição tem várias fraquezas. Primeiro, "os outros" mencionados no versículo 29 são todos os presentes que ouvem a profecia de alguém. São essas pessoas que devem fazer a avaliação, e esse grupo inclui outras mulheres. Segundo, o versículo 29 está a certa distância dos versículos 34 e 35. Os versículos intermediários desviam o assunto da avaliação das profecias para o autocontrole dos profetas, que devem esperar sua vez (v. 30-32). Nada da frase do versículo 29 se repete nos versículos 34-35, e não há nenhum vínculo entre a frase sobre avaliar profecias e as instruções de Paulo para que as mulheres fiquem em silêncio. Tampouco a sugestão de Paulo de que as mulheres aprendam e façam perguntas em casa tem relação com a avaliação de profecias.

208. O que exatamente Paulo quis dizer com "avaliar" profecias é incerto. Refere-se a discernir espiritualmente a origem de uma profecia, a criticar doutrinariamente seu conteúdo, ou talvez a considerar o que Deus pode estar dizendo por meio de um conjunto de profecias, ou a decidir como aplicar o que está sendo dito?

Por fim, avaliar profecias exigiria o dom espiritual de discernimento, que Deus dá tanto a homens quanto a mulheres (12:10).

Por mais improvável que seja essa posição, muitos estudiosos complementaristas continuam a promovê-la e a desenvolvê-la ainda mais.

Posição 2a: As mulheres não devem usurpar o papel dos presbíteros homens

Chamei esta posição de 2a porque ela é uma ramificação mais recente da anterior. É também a posição complementarista predominante, defendida por Grudem, Carson e pelos Keller. Essa posição, embora não silencie as mulheres, encontra um jeito de subordiná-las universalmente. Ela concorda com a Posição 2 em que Paulo proíbe as mulheres de avaliar profecias, *e então oferece esta razão adicional: as únicas pessoas que podem avaliar profecias são os presbíteros da igreja, e é por isso que Paulo não quer que as mulheres o façam.*

Na minha opinião, esta posição é ainda mais fraca do que a original, porque dá um duplo salto. Não só pula por cima dos versículos 30-32 para chegar ao versículo 29, como *salta para uma razão que não é dada em nenhum lugar da carta inteira*. A justificativa que Grudem oferece é que as mulheres podem profetizar, compartilhando uma revelação espontânea, mas que avaliar profecias exige autoridade doutrinária, que é domínio de presbíteros exclusivamente homens. Essa posição então salta de novo, desta vez até 1 Timóteo 2:12, que diz que não é permitido às mulheres ensinar os homens. Cruzando esse versículo com o anterior, a menção de que as mulheres precisam estar "em submissão, como diz a lei" é entendida como submissão aos presbíteros homens, conforme os papéis de gênero que Gênesis 2 ensinaria.

Todas as fraquezas mencionadas na Posição 2 valem também aqui, mas esta posição recebeu ainda mais críticas, por vários motivos. Em nenhum lugar desta carta inteira Paulo menciona presbíteros. Sem uma boa dose de ginástica complementarista, nada em 1 Coríntios implica autoridade masculina ou alude ao ensino como uma função exclusivamente masculina.

Embora igrejas carismáticas modernas talvez permitam apenas aos presbíteros avaliar profecias, em 1 Coríntios 14 Paulo confia na maturidade da *igreja inteira* tanto para trazer quanto para avaliar palavras proféticas. Na verdade, a única menção possível, nesta carta, de uma liderança à qual se deva submissão diz respeito à *inteira* "casa de Estéfanas" — à qual os coríntios deveriam "se submeter". E essa casa, como todas as casas, certamente incluía algumas mulheres; portanto, talvez haja argumentos mais fortes para dizer que os homens coríntios são exortados a se submeter às mulheres da casa de Estéfanas do que para dizer que somente os presbíteros podem avaliar profecias![209]

Quanto a cruzar 1 Coríntios 14 com 1 Timóteo 2:12, este último versículo foi escrito muito depois, e por isso nenhum dos leitores desta carta sequer o conhecia. Ele ainda não existia naquela época. Além disso, os complementaristas interpretam 1 Timóteo 2:12 de modo incorreto (como mostrarei no próximo capítulo), o que garante que qualquer referência cruzada só acrescentará mais trevas, e não luz, à interpretação desta passagem.

Quanto à palavra "submissão", observe que ela não tem objeto pessoal. Supor que ela signifique que as mulheres devem se submeter aos presbíteros homens é ler no texto algo que não está lá. É melhor recorrer à passagem mais ampla e então supor que a submissão é ao princípio da "ordem", que orienta todas as instruções de Paulo nos capítulos 11-14. E, mesmo que "a lei" se refira a Gênesis 2 (o que é improvável, já que Gênesis 2 não ensina a submissão feminina), a única lei em Gênesis 2 é a de não comer do fruto. Mais uma vez, uma interpretação errada de outra passagem é usada para distorcer a leitura desta.

Talvez a falha mais óbvia da Posição 2 e da Posição 2a seja que o versículo 35 não menciona nem o profetizar nem a avaliação de profecias. Antes, ele proíbe as mulheres de fazer perguntas movidas pelo desejo de aprender — um assunto completamente diferente.[210]

209. Contudo, em 1 Coríntios 16:15-16, Paulo talvez não esteja falando da casa de Estéfanas como presbíteros, mas apenas como servos (*diakonia*) e cooperadores (*sunergeo*) inspiradores, dignos do serviço humilde do próprio povo de Deus.

210. Para uma crítica mais completa desta posição, veja J. Greenbury, "1 Corinthians 14:34-35: Evaluation of Prophecy Revisited," Journal of the Evangelical Theological Society 51 (2008): 721–31

Posição 3: Paulo refuta os que dizem que as mulheres não podem falar

Muitos estudiosos argumentam que havia em Corinto um grupo legalista que se opunha a Paulo e que Paulo, na verdade, está citando esse grupo nos versículos 34-35, para depois refutá-lo nos versículos 36-38. Ao fazer isso, Paulo contesta a maneira como essa igreja impunha às mulheres suas próprias restrições culturais. Em outras palavras, devemos imaginar aspas em torno dos versículos 34-35, onde Paulo insere as palavras desse grupo legalista.

O que torna essa posição plausível é que Paulo de fato cita, em outros lugares da carta, pessoas que se opõem à sua visão e que ele então corrige. Por exemplo, em 1 Coríntios 6 ele escreve: "'Tenho o direito de fazer qualquer coisa', vocês dizem — mas nem tudo convém. 'Tenho o direito de fazer qualquer coisa' — mas não me deixarei dominar por nada."[211]

Segundo essa posição, a correção de Paulo vem logo depois de ele citar esses legalistas. Com isso em mente, uma possível tradução do versículo 36 seria: "O quê! Foi de vocês que se originou a palavra de Deus? Ou ela chegou somente a vocês?" Depois dessa pergunta de refutação, ele deixa claro que não só os homens, mas todos podem orar em línguas e profetizar (portanto, "falar"), desde que isso seja feito com ordem (v. 37-40).

O fato de os versículos 34-35 soarem tanto como o tratamento comumente dado às mulheres no Império Romano também dá credibilidade a essa posição. Por exemplo, o historiador romano do primeiro século Tito Lívio registra um discurso de Cícero: "Corei quando, há pouco, passei no meio de um bando de mulheres … correndo de um lado para outro em público, bloqueando as ruas e falando com os maridos de outras mulheres! Vocês não poderiam ter perguntado a mesma coisa a seus próprios maridos em casa? Vocês são mais encantadoras em público com os maridos alheios do que em casa com os seus?"[212]

211. 1 Coríntios 6:12. Veja também 1 Coríntios 6:13 e 7:1.
212. Citado em M. Lefkowitz e M. Fant, Women's Life in Greece and Rome, p. 171.

Por mais possível que seja essa posição, sua principal fraqueza é que nenhuma das outras citações desses legalistas ou falsos mestres na carta é tão longa.

Posição 4: Paulo nunca escreveu isso

Muitos especialistas em crítica textual argumentam que esses versículos sobre o silêncio obrigatório da mulher não constavam da carta original de Paulo.[213] Em vez disso, um dos primeiros leitores ou copistas — provavelmente alguém com uma visão que subordinava as mulheres — os rabiscou na margem. Copistas posteriores então os inseriram no texto da própria carta.

Os estudiosos das cópias mais antigas identificaram muitas vezes diferenças entre manuscritos que os levaram a questionar a autenticidade de vários textos, chamando-os de *interpolação*. Se você nunca ouviu falar disso, talvez fique inquieto. Talvez se pergunte se podemos confiar na Bíblia tal como a temos. Contudo, graças ao trabalho de séculos dos críticos textuais, podemos saber com 99,9% de certeza que temos a redação original de 99,9% dos nossos textos bíblicos. Esta passagem, porém, pode estar dentro desse 0,1% de incerteza.

Considere três evidências a favor dessa posição. Primeiro, ninguém sabe ao certo a que lugar da carta esta passagem realmente pertence — na verdade, os versículos 34-35 só aparecem em seu lugar atual no capítulo nos manuscritos orientais. Os ocidentais mais antigos trazem esses mesmos versículos *depois* do versículo 40. Pense nisso: até Jerônimo mudar isso no século IV, a igreja de língua latina passava do que hoje é o versículo 33 diretamente para o versículo 36. Segundo essa posição, depois que um escriba antigo escreveu na margem o que hoje são os versículos 34-35, dois copistas posteriores, que copiavam aquela cópia, inseriram o texto nas palavras de Paulo — um num lugar, e o outro em outro lugar.

Segundo, isso explica as contradições. Por que Paulo contradiria frontalmente o que disse na passagem sobre a cobertura da cabeça, em que as mulheres oram e

213. Estudiosos como Gordon Fee, em "The First Epistle to the Corinthians", Richard Hays, em "First Corinthians, Interpretation", e Philip Payne, em "Man and Woman: One in Christ", defendem todos essa posição.

profetizam com alegria junto com os homens? Por que usaria a mesma palavra "silêncio" que aparece antes no capítulo e, de repente, lhe daria um sentido muito diferente? Nos versículos 28 e 30, o silêncio é momentâneo e não impede ninguém de exercer os dons, ao passo que, no versículo 34, o silêncio parece enfático e permanente. Como já mencionei, Paulo diz "todos" e "cada um de vocês"[214] e, com isso, convida as mulheres a fazer ouvir sua voz. Além disso, a linha de pensamento do capítulo, ao que parece, flui muito melhor sem os versículos 34-35. É verdade que eles também não se encaixam melhor depois do versículo 40.

Terceiro, o uso da expressão "como também diz a lei" não é muito típico de Paulo. Nenhuma lei do Antigo Testamento ordena o silêncio ou a submissão da mulher. E Paulo costuma usar "está escrito" para se referir a passagens específicas das Escrituras. Nas duas vezes em que usa "como diz a lei" para se referir a uma lei, ele emprega outro verbo (legō) e cita essa lei.

Apesar desses e de outros argumentos de peso,[215] nem todos os estudiosos aceitam essa posição. As palavras "falar" e "silêncio" *são* usadas no capítulo 14 (ainda que de outra maneira), e esses versículos *aparecem* em todos os manuscritos antigos que temos, mesmo que seu lugar seja incerto. Quem de nós quer ser culpado de descartar algo que Deus pode ter inspirado? Embora eu esteja inclinado a adotar essa posição, ainda preciso perguntar se não haveria outra solução para as dificuldades que encontramos nela.

Posição 5: Aprendizes que causam tumulto comprometem a ordem

Essa posição pressupõe que Paulo está tratando de um problema singular, muito específico da igreja de Corinto, e que, portanto, não se trata de uma ordem para

214. Veja os versículos 23-24, 36 e 31.

215. Por exemplo, em nenhum outro lugar Paulo cita a lei para estabelecer uma regra para o culto cristão, que é expressão de estarmos no Espírito, e não debaixo da lei. Além disso, todas as outras ordens da carta se dirigem à igreja de Corinto. Mas o versículo 34 dirige uma ordem às "mulheres nas igrejas", o que, por vir imediatamente depois de "todas as igrejas dos santos", pode se referir às mulheres em todas as igrejas. Essa ordem está aparentemente fora de lugar. Além disso, não há nenhuma outra passagem longa que apareça em dois lugares totalmente diferentes em vários manuscritos antigos sem nenhuma razão aparente. Tudo isso torna plausível que se trate de uma inserção posterior.

todas as igrejas, ainda que haja algumas lições permanentes para todas elas.[216]

A chave dessa posição é que os capítulos 11-14 se concentram na ordem adequada no culto. Em 11:3-16, Paulo trata da vestimenta apropriada. Em 11:17-34, Paulo corrige práticas defeituosas em torno da Ceia do Senhor. Em 14:11-32, ele trata do uso desordenado dos dons carismáticos — mais especificamente, corrige três grupos de pessoas que estão falando *na hora errada*: a pessoa que compartilha publicamente uma língua sem que haja intérprete presente (v. 28), a pessoa com uma palavra profética que não espera sua vez (v. 30-32) e, por fim, as mulheres que falam na hora errada ou de maneira errada (v. 34-35). Nos três casos, a preocupação de Paulo não é tanto com o conteúdo das palavras, mas com a maneira desordenada como elas são ditas.

Embora não possamos ter certeza de qual comportamento exatamente Paulo estava corrigindo nas mulheres coríntias reunidas nos cultos, podemos, ainda assim, conjecturar, com base no conhecimento das culturas antigas, que as mulheres estavam "conversando na igreja" de um modo que causava tumulto. Numa cultura mais ampla em que quase nenhuma mulher tinha instrução, em que o aprendizado acontecia oralmente e não pela leitura, e em que as mulheres normalmente não tinham permissão para participar de reuniões religiosas, essas mulheres cristãs, que talvez já tivessem tido sua vez de compartilhar uma profecia, agora falavam fora de hora. Em vez de ouvir, perguntavam, empolgadas, às pessoas ao redor o que estava sendo dito ou o que aquilo significava. Por isso, Paulo lhes diz que parem de perturbar a reunião e guardem a conversa para os maridos, em casa. Paulo diz: "Se quiserem informar-se sobre alguma coisa, perguntem ao próprio marido em casa" — os maridos, em quase todos os casos provavelmente mais instruídos do que elas, talvez pudessem responder às suas muitas perguntas.

Em outras palavras, essa instrução ao silêncio não se baseia numa "ordem da criação" inerente às mulheres nem numa doutrina de autoridade e submissão entre homem e mulher, mas existe para restaurar a ordem numa reunião da

216. Embora algumas traduções liguem as palavras "como em todas as congregações do povo do Senhor" ao início desta instrução que silencia as mulheres, esta posição sustenta que elas se encaixam melhor no fim da afirmação anterior, sobre a prioridade da ordem. Vinte e nove traduções inglesas se dividem quase ao meio nesse ponto. Veja www.bit.ly/3mGpFPT

igreja que, de outro modo, seria caótica e tumultuada. Segundo essa posição, ao contrário dos argumentos complementaristas, a preocupação de Paulo não é que as mulheres estejam ensinando, mas que estejam aprendendo de um modo que prejudica a ordem da reunião.[217] A paráfrase de Eugene Peterson, *The Message*, capta esse sentido: "As esposas não devem perturbar o culto, falando quando deveriam estar ouvindo, fazendo perguntas que seria mais apropriado fazer aos maridos, em casa."

Para Paulo, manter a ordem na igreja implica levar em conta as sensibilidades culturais locais. Assim como era "vergonhoso" (11:6) para as mulheres não usarem a cobertura da cabeça, pode ter sido "vergonhoso" (14:35), naquela cultura, que as pessoas, especialmente as mulheres, causassem tumulto num ambiente de aprendizado.

Para aqueles de nós que talvez acusassem Paulo de sexismo aqui, lembremos que Paulo procurava plantar igrejas que sustentassem os valores do evangelho e, ao mesmo tempo, "fazer-se tudo para com todos", a fim de ganhar alguns.[218] Paulo não idealizava a cultura que a igreja procurava alcançar; antes, com intenção evangelística, procurava se adaptar ao decoro social dela sem comprometer valores essenciais. E, naturalmente, ele sabia que, onde o aprendizado era crucial, os aprendizes que causavam tumulto precisariam de algumas diretrizes para o bem de todos.

Curiosamente, se aplicarmos essa preocupação com a sensibilidade cultural a um contexto ocidental moderno, seria sábio garantir que as mulheres *contribuam e aprendam da mesma forma que os homens*. Na verdade, seria "vergonhoso" não fazer isso.

217. João Crisóstomo, três séculos mais tarde, compartilhava esse ponto de vista de Paulo: "Naquele tempo, de fato, as mulheres, por causa desse ensino, guardavam silêncio; mas agora há grande barulho entre elas, muito clamor e conversa, e em nenhum lugar tanto quanto neste lugar [a catedral] … Assim, tudo é confusão, e elas parecem não entender que, a menos que fiquem quietas, não podem aprender o que é útil. Pois, quando nosso discurso [sermão] tem de lutar contra a conversa, e ninguém presta atenção ao que é dito, que bem isso pode lhes fazer?" (Citado na Homilia IX, Nicene and Post-Nicene Fathers.)
218. 1 Coríntios 9:23

Essa posição é a correta? Penso que pode ser.[219] Mas não podemos ter certeza absoluta, o que nos leva a uma última observação.

Uma passagem pouco clara

Embora a igreja deva continuar examinando nossas interpretações das Escrituras e avançando rumo a níveis cada vez maiores de clareza e convicção, é importante reconhecer que esta passagem ainda levanta mais perguntas do que respostas. Mesmo as posições mais fortes são provisórias. Por isso, é preciso humildade.

Se nós, por medo de desobedecer à palavra de Deus, optarmos pela interpretação mais conservadora (Posição 1), então o silenciamento completo das mulheres também deveria incluir que elas não cantem, já que Paulo menciona o canto como uma forma de falar.[220] Dizer-se conservador, mas depois apenas impedir as mulheres de avaliar profecias ou de pregar, me parece bastante arbitrário e incoerente. E, já que falamos de coerência, se vamos adotar a abordagem conservadora, sejamos realmente coerentes e instruamos todas as mulheres a deixar a cobertura da cabeça pronta para a próxima reunião da igreja! Com estudiosos respeitados chegando a tantas conclusões diferentes em seu estudo desta passagem, a única coisa com que certamente todos podemos concordar é que esta passagem é uma passagem pouco clara. Consequentemente — segundo qualquer bom método de interpretação —, ela não deveria servir de base para uma conclusão doutrinária nem para uma ordem universal na prática de todas as igrejas, em todos os lugares.

Nem 1 Coríntios 11 nem 1 Coríntios 14 excluem a possibilidade de as mulheres liderarem na igreja e na sociedade, de estarem ao lado do marido como parceiras ou de pregarem um sermão a homens. E isso apesar de os complementaristas terem apresentado esses mesmos versículos em defesa de sua posição. Resta investigar mais uma passagem crucial.

219. Embora eu deva admitir, junto com aqueles que preferem a Posição 4 a esta, que o chamado ao silêncio das mulheres, mencionado nada menos que três vezes e sem ressalvas, pode constituir uma proibição absoluta (e não apenas específica de uma situação) de toda contribuição oral das mulheres nas reuniões.
220. Veja Colossenses 3:16-17



7

1 Timóteo 2:11-15

"A oposição às mulheres no ministério é frequentemente sustentada praticamente com base em um único texto paulino — 1 Timóteo 2:11-12. Seja qual for o significado desse texto difícil e de seu contexto, ele precisa ser posto em equilíbrio com todos os outros textos bíblicos que tratam da mesma questão. Isso mostra, a meu ver, que o texto de 1 Timóteo trata de uma situação limitada." David Scholer[221]

Perto do fim de *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, Dumbledore está cercado de inimigos. Ele implora ao professor Snape: "Severo … por favor!" Para nossa tristeza, Snape mata Dumbledore, e concluímos que Snape sempre foi um agente traiçoeiro de Voldemort.

Mas espere. Só no último livro descobrimos (junto com Harry) que nem tudo era o que parecia. Quando Harry desvenda as memórias de Snape (derramadas numa Penseira mágica), descobre-se que Snape, quando jovem, amava a mãe de Harry e, por mais antipático que fosse, sempre fora dedicado a Dumbledore e a Harry.

Na verdade, Dumbledore, que sabia que estava morrendo por causa de uma maldição irreversível, tinha pedido de antemão a Severo que lhe tirasse a vida, para garantir a Snape a confiança de Voldemort, que ele poderia, por sua vez, usar em favor de Harry.

Agora que conhecemos o enredo, as palavras "Severo … por favor!" ganham um sentido totalmente diferente. Não são, como antes pensávamos, a súplica desesperada de Dumbledore para que Snape o poupasse, mas sim para que o

221. https://www.fuller.edu/womeninministry/

matasse. Longe de ser um triunfo do mal, esse momento na verdade levará à vitória final sobre as trevas.

Compartilho esta analogia[222] para ilustrar como é importante estar imerso no enredo antes de tentarmos entender corretamente uma frase ou um versículo aqui e ali que, tirados do contexto, podem ser completamente mal compreendidos.

Os estudiosos complementaristas cometem o erro de pegar três pequenas frases de uma história muito longa (as três passagens bíblicas que estamos examinando agora) e arrancá-las do contexto. Comprometidos com a autoridade da Bíblia (algo bom), eles estão prontos a se agarrar a uma interpretação de uma passagem mesmo que a Bíblia como um todo não apoie essa interpretação. Contradizendo o enredo principal do plano restaurador de Deus, eles idealizam e procuram eternizar o patriarcado que, na história maior, o Autor dela planeja eliminar.

De fato, não há outra passagem citada com mais frequência e mais ênfase para comprovar que um arranjo hierárquico é a vontade de Deus do que as palavras de Paulo a seu protegido em 1 Timóteo 2:8-15. Quando todos os outros argumentos bíblicos falham, esta é a passagem a que o complementarista recorre. Alguns estudiosos complementaristas chegam a considerá-la a *única* passagem digna de crédito que se interpõe entre as mulheres e sua ordenação para a liderança da igreja.[223]

Um aviso rápido antes de prosseguirmos: o restante deste capítulo é o mais técnico e o mais longo deste livro. Se você não consegue lidar com tanta complexidade interpretativa, sinta-se à vontade para pular direto para o próximo capítulo, mas saiba que vou mostrar que *1 Timóteo 2:11-15, o principal texto-baluarte do complementarismo, na verdade não apoia o complementarismo*.

Eis a passagem, junto com os versículos vizinhos, que lhe dão algum contexto:

222. Crédito a Rebecca McLaughlin, em "Confronting Christianity" (cap. 8), por esta ilustração.
223. "Só existe um argumento válido contra a ordenação de mulheres … a proibição encontrada em 1 Timóteo 2:12", diz Susan Foh em "Women in Ministry: Four Views" (1989), cap. 2.

8 Quero, portanto, que os homens orem em toda parte, levantando mãos santas, sem ira e sem contendas. 9 Quero também que as mulheres se vistam com modéstia, com decência e discrição, adornando-se não com penteados elaborados, nem com ouro, nem com pérolas, nem com roupas caras, 10 mas com boas obras, como convém a mulheres que professam adorar a Deus.

11 A mulher deve aprender em quietude e com toda a submissão. 12 Não permito que a mulher ensine nem que se arrogue autoridade sobre o homem; ela deve ficar quieta. 13 Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. 14 E não foi Adão o enganado; foi a mulher que foi enganada e se tornou pecadora. 15 Mas as mulheres serão salvas por meio da maternidade — se permanecerem na fé, no amor e na santidade, com bom senso.

3:1 Esta é uma palavra digna de confiança: quem aspira a ser supervisor deseja uma nobre tarefa.

A posição complementarista

Os principais versículos que sustentam a teologia complementarista são: "Não permito que a mulher ensine nem que [exerça] autoridade sobre o homem … Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva." Os complementaristas interpretam esses versículos como se, em essência, significassem:

Como apóstolo, decreto que, em todas as igrejas e em todas as situações, a mulher não pode ensinar nem exercer autoridade pastoral sobre o homem, pois só é apropriado que um homem ensine ou exerça autoridade sobre outro homem. A razão é que Adão foi feito antes de Eva e, por isso, com razão lidera Eva. Essa "ordem da criação" se aplica a todas as futuras comunidades de fiéis — a autoridade espiritual masculina é a norma preferida de Deus.

Em outras palavras, quando uma mulher ensina homens numa igreja ou está em posição de autoridade sobre um homem, ela desafia *tanto* uma diretriz apostólica permanente e universal *quanto* "a ordem da criação".

É importante observar que os complementaristas estão divididos em três questões: se esse princípio hierárquico se aplica apenas ao lar e à igreja ou também à sociedade; se "ensinar ou exercer autoridade" se refere a duas atividades (ensinar *e* liderar) ou a uma só (ensinar à maneira de um líder); e se as mulheres são excluídas apenas da liderança principal de uma igreja ou de todos os níveis de liderança em que homens sejam liderados. Nos três pontos, a maioria dos complementaristas mais destacados (como Köstenberger e Schreiner) fica com as interpretações mais rigorosas. Por exemplo, Köstenberger escreve: "Paulo poderia facilmente ter dito: 'Não permito que a mulher seja presbítera', mas, em vez disso, disse: 'Não permito que a mulher ensine nem exerça autoridade sobre o homem', indicando que são essas funções que ela não deve exercer, e não meramente o cargo em que se dão esse ensino e esse exercício de autoridade."[224]

O que significa ensinar (em grego: *didaskein*)? Schreiner diz que é "a transmissão de material dotado de autoridade". A preocupação de Paulo, portanto, não é apenas que as mulheres ensinem erros aos homens, mas que elas sequer ensinem os homens. Seria impróprio que as mulheres ensinassem aos homens até mesmo a verdade. As mulheres na igreja podem ensinar outras mulheres e crianças,[225] mas não homens adultos. Um versículo, Atos 18:26, é interpretado de modo a permitir uma exceção para mulheres que ensinam homens: fora de uma reunião formal da igreja, e a sós, uma mulher pode ter permissão para ensinar um homem.

Segundo o argumento complementarista, o exercício de autoridade em 1 Timóteo 2:12 (em grego: *authentein*) não se refere a um uso negativo da autoridade, mas a um tipo positivo, que seria exercido por pastores homens numa igreja.

Paulo apresenta a justificativa para sua diretriz apostólica: "Porque Adão …" A conjunção "porque" (em grego: *gar*) tem sentido *causal*, dizem os estudiosos complementaristas. A razão de Paulo é que "primeiro foi formado Adão, depois Eva". As palavras "primeiro" e "depois" implicam uma hierarquia. Isso, dizem

224. Fonte: www.bit.ly/3mG7n13
225. Veja Tito 2:3-4 e 2 Timóteo 1:5; 3:15 para exemplos disso.

eles, prova que Paulo lia Gênesis 2 como um ensino sobre a autoridade de Adão sobre Eva antes da Queda.

Paulo continua: "E não foi Adão o enganado; foi a mulher que foi enganada e se tornou pecadora" (v. 14). Os complementaristas tendem a interpretar isso como uma referência à cooperação de Eva com os esforços de Satanás para inverter a ordem da criação (pois, embora Adão estivesse no comando, Satanás contornou a autoridade dele ao falar com Eva, e Eva, contornando a autoridade de Adão, lidou com a tentação sem consultá-lo).

Os complementaristas nos lembram, com razão, que a divisão em capítulos que temos hoje não existe na carta original de Paulo. Na verdade, a linha de pensamento continua. Paulo passa imediatamente ao assunto de quem pode ser supervisor numa igreja (3:1). Os complementaristas imaginam que Paulo está, assim, dando a entender: "Mencionei que as mulheres não podem ensinar nem exercer autoridade sobre os homens; então vocês devem estar se perguntando quem pode fazer isso. A resposta é … supervisores *homens*."

Além do fato de essa ser uma interpretação quase totalmente nova, inventada peça por peça desde a década de 1970,[226] permita-me apresentar várias preocupações que tenho com a interpretação complementarista (conforme exposta acima).

Uma igreja seriamente danificada

Esta carta não foi endereçada a nós, mas foi escrita para nós. Naturalmente, ela é Escritura inspirada e, portanto, contém verdades atemporais para todas as igrejas, mas essas verdades precisam ser escavadas com cuidado, com base na situação única à qual ela se dirigia. Quando deixamos de considerar essa

226. As interpretações mutualistas de 1 Timóteo 2:11-14 são rotineiramente contestadas pelos complementaristas por serem novas. Mas a acusação vale para os dois lados. Como a maioria dos mestres da Bíblia na história da igreja, até a segunda metade do século XX, lia automaticamente os textos bíblicos sobre as mulheres pelas lentes do patriarcado ou da misoginia de sua cultura, é compreensível que tenham entendido mal uma passagem como esta. Em suma, eles a liam como uma subordinação universal das mulheres em todas as áreas da sociedade, baseada na inferioridade qualitativa delas. Os homens devem ensinar e liderar porque as mulheres são incapazes de fazê-lo. Assim, quando os complementaristas afirmam que sua posição é a histórica, demonstram desconhecer quão nova é sua interpretação. Percorrendo a passagem expressão por expressão, eis a diferença entre a posição complementarista e a posição histórica (usual): *"Não permito que a mulher ensine."* Os complementaristas veem nisso Paulo proibindo apenas o ensino bíblico ou o ensino de homens cristãos. Mas, historicamente, isso costumava ser entendido como qualquer tipo de ensino. As mulheres não deveriam ensinar ninguém na sociedade, nem mesmo os homens. *"nem que se arrogue autoridade sobre o homem."* Os complementaristas, em sua maioria, dizem que isso se refere à liderança pastoral, que só seria adequada a presbíteros homens. Mas, historicamente, isso era entendido como a proibição de as mulheres "usurparem" a autoridade (ou a tomarem à força) dos homens, os únicos que deveriam liderar em toda a sociedade, e não apenas na igreja. *"que a mulher ensine … o homem."* Os complementaristas, tentando desajeitadamente conciliar sua leitura desta passagem com o ensino legítimo de Priscila a Apolo, interpretam isso no sentido de que uma mulher pode ensinar informalmente um homem sozinho, mas não pode ensinar homens coletivamente nem formalmente. Mas, historicamente, isso era entendido como algo que impedia a mulher de ensinar um grupo de homens *e também* um homem individualmente. *"Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva."* Os complementaristas veem nisso a autoridade de Adão sobre Eva, aplicada apenas à liderança espiritual do homem na igreja e no casamento cristão. Mas, historicamente, isso era entendido como o domínio universal, baseado na criação, dos homens sobre as mulheres em todos os aspectos da sociedade, inclusive na igreja, em virtude da inaptidão da mulher para governar. *"E não foi Adão o enganado; foi a mulher que foi enganada e se tornou pecadora."* Os complementaristas dizem que isso se refere à inversão, por Satanás, da autoridade de Adão sobre Eva e ao fato de ela ter sucumbido a essa inversão. Mas, historicamente, isso era entendido como uma maior suscetibilidade intelectual e moral da mulher ao engano e à tentação. Para um estudo mais aprofundado da diferença entre as interpretações complementaristas e as históricas, veja www.bit.ly/3Q4TWo4 e www.bit.ly/3xlOXIj. A pergunta que se deve fazer é: a menos que aceitemos a interpretação histórica de que a inferioridade qualitativa da mulher a desqualifica para ensinar qualquer pessoa ou para liderar homens em qualquer lugar da sociedade, qual das interpretações mais recentes (a complementarista ou a mutualista) é a mais correta? Este livro é minha resposta a essa pergunta.

situação histórica específica e simplesmente supomos que as palavras se dirigem a nós, ficamos mais propensos a interpretar mal seu significado e sua aplicação. Então, que situação Paulo pode estar abordando em 2:11-15?

Basta lermos nossa passagem à luz de todos os versículos que a precedem. Depois de uma saudação inicial, Paulo entra direto no assunto da carta, incumbindo Timóteo: "Permaneça aí em Éfeso, para que você ordene a certas pessoas que não ensinem mais falsas doutrinas nem se dediquem a mitos e genealogias intermináveis" (1:3-4). Essas "certas pessoas" permanecem então em vista ao longo de todo o restante da carta, quando Paulo escreve que "alguns se desviaram" de "um coração puro, uma boa consciência e uma fé sincera" e "se voltaram para conversas sem sentido" (1:5-6). Homens como "Himeneu e Alexandre" "naufragaram na fé". Tão longe foram esses homens que Paulo os entregou "a Satanás, para que aprendam a não blasfemar" (1:19-20).

Logo depois dessa descrição dos falsos mestres, Paulo diz: "Exorto, *então* …" (2:1) — "então" significa "portanto" — e passa a dar instruções sobre recuperar, em oração, o senso de missão como igreja (2:1-7); sobre os homens se absterem de ira e contendas (2:8); sobre as mulheres evitarem uma aparência ostentosa e sedutora (2:9-10); e sobre uma mulher (no singular) aprender com submissão (2:11) e não ensinar nem se arrogar autoridade sobre um homem (2:12).

Quando se trata de interpretar as cartas de Paulo, precisamos lembrar que estamos ouvindo apenas um lado de uma conversa telefônica, na qual Paulo fala com outra pessoa, e não conosco. Às vezes temos de conjecturar, usando evidências da própria carta, como cada uma das instruções de 1 Timóteo 2 restaurará a igreja e lidará com os efeitos dos falsos mestres. Ao fazermos isso, percebemos, por exemplo, que, como uma igreja dilacerada por falsos ensinos pode perder o senso de missão, a instrução sobre recuperá-lo em oração faz sentido. A heresia e a divisão podem ter levado homens a reagir com ira contra outros homens ou contra mulheres enganadas ou desrespeitosas; daí a instrução de Paulo para que os homens levantem mãos santas em oração "sem ira e sem contendas". Da mesma forma, a heresia pode, de algum modo, ter estimulado

atitudes e comportamentos ostentosos, orgulhosos, avessos ao ensino e independentes, especialmente em algumas mulheres ricas, sobretudo em relação aos homens; daí as instruções para que as mulheres aprendam com submissão a palavra de Deus e se relacionem de modo mais honroso com os homens. *O que quero dizer é que Paulo está dando diretrizes para uma situação difícil e específica, sobre a qual ele sabe mais do que nós, embora haja na carta algumas evidências do que ela possa ser.* Por que outro motivo só os homens seriam incentivados a orar? E por que outro motivo só as mulheres seriam instruídas a aprender?

Neste ponto, fica claro em 1 Timóteo 1 que alguns homens estão se comportando mal, mas, fora de 2:9-15, até que ponto podemos ter certeza de que as mulheres estão saindo da linha? 1 Timóteo 5 dá uma resposta: algumas mulheres abandonaram sua "dedicação a Cristo" por causa de seus "desejos sensuais" (v. 11). Muitas delas são "ociosas e andam de casa em casa" como "intrometidas que falam bobagens, dizendo coisas que não deveriam" (v. 13). Elas dão ao inimigo "ocasião para a calúnia" (v. 14). "Algumas, de fato, já se desviaram para seguir Satanás" (v. 15) — uma referência à rendição à heresia.[227] As palavras finais de Paulo na carta mostram que o falso ensino é a raiz do problema: "Afaste-se das conversas inúteis e profanas e das ideias contrárias do que é falsamente chamado de conhecimento, o qual alguns professaram e, com isso, se desviaram da fé" (6:20-21). *Não sabemos exatamente como o falso ensino resultou no mau comportamento de algumas mulheres, mas há uma ligação clara, que fica mais evidente no modo como Paulo compara essas mulheres efésias com Eva, que também "foi enganada" por Satanás.*[228]

O que impressiona, então, na maioria dos estudiosos complementaristas que tratam de 1 Timóteo 2:11-15 é quão poucos reconhecem o efeito do falso ensino como a preocupação urgente de *toda* a carta de Paulo, *inclusive desta passagem*. Kathy Keller, por exemplo, cita as palavras de Paulo: "Escrevo-lhe estas instruções para que, se eu demorar, você saiba como as pessoas devem se comportar na casa de Deus", e conclui: "[a] carta inteira … pode ser vista como um manual de plantação de igrejas — como estabelecer uma igreja … segundo

227. Nas duas cartas de Paulo a Timóteo, as referências a Satanás têm a ver, em sua maioria, com o falso ensino e com a vida corrompida que ele promove — veja 1 Timóteo 1:20; 2:14; 4:1; 2 Timóteo 2:23-25.
228. 1 Timóteo 2:14

os princípios da casa de Deus".[229] Isso não está correto, como até Schreiner observa.[230] Ela também parece ignorar uma oração — "se eu demorar" — que revela, junto com outros indícios em *cada* seção importante da carta, os esforços urgentes de Paulo para restaurar uma igreja saqueada por falsos mestres. Köstenberger e Grudem, embora admitam que Paulo escreve a carta para combater a heresia e seus efeitos, estranhamente tratam esta passagem como uma *digressão* dessa prioridade[231] — como se Paulo fizesse uma pausa em sua preocupação principal e em sua linha de raciocínio anterior para agora confrontar algumas mulheres que, em meio ao falso ensino, estariam tentando ensinar a verdade aos homens. No entanto, não só as passagens anteriores e posteriores, mas o próprio versículo 12 contém sinais de que Paulo está corrigindo uma situação em que algumas mulheres estavam pecando.

Não estou permitindo

Vamos explorar a palavra de Paulo *epitrepō*, que em inglês é traduzida por uma expressão de quatro palavras para descrever o comportamento que está sendo corrigido: "'*Não permito*' [*I do not permit*; *epitrepō*] que a mulher ensine nem que se arrogue autoridade …"

Observe, primeiro, que a palavra está no tempo presente, o que torna bastante plausível a tese de que Paulo está emitindo essa proibição para esta situação. Ainda assim, Grudem insiste que "a força do grego" significa que esta é uma das "ordens que se aplicam a todos os cristãos em todos os tempos".[232] Essa

229. Kathy Keller em "Jesus, Gender and Justice." 1 Timóteo 3:15.

230. Comentários muito antigos de 1 Timóteo, como os de J.N.D. Kelly, de 1963, e de Donald Guthrie, de 1957, adotavam essa abordagem, mas os contemporâneos que li reconhecem que não só um terço de 1 Timóteo trata diretamente dos falsos mestres/do falso ensino, como também os outros dois terços da carta são marcados por isso. É por isso que Tom Schreiner admite: "Descrever 1 Timóteo como um manual de ordem eclesiástica … não corresponde exatamente ao propósito da carta … Paulo se concentra nas mulheres que estão sendo iludidas e enganadas pelos falsos mestres (cf. 1 Timóteo 2:14; 2 Timóteo 3:6-9)" (Fonte: www.bit.ly/3BN3tYQ) Ainda assim, um contra-argumento comum ao fato de que 1 Timóteo 2 trata do falso ensino é que Paulo quer que os homens orem de certa maneira "em toda parte" (NIV) ou "em todo lugar" (ESV) (v. 8). Mas, dado o contexto de 1 Timóteo 1, isso provavelmente se refere a *todo lugar* em que os crentes efésios se reúnem para orar, mais obviamente as muitas casas efésias que acolhiam igrejas.

231. Köstenberger em "Women in The Church," p. 152-155, e Grudem, Evangelical Feminism and the Biblical Truth, p. 280-284. Crédito a Andrew Bartlett em "Men and Women in Christ." (p. 390).

232. Wayne Grudem, Evangelical Feminism and the Biblical Truth, p. 301

insistência é exagerada. Como diz o também complementarista Douglas Moo: "No que diz respeito ao tempo presente do verbo, isso nos permite concluir apenas que Paulo estava, *no momento em que escrevia*, insistindo nessas proibições."[233] Essa admissão, por si só, basta para enfraquecer qualquer declaração de que Paulo esteja proclamando um decreto universal. Visto que as palavras inglesas "I do not permit" ("não permito") criam a impressão de que se está dando um decreto atemporal e universal, o próprio Moo sugere que uma tradução melhor é "I am not permitting …" ("não estou permitindo …").[234]

Além disso, um estudo do uso da palavra em outros lugares da Bíblia confirma que esta é, provavelmente, uma proibição específica para uma situação. Em todos os usos de *epitrepō* na tradução grega do Antigo Testamento, bem como na grande maioria dos outros 17 lugares em que é usada no Novo Testamento, *ela se refere a uma decisão tomada para uma situação específica.*[235] Moo reconhece: "É preciso admitir que o verbo não é usado com frequência nas Escrituras para mandamentos de aplicação universal."[236] Se Paulo queria declarar um ideal universal para todas as igrejas em todos os lugares, por que simplesmente não escreveu: "As mulheres nunca devem ensinar"? Ele jamais escreveria, por exemplo: "Não estou permitindo que vocês pratiquem imoralidade sexual." Não, ele seria mais direto: "Não pratiquem imoralidade sexual!" Então por que usa aqui uma formulação tão suave e tão contrária ao que se esperaria?

Tudo isso para dizer que o fato de Paulo introduzir a proibição com a palavra *epitrepō* nos dá motivo para crer que ele pode estar falando de uma situação local.

233. Palavras de Douglas Moo em "Recovering Biblical Manhood and Womanhood," cap. 9.
234. "Uma tradução inglesa mais fiel ao uso grego da palavra é 'I am not permitting' ['não estou permitindo'], indicando uma nova injunção, específica para o caso, em resposta a um problema em Éfeso, que não traz o peso da tradição da igreja." Moo, 202
235. Veja Philip Payne, Man and Woman, One in Christ, p. 201-202. Veja também https://biblehub.com/greek/strongs_2010.htm. As duas únicas exceções são 1 Coríntios 14:34, "não lhes é permitido", e Marcos 10:4, "Moisés permitiu". Trato da primeira no capítulo 6 e concluo que, muito provavelmente, essas palavras foram uma interpolação ou que, na verdade, Paulo estava dando um conselho para uma situação muito específica da igreja de Corinto. No caso da segunda, a resposta de Jesus em Marcos 10:5-12 mostra que ele via o decreto de Moisés como um afastamento temporário de um ideal permanente.
236. Fonte: https://bit.ly/3mExipX (p. 199)

AUTHENTEIN

A essência da interpretação complementarista é que Paulo está dizendo às mulheres que não façam o que somente (alguns) homens deveriam ter permissão para fazer: ensinar e exercer autoridade pastoral sobre outros. Em outras palavras, ensinar e exercer autoridade, no sentido de que se fala aqui, são atividades ordenadas por Deus — desde que a pessoa certa as realize. *Essa leitura desmorona, porém, quando se pode mostrar que Paulo está proibindo as mulheres de fazer algo que ele também não gostaria que os homens fizessem.* Dito de outro modo: se uma dessas atividades, ou as duas, se mostrar pecaminosa, a leitura complementarista está equivocada.

A área específica do debate, então, é o verbo "*authentein*". Esse debate se manifesta numa variedade de traduções inglesas: "exercer autoridade" (ESV) é algo legítimo, ao passo que "arrogar-se autoridade" (NIV) pode ser uma ação negativa. Por exemplo, se uma professora dirige os alunos numa sala de aula, ela "*exerce* autoridade", ao passo que, se um aluno tenta assumir o controle da aula, ele indevidamente "*se arroga* autoridade". Outras traduções trazem "ter domínio" (ASV), "controlar" (CEB), "dominar" (NEB) e "mandar em" (TLB).

Uma questão que torna a palavra mais difícil de traduzir é que *authentein* é uma palavra *usada uma única vez* em toda a Bíblia.[237] Por isso, não podemos ver de que outra forma a palavra foi usada por Paulo ou por qualquer outro autor bíblico. Embora ela tenha sido usada por autores da literatura grega antiga nos séculos que antecederam e que se seguiram ao seu uso por Paulo aqui, em 62 d.C., ainda assim era uma palavra *excepcionalmente* rara. Na verdade, nos 100 anos antes e nos 100 anos depois do ministério de Paulo, temos apenas cinco exemplos dela na literatura antiga que sobreviveu. Como, então, podemos ter esperança de descobrir se sua nuance é positiva ou negativa?

Os complementaristas apresentam duas razões para sua tradução positiva. Primeiro, a palavra *didaskein* (ensinar) é positiva, alegam eles, e por isso exige um

237. O termo técnico é que se trata de um hapax legomenon.

sentido positivo para *authentein*. Köstenberger argumenta, com base nas ocorrências de dois infinitivos lado a lado na literatura grega antiga, que os dois verbos *didaskein* e *authentein* são ou ambos positivos ou ambos negativos. Os complementaristas afirmam que *didaskein* é sempre uma palavra positiva. Por exemplo, Schreiner afirma que, nas cartas pastorais de Paulo a Timóteo e a Tito, *didaskein* sempre significa "a transmissão de tradição dotada de autoridade no [culto público da comunidade reunida], e não um compartilhar informal".[238] A única exceção, dizem eles, é quando outras palavras negativas são usadas para caracterizá-lo como falso ensino. Por isso, concluem que, em 1 Timóteo 2:12, um sentido positivo para *authentein* decorre de sua ligação com *didaskein*.

Segundo, linguistas complementaristas como Henry Baldwin argumentam que, na literatura antiga, a palavra é usada com muita frequência em sentido positivo, enquanto Al Wolters argumenta que ela quase nunca era usada em sentido negativo.

Como seu significado se mostrou tão decisivo para a interpretação de 1 Timóteo 2:12, precisamos aceitar que talvez nunca cheguemos a um consenso acadêmico sobre ele. Ao acompanhar o estudo acadêmico dessa palavra antiga nas últimas décadas, noto que estudiosos de primeira linha continuam a refutar as afirmações uns dos outros. Ainda assim, depois de passar muitos dias lendo e relendo obras acadêmicas recentes sobre essa palavra, concluo que, na literatura antiga, ela às vezes é usada em sentido positivo e às vezes em sentido negativo. *Dito isso, eis oito razões pelas quais "exercer autoridade" provavelmente não é a tradução correta neste versículo e uma tradução com nuance mais negativa é mais exata:*

Primeiro, "ensinar" (*didaskein*) pode muito bem ser, nesta passagem, um tipo negativo de ensino e pode não se referir nem a um ensino positivo nem a um ensino formal. Schreiner argumenta, *além do que as evidências bíblicas permitem*, que nas cartas de Paulo a Timóteo e a Tito ensinar é sempre uma ação positiva, especificamente e formalmente realizada nos cultos semanais. Nas cartas pastorais, a palavra não está necessariamente restrita ao ensino doutrinário

238. Women in the Church, 3rd Edition, p. 175

dotado de autoridade no culto da comunidade reunida, e *às vezes* é considerada um tipo pecaminoso de *didaskein*.[239]

De qualquer modo, é incoerente defender um significado fixo para *didaskein* (como ensino formal e positivo) e um significado determinado pelo contexto para *authentein* — na verdade, o princípio mais básico de interpretação é permitir que o contexto revele o significado das duas palavras.[240] Por exemplo, quando certas pessoas numa igreja são *proibidas* de *didaskein*, podemos supor que isso se refere a uma falha grave nesses mestres ou em seu ensino.[241] Embora haja

239. A palavra para "ensinar" é usada de maneiras diferentes em passagens diferentes. Schreiner não tem nenhum argumento consistente para afirmar que a palavra *didaskein* deve ser lida *sempre*, nas Pastorais, como pregação doutrinária formal feita por líderes espirituais num culto, ou que ela sempre se refere necessariamente ao ensino de conteúdo sadio. Embora didaskein possa significar o que Schreiner diz em outros lugares das cartas pastorais, às vezes assume outros significados: *Contra Schreiner, às vezes se refere a um compartilhar informal fora do culto da comunidade reunida.* Ao usar *didaskein* em 1 Timóteo 2:12, Paulo pode querer dizer algo como falar a outros de modo a moldar o que eles creem ou como vivem. Isso incluiria tanto o compartilhar informal quanto a pregação mais formal. Quando e onde, se pelos padrões complementaristas as mulheres não podem ensinar homens, as mulheres deveriam instruir outras mulheres, se sempre há homens no culto semanal (Tito 2:3-5)? E só se pode ensinar e instruir "os que se opõem" nos cultos (2 Timóteo 2:24-25)? Como se pode dizer que, no culto da comunidade reunida, apenas uma pessoa ("uma mulher") está tentando ensinar apenas uma outra pessoa ("um homem") (1 Timóteo 2:12)? Como poderia acontecer um fluxo de ensino, em que uma pessoa ensinada ensina outras pessoas, que ensinarão outras, se apenas o ensino no culto estivesse em vista (2 Timóteo 2:2)? E o que dizer do ensino que estava afetando famílias inteiras (Tito 1:10-11)? *Além disso, contra Schreiner, pode se referir a um tipo pecaminoso de ensino.* Por exemplo, Paulo usa a própria palavra *didaskein* para descrever as ações verbais daqueles que estão compartilhando não a tradição apostólica dotada de autoridade, mas um conteúdo herético (Tito 1:11).

240. *Didaskein*, em si, não é nem negativo nem positivo. O significado em cada caso é determinado pelo contexto — por exemplo, pode-se ensinar de maneira arrogante ou coercitiva, ou pode-se ensinar o erro. Em conclusão, em vez de supor, como fazem os estudiosos complementaristas, que ele é inerentemente positivo e deve, por isso, determinar o sentido da palavra que o acompanha, *authentein*, faz mais sentido deixar que as palavras que o acompanham e o contexto mais amplo determinem seu significado. Os estudiosos complementaristas que dizem que *didaskein* é "sempre positivo, a menos que haja uma palavra qualificadora indicando que se trata de falso ensino" criam uma regra interpretativa artificial — não, *o contexto sempre determina o significado.*

241. Veja Mateus 5:19a, Tito 1:11 e Apocalipse 2:14, 20, onde é usado num contexto negativo.

outros exemplos de formas de ensino não permitidas,[242] considere o outro lugar nas cartas pastorais em que *didaskein* é proibido e que, por isso, serve de paralelo próximo a 1 Timóteo 2:12. Paulo diz a Tito que um grupo que ele chama de "o grupo da circuncisão", que ele descreve como "pessoas cheias de conversa sem sentido e de engano", "precisa ser silenciado, porque está perturbando famílias inteiras, *ensinando* coisas que não deveria ensinar".[243] Na avaliação de Paulo, havia algo errado com esses mestres e com seu ensino — por isso, eles e seu tipo de discurso deveriam ser detidos. Da mesma forma, à medida que nosso estudo da passagem de 1 Timóteo 2 continuar, descobriremos que havia evidentemente algo ímpio num grupo de mulheres da igreja, notadamente em sua atitude e em suas ações em relação aos homens, o que justificava que Paulo corrigisse a *maneira* como elas falavam aos homens sobre o que crer e como viver.[244]

Em segundo lugar, não existe consenso acadêmico de que a palavra *authentein* fosse sempre usada, na Antiguidade, para uma ação positiva. Na primeira e na segunda edição do principal livro complementarista sobre o significado de 1 Timóteo 2:12, *Women in the Church*, coube a Baldwin escrever o capítulo sobre o sentido da palavra, e ele concluiu que, dependendo do contexto, ela pode significar "governar ou reinar, ou controlar ou dominar, ou agir de forma independente, ou instigar".[245] A respeito de 1 Timóteo 2:12, ele acrescenta que "os sentidos controlar ou dominar … são inteiramente possíveis" e que "assumir autoridade sobre" "poderia ser adequado". Curiosamente, seu capítulo foi retirado da terceira edição e substituído pelo trabalho de Wolters, que afirma

242. Especialmente no contexto de ações proibidas por Jesus ou pelos apóstolos, um verbo negativo que acompanha a palavra "ensinar" pode nos levar a supor que um tipo pecaminoso de ensino está em vista. Por exemplo, em Apocalipse 2:20, Jesus repreende a igreja de Tiatira por permitir que uma mulher semelhante a Jezabel, na igreja, estivesse "ensinando" (*didaskein*) "e enganando" (*kai plana*) os servos dele. Se os tiatirenses toleraram um ensino pecaminoso por parte de uma mulher, Paulo não fará o mesmo na igreja de Éfeso — "Não estou permitindo …" O que é crucial observar, porém, é que, nos dois lugares, só é proibido um tipo pecaminoso de ensino por parte de mulheres. O contexto corretivo e o verbo que acompanha, "enganar", mostram que Jesus proíbe a mulher de Tiatira não de um bom ensino, mas de um ensino enganoso e herético. Da mesma forma, o contexto corretivo e o verbo que acompanha, *authentein* (que pode significar "dominar"), mostram que Paulo estava proibindo as mulheres efésias não de um bom ensino, mas de um ensino desonroso e agressivo.

243. Tito 1:10-11

244. De fato, pode-se mostrar que as três ideias que preocupavam Paulo a respeito das pessoas que Tito deveria silenciar (insubordinação, conteúdo nocivo, engano) podem estar relacionadas às suas preocupações com as mulheres corrigidas em 1 Timóteo 2:12-14.

245. Grudem, Evangelical Feminism, Apêndice 7

que *authentein* quase *nunca* tem sentido negativo[246] — uma conclusão que favorece muito mais as preferências complementaristas. Ainda assim, Schreiner admite que a palavra pode, às vezes, ser usada de forma negativa.[247] Ptolomeu usa a palavra em seu *Tetrabiblos* (127–148 d.C.) para falar de um planeta que *controla* outro planeta — e isso tem uma nuance negativa inegável: a maioria dos estudiosos que li, inclusive Baldwin e Grudem, traduz a palavra aqui como "dominar".[248]

Embora seja verdade que a igreja da era pós-Constantino (do século IV em diante) muitas vezes passou a usar a palavra *authentein* em sentido positivo, os significados de *authentein* de tantos séculos depois não são de todo relevantes para esta discussão.[249] De fato, um problema dos estudos de Baldwin e de Wolters (assim como dos estudos de Grudem sobre a palavra *kephalē*) é que quase todos os exemplos analisados aparecem séculos depois do período do Novo Testamento e, portanto, têm utilidade limitada para avaliar o sentido da palavra na época em que 1 Timóteo foi escrita.[250]

246. Albert Wolters, "A Semantic Study of Αὐθέντης and its Derivatives," Journal for Biblical Manhood and Womanhood 1.11 (Spring 2006): pp. 44-65, 45.

247. Em "Two Views on Women in Ministry", Schreiner diz: "Certamente é possível que, em contextos específicos, o termo tenha uma nuance negativa."

248. Wolters está sozinho ao traduzir a palavra em Ptolomeu como "obter o domínio" ou "arrogar-se autoridade". Ainda assim, ao fazer isso, ele admite a nuance negativa que Baldwin e Grudem reconhecem quando a traduzem como "dominar". Wolters, porém, dá importância demais ao fato de o verbo em Ptolomeu estar no aoristo e, por isso, só agora implicar uma capacidade de prevalecer. Mas o verdadeiro fator decisivo para o sentido é o contexto da frase: como Wolters mostra, *authentein* é usado em paralelo com Saturno "tomando total … controle" da alma humana e fazendo com que outros planetas "levem" os seres humanos a ser amantes do corpo. Embora o aoristo possa captar o aspecto "ingressivo" (isto é, o início de uma ação), como em "arrogar-se autoridade", isso não significa que a ação contínua, indicada pelo presente, de controlar aquilo de que o sujeito antes tomou o controle se torne agora uma ação neutra ou positiva. Além disso, com tão poucos exemplos antigos da palavra, e com a disposição de Wolters de aceitar o sentido da forma substantiva de authentein em seu estudo da palavra, isso parece negar arbitrariamente a nuance de um cognato muito mais próximo da palavra, usado numa época próxima à do uso de Paulo. Até onde sei, nenhum outro estudioso, de qualquer convicção, tenta introduzir essa distância de sentido entre o aoristo e o presente em sua interpretação dos vários exemplos antigos de *authentein*.

249. Sobretudo se considerarmos que, nos primeiros séculos de sua existência, a igreja, influenciada como estava pela misoginia aristotélica, passou a ler 1 Timóteo 2:12-14 como uma proibição geral de que as mulheres jamais liderassem homens em qualquer esfera, com base na inferioridade de Eva. Assim, é provável que muitos na igreja tenham passado a supor que authentein significava um exercício positivo de liderança — isso também lança luz sobre os dois lugares, em escritos da igreja do século IV, em que se diz que Deus exerce authentein como Senhor.

250. Wolters é honesto quanto a esse problema: "O sentido de 'exercer autoridade' se baseia principalmente no uso posterior do verbo. … É uma pena que não haja mais atestações de authentes da época da virada da era."

Philip Payne resume assim o que descobriu sobre o desenvolvimento histórico da palavra: "O único sentido de *authentein* que se encaixa em 1 Timóteo 2:12 e que também está comprovadamente escrito antes da época de Paulo é 'arrogar-se autoridade'. 'Dominar' aparece como sentido pouco depois da época de Paulo, ao passo que 'exercer autoridade' é um sentido que só se pode confirmar muito mais tarde."[251] Segundo Payne, os primeiros exemplos confirmados disso surgem no século IV, na era pós-Constantino. E, mesmo assim, o uso negativo da palavra também continuou — o Pai da Igreja Crisóstomo proibia os maridos de exercer *authentein* sobre suas esposas.[252]

Como o sentido das palavras muda com o tempo, precisamos procurar o uso na época mais próxima. Os dois usos confirmados da palavra que temos de *antes* da época de Paulo são, portanto, os mais importantes para o nosso estudo, porque são os que melhor captam a compreensão vigente no tempo de Paulo. O primeiro uso de que temos notícia está numa *apologia* de 27 a.C.[253] Notoriamente difícil de traduzir, ela parece falar de um homem chamado Trifão, que explica numa carta a seu irmão Asclepíades como havia exercido *authentein* sobre Antíloco, que parece ser súdito ou escravo de Asclepíades. Trifão e Antíloco estavam numa balsa e, quando Antíloco se recusou a pagar ao barqueiro o valor da passagem, Trifão exerceu *authentein* sobre ele para que pagasse. Em outras palavras, obrigou-o a pagar.[254] Para ouvidos modernos, isso pode soar como um comportamento civilizado, mas naquela cultura era inaceitável dar ordens ao súdito de outra pessoa, mais ou menos como hoje é inaceitável dar ordens ao filho de outra pessoa — *daí a necessidade de Trifão de escrever uma carta de explicação*. A única coisa que *authentein* não pode significar aqui é "exercer autoridade", pois a carta é uma tentativa de explicar por que ele tomou para si fazer algo que evidentemente não tinha o direito de fazer. Qualquer afirmação de que a

251. Philip Payne, Man and Woman, One in Christ, cap. 20

252. John Chrysostom, Hom. Col. P. 27–31.

253. Papiro BGU 1208. Veja www.bit.ly/3BKHl0Q. Não mencionarei o segundo uso conhecido, porque ele parece ter um sentido completamente diferente do de 1 Timóteo 2:12. Numa obra do gramático Aristônico, ele comenta uma passagem da Ilíada de Homero e fala do "authentein" (no sentido de "autor" ou "originador") do discurso.

254. Em resposta aos estudiosos que afirmam que Antíloco, para começar, estava de fato sob a autoridade legítima de Trifão, é difícil entender como ou por que Trifão, numa cultura de honra e vergonha, dedicaria tanto de sua carta a defender sua ação — suas próprias ações revelariam fraqueza e desonra, pois ele não teria controle sobre seu servo ou escravo e seria pessoalmente responsável pela ofensa ao barqueiro.

palavra, na Antiguidade, é "sempre usada positivamente" para comunicar "exercer autoridade" é, portanto, enganosa.[255]

Em terceiro lugar, *authentein* pode ser entendida como uma ação negativa quando se consideram as partes que a compõem. Embora os morfemas de uma palavra não sejam o melhor caminho para determinar seu sentido, quando há pouco consenso, como é o caso aqui, ainda assim vale a pena fazer o exercício.[256] Neste caso, a primeira parte da palavra *authentein* ("*aut*") significa *si mesmo* e é usada, nas palavras bíblicas, principalmente para designar ações voltadas para si mesmo ou centradas em si mesmo.[257] Mesmo que se possa demonstrar que *authentein* designava um uso positivo do poder por governantes não cristãos, é muito mais plausível que Paulo — que preferia falar de si mesmo como alguém que não dominava sobre os outros e era servo de todos por amor de Cristo[258] — tenha escolhido essa palavra, que havia entrado recentemente na língua grega, para descrever os tipos pecaminosos de comportamento autoritário com uma nuance de orgulho (voltado para si mesmo, e não para Deus) e/ou de egoísmo (centrado em si mesmo, e não nos outros).

Mesmo que aceitemos a afirmação de Wolters de que a palavra significa *ser o senhor de*, saber se é uma ação positiva ou negativa depende, em cada caso, de quem é o senhor. Se Deus, um rei antigo ou um senhor de escravos da Antiguidade "se assenhoreia" de seu povo, isso pode estar certo, mas, de modo geral, é proibido a qualquer seguidor de Jesus, mesmo a um pastor, tentar ser senhor ou dono de qualquer outro seguidor de Jesus.

255. Schreiner, em Two Views of Ministry (p. 108), afirma: "Os estudos recentes de H. Scott Baldwin e Al Wolters mostram que o termo significa um uso positivo da autoridade." Leia o estudo de Jamin Hübner sobre como os estudiosos complementaristas interpretam mal seus próprios estudos de palavras: "No mínimo, tudo isso mostra que os complementaristas estão visivelmente confusos sobre o que os estudos complementaristas (entre outros) de authenteō mostraram." Veja www.bit.ly/3EKqWM8 (p.17)

256. É o que diz D.A. Carson em "Exegetical Fallacies": embora a etimologia seja uma "ferramenta um tanto desajeitada para discernir o sentido", ela é útil, porém, "especialmente nas tentativas de entender os sentidos dos hapax legomena". (p. 33)

257. Como authadēs = "satisfeito consigo mesmo", authairetos = "por iniciativa própria", autarkeia = "autossuficiência", autarkēs = "autossuficiente", autokatakritos = "condenado por si mesmo", autocheir = "com a própria mão", aucheō = "eu me glorio". Fonte: www.bit.ly/3EKqWM8 (p.18)

258. Veja 2 Coríntios 4:5.

Em quarto lugar, o capítulo inteiro é corretivo. Os linguistas explicam que, se uma palavra pode ser usada ora de forma positiva, ora de forma negativa, é o contexto que determina o que está implícito. Para restaurar uma igreja devastada por falsos mestres — um contexto que 1 Timóteo 1 estabelece claramente —, é provável, então, que Paulo continue corrigindo comportamentos errados no capítulo 2.

Em suas ordens anteriores, Paulo corrige as ações pecaminosas específicas dos homens efésios irados, briguentos e sem oração, que têm mãos impuras (v. 8), e das mulheres efésias sem modéstia, com penteados elaborados e roupas caras, a quem faltam decoro e boas obras, e que precisam deixar de causar perturbação e voltar a se submeter ao ensino (v. 9-11). O fato de Paulo se dirigir a um só gênero de cada vez nesses imperativos é sinal de que ele aponta as falhas particulares de cada grupo nessa situação específica. Nesse sentido, não é mais aceitável que um homem exerça *authentein* sobre uma mulher do que que ele se vista com ostentação, ou que uma mulher seja sem oração, irada ou briguenta.

Além disso, uma compreensão de *authentein* com nuance negativa se encaixa bem quando lembramos que a ordem anterior, no versículo 11, é a *antítese* do que Paulo proíbe no versículo 12. Paulo quer que essas mulheres efésias, como Maria de Betânia, que certa vez se sentou aos pés de Jesus, aprendam em silêncio (o grego é *hesychia*, que aqui significa *pacificamente*) e com submissão (v. 11), e *não* que ensinem de modo autoafirmativo ou dominador (v. 12a),[259] o que só produziria o exato oposto do "silêncio" (*hesychia*, mais uma vez) (v. 12b).[260]

Em quinto lugar, o versículo 12 é uma proibição. Até a formulação do versículo 12 sugere um sentido negativo. Se colocássemos *pessoa A* no lugar de "uma mulher", *pessoa B* no lugar de "um homem", a letra *x* no lugar de *didaskein* e a

259. A conjunção "de", embora ausente na maioria das traduções, liga as duas frases, unindo o fluxo de pensamento entre os versículos 11 e 12. É mais provável que signifique "e" do que "mas" — sobretudo porque, no mesmo versículo, Paulo usa "alla" quando quer dizer "mas".

260. Dada uma formulação paralela anterior em 1 Timóteo, esta é a leitura natural: "Observe que a progressão do pensamento de Paulo no v. 12 (*não* ensinar *e não* subjugar um homem, *mas* estar em silêncio) não é muito diferente da progressão de seu pensamento sobre o mesmo tema do ensino em 1:3-4 (*não* ensinar outra doutrina *e não* dar atenção a fábulas e genealogias sem fim, que promovem especulações, *em vez de* uma administração de Deus na fé). Os dois primeiros elementos são vistos de forma negativa, o último de forma positiva." (Andrew Bartlett, Men and Women in Christ, p. 340)

letra *y* no lugar de *authentein*, a frase ficaria assim: "'Não permito à *pessoa Ax* nem *y* a pessoa B."[261] Só de ler isso, concluiríamos que *x* e *y* muito provavelmente são ações negativas. Desse modo, o contexto cria o sentido — mesmo que uma palavra pudesse ser usada positivamente em outro lugar, neste contexto ela provavelmente seria negativa.[262] O estudo de Wolters estranhamente deixa de considerar que, de todas as primeiras ocorrências da palavra na literatura antiga, *somente na carta de Paulo ela é usada no contexto de uma proibição*.

Além disso, Wolters traduz Paulo como proibindo a mulher de ser *"a senhora de um homem"* — mas isso não combina com a ordem posterior de Paulo aos escravos para que respeitem seus senhores[263] (e sabemos que muitos escravos eram homens e muitos senhores eram mulheres). Dada a provável presença de escravos homens numa casa, Paulo instrui algumas mulheres a serem senhoras (*oikodespotein*) de homens.[264]

Em sexto lugar, quando ampliamos a busca pelo uso antigo da palavra para incluir também a forma substantiva (*authentein* é a forma verbal do substantivo *authentas*), descobrimos que suas associações negativas são inegáveis. No uso antigo do substantivo, abundam sentidos negativos do tipo mais forte — o uso mais antigo da palavra se refere a *assassinato*. Wolters documenta quarenta usos antigos do substantivo com esse sentido, mas depois também mostra que, na época de Paulo, esse sentido em grande parte havia se apagado. Ele havia sido ofuscado por outros sentidos, sobretudo "senhor". Mesmo assim, essa ideia continua até a época de Paulo e possivelmente até o material que ele lia: a *Sabedoria de Salomão*[265] fala de Deus destruindo pais que "matam" (*authentas*) seus

261. Agradeço a Jamin Hübner por esta percepção.
262. Dito de outro modo: se Paulo estivesse elogiando um comportamento positivo, e o ensino fosse uma das coisas recomendadas, não haveria possibilidade de o ensino em questão ser uma forma negativa de ensino. Mas, como Paulo está corrigindo um comportamento negativo, abre-se a possibilidade de se tratar de uma forma negativa de ensino
263. 1 Timóteo 6:2
264. Em 1 Timóteo 5:14, ele diz às mulheres recém-casadas que "governem a casa" — a palavra para governar aqui é, literalmente, "déspota da casa".
265. Provavelmente escrita duas ou três décadas antes da virada da era e parte da tradução grega da Bíblia hebraica, é bem possível que Paulo conhecesse essa literatura (veja www.bit.ly/3EKKrE4 para uma discussão sobre isso).

filhos.[266] Embora o sentido anterior de "assassinato" do substantivo quase tenha desaparecido, é plausível, ainda que não certo, que uma nuance negativa tenha permanecido à medida que seu sentido evoluiu[267] — afinal, há pelo menos uma sobreposição conceitual entre "tirar a vida de outra pessoa" e "tomar o controle da vida de outra pessoa".[268]

Em sétimo lugar, se Paulo tivesse em mente um exercício positivo de autoridade, poderia ter usado palavras gregas amplamente conhecidas que dizem exatamente isso — como a palavra que usou dez versículos antes para os que estão investidos de autoridade (*hyperochē*)? O *Louw and Nida's Lexicon for the New Testament* traz 12 palavras que significam "exercer autoridade" e 47 que significam "reinar" ou "governar", mas Paulo não usou nenhuma delas. Em 1 Coríntios 7, referindo-se à autoridade *legítima* que um gênero pode ter sobre o outro, ele escolheu a palavra *exousia*, que usou 28 vezes em suas cartas.[269] Se ele estava se referindo especificamente à liderança *pastoral*, como insistem os estudiosos complementaristas, então por que não empregou a palavra que mais adiante usou na carta para a liderança pastoral (*proestōtes*) (5:17); ou a palavra para pastorear uma igreja (*poimainō*);[270] ou a que o autor de Hebreus usou para os líderes da igreja (*hegoumenōn*)?[271]

266. Sabedoria de Salomão 12:6. Acho irrelevante o argumento de Wolters de que a palavra na Sabedoria de Salomão significa apenas "assassino de parentes", e não assassino — de qualquer modo, conota-se uma ação drasticamente negativa.

267. Baldwin tenta, equivocadamente, separar a forma verbal de seu substantivo, dizendo que, na maioria das línguas, a forma substantiva de uma palavra pode mudar seu sentido geral quando usada na forma verbal. No entanto, a maioria dos linguistas parte do princípio de que pode permanecer algum tipo de *nuance* correspondente. Por exemplo, o verbo "adulterar" tem um sentido diferente do substantivo "adultério", mas a nuance negativa passa de uma palavra para a outra.

268. Wolters supõe que a palavra "authentēs" no sentido de "assassino" e a mesma palavra no sentido de "senhor" possam ter etimologias diferentes. Mas também pode ser que não tenham. O máximo que ele pode dizer é que "os estudiosos têm sugerido repetidamente que elas têm etimologias diferentes" — mas outros estudiosos sugeriram o contrário. A ideia comum parece ser a de usar o poder que se tem para se impor sobre outra pessoa.

269. Talvez uma diferença importante entre exousia e o uso que Paulo faz de authentein seja que a primeira é o uso de uma autoridade que a pessoa de fato tem, como a exousia da mulher de ter relações sexuais com o próprio marido (1 Coríntios 7:4), ao passo que a segunda (como vemos na carta de Trifão) pode indicar a reivindicação de uma autoridade que a pessoa não tem legitimamente, como uma mulher ter relações sexuais com o marido de outra.

270. Veja João 21:16, Atos 20:28 e 1 Pedro 5:2.

271. Veja Hebreus 13:7, 17, 24.

O fato de ele ter escolhido, em vez disso, uma palavra tão *rara*, com uma nuance tão particular,[272] torna provável que *ele quisesse identificar com precisão e corrigir um comportamento pecaminoso específico, comum entre as mulheres da igreja de Éfeso*.

Em oitavo lugar, outros estudiosos contestam seriamente as conclusões dos estudiosos que têm um compromisso prévio com o complementarismo. Em pelo menos sete obras de referência padrão usadas pelos estudiosos da Bíblia, a maioria dá uma tradução claramente negativa (por exemplo, dominar, ditar), e mesmo as que trazem traduções mais positivas ainda têm, de uma perspectiva cristã, conotações negativas (por exemplo, autoridade independente, centrada em si mesmo). Por exemplo, o *Analytical Lexicon of the Greek NT* define a palavra assim: "[D]aquele que age por sua própria autoridade; daí, ter controle sobre, dominar, assenhorear-se de". *Nida and Louw* a define como "controlar, refrear, dominar", no sentido de "gritar ordens a", "agir como chefe em relação a" ou "latir para". De modo semelhante, o *BDAG*[273] a traduz como "assumir uma postura de autoridade independente, dar ordens a, ditar a".

Não é de surpreender, então, que Cynthia Westfall, depois de concluir seu próprio estudo da palavra,[274] utilize o mesmo banco de dados[275] que Wolters usa e descubra que, "quando *authentein* é usado com um agente pessoal e um [destinatário] pessoal, é dada uma avaliação negativa, a menos que o agente tenha uma autoridade divina ou suprema".[276] Embora os estudiosos complementaristas insistam que a palavra significa *exercer autoridade pastoral,* Westfall mostra que, em todos os usos da palavra no banco de dados, *nenhum se refere a qualquer tipo de cuidado pastoral benevolente de um indivíduo ou de um grupo por parte de um pastor ou de um oficial da igreja*.[277] Ela conclui seu estudo assim:

272. Para entender o que quero dizer com a palavra ter "uma nuance particular", compare o verbo "ensinar" com "pontificar" ou "arengar". Ou compare "liderar" com "tocar" (como se toca o gado) ou "obrigar". Os últimos verbos, nos dois casos, têm a mesma ideia central de "ensinar" ou "liderar", mas acrescentam uma coloração adicional. Procurei demonstrar que "authentein", mesmo que contenha o componente de "liderar" alguém, é uma palavra com coloração adicional — deriva de uma palavra anterior para "assassinato" e tem o morfema "aut" (si mesmo).

273. Sigla de The Bauer, Danker, Arndt, and Gingrich Greek-English Lexicon of the New Testament.

274. www.bit.ly/2prxkqm

275. O banco de dados Thesaurus Linguae Graecae tem mais de 300 usos da palavra, abrangendo um período de 1.200 anos.

276. Westfall, Paul and Gender, cap. 9

277. Westfall, Paul and Gender, cap. 9

Como a palavra "authentein" é a principal fonte usada para excluir as mulheres da … liderança na igreja, a escolha de seu sentido é crucial. … [Tomá-la] simplesmente como "ter autoridade" e depois interpretá-la como se descrevesse liderança servidora ou cuidado pastoral é enganoso ao extremo. Deveria ser tarefa da igreja desenvolver uma compreensão dessa palavra baseada em lexicografia sólida e em metodologia linguística, a fim de prosseguir nesta discussão com cautela. … A igreja chegou à idade da responsabilidade; é hora de assumir a responsabilidade (ou a culpa) por excluir as mulheres das posições de liderança da igreja com base na palavra authentein.

O que mais me perturba é que, quando complementaristas de destaque são encarregados de avaliar o trabalho linguístico de Westfall, eles simplesmente se esquivam do resultado de seu extenso estudo, alegando que o trabalho de Wolters é superior.[278] Em contraste, Jamin Hübner avalia o trabalho dela com respeito, em conjunto com sua própria pesquisa sobre *authentein*, e conclui que a coloração negativa da palavra, tal como usada em 1 Timóteo 2:12, é "quase uma certeza". [279]

Quanto ao sentido da palavra, segundo Westfall: "No corpus grego, o verbo se refere a uma série de ações [em que] as pessoas que são alvo dessas ações são prejudicadas, forçadas contra a sua vontade (obrigadas) ou, pelo menos, têm seus interesses atropelados, porque as ações envolvem a imposição da vontade do sujeito, que vai da desonra à força letal."

A conclusão dela se harmoniza com o fato de que Jerônimo, em sua tradução latina do século IV, a Vulgata, traduziu *authentein* em 1 Timóteo 2:12 por *dominari* — a mesma família de palavras que ele usou em outro lugar onde Paulo, apesar de sua legítima autoridade espiritual, diz que o único tipo de liderança que ele

278. A crítica de Tom Schreiner ao livro de Westfall não dialoga adequadamente com as afirmações que ela faz sobre seu estudo de authentein, mas apenas alega que "ela não parece ter feito a mesma quantidade de exegese cuidadosa que Wolters sobre a palavra 'authentein'". Na verdade, ela apresenta uma crítica muito sólida, ainda que respeitosa, ao trabalho de Wolters. De modo semelhante a Schreiner, www.cbmw.org encarregou Casey Haugh de resenhar o livro de Westfall, e ele compara o estudo exegético dela ao de Wolters e diz: "Westfall não demonstra igual cuidado com sua compreensão de authentein." Wolters, ao menos, tem um tom diferente: "Embora eu discorde de grande parte da análise de Westfall, eu a elogio por trazer questões de linguística teórica para a discussão e aguardo com interesse para ver como seus argumentos serão recebidos por aqueles que entendem mais de linguística do que eu."

279. www.bit.ly/340JLIS

nunca exerce é *ser senhor* daqueles que lidera.[280]

Quer a palavra signifique *arrogar-se autoridade sobre* (a tradução de Payne), *ser senhor de* (a tradução de Wolters) ou *impor-se a alguém e passar por cima dele* (a tradução de Westfall), nem as mulheres cristãs *nem os homens cristãos* deveriam fazer isso — *e, portanto, a leitura complementarista de 1 Timóteo 2:12 não se sustenta*.

Embora só Deus saiba exatamente o que Paulo quis dizer com *authentein*, diante do peso considerável desses argumentos em favor de uma nuance negativa, concluo que a leitura complementarista e a tradução que ela costuma usar ("exercer autoridade") provavelmente estão incorretas. A tradução da NIV atualizada ("assume authority" — "arrogar-se autoridade")[281] e, ao menos neste caso, as traduções inglesas mais antigas ("usurp authority" — "usurpar autoridade")[282] são preferíveis, embora eu suspeite que "to control" — "controlar" (CEB), "to domineer" — "dominar" (NEB) ou "to lord it over" — "assenhorear-se" (TLB) possam ser mais exatas.

Todas as esferas da vida

Talvez a maior fraqueza da ideia de que Paulo limita a proibição às reuniões da igreja seja o fato de ele basear seu argumento, como dizem todos os complementaristas, na "ordem da criação". Porém, não se pode dizer que Paulo fundamenta sua proibição da liderança feminina na igreja na "ordem da criação"

280. 2 Coríntios 1:24: inglês: "lord it over"; Vulgata latina: "dominamur". Embora Jerônimo tenha usado a palavra *dominari* em outros lugares da Vulgata para o governo soberano de Deus e de Jesus, ele parece consciente de que ela não é uma palavra adequada para a liderança pastoral. De fato, ele usa a mesma palavra para traduzir as advertências de Jesus e de Pedro aos líderes cristãos para que não "dominem" (ou não "se assenhoreiem" de) os outros — veja Marcos 10:42-43; 1 Pedro 5:3. Com essas conotações de poder autocrático evidentes na compreensão de Jerônimo, é bastante improvável que ele use a palavra em 1 Timóteo 2:12 apenas para se referir a uma autoridade pastoral piedosa. É verdade que Jerônimo, numa de suas cartas pessoais, contrasta o governo (dominari) de um bispo com o de um rei, mas a comparação mostra como o poder eclesiástico e o poder político tinham passado a se concentrar na função de bispo na Roma do final do século IV.

281. Ao traduzir assim, a NIV permite que o leitor decida se a palavra se refere positivamente a fazer valer uma autoridade legítima, ou negativamente a uma autoridade tomada de forma ilegítima. Meu endosso dessa tradução pressupõe o sentido negativo.

282. Veja, por exemplo: "Geneva (1560 edition): "I permit not a woman to … vsurpe authoritie ouer the man." Bishop (1589): "I suffer not a woman to … vsurpe auctoritie ouer ye man." KJV (1611): "I suffer not a woman to … usurp authority over the man."

e depois negar as implicações da "ordem da criação" *para todos os relacionamentos e esferas*. Simplesmente não há como interpretar esta passagem como proibindo a liderança feminina sobre homens na igreja (com o argumento da ordem da criação) sem também lançar uma sombra de desaprovação divina sobre as mulheres que lideram homens fora da igreja — no governo, nos negócios ou no serviço público.

Como alguns complementaristas escapam das implicações restritivas de sua crença na "ordem da criação" para o potencial profissional de suas filhas, que — já que o trabalho é um aspecto da criação — não poderiam liderar homens? Eles argumentam que esta passagem se aplica somente à esfera eclesial, especificamente às reuniões formais da igreja. Leem "Quero que os homens orem em todo lugar" como se dissesse "Quero que os homens *em todas as reuniões da igreja* orem". Observam que 1 Timóteo 2:1 fala de oração, assim como este versículo. O versículo 11 fala de mulheres aprendendo sob a palavra ensinada. Da mesma forma, o capítulo seguinte fala dos líderes da igreja (3:1-12) e de como esta carta instrui as pessoas a se portarem na casa de Deus (3:15). Tudo isso, dizem eles, limita a aplicação da proibição do ensino e da liderança femininos às reuniões públicas semanais da igreja em que há homens presentes.

Respondo, em primeiro lugar, dizendo que as reuniões de oração não se restringiam aos cultos semanais da igreja. O livro de Atos descreve reuniões de oração acontecendo em cenáculos, de portas fechadas, na praia e em celas de prisão. Sem dúvida, as reuniões da igreja estão incluídas no que Paulo diz no capítulo 2, mas a vida diária da igreja, tanto reunida quanto dispersa, também está em vista: com toda a conversa sobre mãos santas, liberdade de ira e de contendas, a apresentação pessoal;[283] boas obras, aprendizado, o dar à luz; e fé, amor e santidade, Paulo tem em vista a vida inteira. Se, como dizem os complementaristas, Paulo proíbe as mulheres de liderar e ensinar homens, então isso vale para todos os lugares e todas as plataformas.

Minha segunda resposta é deixar que Michael Bird vá ao cerne da questão:

283. Tendo estudado 1 Coríntios 11, sabemos que Paulo preferia que as mulheres usassem véu nas reuniões da igreja, e, no entanto, o que ele diz aqui sobre penteados mostra que está falando também da apresentação das mulheres na vida cotidiana.

Penso que vale a pena observar que os próprios complementaristas atenuam ou suavizam todas as implicações de sua visão, e é aí que está a fraqueza de sua posição. Por exemplo, alguns complementaristas permitem que uma mulher ensine homens indiretamente, por meio de livros, rádio e sites, mas não permitem que ela ensine homens pessoalmente. Uma mulher pode escrever um comentário sobre Hebreus para ser lido por homens, mas não pode pregar ou ensinar Hebreus a homens. Uma mulher pode ser presidente, primeira-ministra, CEO, general ou policial, mas não pode servir como pastora. Uma mulher pode dar a homens aulas de francês ou de piano, mas não de Bíblia ou de teologia. Uma mulher pode ensinar Bíblia e doutrina a homens descrentes, mas não a homens cristãos.

O problema que vejo aqui é que alguns complementaristas recorrem a Gênesis e à ordem da criação para mostrar que é inerentemente errado uma mulher estar numa posição de autoridade sobre um homem e, no entanto, aplicam essa restrição somente à vida da igreja ou ao culto de domingo. Mas isso é como dizer que não há problema em alguém cometer adultério, contanto que não o faça no domingo ou no auditório da igreja. Ou é como dizer que não há problema em cometer adultério, contanto que seja com um descrente. Se é uma violação tão clara da ordem que Deus deu à criação uma mulher ter autoridade sobre um homem, então isso deveria valer para todas as esferas da vida, sejam os negócios, o governo, a política, o serviço público ou a igreja, porque Deus é soberano sobre todas as instituições, e a vida inteira é vivida diante de Deus e sob Deus.[284]

Se mantemos a leitura complementarista, mas não estamos dispostos a proibir de forma total e em toda parte a liderança feminina sobre homens, então, sugiro, precisamos confessar nossa incoerência por restringir somente as mulheres cristãs que lideram na igreja. Uma solução melhor, proponho, é rever a maneira como lemos estes versículos.

Porque, primeiro, foi formado Adão, depois, Eva

284. Mike Bird, Bourgeois Babes, Bossy Wives and Bobby Haircuts: A Case for Gender Equality

Ao lado de 1 Timóteo 2:12, o principal texto-prova que os complementaristas apresentam para "a ordem da criação" é o versículo que vem logo depois: "Porque, primeiro, foi formado Adão, depois, Eva." Isso, dizem eles, é prova de que Paulo via autoridade masculina na relação entre Adão e Eva antes da Queda. Trata-se de um argumento irrefutável?

Comecemos pela palavra "porque" (*gar*). Os estudiosos complementaristas dizem que aqui ela significa *por causa de*. Em outras palavras, Paulo proíbe a liderança feminina "porque" Adão foi formado primeiro. Porém, a palavra *gar* nem sempre significa "porque". O que ela de fato indica é que está para ser apresentado material explicativo ou de apoio à afirmação anterior.[285] Paulo, em especial, apresenta todo tipo de material de apoio em seus escritos, inclusive, como parece fazer aqui, exemplos ilustrativos. Tendo isso em mente, pode-se ler: "Não estou permitindo que a mulher se arrogue autoridade sobre o homem; *afinal,* Adão foi formado primeiro …" (Alguns tradutores escolhem a palavra inglesa *indeed* para *gar* — que significa *afinal* ou *de fato*.) Embora isso não seja decisivo para o meu argumento,[286] *gar* aqui provavelmente liga a proibição não a uma causa, mas a um precedente histórico.[287]

Em suas cartas, Paulo usa especialmente narrativas e imagens do Antigo Testamento de forma ilustrativa para sustentar um ponto que está defendendo. Ele usa a história de Agar e Sara para ilustrar o choque entre a Antiga Aliança e a Nova Aliança, que era a experiência vivida pelos crentes gálatas não judeus,

285. "A discussão de Mounce sobre *gar* em Pastoral Epistles, 131–35, onde ele examina brevemente os usos de gar por Paulo e conclui: a evidência de que ele introduz uma razão em 1 Timóteo 2:13 é esmagadora, já que seu uso mais frequente é 'expressar causa ou razão' (131). No entanto, em cada caso, a relação lógica tem de ser inferida do contexto, e o próprio *gar* não 'expressa causa ou razão'. Sua contribuição semântica mínima sinaliza material de apoio, que pode incluir exemplos, tipos, citações e outras formas de apoio, além de causa; … As interpretações de textos específicos não podem ser determinadas pelo 'uso mais frequente'." (Cynthia Westfall, Paul and Gender, cap. 4)

286. Mas, mesmo que *gar* signifique "porque" aqui, as duas interpretações dos versículos 13-14 que estou prestes a apresentar continuam fazendo sentido. Por exemplo, o fato de que as mulheres, segundo a história prototípica do Éden, devem honrar os homens (v. 13) e não ser independentes deles (v. 14) serve de base teológica para Paulo proibir a maneira como algumas mulheres efésias estavam desonrando os homens (v. 12).

287. Mas, mesmo que *gar* signifique "porque" aqui, as duas interpretações dos versículos 13-14 que estou prestes a apresentar continuam fazendo sentido. Por exemplo, o fato de que as mulheres, segundo a história prototípica do Éden, devem honrar os homens (v. 13) e não ser independentes deles (v. 14) serve de base teológica para Paulo proibir a maneira como algumas mulheres efésias estavam desonrando os homens (v. 12).

ridicularizados por não serem circuncidados à maneira judaica.[288] Em outro lugar, ele usa as imagens da travessia do mar Vermelho, do maná, da nuvem, da rocha e da praga sobre os israelitas infiéis no deserto como exemplo do perigo que a igreja de Corinto corria de ser salva e cuidada por Jesus e, ainda assim, perder sua recompensa por causa de falhas morais e idolatria.[289] Mais adiante, ele usa a imagem da sedução de Eva por Satanás como precedente para o perigo que a mesma igreja enfrentava de se afastar de sua devoção pura e sincera a Jesus.[290] Em todos esses exemplos, Paulo usa um exemplo do Antigo Testamento como analogia da situação de que está tratando no momento.

Da mesma forma, depois de formular sua proibição às mulheres efésias, e a todas as mulheres que se comportam de modo semelhante em outras igrejas, ele a sustenta com uma analogia. O paralelo que ele traça é entre a situação da igreja de Éfeso e a história de Adão e Eva em Gênesis 2-3. Mas o que exatamente, na história de Adão e Eva, Paulo está tentando destacar?

Muitos complementaristas acreditam que a palavra "primeiro" (grego: *protos*) implica *primeiro em posição*, mas e se Paulo estiver se referindo aqui a *primeiro na sequência, sem nenhuma conotação de posição*? A mesma palavra é usada para descrever João, que chegou "primeiro" ao túmulo vazio de Jesus, e para o fato de que Deus nos amou "primeiro", depois do que nós o amamos em resposta.[291] Na verdade, uma forma da mesma palavra é usada duas vezes no trecho ao redor, dez versículos antes e também dez versículos depois, para se referir a primeiro na sequência: "Exorto, pois, *antes de tudo*, que se façam … orações … em favor de todos os homens" e "sejam *primeiramente* experimentados e *depois* sirvam como diáconos".[292]

Até João Calvino questiona a lógica da interpretação hierárquica: "O argumento de que a mulher está sujeita porque foi criada em segundo lugar não parece muito forte, pois João Batista veio antes de Cristo … e, no entanto, era muito

288. Gálatas 4:22-24
289. 1 Coríntios 9:24-10:14
290. 2 Coríntios 11:3-4
291. João 20:8, 1 João 4:18
292. 1 Timóteo 1:2 e 3:10

inferior a ele."[293] (De modo semelhante, em Gênesis 1, os seres humanos foram criados por último e, no entanto, deles se diz que dominam sobre tudo o que veio antes.) Será que o genial Paulo apresentaria um argumento assim?

Se Paulo não está sugerindo que Adão tem posição superior à de Eva, então por que ele se refere apenas à sequência? Uma resposta convincente é que ele está preparando, no versículo 13, o que vai dizer no versículo 14 (e lembre-se de que Paulo não usava números de versículos; por isso, nossa própria tendência de separar o versículo 13 do versículo 14 já é equivocada desde o início). Não consigo imaginar um resumo mais simples de Gênesis 2 do que o que Paulo dá aqui: "Primeiro foi formado Adão (como diz Gênesis 2:4-20), depois Eva (como diz Gênesis 2:21-25)." Assim, Paulo pode estar relembrando, no versículo 13, algum aspecto da criação de Adão e Eva que deve ser lido em conjunto com o versículo 14.

Eva foi enganada, não Adão

Tendo lido muitos estudiosos complementaristas, percebi que eles põem o peso de seu argumento em favor da "ordem da criação" no versículo 13 (que, a meu ver, entenderam mal, como se falasse da posição superior de Adão sobre Eva), mas depois normalmente admitem que têm menos certeza quanto ao versículo 14.

Há duas maneiras pelas quais eles interpretam este versículo. A primeira é que Eva (assim como suas filhas) é mais vulnerável ao engano do que Adão (e seus filhos) e que, portanto, as mulheres não são adequadas como líderes espirituais e mestras. A segunda, defendida primeiro por George Knight em 1977,[294] é que Eva cooperou com Satanás ao passar por cima da autoridade legítima de Adão sobre ela.

É mais fácil enganar uma mulher do que um homem? Por quase dois milênios, até a década de 1960, este foi o texto-prova da igreja para a inferioridade feminina, inclusive para a suposta falta de capacidade intelectual da mulher. Mas

293. John Calvin, The Epistles of Timothy, Titus and Philemon. Calvino, que na mesma passagem chama Eva de "uma espécie de apêndice" e de "um auxílio inferior", ainda assim aceita a interpretação.
294. George Knight, The New Testament Teaching on the Role Relationship of Men and Women

o movimento de libertação feminina virou de cabeça para baixo esse pressuposto cultural — e praticamente todos os cristãos que pensam também o abandonaram. É por isso que quase nenhum estudioso complementarista, tendo com razão substituído a ideia da inferioridade feminina pela da igualdade feminina, opta por essa interpretação.[295] Isso, porém, não impede que algumas almas corajosas tentem se agarrar a ela. "Paulo vê em Eva algo que é representativo da condição feminina em geral", diz Grudem, que cita com aprovação outro estudioso: "Em geral, as mulheres são mais relacionais e cuidadoras, e os homens mais dados à análise racional e à objetividade. Nomear mulheres para o ofício de ensino é proibido porque é menos provável que elas tracem um limite em questões doutrinárias inegociáveis e, assim, o engano e o falso ensino entrarão mais facilmente na igreja."[296]

Mas essa citação, no fundo, conclui que as mulheres *são* intelectualmente inferiores. Ela também nega o fato de que muitas mulheres são mais analíticas e racionais do que muitos homens, e de que muitos homens são mais suscetíveis ao engano do que muitas mulheres. O mais problemático é que ela esquece que as Escrituras aprovam inequivocamente que mulheres ensinem outras mulheres e também crianças. Se uma mulher não pode ensinar porque é mais facilmente enganada, então não deveria ensinar ninguém, muito menos crianças!

Essa visão histórica, portanto, foi com razão abandonada pela maioria dos estudiosos complementaristas.[297] Avaliemos agora a visão nova de Knight, que Schreiner expõe assim:

Paulo se concentra na serpente, que se aproximou de Eva e a enganou, e não a Adão. [Ao fazer isso, ela] subverteu o padrão da liderança masculina e interagiu

295. Em "Women in the Church" (cap. 6), Schreiner diz: "esta interpretação deve ser rejeitada, já que implica que as mulheres são ontológica e intelectualmente inferiores".
296. Wayne Grudem, Evangelical Feminism, cap. 2
297. Os complementaristas não consideram as implicações disso. Na primeira edição de Women In The Church, a defesa mais abrangente da leitura complementarista de 1 Timóteo 2, Daniel Doriani escreve um apêndice sobre a história da interpretação. Ele mostra que, até a década de 1960, a igreja pressupunha que a proibição dirigida às mulheres se baseava numa inferioridade essencial do sexo feminino. Observe, então, que não apenas os mutualistas, mas também os complementaristas oferecem o que Doriani chama de "reinterpretação" da passagem. Nenhuma das partes pode afirmar que a sua é a visão histórica. É preocupante que a segunda edição tenha removido o apêndice de Doriani, aparentemente uma admissão tácita de que tinham concedido demais. De forma enganosa, no capítulo 5 a visão complementarista é chamada de "a visão histórica".

apenas com Eva durante a tentação. Eva tomou a iniciativa de responder à serpente, e Adão deixou que ela o fizesse. Assim, o apelo a Gênesis 3 nos lembra o que acontece quando o padrão ordenado por Deus é minado.[298]

O problema dessa visão é que nada, nem no relato de Gênesis nem no argumento de Paulo, sugere que a natureza do engano de Eva estivesse de algum modo ligada a ela ter saído de sua posição e minado "o padrão ordenado por Deus". Ao contrário, as duas passagens destacam como Eva desconfiou da bondade de Deus e, assim, desobedeceu à ordem *de Deus*. Os complementaristas leem nas duas passagens coisas que não estão lá. Em Gênesis 3, a natureza da tentação de Satanás não era subverter a autoridade de Adão sobre Eva, mas subverter a autoridade de Deus sobre ela. E *tanto* Eva *quanto* Adão são depois punidos pelo mesmo pecado — que em nenhum momento é descrito como "sair da autoridade de Adão" ou "abdicar da liderança sobre Eva", mas como "comer do fruto". Sim, Adão "atendeu a voz de [sua] mulher", mas o pecado não foi o ato de ouvi-la (algo que todos os maridos deveriam fazer), e sim o de aceitar sua sugestão pecaminosa de comer do fruto. Da mesma forma, a serpente não é amaldiçoada por ter subvertido a ordem da criação, mas por ter enganado Eva (v. 13-14). O resultado de Eva ter sucumbido ao engano é que ela se tornou "pecadora" — literalmente "transgressora", o que não se refere a uma inversão de papéis entre marido e mulher, mas à ordem que Deus tinha dado ao casal de não comer da árvore proibida. A única inversão de papéis em Gênesis 3 é a tentativa deles de subir ao trono de Deus e ser o seu próprio deus.

Com as duas interpretações complementaristas do versículo 14 seriamente em dúvida, precisamos perguntar o que mais Paulo pode querer dizer com: "[e] Adão não foi o enganado; a mulher é que foi enganada e se tornou pecadora". Este é provavelmente um dos versículos a que Pedro se refere quando diz que Paulo escreve certas coisas "difíceis de entender". Como diz Westfall: "Paulo simplesmente faz uma breve narrativa da Queda, sem explicar mais a fundo sua teologia nem a relevância da narrativa para as proibições."[299] Embora os leitores originais possam ter sabido exatamente do que Paulo estava falando, nós, que

298. Tom Schreiner. Women in the Church, cap. 6
299. Cynthia Westfall, Paul and Gender, cap. 4

pegamos a mesma carta séculos depois, não temos acesso a tudo o que Paulo sabia sobre seus leitores e, por isso, talvez estejamos deixando escapar algumas informações importantes. Mesmo assim, ofereço dois sentidos possíveis, ambos baseados na ideia de que Paulo está repreendendo muitas das mulheres efésias *ao comparar seu comportamento pecaminoso ao de sua mãe Eva*, à luz da maneira como Eva foi feita depois de Adão.

O primeiro sentido possível é que Paulo, no versículo 13, pode estar aludindo à maneira como Deus instruiu Adão antes de Eva existir. Será que ela recebeu essa instrução por meio de Adão, e não diretamente de Deus? Se foi assim, é por isso que Satanás a escolheu como alvo? Isso explicaria por que se diz que Eva foi enganada, ao passo que Adão não foi. Lido desse modo, o pecado de Eva resultou de um ataque à sua convicção relativamente superficial — daí um engano —, enquanto Adão pecou de olhos bem abertos — daí uma rebelião, e não um engano.[300] Nesse caso, Paulo pode estar destacando a necessidade de as mulheres efésias firmarem sua compreensão do evangelho e de seu chamado à piedade. Embora homens como "Himeneu e Alexandre" (que eram agentes de Satanás) tivessem trazido antes o falso ensino, muitas das mulheres efésias (que eram como Eva) tinham caído nele mais do que ninguém e, por isso, não estavam em condições de ensinar outros (v. 12), mas precisavam, ao contrário, aprender de novo a palavra de Deus com submissão e em silêncio (v. 11). Em contraste, os homens que restavam na igreja permaneciam firmes e, por isso, não precisavam dessa determinação.

A outra possibilidade é entender "primeiro foi formado Adão, depois Eva" como um convite a refletir sobre Gênesis 2. Em outro lugar, Paulo diz que "Eva foi feita de Adão, e Eva foi feita para Adão"[301] — com o que ele quer dizer que a existência e o propósito de Eva estão intimamente ligados aos de Adão, como sua parceira. Paulo pode estar corrigindo um mito efésio segundo o qual as mulheres não precisavam dos homens. Se foi assim, o erro de Eva foi

300. Na verdade, é normal Paulo usar o engano de Eva dessa maneira, não como apelo à ordem da criação, mas como exemplo do tipo de engano a ser evitado — como ele diz a uma igreja: "Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo." (2 Coríntios 11:3)
301. 1 Coríntios 11:8-9

agravado pelo fato de ela ter enfrentado a tentação *sem levar em conta Adão, seu parceiro, nem se apoiar nele*. Essa percepção explica como ela estava sendo enganada, embora Adão, que estava por perto, não estivesse sendo enganado. Segundo essa visão, Paulo confronta as mulheres efésias que "ensinavam" seus irmãos de maneira independente ou desrespeitosa, esquecendo a história das origens que, de forma prototípica, lembraria às filhas de Eva que honrassem os filhos de Adão e fossem suas parceiras próximas.

Qual sentido é o correto? Embora eu prefira o segundo, não podemos ter certeza. *Mas, a favor de ambos, é preciso dizer que esses dois sentidos traçam um fio condutor entre as mulheres pecadoras de Éfeso, a proibição de Paulo (v. 12) e o material de apoio (v. 13-14), de tal modo que as ideias do versículo 13 e do versículo 14 formam um todo coerente.*[302]

O pecado exato das mulheres efésias

O que muitas dessas mulheres efésias tinham feito para merecer tal proibição? A resposta se encontra naquilo que está sendo proibido: "Não estou permitindo que a mulher ensine nem exerça *authentein* sobre o homem."

Uma pergunta decisiva a fazer neste ponto é se Paulo está proibindo duas ações separadas (ensinar e exercer *authentein*) ou uma só ação com dois aspectos (ensinar de modo a exercer *authentein*). Embora Köstenberger defenda ações separadas, muitos complementaristas, entre eles Craig Blomberg e Kathy Keller, argumentam que a palavra "nem" (grego: *oude*), que une os dois verbos, na verdade *junta os verbos numa só ação com dois aspectos integrados*.

O estudo de Philip Payne sobre a palavra *oude* refuta os argumentos de Köstenberger e defende que é isso o que acontece.[303] Curiosamente, Piper, embora tenha entendido mal o sentido de *authentein*, já adotava essa abordagem

302. Nenhum desses sentidos trata o versículo 13 como uma razão e o versículo 14 como uma segunda razão; antes, os une para formar uma única ilustração coerente em apoio ao versículo 12, recontando a história de Adão e Eva de um modo que se liga especificamente à situação da igreja de Éfeso, como a própria carta evidencia.

303. Veja www.bit.ly/332TPjf. Veja também o artigo de Jamin Hübner, no qual ele matiza a questão ainda mais, defendendo a ideia de uma só ação com dois aspectos: www.bit.ly/3EKqWM8

em 1989, quando disse: "A palavra 'ensinar' … provavelmente significa um tipo de ensino que de algum modo se relaciona com autoridade. Ensinar e exercer autoridade andam juntos."[304] Lida assim, a palavra "ensinar" não fica isolada, assim como "bater" não fica isolado em *bater e fugir* (*hit and run*). O sentido e a nuance de cada palavra são transformados pela presença da palavra que a acompanha, mais ou menos como "alto" em *alto e bom som* tem uma nuance diferente da que tem em *alto e forte*.

Afinal, ao longo de todo este capítulo, Paulo costuma juntar palavras ou expressões em pares que formam um único conceito. Paulo fala de "reis e todos os que se acham investidos de autoridade", "vida tranquila e mansa", "piedade e respeito", "pregador e apóstolo", "afirmo a verdade, não minto", "ira e animosidade", "pudor e bom senso", "silêncio e submissão". Aceito a tese de Payne, de Blomberg e de Keller: Paulo muitas vezes quer dizer uma só coisa (e não duas) quando usa dois verbos juntos, como é o caso no versículo 12.[305] Paulo, portanto, trata de uma situação em que mulheres, por influência do falso ensino, erroneamente "ensinavam aos homens e, junto com isso, exerciam *authentein* sobre eles" ou "ensinavam aos homens de modo a exercer *authentein* sobre eles".

Então, qual é o pecado das mulheres efésias? O ataque do falso ensino à igreja fez, de algum modo, com que muitas mulheres tratassem mal os homens. Em vez de serem *ezer kenegdos* para os homens, elas se vestem de forma sedutora ou ostentosa (v. 9); causam perturbação e não se deixam ensinar (v. 11, 12c); ensinam aos homens (em vez de estarem dispostas a ouvi-los ou a aprender com eles) de uma maneira que assume o controle sobre eles (v. 12b). Em tudo isso, elas desrespeitam os homens e se expõem a mais engano (v. 13-14). A solução de Paulo é que essas mulheres, como todos os bons discípulos de Jesus, voltem à postura humilde de quem aprende com submissão (v. 11). Elas devem

304. Veja www.bit.ly/3GOjAce. Schreiner chega à mesma conclusão: "1 Timóteo 2:11-15 proíbe apenas o ensino com autoridade."

305. Se ainda não temos certeza de que Paulo tem em mente uma só ação com dois aspectos, observe de que "ensinar nem exercer authentein" é o oposto, conforme formulado no versículo 11 e no fim do versículo 12: mulheres que aprendem em silêncio, com submissão (v. 11) — o que, no fundo, é usar muitas palavras para designar uma só ideia. Na verdade, o fim do versículo 12 repete a ideia mais uma vez, mas agora a reduz a uma só expressão: "esteja em silêncio".

parar de dar ordens aos homens de maneira tão impositiva e, em vez disso, proteger a harmonia da igreja (v. 12), reafirmando a santa interdependência com os homens que Deus originalmente planejou para as mulheres, conforme Gênesis 2 (v. 13), e evitando o erro de Eva de se separar de Adão, sobretudo quando Satanás tenta enganar, conforme Gênesis 3 (v. 14).

Em resumo, adotei a visão de que o problema era *como* as mulheres se relacionavam com os homens e os ensinavam. Outros estudiosos, porém, como Andrew Bartlett em *Men and Women in Christ*, argumentam que, além disso, o problema era *o que* as mulheres efésias estavam ensinando.[306] Bartlett argumenta que essas mulheres não só tinham sido afetadas pelo falso ensino; tinham se tornado propagadoras dele. Sendo assim, as mulheres efésias precisavam parar de 1) ensinar quem quer que fosse *e* 2) controlar os homens. Isso é plausível: Paulo já tinha afastado da igreja dois falsos mestres homens (1:20), mas essas mulheres continuavam ali. Sabemos que a preocupação central da carta de Paulo

306. Embora os estudiosos complementaristas argumentem, todos eles, que o problema de que Paulo trata em 1 Timóteo 2 era *o fato de* as mulheres estarem ensinando homens, os estudiosos não complementaristas rejeitam essa visão, mas depois se dividem em três abordagens: se o problema era *o que* as mulheres estavam ensinando aos homens; ou *como* as mulheres estavam ensinando aos homens; ou uma combinação de ambos. Neste capítulo, adoto a segunda abordagem: o problema era a *maneira* coercitiva, arrogante ou desrespeitosa como as mulheres, que tinham sido afetadas pelo falso ensino, mas não necessariamente o propagavam, estavam tratando e ensinando os homens. No entanto, a primeira ou a terceira abordagem também são possíveis, como este parágrafo afirma brevemente. Andrew Bartlett, nos capítulos 11 a 13 e nos Apêndices 3–6 de "Men and Women in Christ", apresenta o argumento mais forte e mais completo que já li em favor dela. Aceitando a análise de Köstenberger de que Paulo pode estar proibindo *duas* ações separadas, embora sobrepostas, que Bartlett lê como "Não permito que a mulher ensine (a quem quer que seja) nem que exerça authentein sobre o homem" (Apêndice 4), ele demonstra, com base em evidências de 1 Timóteo, que os falsos mestres homens tinham deixado a igreja, mas que, ainda assim, "várias viúvas mais jovens e ricas, que vivem para os prazeres, [andavam] de casa em casa, transmitindo mitos falsos e inúteis envolvendo artes mágicas e astrologia, enquanto ostentavam sua riqueza, vestidas sem modéstia e cada uma procurando um homem que satisfizesse seus desejos sexuais". (p. 259) "Ao longo de toda a sua carta, Paulo se refere aos falsos mestres de forma neutra quanto ao gênero. Podemos inferir de 1:3 e 5:13 que ele tinha em mente várias mulheres como falsas mestras de quem Timóteo deveria tratar em seguida." (p. 261) "Timóteo deve corrigi-las e assegurar que nenhuma delas assuma uma posição de presbítera ou diácona até que tenha dado provas de sua vida transformada." (p. 263) Segundo essa visão, Eva, como as mulheres efésias, "foi enganada pelo satanás [isto é, por meio de falsos mestres], recebendo um conhecimento proibido, e ensinou falsamente e subjugou um homem, com consequências terríveis". (p. 285) Embora a abordagem de Bartlett seja diferente da minha, nós dois chegamos ao mesmo lugar: "Primeira Timóteo 2 não justifica uma proibição geral de que as mulheres ensinem na igreja nem de que exerçam autoridade na igreja." (p. 286) Se for possível provar (não creio que seja) que Paulo se refere a duas ações separadas ("ensinar" e "exercer *authentein* sobre o homem"), e não, como acredito, a duas ações interligadas ("ensinar de modo a exercer *authentein*"), então a abordagem de Bartlett deve ser preferida à minha, pois a visão dele, embora incorpore grande parte da minha, também explica por que as mulheres nessa situação poderiam ser proibidas (até serem restauradas) de ensinar em geral.

é lidar com o falso ensino (1:3) e que os falsos mestres de Éfeso tinham especialmente as mulheres como alvo.[307] Muitas mulheres da igreja andavam agora "de casa em casa" como "intrometidas que falam tolices, dizendo o que não devem" (5:13) (o que é paralelo a outro lugar de uma Carta Pastoral em que Paulo procura fazer calar algumas pessoas que estavam "ensinando o que não devem").[308] Essas mulheres tinham se voltado para o falso ensino (5:15)[309] — por isso, Paulo também faz calar a propagação dessas ideias erradas por parte delas até que sejam restauradas na doutrina e na piedade.

Seja de um modo ou de outro, a correção de Paulo às mulheres efésias pode parecer dura para a nossa sensibilidade moderna, mas, quando entendemos o que estava em jogo, podemos apreciar melhor sua sabedoria ao fazer essa intervenção. Esse comportamento pecaminoso, incluindo as ideias heréticas que o impulsionavam, escandalizaria a igreja aos olhos da sociedade antiga em que ela estava inserida, na qual, por costume, se esperava que as mulheres honrassem os homens, e não que os constrangessem publicamente. Em outro lugar da carta, Paulo se preocupa com que o mau comportamento das mulheres cristãs em sua vida cotidiana prejudique a reputação da igreja, por agirem de um modo "passível de censura" e darem a Satanás "ocasião de maledicência".[310] Se alguma vez houve motivo para fazer calar um grupo de pessoas por um tempo e pedir-lhes que voltassem a se sentar humildemente aos pés de Jesus, nosso mestre, foi este.

Por que Paulo diz que *nenhuma* mulher deve ensinar aos homens de modo a exercer *authentein* sobre eles, se apenas *algumas* mulheres estavam fazendo isso? Pela mesma razão pela qual, antes, em 1 Timóteo 2, ele diz a todos os homens que orem sem contendas e a todas as mulheres que não se vistam com ostentação, embora sem dúvida apenas alguns homens brigassem e algumas mulheres se vestissem de forma rebuscada.

307. Veja 2 Timóteo 3:6-8.
308. Tito 1:11
309. Além disso, se agruparmos 1 Timóteo com as outras duas Epístolas Pastorais, isso fica ainda mais claro. 2 Timóteo 3:6-7 se refere a mulheres que estão sendo desencaminhadas por falsos mestres, enquanto Tito 1:10-11 se refere a "faladores frívolos e enganadores", aos quais "é preciso fazer calar".
310. 1 Timóteo 5:7, 14

O mais importante é que Paulo não diz nada contra as mulheres que procuram ser pastoras ou mestras piedosas. Os estudiosos complementaristas que contestam isso, com base no fato de que a seção seguinte trata de presbíteros e diáconos, vão longe demais. Quando Paulo diz: "Fiel é esta palavra: se alguém aspira a ser supervisor, deseja uma excelente obra. Ora, o supervisor …", ele está começando uma nova seção. Em muitas das cartas de Paulo, há seções diferentes que não estão necessariamente relacionadas entre si. Na carta de 1 Timóteo, há seis dessas seções que, embora vagamente unidas pelo esforço de Paulo para restaurar uma igreja prejudicada pelo falso ensino, tratam de assuntos diferentes. Assim, não há absolutamente nada no capítulo 2 que fale de funções ministeriais, apenas da maneira como as atividades cristãs (como orar, vestir-se, aprender) devem ser feitas de modo melhor (sem discutir, com adequação, com submissão etc.). Além disso, por que Paulo, como argumentam os complementaristas, destruiria nas mulheres qualquer desejo de liderar, só para, poucos versículos depois, aprovar o "aspirar a ser supervisor" por parte de (e ele usa para isso uma palavra genérica e, portanto, inclusiva quanto ao gênero) "alguém"?[311] De fato, ele acaba de chamar as mulheres efésias às boas "obras" (*ergon*) em 2:10 — e agora, em 3:1, diz que ser supervisor é uma dessas "obras" (*ergon*) excelentes.

Maridos e esposas

Embora a maioria dos estudiosos conclua que Paulo está tratando da maneira como *as mulheres em geral* estavam tratando mal *os homens em geral* na igreja, alguns (como Martinho Lutero) o leem como se Paulo tratasse *da maneira como as esposas estavam tratando mal seus maridos*. Como "uma mulher" e "um homem" também podem ser traduzidos por "uma esposa" e "um marido", a CEB traduz o versículo 12 assim: "Não permito que a esposa ensine ou controle o seu marido." Esses tradutores observam que Paulo passa da palavra no plural para homens (v. 8) e para mulheres (v. 9) para o singular de cada uma nos versículos 11-12. Por que mudar do plural para o singular, perguntam eles, a não ser que

311. O Novo Testamento usa o termo *tis* tanto para homens quanto para mulheres. Ele significa "qualquer um", "alguém" ou "um". Por exemplo, é usado como adjetivo para uma "mulher", "Marta", em Lucas 10:38.

ele esteja indicando pessoas específicas (casais) e relacionamentos específicos (o casamento)? Embora eu continue em cima do muro, penso que os argumentos contra essa maneira de ler a passagem não a refutam.[312]

Há quatro razões para crer que esta passagem talvez se refira a casamentos, e não às relações entre homens e mulheres em geral. Primeira: o singular genérico para "homem" não faz sentido. Se Paulo, como dizem os complementaristas, estava tentando impedir que uma mulher (singular) ensinasse na igreja porque havia homens (plural) presentes, então por que ele diz "o homem" e não "os homens"? Seria mais natural dizer: "Não estou permitindo que a mulher (singular) ensine … os homens (plural)" — a não ser que Paulo queira que imaginemos algumas reuniões da igreja em Éfeso em que só houvesse um homem presente, o que é improvável.

Segunda: Paulo baseia sua proibição em Adão e Eva, que são o casal prototípico das Escrituras (v. 13-14), e depois também fala do dar à luz (v. 15), que é igualmente de natureza doméstica e, por isso, mais provavelmente se refere a um contexto de casamento.

Terceira: em quase todos os lugares em que Paulo usa juntas as palavras gregas *aner* e *gune*, ele quer dizer maridos e esposas. Normalmente, quando quer comparar pessoas quanto ao gênero (que é aquilo a que, segundo os complementaristas, Paulo se refere aqui), ele usa outras palavras gregas. Por exemplo, em Gálatas 3:28 ("nem homem nem mulher"), ele usa as palavras *arsen*

312. Vários complementaristas argumentam contra essa leitura com três razões. Primeira: alguns dizem que, se Paulo se referisse a maridos e esposas, teria inserido a palavra "seu/sua" antes dessas palavras. Mas Paulo raramente usa um pronome possessivo antes de 'esposa' e 'marido' em qualquer de seus principais ensinos sobre o casamento (veja Colossenses 3:18-19; Efésios 5:22-25; 1 Coríntios 7:2-4, 11, 14, 33). Segunda: alguns dizem que seria estranho Paulo se dirigir aos homens como grupo (v. 8) e depois às mulheres como grupo (v. 9-10) e, de repente, falar apenas às mulheres casadas e às esposas casadas. Na verdade, seria muito natural Paulo falar, em algum lugar de sua carta, aos casamentos que sem dúvida tinham sido afetados pelo falso ensino — e este lugar é tão bom quanto qualquer outro. Terceira: alguns dizem que Paulo alterna aleatoriamente entre plural e singular em sua carta e que, por isso, não se deve dar muita importância a isso. Por exemplo, Paulo fala de um supervisor genérico no singular (3:2) e do trabalhador que é digno do seu salário (5:18). E, depois de falar dos presbíteros no plural (5:17), ele passa para o singular à medida que a passagem prossegue (5:19). Mas Paulo nunca usa o singular genérico aleatoriamente no restante de suas epístolas. Há sempre um propósito para isso. Em 3:2, ele usa o singular porque agora fala do tipo de pessoa que Timóteo deve procurar num presbítero. O singular 'trabalhador' (5:18) é usado porque a citação que ele faz está no singular. Quanto à passagem do plural "presbíteros" (5:17) para o singular (5:19), em 5:17 se fala da liderança coletiva deles, enquanto 5:19 se refere a acusações feitas contra presbíteros individuais.

e *gune*, ele quer dizer maridos e esposas. Normalmente, quando quer comparar pessoas quanto ao gênero (que é aquilo a que, segundo os complementaristas, Paulo se refere aqui), ele usa outras palavras gregas. Por exemplo, em Gálatas 3:28 ("nem homem nem mulher"), ele usa as palavras *arsen* e *thely*, palavras que Jesus também usou quando falou da criação das pessoas como homem e mulher (veja Mateus 19:4: "o Criador … os fez homem e mulher").

Quarta: a menção de "uma mulher" ensinando "um homem" sugere uma interação privada entre duas pessoas de sexos diferentes. Numa cultura antiga em que o decoro era muito valorizado, isso costumava acontecer somente nas casas.

Se Paulo *está* se referindo a casamentos, isso pode significar que ele está preocupado com a maneira como as esposas efésias, afetadas pelo falso ensino, tinham se habituado a ensinar informalmente seus maridos de forma controladora e impositiva e estavam, como Eva, perigosamente suscetíveis a mais engano, à medida que se afastavam por conta própria de uma parceria humilde com seus maridos. Interpretado assim, Paulo sabiamente intervém e exorta essas esposas a voltarem a se colocar sob a palavra de Deus como discípulas humildes e dispostas a aprender, e ao lado de seus maridos como parceiras.

Curiosamente, a igreja líder do movimento Acts 29, enfaticamente complementarista, escreveu uma longa análise bíblica para justificar a exclusão das mulheres do ensino e da liderança, mas encontrou apenas um argumento para isso: uma leitura complementarista de 1 Timóteo 2:12. E, no entanto, no documento eles admitem (com toda a razão) que Paulo pode estar se referindo apenas a casamentos.[313] Mas veja: se Paulo se refere especificamente a casamentos, então o único argumento deles para excluir as mulheres *em geral* de liderar e pregar aos homens *em geral* cai por terra.

313. Veja a nota de rodapé 160 em "The Role of Women in the Village Church': www.bit.ly/3CFKgJO

Textos obscuros e textos claros

Estou convencido de que Paulo, em 1 Timóteo 2:11-14, trata de uma situação específica em Éfeso, na qual algumas mulheres estavam pecando. Por isso, o versículo 12 não deve ser lido como uma ordem universal para todas as igrejas de todos os lugares, a não ser que uma igreja específica também tenha mulheres que estejam ensinando aos homens de modo a exercer *authentein* sobre eles.

Agora, porém, acrescento uma reflexão importante: *a passagem é tão obscura que, de qualquer forma, não justifica ser a base de uma doutrina ou de uma prática da igreja.*

Uma regra da hermenêutica é que os textos obscuros devem ser interpretados à luz dos mais claros.[314] Textos periféricos, normalmente com uma única menção daquilo que parecem dizer — como as instruções sobre usar véu "por causa dos anjos",[315] ou ser "batizado por causa dos mortos",[316] ou a pregação de Cristo aos "espíritos em prisão",[317] ou "a mulher será salva dando à luz filhos"[318] —, não devem receber tanto peso quanto os textos claros e centrais. Em vez de serem dogmáticas ou de construírem doutrinas ou práticas importantes sobre essas passagens mais obscuras, as igrejas deveriam sustentar suas interpretações delas com mais humildade e leveza, ao mesmo tempo que se apegam com confiança e firmeza à autoridade das Escrituras.

Escrituras obscuras *não* são uma base válida para uma doutrina definidora. Os ensinos claros devem ter precedência. Felizmente, a maioria dos textos da Bíblia é clara; apenas alguns são obscuros.[319] O que faz certos textos serem obscuros? Eles costumam ter um número incomum de termos obscuros; ou parecem dizer

314. Por exemplo, Tertuliano, o Pai da Igreja do século II, escreveu que "as afirmações incertas devem ser determinadas pelas certas, e as obscuras pelas que são claras e evidentes". (Citado em Gregg Allison, *Historical Theology,* p. 122).
315. 1 Coríntios 11:10
316. 1 Coríntios 15:29
317. 1 Pedro 3:19
318. 1 Timóteo 2:15
319. Lembremos que Pedro reconheceu haver nos escritos de Paulo coisas "difíceis de entender" (2 Pedro 3:16). O termo usado por Pedro também era empregado no mundo antigo para os oráculos, que notoriamente admitiam mais de uma interpretação.

o contrário do que outras passagens dizem; ou são particularmente difíceis de aplicar em situações concretas; ou não parece haver nenhuma outra passagem bíblica que diga a mesma coisa; ou a situação antiga a que a passagem se dirige é enigmática. Por isso dão origem a muitas interpretações diferentes e são intensamente debatidos pelos principais estudiosos.[320] Pois bem, não conheço passagem mais debatida nos últimos cem anos da história da igreja, nem texto mais obscuro do que este. *Por todos esses critérios, 1 Timóteo 2:12-15 é um texto muito obscuro.*

Seu verbo definidor, *authentein*, é um termo vago, que ocorre uma única vez no Novo Testamento e muito raramente na literatura extrabíblica da época de Paulo. Wolters tem (demasiada) certeza de que a palavra "muito provavelmente" não tem sentido negativo, embora ele estude os oito usos antigos da palavra mais próximos da época de Paulo e constate que "a raridade e a obscuridade do uso da palavra nessas fontes gregas contribuíram significativamente para a falta de consenso acadêmico" e que, "desses oito, a maioria é discutível de uma forma ou de outra, seja porque o texto é duvidoso, o contexto é obscuro ou a data é contestada". Na verdade, o próprio Wolters traduz cinco desses oito como "assumir autoridade", "ser mais hábil que", "ser o autor/originador", "agir por conta própria" e "cometer assassinato". Sua explicação para essa enorme variedade de sentidos: "*authentein* levou uma existência em grande parte subterrânea (isto é, oral) antes do século IV, porque pertencia a um registro subliterário da língua".[321] É por isso que rios de tinta já foram derramados, enquanto seu verdadeiro significado em 1 Timóteo 2:12 continua sendo debatido.[322] (E não é só *authentein* — Schreiner diz: "Cada palavra do versículo 12 é debatida pelos estudiosos."[323]) Jamin Hübner, em sua tese de doutorado, avalia cuidadosamente os estudos mais recentes sobre os usos antigos da palavra e critica com razão os estudiosos complementaristas:

320. Por exemplo, Hebreus 6:4-6 tem pelo menos 18 linhas de interpretação, e 1 Timóteo 2:12 tem 12.
321. Al Wolters em "Women In The Church", cap. 2.
322. Os estudos acadêmicos sobre a palavra authentein na literatura extrabíblica antiga continuam a produzir problemas lexicais e interpretativos. Veja www.bit.ly/3EHxZ8a
323. Em outro lugar, ele tanto contradiz isso quanto exagera ao dizer: "1 Timóteo 2:12 é o ensino claro de Paulo e deve ser o guia para entender o papel das mulheres." Todos nós temos de admitir que ele não é nada claro.

Uma coisa é dizer: "Não sabemos exatamente o que 'authentein' significava no primeiro século ou em 1 Timóteo 2:12." Outra bem diferente é dizer: "Não sabemos exatamente o que o termo significava no primeiro século ou em 1 Timóteo 2:12, por isso vamos supor que não há nenhuma razão especial para Paulo tê-lo escolhido, que ele não tem nenhuma nuance de nenhum tipo e, portanto, significa o exercício genérico de autoridade" — e então proibir metade da igreja mundial de ser pastora. Isso não é um raciocínio sólido.[324]

Entender *authentein* como "exercer autoridade" também torna este versículo particularmente difícil, se não impossível, de aplicar de forma coerente na prática. É aceitável, por exemplo, que uma missionária se levante e ensine o evangelho a homens não crentes? Esta passagem não diz nada sobre se "o homem" é convertido ou não. Se uma mulher não pode ensinar um homem, a partir de que idade uma mãe ou uma líder de jovens não pode mais ensinar um menino? Mulheres podem ensinar homens em seminários, em estudos bíblicos mistos ou em conferências cristãs? Homens podem ler um livro de doutrina ou um comentário bíblico escrito por uma mulher? Uma mulher pode liderar uma organização paraeclesiástica ou um ministério com homens sob sua liderança? Numa igreja, até que nível de liderança uma mulher pode chegar? (Já que Köstenberger lembra aos complementaristas que a proibição é contra mulheres liderarem, e não apenas pastorearem,[325] é incoerente negar às mulheres a liderança de nível mais alto, mas depois permitir que tenham liderança de nível mais baixo sobre homens, como liderar pequenos grupos ou uma equipe de voluntários.) E não são apenas mulheres talentosas que ficam encostadas por uma interpretação complementarista de 1 Timóteo 2:12. Lido à maneira complementarista, esse versículo se torna a única base "bíblica" para distinguir entre um suposto ensino informal, sem autoridade, e um ensino formal, com autoridade, que aparentemente só convém a pastores. Quantos pregadores talentosos em igrejas complementaristas, que não são pastores, foram impedidos de pregar por causa dessa bifurcação interpretativa? Se essa interpretação de um único versículo é de fato parte da "verdade que nos

324. Veja www.bit.ly/3BNaSY8 p.245

325. "Reduzir a questão apenas a 'nenhuma mulher presbítera/supervisora' pode ser excessivamente minimalista. … 1 Timóteo 2:12 está fundamentado em realidades mais fundamentais do que uma mera proibição superficial de que mulheres ocupem determinado cargo." Fonte: www.bit.ly/3wsFsFr

liberta", que outra instrução do Novo Testamento gera tanta incerteza, ansiedade, especulação, casuística, dor e desunião no corpo de Cristo?

Esta é a única passagem que parece dizer o que diz. Nenhum outro texto bíblico afirma que uma mulher não deve ensinar um homem. Se Deus quisesse que todas as igrejas, para sempre, tivessem apenas pregadores e pastores homens, certamente ele nos teria dado um segundo versículo dizendo a mesma coisa, não é? O texto fica ainda mais difícil de interpretar por causa do nosso conhecimento limitado da situação que Paulo está enfrentando. Todas as tentativas de entender esses versículos precisam preencher, de forma especulativa, os detalhes sobre como exatamente algumas ou todas as mulheres podem ter pecado contra os homens/seus maridos em Éfeso, e sobre como esse mau comportamento se relacionava com o relato estranhamente abreviado da história de Adão e Eva.[326]

Por fim, traduzir *authentein* como "exercer autoridade" faz esta passagem entrar em conflito com numerosos exemplos bíblicos em que mulheres *de fato* lideram e/ou ensinam homens, aparentemente com a aprovação de Deus. Como descobriremos nos capítulos 10–12, a interpretação complementarista não se encaixa com as mulheres bíblicas que instruem ou governam homens.[327] Procurar interpretar um texto bíblico — e até escrever um livro acadêmico sobre ele — sem se deixar orientar pelo que o restante da Bíblia diz sobre o assunto, e então declarar: "A palavra de Deus diz claramente…", não é uma maneira sensata, sólida ou confiável de lidar com as Escrituras. Se queremos "manejar bem a palavra", como Paulo diz a Timóteo, as passagens mais claras devem guiar nosso entendimento das passagens mais obscuras sobre o mesmo tema.

Salvas ao dar à luz

326. O complementarista Douglas Moo é franco quanto a isso: "Esses versículos (v. 13-14) fazem afirmações sobre a criação e a Queda, mas não está claro como eles sustentam as ordens dos versículos 11-12." (1 Timothy 2:11–15: Meaning and Significance. p. 68.)

327. O exemplo mais marcante nas Escrituras é o de Priscila, que ensinou doutrina especificamente a um homem (veja "Exemplos de mulheres que ensinam" no Apêndice 4) e o fez com autoridade pastoral (veja as evidências no capítulo 12). Como cremos na unidade das Escrituras sob a inspiração do Espírito, argumentar, como fazem os estudiosos complementaristas, que 1 Timóteo 2:12 constitui uma proibição de que uma mulher faça o que Priscila faz revela o erro de sua interpretação de 1 Timóteo 2:12.

Talvez o sinal mais claro de que esta é uma passagem obscura seja a sua conclusão nos versículos 14-15: "[Eva] foi enganada e se tornou pecadora. Todavia, as mulheres serão salvas dando à luz filhos — se permanecerem na fé, no amor e na santidade, com bom senso." Grudem interpreta este versículo como a maneira de Paulo reconduzir as mulheres ao seu papel doméstico de criar os filhos, enquanto os homens continuam nos papéis públicos de ensino e liderança.[328] Além do fato de que o versículo 12 muito provavelmente não fala dos papéis públicos de ensino e liderança, a principal fraqueza dessa interpretação é que "dar à luz" (uma função biológica momentânea) não é o mesmo que "criar filhos" (um papel social prolongado).

Então, o que significa o versículo 15? A chave, sugerem muitos estudiosos, é lembrar que o pecado de Eva, registrado em Gênesis 3, leva imediatamente à consequência de "dar à luz" com dor. Paulo retoma essa ligação, mas tenta expressá-la de uma forma que edifique as mulheres. Os estudiosos se dividem entre três interpretações possíveis. Uma possibilidade é que Paulo faça alusão à promessa de Deus em Gênesis 3 de que um descendente de Eva um dia esmagaria a cabeça de Satanás. Em outras palavras, as mulheres serão salvas por meio do parto da mãe Maria, a filha de Eva, e receberão a salvação que conduz a uma vida santa.

Uma segunda possibilidade é que a raiz grega *sōzō*, que muitas vezes se refere à salvação espiritual, pode também se referir à preservação física.[329] Em outras palavras, Deus faz a essas mulheres da igreja de Éfeso uma promessa especial de estar com elas no momento perigoso do parto.[330]

Uma terceira possibilidade é que Paulo esteja combatendo o modo como o falso ensino tinha levado à rejeição do casamento.[331] Talvez mulheres casadas

328. Para ser justo, outros complementaristas, como Craig Blomberg, discordam dele.
329. Como é usada em Atos 27:20 e 2 Timóteo 4:18. Como o restante das Escrituras diz que as mulheres são salvas espiritualmente pela fé em Jesus, e não por uma função biológica como gerar descendência, esse entendimento da palavra se harmoniza melhor com o ensino da Bíblia sobre a salvação espiritual.
330. No mundo antigo, o parto era a principal causa de morte e de deficiências entre as mulheres. A divindade efésia Ártemis, pouco depois de nascer, teria ajudado a própria mãe a dar à luz. Por isso as mulheres de Éfeso costumavam orar a ela para que as preservasse no parto. Isso dá mais peso a essa leitura — junto com uma vida santa, diz Paulo, elas devem orar a Deus.
331. Como ele afirma em 1 Timóteo 4:3.

desorientadas da igreja de Éfeso, assim como as mulheres "superespirituais" da igreja de Corinto,[332] não só tivessem começado a se retirar da parceria conjugal, mas também tivessem deixado de ter relações sexuais com o marido. Assim, Paulo reafirma que (o sexo e) dar à luz filhos é uma dimensão da santidade e da santificação.[333]

Pode ser qualquer uma dessas, ou alguma outra coisa. Mas o ponto é que o versículo 15, um dos versículos mais confusos da Bíblia, *serve para confirmar quão obscuros são os versículos anteriores que ele conclui*. Isso ressalta ainda mais que os versículos 11-15 são, por todos os critérios, uma base inadequada para uma doutrina de qualquer tipo — muito menos para uma doutrina que, com base na ideia de "ordem da criação", potencialmente proíbe metade do mundo de ensinar e liderar a outra metade.

A história se repete quando ninguém escuta. Na história da interpretação bíblica, tem sido uma tentação recorrente da igreja basear doutrinas em passagens isoladas. No início do século III, Ário argumentou que o Filho de Deus foi a primeira criação de Deus, com base em Provérbios 8:22: "O SENHOR produziu [a Sabedoria] como a primeira de suas obras." No início do século XVI, a Igreja Católica rejeitou a doutrina de Lutero da salvação somente pela graça, apoiando-se em Tiago 2:24: "[Uma] pessoa é justificada por obras e não por fé somente." E, no fim do século XX, os complementaristas argumentaram que as mulheres não podiam liderar nem ensinar homens, apegando-se a 1 Timóteo 2:12. *O erro, em todos os casos, é que a interpretação equivocada de uma única passagem obscura é usada para minar o ensino mais claro sobre o assunto em outras partes.* A disposição das Escrituras é tão vasta e complexa que, em quase todas as grandes doutrinas da igreja, há alguns versículos que podem *parecer* dizer algo contrário à ortodoxia. O caminho a seguir é deixar que o

332. Gordon Fee, em seu importante comentário sobre 1 Coríntios, diz que essa é a situação de fundo que leva Paulo a escrever 1 Coríntios 7, em que ele aconselha maridos e esposas a terem relações sexuais regularmente um com o outro. Mais adiante na carta, ele aconselha que "as viúvas mais novas se casem, criem filhos", administrem a casa e não deem ao adversário ocasião de maledicência. (1 Timóteo 5:14)

333. O complementarista Craig Blomberg, em "Two Views on Women in Ministry", propõe esta leitura: "O versículo 15 é um versículo extremamente difícil de traduzir, mas provavelmente é mais bem entendido como um combate à heresia e à sua postura contrária ao casamento." (cap. 2)

ensino claro de grande parte da Bíblia limite nossa interpretação das relativamente poucas passagens mais obscuras.

Na verdade, a sabedoria de deixar que as passagens mais claras iluminem esta passagem obscura fica especialmente evidente quando respondemos à pergunta: "As mulheres podem ensinar homens?" — uma pergunta que respondo no Apêndice 4.



8

Esposas, sejam submissas

"Os cônjuges não estão colocados numa relação hierárquica, um acima do outro, nem separados como unidades autônomas, cada um fazendo o que bem entende. Ao contrário, a relação conjugal é de submissão mútua." Richard Hays[334]

"Precisamos preparar nossas filhas para um dia se submeterem ao marido." Quando ouvi por acaso, há pouco tempo, uma mãe dizendo isso à minha esposa, aquilo realmente me mexeu por dentro. Será que devo mesmo ensinar a Ivy a se submeter ao marido um dia? O tema liderança e submissão no próprio casamento já é bastante pessoal, mas, quando sou obrigado a pensar nos ensinamentos sobre o casamento que devo passar aos meus filhos, sinto-me ainda mais comprometido a acertar esse ensino.

Complementarismo de um ponto

Foi só quando pesquisei e escrevi este capítulo e o próximo que abandonei, enfim e por completo, a ideia de que o ideal de Deus para todos os casamentos envolve qualquer tipo de autoridade e submissão entre marido e mulher, mesmo o mais brando. Com base na minha leitura de Efésios 5 antes disso, eu sustentava havia muito tempo a ideia de que a liderança sacrificial do marido sobre a esposa tem o propósito de mostrar algo da liderança sacrificial de Cristo sobre a sua igreja.

334. Richard Hays, First Corinthians, p. 116

O *complementarismo de um ponto* sustenta que as mulheres podem liderar homens na igreja e na sociedade, embora as esposas devam praticar algum tipo de submissão unilateral ao marido.[335] Isso é diferente do *complementarismo de dois pontos*, que exige a submissão feminina no casamento e na igreja. É interessante que muitos estudiosos da Bíblia e muitas igrejas no mundo inteiro adotem o complementarismo de um ponto.[336]

Suspeito que muitos complementaristas de dois pontos possam ler este livro e se convencer a abrir mão da exclusão feminina da liderança da igreja, mas talvez ainda mantenham algum tipo de autoridade e submissão no casamento — e, como eu também sustentei essa posição por alguns anos, consigo compreendê-la plenamente.

O interessante é que, *quando meu estudo contínuo de Efésios 5 me levou a abandonar até o complementarismo de um ponto, isso não mudou muito o meu casamento*. Como vou explicar, percebi que, no casamento também, eu já era mais ou menos um mutualista. Isso porque, se quase duas décadas de experiência de casamento me ensinaram alguma coisa, foi que um casamento entre iguais é muito mais desejável do que um casamento entre líder e liderada. E isso apesar de tantas frases de efeito lindamente formuladas sobre o casamento "cristão" que eu e outros já pregamos tantas vezes, como: "Ele se sacrifica, ela se submete; ele

335. Mesmo que exista autoridade e submissão num casamento, isso não significa que a esposa não possa ter autoridade até mesmo sobre o marido em outra esfera. Por exemplo, Débora, mulher de Lapidote, na cultura patriarcal em que vivia, pode ter recebido (ou não) ordens do marido em casa, mas mesmo assim prosperou como líder na terra, onde até seu marido precisaria receber ordens dela. É complexo, sim, mas não incoerente, já que nenhuma passagem das Escrituras usa a submissão da mulher no casamento como base para impedi-la de liderar homens na igreja e na sociedade.

336. Como pequena amostra, encontrei posições complementaristas de um ponto em N.T. Wright, da Europa Ocidental, em Hayk HovHannisyan, da Europa Oriental, e, em certa época, em Michael Bird, da Austrália. Quem está imerso nas "guerras" entre igualitários e complementaristas dos Estados Unidos talvez não consiga conceber essa possibilidade. N.T. Wright explica: "Parte do problema, particularmente nos Estados Unidos, é que as culturas ficam tão polarizadas que, se você marca um quadradinho, muitos supõem que você tem de marcar uma dúzia de outros quadradinhos no mesmo lado da página — sem perceber que a própria página é altamente arbitrária e presa à cultura." Quando ouvimos algo vezes suficientes, tendemos a acreditar. Se eu destaco duas estrelas no céu noturno e digo "essas duas estrelas estão unidas; são uma constelação chamada Os Ponteiros", quem me ouve começa a imaginar um fio invisível ligando essas estrelas. Toda vez que olha para o céu, passa a notar que elas estão 'juntas'. Na verdade, elas estão a milhões de anos-luz uma da outra e são estrelas individuais. Só de um ponto de vista na nossa galáxia é que parecem estar tão próximas. O mesmo acontece com a liderança do marido e o presbiterato — são estrelas individuais e separadas. Não estão necessariamente unidas na mente de Deus e certamente não estão unidas nas Escrituras.

lidera, ela segue; ele toma a iniciativa, ela confirma."[337]

Embora Jesus não diga uma única palavra sobre a liderança do marido sobre a esposa,[338] Paulo parece ter muito a dizer, especialmente em Efésios 5, que é o foco deste capítulo. Eis a passagem:

21 sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo.

22 As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; 23 porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. 24 Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido.

25 Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, 26 para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, 27 para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. 28 Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. 29 Porque ninguém jamais odiou o próprio corpo; antes, o alimenta e dele cuida, como também Cristo o faz com a igreja; 30 porque somos membros do seu corpo. 31 Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. 32 Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja. 33 Não obstante, vós, cada um de per si também ame a própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite ao marido.

Ao pesquisar para este capítulo, descobri que é verdade algo que C.S. Lewis escreveu: "Muitos … descobrem que o coração canta sem ser chamado enquanto vão abrindo caminho por um trecho difícil de teologia, com um cachimbo entre os dentes e um lápis na mão." Neste caso, Efésios 5 é uma

337. Beth Allison Barr, em "The Making of Biblical Womanhood" (cap. 6), cita "Happily Ever After".
338. Mesmo assim, importantes estudiosos complementaristas afirmam erroneamente que ele diz! Por exemplo, Andreas Köstenberger, em "God, Marriage, Family" (p. 250), escreve: "Jesus afirmou o plano original de Deus, o criador, para o casamento, citando tanto Gênesis 1:27 como 2:24 (Mateus 19:4-6 e paralelos). Com isso, nosso Senhor confirmou de forma forte e enfática que o plano original de Deus para o casamento com o marido como cabeça e a esposa como a parceira submissa que o apoia."

passagem difícil, carregada de teologia, que venho mastigando há muitos anos. Há três razões pelas quais lutei tanto com ela.

A primeira é que meu principal relacionamento terreno é com minha esposa. Quero obedecer à palavra de Deus e aplicar a sabedoria de Deus ao meu casamento, e esta passagem é um dos principais textos bíblicos sobre o casamento; por isso é melhor que eu a entenda bem.

A segunda é que a leitura "o marido lidera e a esposa segue" desta passagem vai na contramão da minha própria experiência e da minha sensibilidade cultural. Deixe-me explicar: sou casado com uma mulher tão instruída e competente quanto eu e, em muitos aspectos, mais. Ela administra as finanças melhor do que eu e atualmente ganha mais do que eu; percebe melhor do que eu as necessidades emocionais e práticas dos nossos filhos; e é uma líder nata de grupos de pessoas melhor do que eu. Além disso, Deus parece falar com ela sobre nossa família e nosso ministério tanto quanto fala comigo. Afirmar minha liderança sobre ela me parece não apenas arbitrário, mas uma violação do nosso relacionamento e da competência dela. Se eu for honesto, parece-me muito melhor ser parceiro dela *como minha igual* do que lhe oferecer minha liderança.

A terceira razão pela qual lutei com esta passagem é que excelentes comentaristas bíblicos chegam a conclusões diferentes sobre o que ela está dizendo, e pastores chegam a conclusões diferentes sobre como aplicar suas convicções a um casamento real. Por mais simples que as palavras pareçam numa primeira leitura, com mais reflexão Efésios 5 levanta mais perguntas do que respostas. Considere apenas os primeiros versículos: por que Paulo emoldura a relação conjugal com o versículo anterior, sobre a submissão mútua? O que significa "cabeça"? O que significa "submeter-se"? "Submeter-se" significa a mesma coisa no versículo 21 ("sujeitando-vos uns aos outros"), no versículo 22 (as esposas se submetem ao marido) e no versículo 24 (a igreja se submete a Cristo)? E, na prática, o que significa as esposas se submeterem ao marido "em tudo"?

Vou tratar dessas perguntas apresentando quatro interpretações diferentes — ou "posições". Como três quartos da passagem de Efésios 5 se dirigem ao

marido, vou definir cada posição pelo que se pede do marido cristão. Essas posições veem o marido como decisor (Posição 1), desempatador (tiebreaker) (Posição 2), servo de sua igual (Posição 3) e *paterfamilias* redimido (Posição 4).

Posição 1: O marido como decisor (habitual)

Esta é a posição de Wayne Grudem. Ele argumenta que, quando Paulo diz "sujeitando-vos uns aos outros" em Efésios 5:21, Paulo não quer dizer que todos os crentes se submetem a todos os crentes, mas apenas que todos os crentes se submetem somente àqueles que têm autoridade legítima sobre eles. Em outras palavras, a submissão flui da esposa para o marido, mas de modo algum no sentido inverso.

Ele diz que "cabeça", em "o marido é a cabeça da mulher", significa *autoridade sobre*. Paulo estaria pressionando os homens a assumir a liderança sobre suas esposas, e as esposas a aceitar essa liderança. Quando o texto fala do marido dando a vida pela esposa como Jesus fez pela igreja, isso significaria que Paulo exorta o marido não apenas a amar a esposa, mas a liderá-la de maneira amorosa. E quando Paulo, no fim, cita Gênesis 2:24, Grudem argumenta que Paulo está fundamentando essa autoridade do marido sobre a esposa no relato da autoridade de Adão sobre Eva antes da Queda.

Quanto à implicação prática de tudo isso, Grudem nos conta como ele vive isso no próprio casamento:

Em toda decisão, grande ou pequena, e quer tenhamos chegado a um acordo ou não, a responsabilidade de tomar a decisão continua sendo minha. (Estou falando aqui das decisões que envolvem nós dois, não das decisões individuais que cada um de nós toma sobre suas próprias esferas de responsabilidade.) Não concordo com quem diz que a liderança masculina só faz diferença uma vez a cada dez anos, mais ou menos, quando marido e mulher não conseguem chegar a um acordo. Penso que a liderança masculina faz diferença em cada decisão que o casal toma, todos os dias de sua vida de casados. Se há uma liderança masculina genuína, há um reconhecimento silencioso e sutil de que o centro do

processo de decisão é o marido, não a esposa. E, embora muitas vezes haja muita conversa, e deva haver muito respeito mútuo e consideração de um pelo outro, em última instância a responsabilidade de tomar a decisão cabe ao marido.[339]

John Piper compartilha algo dessa posição ao recordar com carinho o casamento dos pais, no qual o pai era quem habitualmente tomava as decisões:

Quando meu pai chegava em casa, ele era claramente o cabeça da casa. Ele conduzia a oração à mesa. Reunia a família para o devocional. Levava-nos à escola dominical e ao culto. Dirigia o carro. Guiava a família até onde iríamos nos sentar. Tomava a decisão de almoçarmos no Howard Johnson's. Conduzia-nos até a mesa. Chamava a garçonete. Pagava a conta. Era com ele que sabíamos que teríamos de acertar as contas se quebrássemos uma regra da família ou fôssemos desrespeitosos com a mamãe. Esses eram os momentos mais felizes da mamãe. Ah, como ela se alegrava por ter o papai em casa! Ela amava a liderança dele. Mais tarde, aprendi que a Bíblia chama isso de "submissão".[340]

A maioria dos livros cristãos populares sobre casamento defende essa posição. Um deles diz: "O marido … é responsável pelas decisões importantes do lar. … Uma esposa receptiva e correspondente, de boa vontade … entrega sua liberdade em troca do amor, da adoração, da proteção e do sustento dele."[341] Outro ecoa o mesmo sentimento: "Um homem pode ter muitos chefes fora de casa, mas dentro de casa tem a oportunidade de exercer a autoridade com bondade e de receber o respeito que lhe é devido."[342]

Agora, antes de passar a explorar as outras posições, deixe-me dizer o seguinte: até a década de 1980, quase todos os estudiosos da Bíblia e quase todos os cristãos liam a passagem exatamente dessa maneira. Por isso, esta é uma posição que deve ser levada a sério.

339. Wayne Grudem, Evangelical Feminism, cap. 1
340. John Piper, Recovering Biblical Manhood and Womanhood, cap. 1
341. Ed e Gaye Wheat, Intended for Pleasure, quarta edição, p. 30–31
342. Kevin Leman, Sheet Music, p. 54.

Mas permita-me ser honesto: essa abordagem seria a morte do meu casamento! E, como pastor, nunca aconselhei essa posição — sem dúvida a experiência de vida de Grudem e de Piper é diferente da minha, mas não consigo imaginar um relacionamento íntimo prosperando quando uma pessoa toma todas ou a maioria das decisões que envolvem os dois. Não consigo deixar de concluir que os casais que dizem que essa posição funciona no seu casamento ou são pessoas que, por criação ou cultura, preferem "o casamento tradicional" de outros tempos, ou são formados por um marido que é líder por natureza e uma esposa que, por natureza, gosta de seguir. Mas nem todo relacionamento conjugal funciona assim, e certamente não o meu e da Julie. Fico feliz que, nas últimas décadas, pastores e teólogos tenham começado a sugerir uma modificação dessa posição, que alguns chamam de "complementarismo moderado" e que eu chamo de "o marido como desempatador".

Posição 2: O marido como desempatador (ocasional)

Timothy e Kathy Keller, em seu best-seller *The Meaning of Marriage*, oferecem uma visão mais suave do casamento complementarista. Eles escrevem um capítulo inteiro sobre o fato de que, ao contrário da posição de Grudem, Paulo enquadra os papéis de gênero no casamento como expressão da submissão mútua do versículo 21, que eles definem como a escolha de servir e agradar humildemente o outro:

Em Filipenses 2:2-3, Paulo diz sem rodeios que os cristãos devem, "por humildade, considerar os outros superiores a si mesmos". … Devemos considerar e tratar os interesses dos outros como mais importantes do que os nossos. Em outro lugar, ele diz que não devemos "agradar a nós mesmos", mas antes "agradar ao próximo no que é bom, para edificá-lo. Porque também Cristo não se agradou a si mesmo" (Romanos 15:1-3). Paulo chega a dizer aos cristãos que sejam "douloi" uns dos outros (Gálatas 5:13) — literalmente, servos, escravos. … Sejamos marido ou esposa, não devemos viver para nós mesmos, mas para o outro. E essa é a função mais difícil e, ao mesmo tempo, a

mais importante de ser marido ou esposa no casamento.[343]

Segundo essa posição, a submissão mútua flui nos dois sentidos: nos versículos 22-24, Paulo diz às esposas que se submetam ao marido, enquanto nos versículos 25-29 ele diz aos maridos como se submeter às esposas (o que toma a forma de amor sacrificial por elas).

Submissão mútua à parte, os Keller ainda defendem o marido como líder. Eles fazem isso passando da linguagem de um marido em submissão mútua com a esposa para a de um marido que se submete "ao papel de líder-servo".[344] (Devo observar que esse é um uso questionável da palavra "submeter-se", porque agora ela significa algo diferente do seu uso na ideia de submissão mútua: submeter-se a um papel não é de modo algum o mesmo que submeter-se a uma pessoa.)

Felizmente, os Keller oferecem um tipo de liderança muito mais suave do que o entendimento que se tinha da submissão da esposa em séculos passados: "[Q]uando as duas partes não conseguem chegar a um acordo, mas algum tipo de decisão precisa ser tomado, [o marido tem] o direito de dar o voto de desempate e (assim) assumir a maior responsabilidade pela decisão."[345] Em outro lugar, Timothy Keller chama isso de direito do marido de "prevalecer sobre" a esposa, dando "a palavra final".[346] Em outras palavras, *só quando há desacordo, e não nas decisões do dia a dia*, o marido deve tomar uma decisão.

Como complementarista moderado de longa data, eu e muitos outros mestres do mesmo campo aplicamos esse ensino dizendo coisas como: "De vez em quando, em ocasiões muito raras, uma escolha precisa ser feita e vocês dois não conseguem concordar; então a esposa deve pedir ao marido que tome uma decisão sobre o assunto." Por exemplo, meu amigo Alan Frow, um pastor complementarista influente no sul da Califórnia, diz que quase todas as decisões no seu casamento são tomadas em colaboração: "Estou casado há 25 anos", diz

343. Tim e Kathy Keller, The Meaning of Marriage, cap. 2
344. Tim e Kathy Keller, The Meaning of Marriage, cap. 6
345. Tim e Kathy Keller, The Meaning of Marriage, Apêndice
346. Timothy Keller, The Timothy Keller Sermon Archive, 2012–2013

ele, "e nesse tempo só cinco vezes minha esposa me disse: 'Não conseguimos concordar. Você é o líder, então vá buscar a Deus.'"[347]

No meu próprio casamento, passavam-se anos sem que eu precisasse usar minha "autoridade de desempate", porque sempre conseguíamos chegar a um consenso. *Mas veja: isso significa que, na nossa experiência vivida, minha "liderança" sobre a Julie e a necessidade de ela se "submeter" a mim praticamente não existiam.*

Dúvidas sobre o modelo do desempate

Para muitos complementaristas moderados, como eu fui por muitos anos, o trabalho difícil de atualizar teologicamente a própria posição mal parece valer o esforço. Em quase qualquer dia do ano, o tipo de casamento deles é exatamente igual a um casamento mutualista. Na verdade, eu talvez tivesse ficado com a posição dos Keller por mais tempo do que fiquei (e tenho empatia por outros que ainda ficam), não fosse o fato de ter passado a questionar se *mesmo uma forma suave de autoridade e submissão é realmente o ideal de Deus para todos os casamentos*. Na verdade, tenho cinco dúvidas sérias.

Primeiro, se idealizamos a submissão da esposa à autoridade do marido, fica muito mais fácil desconsiderar as contribuições vitais dela na igreja e na sociedade. Apesar de os complementaristas moderados insistirem que a submissão da esposa é *somente* ao marido, e não a todos os homens, os complementaristas ainda usam esse ponto para argumentar que, se a esposa deve ser liderada em casa, não deve liderar na igreja.[348] Frow, por exemplo, diz com razão que os papéis conjugais numa família humana são um "espelho misterioso"[349] da relação de Cristo com a igreja e, embora ainda afirme que as

347. Ouça aqui: www.bit.ly/2ZPRZGH

348. John Piper formula o argumento assim: "No relacionamento entre homens e mulheres na igreja, os homens devem liderar, por analogia com o modo como o marido lidera em casa (Efésios 5:22-33)." É interessante que uma das maiores igrejas do meu continente permite que mulheres preguem e liderem a igreja, mas surgiu ali uma cultura estranha por causa da ênfase na submissão da esposa: essas pregadoras e pastoras se recusam a se casar, porque, no momento em que se casam, os membros da igreja tendem a levar a liderança delas menos a sério.

349. Ouça aqui: www.bit.ly/2ZPRZGH

mulheres podem liderar na sociedade, conclui que "na família de Deus também deve haver algum espelhamento misterioso".

Mas é correto dar esse salto? Em Efésios 5, Paulo diz que a união entre marido e mulher é um "mistério" que aponta para a união entre Cristo e a igreja. Por que, então, os complementaristas se sentiriam livres para sobrepor esse "mistério" de forma genérica a uma comunidade inteira, de modo que os presbíteros homens de alguma forma representem Jesus como marido (e, por esse argumento, precisem ser homens), enquanto o restante da igreja representa a noiva (agora se desviando estranhamente da analogia ao incluir mulheres *e homens*)? Além disso, a ideia de que os presbíteros representam o marido da igreja é perigosa e antibíblica — especialmente quando Jesus ocupa esse papel na igreja de forma enfática e exclusiva. Se ficarmos com a analogia entre casamento e igreja, o mais perto que os líderes da igreja devem chegar é de serem o padrinho de Jesus, como João Batista em João 3:29.

Segundo, eu me vi perguntando por que, segundo a visão complementarista do casamento, Paulo idealizaria justamente o arranjo hierárquico que a Queda trouxe, quando Deus anunciou sua consequência não como uma promessa, mas como uma previsão sombria: "[E]le te governará."[350]

Terceiro, continuo horrorizado com o nível de violência entre parceiros que, comprovadamente, existe com tanta frequência em casamentos cristãos. Sociólogos como Elaine Storkey argumentam que não ajuda em nada quando a submissão feminina é ensinada como uma norma decretada por Deus. Mesmo ouvindo ensinamentos sobre sua autoridade "benevolente", os maridos às vezes são encorajados pela própria ideia de uma autoridade masculina ordenada por Deus a manter "uma crença aberta ou subconsciente no privilégio e no direito masculinos, pela qual os homens se arrogam direitos à liberdade, ao status e a opiniões que não se aplicariam à parceira".[351] A menos que sejam maridos dos mais santificados, por não verem a parceira como verdadeiramente igual,

350. Gênesis 3:16

351. Elaine Storkey, Scars across humanity: Understanding and Overcoming Violence Against Women, p. 210

continuam mais inclinados, ainda que só um pouquinho, a tratá-la como inferior.[352]

Na África, onde moro, o nível de violência de gênero é realmente horripilante. Já ouvi histórias de maridos cristãos que espancam a esposa por insubordinação (e até de um pastor que espancou uma mulher da sua congregação por ser insubordinada ao marido). Além disso, algumas pesquisas[353] mostram que a doutrina da submissão feminina aumenta a probabilidade de uma esposa agredida aguentar firme num casamento abusivo, bem como a probabilidade de as igrejas a que ela recorre em busca de ajuda *não* a aconselharem a se afastar do agressor. Se esse é o ensino ideal de Deus, eu me perguntava por que, ao chegar aos ouvidos cristãos, ele causa dano com tanta frequência.

Quarto, por mais que eu prefira o complementarismo moderado a uma forma mais dura, tive de admitir que ele era uma criação novinha em folha. Se a interpretação que dá origem ao casamento complementarista moderado tem só meio século ou pouco mais, ela é ainda mais nova do que a interpretação que dá origem a um casamento mutualista. Embora eu seja grato por esse novo complementarismo moderado, ao estilo dos Keller, tenho de concordar com estudiosos complementaristas como Grudem e Russell Moore, que dão a entender que essa abordagem mais suave na verdade está mais próxima de um casamento mutualista do que de um complementarista. Se uma leitura simples do texto exige que eu tome as decisões habitualmente e que minha esposa se submeta habitualmente, então, no fim das contas, nunca tivemos de fato um casamento "bíblico". Em vez disso, tivemos um casamento que "afirma a submissão mútua dentro de uma parceria conjugal entre iguais", no qual as decisões são tomadas "por meio de um processo de consenso negociado" — é assim que Moore define um casamento "feminista", e definitivamente não "bíblico" ou complementarista.[354] Se Grudem (e a posição histórica) estiver certo, então ou Deus quer que eu mude minha prática e comece a tomar mais

352. As ideias se espalham para além da igreja. Por isso também precisamos perguntar que efeito as ideias cristãs produzem na cultura em geral. Quando uma igreja ensina que a submissão feminina ao marido é o ideal de Deus, isso nada faz para diminuir a probabilidade de violência de gênero. Mas, quando a igreja enfatiza que o ideal de Deus para os casamentos é mutualista, isso certamente ajuda a minar a violência doméstica.
353. Veja www.ab.co/3bHZF05 e www.bit.ly/3GNbrVt
354. www.bit.ly/3nVy1CK

decisões em nome da minha esposa, ou eu preciso mudar minha teologia. Continuar vivendo fora de sintonia com aquilo em que cremos é pura incoerência.

Quinto, não há, a meu ver, uma resposta satisfatória para a pergunta: "*Por que* a esposa deve se submeter?" A Posição 1 pode soar chocante para muitos de nós hoje, mas durante séculos fez todo o sentido: a cultura e a doutrina da igreja acreditavam que as mulheres eram inferiores aos homens e, por isso, precisavam ser lideradas para o próprio bem. Mas, desde a década de 1960, essas ideias foram abandonadas na cultura *e* na igreja. Todos nós conhecemos muitas mulheres mais inteligentes e mais decididas do que o marido. Portanto, não pode ser que elas sejam inferiores na hora de tomar decisões. Então, por quê?

Os Keller se arriscam a dar uma resposta: "[A] resposta a essa pergunta é outra pergunta: 'Por que Cristo se tornou aquele que entrega a autoridade ao Pai?'" O argumento deles é que a submissão da esposa à autoridade do marido deve espelhar a relação de Cristo com o Pai. Mas, como expliquei nos capítulos 3 e 6, isso retrata mal a relação trinitária, além de ignorar o fato de que as Escrituras *em lugar nenhum* comparam o Filho que entrega a autoridade ao Pai com a esposa que entrega a autoridade ao marido.

John Piper dá outra resposta: a submissão de uma esposa cristã ao marido representa, para um mundo que observa, a submissão da igreja a Cristo. Isso soa bonito num sermão, mas olhe com mais atenção: só funciona na Posição 1, em que o marido lidera a esposa todos os dias da vida dela. A Posição 2 é um retrato pobre da liderança de Cristo sobre a igreja — se Jesus é nosso Senhor, nós nos comprometemos com a liderança diária dele, e não com uma tomada de decisões suave e colaborativa em que só de vez em quando, quando não conseguimos concordar, deixamos Jesus usar seu trunfo.

Embora teólogos como Keller e Piper tentem oferecer razões teológicas frágeis, muitos pastores, que muitas vezes têm uma orientação mais pragmática, oferecem esta justificativa para a autoridade do marido: tudo o que tem duas cabeças é um monstro, dizem eles, por isso é importante saber com quem fica a

responsabilidade final. Mas essa é a razão que não posso aceitar. Permita-me explicar por quê.

"Mas com quem fica a responsabilidade final?"

Numa união de duas pessoas, será que a responsabilidade final realmente precisa ficar com uma só pessoa, senão o casamento desanda? Consigo ver a necessidade de um capitão num time esportivo, de um general à frente de um exército ou de um CEO numa empresa. Mas duas pessoas numa união de "uma só carne", que idealmente, como diz Gênesis 2:24, estão "nuas", isto é, propositalmente vulneráveis uma diante da outra, não parecem precisar tanto de um líder quanto de que ambas se comprometam plenamente a amar e servir uma à outra como parceiras iguais.

Love and Respect, o livro cristão popular sobre casamento de maior influência, formula o argumento assim: "Organizar um casamento com dois iguais no comando é condená-lo ao fracasso. Essa é uma das grandes razões pelas quais as pessoas estão se divorciando a torto e a direito hoje."[355] Mas eu me perguntei: onde está a evidência para essa afirmação estapafúrdia? Embora eu espere ler outros estudos sobre o assunto, um estudo recente com 21.000 mulheres cristãs casadas e divorciadas que frequentam a igreja chegou à conclusão oposta: "Casais em que um dos cônjuges toma as decisões, mesmo que discuta as decisões com o outro antes e peça sua opinião, têm 7,4 vezes mais probabilidade de se divorciar do que casais que compartilham o poder de decisão."[356]

Muitos cristãos sabem disso intuitivamente (afirmem ou não acreditar nisso teologicamente). Dos milhares de pesquisados, cerca de 40% acreditavam que o marido tem autoridade de desempate, enquanto cerca de 60% acreditavam que a

355. Eggerichs, Love & Respect, p. 221. Ele fez essa afirmação sem referência a nenhum estudo nem a qualquer validação externa.

356. Sheila Gregoire, The Great Sex Rescue, cap. 2. Um estudo secular do The Gottman Insitute concorda — John Gottman escreve em "The Seven Principles for Making Marriage Work" que, "estatisticamente falando, quando um homem não está disposto a compartilhar o poder com a parceira, há 81% de chance de que seu casamento se autodestrua".

esposa deve amar o marido submetendo-se a ele — e, no entanto, "apenas 17,3% dos casais de fato praticam o modelo em que o homem tem a palavra final. Em contraste, 78,9% dos casamentos funcionam sem desempatador — de modo que os casais ou tomam as decisões juntos ou deixam de tomar a decisão se não concordam".

O que temos aqui são dois impasses que pastores como eu preferíamos não admitir. Primeiro, há um descompasso entre crenças e comportamento nas pessoas que lideramos. Embora a maioria dos cristãos acredite que o marido é o decisor ou o desempatador, a maioria não pratica isso! Segundo, "embora muitos casais cristãos acreditem que os maridos têm autoridade de decisão, *a crença não causava dano ao casal até ser posta em prática*". Será que pastores como eu devemos *insistir* para que o povo de Deus comece a praticar aquilo em que acredita, ou devemos questionar aquilo que temos ensinado as pessoas a acreditar? Se eu, como pastor, realmente quero o melhor para os casais que lidero, tenho de encarar alguns dados duros:

Quando as mulheres não se sentem ouvidas e, em vez disso, sentem que suas opiniões não são tão importantes quanto as do marido, seus casamentos têm 26 vezes mais probabilidade de terminar em divórcio. … Mesmo que consulte a esposa, nos casamentos em que o marido detém o poder de decisão, as opiniões dele, por definição, contam mais do que as dela. E, quando as mulheres sentem que suas opiniões não recebem o mesmo peso que as do marido, os casamentos [têm mais probabilidade de] desmoronar.[357]

Por outro lado, há benefícios evidentes na mutualidade no casamento. "Quando os casais tomam decisões juntos, as esposas têm mais de quatro vezes mais probabilidade de se situar entre os 20% de casamentos mais felizes do que entre os 20% menos felizes, e 67% mais probabilidade de ter orgasmos com frequência durante o sexo."[358] Essas estatísticas confirmam que os casamentos (e a vida sexual) que se saem melhor são aqueles que decidem resolver as coisas juntos e, quando discordam, dar ao assunto o tempo e o cuidado necessários para chegar a um acordo.

357. Sheila Gregoire, The Great Sex Rescue, cap. 2.
358. Sheila Gregoire, The Great Sex Rescue, cap. 2.

Consigo entender como, numa equipe de liderança de, digamos, dez pessoas, o líder às vezes precise agir como desempatador. Mas tenhamos cuidado ao importar a dinâmica de decisão das organizações para o casamento, que é composto de apenas duas pessoas, muito mais relacional do que funcional, comprometidas com uma união no nível da alma.

Além disso, com que frequência os casais se veem numa situação em que uma decisão crucial *precisa* ser tomada sem que haja tempo para chegarem a um consenso? Normalmente há tempo para decidir, ou para o casal deixar a decisão com quem tem mais convicção ou mais conhecimento na área afetada por ela. Mas, se o casal ainda discorda, isso mostra que ambos têm convicções fortes sobre sua posição. *Que o marido então imponha sua hierarquia, justamente no momento da maior divergência, parece-me o pior desfecho possível!* Não haveria um modo de o casal conversar sobre o assunto até chegar ao consenso? Até que essa clareza venha, é melhor prolongar a conversa, enquanto marido e esposa buscam em oração o melhor desfecho, pedem conselho a outras pessoas e procuram realmente, realmente ouvir um ao outro.[359]

Minha experiência me leva a esta conclusão: usar minha autoridade exatamente no ponto em que minha esposa sente algo com força suficiente para discordar de mim parece sabotagem relacional. Diferentemente de Alan Frow, que se lembra de cinco vezes em que a esposa lhe pediu que usasse o trunfo, eu tenho uma única lembrança de ter tomado uma grande decisão de um modo que passou por cima da incerteza da Julie a respeito. Mas mesmo naquela ocasião ela confiou mais na minha convicção do que simplesmente aceitou minha

359. Numa entrevista em podcast, Alan Frow defende o modelo do desempate dizendo que, quando aconselha casamentos igualitários como pastor, percebe que "há muita tensão porque eles não sabem quem vai tomar a decisão". Ouça aqui: www.bit.ly/2ZPRZGH — mas isso é amplamente verdadeiro? Se minha experiência de casamento, e a de todos os casais que aconselhei, serve de referência, quando uma esposa sabe de antemão que a autoridade do marido vai prevalecer caso os dois não consigam concordar, isso na verdade acrescenta uma quantidade enorme de tensão à experiência dela no casamento. Numerosos conselheiros cristãos insistem que o que mais ajuda a lidar com a tensão em casamentos cristãos em conflito não é introduzir uma autoridade de desempate no marido, mas a ausência dela. Antes, o casal precisa aprender a realmente ouvir um ao outro, a amar e a abrir mão das próprias agendas a serviço do outro. Já ouvi histórias suficientes de mulheres que tentam, que tentam desesperadamente, submeter-se à autoridade de desempate do marido e, mesmo assim, saem feridas por ela. Quando tento imaginar a inversão dos papéis e me coloco no lugar de uma esposa que tem uma convicção apaixonada sobre certa decisão, sobre a qual o marido tem uma convicção igualmente apaixonada, e que é ele quem vai, em última instância, decidir, percebo que a posição do desempatador pode forçar o marido a ignorar as palavras de Jesus: "[Não] façais aos outros o que [não] quereis que vos façam."

autoridade. Agora que penso nisso, tenho muito mais lembranças de tentar tomar uma decisão final contrária à opinião dela, só para vê-la corajosamente me contestar. Felizmente, todas as vezes eu ouvi, e adiamos a decisão final. Olhando para trás, acho que eu teria abalado a confiança dela se, apesar das preocupações legítimas que ela tinha, tivesse tentado impor minha hierarquia.

Tudo isso para dizer que passei a ter sérias dúvidas sobre a Posição 2! Quanto mais velho fico, e quanto mais casais acompanho, tanto como pastor quanto como amigo, mais difícil é varrer essas preocupações para debaixo do tapete. Concluí que o modo como a Julie e eu conduzimos nosso casamento diante de Deus, e o modo como criamos nossos filhos para tratar o cônjuge e para permitir que o cônjuge os trate, é um assunto tão crucial que é melhor encarar as fraquezas até mesmo da posição do desempate e estar aberto a outras interpretações possíveis de Efésios 5. Quando fiz isso, redescobri a alegria de não apenas ler superficialmente passagens difíceis como Efésios 5, mas de cavar mais fundo, perguntando não só o que a passagem dizia, mas também por que dizia aquilo e a quem dizia aquilo originalmente.

Posição 3: O marido como servo de sua igual

Antes de investigar devidamente essa terceira posição, eu supunha que ela era obviamente uma tentativa de se esquivar do ensino claro de Efésios 5. Eu teria concordado com Frow, que sugere que ela é uma tentativa de fazer "piruetas" interpretativas com a passagem. *Fiquei pasmo, então, quando finalmente me dediquei com seriedade a essa posição, ao descobrir quanto ela é convincente* — não um caso de ginástica exegética, mas o resultado do trabalho árduo e tão necessário que uma interpretação sólida exige. O estudioso da Bíblia Philip Payne faz várias observações sobre Efésios 5 que tornam muito plausível que Paulo esteja, na verdade, promovendo a igualdade e a mutualidade como base do casamento, e não — como sugere uma leitura superficial — a liderança e a submissão.

Primeiro, Paulo situa o casamento cristão dentro da matriz da submissão mútua. Payne diz que a junção que Paulo faz da palavra "submeter-se" (que significa

colocar-se debaixo de outro) com a expressão recíproca "uns aos outros" (em grego: *allelous*) é um dos ensinos mais socialmente revolucionários e linguisticamente criativos de Paulo. Na maioria das vezes no Novo Testamento, a palavra "submeter-se" (em grego: *hypotasso*) significa sujeitar-se à autoridade de outro, mas, ao uni-la a "uns aos outros", *ele torna essa submissão recíproca, mudando assim seu sentido de aceitar a autoridade de alguém para colocar-se a serviço dessa pessoa.* Isso se encaixa perfeitamente com o que Paulo já disse aos cristãos de Éfeso, que devem estar "suportando-vos uns aos outros em amor" (4:25); ser "uns para com os outros benignos, compassivos"; e estar "perdoando-vos uns aos outros" (4:32). A razão que Paulo dá é que nos submetemos uns aos outros "no temor de Cristo" (5:21) — isso remete ao início do capítulo, onde se mostra que Cristo se colocou a nosso serviço: "Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave" (5:2).

Os complementaristas rígidos, que defendem a Posição 1, contestam isso. Tanto Wayne Grudem quanto Kevin De Young tentam refutar a implicação recíproca da submissão do marido à esposa argumentando que a expressão "uns aos outros" pode significar "alguns a outros". Por exemplo, Grudem se refere ao uso da expressão em "os homens se matassem uns aos outros" (Apocalipse 6:4) e diz que isso significa que "alguns homens matarão outros homens". Mas, se o autor do Apocalipse tivesse simplesmente imaginado alguns homens matando outros, sem serem eles mesmos mortos, não teria usado essa expressão. De Young aponta outros textos que usam a expressão "uns aos outros"[360] e que, segundo ele, não são recíprocos — mas, examinados de perto, eles certamente são, como o é todo uso de "uns aos outros" no restante da carta aos Efésios, bem como em todo o Novo Testamento. A tentativa de Grudem e De Young de fazer a submissão "uns aos outros" fluir num só sentido (do subordinado

360. Mateus 24:10; Lucas 12:1; 1 Coríntios 7:5. 11:33

para quem tem autoridade) fracassa. Até teólogos complementaristas pioneiros como George Knight e Tom Schreiner discordam deles neste ponto.[361]

Segundo, Paulo especifica a que tipo de submissão da esposa ele se refere. Como acabei de dizer, há dois tipos de submissão. Há a *submissão de obediência*, prestada por um subordinado a uma autoridade, como a de um cidadão ao seu governo.[362] E há a *submissão de serviço* — como vimos, é a isso que Paulo se refere quando fala de submissão mútua.[363] A primeira tem uma só direção e pode ser exigida. A segunda pode ser recíproca e é sempre voluntária.

Quando Paulo diz às esposas que se submetam ao marido, a que tipo ele se refere? Nossa capacidade de responder a isso é afetada pela nossa tradução. Abra qualquer Bíblia e veremos um ponto final no fim do versículo 21, e depois começa um parágrafo totalmente novo. Algumas traduções chegam a inserir um título entre os versículos 21 e 22, como "*Wives and husbands*" ("Esposas e maridos", ESV). Mas essa quebra de parágrafo ou esse título inserido esconde algo muito importante: *no grego, não há ponto final entre o versículo 21 e o versículo 22*.

Na verdade — e isso me deixou de queixo caído —, as cópias gregas mais antigas que temos nem sequer trazem a palavra "submeter-se" no versículo 22. Ela não aparece porque o versículo 22 toma emprestado o verbo do versículo

361. Outra maneira pela qual os complementaristas contestam é dizer que, se a submissão mútua (em Efésios 5:21) deve emoldurar os três pares (marido-esposa, pais-filhos, senhores-escravos), então é evidente que Paulo não pode estar minando a ideia de liderança e submissão no casamento, porque o segundo e o terceiro pares são, por natureza, hierárquicos. Meu próprio entendimento de Efésios 5:21 é que ele não é o versículo que emoldura os três pares, mas apenas o versículo de transição para a nova seção da carta de Paulo, que Paulo aplica especificamente às relações conjugais. Essa é uma abordagem muito melhor do que a de complementaristas como Schreiner e Knight, que, aceitando a ideia de que a submissão mútua se aplica tanto aos maridos quanto às esposas, a reformulam estranhamente como "a esposa se submete ao seu papel de esposa submissa, enquanto o marido se submete ao seu papel de líder sacrificial". Mas Paulo claramente não está dizendo a eles que se submetam a papéis, e sim uns aos outros.

362. Romanos 13:1

363. "Como *hupotassō* traz a ideia de estar classificado abaixo de outra pessoa, a palavra serve tanto para a submissão às autoridades quanto para a submissão nas relações pessoais entre iguais. No primeiro caso, há uma classificação objetiva numa hierarquia: por exemplo, os crentes estão sob a autoridade do governo civil e, por isso, devem se comportar em submissão a essa autoridade. No segundo caso, a classificação é subjetiva: os crentes devem se colocar abaixo dos outros *como se* estivessem numa hierarquia; isto é, devem tratar os outros como mais importantes do que eles mesmos, pois essa é a essência da humildade cristã (Romanos 12:10; Filipenses 2:3)." (Andrew Bartlett, Men and Women in Christ, p.36)

21.[364] O grego diz literalmente: "submetendo-vos uns aos outros no temor de Cristo, as mulheres [note a palavra que falta] ao seu próprio marido…" *Em outras palavras, quando Paulo diz aqui às esposas que se submetam ao marido, refere-se exatamente ao mesmo tipo de submissão que todos os crentes devem prestar uns aos outros.* Paulo não está dizendo aqui às esposas que sejam especialmente subordinadas ao marido. Antes, refere-se ao segundo tipo de submissão, no qual as esposas escolhem servir e agradar humildemente o marido. Ele usa a palavra "submeter-se" uma última vez na mesma frase para se referir então à submissão da igreja a Cristo, que, à luz do uso da palavra "submeter-se" nos versículos 21 e 22, devemos ler assim: "Como a igreja *serve e agrada humildemente* a Cristo em tudo, assim também as esposas devem *servir e agradar humildemente* ao marido em tudo" (v. 24).[365]

Terceiro, "cabeça" (em grego: *kephalē*), neste caso, muito provavelmente não significa *autoridade*, mas *fonte de vida*. No português moderno, "cabeça" usado metaforicamente significa autoridade — o CEO é o "cabeça" da empresa; o comandante é o "cabeça" do pelotão. Além disso, quando imaginamos uma cabeça literal de um corpo literal, nós, modernos, supomos que a cabeça, que contém o cérebro, é por isso o centro de controle do corpo. Por meio do sistema nervoso, ela envia ordens ao corpo.

A pergunta que devemos fazer é o que Paulo quis dizer quando escolheu a palavra *kephalē* e o que seus leitores originais teriam entendido. Os estudiosos complementaristas argumentam que, como Paulo compara Cristo, que é a cabeça, ao marido, que é a cabeça, certamente está implícita a autoridade do marido. Mas isso ignora o fato de que, quando Paulo usa a palavra como metáfora, provavelmente não é esse o seu sentido. Sim, Paulo entendia que Jesus Cristo tem autoridade sobre a igreja e sobre a criação, mas, quando escolhe falar de Jesus como *kephalē* de um corpo, ele geralmente destaca algo relacionado com a autoridade, mas não exatamente igual a ela. No Apêndice 3: O que

364. Cynthia Westfall, em "Paul and Gender" (cap. 1), escreve: "Efésios 5:18-23 forma uma só frase no grego, e as instruções às esposas no v. 22 dependem gramaticalmente da submissão mútua do v. 21 por causa da elipse (omissão) do verbo 'submeter-se' no v. 22."

365. Paulo parece proteger esse sentido de "submeter-se" na sua carta ao escolher, nos versículos seguintes, uma palavra diferente — "obedecer" — para a relação entre pais e filhos e entre escravos e senhores.

significa *kephalē* — leitura obrigatória —, explico que, ao contrário do que Grudem afirma, a palavra, na época de Paulo, não significava comumente autoridade.

Qual é o sentido que Paulo pretende aqui em Efésios 5? A pista mais importante é que ele a usa como parte de uma analogia do casamento — aliás, uma invenção literária totalmente nova —, na qual *o marido é a cabeça da mulher, que é o seu corpo*. A palavra grega para "cabeça" é usada em relação ao vínculo entre homem e mulher apenas duas vezes (aqui e em 1 Coríntios 11:3), e os estudiosos estão divididos quanto ao sentido da palavra em cada caso (embora no capítulo 6 eu defenda que, em 1 Coríntios, ela significa *fonte de vida digna de honra*). Somente em Efésios 5 a palavra é usada dentro da metáfora de cabeça-*e*-*corpo*. Será que Paulo nos dá alguma pista do que ele quer dizer então com "cabeça da mulher, que é o seu corpo"?

Sim, ele dá! A estrutura real da frase grega no versículo 23, infelizmente obscurecida na maioria das traduções, é: "marido cabeça da mulher, … Cristo cabeça da igreja, *ele mesmo Salvador do corpo*". No grego, vemos o que Paulo quer dizer com "cabeça". Essas três expressões paralelas mostram que Paulo usa "cabeça" como sinônimo de "Salvador". Se Paulo quisesse enfatizar a autoridade do marido, poderia ter usado uma das muitas palavras gregas que dizem isso: *kyrios* (senhor), *exousia* (autoridade) ou *proestōtes* (administrar). Em vez disso, ele opta pela metáfora cabeça–corpo, que compara ao fato de Cristo se entregar como Salvador (e não, neste caso, como Senhor) do seu corpo. É claro que, teologicamente falando, Cristo é tanto Salvador (o que ele nos dá em serviço e cuidado) quanto Senhor (o que ele legitimamente exige de nós), mas *Paulo coloca nesta analogia apenas o sentido de Cristo como Salvador do seu corpo*. Se tivermos alguma dúvida de que o marido como cabeça significa aqui o cuidado e o serviço do marido, a ideia de cuidado e serviço se mantém nos versículos seguintes, embora fique um pouco escondida pela maneira como Paulo entretece ainda outra metáfora, a do casamento de Cristo com sua noiva, a igreja:

Cristo […] a si mesmo se entregou por ela [sua noiva/seu corpo], para que a [sua noiva/seu corpo] santificasse, tendo-a [sua noiva/seu corpo] purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a [sua noiva/seu corpo] apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou o próprio corpo; antes, o alimenta e dele cuida, como também Cristo o faz com a igreja.

Percebeu? Ao longo de toda esta passagem, *Paulo enfatiza não a autoridade, mas o serviço e o cuidado*. Quando fala do marido como cabeça da mulher, ele não está dando a entender que os maridos devem impor sua autoridade sobre a esposa, mas sim que *os maridos devem servir a esposa como qualquer um de nós serviria ao próprio corpo*.

Depois de desdobrar nos versículos 21-30 essa metáfora em três camadas (cabeça–corpo; marido–mulher; e Cristo–igreja), Paulo acrescenta ainda mais uma camada à mistura: a união de Adão e Eva antes da Queda — isso complica o quadro que ele está pintando, mas, mesmo assim, transmite uma ideia maravilhosa: "'Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne.' Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja." (v. 31). A analogia de Paulo, do marido como a cabeça e da esposa como o restante do corpo, permite que ele nos leve de volta ao primeiro casamento de todos, entre Adão e Eva, quando eles desfrutaram pela primeira vez uma unidade metafórica de "uma só carne". Como já vimos no capítulo 4, a união entre Adão e Eva não tinha a ver com autoridade e submissão, mas com intimidade e parceria celebradas com alegria. *Usando a metáfora cabeça–corpo, Paulo, em Efésios 5, destaca assim não uma cadeia de comando, mas um laço de amor.*

Deixe-me oferecer um último insight com base na leitura de Efésios 5 como o chamado de Deus para que o marido sirva (e não lidere) a esposa: *não há uma única instrução nesta passagem para que o marido lidere a esposa* — nem aqui *nem em*

nenhum outro lugar de todas as Escrituras! Vá em frente, leia isso de novo. Isso muda as regras do jogo da interpretação.

Tudo isso nos leva à poderosa conclusão de que talvez não haja *nada* em Efésios 5 sobre a autoridade do marido sobre uma esposa subordinada. Antes, o que Paulo destaca por meio de metáforas vívidas é que maridos e esposas devem unir-se em amor e servir e agradar uns aos outros mutuamente.

Será que isso significa que Paulo está dizendo a maridos e esposas que tratem um ao outro da mesma maneira?

Sim e não. Sim, porque ambos são chamados a "sujeitar-se uns aos outros". E, embora aqui só os maridos sejam instruídos a "amar" a esposa, ambos devem amar um ao outro — em outro lugar, Paulo diz especificamente às esposas que "amem ao marido".[366] Mas também não, porque Paulo pode ter em mente os padrões que havia observado em tantos casamentos nas igrejas do mundo greco-romano. Por exemplo, observe que o marido é descrito como *kephalē*, ou fonte de vida, e não instruído a sê-lo. Paulo provavelmente está tratando do fato de que, no mundo antigo, as esposas em geral eram mais jovens e menos instruídas, ocupadas com a criação dos filhos e, por isso, completamente dependentes do cuidado econômico e físico do marido. Descrever uma esposa dependente como *kephalē* não teria feito sentido algum.

Além disso, se os maridos da época de Paulo eram parecidos com tantos maridos que conheço hoje, então (em média) eram menos propensos do que as esposas a dar a vida sacrificialmente pelo cônjuge.[367] Por isso, Paulo considera suficiente simplesmente dizer às esposas que se submetam ao marido (isto é, que o sirvam e agradem humildemente), mas depois passa a ir desbastando o egoísmo do marido, dizendo a ele três vezes mais — pressionando-o a se sacrificar como Cristo. A carapuça certamente me serve: no meu próprio casamento, não é a Julie, mas eu, quem mais precisou dos empurrões das Escrituras e da contínua obra transformadora do Espírito para servir e agradar meu cônjuge com sacrifício e humildade. Suspeito que meu amigo Andrew

366. Tito 2:4

367. Há até uma explicação neurológica para o fato de os maridos tenderem a ser mais egoístas do que as esposas — veja www.on.today.com/3CKRlsD

Bartlett tenha razão ao concluir: "Paulo está chamando o marido a ir à frente no autossacrifício. Embora isso não seja diferente em natureza da obrigação cristã da esposa de amar o marido de forma altruísta, é uma intensificação da responsabilidade do marido de amar."[368]

No versículo 33, Paulo exorta os homens a especialmente "amar" (e não liderar) a esposa, e as esposas a especialmente "respeitar" (e não se subordinar a) o marido. Por que ele diz às esposas que respeitem o marido, e aos maridos que amem a esposa? Embora a maioria das esposas, naquela época como hoje, quisesse ser respeitada, e a maioria dos maridos quisesse amor, é provável que Paulo saiba algo sobre a psique característica de tantos homens e mulheres do seu tempo.

Mesmo enquanto descrevo a Posição 3 — o marido como servo de sua igual —, sinto a força dela. Para ser honesto, espero que esta seja a interpretação correta, porque a acho muito inspiradora e desafiadora. Se acho que a visão de Grudem, do marido como decisor diário, é uma má notícia, e que a visão dos Keller, do marido como desempatador, é melhor, mas ainda problemática e incoerente, acho esta posição ao mesmo tempo uma boa notícia e eminentemente praticável.

Ainda assim, e se Paulo quis, sim, dar a entender nesta passagem, mesmo compensando isso ao chamar os maridos ao sacrifício amoroso, que as esposas de Éfeso deviam reconhecer algum tipo de autoridade no marido? Afinal, qualquer comparação do casamento com o casamento divino, no qual há definitivamente uma diferença de posição entre Deus/Jesus e nós, pode pelo menos trazer à mente a hierarquia na relação conjugal. Assim, determinado a entender bem esta passagem, eu a mastiguei ainda mais. Perguntei-me se tinha aplicado à tarefa *todos* os princípios mais importantes da interpretação bíblica — e então percebi que não.

368. Men and Women in Christ, p. 64

Posição 4: O marido como paterfamilias redimido

Como já disse antes, um dos erros mais comuns que cometemos ao tentar entender e aplicar as Escrituras é imaginar que suas várias partes foram escritas diretamente para nós. Mas não foram: *elas podem ter sido escritas em nosso favor, mas não foram endereçadas a nós*. Só quando entendemos a situação dos leitores originais, e o que eles teriam entendido pelas palavras, é que nós, que vivemos numa situação ou cultura muito diferente, podemos começar a tarefa de extrair do texto um significado para nós mesmos. Felizmente, em muitas ou na maioria das passagens, nossa situação moderna é bastante comparável à situação dos primeiros leitores, o que torna essa tarefa fácil. Mas e quando a situação deles é muito, muito diferente da nossa?

O cristão de hoje está separado do público bíblico por um "rio" de diferenças (por exemplo, língua, cultura, circunstâncias). Esse rio nos impede de passar diretamente do significado no contexto deles para o significado no nosso. Certamente fazemos parte da mesma grande história, mas nosso lugar na história muitas vezes é diferente do lugar dos nossos antepassados espirituais. Às vezes o rio é largo e exige uma ponte longa para a travessia. Outras vezes é um riacho estreito, que podemos atravessar com facilidade. Precisamos saber exatamente quão largo é o rio antes de começarmos a tentar construir sobre ele uma ponte de princípios.[369]

Ao aplicar essa chave interpretativa ao meu estudo de Efésios 5, percebi meu erro, e o erro de quase todos os autores que eu tinha lido sobre esta passagem: supomos que Efésios 5 é um riacho estreito, que podemos atravessar com facilidade, quando na verdade é um rio largo, que exige uma ponte longa para a travessia.

Deixe-me explicar. Imaginamos que os casais presentes na igreja de Éfeso eram mais ou menos como os casais modernos. Imaginamos que Paulo nos "vê", vê nossos casamentos contemporâneos, e por isso escreve esta carta para nós. Mas

369. Duvall e Hays, Grasping God's word, cap. 13.

não: os casamentos a que ele se dirige são os do mundo greco-romano do primeiro século, tão diferentes dos nossos. Naquele mundo, os lares não eram formados por pai e mãe que trabalham fora, dois filhos, um cachorro e um gato. Eram formados, na maioria das vezes, por um homem, o *paterfamilias*, que governava sua esposa, seus filhos e, às vezes, seus escravos. Por causa do ensino de Aristóteles, os lares eram organizados hierarquicamente — naquela cultura, essa era a melhor maneira de ser um lar. (Só quando não havia um homem adulto é que quem governava a casa era uma mulher.) Uso "governar" de propósito: Aristóteles disse que "o governo de uma casa é uma monarquia"[370] — o marido e pai era o rei.

Ao mencionar filhos e escravos no parágrafo anterior, talvez algo tenha começado a ficar claro para você, como ficou para mim. A relação entre marido e mulher em Efésios 5:22-33 é o primeiro de três conjuntos de relações de que Paulo trata. Os dois seguintes vêm logo depois: pais–filhos (6:1-4) e senhores–escravos (6:5-9). O que eu não tinha conseguido ver antes é que *Paulo está aplicando o evangelho a esses lares antigos estratificados*, compostos de uma hierarquia de homens, mulheres, crianças e escravos. Os maridos tinham direitos, privilégios e liberdades negados às esposas,[371] detinham o poder e proviam a maior parte da renda. Na maioria das vezes, as mulheres não podiam possuir bens nem administrar negócios, nem realizar transações jurídicas ou financeiras sem que um homem agisse em nome delas.

Na sociedade mediterrânea, a idade média do homem ao se casar era de trinta anos, mas a da mulher era de dezoito anos ou menos. Quando um homem se casava, já era um homem vivido, que sabia viver em sociedade. Era alguém capaz de atuar social e economicamente. Quando uma mulher se casava, ainda era uma menina que nunca tinha tido permissão nem para atender a uma batida na porta da frente de sua casa. Uma mulher típica tinha um filho mais ou menos a cada dois anos ou trinta meses ao longo de seus anos férteis. Ela estava

370. Aristóteles, Política, 1255b.

371. Também parto do pressuposto de que, "tanto no ambiente grego quanto no romano, os escravos eram juridicamente incapazes de se casar. As observações de Paulo sobre o comportamento de esposas e maridos em Efésios 5 dirigem-se, portanto, principalmente a pessoas livres, sobretudo ao estrato social que presidia lares com escravos." (Andrew Bartlett, Men and Women in Christ, p. 66)

sempre "descalça e grávida" e em casa. Tinha um filho assim que o anterior era desmamado.[372]

A maioria das mulheres não recebia instrução, a não ser nas tarefas domésticas. Eram totalmente dependentes de um homem e, a vida inteira, estavam *sob* um homem — o pai, ou talvez um tutor, depois o marido. A subordinação era a norma para filhos, escravos *e esposas*. Nesse contexto e nessa cultura, o *paterfamilias* devia estar no controle, e não servir humildemente a ninguém, muito menos aos próprios subordinados, que, ao contrário, deviam servir ao *paterfamilias*. Essa era a ideia de Aristóteles: "[O] macho é por natureza mais apto para o comando do que a fêmea … [A] desigualdade é permanente. … A coragem do homem se mostra em comandar; a da mulher, em obedecer."[373]

Agora observe isto: Paulo não está criando uma estrutura doméstica em que o homem mais velho governa todos os outros, tanto quanto não cria a estrutura de governo em que César é senhor do Império Romano. Ele simplesmente se dirige a ela, procurando *trabalhar dentro das estruturas sociais existentes, encontrando maneiras de redimi-las, e não necessariamente tentando derrubá-las*. Como faria hoje qualquer bom missionário ao entrar numa nova cultura, Paulo se acomodou ao que pôde, embora não necessariamente o endossasse como ideal.

O evangelho encontra o lar da Antiguidade

Se você fosse o apóstolo Paulo naquele contexto, como teria pastoreado esses lares hierárquicos da sua igreja? Vamos observar as três maneiras pelas quais Paulo pastoreia os lares de Éfeso em seu contexto.

Primeiro, ele mergulha todas as relações do lar no evangelho. Paulo orienta a esposa e o marido a tratarem um ao outro "no temor de Cristo" e batiza cada instrução com palavras que se referem a Cristo: "como ao Senhor", "como também Cristo", "a Cristo", "como também Cristo" e "eu me refiro a Cristo". Ele segue a mesma abordagem ao levar pais e filhos, e senhores e escravos, a

372. David Scholer, Journal of the Evangelical Theological Society 30, dezembro de 1987, p. 416. www.bit.ly/3bDKpl9
373. Aristóteles, Política, 1259a.

reimaginarem sua maneira de se relacionar. Parece que a cada duas palavras aparece "Cristo" ou "Senhor". Paulo tenta com arte ajudar todos — esposas e maridos, filhos e pais, escravos e senhores — a verem sua maneira de se relacionar com o outro como um desdobramento do seu relacionamento com Cristo.

Segundo, Paulo mina especialmente o comportamento egoísta e dominador tão comum no *paterfamilias*. Nos códigos antigos que especificavam os papéis dentro do lar, dizia-se ao *paterfamilias* que governasse, e a todos os demais que fossem subordinados. A maior parte da atenção desses códigos estava nos subordinados, que precisavam se endireitar. Mas o "código" aprimorado de Paulo faz algo nunca feito antes: em cada par de relações, ele dá a maior atenção a dizer ao marido/aos pais/aos senhores (o mesmo homem está incluído nos três!) que *eles* é que precisam se endireitar. Pressupondo que o *paterfamilias* já governa em virtude da sua cultura, Paulo lhe diz que agora dê a vida pela esposa, que não irrite os filhos e que não ameace os escravos. Isso teria sido um desafio absolutamente revolucionário na sua época. Numa cultura que dava aos maridos poder de vida e morte sobre a esposa, Paulo diz aos maridos que abram mão do seu poder, que até morram, se for preciso, para que a esposa possa florescer.

Terceiro, Paulo usa o evangelho para suavizar e reformatar a subordinação da esposa, dos filhos e dos escravos ao *paterfamilias*. Sem sugerir que se tornem insubordinados, ele sugere o tipo de subordinação que o evangelho pode produzir *na situação deles*. Como vimos, para a esposa isso significa que ela não deve simplesmente se subordinar com relutância à autoridade do marido, mas antes servi-lo e agradá-lo humildemente, da mesma forma que serviria e agradaria humildemente a Cristo.

O ensino de Paulo fez maravilhas.

Ao bater insistentemente no *paterfamilias* e depois se dirigir com tanta ternura aos mais impotentes numa sociedade patriarcal — as esposas, os filhos, os escravos —, Paulo ajudou a igreja primitiva a atrair os impotentes em massa. O crítico pagão Celso zombou da igreja no século II, dizendo que "o cristianismo

é uma religião para mulheres, crianças e escravos".[374]

A releitura de Paulo do funcionamento das relações domésticas era algo inédito naquela cultura. *Em tudo isso, ele não apaga a hierarquia antiga — mas também não procura sustentá-la como uma espécie de ideal divino.* Se algo faz, ele a subverte de tal forma que não só toda a estrutura é batizada no evangelho, mas acabará por se dissolver nele, como aconteceu em nossos dias.

Na época, porém, nenhum pagão do mundo antigo que olhasse para um lar cristão provavelmente pensaria que Paulo estava tentando derrubar o direito romano ou implantar lares igualitários, de estrutura horizontal. O que notariam no *paterfamilias* redimido seria a maneira incomum como ele cuidava com ternura daqueles que liderava e se sacrificava por eles, e a alegria de sua esposa, de seus filhos e de seus escravos.

Assim, ao contrário da Posição 3, que sugere que Paulo está ensinando um igualitarismo puro, esta posição sustenta que, quando Paulo chama o marido de cabeça, ele pode muito bem estar dando a entender que o marido tem autoridade sobre a esposa como norma cultural. E, quando compara a relação marido–mulher com a relação Cristo–igreja, é possível que esteja retomando o fato de que um está "no comando" do outro. No entanto, *embora pressuponha que o paterfamilias está no comando, ele certamente não o prescreve como uma espécie de "papel" ou status que o marido deva ter sobre a esposa em todos os tempos e em todas as culturas.* Longe de idealizar o poder cultural de um homem sobre uma mulher, ele procura redimi-lo com o evangelho.

Contestando o argumento de John Piper

Alguns complementaristas apresentam o contra-argumento de que, se aceitamos que Paulo reconhece a autoridade do marido e a relaciona com o relacionamento de Cristo com a igreja, então ele de fato idealiza e eterniza a relação de liderança–submissão entre marido e mulher. Piper diz (e escreve um livro para dizê-lo) que o casamento cristão redimido, mas hierárquico,

374. Celso foi um crítico pagão que viveu no século II. Esta citação é de Ross Shepherd Kraemer, em "Her Share of the Blessings" (p. 128).

demonstra o evangelho ao mundo. Ele afirma: "A liderança amorosa do marido sobre sua esposa submissa e dependente é uma imagem de Cristo e da igreja. Se o marido perde a liderança, ela deixa de ser essa imagem."[375]

O argumento dele tem uma falha tripla. Primeiro, Paulo diz algo semelhante sobre a escravidão na casa quando manda os escravos obedecerem a seus senhores do mesmo modo como obedecem a Cristo, que é o Senhor deles. Pela lógica de Piper, Deus teria criado a relação senhor–escravo para mostrar ao mundo a "beleza" de nossa sujeição a Jesus, nosso Senhor. Não! Em ambos os casos, Paulo está aplicando o evangelho a uma situação real, mas não necessariamente ideal.

Segundo, não é a hierarquia de um casamento que manifesta o evangelho, mas sim a redenção desse casamento. O que Paulo enfatiza nesta passagem não é a hierarquia, mas o serviço do marido à sua esposa, que se submete mutuamente a ele e com quem ele desfruta de um relacionamento íntimo. Isso não pode ficar ainda mais evidente num casamento mutualista do que num casamento estratificado? Como foi mostrado na Posição 3, Paulo qualifica o uso que faz da palavra *kephalē* ao destacar Jesus como Salvador e sustentador da igreja, e não como Senhor sobre ela.

Terceiro, nenhum casamento hierárquico jamais poderá ser hierárquico o bastante, se presumirmos que aquilo que Deus quer mostrar, por meio dos casamentos, a um mundo que observa é o senhorio de Jesus sobre sua igreja. Jesus é Senhor de sua igreja, ao passo que o marido certamente não é senhor de sua esposa.

Deixando de lado as fraquezas do argumento de Piper, *concordo com ele que o casamento cristão deve manifestar algo do evangelho*. O que um casamento cristão pode fazer muito bem é exatamente o que uma comunidade cristã pode fazer: mostrar ao mundo que somos discípulos de Jesus, amando uns aos outros com sacrifício, assim como ele nos amou. Casamentos mutualistas podem fazer isso tão bem quanto os estratificados, se não melhor. A outra coisa que um casamento cristão pode fazer bem é refletir a união permanente e íntima que

375. Veja John Piper, Momentary Marriage, caps. 6–8

temos com Cristo. A analogia de cabeça e corpo, que Paulo em seguida chama de "uma só carne", indica um vínculo de amor profundo, firmado em aliança, e uma ligação vital e orgânica. Em contraste, não é tão perturbador imaginar um líder se divorciando de seu seguidor, mas é profundamente inquietante imaginar uma cabeça sendo decepada de seu corpo.

Onde erramos com Efésios 5

Em seu livro de 800 páginas, Grudem defende com bravura a subordinação da esposa no casamento, mas em nenhum momento reconhece a enorme distância entre os casamentos do primeiro século e os nossos.[376] Da mesma forma, em nenhum ponto de seu estudo detalhado de Efésios 5 os Keller dão atenção a isso ou examinam a situação do casamento na Antiguidade. Nem uma única vez. Isso é um erro: eles tratam como um rio estreito aquilo que, na verdade, é largo.

Paulo não está tentando eternizar a estrutura doméstica antiga. Ao contrário, ele aplica o evangelho a uma situação cultural singular, muito diferente da nossa. Paulo não estava se dirigindo ao meu mundo, no qual a maioria das mulheres adultas tem tanta instrução quanto os homens, controla a própria fertilidade, é financeiramente independente e não tem a necessidade social de que um homem esteja acima dela. Tudo isso produz um tipo diferente de casamento.

A pergunta seguinte é: agora que sabemos que há um rio muito largo entre a situação deles e a nossa, como "construímos uma ponte de princípios"? Ou, dito de outra forma, o que Paulo teria dito aos casamentos da sociedade contemporânea, que já não são estratificados, mas igualitários? Proponho o seguinte:

Ele nos diria para manter Cristo como o centro do nosso casamento. Nossa maneira de "ver" um ao outro, de nos relacionarmos, de cooperarmos e de nos honrarmos deve ser moldada por nosso relacionamento prioritário com Cristo. Devemos nos submeter um ao outro, abrindo mão da nossa independência e do

376. Grudem cita a palavra paterfamilias apenas uma vez, na nota 102 do cap. 7, na qual outro autor defende a importância do membro mais velho da casa.

nosso egoísmo, e buscando um relacionamento íntimo de uma só carne, como aquele que foi modelado no jardim do Éden antes da Queda. Se pudermos presumir que os homens, em média, são mais independentes e, portanto, mais voltados para si mesmos do que as mulheres, que, em média, são mais interdependentes e, portanto, mais voltadas para os outros do que os homens, então, sem dúvida, maridos como eu devem meditar especialmente no amor sacrificial de Cristo pela igreja, que resulta no florescimento radiante de sua noiva.

No entanto, agora que entendo a distância entre o contexto antigo e o nosso, simplesmente não consigo imaginar Paulo chegando ao casamento moderno típico, em que maridos e esposas têm idades mais próximas, a mesma instrução, ambos possivelmente trabalhando e tentando criar os filhos, e dizendo a esse casal: "Parabéns por toda essa parceria. Continuem assim! Mas faço questão de que o marido seja o líder e de que a esposa seja subordinada a ele." Como Paulo poderia fazer isso, se ele ensina que o ideal da criação para o casamento é uma parceria plena, de uma só carne, como no casamento inicial de Adão e Eva?

Isso não é apenas a minha opinião. É uma visão amplamente aceita, na verdade a visão cristã majoritária: o papa João Paulo II, em sua *Mulieris Dignitatem*, uma encíclica obrigatória para todos os católicos, diz que a autoridade do homem sobre sua esposa é reflexo daquilo que é "antigo"; ela expressa um modo de pensar "profundamente enraizado nos costumes e na tradição religiosa da época". O que é "novo" e "uma inovação do evangelho" é que "a submissão não é unilateral, mas mútua".[377] Se uma das denominações doutrinariamente mais inflexíveis do mundo é capaz de fazer essa melhoria em sua doutrina, o restante de nós deveria prestar atenção.

É claro que ainda há culturas no mundo em que os homens governam. Para elas, o ensino de Paulo talvez se encaixe como uma luva. Em sociedades patriarcais, os maridos geralmente têm muito mais poder social, intelectual, político e financeiro do que as mulheres. Pois bem, o marido deve usar esse poder de forma abnegada em benefício de sua esposa, assim como Cristo usa seu poder superior em favor da igreja. No entanto, se milhares de maridos em

377. John Paul II, Mulieris Dignitatem, p. 88.

culturas patriarcais fizerem isso de verdade e por tempo suficiente, as mulheres e esposas acabarão crescendo em seus próprios poderes sociais e intelectuais e estarão mais preparadas para ser parceiras iguais de seus maridos. É exatamente aí que minha investigação me levou. A Posição 4 — o marido como um *paterfamilias* redimido —, aplicada a culturas em que os casamentos são estratificados, acabará levando essa cultura a se transformar e a fortalecer um casamento do tipo da Posição 3, como já aconteceu em terras há muito tempo permeadas pelo cristianismo.

Aliás, se tivéssemos simplesmente ampliado o leque de textos bíblicos sobre o casamento que costumamos escolher para estudo, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, a preferência de Deus por um casamento mutualista deveria ter ficado bem clara desde sempre.

Esposas que orientam seus maridos

Tendo em mente que todo casamento mencionado no Antigo Testamento se desenrola num contexto patriarcal, podemos deduzir com segurança que o pressuposto cultural é que as esposas são subordinadas aos maridos. É notável, então, que, além da predição de Deus de que "Adão dominará sobre Eva", *não exista um único mandamento para que as esposas se submetam a seus maridos*, nem nas leis de Moisés, nem na boca dos profetas.

Na verdade, quando examinamos os pequenos instantâneos que temos da dinâmica de poder entre casais no Antigo Testamento, encontramos repetidas vezes esposas orientando seus maridos! Em muitas encruzilhadas da minha própria vida, orei a Deus pedindo sabedoria e apurei o ouvido em direção ao céu para escutar o que ele talvez me dissesse. E muitas vezes eu o ouvi me dizer as mesmas palavras que um dia disse a Abraão: "Atende a [tua mulher] em tudo o que ela te disser."[378] Que ótimo conselho. *Falo por experiência: muitas vezes as esposas ouvem Deus primeiro.*

378. Gênesis 21:12

Não é isso que acontece com a mãe de Sansão? Numa cultura em que era impróprio um homem abordar diretamente uma mulher casada, um anjo assume a forma de um homem e anuncia a uma mulher estéril que ela terá um filho ungido pelo Espírito. Mais tarde, a esposa chama o marido: "A mulher correu para contar ao marido: 'Ele está aqui! O homem que me apareceu outro dia!'" Observe com atenção as palavras seguintes: "[Ele] se levantou e seguiu a sua mulher." Talvez não muito contente com o fato de um estranho contrariar as normas patriarcais, ele pergunta: "És tu o homem que falou com a minha mulher?"[379] Na verdade, essa história aponta para um nascimento ainda mais decisivo, no qual, mais de um milênio depois, um anjo primeiro se aproxima de Maria para lhe dizer o mesmo[380] e só mais tarde informa o marido dela.[381] Nos dois casos, a esposa é a primeira a ouvir Deus sobre um assunto, e só depois o marido consegue acompanhar o ritmo (o ritmo da esposa, entenda-se). Se existe algum tipo de "ordem da criação" (não existe), Deus parece não ter a menor ideia dela.

Depois há a mulher sunamita, que toma a iniciativa de hospedar o profeta Eliseu. Ela diz ao marido: "Vejo que este que passa sempre por nós é santo homem de Deus. Façamos-lhe, pois, em cima, um pequeno quarto e ponhamos nele uma cama, uma mesa, uma cadeira e um candeeiro; quando ele vier à nossa casa, retirar-se-á para ali."[382] Mais uma vez, o marido atende imediatamente à esposa, confiando instintivamente no discernimento espiritual dela nesse assunto.

Cabe aqui uma observação rápida: apesar da aplicação tão popular que entende "o marido é a *kephalē* da mulher" como "o marido deve ser o líder espiritual do lar", lamento informar que essa ideia não é prescrita pela Bíblia. Talvez você precise jogar fora aquelas anotações que fez um dia sobre como o homem (e não a esposa) deve tomar a iniciativa da oração, ou convocar o devocional da família, ou escolher a igreja que o casal ou a família deve frequentar. Sem tirar nada da iniciativa crucial que um marido ou pai pode tomar pela saúde espiritual

379. Juízes 13:10-11
380. Lucas 1:26-38
381. Mateus 1:18-21
382. 2 Reis 4:8-10

de sua família, ainda assim é melhor que *ambos*, maridos e esposas, façam tudo o que puderem, como equipe e como indivíduos: buscar a Deus; escolher uma igreja e se firmar nela; e promover o florescimento espiritual dos outros membros da família. Em resposta aos ensinos que dizem que o marido deve ser o pastor do restante da família, recomendo que marido e esposa sejam a equipe de liderança pastoral da família.

Mais uma esposa que parece desafiar as normas patriarcais (embora lide com a realidade de uma cultura centrada no homem) é Abigail. Nabal, seu marido muito rico, é "duro e maligno em todo o seu trato".[383] Quando Davi e seu bando armado, em fuga e com fome, pedem um pouco de comida, Nabal zomba deles sem nenhuma consideração e nega o pedido. Davi, sentindo-se muito desprezado e irado, planeja matar Nabal e todos os homens de sua propriedade — uma reação nada parecida com a de Cristo.

Abigail impede o derramamento de sangue desobedecendo ao marido e não lhe contando a notícia que ouve sobre as intenções assassinas de Davi. Ela carrega seu jumento com comida, vai ao encontro de Davi e, com astúcia, se ajusta ao ego ofendido dele, dizendo: "Por favor, *meu senhor*, não dê atenção a esse homem perverso, Nabal. Ele é exatamente como o seu nome: o nome dele significa Tolo."[384] Ao mesmo tempo em que expõe o homem terrível que é seu marido, ela desperta o melhor que há em Davi e implora por misericórdia. Davi decide depor as armas.

Quando Abigail volta para casa e conta a Nabal que anulou a decisão dele e que Davi lhe poupou a vida, o coração de Nabal desfalece, e ele morre dez dias depois. Quando Davi envia alguns homens para tomá-la como sua terceira esposa, ela se inclina e diz: "Eis aqui a tua serva, pronta para te servir e lavar os pés dos servos de meu senhor."

É uma história maluca, mas observe que nada nela mostra a aprovação de Deus ao fato de ela chamar tanto Nabal quanto Davi de seu "senhor". Embora os dois homens aceitem o título sem pestanejar, fica claro que esta é uma mulher que aprendeu a *sobreviver* ao patriarcado adaptando-se a ele. Às vezes isso

383. 1 Samuel 25:3
384. 1 Samuel 25:25

significa até desobedecer à sua "autoridade masculina" — algo que a passagem elogia. Se há algo aqui, é o exemplo de uma mulher que, em outra cultura, mais justa, provavelmente teria prosperado como líder. O que atrai Davi a ela não é apenas sua beleza, mas sua capacidade estratégica e sua diplomacia cativante, com a qual ela rapidamente evita um derramamento de sangue desnecessário.

Tudo isso para dizer: *as histórias do Antigo Testamento não apoiam a autoridade do marido sobre a esposa como a norma preferida de Deus.*

O casamento mutualista de 1 Coríntios 7

O Cântico dos Cânticos é a porção mais longa das Escrituras que explora a dinâmica interior da união afetuosa, romântica e sexual de um casal. Nele não há absolutamente nenhum sinal de autoridade–submissão entre homem e mulher. No romance e no sexo, ambos tomam a iniciativa e ambos se entregam; ambos dão e ambos recebem. Esse livro poético não apenas remete ao deleite de Adão e Eva, ainda não caídos, nus um diante do outro como iguais; ele também tem um paralelo no Novo Testamento.

1 Coríntios 7 é, de longe, *a passagem mais longa de Paulo sobre o casamento.* No entanto, em sua orientação sobre sexo, serviço e separação no casamento cristão, Paulo não dá o menor indício de que um casamento cristão seja outra coisa senão uma parceria mútua e amorosa entre iguais. Na verdade, *este é o único capítulo da Bíblia que trata explicitamente da questão da autoridade no casamento, autoridade que, aliás, é dada tanto à esposa quanto ao marido.*

Deixe-me destacar algumas citações[385] que enfatizam o amor recíproco e a autoridade mútua que Deus tem em vista para os nossos casamentos:

[C]ada homem deve ter relações sexuais com sua própria esposa, e cada mulher com seu próprio marido (v. 2).

O marido deve cumprir seu dever conjugal para com a esposa, e da mesma forma a esposa para com o marido (v. 3).

385. Da NRSV

A esposa não tem autoridade sobre o próprio corpo, mas o entrega ao marido. Da mesma forma, o marido não tem autoridade sobre o próprio corpo, mas o entrega à esposa (v. 4).

Não privem um ao outro, a não ser talvez de comum acordo e por algum tempo (v. 5).

A esposa não deve se separar do marido. … E o marido não deve se divorciar da esposa (v. 10-11).

Se algum irmão tem uma esposa que não é crente, e ela está disposta a viver com ele, ele não deve se divorciar dela. E se uma mulher tem um marido que não é crente, e ele está disposto a viver com ela, ela não deve se divorciar dele (v. 12-13).

[O] marido descrente foi santificado por meio de sua esposa, e a esposa descrente foi santificada por meio de seu marido crente (v. 14).

[S]e o descrente for embora, que assim seja. Em tais circunstâncias, o irmão ou a irmã não fica preso (v. 15).

Como você sabe, esposa, se salvará seu marido? Ou, como você sabe, marido, se salvará sua esposa? (v. 16).

Mas, se você [um homem] se casar, não pecou; e, se uma virgem se casar, não pecou (v. 28).

O homem solteiro se preocupa com as coisas do Senhor … A mulher solteira ou virgem se preocupa com as coisas do Senhor (v. 32, 34b).

[O] homem casado se preocupa com as coisas deste mundo. … a mulher casada se preocupa com as coisas deste mundo (v. 33-34a).

O que aprendemos sobre o plano de Deus para o casamento em 1 Coríntios 7? "As respostas de Paulo … devem ter parecido extraordinárias aos ouvintes do primeiro século", diz Richard Hays. "Os cônjuges não são colocados numa relação hierárquica, com um acima do outro, nem separados como unidades autônomas, cada um fazendo o que bem entende. Em vez disso, a relação

conjugal é de submissão mútua, cada cônjuge [pertencendo] ao outro."[386]

Quando ensinei pela primeira vez como alguém poderia escolher um cônjuge, sugeri que deixássemos *Deus* escolher por nós. Então, lendo 1 Coríntios 7 certo dia, percebi que eu tinha acabado de ler o único ensino claro sobre o assunto no Novo Testamento: "ela está livre para se casar com quem quiser, mas ele deve pertencer ao Senhor" (v. 39). A lição? *Nós* devemos escolher, e escolher com sabedoria. Pois bem, relendo 1 Coríntios 7 agora, acabo de ter um momento de *eureca* parecido: o único versículo em todo o Novo Testamento que fala sobre como os casais devem tomar decisões importantes (por exemplo, quando ter relações sexuais e quando buscar a Deus juntos) é: "Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por *mútuo consentimento*." (v. 5) A lição? *Quando um casal tem o cuidado de decidir junto, como parceiros iguais, o marido não precisa dar ordens nem desempatar nada.*

Concluo. 1 Coríntios 7 é o único capítulo que fala explicitamente da autoridade do marido sobre a esposa — *mas, veja, ele também fala da autoridade da esposa sobre o marido.* No casamento, ele promove a igualdade entre homem e mulher, a submissão mútua e o consentimento mútuo como base da tomada de decisões.

Dada a unidade das Escrituras, cujo autor é o Espírito, 1 Coríntios 7 pode e deve orientar nossa interpretação de Efésios 5. O estranho, então, é que a maioria dos principais autores complementaristas ou menciona 1 Coríntios 7 apenas de passagem, de um modo que contorna o choque real desse capítulo

386. Richard Hays, First Corinthians, p. 116.

com a interpretação deles,[387] ou — o que é mais comum — simplesmente o ignora.[388]

Qual posição, então?

Permita-me concluir este capítulo sobre como devemos interpretar Efésios 5 perguntando qual das quatro posições deve prevalecer em nossos casamentos e igrejas.

Proponho que rejeitemos a Posição 1 (o marido como decisor) e a chamemos pelo que ela é: uma teologia opressora.

A Posição 2 (o marido como desempatador) serviu ao meu casamento com Julie como uma parada no meio do caminho durante muitos anos, e sou grato por isso. No entanto, uma análise dos problemas ligados a ela, a superioridade exegética das Posições 3 e 4 e uma leitura mais ampla da Bíblia sobre o casamento indicam que provavelmente devemos abandoná-la também.

Então, qual das duas posições restantes escolhemos?

Talvez não precisemos escolher.

387. Por exemplo, a principal obra de Grudem, "Evangelical Feminism and Biblical Truth", foi escrita para refutar argumentos igualitários, um dos quais é que 1 Coríntios 7 ensina um casamento entre iguais. No entanto, numa seção muito curta (6.7), que ocupa apenas 1 de suas 800 páginas, ele se limita a afirmar que 1 Coríntios 7 apenas regula a liderança do marido, dotada de autoridade. Mas ele não apresenta argumento algum contra a afirmação de que esse capítulo não deveria apenas regular *a aplicação* da interpretação hierárquica de Efésios 5, mas também orientar a *interpretação* de Efésios 5. Uma passagem como 1 Coríntios 7, que afirma de forma inequívoca que marido e esposa têm igual autoridade um sobre o outro, fato com o qual todos os intérpretes concordam, deveria ter algum peso na interpretação de uma passagem (Efésios 5) que, segundo apenas alguns intérpretes, dá ao marido autoridade unilateral.

388. Por exemplo, como Andrew Bartlett apontou em "Men and Women in Christ" (p.18-19), em resposta a "Man and Woman: One in Christ", de Philip Payne (2009), Tom Schreiner escreve uma sinopse detalhada e uma tentativa de refutação. Embora Payne dedique um capítulo a 1 Coríntios 7, estranhamente Schreiner não faz nenhuma menção a esse capítulo. Da mesma forma, Claire Smith escreve "God's Good Design: What the Bible Really Says about Men and Women" em 2012. Seu objetivo é tratar dos "textos bíblicos-chave" que "devem determinar" o melhor modelo de casamento. O livro é calorosamente recomendado por Don Carson e outros, muitos dos quais o elogiam por sua abrangência. No entanto, de modo bizarro, nenhum de seus cinco capítulos sobre o casamento examina 1 Coríntios 7. Não estou sugerindo nenhuma desonestidade da parte desses autores, apenas a presença de um ponto cego significativo e indícios de "viés de confirmação", no qual as pessoas, sem perceber, chegam à Bíblia não para descobrir tudo o que ela diz sobre um assunto, mas apenas para encontrar apoio para sua opinião prévia.

A Posição 3 (o marido como servo de sua igual) afirma um casamento mutualista, enquanto a Posição 4 (o marido como *paterfamilias* redimido) não tem nada a dizer que contradiga esse tipo de casamento (embora ofereça orientação para os casamentos e as igrejas que ainda existem em culturas fortemente patriarcais).

Em outras palavras, a Posição 4 talvez seja a que melhor nos ajuda a *entender* a passagem do modo como seus leitores originais a teriam entendido. Mas a Posição 3, especialmente para aqueles de nós que vivem em culturas mais igualitárias, é a maneira certa de *aplicar* Efésios 5.

A sabedoria de Deus para um casal, portanto, é que os dois reconheçam sua união de "uma só carne", tal como ela se mostra no romance do Éden. Além disso, devem reforçar essa unidade por meio de entrega e serviço mútuos e completos e — na hora de tomar decisões — por meio de consideração e consentimento mútuos. Duas analogias podem nos inspirar ao seguirmos esse caminho: o amor sacrificial de Cristo por sua igreja e o cuidado que cada pessoa tem com o próprio corpo.

O que fazemos com as dúvidas que ainda restam sobre o desejo de Deus por uma verdadeira igualdade entre homem e mulher? Talvez o motivo mais importante para abandonar o pressuposto patriarcal no casamento (e na igreja e na sociedade) venha a seguir.



9

O Deus que se adapta

"[Nós, maridos,] tentaremos nos agarrar a uma autoridade sobre nossas esposas que um dia nos foi dada pela cultura ao redor, mas que hoje, em sua maior parte, já não temos? Ou [nós] abriremos mão de bom grado do poder, bem como da pretensão ao poder, e trataremos [nossas] esposas como iguais, colhendo … um relacionamento conjugal mais íntimo?" Peter Davids[389]

A Fundação Gates patrocinou recentemente um enorme estudo internacional que revelou que as mulheres estão gravemente sub-representadas na cobertura da mídia. "Por exemplo, as mulheres foram vozes citadas em apenas 29% das notícias on-line analisadas no Reino Unido em 2019. Na Índia, elas representaram apenas 14%."[390] Apesar de todo o maravilhoso progresso feito na valorização das mulheres na sociedade, ainda estamos muito menos inclinados a "ver" e "ouvir" as mulheres do que a ver e ouvir os homens.

Quanto mais, nos milênios anteriores, quando o patriarcado não era contestado, as condições sociais minavam a capacidade das mulheres de ascender a papéis públicos? O arqueólogo Ian Morris explica por que há tão poucas evidências de que as mulheres sequer existiam na antiga Atenas: "Mulheres e escravos permanecem invisíveis" por causa de sua "difusa cultura de cidadãos do sexo masculino", na qual os homens "não apenas subjugavam as mulheres, mas controlavam os espaços em que as mulheres viviam", tornando-as praticamente

389. Citação em "Discovering Biblical Equality", p. 238
390. Fonte: www.gates.ly/3bMqqQZ

invisíveis tanto na cultura daquela época quanto nos achados arqueológicos de hoje.[391]

No mundo greco-romano mais amplo, pelo qual a igreja nascente se espalhou, as coisas não eram muito melhores para as mulheres. Embora houvesse algumas raras exceções,[392] as mulheres honradas não aspiravam a papéis de liderança pública. A honra delas estava nos papéis domésticos e na criação dos filhos, em casa. Nas peças gregas, as personagens femininas mais comuns costumavam ser escravas e prostitutas, porque essas peças contavam histórias que se passavam "fora de casa". Esperava-se que as mulheres urbanas respeitáveis e as moças solteiras permanecessem em casa, longe dos olhares. Não surpreende, então, quão poucas mulheres do "tipo líder" se podiam encontrar, para começo de conversa. Afinal, uma pessoa precisa receber alguma instrução e ter liberdade para desempenhar um papel na vida pública para provar que tem o dom da liderança. Com as mulheres escondidas, poucas mulheres com os dons de ensino e de liderança dados por Deus jamais tiveram a chance de ver qualquer desses dons reconhecido, desenvolvido e empregado em espaços públicos.[393]

Afinal, por que as esposas dos líderes homens no Novo Testamento são mencionadas tão raramente? A ênfase moderna em casais cristãos que desfrutam de igualdade, parceria e status compartilhado praticamente não existia nos primeiros tempos da igreja cristã, quando — mesmo na igreja — os papéis domésticos e a criação dos filhos eram atribuídos às esposas.

Da mesma forma, podemos perguntar por que há tão poucas personagens femininas na Bíblia, em comparação com os homens. Alguns críticos de hoje, que negam a inspiração divina da Bíblia, argumentam que isso prova que o livro é mero produto de uma cultura patriarcal. Alguns complementaristas dizem que

391. Fonte: Sandra Joshel e Sheila Murnaghan, Women and Slaves in Greco-Roman Culture, p. 217–20. Citado em Barr, "The Making of Biblical Womanhood" (p. 226)

392. Veja Susan Hylen, Women in the World of the New Testament

393. Para nos ajudar a perceber como as condições sociais limitam os tipos de pessoas que podem se tornar líderes, pense numa igreja moderna composta principalmente de pessoas com formação universitária, numa região abastada. Agora considere quão improvável seria que um trabalhador braçal sem instrução atuasse como líder à frente dessa igreja, pela simples razão de que sua 'capacidade de ser seguido' (e, portanto, sua liderança) por essas pessoas em particular seria questionada. É por isso que também não temos na Bíblia exemplos de escravos que fossem presbíteros.

essa é a maneira de Deus destacar os papéis singulares e de grande visibilidade que somente os homens devem desempenhar no reino de Deus. No entanto, uma maneira melhor de entender tanto a autoridade divina da Bíblia quanto as muitas situações históricas de que ela trata é dizer que *Deus adaptou sua revelação a pessoas em situações específicas sem necessariamente idealizar essas mesmas situações*. Quando perdemos de vista esse princípio interpretativo crucial, saltamos ingenuamente da observação de que as mulheres estavam sujeitas aos homens em vários lugares nos tempos bíblicos para a ideia de que as mulheres, como parte do plano universal de Deus, devem se submeter aos homens em todos os lugares e em todos os tempos.

Entendendo a acomodação

No fim da história, Deus finalmente governará uma sociedade ideal. Mas, desde a Queda, ele escolheu agir de forma redentora dentro de uma sociedade quebrada, em vez de simplesmente inundar tudo em juízo, como fez certa vez. Por ora, a redenção de Deus chove de tal modo que "a água viva do Espírito Santo se derrama sobre a paisagem social [existente] e se conforma, como um rio sinuoso, aos contornos que encontra. Contudo, ao fazê-lo, como o fluxo irresistível da água, ele remodela a paisagem, acabando por endireitar os caminhos tortos".[394]

As poucas passagens em que os autores do Novo Testamento parecem fazer uma reverência ao patriarcado da cultura ao redor são, na verdade, exemplos da acomodação de Deus. Ele trabalha com o que tem, e os apóstolos seguem seu exemplo: plantam as sementes do reino num solo ainda cheio de pedras e ervas daninhas. Por ora, vivemos numa sobreposição das eras. O reino de Deus está aqui, no meio de um mundo caído, permeado por sistemas sociais caídos. Um dia o reino eclipsará completamente esses sistemas, mas, por enquanto, lança suas raízes dentro deles e faz brotar deles algo novo.

O complementarista John MacArthur argumenta que, como somente homens escreveram as Escrituras, isso prova que Deus quer que somente homens

394. John Stackhouse, Finally Feminist, p. 39

ensinem a palavra de Deus. Ele obviamente ignora os estudiosos que defendem a plausibilidade de que Priscila (com Áquila ao seu lado) tenha escrito Hebreus. Mas, sobretudo, ele não percebe que, no mundo antigo, *quase nenhuma mulher teria sido treinada para escrever*; o fato de que somente homens escreveram os livros da Bíblia (ou principalmente homens, se Priscila pegou na pena) é testemunho de que Deus trabalha com o que existe, ao mesmo tempo que promete trazer, no fim, o *shalom*, no qual todos os homens *e mulheres* poderão ler e escrever.

Mais sobre a submissão das esposas

A situação social antiga das mulheres, muito pior do que é agora (ainda temos um caminho a percorrer), consistia em privilegiar os homens, e não as mulheres, com poder e papéis públicos; em dar atenção ao que os homens, e não as mulheres, dizem e fazem; e em limitar as mulheres a uma minúscula esfera doméstica, tornando-as assim tão invisíveis quanto os escravos e as crianças.

Qualquer mulher que se defendesse acabaria pagando por isso. Em Ester 1, por exemplo, o rei Assuero (Xerxes) oferece um banquete aos homens da elite do reino, ao mesmo tempo em que sua esposa Vasti recebe suas amigas num evento para mulheres. No meio das festividades, Assuero, "alegre do vinho", ordena que sua belíssima esposa deixe a festa dela para "mostrar aos povos e aos príncipes a sua formosura, pois era em extremo formosa". Quando Vasti se recusa a vir, o rei, furioso e publicamente envergonhado pela desobediência da esposa, pede conselho a seus sábios. Eles decidem destituir Vasti de sua posição de rainha; ela nunca mais deverá pôr os olhos no marido. O motivo por que fazem isso: abafar qualquer possibilidade de que outras esposas no país sigam o exemplo dela de não obedecer à ordem do marido. O objetivo é que "todas as mulheres honrem a seu marido, desde a menor até a maior".

Essa história evidencia que em quase todas as culturas antigas — neste caso a Pérsia, não Israel — o pressuposto tem sido que os homens devem liderar nos papéis públicos e que as mulheres devem ser subordinadas aos maridos. Assim,

a própria Escritura mostra que *o patriarcado é produto da Queda, e não uma criação especial do Deus de Israel.*

Os apóstolos se veem num mundo semelhante, dominado pelos homens, enquanto pregam o evangelho e plantam igrejas por todo o Império Romano. Já examinamos Efésios 5, mas, mesmo fora dessa passagem, o conselho dos apóstolos às esposas cristãs na igreja do primeiro século é unânime. Paulo escreve aos colossenses: "Esposas, sede submissas ao próprio marido…"[395] e a Tito: "Ensina … as mulheres mais jovens … a serem sujeitas ao marido."[396] Pedro diz o mesmo: "Mulheres … sede submissas a vosso próprio marido…"[397] Para quem afirma considerar a Bíblia como autoridade, isso parece, numa primeira leitura, totalmente decisivo. *Poderíamos presumir que o ideal de Deus para todos os casamentos é que a esposa se submeta ao marido, mas no restante deste capítulo vou contestar essa conclusão, mostrando que esse pressuposto equivocado exige uma leitura superficial e errada desses textos.*

O que fazemos com Paulo em Colossenses? "Esposas, sede submissas ao próprio marido, como convém no Senhor. Maridos, amai vossa esposa e não a trateis com amargura."? Proponho que não cheguemos, em nossa interpretação desses versículos, a conclusões diferentes daquelas a que chegamos em Efésios 5. O consenso acadêmico é que Colossenses e Efésios foram escritas na mesma época, chegando a mostrar uma abordagem de "recortar e colar" em material-chave que se repete nas duas cartas. Os versículos que antecedem as duas passagens são quase idênticos. Ambas usam estas expressões na mesma ordem: "uns aos outros", "salmos", "hinos", "cânticos espirituais", "com gratidão em vosso coração", "em nome de", "o Senhor", "Jesus", "Cristo", "Deus Pai". A diferença é que a passagem de Colossenses, com apenas dois versículos, é uma versão abreviada da passagem mais longa de Efésios, que tem treze versículos. Efésios 5 amplia o material mínimo de Colossenses e, assim, lança luz sobre ele.

E quanto às outras duas passagens, em Tito 2:3-5 e 1 Pedro 3:1? Temos bons motivos para duvidar de que Paulo e Pedro, nessas passagens, estejam dando a

395. Colossenses 3:18
396. Tito 2:5
397. 1 Pedro 3:1

todas as esposas, ao longo de toda a história humana, um mandamento universal de se submeterem aos maridos.[398] Trata-se de um conselho pastoral a pessoas do Mediterrâneo do primeiro século que seguem os códigos domésticos de Aristóteles e, como tal, *é motivado não por um desígnio da criação, mas por uma compreensível preocupação com a reputação*. Permita-me explicar.

Os códigos domésticos

Corremos o risco de usar os versículos de "esposas, submetam-se" como textos-prova quando os arrancamos do contexto. Vejamos o contexto literário,

398. Para que meu livro não ficasse longo demais, decidi não desdobrar 1 Pedro 3:1-7 por completo. No entanto, recomendo para essa tarefa o capítulo 6 do livro de Andrew Bartlett, "Men and Women in Christ". O capítulo se intitula "Submission and Honour: 1 Peter". Bartlett mostra, de forma convincente a meu ver, que Pedro segue essencialmente o mesmo caminho que Paulo em Efésios 5 para subverter o arranjo hierárquico da cultura com um ensino sobre a submissão mútua. Como Paulo, Pedro, em 3:1-6, não derruba nem endossa universalmente o papel submisso que a cultura esperava da esposa, mas o revisa com novas motivações do evangelho: não o medo do marido não cristão, mas a esperança em Deus e o esforço de ganhar o marido para Cristo. E, como Paulo, Pedro não idealiza nem condena o papel de autoridade que a cultura esperava do marido cristão, mas o revisa fortemente de três maneiras em 3:7: 1) Os maridos devem se comportar em relação às esposas "do mesmo modo" (essa é a expressão crucial que muitos estudiosos complementaristas parecem não perceber) como foi dito antes sobre: os crentes em relação a seu Deus e rei (2:13); os escravos em relação a seus senhores (2:18-25); Cristo em relação a seus executores (2:21); e as esposas em relação aos maridos, incluindo Sara em relação a Abraão em Gênesis 18 (3:1-6), isto é, *de maneira humildemente submissa.* 2) Os maridos devem viver com suas esposas de maneira atenciosa, levando em conta que elas são menos fortes do que eles. 3) Os maridos devem honrar suas esposas, que (ao contrário do que pensava a cultura greco-romana) não estão numa posição subordinada, porque são coerdeiras iguais da salvação. "Honra", aqui, é a mesma palavra usada antes na carta para descrever a submissão que todos os crentes devem prestar a César; compare 2:13 ("sujeitai-vos" às autoridades) e 2:17 ("honrai o rei"). Em outras palavras, Pedro, sem usar exatamente essas palavras, diz aos maridos que retribuam a submissão (no sentido de serviço humilde e honroso) a suas esposas. Entendido dessa forma, Pedro, como Paulo em Efésios 5, parece revisar o sentido da submissão no casamento, afastando-o da mera obediência à autoridade de outra pessoa e aproximando-o de um compromisso de servir e agradar com humildade. A obediência à autoridade só pode fluir num sentido; ao passo que, como mostram Efésios 5 e 1 Pedro 3, e independentemente das estruturas sociais mais amplas em que se encontrem, os casamentos cristãos devem evidenciar um serviço humilde que flui nos dois sentidos. Observe também que Pedro não apresenta como razão para a submissão da esposa o fato de que o marido teria, por desígnio de Deus, autoridade unilateral sobre ela. Se Pedro acreditasse nisso, este teria sido o lugar perfeito para mencioná-lo. Mas ele não o faz e, de fato, nenhuma passagem em toda a Bíblia instrui os maridos a exercer autoridade unilateral sobre suas esposas.

isto é, as passagens maiores em que encontramos esses versículos e outros semelhantes:

	Esposas–maridos/ Mulheres–homens	*Filhos–pais*	*Escravos–senhores*
Efésios	5:21-33	6:1-4	6:5-9
Colossenses	3:18-19	3:20-21	3:22-4:1
1 Pedro	3:1-7	Não há menção	2:18-25
Tito	2:1-8	Não há menção	2:9-10
1 Timóteo	5:1-16	Não há menção	6:1-3

O que notamos ao analisar o contexto literário? Primeiro, toda vez que a submissão da esposa é mencionada, ela faz parte de algo chamado "código doméstico", no qual são tratados os relacionamentos dentro das casas, compostas de maridos, esposas, filhos e escravos. Seguindo o ensino anterior de Aristóteles, pela lei romana as casas deviam ser estratificadas sob o governo de um homem mais velho. Se não houvesse um homem adulto, a mulher mais velha ocupava esse papel. O código doméstico antigo seguia uma hierarquia, enunciada em ordem decrescente: o chefe da casa; depois a esposa; depois os filhos e os escravos. *Em outras palavras, Paulo e Pedro não estão proferindo uma sabedoria solta no ar, que deva ser aplicada a todos os casais pelo resto da história cristã.* Eles estão tratando de um contexto muito específico: a concretização do evangelho na casa antiga típica, tal como ordenada pela sociedade romana.

Segundo, em nenhuma dessas passagens o marido recebe a ordem de liderar. Apenas se diz à esposa que se submeta. Os apóstolos pressupõem que a liderança masculina já está em vigor. O que eles tentam fazer com seus imperativos é suavizar a liderança do homem e dignificar a posição inferior da esposa. Pedro e Paulo orientam as mulheres a abraçar a submissão como algo voluntário e fortalecido pelo evangelho, em vez de simplesmente tolerar a liderança do marido,

Terceiro, em todas as passagens — e isso é o mais significativo para o argumento deste capítulo —, *a submissão que se ordena à esposa em relação ao marido corre paralela à submissão que se ordena ao escravo em relação a seu senhor.* Em dois

desses lugares, o paralelo se aplica também à obediência dos filhos aos pais, mas a ligação senhor–escravo é feita todas as vezes.

Voltarei em breve ao paralelo entre escravidão e patriarcado, mas o ponto que destaco agora é que Paulo e Pedro não estão idealizando nem a escravidão nem a subordinação feminina no casamento; em vez disso, como todo bom líder espiritual deve fazer, estão ajudando as igrejas com que trabalham *a tirar o melhor proveito de situações que às vezes estão longe do ideal*. Deus faz algo parecido em Gênesis 16, quando a escrava Agar foge de Sara, sua senhora abusiva. Depois de resgatar e tranquilizar Agar, Deus diz: "Volta para a tua senhora e submete-te a ela."[399] Quem de nós concluiria que a instrução de Deus a ela era expressão do que havia de mais elevado e melhor para ela? Não; o conselho paternal dele a ajuda a tirar o melhor proveito de uma situação que está longe do ideal. Ao que parece, submeter-se a Sara é melhor para ela e para seu filho do que fugir para o deserto.

Ainda hoje, às vezes é melhor tirar o máximo proveito de uma situação não ideal em que nos encontramos. Por exemplo, meu pai, recém-casado, foi convocado para dois anos de serviço obrigatório no Exército sul-africano. Com um filho recém-nascido e uma jovem esposa em casa, ele sabia que aquilo estava longe do ideal, mas estava de mãos atadas. Tudo o que podia fazer era tirar o melhor proveito de uma situação ruim. Era isso ou a prisão. Às vezes, um pastor pode aconselhar sua congregação a votar numa eleição democrática, embora a democracia não esteja na Bíblia e, portanto, não seja necessariamente o ideal eterno de Deus para a sociedade humana. Pregar contra ela criaria uma reação negativa desnecessária; o mesmo se pode dizer, no primeiro século, sobre o código doméstico de Aristóteles.[400]

399. Gênesis 16:9

400. Além disso, assim como o código doméstico de Aristóteles e o governo monárquico daquela época, a democracia talvez seja o melhor sistema de governo que a sociedade descobriu até agora.

A preocupação com a reputação

Além de ajudá-los a tirar o melhor proveito de uma situação não ideal, por que mais Pedro e Paulo aconselham esposas e escravos a se submeterem voluntariamente a seus maridos e senhores, os quais, por sua vez, são instruídos a ser gentis e respeitosos com suas esposas e seus escravos? Na maioria dos textos encontramos uma resposta convincente: *Paulo e Pedro estão preocupados em proteger a credibilidade e a atratividade evangelística das igrejas nascentes aos olhos de um mundo que observa, um mundo em que, por acaso, a obediência das mulheres e dos escravos ao paterfamilias é lei romana.*

Eis as evidências disso nos textos:

- Pouco antes de se dirigir aos escravos e às esposas, Pedro aconselha a submissão ao imperador, acrescentando: "Porque assim é a vontade de Deus, que, *pela prática do bem, façais emudecer a ignorância dos insensatos.*"[401]
- Às esposas Pedro diz: "Sede submissas a vosso próprio marido, *para que, se alguns deles ainda não obedecem à palavra, sejam ganhos, sem palavra alguma, por meio do procedimento de suas esposas.*"[402]
- Às esposas de Creta, Paulo diz: "Sejam sujeitas ao marido, *para que a palavra de Deus não seja difamada.*"[403]
- Aos escravos cretenses, Paulo diz: "sejam submissos a [seus] senhores, *para que em tudo [vocês] tornem atraente a doutrina de Deus, nosso Salvador.*"[404]
- Aos escravos efésios, Paulo diz: "Todos os que estão debaixo do jugo da escravidão considerem dignos de toda honra o próprio senhor, *para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados.*"[405]
- Sobre todas as instruções que dá à igreja em Éfeso por meio de Timóteo, Paulo escreve: "Prescreve estas coisas ao povo, *para que sejam irrepreensíveis.* …

401. 1 Pedro 2:15
402. 1 Pedro 3:1-2
403. Tito 2:5
404. Tito 2:10
405. 1 Timóteo 6:1

[N]ão deem ao adversário ocasião de maledicência."[406]

O que está acontecendo aqui? Especialmente 1 Pedro, mas também Tito e 1 Timóteo, são cartas escritas a igrejas pequenas, muitas vezes perseguidas, que passavam por sofrimento. A estratégia de Satanás é atrair atenção negativa para essas igrejas. A carta aos Efésios é um documento "interno", dirigido inteiramente a cristãos, sem preocupação com os de fora (daí não haver menção à preocupação com a reputação); já a motivação dessas três cartas é tratar de uma preocupação específica da situação: a maneira como a igreja se apresenta em suas relações com os de fora. Diz Cynthia Westfall:

Era uma cultura de honra, na qual os papéis de gênero tinham grande importância. Se uma mulher "agisse como se fosse o senhor" do marido, controlando-o, isso era visto como um desafio destrutivo a toda a hierarquia do Império Romano e ao sistema de patronato. Violações dessas convenções eram levadas a sério e podiam potencialmente destruir a reputação da igreja: o comportamento das mulheres servia de munição para ataques polêmicos contra a igreja primitiva e outros movimentos religiosos sectários.[407]

Num mundo em que escravos e esposas eram obrigados por lei a se submeter ao *paterfamilias*, essas esposas e esses escravos foram chamados a ir além e entregar voluntariamente sua vida a seus maridos e senhores. Felizmente, se o *paterfamilias* fosse cristão, os apóstolos também lhe haviam dado instruções próprias, para que cuidasse verdadeiramente dos que estavam em sua casa.

Tudo isso para dizer que, quando Pedro e Paulo disseram às esposas que se submetessem aos maridos, não estavam absolutizando uma hierarquia de gênero em todos os casamentos como algum tipo de ideal cristão. Ao contrário, estavam se acomodando a uma situação não ideal. Pedro, na linha de abertura de sua carta, não se dirige a crentes que vivem na futura sociedade aperfeiçoada, mas aos "exilados dispersos pelas províncias": somos estrangeiros, fazendo o melhor que podemos para nos encaixar, mesmo enquanto vivemos nossa verdadeira cidadania no reino de Deus. Quando entendemos as normas antigas para a casa, essas passagens devem ser entendidas como orientação para que a

406. 1 Timóteo 5:7, 14
407. Fonte: www.bit.ly/3EL7OgM

igreja subverta as normas culturais sem se revoltar exteriormente contra elas. Pedro e Paulo navegam por sistemas imperfeitos porque, com as autoridades romanas procurando qualquer pretexto para prender cristãos, qualquer desafio atrairia vigilância e perseguição para essas pequenas igrejas. É interessante notar que, quando 1 Pedro, Tito e 1 Timóteo foram escritas, faltavam apenas poucos anos para que seus autores, Pedro e Paulo, fossem executados por perturbar a ordem romana.

"Escravos, sejam submissos … Igualmente, esposas, sejam submissas"

Tito recebe a instrução de orientar as esposas a serem submissas aos maridos (2:3) e, logo depois, também é instruído de que os escravos devem se submeter a seus senhores (2:9).

Pedro inverte a ordem de Paulo: primeiro fala das relações entre escravo e senhor, depois das relações entre esposa e marido. Em 1 Pedro 2:18, os escravos são instruídos a se submeter a seus senhores com todo o respeito, não somente aos bons e cordatos, mas também aos injustos; depois, em 3:1, lemos que as esposas, do mesmo modo, devem se submeter aos maridos. As palavras de Pedro reforçam a ligação entre essas instruções: "Escravos … sejam submissos … esposas, do mesmo modo, sejam submissas…".

Agora, o argumento principal deste capítulo: *embora os complementaristas interpretem a instrução sobre a submissão das esposas como atemporal e universal, nós, modernos, que deixamos a escravidão para trás, percebemos que a instrução paralela sobre a submissão dos escravos era, afinal, situacional!*

Como a história se repete quando ninguém escuta, vou desdobrar essa percepção com certa profundidade.

A resistência cristã à abolição

Abolicionistas cristãos, movidos por um senso da justiça de Deus, venceram primeiro a escravidão como instituição no Reino Unido, em 1833; depois, com o passar do tempo, a emancipação dos escravos se estendeu a outros países.

Pessoas como William Wilberforce, John Wesley, John Newton, Charles Finney, as irmãs Grimké, Harriet Stowe, Olaudah Equiano e Frederick Douglass acabaram levando a instituição da escravidão a um fim glorioso e definitivo. Todos os cristãos modernos adoram contar a história desses heróis da transformação social.

O que é menos conhecido, e talvez esqueçamos de propósito porque hoje é motivo de vergonha para os cristãos, é que nos EUA os maiores opositores da abolição da escravidão eram os cristãos do Sul. Na verdade, aquela que hoje é a maior denominação dos EUA, os batistas do Sul, chegou a se separar dos batistas do Norte em 1845 justamente por causa dessa questão.

Até o século XVIII, a maioria dos cristãos acreditava que a escravidão era bíblica, e com isso queriam dizer *aprovada por Deus*. Estudiosos da Bíblia nos Estados Unidos, como Robert Dabney e J.H. Thornwell, construíram poderosas defesas bíblicas da posse de escravos. Charles Hodge, o maior teólogo reformado de sua época, escreveu um ensaio, *The Biblical Case for Slavery*, no qual argumentou o seguinte:[408]

- *Deus instituiu a escravidão.* Ao amaldiçoar Cam, filho de Noé, condenando-o a ser escravo,[409] o próprio Deus instituiu a escravidão.
- *Deus aprovou a escravidão.* Até Abraão, Davi e Jó tinham escravos.
- *A lei de Moisés apoiava a escravidão.* Por exemplo, no quarto e no décimo dos Dez Mandamentos se pressupõe que o povo de Deus possui escravos. Além disso, a lei de Moisés permitia fazer escravos de judeus em extrema pobreza e dos derrotados na guerra.[410]
- *Jesus nunca falou contra a escravidão.* O que ele não condenou, ele deve ter aprovado.
- *Os apóstolos ordenaram aos escravos que se submetessem a seus senhores.* Eles regulamentaram a escravidão sem condená-la.
- *Os apóstolos usaram a escravidão para retratar um aspecto positivo do evangelho*: nós, "escravos de Cristo", devemos obedecer inteiramente ao senhor que é nosso

408. Crédito a Kevin Giles, no cap. 8 de "What the Bible Actually Teaches on Women", por esta seção.
409. Gênesis 9:20-27
410. Levítico 25:39-41; 25:44-46

dono.

Alguns teólogos tentaram mudar a opinião desses teólogos majoritários, mas fracassaram. Por exemplo, num debate de quatro dias em 1845, o abolicionista Jonathan Blanchard examinou "os amplos princípios da Bíblia" e "todo o escopo das Escrituras". Para ele, era óbvio que "os princípios da Bíblia são justiça e retidão". Ele argumentou que é possível citar textos em apoio a quase qualquer coisa e acabar com interpretações que se opõem às verdades abrangentes das Escrituras.

Infelizmente, os cristãos do Sul que criam na Bíblia estavam tão convencidos de que Deus aprovava a escravidão que se dispuseram a pegar em armas numa guerra civil que custou mais de meio milhão de vidas, para defender seu direito de manter a escravidão! Embora a guerra civil não tenha significado o fim do racismo no Sul dos EUA, ela humilhou os cristãos que antes possuíam escravos o suficiente para garantir que eles acabassem admitindo que a escravidão era errada. A mudança cultural irrefreável, impulsionada por um senso de justiça, levou-os de volta às Escrituras, onde, lenta mas seguramente, perceberam o erro de seus caminhos. *Hoje, praticamente todos os estudiosos da Bíblia creem que, por mais numerosos que fossem os antigos argumentos "bíblicos", a Bíblia, corretamente entendida, não apoia a escravidão, e que essa prática é pecaminosa.*

Escravidão e patriarcado comparados

Agora vamos discernir como a escravidão corre paralela ao patriarcado, o pressuposto, tão antigo quanto a civilização, de que os homens devem liderar. Vejamos com que facilidade se pode gerar uma linha de argumentos semelhante quando se tem um método complementarista de interpretar as Escrituras:[411]

- *Deus instituiu a autoridade masculina.* No jardim, antes da Queda, Deus fez de Adão o líder de Eva.
- *Deus aprovou a autoridade masculina.* Patriarcas, e não matriarcas, lideraram o povo de Deus. Reis, e não rainhas, dominam a história de Israel.

411. Crédito a Kevin Giles, no cap. 8 de "What the Bible Actually Teaches on Women", por esta seção.

- *A lei de Moisés apoiava a autoridade masculina.* O décimo mandamento diz que não devemos cobiçar a mulher do próximo, nem o seu jumento, nem qualquer outra coisa que lhe pertença. Os sacerdotes devem ser homens, e não mulheres.
- *Jesus nunca falou contra a autoridade do marido.* O que ele não condenou, ele deve ter aprovado.
- *Os apóstolos ordenaram às esposas que se submetessem a seus maridos.* Eles regulamentaram o patriarcado sem condená-lo.
- *Os apóstolos usaram a autoridade do marido para retratar um aspecto positivo do evangelho*, no qual o marido devia representar Cristo, o Senhor, e a esposa devia se submeter ao marido como ao próprio Cristo.

Você consegue ver os paralelos notáveis e preocupantes entre tentar argumentar a partir da Bíblia em favor da escravidão e em favor do patriarcado? Até a maior igreja do mundo reconhece hoje o paralelo entre os textos de "esposas, submetam-se" e de "escravos, submetam-se": em 1988, o papa João Paulo II argumentou de forma incisiva que usar os escritos de Paulo em Efésios 6 para justificar a escravidão não é diferente de usar Efésios 5 para justificar a subordinação feminina no casamento.[412]

Maçãs e laranjas?

Como os teólogos complementaristas respondem a essa semelhança? George Knight diz que os textos de "esposas, submetam-se" e de "escravos, submetam-se" são muito diferentes, como "maçãs e laranjas". Por quê? Vou citar trechos de um artigo[413] escrito por um importante teólogo complementarista, Sam Storms, que apresenta seis razões pelas quais acredita que podemos condenar a escravidão e, ao mesmo tempo, defender a submissão das esposas. Vou citá-lo por partes, pondo as palavras dele em itálico e entre aspas, e depois responderei a cada uma:

412. Pope John Paul II, Mulieris Dignitatem, p. 24. Citado em Barr, p. 110.
413. Fonte: www.bit.ly/2ZXK1LY

Primeiro, *"Sabe-se que a Escritura regulamenta relacionamentos indesejáveis sem aprová-los como ideais permanentes (veja Mateus 19:8, 1 Coríntios 6:1-8). As recomendações de Paulo sobre como escravos e senhores devem se relacionar não pressupõem que a instituição seja boa."*

Portanto, Storms entende, sim, a disposição de Deus de se acomodar às estruturas sociais. Ótimo! Mas é exatamente esse o argumento que se deve fazer sobre a submissão da esposa ao *paterfamilias*, imposta pela cultura no mundo greco-romano: a Bíblia a regulamenta sem aprová-la.

Segundo, *"A instituição da escravidão não está fundamentada na criação, mas é uma distorção resultante da Queda. O casamento e a liderança masculina, por outro lado, fazem parte da ordem original da criação, que antecede a Queda."*

Aqui, Storms adota uma interpretação errada de Gênesis 2 e 3 e depois idealiza algo que Gênesis 3:16 diz ser resultado direto da Queda, e não da criação.

Terceiro, *"Em várias ocasiões, as sementes para a dissolução da escravidão são lançadas. Veja Filemom 16, Efésios 6:9. Nada no NT, porém, sugere que o mesmo estivesse previsto para o relacionamento entre maridos e esposas."*

Isso não é verdade. Gálatas 3:28, 1 Coríntios 7 e uma leitura correta de Efésios 5, especialmente de seu ensino sobre a submissão mútua, são de fato "sementes para a dissolução" da supremacia masculina no casamento.

Quarto, *"se o argumento da escravidão é usado para invalidar a submissão da esposa ao marido, não invalidaria também a submissão de um filho ou de uma filha aos pais? Observe como os relacionamentos entre maridos e esposas, pais e filhos, e escravos e senhores são todos tratados por Paulo em Efésios 5-6."*

Storms usa a palavra errada: os filhos devem "obedecer", ao passo que esposas e escravos devem "submeter-se". Isso liga esposas e escravos de maneira singular. Storms também parece pressupor que pais e filhos naquela cultura leriam os versículos sobre pais e filhos do mesmo modo que nós, hoje, no Ocidente. Mas quem de nós insistiria em que nossos filhos obedeçam aos pais *até bem depois de adultos*? Efésios 6, aos ouvidos de um leitor do primeiro século,

seria entendido como Paulo ordenando até aos filhos adultos que obedecessem aos pais, e não apenas que os honrassem.[414]

Mas, mesmo que o relacionamento entre pais e filhos fosse então o mesmo que é agora (e não era), *uma hierarquia de gênero no casamento é muito diferente da hierarquia entre gerações na criação dos filhos*. O fato de nossos filhos pequenos saberem pouco sobre a vida e a sabedoria os coloca numa posição em que a dependência e a obediência são o melhor para eles, e por isso essa é a regra até em culturas igualitárias. O mesmo não vale para um casamento entre dois adultos instruídos. O objetivo da criação dos filhos é levá-los além da dependência e da obediência, até que um dia estejam à frente de sua própria família, quando então se tornam nossos pares (como Paulo dá a entender em Efésios 5:31). Seria, portanto, errado tentar tornar permanente a liderança dos pais sobre um filho enquanto ele viver. Por que, então, teríamos tanta certeza de que é certo fazer isso com nosso cônjuge?

Quinto, *"Nenhum mandamento moral permanente ou absoluto moral é usado em referência à escravidão nas instruções de Paulo aos escravos."*

Aqui, Storms repete o primeiro ponto. Mas veja as palavras de 1 Pedro 2-3: "Escravos, sejam submissos a seus senhores … esposas, do mesmo modo, sejam submissas a seus maridos." Com base em quê ele tem certeza de que o primeiro não é um mandamento moral permanente, mas o segundo é? Sua posição é incoerente.

Sexto, *"Paulo prevê e endossa explicitamente a possibilidade de um escravo obter a liberdade (1 Coríntios 7:21). Ele nunca diz nada comparável a isso em relação às esposas e à sua submissão aos maridos."*

414. "A relação entre filhos e pais diferia de maneiras significativas da nossa cultura contemporânea. No mundo moderno, presume-se que, em algum momento depois de chegarem à idade adulta, os filhos crescidos alcançarão a independência em relação aos pais e já não estarão sob a autoridade deles. Não era assim no mundo antigo, em que se esperava que os filhos adultos permanecessem sob a autoridade dos pais até bem depois de adultos." (Howard Marshal, "Discovering Biblical Equality", p. 188.)

Isso porque, ao contrário da escravidão, o casamento é, por desígnio de Deus, um relacionamento de uma só carne.[415] A libertação da escravidão era desejável porque é a redenção da instituição do *trabalho*, ordenada por Deus. Da mesma forma, a libertação do patriarcado é a redenção da instituição do *casamento*, ordenada por Deus. O objetivo de Paulo ao escrever Efésios 5 é, sem transmitir uma mensagem de revolução contra os códigos de Aristóteles, promover um casamento tão igualitário quanto era possível naquela cultura.

Tudo isso para dizer que, ao contrário do que afirmam George Knight e Sam Storms, escravidão e patriarcado *são* extremamente semelhantes; não são maçãs e laranjas, de modo algum, mas *frutos podres da mesma árvore caída*. A escravidão é, em princípio, muito semelhante ao pressuposto da liderança do marido sobre a esposa. Seja benevolente, seja brutal em sua expressão, ambas as práticas são resultado de um mundo caído. Não faz sentido denunciar até mesmo a escravidão "benevolente", como todos os cristãos fazem hoje, e ao mesmo tempo ser um bastião do patriarcado "benevolente".

Na verdade, se um efeito de longo prazo do evangelho sobre a sociedade é derrubar a escravidão, outro coelho que ele mata com a mesma cajadada é o patriarcado. É por isso que, num artigo notável sobre a interpretação bíblica entre afro-americanos, Clarice Martin faz uma pergunta reveladora: "Como podem pregadores e teólogos negros usar uma hermenêutica libertadora ao pregar e teologizar sobre escravos, mas uma hermenêutica literalista em relação às mulheres?"[416]

415. Jane Hooker acrescenta outro argumento, que vou acrescentar à lista de Storms: "Há diferenças significativas entre a prática bíblica da escravidão e a prática americana mais recente da escravidão." (Fonte: www.bit.ly/3GNFnk9) O que ela parece querer dizer com isso é que o movimento social para acabar com a escravidão nos últimos séculos é compreensível, mas que a escravidão no primeiro século não era tão ruim assim. Mas os escravos também eram tratados de forma terrível no primeiro século. Além disso, isso não toca no ponto principal: nos dois cenários, a escravidão envolvia a posse de uma pessoa para fins econômicos. A abolição da escravidão não combateu apenas o mau tratamento dos escravos, mas também a prática benevolente da escravidão.

416. Cain Felder (ed), Stony the Road we Trod, p. 226. Citado por Barr, cap. 6.

Lições da injustiça anterior

Ao negar as semelhanças entre escravidão e patriarcado, os estudiosos complementaristas repetem o erro dos cristãos antiabolicionistas do Sul dos EUA e arrastam as igrejas que confiam em sua perspicácia teológica para um segundo constrangimento para a igreja de Jesus, bem como para um prolongamento da desvalorização de parte de seu próprio povo.

O que torna tudo isso ainda mais trágico é que os mais influentes defensores da liderança masculina no mundo são os *batistas do Sul*, o grupo de crentes ao qual pertence uma em cada quatro igrejas americanas. Eles continuam a difundir suas ideias pelo mundo por meio de seus principais estudiosos e de sua mídia. Infelizmente, como advertiu Georg Hegel, parece que "a única coisa que aprendemos com a história é que não aprendemos nada com a história".

O que exatamente a igreja de hoje deve aprender com os fracassos dos cristãos antiabolicionistas? Primeiro, é possível estar convencido (denominações inteiras e escolas inteiras de estudiosos da Bíblia de fato estão), com base em obras "acadêmicas" detalhadas que incluem textos de toda a Bíblia, e ainda assim estar errado.

Segundo, é possível que a cultura siga numa direção positiva que, na verdade, é resultado de princípios cristãos que criaram raízes nessa cultura ao longo de milênios. Por exemplo, a *Magna Carta da humanidade* de Paulo, em Gálatas 3:28, é a primeira vez na história em que alguém articulou com tanta força a ideia da igualdade e do fim das hierarquias sociais. Quanto a derrubada da escravidão e da supremacia masculina pela sociedade deve, na verdade, a esta mesma passagem? Em vez de reagir contra a influência do evangelho na sociedade, a igreja deveria reivindicá-la e celebrá-la, e não atacá-la.

Terceiro, é possível que descobertas e avanços na sociedade desafiem uma interpretação das Escrituras sustentada por muito tempo. Quando a maioria das pessoas pensava que o mundo era plano ou que a Terra era o centro do

universo, a igreja tinha versículos bíblicos para apoiar isso. Quando as descobertas científicas contestaram essas ideias, isso nos deu a chance de ler a Bíblia de novas maneiras e de ver o que estava ali desde sempre. Quando a Revolução Industrial e as primeiras ondas do que viria a ser o Movimento de Libertação das Mulheres varreram o Ocidente, pela primeira vez na história as mulheres tiveram a chance de mostrar que sua inteligência e sua capacidade eram comparáveis às dos homens. Em vez de vermos isso como uma ameaça, trata-se na verdade de uma oportunidade de revisitarmos a própria Escritura com a pergunta: o que deixamos de ver esse tempo todo?

Quarto, é preciso evitar erros comuns de interpretação. É necessária a Bíblia inteira para interpretar cada parte da Bíblia. É fácil demais montar uma colagem de textos-prova que, eles próprios, são mal compreendidos. Não podemos esquecer que os livros da Bíblia não foram escritos a nós, embora tenham sido escritos para nós. *Precisamos* mergulhar no contexto histórico ao qual o texto foi escrito *antes* de identificar a mensagem atemporal que então podemos aplicar à nossa época e ao nosso contexto.

Quinto, o interesse próprio e o *pensamento de grupo* podem gerar uma forte tendência a ler as Escrituras de determinada maneira. (Veja o Apêndice 6 para mais sobre esse assunto.) Como regra geral, os seres humanos (mesmo os cristãos) resistem a tudo o que ameace sua posição ou seus privilégios. Teólogos donos de escravos deveriam ter tido permissão para ser a voz mais alta nos debates teológicos do século XIX? As pessoas que perderiam o emprego e a reputação como pastores, líderes ou professores em igrejas, ministérios e faculdades complementaristas deveriam ter permissão para ser as vozes dominantes sobre a questão hoje?

Sexto, é preciso a igreja inteira para interpretar a Bíblia. Nunca é sábio ignorar ou menosprezar setores da igreja que veem as coisas de modo diferente de você. Chamar pessoas que amam genuinamente as Escrituras de "capituladores culturais" ou de "liberais" pode ser uma forma de tapar os ouvidos à voz de Deus. Pessoas que você descarta por terem uma "visão rebaixada" das Escrituras podem entender partes delas muito melhor do que você.

Por fim, apegar-se a práticas culturais corrompidas enquanto a cultura em geral as abandona é especialmente prejudicial à credibilidade da igreja na sociedade. Continuar sendo um bastião do patriarcado é, a meu ver, tão autossabotador para a igreja quanto continuar usando a Bíblia para defender a escravidão. Nos séculos em que a cultura e a igreja concordavam, de modo geral, que a escravidão era aceitável, mesmo quando a igreja recomendava a forma mais benevolente dela, acompanhar essa prática não prejudicava muito a reputação da igreja. Mas imagine como seria recebido se um lar cristão moderno no Ocidente decidisse "obedecer a Deus" mantendo dois escravos que consentissem com a prática por motivos bíblicos?

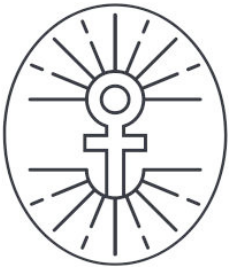
Da mesma forma, enquanto a igreja concordava com a crença cultural formulada por Jean-Jacques Rousseau, de que "[o homem] deve ser forte e ativo; [a mulher] deve ser fraca e passiva; um precisa ter tanto o poder quanto a vontade; basta que a outra ofereça pouca resistência",[417] acompanhar o patriarcado não prejudicava muito a reputação da igreja. Mas agora que nossa sociedade baseia uma premiada série de TV inteira, *O Conto da Aia*, nos "horrores" da subordinação feminina, nós, a igreja, não parecemos muito diferentes dessa família moderna imaginária com escravos se ensinarmos nossas filhas a se submeter à autoridade unilateral do marido e proibirmos mulheres com dons de ensino e liderança de ensinar e liderar.[418]

Além de colhermos um casamento mais íntimo, se nós, os crentes, estendermos a igualdade das mulheres para além do lar, à igreja e à sociedade, também colheremos maior credibilidade para o nosso evangelho em nossa cultura. O que nossos concidadãos esqueceram, mas nós podemos lembrá-los, é que a atual valorização das mulheres em nossa cultura tem raízes históricas na influência lenta e profunda do nosso próprio evangelho, que confere dignidade,

417. Jean Jacques Rousseau, Emile or On Education (1762). Citado em Barr, cap. 6

418. John Stackhouse, em "Finally Feminist" (p. 56), é mais incisivo: "Quando a sociedade era patriarcal, como era no contexto do Novo Testamento e como tem sido em toda parte do mundo, exceto na sociedade moderna de nossos dias, a igreja evitava o escândalo acompanhando-a. Agora, porém, que a sociedade moderna é, pelo menos oficialmente, igualitária, o escândalo é que a igreja não está acompanhando a sociedade, não está se alegrando com a liberdade sem precedentes de deixar mulheres e homens servirem segundo o dom e o chamado, sem uma linha arbitrária de gênero. Esse escândalo atrapalha tanto a evangelização de outros quanto a … permanência e o desenvolvimento daqueles que já se converteram. … A continuação do patriarcado pelas igrejas nesta sociedade coloca uma pedra de tropeço religiosa no caminho de [muitos]."

e no conhecimento do caráter amoroso e justo de Deus. Afinal, há muito, muito tempo, Deus vem ignorando alegremente quaisquer restrições complementaristas e vem fazendo mulheres alçar pleno voo em seus dons, inclusive usando-as para liderar e ensinar homens com poder.



TERCEIRA PARTE

O MINISTÉRIO DAS MULHERES



10

Mulheres poderosas no Antigo Testamento

"Foi vontade do Senhor usar Débora como líder do povo de Deus … para mostrar que as mulheres são tão capazes na liderança quanto os homens." Nijay Gupta[419]

Depois que Deus diz que o Adão caído "governará Eva", a humanidade é lançada para fora do jardim, rumo ao mundo selvagem, e — fiel à sombria previsão de Deus — para onde quer que você olhe, só homens estão no comando. Ao que parece, a poligamia e a masculinidade tóxica crescem no mesmo solo que o patriarcado, pois, poucas páginas depois do início da história da humanidade, Caim compete com Abel e prefere matar a não ser o macho alfa. Pouco depois, Lameque toma duas mulheres, não apenas uma, e se gaba de ter matado um homem que apenas o ferira.

Folheie o restante do Antigo Testamento, e os homens continuam dominando o mundo público. O marido da mulher de Provérbios 31, durante o dia, "se assenta com os anciãos da terra"[420] e provavelmente continua no comando quando volta para casa. Isso porque a antiga sociedade hebraica gira em torno da família ampliada, na qual um homem lidera seus descendentes, parentes, escravos e sua mulher, ou suas mulheres (como mostram as histórias de rivalidade entre esposas em Gênesis).[421]

O nome do patriarca então continua vivo em seus filhos, enquanto o da mãe deles é sepultado no dia em que ela se casa. As filhas, de status inferior, são simplesmente absorvidas pela família do marido. O papel principal de uma

419. www.bit.ly/3BFrpwV
420. Provérbios 31:23
421. Abraão, Jacó, Calebe, Davi, Salomão e Gideão, por exemplo, têm todos mais de uma mulher.

mulher é ser "fecunda" e, inversamente, seu fracasso mais desolador é a incapacidade de gerar filhos.[422] Além disso, a lei e os costumes envolvem as mulheres como um plástico que as sufoca. Mesmo as mulheres adultas são vistas como menores de idade, que vivem sob um tutor masculino; enquanto isso, o marido tem o poder de anular, ao seu bel-prazer, tanto os votos dela a Deus quanto os votos dele a ela.[423]

No entanto, à medida que a história se desenrola, Deus com bastante frequência passa por cima das normas patriarcais para elevar uma mulher a uma posição de importância estratégica ou de liderança em seu povo pré-messiânico. Como descobriremos neste capítulo, quaisquer que fossem os "papéis" que a sociedade caída prescrevia às mulheres, Deus evidentemente não se sentia obrigado a fazer o mesmo. Vamos conhecer várias dessas mulheres que, poderíamos dizer, serviram como *ezer kenegdos* — mulheres fortes para liderar, libertar, ensinar e, se necessário, resistir aos homens.

Sifrá e Puá, as que resistiram ao regime

No mundo antigo, onde os pais muitas vezes matavam as filhas recém-nascidas para garantir seu futuro por meio de filhos homens, um faraó egípcio ordena às parteiras que matem os filhos homens de seu povo escravizado: "Quando servirdes de parteira às hebreias, examinai-as: se for filho, matá-lo-eis; mas, se for filha, viverá."[424] Seu plano é enfraquecer o futuro dos hebreus. Sem homens para se casarem com as meninas judias quando crescerem, elas acabarão se casando com egípcios e serão assimiladas pela cultura egípcia. Pelo menos esse é o plano. Mas então, arriscando a própria vida, duas parteiras judias, Sifrá e Puá, desafiam um dos homens mais poderosos da terra e se tornam um dos primeiros exemplos conhecidos de resistência a um regime perverso. Ao fazer isso, poupam a vida do bebê Moisés, que libertará o povo de Deus oitenta anos depois.

422. Veja Êxodo 23:25-26; 1 Samuel 1:1-2:10; Jó 24:21; Salmos 113:9.
423. Números 30:3-16, Deuteronômio 24:1-4
424. Êxodo 1:16

O que Deus faz por essas duas *ezer kenegdos* por seus esforços como auxiliadoras fortes, protetoras e parceiras dos homens, e como resistentes contra homens opressores? Lemos que "Deus fez bem às parteiras; e o povo aumentou e se tornou muito forte. E, porque as parteiras temeram a Deus, ele lhes constituiu família."[425]

Miriã, a líder e mensageira

Pouco depois do nascimento de Moisés, sua irmã mais velha, Miriã, recebe das parteiras o bastão de ser sua *ezer kenegdo*: ela poupa a vida dele colocando-o no Nilo dentro de um cesto. Deus atende às orações dela pela segurança do menino quando a filha do faraó, ela mesma uma espécie de *ezer kenegdo*, o encontra e o leva para o palácio e, com isso, o coloca na linha de sucessão ao trono do Egito.

Décadas mais tarde, Deus escolhe Moisés para conduzir os israelitas à liberdade, mas o coloca numa espécie de pequena equipe de liderança: sabemos disso porque Deus também chama Arão e Miriã para serem libertadores e líderes de Israel ao lado de Moisés. Por meio de um profeta muito posterior, Miqueias, Deus relembra o Êxodo: "Pois te fiz sair da terra do Egito e da casa da servidão te remi; e enviei Moisés para te conduzir, *e também Arão e Miriã*."[426]

Miriã exerce uma liderança profética. Como Moisés, ela também é chamada de "profetisa".[427] Do outro lado do caminho através do mar Vermelho, agora fechado, ela conduz as mulheres israelitas num cântico e numa dança de louvor.[428] Seu triunfante cântico-sermão, cujas palavras foram registradas como Escritura, é um protótipo do evangelho da igreja mais de mil anos depois. Tanto a letra de Miriã quanto o nosso evangelho proclamam a bondade e a realeza de um Deus que nos resgata de um inimigo poderoso demais para vencermos sozinhos, levando-nos do cativeiro à Terra Prometida. A proclamação de Miriã

425. Êxodo 1:20-21
426. Miqueias 6:4. A expressão às vezes traduzida por "adiante de ti" significa literalmente "à tua frente", no sentido de "para te conduzir".
427. Êxodo 15:20
428. Êxodo 15:20-21

também aponta para todas as mulheres que mais tarde anunciariam o evangelho da salvação real de Jesus. Sabemos disso porque, séculos depois, um salmista trata Miriã e suas amigas como um primeiro sinal indicativo de todos os futuros líderes de louvor e evangelistas: "O Senhor deu a palavra; grande é a falange das mensageiras das boas-novas."[429]

Uma palavra de advertência: aqueles de nós que anseiam pelo dia em que mais mulheres estarão no leme e no púlpito do povo de Deus não devem imaginar ingenuamente que elas vencerão com facilidade as tentações comuns em que os líderes homens continuam caindo. Digo isso porque, no auge de sua influência, Miriã é seduzida por um espírito de competição. Por criticar Moisés indevidamente, ela sofre sete dias de lepra fora do acampamento, enquanto o povo que ela fora chamada a liderar sofre por ter de esperar que ela se cure.[430] Apesar de seu deslize moral, a misericórdia de Deus se estende a ela e, mais tarde, quando ela morre, o povo de Deus se lembra dela com carinho.[431]

Hulda, a profetisa

A Mishná judaica resume a história profética da Bíblia Hebraica: "Quarenta e oito profetas e sete profetisas profetizaram em Israel."[432] Tanto Miriã quanto Débora (como logo descobriremos) tiveram ministérios proféticos combinados com funções de liderança pública. E Isaías se casa com uma profetisa.[433] Vamos agora conhecer a profetisa Hulda.

Na época dos reis de Israel, o jovem rei Josias se mostra espiritualmente superior a muitos de seus antecessores ao dar prioridade à vitalidade espiritual de seu povo e ao arrancar aquilo que pode estar prejudicando a saúde espiritual de seu reino. Era costume um rei "consultar o SENHOR" chamando um de

429. Salmos 68:11

430. Números 12:1-15. Para deixar claro: em parte alguma o texto diz que Miriã pecou por contornar a autoridade masculina. Ela e Arão se desviaram ao questionar a posição de Moisés.

431. Além da reflexão de Miqueias sobre sua liderança, os escribas da Torá registram sua morte e a incluem nas genealogias. (Números 20:1; 26:59, 1 Crônicas 6:3)

432. 6 Meg. 14a Bar. Citado em Kevin Giles, What the Bible Actually Teaches on Women (p. 75).

433. Isaías 8:3. Houve também algumas falsas profetisas. Fique registrado: o pecado delas não foi ultrapassar os limites da autoridade masculina, mas contradizer o que Deus de fato estava dizendo. (Ezequiel 13:17-24)

seus profetas. Assim, quando ele manda o sumo sacerdote e outros líderes buscarem o pensamento de Deus em seu nome, eles procuram a pessoa profética que, segundo creem, mais pode ajudá-los.

Curiosamente, eles não vão a Jeremias nem a Sofonias, ambos contemporâneos do rei Josias, e, em vez disso, recorrem nada menos que a Hulda. Não sabemos o que em seu histórico ministerial a recomenda, mas podemos supor que ela era conhecida por sua linha direta com o céu. Ela é mulher de um "guarda-roupa" de baixa posição no templo, de modo que não pode ser o casamento com um homem de destaque que sustenta sua reputação profética.

Ela busca a Deus em favor de Josias e então fala da parte de Deus sem medir palavras: denuncia a idolatria da nação, anuncia uma desgraça iminente e elogia o coração de Josias, que, segundo ela diz, será poupado de ver a calamidade. Suas palavras são tão incisivas que Josias convoca a todos, "desde o menor até o maior", lê para eles a palavra de Deus, destrói os altares dos falsos deuses e conduz o povo de Deus naquele que talvez tenha sido o maior avivamento da história de Israel.[434] *Observamos de passagem que nada na história sugere que Hulda aja ou seja tratada de modo diferente dos profetas homens.*

As rainhas que servem aos propósitos de Deus

Já li muitos estudiosos complementaristas que realçam o fato de que a maioria dos líderes políticos (ou reis) de Israel era do sexo masculino e argumentam que isso é a aprovação de Deus à autoridade masculina como princípio geral. Mas isso deixa de lado o fato de que, num mundo patriarcal, a masculinidade da realeza era pressuposta. Somente em situações muito excepcionais uma rainha surgia como governante única, geralmente quando o marido havia morrido e ela não tinha filho. Israel seguia as normas das antigas nações vizinhas em relação à realeza. Afinal, se você se lembra, a oração exata deles, antes de receberem o primeiro rei — uma ideia que Deus sabia que os levaria à opressão —, foi suplicar: "Teremos um rei sobre nós … como todas as nações."[435]

434. 2 Reis 22:11-23:25
435. 1 Samuel 8:19-20

Assim, governaram principalmente monarcas homens. Mas houve também algumas mulheres. Há algumas rainhas poderosas que são elogiadas na história de Israel. A rainha Ester é a mais famosa das rainhas judias, embora tenha exercido esse cargo no Império Persa, e não na nação de Israel. Ainda que discutisse questões com o rei em particular, não há dúvida de que ela exerceu um cargo público, algo que — se você ler a história — Deus lhe concede. Movida pelo reconhecimento profético de que Deus a colocara naquele cargo "para conjuntura como esta",[436] ela habilmente intercepta uma lei genocida contra seu próprio povo. Faz isso expondo corajosamente os motivos perversos de Hamã e, depois, provocando a destruição da casa dele, juntamente com 75 mil inimigos de seu povo.

Para celebrar essa vitória política, ela decreta uma lei que ela e seu tio Mordecai escrevem "com toda a autoridade", enviada a todos os judeus das 127 províncias do reino de Assuero. Essa lei determina uma comemoração anual de dois dias pela reviravolta de sua sorte e vale também para "seus descendentes".[437]

Em tudo isso, Ester exerce liderança na nação da Pérsia e também sobre o povo de Deus, os israelitas. Com isso, ela se torna um exemplo inspirador para as mulheres chamadas a exercer liderança na sociedade, bem como para aquelas que possam exercer liderança prática e espiritual no povo de Deus.

Ela não é a única rainha a cruzar a história de Israel. A rainha africana de Sabá[438] é elogiada por Jesus por reconhecer e louvar a grandeza dada por Deus a Salomão e, assim, também, em antecipação profética, a própria realeza de Jesus.[439] A rainha babilônica dos caldeus, da mesma forma, se lembra do dom espiritual de profecia de Daniel e é usada por Deus para trazê-lo de volta à arena pública depois de um tempo no esquecimento.[440] As próprias rainhas de Israel, Jezabel e Atalia, eram perversas, como a maioria dos reis de Israel. Mas observe que, em todos os relatos sobre rainhas, não se diz nem uma única

436. Ester 4:14
437. Ester 9:29-32
438. 1 Reis 10:1-13; 2 Crônicas 9:1-12
439. Marcos 12:32
440. Daniel 5:10-12

palavra negativa sobre mulheres no cargo de liderança, apenas sobre o mau uso desse cargo.

Estranhamente, os estudiosos complementaristas às vezes objetam que essas rainhas não lideravam como regentes únicas, mas apenas ao lado de seu marido, o rei. Mas rainhas que governavam sozinhas eram extremamente raras no antigo Oriente Próximo. Num período de 500 anos (do reinado de Saul ao de Zedequias), seria muito improvável que qualquer império tivesse ao menos uma. Dito isso, depois que o marido morre, Atalia é uma monarca sem marido, e, no século anterior à chegada de Jesus, durante a dinastia hasmoneia, Salomé Alexandra governa por nove anos como monarca única de Israel depois da morte do marido.

Ao lado dessas mulheres ordenadas por Deus — resistentes a regimes, líderes, mensageiras, profetisas e líderes políticas —, uma líder em particular abre um caminho luminoso para todas as futuras líderes do povo de Deus.

DÉBORA, A JUÍZA

"Débora, profetisa, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo. Ela atendia debaixo da palmeira de Débora, entre Ramá e Betel, na região montanhosa de Efraim; e os filhos de Israel subiam a ela a juízo."[441] Embora Miriã talvez tenha atuado como parte da equipe de liderança do povo de Deus (com Moisés como líder principal), Débora serviu por um tempo como a mais alta líder do povo de Deus: como um de seus juízes.

Quem eram os juízes? Nos muitos séculos entre a morte de Josué e a coroação de Saul como primeiro rei de Israel, os israelitas viviam como uma confederação frouxa de tribos que adoravam o SENHOR. Nesse período, um ciclo se repetia sem cessar: o povo de Deus caía primeiro em grave transigência moral e na adoração de falsos deuses; depois, tribos vizinhas os conquistavam militarmente e os oprimiam; então o povo de Deus clamava a Deus com remorso; e Deus levantava um juiz para "livrar Israel da mão de seus inimigos".[442] Embora esses

441. Juízes 4:4-5
442. Juízes 2:16, 18; 4:10, 14, 24; 5:1-31

juízes não fossem reis permanentes, dizia-se mesmo assim que eles "governavam" ou "dirigiam" o povo de Deus em sua região.[443]

O que torna Débora diferente dos outros cinco juízes principais do livro de Juízes é que ela é a única que também é profetisa e que exerce liderança judicial nas muitas disputas entre o povo de Deus. Os outros parecem especializar-se apenas na vitória militar, ao passo que Débora lidera o povo. Além disso, ela parece não ascender por uma "seleção divina pontual" (pense no chamado de Gideão por Deus). Pelo contrário: como não há menção de seu chamado inicial, ficamos a supor que seus excepcionais dons de liderança, profecia e sabedoria, dados por Deus, lhe abriram portas até o topo. Na verdade, ela tem mais em comum com Samuel, que, como ela, é profeta, juiz e conselheiro militar.

Ela era a mais alta autoridade judicial do país. Nada no texto sugere que Débora agisse de maneira puramente privada. Como mediadora de disputas públicas, ela, assim como Moisés antes dela, exercia uma função pública num âmbito público. Dando continuidade à função de juiz exercida por Moisés,[444] ela administra a justiça como único membro do mais alto tribunal de Israel. E, como Moisés,[445] assume o papel de juíza nacional, pois pessoas vêm a ela de todo o país para resolver suas disputas.

Como os outros juízes principais do livro de Juízes, Débora conduz o povo de Deus à vitória militar. Como Samuel, que designou Saul para marchar para a batalha sem ir ele mesmo,[446] Débora também planejava não marchar pessoalmente para a batalha. Em vez disso, ela ordena a Baraque que reúna o exército de Israel para derrotar os opressores.[447] Depois, ela dirige estrategicamente os planos da expedição militar: inclusive o tamanho do exército, a posição vantajosa que deveriam ocupar e o momento exato do ataque.

443. Daniel Block, em seu comentário sobre Juízes e Rute, escreve: "Rute 1:1 fala dos dias em que os juízes 'governavam' (ESV) ou 'dirigiam' (NIV). 'O hebraico shaphat, "julgar", significa "governar, administrar, exercer liderança".'" (p. 23)
444. Deuteronômio 17:8-13
445. Êxodo 18:13
446. 1 Samuel 10:1
447. Juízes 4:6

O inimigo que ela tem em vista é Jabim, que não oprime todo o Israel, apenas as tribos do Norte. Embora ela viva no Sul, sabe o suficiente sobre a base de poder de Jabim para incumbir Baraque, ele mesmo um homem do Norte, de derrotá-lo. Baraque admira tanto o brilho estratégico dela que lhe suplica que fique ao seu lado na linha de frente da batalha. Ele não lhe pede que pegue em armas, apenas que o aconselhe de um ponto com visão aberta da batalha, à medida que ela se desenrolar. Pronto para a batalha, Baraque é o comandante militar, enquanto ela atua como comandante suprema. Ela lhe assegura profeticamente a vitória e dá a ordem: "Vá!", e ele vai.[448] Maravilhosamente, Deus lhes dá uma vitória que leva a quarenta anos de paz.[449]

Logo depois de vencer a batalha, com Baraque como seu parceiro de dueto, ela ensina a todo o povo de Deus um cântico que compôs. Como Miriã, que um ou dois séculos antes louvara a Deus por libertar seu povo encurralado,[450] os dois cantam como Deus lhes deu a vitória. O cântico louva a Deus, mas também honra Débora como um dos agentes de Deus na vitória, juntamente com Baraque. Eles cantam que, "quando os [líderes] de Israel tomam a dianteira, quando o povo se oferece voluntariamente, [todos devem] bendizer o SENHOR".[451] Os líderes a que se referem são, ao que parece, eles mesmos — o cântico prossegue: "Os aldeões de Israel não queriam lutar; ficaram parados até que eu, Débora, me levantei, até que me levantei por mãe em Israel."[452] Ao ouvirmos a nação cantando junto, somos inspirados ainda hoje a honrar os líderes, inclusive mulheres, que lideraram bem.

Casada com Lapidote, ela não é uma mulher solteira que possa concentrar-se exclusivamente em seu serviço a Deus e à nação. Mesmo assim, notamos a ordem na Escritura: ela é primeiro profetisa e depois esposa. Mesmo numa cultura patriarcal, em que talvez fosse normal estar subordinada ao marido, nem

448. Juízes 4:14
449. Juízes 5:31
450. Êxodo 15
451. Juízes 5:1-2. O uso de "princes" ("príncipes") em vez de "leaders" ("líderes") na NIV exclui a própria Débora, embora ela seja apresentada como libertadora em seu próprio cântico, em 5:8. Penso que a ESV e a NLT captam melhor o sentido da palavra com "leaders" ("líderes").
452. Juízes 5:8

ela nem ninguém na história tem o menor escrúpulo quanto a ela exercer autoridade sobre homens.

Em seu cântico, ela é chamada de "mãe em Israel". Mas sua natureza materna não diminui sua liderança pública; antes, lhe dá sabor. Ao contrário da típica sede de glória de muitos líderes em tempo de guerra, Débora quer entregar a glória militar a outro. Ainda assim, nem mesmo esse ponto sobre sua maternidade deve ser exagerado — em sua busca da vitória militar para seu povo, a compaixão que se poderia esperar de uma mulher não aparece em seu cântico, quando ela zomba das mães de coração partido dos soldados inimigos tombados que não voltam para casa.[453]

Embora seja uma pessoa altamente competente em tudo, ela mesmo assim delega tarefas importantes a outros. Oferece a Baraque a missão de marchar sozinho para a batalha, talvez porque pense que, pela força física superior dos homens, lutar é trabalho de homem. Tendo a garantia da vitória por parte de Deus, ela quer dar a Baraque a honra de fazer isso sem ela. Mas Baraque prefere tê-la ao seu lado na batalha, e ela então o avisa de que agora ele acabará dividindo parte da glória da batalha, normalmente reservada aos homens, com "uma mulher" — uma referência profética tanto a ela mesma quanto a outra mulher, Jael, que matará o general de Jabim.[454]

Que história impressionante! Numa cultura que exalta os homens, eis uma mulher que é porta-voz de Deus e a quem generais e gente comum ouvem com prazer.

Os estudiosos complementaristas, decididos, ao que parece, a minar a autoridade legítima que Deus deu a Débora sobre homens, costumam fazê-lo

453. Juízes 5:28-30. Na verdade, no inquietante cântico de Débora, uma mãe sem filho fica sabendo, em seguida, que suas filhas talvez sejam logo levadas cativas.
454. Juízes 4:21. Assim como Baraque e Débora, ela também é honrada no cântico de Débora, em Juízes 5:24-26.

com três argumentos: afirmam que a liderança dela é privada e não pública;[455] que Deus escolhe Débora porque os homens da terra são passivos, e assim ele quer envergonhá-los;[456] e que Débora reconhece Baraque como o verdadeiro líder.[457] Nenhum desses argumentos se sustenta de fato. O que esta passagem faz é mostrar que uma mulher, por escolha de Deus, lidera o povo de Deus, inclusive os homens, tanto no espaço religioso quanto no civil. Com isso, ela abre caminho para mulheres piedosas e dotadas de hoje que talvez sejam chamadas a liderar em um ou em ambos os espaços.

Alguns estudiosos reconhecem apenas o papel civil dela. Grudem, sem reconhecer seu papel de comandante suprema, compara seu trabalho judicial ao de um conselheiro ou de um juiz civil de hoje. Outros estudiosos comentam apenas sua liderança espiritual. Matthew Henry, o comentarista puritano, nega o papel social dela, dizendo: "Ela julgava, não como princesa, por autoridade civil

455. Eles destacam que ela atua como árbitra judicial para pequenos grupos de pessoas que vêm à sua casa e que ela dá ordens a Baraque pessoalmente. Mas isso deixa de reconhecer que o papel dela é público, ainda que trate com indivíduos, e que ela dá uma ordem que leva 10 mil homens a pegar em armas. Ela também conduz uma comunidade muito maior num cântico de celebração, no qual todos cantam sobre a liderança que Deus lhe conferiu. A razão pela qual esses estudiosos apresentam esse argumento é que tentam conciliar a liderança de Débora sobre homens com sua interpretação equivocada de 1 Timóteo 2:12, segundo a qual, dizem eles, uma mulher não pode liderar homens em público. Essas distinções parecem forçadas e arbitrárias.

456. Mas não há nada na história que mostre homens recusando os papéis de profeta, autoridade judicial ou estrategista militar. A resistência de Baraque não se dirige a nenhum desses papéis — seu único nervosismo é conduzir a marcha para a batalha sem Débora, e por isso ele é culturalmente penalizado, tendo de dividir a glória da batalha com Débora e Jael. Se sabemos alguma coisa sobre a escolha de líderes por Deus, é que ele prefere escolher a pessoa improvável. Por exemplo, embora o primeiro juiz, Otniel, seja o juiz paradigmático, cada um dos três juízes que Deus escolhe depois mostra a preferência de Deus por surpresas. Eúde é "canhoto" — o que significa que ele consegue surpreender o combatente comum, treinado para lutar contra um guerreiro que geralmente é destro. Gideão é tímido e de um clã humilde. E, naturalmente, Débora é uma mulher, dificilmente a primeira pessoa de quem alguém esperaria uma vitória militar. Todo o povo de Deus dali em diante deveria estar inclinado a acolher as escolhas inesperadas de líderes feitas por Deus. Não deveríamos rejeitar mulheres líderes, assim como não rejeitaríamos líderes canhotos ou líderes tímidos de origem desfavorecida.

457. Grudem, em "Evangelical Feminism" (cap. 4), argumenta isso a partir do fato de que ela lhe diz para reunir as tropas, afirmando assim "a justeza da liderança masculina". Ele acrescenta que a repreensão dela à insistência de Baraque em que ela o acompanhasse na batalha prova o mesmo. Mas tudo isso é inferido. A explicação de que ela percebe, com razão, que conduzir um exército numa batalha física é mais adequado aos homens se encaixa muito melhor. Ela é mulher e, portanto, não é adequada a uma operação militar em que a força era decisiva. Ela não tem nenhuma aspiração de liderar fisicamente uma batalha e acredita que a batalha física é a glória dos homens. Claro que Baraque lidera, mas mesmo a liderança dele lhe é delegada por ela. A estratégia preferida dela (como a de Samuel) era ser a comandante suprema que instruía o comandante militar a travar a guerra. Mas ela continua sendo a líder pela supervisão. Ela não entregou sua liderança — instruiu um homem a executar a liderança que Deus lhe dera. Mesmo que se pudesse mostrar que ela reconhece Baraque como o verdadeiro líder (o que não se pode), seu papel como a mais alta autoridade judicial do país é evidente antes mesmo de conhecermos Baraque.

a ela conferida, mas como profetisa e como boca de Deus para eles, corrigindo abusos e reparando injustiças, sobretudo as que diziam respeito à adoração de Deus."[458] Tanto Grudem quanto Henry não percebem que ela exerce liderança religiosa *e* social (inclusive nos âmbitos político, judicial e militar) sobre o povo de Israel.

Esta história é um precedente poderoso. O que fica bem claro é que nem Deus nem os antigos hebreus consideravam a liderança feminina intrinsecamente abominável. Aqui temos uma mulher que lidera com competência uma comunidade inteira, inclusive seus homens mais fortes.

O que torna o ministério de Débora particularmente relevante para os contextos ministeriais modernos é que a escolha de juízes/libertadores por Deus é um dos melhores exemplos do Antigo Testamento do tipo de líderes que Deus pode usar hoje. Isso porque, em cada caso, Deus não está limitado a instituições presas à cultura, como a primogenitura masculina no caso dos patriarcas, ou a minuciosa lei mosaica para a instituição dos sacerdotes, ou a instituição geopolítica da realeza masculina, comum no antigo Oriente Próximo. Pelo contrário, a nomeação de cada juiz se baseia em chamados e dons concedidos pelo Espírito, e não na escolha mais popular ou provável da sociedade antiga. É maravilhoso que, dos seis principais libertadores do livro de Juízes, Débora seja possivelmente a mais realizada de todos — ela não é apenas a principal líder político-militar do país, mas também profetisa e a mais alta líder judicial.

Os estudiosos complementaristas que admitem isso afirmam, ainda assim, que ela é uma exceção que confirma a regra de que os homens devem liderar o povo de Deus. No entanto, nada no texto nos aponta nessa direção. Não, ela *não* é uma exceção que confirma a regra. *Pelo contrário, sua liderança excepcional prova que essa regra não existe, certamente não na mente de Deus.* Ela contraria o chamado "padrão" de autoridade governamental masculina que muitos estudiosos complementaristas afirmam existir na mente de Deus. A escolha de uma mulher por Deus para uma liderança tão significativa num mundo patriarcal é absolutamente notável. Ela funciona como um "novum" (algo novo e

458. Fonte: www.bit.ly/3bIr6am

inesperado numa história ou num texto) que leva os leitores originais do livro de Juízes (e a nós também) a questionar por completo nossos pressupostos sobre Deus, gênero e liderança. Para um leitor antigo do livro de Juízes, o culturalmente esperado era ler sobre um homem liderando, ao passo que o detalhe surpreendente era a própria "mensagem". Se deixarmos de ver o que eles viram neste relato sobre Débora e, por engano, colocarmos a liderança espiritual na mesma caixa que o gênero masculino, acabaremos simplesmente tentando colocar Deus numa caixa.

O Deus que se adapta

Deixando de lado Hulda, Miriã, Ester e Débora, a pergunta permanece: por que Deus escolhe principalmente homens como líderes no Antigo Testamento?

Os estudiosos complementaristas costumam enumerar anciãos homens, chefes de clã homens, patriarcas homens, reis homens e assim por diante no Antigo Testamento, como se Deus estivesse estabelecendo uma norma para todos os tempos de que somente homens devem liderar. Mas essa conclusão deixa escapar algo crucial sobre os processos redentores de Deus: Israel não inventou nenhum desses papéis de modo especial — todas as nações do antigo Oriente Próximo tinham anciãos homens, chefes de clã homens, patriarcas homens e reis homens. Não devemos supor que, ao permitir que Israel seguisse o mesmo caminho, Deus estivesse endossando isso como uma espécie de ideal universal. A extensão da Bíblia e o enorme período de tempo que ela abrange mostram que a redenção do mundo caído por Deus acontece *lentamente*. À medida que Deus se revela a comunidades redimidas e, por meio delas, a um mundo incrédulo, notamos que ele muitas vezes se acomoda a realidades culturais não ideais e, às vezes, francamente terríveis, ao mesmo tempo em que semeia nelas as sementes que levarão à sua redenção final.

O antigo Oriente Próximo era uma cultura tão fortemente patriarcal quanto o Oriente Médio é hoje. É por isso que os líderes de clãs e tribos no Antigo Testamento eram sempre homens, sem nenhuma menção de uma mulher à frente de uma tribo ou de um clã. O povo de Deus no Antigo Testamento é a família de Abraão, Isaque e Jacó. Quando Moisés procura distribuir autoridade

aos chefes de família e de tribo, ele escolhe 70 homens experientes, chamados "anciãos". Por falar em "anciãos", lembramos também que anciãos homens se sentavam às portas das cidades — mas veja: esse era o mecanismo de liderança padrão no mundo em geral; até o Egito tinha "anciãos", por exemplo.[459]

Mas a revelação e a ação de Deus dentro de uma prática cultural já existente de patriarcado não são um endosso universal dela, tanto quanto não o é, digamos, fazer surgir os doze patriarcas, os filhos de Jacó, *por meio da prática cultural da poligamia*. A poligamia é errada, sabemos, e no entanto Deus se acomodou a ela a tal ponto que as doze tribos de Israel têm como fundadores homens que têm o mesmo pai, mas mais de uma mãe. O mesmo acontece com a escravidão, como vimos no capítulo 9. O fato de Deus agir dentro de um povo para o qual a poligamia, a escravidão e o patriarcado eram a norma não significa que Deus idealize ou endosse qualquer dessas práticas. No longo processo em que Deus vai revelando progressivamente a si mesmo e seus propósitos redentores globais, ele aparentemente está disposto a tolerar coisas às quais, no fim, promete pôr fim.

Ainda assim, mesmo que Deus sempre tivesse escolhido apenas homens como líderes no Antigo Testamento (o que não foi o caso), não deveríamos supor que o padrão cultural geral deva ser transferido para a igreja de Jesus. Pelo seguinte motivo: o povo de Deus antes da vinda de Jesus era uma nação literal, mas depois de sua vinda e, em especial, depois da perseguição da primeira igreja em Jerusalém, assumiu uma nova forma. O plano de Deus, agora revelado, é que as igrejas existam não *como* uma nação, mas como uma comunidade orgânica *dentro* das nações do mundo inteiro. Não sendo mais um povo geopolítico, o povo de Deus hoje não tem necessidade de papéis antigos de liderança como reis, chefes de clã, sumos sacerdotes ou profetas nacionais. Na maior parte, o Novo Testamento enfatiza a descontinuidade entre a fé sob a Antiga e sob a Nova Aliança. Ao desconsiderar esse fato, os complementaristas constroem mais um argumento a partir do Antigo Testamento em favor da liderança masculina como a norma preferida de Deus.

Sacerdotes homens

459. Gênesis 50:7

Os três grandes ofícios do Antigo Testamento são o de profeta, o de sacerdote e o de rei. Embora conheçamos profetisas e rainhas poderosas usadas por Deus, o único ofício inegavelmente reservado aos homens, sem nenhuma exceção, era o de sacerdote.

Alguns estudiosos complementaristas fazem disso um prato cheio: "Se aceitarmos que há exceções em todos os papéis de liderança, exceto o de sacerdote no Antigo Testamento, então certamente existe um padrão: Deus abre às mulheres todo tipo de liderança, menos uma. Nesse sentido, os sacerdotes são a exceção no Antigo Testamento, e os presbíteros, no Novo Testamento."[460]

Muito recentemente, outros estudiosos reforçaram esse argumento com mais dois argumentos, cada um dos quais estabelece uma ligação específica entre os sacerdotes do Antigo Testamento e os presbíteros da igreja. Primeiro, eles apontam que os sacerdotes principais, Arão e Levi, recebem a ordem de ensinar ao povo a lei de Moisés[461] — o que corresponde em certa medida aos presbíteros, que devem ser "aptos para ensinar".[462] Segundo, eles destacam que os sacerdotes eram guardiões do santuário e de seus bens, o que é paralelo ao trabalho dos presbíteros hoje, que devem ser guardiões espirituais e morais da igreja.

Como responder a esses argumentos?

Embora os sacerdotes fossem homens, não devemos concluir que Deus estivesse endossando o patriarcado, sobretudo porque a Escritura não diz isso. Pode ter havido razões específicas, talvez impossíveis de conhecermos, para que somente homens fossem sacerdotes. Há três razões plausíveis para excluir as mulheres da administração do santuário. (Se eu tivesse de apostar em apenas uma delas, seria na primeira.)

Primeiro, a lei de Moisés considerava as mulheres menstruadas cerimonialmente impuras e, portanto, proibidas até de pôr os pés no templo durante um quarto de cada mês. Podemos sorrir disso hoje, mas no imaginário religioso dos antigos

460. Craig Blomberg, "Two Views of Women in Ministry"
461. Levítico 10:11, Malaquias 2:7
462. 1 Timóteo 3:2

israelitas isso tinha um peso enorme. Moisés ordenou: "A mulher, quando tiver o fluxo de sangue, se este for o fluxo costumado do seu corpo, estará sete dias na sua menstruação, e qualquer que a tocar será imundo até à tarde. … Também qualquer que tocar alguma coisa sobre a qual ela se tiver assentado lavará as suas vestes, banhar-se-á em água e será imundo até à tarde."[463] Isso teria tornado inadequado que mulheres fossem sacerdotes numa função ritual, a menos que as escalas fossem elaboradas em torno de seus ciclos menstruais variáveis, o que, naturalmente, é uma ideia absurda.[464]

Segundo, ter mulheres sacerdotes poderia ter provocado uma associação com as sacerdotisas das religiões pagãs, que combinavam prostituição com culto.[465] Terceiro, os sacerdotes precisavam ser fisicamente fortes. Eles precisavam defender fisicamente o templo e, se necessário, executar quem entrasse nele ilegalmente;[466] o dia inteiro cortavam e carregavam animais; e, nos primeiros 300 a 400 anos de existência do santuário, os sacerdotes tinham de desmontar e carregar repetidamente o santuário inteiro e todos os seus utensílios de um lugar para outro. Nesse sentido, excluir as mulheres do sacerdócio no templo era uma limitação tão natural quanto excluí-las do exército de Israel.

Mas há algo ainda mais básico a dizer sobre a tentativa de usar a masculinidade dos sacerdotes como precedente. Foi a lei cerimonial de Moisés que determinou que os sacerdotes fossem homens. Como o próprio Jesus observou,[467] as leis de Moisés não prescreviam uma sociedade ideal; eram, antes, concessões feitas numa sociedade imperfeita. O fato de somente homens serem sacerdotes (e somente de uma tribo, convém notar) não tem, portanto, nenhum peso na questão que temos sobre a liderança na igreja hoje. Era uma regra para outra cultura e outra aliança. Como crentes da Nova Aliança, não estamos debaixo da lei de Moisés. Tornar-se sacerdote nada tinha a ver com os dons ou a piedade de

463. Levítico 15:19, 22

464. Felizmente, Jesus veio pôr fim a esses códigos de pureza: considere os milagres consecutivos da ressurreição da filha de Jairo e da cura da mulher com hemorragia, nos quais, segundo a lei de Moisés, Jesus se tornou impuro pelo contato com elas. Em ambos os casos, Jesus torna puro o que é impuro.

465. O que Deuteronômio 23:17 proíbe — Deus proibiu repetidamente Israel de dar a impressão de seguir as práticas imorais das nações vizinhas.

466. Números 18:7

467. Mateus 19:8

alguém, mas apenas com ter nascido homem na tribo de Levi e com a sorte de não ter defeitos físicos; por isso, esse ofício não é um precursor da liderança espiritual.

Tudo isso para dizer que a suposta ligação entre o sacerdote do Antigo Testamento e o pastor do Novo Testamento é muito frágil. Defender fisicamente uma propriedade é muito diferente de guardar espiritual e moralmente um povo:[468] o primeiro tem a ver com força física, algo presente nos homens, ao passo que o segundo tem a ver com maturidade espiritual e profundidade doutrinária, algo que não se limita aos homens. E, sim, os sacerdotes, como os pastores de hoje, ensinavam a palavra de Deus no Antigo Testamento, mas os profetas, os monarcas e os pais — papéis que incluíam mulheres — também eram responsáveis por ensiná-la.[469]

Mais importante ainda: segundo Pedro e o autor de Hebreus, os sacerdotes não eram de modo algum precursores dos pastores, mas de Jesus, o sacerdote perfeito que oferece a si mesmo como o sacrifício perfeito,[470] e de todos os crentes, *tanto homens quanto mulheres*, que são "sacerdócio santo, a fim de oferecerem sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo".[471] O Novo Testamento em parte alguma liga diretamente os pastores aos sacerdotes. Na verdade, uma das grandes descobertas da Reforma foi que os sacerdotes do Antigo Testamento não correspondem de modo algum ao clero da igreja, mas a todos os crentes. Estaríamos tentando desfazer uma pedra angular da Reforma?

468. Recentemente, um teólogo complementarista tentou reforçar esse argumento acrescentando-lhe a função de Adão como guardião do jardim. Ele aponta que o homem Adão devia ser o sacerdote e guarda do jardim-templo, que sacerdotes homens deviam guardar o templo físico e que, portanto, presbíteros homens devem guardar a igreja-templo. Embora, teologicamente, haja uma ligação entre o jardim-templo, o templo físico e a igreja-templo (são os lugares onde Deus habita), o suposto padrão falha de três maneiras. Primeiro, Deus dá Eva a Adão como auxiliadora forte para ser sua parceira no cuidado do jardim-templo (Gênesis 2:18), de modo que a masculinidade de Adão é irrelevante. Segundo, segundo o Novo Testamento, Adão não é precursor dos pastores da igreja, mas de Jesus, o último Adão (1 Coríntios 15:45), e também de todas as pessoas em Cristo, homens e mulheres, que devem servir como sacerdotes na casa de Deus (1 Pedro 2:5). Terceiro, Adão está acima do jardim que guarda e não faz parte dele, assim como os sacerdotes em relação ao templo, ao passo que os pastores não estão acima da igreja-templo, mas fazem parte dela.
469. Além disso, as referências ao ensino de Levi e de Arão (e não de todo o sacerdócio) não significam que todo sacerdote fosse mestre.
470. Hebreus 8-10
471. 1 Pedro 2:5

De volta ao ponto principal deste capítulo: esses exemplos admiráveis de mulheres que lideraram homens, agindo como suas *ezer kenegdos*, ou parceiras fortes, apesar do domínio masculino que era a norma no antigo Oriente Próximo, funcionam como lampejos antecipados de um dia em que as mulheres estarão ao lado dos homens em plena parceria na obra de Deus. A profecia de Joel sobre homens *e mulheres*, filhos *e filhas* atuando no pleno poder do Espírito[472] expressa lindamente essa expectativa de um futuro e maior levantar de mulheres para assumir os mantos da liderança e da pregação. Isso não deveria nos surpreender: não há nada no Antigo Testamento que enfraqueça a possibilidade de Deus escolher mulheres para funções poderosas de liderança e de ensino na sociedade e na igreja. Na verdade, os muitos exemplos de mulheres escolhidas por Deus no antigo passado patriarcal deveriam nos fazer esperar que, em sua futura escolha de líderes, ele continuaria não fazendo acepção de pessoas, e isso inclui se os cromossomos delas são XX ou XY.[473]

Por fim, a maldição será totalmente revertida: Adão não governará mais sobre Eva, mas eles governarão lado a lado, o que, se quisermos ser fiéis ao ensino do Antigo Testamento, é o ideal de Deus claramente expresso em seu primeiríssimo capítulo.

472. Joel 2:28-29

473. Ou quaisquer outras variações que a ciência venha a comprovar em pessoas intersexo.



11

Mulheres poderosas nos Evangelhos

"Todos os Evangelhos mostram que foram as discípulas de Jesus as primeiras pessoas a proclamar a mensagem da ressurreição de Jesus, central para o evangelho na igreja primitiva." David Scholer[474]

Felizmente, os estudiosos complementaristas reconhecem que Jesus elevou as mulheres. Afinal, essa parte do ministério de Jesus apoia o princípio complementarista de que as mulheres foram criadas com igual dignidade e valor que os homens. No entanto, *esses estudiosos tendem depois a ignorar ou minimizar o modo como Jesus, nos Evangelhos, não apenas revela o valor das mulheres, mas também liberta o ministério das mulheres.* Isso é um erro. O cristianismo é, em essência, aprender a ver todas as coisas, inclusive as mulheres e o ministério, como Jesus as vê.

A parte do ministério de Jesus que todo complementarista tem pressa em apontar é o fato de Jesus ter escolhido apenas apóstolos homens. Com bastante frequência, isso parece ser tudo o que eles notam sobre a visão de Jesus quanto ao ministério feminino nos Evangelhos. Concluem que Jesus quer que as mulheres ministrem, *mas não que liderem*. No fim deste capítulo, demonstrarei o erro de tratar os *Doze* de Jesus como uma espécie de modelo para toda a liderança futura de sua igreja. Mas, na maior parte deste capítulo, refutarei a própria ideia de que Jesus tenha endossado a ideia de funções ministeriais exclusivamente masculinas. Embora os Evangelhos tratem principalmente do ministério de Jesus, é bastante notável quanto espaço os evangelistas dedicam ao

474. www.fuller.edu/womeninministry/

modo como Jesus liberou mulheres para o ministério, colocando-as em primeiro plano na obra de Deus *sem a menor preocupação de mantê-las em qualquer tipo de "esfera" própria de seu gênero.* Neste capítulo, examinaremos algumas das mulheres que Jesus empregou como agentes de alta potência de seu reino. Comecemos pela mais importante.

Quem é a primeira pessoa na história a ouvir o nome *Jesus*? A ouvir e crer que ele é o Filho de Deus que vem salvar o mundo e que inaugurará um reino em que os menores se tornarão os maiores? Quem é a primeira na era do Novo Testamento a receber a mensagem que Deus envia e a ter o Espírito de Deus descendo sobre si com poder? Quem é a primeira a pregar (bem, na verdade, a cantar) um sermão sobre Jesus e seu reino de graça de pernas para o ar? E a primeira a sofrer, mais precisamente a ser perseguida, por sua fé no Filho de Deus? Mais uma pista: ela é também a primeira a ter Jesus vindo morar dentro de si.

Claro, estou falando de Maria, a mãe de nosso Senhor.

Maria, a mãe

Embora fosse uma adolescente de baixa posição social numa terra perigosa e ocupada, o cântico de Maria proclama quanto ela é bem-aventurada, pois Deus "derribou dos seus tronos os poderosos e exaltou os humildes".[475] Ao confiar em Deus e obedecer a ele (e não a um homem ou a uma norma cultural), ele lhe confere um valor que nenhum homem e nenhuma cultura jamais poderão tirar dela.

Agostinho reflete sobre o significado teológico de Maria dar à luz o Filho de Deus: "O Senhor Jesus Cristo, tendo vindo para libertar os seres humanos, tanto homens quanto mulheres destinados à salvação, não se envergonhou da natureza masculina, pois a assumiu; nem da natureza feminina, pois nasceu de uma mulher."[476] Lucy Peppiatt comenta a citação de Agostinho: "Quando Deus escolheu vir à terra, escolheu o escondimento do ventre de uma mulher.

475. Lucas 1:52

476. Citado em Thomas Oden, Classic Christianity: A Systematic Theology, p. 266

Quando Deus escolheu assumir carne, escolheu tomar essa carne de uma mulher. … Por meio de um homem, Deus se revela a nós, e por meio de uma mulher, Deus estabelece a ligação com a humanidade."[477]

Muito depois de Jesus se tornar adulto, Maria continua ativa no ministério a ele e na disposição de sofrer por ele: "Quem mais vai bater de frente com Jesus para lhe informar que o vinho acabou ou que ele vai se meter em encrenca se continuar ofendendo os líderes religiosos? Quem mais tem a alma traspassada ao ver o guarda traspassar o lado de seu Filho naquela horrível primeira Sexta-feira Santa — em cumprimento de uma profecia feita a ela quando Jesus era apenas um bebê envolto em segurança em panos?"[478]

Quem, depois de Jesus, fez mais pelo reino de Deus? Minha resposta não é Abraão, nem Moisés, nem Davi, nem Paulo. Sem sombra de dúvida, é Maria. Duvido que tenha havido na história humana um ministério maior do que carregar o Messias no ventre e mantê-lo vivo o tempo suficiente para que ele se firmasse sobre os próprios pés.

Não só o seu filho, ela também é formidável: tendemos a pensar em sua humildade e vulnerabilidade, mas esquecemos que ela é uma força tão digna de respeito que João, o filho substituto a cujos cuidados Jesus a confia, a retrata profeticamente sobrevivendo a um combate com um dragão vermelho demoníaco enquanto dá à luz.[479]

Ana, a profetisa

"Havia também uma profetisa, Ana, [que] não deixava o templo, mas adorava noite e dia em jejuns e orações. Chegando-se a Maria, José e o menino naquela mesma hora, ela dava graças a Deus."[480]

Ana é a primeira pessoa a ser chamada de profetisa na era do Novo Testamento. Na verdade, não temos nenhum registro bíblico de um profeta proclamando a

477. Lucy Peppiatt, Rediscovering Scripture's Vision for Women, cap. 2.
478. Lucy Peppiatt, Rediscovering Scripture's Vision for Women, cap. 2.
479. Apocalipse 12:1-6
480. Lucas 2:36-37

palavra de Deus em todo o meio milênio que precede esse momento santo. Tendo perdido o marido depois de apenas sete anos de casamento, ela passa o resto da vida no templo. Com o passar dos anos, sua dor pelo companheiro falecido dá lugar ao anseio pelo Salvador do mundo. Um dia, quando Maria e José chegam ao templo para apresentar o bebê, ela recebe olhos para vê-lo, para vê-lo de verdade. A espera finalmente acabou. Todas as suas decepções dão lugar ao louvor que irrompe instantaneamente dela, e ela cumpre seu ministério falando "a respeito do menino a todos os que [esperavam] a redenção de Jerusalém".[481]

Nos átrios do templo, maravilhosamente alheia a qualquer ensino complementarista sobre não estar autorizada a ensinar homens crentes num lugar religioso e público, ela lembra mulheres e homens de fé das promessas proféticas da Escritura. Anuncia-lhes as boas-novas do menino que será o rei salvador — e tudo isso sem um marido que a "cubra" ou fique ao seu lado.

A mulher junto ao poço

Se você perguntar a qualquer leitor da Bíblia quem foi o primeiro cristão a proclamar Jesus como Messias a uma grande multidão, com grande sucesso evangelístico, ele provavelmente dirá que foi Pedro, no dia de Pentecostes. Mas houve alguém que se antecipou a ele por uma questão de anos.

No capítulo 5, falei de Jesus travando uma conversa teológica a sós, a mais longa que temos registrada, com a mulher samaritana. Quero destacar aqui que ela não apenas passa a crer que ele é o Messias; *ela também se torna a primeira evangelista a liderar uma espécie de avivamento público*.

É uma reviravolta notável numa vida. Quando Jesus se apresenta a ela pedindo água, ela é apenas mais uma alma sedenta. Ela está também no último degrau da escala social de sua cidade. Normalmente, as mulheres iam ao poço de manhã cedo e junto com outras mulheres, mas ali está ela — sozinha e no calor do dia

481. Lucas 2:38

—, sinal de seu estigma aos olhos das outras mulheres, que provavelmente falavam mal dela por entrar e sair de relacionamentos com homens demais.

Jesus, porém, conversa com ela. Dialoga teologicamente com ela. No processo, ela vai experimentando gradualmente a autorrevelação dele, ao mesmo tempo em que se revela a ele. Quando Jesus leva a conversa ao clímax dizendo: "Eu sou o Messias", ela toma um gole purificador de Água Viva, larga o velho balde e volta correndo para a cidade para oferecer aos outros a mesma água que ela acabara de receber. Lemos: "[D]eixando o seu cântaro, a mulher foi à cidade e disse ao povo: 'Vinde comigo e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Será este, porventura, o Messias?' Saíram, pois, da cidade e vieram ter com ele."[482]

O resultado é que "[m]uitos … creram nele, em virtude do testemunho da mulher". Depois de se encontrarem pessoalmente com Jesus, disseram à mulher: "Já agora não é pelo que disseste que nós cremos; mas porque nós mesmos temos ouvido e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo."[483] Ela não é apenas a primeira pessoa na história a ouvir as palavras "Eu sou o Messias"; é também a primeira, depois de Ana, a divulgar essa descoberta a quem quisesse ouvi-la, fossem homens ou mulheres! A escolha de Jesus e a honra que ele lhe dá significam que sua identidade de marginalizada dá lugar à alta posição de ser arauto de Jesus.

Os estudiosos que minimizam o ministério evangelístico dela — "ela apenas compartilhou seu testemunho" — deixam de lado os fatos: ela foi e encontrou pessoas; usou palavras para direcionar as pessoas a Jesus; e o anunciou como o Messias, com o resultado de que elas vieram a crer em Jesus. Jesus chega a usar o exemplo dela, em tempo real, num breve ensino sobre evangelismo a seus discípulos. Depois de comparar as multidões a um campo maduro para a colheita, ele se refere a ela dizendo: "*Já agora* o ceifeiro … recolhe fruto para a vida eterna."[484] Seu sermão termina quando a evangelista sobe a colina em direção a Jesus com seus novos amigos atrás dela. Os discípulos podem ter

482. João 4:28-30
483. João 4:39-42
484. João 4:36

ficado antes "admirados de que estivesse falando com uma mulher"[485] (v. 27), mas quanto mais admirados devem ter ficado ao ver o ministério evangelístico dela lançado imediatamente, de um modo que superava o de qualquer um deles naquele momento.

Marta, a testemunha

Quando ouvimos o nome "Marta", muitos de nós lembramos como ela erra numa ocasião, quando Jesus a repreende por perder a oportunidade de ser ensinada por ele, preferindo ser sua ajudante doméstica a ser sua discípula. Seu erro foi preparar para ele uma refeição física que ele nunca pediu, enquanto ele serve uma refeição espiritual à irmã dela.

No entanto, poucos de nós costumam lembrar como ela acerta de modo impressionante em outra ocasião e é usada por Deus para ensinar qualquer pessoa que hoje tenha uma Bíblia. O Evangelho de João, mais do que os outros relatos sobre Jesus, retrata as interações pessoais de Jesus de tal modo que cada pessoa percebe algo decisivo sobre ele — desvendando essa revelação também para nós, leitores. Por exemplo, a descoberta de Jesus como o Messias pela mulher junto ao poço é agora, por meio do Evangelho de João, proclamada a pessoas e lugares muito além de seus conterrâneos do primeiro século. Ela não é, porém, a única testemunha feminina de Jesus a quem João dá destaque em seu escrito: Marta também testemunha algo crucial sobre Jesus.

Uma observação rápida antes de chegarmos a ela: a maioria dos leitores da Bíblia conhece a importância dessas declarações de testemunho nos Evangelhos. A mais famosa é quando Jesus pergunta a seus discípulos: "Mas vós, quem dizeis que eu sou?", e Pedro responde: "Tu és o Cristo."[486] Na verdade, a declaração de Pedro funciona como uma dobradiça que une a primeira metade do Evangelho de Marcos (sobre quem Jesus é) à segunda (sobre o compromisso de Jesus de morrer na cruz por nós). Mais ainda: a declaração de Pedro é a rocha da revelação sobre a qual a igreja será edificada.

485. João 4:27
486. Marcos 8:29

O que poucos percebem é que João aproveita a declaração de testemunho de Marta sobre Jesus da mesma maneira que Marcos aproveita a de Pedro. Em João 11, lemos como Jesus chega e encontra Marta chorando pelo irmão recém-falecido. Jesus lhe diz (e este é o único lugar nos Evangelhos em que temos algo assim): "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá … Crês isto?"

"Sim, Senhor", responde ela (e aqui vem sua declaração), "*eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo*."[487] João registra as palavras dela para a posteridade — e, assim, o que ela vê em Jesus e diz sobre ele se torna um alicerce sobre o qual milhões de leitores do Evangelho de João podem construir sua vida e seu destino eterno.

O círculo íntimo de mulheres de Jesus

Os Evangelhos citam pelo nome 23 pessoas no círculo íntimo de discípulos de Jesus. Há os Doze, José Justo, Lázaro, Nicodemos e José de Arimateia. O que poucos percebem é que os outros sete discípulos citados pelo nome são todos mulheres: Maria, sua mãe, Maria Madalena, a "outra" Maria, Maria de Betânia, Joana, Suzana e Salomé. Veja, por exemplo, esta passagem:

Jesus andava de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus. Os Doze iam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios; Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes; Suzana; e muitas outras. Essas mulheres lhes prestavam assistência com os seus bens.[488]

Esta passagem sugere que Jesus tinha um círculo íntimo mais amplo do que apenas os Doze, do qual muitas eram mulheres. Tendo experimentado o toque libertador de Jesus, essas mulheres galileias se juntavam de tempos em tempos a Jesus e aos Doze, fazendo a árdua viagem até Jerusalém.

487. João 11:25-27
488. Lucas 8:1-3

Jesus escolheu essas mulheres como suas discípulas, como companheiras na missão e como patronas que financiavam a missão com seus recursos pessoais. Na cultura antiga, receber patrocínio era colocar-se numa posição de dependência e de dívida. Sendo assim, essas mulheres devem ter sido altamente honradas por Jesus.

Em Lucas 10, lemos que "o Senhor designou outros setenta e dois e os enviou de dois em dois adiante de si a cada cidade e lugar aonde ele estava para ir". Observe que Jesus não reuniu simplesmente as pessoas que estavam ao alcance de sua voz, mas selecionou especialmente e depois preparou essa equipe missionária. É bem possível que muitas, se não todas, das mulheres de seu círculo íntimo estivessem entre os 36 pares que Jesus enviou nessa ofensiva missionária pela terra natal judaica.[489] Assim, essas mulheres — em obediência às instruções de Jesus — teriam anunciado a presença do reino de Deus a casas e aldeias receptivas; denunciado corajosamente os que rejeitavam o convite e o reinado de Jesus; e demonstrado seu poder real expulsando demônios.

Ainda assim, alguns estudiosos argumentam que a equipe avançada dos 72 era toda masculina, partindo da premissa de que a palavra "outros" (grego: *heterous*) está no masculino. Mas isso não compreende o modo como os comunicadores antigos, em línguas centradas no masculino, usam rotineiramente a forma masculina de uma palavra para descrever grupos mistos. (A mesma palavra, por exemplo, também é usada para todos "os coxos, os cegos, os aleijados, os mudos e muitos outros [*heterous*]"[490] que foram postos aos pés de Jesus para serem curados — e sem dúvida muitos dos pacientes do Curador eram mulheres.)

Mais tarde, muitas dessas mulheres do círculo íntimo de Jesus se tornariam as principais testemunhas; seriam os últimos de seus discípulos a deixar a cruz

489. É improvável que Jesus tenha encontrado outro grupo de 72 discípulos mais dedicados que não incluísse a maior parte ou a totalidade dos discípulos citados pelo nome nos Evangelhos. A razão pela qual não sou mais categórico quanto à inclusão dessas mulheres, porém, é que talvez, para Jesus, que muitas vezes era estratégico em sua abordagem da missão, um Israel altamente patriarcal estivesse mais propenso a receber o ministério público de homens.
490. Mateus 15:30

naquela sexta-feira trágica; e também as primeiras a chegar ao seu túmulo no domingo de Páscoa. Uma dessas mulheres é honrada acima das outras.

Maria Madalena

Você provavelmente já percebeu a esta altura que, no centro do evangelho cristão, está a afirmação de que Jesus, segundo os fatos da história, foi crucificado, sepultado e ressuscitado dentre os mortos. Se temos alguma dúvida sobre esses acontecimentos históricos, então temos dúvidas sobre o próprio cristianismo.

Felizmente, Jesus cuidou para que cada um desses acontecimentos marcantes da história — sua morte, seu sepultamento e sua ressurreição — fosse presenciado por muitas pessoas. *O que talvez surpreenda, porém, é que ele escolheu principalmente mulheres como essas testemunhas! Na verdade, somente Maria Madalena e suas amigas testemunharam todos os três acontecimentos.* Elas foram as últimas a ficar junto à cruz, permanecendo ali muito depois de os discípulos homens terem fugido.[491] Algumas delas até ajudaram a sepultá-lo.[492] E estavam no túmulo ao raiar do dia no domingo — lemos que "[o] anjo disse às mulheres: 'Não temais; porque sei que buscais Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou … [I]de depressa e dizei aos seus discípulos: 'Ele ressuscitou dos mortos.'"[493] Pense no que isso significa: nenhum apóstolo homem viu o corpo de Jesus entrar no túmulo *e*, também, três dias depois, o encontrou vazio. Em vez disso, Deus confia a Maria e às suas amigas a tarefa de testemunhar todos esses acontecimentos e transmitir o que tinham visto. Na verdade, durante boa parte daquele primeiro domingo de Páscoa, essas mulheres foram *as únicas portadoras, em todo o planeta Terra, da mensagem da ressurreição*. Pense nisso — nessa etapa decisiva do desenrolar da maior história do Universo, toda a validade da fé cristã repousa nas mãos dessas poucas mulheres. Isso é que é Deus confiar nas mulheres!

491. Mateus 27:55-56; Marcos 15:40-41
492. Mateus 27:57-61; Marcos 15:42-47; Lucas 23:50-56
493. Mateus 28:5-6

Dentre essas mulheres, Jesus concedeu a Maria Madalena o primeiro encontro real consigo mesmo como o Senhor ressurreto: "Supondo ser ele o jardineiro, ela disse: 'Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei.'" Quando Jesus então a chama pelo nome, ela se volta para ele e exclama em aramaico: "Raboni!" (que quer dizer Mestre). Então Maria vai aos discípulos com a notícia espantosa: "Vi o Senhor!"[494]

Temos de perguntar: por que Jesus escolheu mulheres, embora soubesse que o testemunho de uma mulher era menos digno de crédito, se não descartado de imediato?[495] E por que faria isso sabendo que provavelmente nem os discípulos homens acreditariam nelas? Aliás, foi o que aconteceu — Lucas conta que "não acreditaram nas mulheres, porque as palavras delas lhes pareciam um delírio".[496] Claro que, quando mais tarde naquele dia os homens se encontram pessoalmente com Jesus, percebem quanto foi tolo duvidar da mensagem das mulheres. O fato de Jesus mais tarde lhes esfregar no nariz a falha de não terem ouvido suas irmãs[497] torna indubitável a lição que ele está tentando ensinar a nós, homens, logo no lançamento da igreja no mundo: *aprendam a aceitar a palavra de Deus na boca de suas irmãs*. O fato de Jesus costurar essa percepção crucial no dia mais importante da história, e de os autores dos Evangelhos a registrarem, significa que ela é uma lição prioritária que nós, as comunidades posteriores de seguidores de Cristo, jamais devemos esquecer.

Sobre esse tema, qual é a primeira palavra que sai da boca do Senhor ressurreto?

É: "Mulher …"

Não deixe isso passar. O Evangelho de João nos diz que Jesus ressuscitou no "primeiro dia", uma referência à nova criação. Jesus reencena a história de Adão, que desperta de seu sono profundo no jardim e encontra imediatamente Eva, com quem se alegra e a quem chama de "mulher" e, mais tarde, de "Eva … mãe de todos os viventes". E assim Maria Madalena, nesse momento de *déjà vu*,

494. João 20:15-18
495. Por exemplo, a lei rabínica judaica sustentava que o testemunho de cem mulheres não equivale ao de um único homem.
496. Lucas 24:11
497. Marcos 16:14

representa todas as mulheres da era da nova criação, que devem ser celebradas como mensageiras, trazendo vida a todos a quem anunciam que Jesus está vivo.

Eva pode ter falhado no jardim da primeira criação, quando levou a Adão a mensagem escravizadora de Satanás. *Mas no jardim do túmulo vazio e da nova criação, a maldição é revertida — a filha de Eva agora leva aos filhos de Adão a mensagem libertadora de Deus.* E, assim, um mundo totalmente novo irrompe no meio deste mundo velho e quebrado — trazendo consigo a gloriosa possibilidade de mulheres ombro a ombro com os homens na linha de frente da missão de Deus. O Jesus ressurreto não apenas dá às mulheres o primeiro ministério decisivo na nova época da realidade da ressurreição; ele as honra com um novo nível de igualdade e de impacto ministerial potencial. "A elevação das mulheres a um papel ministerial é um sinal da irrupção do reino, demonstrando que a velha ordem cessou e que um novo conjunto de relações começou."[498]

Maria também desempenha uma espécie de papel apostólico. Nos primeiros capítulos do livro de Atos, o ministério de ser "testemunha da ressurreição" tornou-se uma forma de designar os apóstolos.[499] Apóstolos eram aqueles que tinham encontrado o Jesus ressurreto e eram enviados por ele para contar aos outros as boas-novas. É por isso que os Pais da Igreja chamavam carinhosamente Maria Madalena de "a apóstola dos apóstolos". N. T. Wright concorda: "Se um apóstolo é uma testemunha [enviada] da ressurreição, houve mulheres que mereceram esse título antes de qualquer um dos homens."[500] Para deixar claro: ela não faz parte, em sentido estrito, dos Doze, mas parece, pelo menos naquele momento, fazer parte de um círculo mais amplo de "enviados" que são testemunhas da ressurreição de Jesus (é isso que significa apóstolo).

Concluímos: desde o dia em que a nova criação raiou com a vinda de Jesus, é evidente que o desejo de Deus é que não apenas homens, mas também mulheres proclamem a verdade sobre Jesus. Não apenas aos incrédulos, nem apenas em particular, nem apenas a mulheres, mas também (ao contrário do

498. Grant Osborne, Women in Jesus' Ministry, p. 289-90.
499. Atos 1:22; 2:32
500. www.bit.ly/3k5tah6

ensino complementarista) a todos que têm ouvidos para ouvir — a mulheres *e homens*, incrédulos *e crentes*, em particular *e em público*.

Por que só apóstolos homens?

Outra justificativa que os estudiosos complementaristas oferecem para excluir as mulheres das equipes de liderança principal das igrejas contemporâneas é que Jesus, embora honrasse o papel das mulheres na obra de Deus, as excluiu ao escolher seus doze apóstolos. Para ser justo, nem todos os complementaristas dão tanto peso a isso: "Não argumentaríamos que, simplesmente porque Jesus escolheu Doze homens para serem seus apóstolos, Jesus deve ter sido a favor de um presbitério composto apenas de homens na igreja",[501] escrevem Piper e Grudem. Ainda assim, muitos o usam como um argumento de peso. Aqueles que li e que defendem essa tese usam mais ou menos o mesmo raciocínio básico, que tentarei, com respeito, reduzir à sua essência:

Há duas razões possíveis pelas quais Jesus pode ter escolhido apenas homens como apóstolos, que mais tarde liderariam a igreja de Jerusalém. A primeira é que ele estava mantendo as convenções sociais numa cultura patriarcal. A alternativa é que ele estava modelando para a igreja futura o princípio da liderança exclusivamente masculina do povo de Deus. Sabemos que Jesus não tinha problema algum em derrubar convenções sociais (pense em sua conversa a sós com uma mulher ou em seu ministério no sábado), o que significa que deve ser a segunda razão. Portanto, seguindo a prática de Jesus, somente homens devem servir nas equipes de liderança pastoral das igrejas.

À primeira leitura, a argumentação parece convincente. Mas, examinada mais de perto, ela se desfaz em pó.

Para começar, podemos perguntar por que os estudiosos complementaristas se concentram apenas na masculinidade dos apóstolos. Podemos realmente dizer que o padrão de Jesus para os apóstolos deve determinar o padrão de cada igreja local para o tipo de pastores ou presbíteros que ela escolhe? Jesus

501. Recovering Biblical Manhood and Womanhood, p. 62

escolheu doze. Todas as igrejas devem ter doze? Ele escolheu judeus, não gentios; todas as igrejas devem seguir o exemplo? Jesus escolheu homens livres, não escravos; devemos recusar papéis de liderança aos pobres? Eles eram jovens; o que as igrejas devem fazer a esse respeito, já que aqui esbarramos num problema: a palavra "presbítero" significa *pessoa idosa*? A questão que essas perguntas levantam é que, se tomarmos a escolha de doze homens judeus por Jesus como um modelo literal para todas as escolhas posteriores de pastores ou presbíteros, teremos de concluir também que Jesus não só tem um viés de gênero, mas também um viés étnico (judeus, não gentios) e de classe (livres, não escravos). O mais provável é que sua escolha de doze pessoas tenha servido a um propósito e a um momento específicos da história da redenção.

A principal fraqueza do argumento complementarista é que *não* há apenas duas razões pelas quais Jesus teria escolhido homens — há, na verdade, uma razão simbólica muito clara e, possivelmente, também algumas razões estratégicas para excluir as mulheres dos Doze.

Considere primeiro a razão simbólica. Jesus usava com habilidade ações simbólicas para cumprir imagens e promessas do Antigo Testamento sobre o Messias vindouro. Por exemplo, Jesus sobe a um monte para ensinar seus seguidores e dá pão à multidão. Com isso, mostra ser o verdadeiro Moisés, que recebe a lei num monte e leva o povo de Deus a receber pão do céu. Quando Jesus entra montado num jumento na capital, cumpre a profecia de Zacarias sobre o Messias humilde que vem, sem chamar atenção, para destruir seus inimigos orgulhosos. Quando derruba as mesas no templo, comunica em forma de imagem como Deus ameaça purificar a corrupção do culto de Israel. E o momento e o lugar de sua morte também são ricamente simbólicos — ele poderia ter sido crucificado em qualquer dia e em qualquer lugar, mas morre durante a Páscoa, na mesma cidade onde milhares de cordeiros estão sendo sacrificados para comemorar o resgate anterior de seu povo por Deus da tirania e da escravidão.

Agora, o meu ponto: *a escolha de doze homens judeus por Jesus é talvez a mais marcante de todas as suas ações simbólicas*, uma que os versados nas Escrituras Hebraicas

teriam reconhecido, ainda que nós, modernos, não a percebamos. Ao escolher doze homens judeus livres, ele demonstra aos judeus da época que está reconstituindo, sob sua liderança, o povo de Deus fragmentado e caído. Segundo a explicação explícita de Jesus,[502] eles simbolizam o novo Israel, ou as doze tribos de Israel e, especificamente, os doze filhos de Jacó, dos quais descende a nação inteira. Também não é coincidência que Jesus declare o papel dos Doze como juízes de Israel durante sua última refeição[503] — um acontecimento carregado de símbolos como nenhum outro.

Tudo isso para dizer que o que Jesus queria que Israel percebesse era que *sua pequena equipe de doze discípulos judeus homens era a vanguarda do povo de Deus em sua fase messiânica*. Sua escolha de apóstolos *homens* corresponde à sua escolha de que fossem *doze* e também de que fossem *judeus* e *livres*.[504] Ele não está dizendo absolutamente nada sobre qualquer equipe de liderança que mais tarde venha a liderar qualquer igreja local que surja. Na verdade, na única referência de Jesus à igreja local, ele destaca a autoridade espiritual investida na comunidade inteira, e não apenas em alguns líderes.[505]

De nossa perspectiva posterior, talvez preferíssemos que Jesus tivesse diversificado um pouco mais sua equipe, mas temos de aceitar que o significado simbólico não era tanto para os gentios (como a maioria de nós, que mais tarde seríamos alcançados no resto do mundo), mas para o campo missionário original de Jesus — os judeus, cuja cosmovisão era inteiramente moldada pela Bíblia Hebraica. Talvez preferíssemos que Jesus tivesse chamado seis homens e

502. Em Mateus 19:28 e Lucas 22:30

503. Lucas 22:14-30

504. Michael Bird, em "Evangelical Theology", explica o significado das pessoas que Jesus tinha inicialmente em vista em sua missão — os judeus em Israel: "O número 12 simbolizava as 12 tribos de Israel. No entanto, todos em Israel sabiam que a liga tribal judaica havia desaparecido muito tempo antes. As dez tribos do norte foram levadas para o exílio pelos assírios no século VIII, e as duas tribos restantes foram para a Babilônia no século VI, e apenas um remanescente havia retornado à Judeia. Uma grande esperança era que, quando raiasse a era da libertação, ela fosse acompanhada de uma reunião das 12 tribos num reino judaico renovado (por exemplo, Isaías 34:10; 43:5; 56:8). Ao escolher 12 discípulos … Jesus estava, na prática, dizendo que a restauração de Israel havia começado agora em torno dele e de seus 12 seguidores. Eles eram a vanguarda do novo Israel. É por isso que Jesus escolheu 12 discípulos para reinarem sobre uma nação renovada (Mateus 19:28/Lucas 22:30), por que concentrou seu ministério exclusivamente em Israel (Mateus 10:5-6; 15:24) e por que declarou que muitos logo viriam do oriente e do ocidente para participar desse acontecimento grandioso (Mateus 8:10-12/Lucas 13:28-30)."

505. Mateus 18:17

seis mulheres, ou seis judeus e seis gentios, ou seis velhos e seis jovens, ou seis escravos e seis livres, mas o simbolismo teria se perdido inteiramente para aqueles a quem se destinava.

Talvez a maior pista de que Jesus se preocupava com o simbolismo, e não apenas em formar futuros líderes, seja o fato de que a maioria dos Doze desaparece do ministério de destaque depois de poucos anos. É verdade que Pedro, João e Tiago continuam sendo líderes de destaque no livro de Atos, mas os demais apóstolos nunca mais são mencionados pelo nome. Outra prova da prioridade simbólica é que Pedro está tão ansioso por encontrar um substituto para Judas em Atos 1. Não porque pense que 11 pessoas não conseguem fazer o trabalho que 12 conseguem. *É antes porque ele sabe que é importante que Doze homens se apresentem diante de Jerusalém para convocá-la ao seu Messias.* É por isso que, no sermão inaugural da igreja à cidade, lemos que "Pedro se levantou com os Onze"[506] ao proclamar o evangelho. Se fosse "Pedro se levantou com os Dez", a mensagem simbólica — tão importante para Jesus — teria se perdido.

No início, Pedro e os Onze atuam como a equipe de liderança da igreja de Jerusalém, mas também entendem que seu trabalho é proclamar o evangelho aos judeus como vanguarda do novo Israel, mais do que servir como pastores da nova igreja. É por isso que, quando sua carga de trabalho aumenta a ponto de incluir o enfrentamento de desafios pastorais, eles permitem que a igreja escolha sete líderes para trabalharem em equipe na liderança da igreja.[507] Esse empenho em se libertarem das dimensões práticas da liderança pastoral é confirmado pelo fato de que, depois de algum tempo, presbíteros, e não apóstolos, lideram a igreja de Jerusalém. Observe que o livro de Atos deixa claro que os Doze são um grupo distinto desses presbíteros posteriores.[508] Pergunta-se, então, já que os Doze se distinguem tanto dos presbíteros, por que os estudiosos complementaristas usam a masculinidade dos apóstolos como argumento para a masculinidade dos presbíteros.[509]

506. Atos 2:14
507. Atos 6:1-6
508. Veja Atos 11:30; 15:2
509. Na verdade, Jesus não diz absolutamente nada sobre presbíteros de igrejas futuras. Os únicos anciãos de que ele fala, e fala muito, são os anciãos perversos de Jerusalém que acabarão por crucificá-lo.

À medida que o evangelho começa a se espalhar para além de Israel, Deus levanta um círculo mais amplo de apóstolos além dos Doze, incluindo Paulo, Barnabé e Silas. Esse grupo maior já não carrega a mensagem simbólica inerente aos Doze. Não é de surpreender, então, que uma mulher, Júnia, esteja incluída entre eles.[510] (Falaremos mais sobre ela no próximo capítulo.)

Deixando de lado o simbolismo, *pode haver possíveis razões estratégicas para Jesus escolher apenas homens para sua equipe de doze.* Embora Jesus não se importasse de quebrar convenções sociais às vezes, isso não significa que o fizesse ao acaso. Jesus era muitas vezes *estratégico* em seus esforços — por exemplo, ao dar a César o que era de César;[511] em sua decisão de minimizar o reconhecimento público de sua messianidade nas primeiras fases de seu ministério; e ao planejar a expansão geográfica da igreja em sua missão, fase por fase.[512] O próprio Jesus podia ser símplice como a pomba, mas, praticando o que pregava, era também "prudente como as serpentes" e, portanto, nada ingênuo, prático e estratégico.

Como a prioridade missionária de Jesus era alcançar Israel primeiro,[513] provavelmente era mais estratégico escolher judeus do que gentios como seus apóstolos, e foi o que ele fez. Sua escolha de apenas homens judeus se encaixa melhor em suas prioridades imediatas de alcançar Israel. Além disso, o Israel altamente patriarcal estava mais propenso a receber o ministério público de homens. Ter mulheres como líderes principais e públicas do movimento provavelmente lançaria suspeitas desnecessárias sobre a credibilidade do novo movimento e de sua mensagem num mundo altamente patriarcal. (Pense em quanto os discípulos de Jesus resistiram ao testemunho de uma mulher no dia da Ressurreição — quanto mais avessos seriam aqueles que não seguiam Jesus?) Por essa razão, no livro de Atos, as principais testemunhas públicas da ressurreição são os apóstolos homens.

Não podemos ter certeza, mas há outras razões práticas pelas quais Jesus pode ter escolhido homens: ao chamar discípulos que depois o chamavam de Rabi, Jesus estava usando deliberadamente a instituição judaica da formação rabínica

510. Romanos 16:7
511. Marcos 12:17
512. Atos 1:8
513. Veja Mateus 10:5-6; 15:24.

de discípulos, que por acaso era um empreendimento exclusivamente masculino. Além disso, o apostolado inicial envolvia abandonar a própria família por causa da missão e a probabilidade do martírio, algo que talvez Jesus não quisesse pedir a mães.[514]

Mais ainda: não devemos tomar como absoluto algo que, na melhor das hipóteses, inferimos da prática de Jesus. Jesus nunca disse absolutamente nada sobre o gênero das pessoas que mais tarde liderariam a igreja que ele estava edificando. Na verdade, seu ensino explícito sobre a liderança da igreja, que veio a fundamentar as prioridades da liderança pastoral nas igrejas, concentrou-se em abraçar o serviço como base e ênfase dessa liderança.[515] Ele também priorizou claramente a pregação do evangelho e o fazer discípulos que "guardassem todas as coisas que ele havia ordenado"[516] — mas veja: nenhuma dessas funções ministeriais está limitada aos homens, assim como não está limitada aos Doze originais.

Ler ideias e inferências na escolha dos Doze por Jesus é incompatível com a maneira poderosa como ele liberou mulheres para o ministério. Isso também se baseia numa leitura inconsistente do texto (que opta por ignorar todas as outras características inerentes aos Doze, exceto o gênero). Jesus era radicalmente a favor das mulheres e a favor das mulheres como ministras, muito mais do que qualquer figura pública que o precedeu na história. Ele derrubou sistematicamente o patriarcado que cortava as asas de suas irmãs e abriu portas

514. Por exemplo, em Lucas 14:26 não se menciona deixar maridos, apenas esposas e filhos, e Jesus sabia que o apostolado provavelmente levaria ao martírio (segundo a tradição da Igreja, onze dos doze apóstolos foram martirizados). Embora mulheres viajassem de vez em quando com ele em algumas viagens ministeriais (Lucas 8:1-3), talvez Jesus considerasse pedir demais a mães, que naquela cultura eram as principais responsáveis pela criação dos filhos, que deixassem permanentemente seus filhos e viajassem com ele. Jesus sabia que, com o tempo, alguns de seus apóstolos viajariam para muito além de Israel. No mundo antigo, era muito mais raro mulheres viajarem de um lugar para outro. Elas corriam mais perigo, além de estarem muito mais presas às responsabilidades domésticas e de criação dos filhos em casa. Não surpreende, então, que haja apenas quatro mulheres mencionadas pelo nome que, sabemos com certeza, viajaram na parte do Novo Testamento posterior à ressurreição: a esposa de Pedro, mais tarde em sua carreira (os filhos já estariam crescidos?), Febe, uma rica patrona que sem dúvida podia pagar guarda-costas, e Júnia e Priscila, que viajavam ambas com os maridos (não se mencionam filhos). Curiosamente, Crisóstomo, na Homilia 73 sobre Mateus 23:14, refere-se às pouquíssimas mulheres, entre elas Priscila, que se puseram a viajar "com coragem varonil". Naquela época, as viagens missionárias, como lutar num exército, eram mais adequadas à força física presente nos homens.
515. Marcos 10:42-45
516. Mateus 28:19

para que elas entrassem em papéis exclusivamente masculinos, se fosse para lá que a missão as levasse. *Assim, os complementaristas erram ao inferir do silêncio uma razão para a exclusão das mulheres dos Doze que Jesus nunca declara explicitamente nem sugere. Estender esse tipo de exclusão para proibir as mulheres de liderar em todos os tempos contradiz grosseiramente a prática de Jesus, que com tanta frequência desafiava as normas patriarcais, liberando mulheres para o ministério sem a menor preocupação com esferas apropriadas a cada gênero.*

Mulheres primeiro

Embora o fato de Jesus ter escolhido 12 homens, tomado isoladamente, não possa ser usado como apoio à liderança feminina, quando se descobre a razão de sua escolha de 12 homens judeus, e também a maneira como Jesus liberou mulheres para o ministério sem levar em conta as limitações específicas de gênero presentes no Israel do primeiro século, esse fato tampouco pode ser usado como argumento contra a liderança feminina.

Num mundo que sempre colocava as mulheres em último lugar, Jesus com muita frequência as colocou em primeiro. Uma mulher foi a primeira a ouvir sobre sua encarnação e a pregar o evangelho;[517] a primeira convertida samaritana e evangelista pública;[518] a primeira convertida gentia;[519] a primeira a receber uma revelação de Jesus como "a Ressurreição e a Vida";[520] a primeira a compreender a centralidade da cruz na missão de Jesus;[521] e a primeira a testemunhar a ressurreição de Jesus.[522] Os estudiosos complementaristas dão muita importância ao fato de "primeiro ter sido formado Adão, depois Eva", confundindo erroneamente vir primeiro com ser o líder legítimo — mas eu me pergunto o que eles fazem de todos esses "primeiros".

E, no entanto, durante séculos a igreja tratou os irmãos do Leão de Judá como leões, enquanto domesticava suas irmãs até reduzi-las a gatinhas. Apesar de uma longa e triste tradição em que somente os homens eram considerados aptos

517. Lucas 1:32-35
518. João 4:7-42
519. Mateus 15:21-28
520. João 11:23-27
521. Mateus 26:7-11
522. João 20:16

para o domínio, nosso mundo e nossa igreja precisam que tanto homens quanto mulheres cristãos exerçam autoridade ministerial.

Num mundo que oprimia as mulheres, o tratamento e a inclusão das mulheres por Jesus foram tão espantosamente progressistas que não faz sentido para mim que Jesus nos chamasse *agora* a ser retrógrados — numa época da história mundial em que os dons de liderança e de ensino das mulheres estão *finalmente* sendo celebrados e liberados como iguais aos dos homens.

Além disso, o enobrecimento da identidade e do ministério femininos por Jesus é uma das principais raízes da atual elevação e emancipação das mulheres na sociedade. Os cristãos, proponho, deveriam reivindicar isso como o efeito de longo prazo do seu evangelho sobre a sociedade, e não resistir a isso com base em quantos argumentos falhos os complementaristas apresentem. Na verdade, ver as mulheres pelos olhos desses argumentos é deixar de vê-las como Jesus as via.

Note bem: também é deixar de vê-las como muitos nas primeiras igrejas as viam.



12

MULHERES PODEROSAS NA IGREJA PRIMITIVA

"Enquanto os cristãos contemporâneos se dividem quanto à ordenação de mulheres, ao ensino de mulheres a homens e coisas semelhantes, [Romanos 16] sugere que tais objeções teriam deixado Paulo perplexo … [ele] não tem problema algum com mulheres como mestras ou líderes, proclamadoras ou missionárias das Boas-Novas. Exerceram as mulheres, no período do Novo Testamento, ministérios que mais tarde seriam designados como ofícios? Todas as evidências indicam que a resposta é sim." William Witt[523]

UM LEITO DE PROCUSTO

Você já ouviu falar de *Procusto*? Segundo a lenda grega, ele hospedava viajantes cansados, permitindo que dormissem numa cama em sua casa. Enquanto dormiam, ele esticava seus membros ou cortava seus pés até que seus corpos se ajustassem perfeitamente à cama. Daí surgiu uma expressão no campo da argumentação, chamada *leito de Procusto,* em que uma pessoa adota uma visão sobre um assunto e depois força essa visão a se ajustar a outras fontes de informação que, na verdade, a refutam. Isso é feito atribuindo a essas fontes de informação ideias que não estão nelas — esticando-as ou cortando aspectos delas.[524]

523. William Witt, Icons of Christ, p. 99

524. Isso é mais comumente chamado de "falácia da alegação especial" (*special pleading*), em que, em vez de admitir que uma crença prévia é legitimamente questionada por dados concorrentes, a pessoa tenta "explicar e descartar" esses dados.

Ao estudar os contra-argumentos complementaristas aos relatos bíblicos de mulheres no ministério no Antigo Testamento, nos Evangelhos e no restante do Novo Testamento, fiquei impressionado com a maneira incansável com que os estudiosos complementaristas procuram minimizar o papel e a contribuição de mulheres como Miriã, Hulda, Débora, Maria Madalena, Febe, Priscila e Júnia. Naturalmente, fazem isso por uma razão. *Na minha opinião, a leitura que fazem de 1 Timóteo 2:12 é um leito de Procusto para todas as mulheres no ministério.* Ao lê-lo erroneamente como se dissesse: "Não permito que mulheres cristãs ensinem com autoridade nem exerçam autoridade pastoral sobre homens cristãos", usam-no não apenas para limitar o ministério das mulheres hoje, *mas também para limitar e reinterpretar o ministério de cada mulher da Bíblia*. A única coisa que os complementaristas não podem admitir é uma mulher crente nos tempos bíblicos fazendo exatamente aquilo que a sua interpretação diz que ela não pode fazer: ser usada por Deus para liderar ou ensinar espiritualmente um homem. Antes mesmo de as evidências bíblicas serem devidamente examinadas, o complementarista já decidiu que Débora não pode ter sido a líder pública do povo de Deus, ou que (como veremos neste capítulo) Priscila não pode ter pastoreado e ensinado igrejas ao lado do marido, ou que Júnia não pode ter sido realmente uma apóstola pioneira — e, ainda por cima, uma apóstola notável.

No meu próprio estudo dessas e de outras mulheres bíblicas, só consegui realmente "vê-las" quando percebi que o problema não era o tamanho do seu ministério, mas o tamanho arbitrário da cama que é a interpretação complementarista de 1 Timóteo 2:12. Isso leva os estudiosos complementaristas a fazer todo tipo de inferência que "explica e descarta" os dados bíblicos de que dispomos. Por exemplo, ouça a síntese que Kevin De Young faz do ministério de Priscila: "Ela pode ter sido instruída, sábia e influente, mas não há indicação de que tenha exercido autoridade de ensino sobre homens."[525]

Diga o que disser 1 Timóteo 2, precisamos interpretá-lo à luz do restante das Escrituras, o que significa levar a sério "o arco redentor do cânon bíblico, a

525. Fonte: www.bit.ly/3nXd763

trajetória do ministério de Jesus e o retrato da vida da igreja primitiva que recebemos do próprio Paulo".[526]

Parte do que me motivou a escrever este livro foi o desejo de defender os legítimos dons de liderança e de ensino das minhas irmãs nas igrejas de hoje e de amanhã. Mas, ao estudar a forma como os estudiosos complementaristas foram cortando os dons de liderança e de ensino das mulheres na Bíblia, *eu me vi impelido a defender também as minhas irmãs das Escrituras*.

Devemos acreditar que Priscila, ao ensinar um homem, estava se certificando de estar sob a cobertura do marido, ou que isso acontecia em particular e fora de uma reunião cristã formal, ou que ela não falava com nenhuma autoridade doutrinária, encaminhando-o, em vez disso, aos pastores homens da igreja, que sabiam mais? Devemos acreditar que Débora liderava de um modo que garantia que sua liderança fosse privada, ou que ficava abrigada sob Baraque, que seria a verdadeira escolha de Deus como líder? Não; uma leitura direta das passagens que descrevem os ministérios de Priscila, Débora e outras mostra que elas estavam ou pecaminosamente em desacordo com a assim chamada preferência complementarista de Deus ou, muito mais provavelmente, *que essas mulheres bíblicas desconheciam por completo qualquer regra divina segundo a qual uma mulher não deveria ensinar ou liderar espiritualmente um homem*.

Não há pastoras?

Leia o livro de Atos e você certamente notará as múltiplas menções a mulheres como convertidas importantes em cada uma das etapas em que o evangelho se espalha por Jerusalém, depois por Samaria e então, uma a uma, pelas cidades europeias de Filipos, Tessalônica, Bereia, Atenas e Corinto.[527] No entanto, como Lucas reconta a história dessas primeiras igrejas de um modo que *se concentra* primeiro no ministério de Pedro, o líder dos Doze (em Atos 1-12), e depois em Paulo, o mais bem-sucedido do círculo mais amplo de apóstolos (em Atos 13-28), dando atenção secundária a Estêvão, Filipe e Barnabé, por exemplo, a

526. Assim diz Amy Etikson. Fonte: www.bit.ly/2ZQo0Pj (p. 61)
527. Atos 5:14; 8:12; 16:13-15; 17:4, 12, 34 e 18:2.

maioria dos leitores apressados da Bíblia tende a não perceber os papéis ministeriais poderosos que outras pessoas desempenharam, incluindo muitas mulheres.

Os estudiosos complementaristas pelo menos conhecem a maioria dessas contribuições femininas — *aquilo em que eles se concentram, em vez disso, é que nenhuma dessas mulheres é expressamente chamada de presbítera ou pastora nas igrejas*. Por mais que essas mulheres tenham feito pelo avanço do evangelho ou pelo crescimento da igreja, dizem eles, elas não exerceram autoridade pastoral ou de ensino de alto nível numa igreja. Ou, nas palavras deles próprios — e aqui está a afirmação procrusteana de Schreiner: "O ministério das mulheres na igreja foi notável e significativo, mas *nunca* suplantou a liderança masculina; ao contrário, funcionou como apoio à liderança masculina."[528]

Respondo a essa afirmação neste capítulo apresentando algumas das contribuições poderosas que as mulheres deram à igreja primitiva. Também contestarei diretamente as afirmações complementaristas de que *nenhuma* mulher líder de igreja é mencionada pelo nome no Novo Testamento; e de que nenhuma mulher esteve lado a lado com outros homens nos níveis mais altos de contribuição para o reino.

Mas, antes, um rápido esclarecimento sobre os termos "presbítero" e "pastor". Dependendo da forma de governo que uma igreja adota hoje, tendemos a ler de maneira diferente os versículos sobre pastores e presbíteros. Embora algumas denominações separem os papéis de "pastor" e "presbítero", neste capítulo parto do princípio de que o Novo Testamento usa os termos "presbítero", "pastor" e "supervisor" de forma intercambiável para se referir a diferentes funções da mesma pessoa.[529]

Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento aplicam ao papel de um líder espiritual a metáfora de um pastor que cuida de ovelhas. Embora houvesse pastoras de ovelhas na Bíblia,[530] de algum modo os complementaristas costumam ter certeza de que não há pastoras na Bíblia. Durante uma década,

528. "Recovering Biblical Manhood and Womanhood", p. 216.
529. Veja Atos 20:17, 28; 1 Pedro 4:1-2 e Tito 1:5-7.
530. Gênesis 29:9; Cântico dos Cânticos 1:5-8

ofereci aos novos membros da nossa igreja esta explicação para o fato de não ordenarmos pastoras: "Não há pastoras nem presbíteras no Novo Testamento, e não gostaríamos de ir além das Escrituras na maneira como fazemos igreja." Se bem me lembro, tirei isso de um teólogo conhecido que o disse de forma ainda mais enfática: "Não há referência alguma, em todo o Novo Testamento, a uma mulher presbítera. Você pode querer objetar, apontando que este é um argumento do silêncio. Sim, é. Mas é um silêncio ensurdecedor."[531]

Durante a minha pesquisa, fiquei curioso para saber quem eram os presbíteros ou pastores *homens* mencionados pelo nome na igreja primitiva. Eu esperava encontrar pelo menos dez. Que choque descobrir *apenas um* presbítero mencionado pelo nome: o apóstolo Pedro se dirige aos presbíteros como "presbítero como eles",[532] e com isso parece sugerir que talvez tenha acumulado também a função de presbítero mais tarde em seu ministério, embora fosse primariamente apóstolo — ainda que alguns estudiosos da Bíblia sugiram que ele talvez não estivesse se referindo ao seu ofício, mas apenas à sua idade.

O que logo se torna claro é que *o Novo Testamento não dá o nome de nenhum pastor ou presbítero além de Pedro — e talvez nem ele o seja!* No entanto, sabemos que muitas, ou provavelmente a maioria, das igrejas mencionadas no Novo Testamento acabariam tendo uma equipe dessas pessoas liderando-as.[533] Por que ninguém, exceto possivelmente Pedro, é chamado de presbítero é um mistério. Evidentemente, esse dado ficava fora do escopo e do propósito dos diversos autores do Novo Testamento. *Ainda assim, ficamos nos perguntando: quais das muitas pessoas mencionadas pelo nome nas primeiras igrejas do Novo Testamento provavelmente eram pastores ou presbíteros?* Felizmente, há algumas evidências de quem eles podem ter sido.

531. Sam Storms. Fonte: www.bit.ly/3CL3GNt

532. 1 Pedro 5:1-2. Jesus é chamado "o pastor e supervisor de nossas almas" (1 Pedro 2:25), mas isso se refere à sua liderança única sobre toda a igreja. João chama a si mesmo de "o presbítero" (2 João 1:1) ao escrever a uma pessoa, o que é mais provavelmente uma referência à sua idade e sabedoria como apóstolo experiente.

533. Veja Atos 14:23, 1 Tessalonicenses 5:12 e 1 Timóteo 5:17.

Os critérios para identificar possíveis presbíteros

Não creio que algum estudioso complementarista possa dizer de forma definitiva que não havia mulheres presbíteras na igreja primitiva. No máximo, pode dizer que é improvável que houvesse alguma. Contrariando essa visão, porém, vou argumentar agora que é extremamente provável que houvesse.

Embora nem Lucas, em Atos, nem Paulo, em suas cartas, deem o nome de presbíteros ou pastores, eles oferecem fortes pistas sobre quem esses presbíteros podem ter sido. Proponho que há cinco indicadores principais de que uma pessoa mencionada pelo nome no Novo Testamento pode ter sido um pastor que servia na equipe de liderança principal de uma igreja.

Primeiro, as pessoas presas provavelmente eram líderes de destaque, mestres ou pastores. Se, durante uma perseguição em algum momento da história da igreja, alguém de uma igreja era preso, supomos com razão que isso acontecia muito provavelmente porque essa pessoa era vista como líder do grupo ou porta-voz pública da comunidade sob suspeita.

Segundo, os primeiros convertidos ou membros que já tinham recebido instrução apostólica costumavam ser a primeira escolha dos apóstolos para cuidar dos convertidos seguintes e discipulá-los. Há evidências no livro de Atos, na carta de Paulo aos Coríntios e nos escritos do Pai da Igreja Clemente de que essa era uma prática comum.

Terceiro, os líderes de casas que hospedavam a igreja provavelmente eram líderes dessa igreja. Ao contrário das igrejas modernas, com seus próprios espaços especializados, as primeiras igrejas se reuniam em sua maioria em casas maiores do que o normal e eram compostas por todos os que pertenciam à casa e por outros que vinham para as reuniões. Paulo, em 1 Timóteo 3, considera uma boa ideia escolher presbíteros entre esses líderes de casas, de modo que podemos supor que muitos líderes de igrejas domésticas eram, de fato, líderes da igreja.

Quarto, as pessoas que plantavam uma igreja, na qual reuniam convertidos, os firmavam e os ensinavam, provavelmente eram líderes da igreja. Admito que isso não é nenhum bicho

de sete cabeças. Em alguns casos, evangelistas como Filipe e apóstolos como Paulo iniciavam uma igreja e depois seguiam adiante, entregando-a a outros líderes, mas às vezes as pessoas tanto começavam uma igreja quanto continuavam a liderar e ensinar o seu povo.

Quinto, muitos da lista de Paulo em Romanos 16 provavelmente eram líderes da igreja de Roma. No final de sua epístola, Paulo enumera cerca de 27 pessoas pelo nome. É a lista de nomes mais longa do Novo Testamento. A muitas delas ele atribui exatamente os termos que aplica a si mesmo e àqueles com quem trabalhava mais de perto na obra pioneira de sua missão aos gentios. É muito plausível que algumas dessas pessoas assim designadas fizessem parte da equipe de liderança da igreja de Roma.

Se pudermos aceitar que esses cinco critérios são indicadores válidos de liderança na igreja primitiva, eis o que descobrimos ao examinar as epístolas e o livro de Atos: *para cada homem mencionado pelo nome que muito provavelmente era presbítero ou pastor, encontramos uma ou mais mulheres mencionadas pelo nome que, por qualificação ou função, se equiparam a esses homens ponto por ponto*. Deixe-me mostrar isso a você.

Na mira da perseguição

Uma abordagem quase universal para perseguir qualquer grupo de pessoas é visar os seus líderes e intimidá-los ou prendê-los. No livro de Atos, é por isso que Pedro e João, e depois Paulo e Silas, são escolhidos como alvo para serem presos e encarcerados. O que faz sentido: todos eles eram os principais líderes, mestres e evangelistas das igrejas a que serviam na época.

Como é fascinante, então, que, logo após a execução do líder da igreja Estêvão em Jerusalém, Saulo procure continuar a perseguição contra os cristãos nas cidades vizinhas. Lemos: "Saulo, porém, assolava a igreja. … [E], arrastando homens *e mulheres*, encerrava-os no cárcere."[534] De fato, isso se tornaria parte do seu testemunho — ele próprio sob julgamento, recorda mais tarde que

534. Atos 8:1, 3

perseguiu e "prendeu *tantohomens como mulheres*".[535] Na mente de Paulo, muitas mulheres das igrejas nascentes que ele perseguia tinham ministérios suficientemente significativos (não apenas cozinhar, limpar e criar filhos) para que ele concluísse que não conseguiria deter o movimento sem fazê-las prisioneiras. N.T. Wright observa: "Isso só faz sentido se as mulheres também forem vistas como líderes, figuras influentes dentro da comunidade."[536] Isso não é prova cabal de que alguma dessas mulheres fizesse parte das equipes de liderança principais de suas igrejas, mas, ainda assim, só mulheres que exerciam papéis de grande visibilidade em evangelização, ensino ou liderança justificariam ser tomadas como alvo.

"Primícias" femininas de uma igreja

Paulo e os apóstolos costumavam escolher os primeiros convertidos ou os primeiros membros de uma igreja nascente como líderes. Embora as igrejas maduras tivessem o luxo de escolher líderes que "não fossem neófitos", as igrejas recém-nascidas ainda assim precisavam de algum tipo de liderança.

Clemente de Roma registra, no ano 95 d.C., que os apóstolos tinham o hábito de escolher as suas "primícias" como líderes da igreja.[537] Isso é confirmado em Atos 14:23, onde Paulo, em sua segunda visita, ordena pastores dentre o grupo de convertidos de sua viagem anterior, apenas alguns meses antes. É também por isso que muitos intérpretes consideram que Estéfanas era presbítero em Corinto, quando Paulo exorta a igreja dali a "sujeitar-se a esses tais", que eram os "primeiros convertidos" (literalmente "primícias") e também grandes exemplos do "serviço dos santos".[538] Um presbítero, portanto, não era necessariamente mais velho que as demais pessoas, mas espiritualmente mais experiente (ainda que só um pouco mais). Além disso, essas pessoas tinham

535. Atos 22:4

536. Veja www.bit.ly/3BEnYqo

537. "Percorrendo os apóstolos os territórios e as povoações, pregando, constituíam os seus primeiros convertidos — depois de prová-los pelo Espírito — como supervisores … dos que haveriam de crer no futuro." (1 Clemente 42)

538. 1 Coríntios 16:16-17

estado presentes durante a primeira grande transmissão de ensino do apóstolo que plantou a igreja.

O notável, então, é que muitas vezes era uma mulher a primeira convertida ou o primeiro membro da igreja — Lídia, por exemplo, foi a primeira convertida de Paulo na Europa e também o primeiro membro da igreja de Filipos, que também se reunia em sua casa.[539]

Mulheres líderes de casas e anfitriãs de igrejas

Quem pode negar que Filemom, o líder de casa rico e respeitado que tinha uma igreja em sua casa, provavelmente era presbítero da igreja de Colossos? Afinal, sabemos que Paulo o havia conduzido ao Senhor,[540] provavelmente em Éfeso,[541] e, depois de firmá-lo por meio de seu ensino, o enviara a Colossos para servir naquela igreja, onde Paulo o reconheceu como "cooperador" que ama os santos.[542]

Mas espere: se podemos dizer (como fizeram alguns Pais da Igreja[543]) que Filemom era presbítero em Colossos, o que dizer de Ninfa? Afinal, sabemos que ela liderava a *outra* igreja doméstica de Colossos.[544] O livro de Atos se concentra na obra de evangelização de fronteira e na missão global dos apóstolos, mas também nos dá indícios suficientes da importância do ministério nas igrejas locais. É impressionante, então, que essas igrejas domésticas sejam hospedadas, e presumivelmente lideradas, não só por homens, mas também por mulheres.

Os estudiosos complementaristas costumam descartar esse ponto comparando erroneamente um líder de igreja doméstica a um anfitrião moderno de pequeno grupo que talvez pergunte: "Em que casa podemos nos reunir na semana que

539. Atos 16:13-40
540. Filemom 3, 8-9, 19
541. Atos 19:9-10
542. Filemom 1, 5, 7
543. Veja, por exemplo, o parágrafo XLVI em www.bit.ly/3CN1tRo
544. Colossenses 4:15. Os estudiosos que argumentam que Ninfa pode ter sido um homem não usam os melhores textos gregos existentes, que dizem que "a igreja se reunia na casa 'dela' (autēs)".

vem?" Mas isso revela desconhecimento da natureza da casa no primeiro século. O líder da casa nos tempos greco-romanos era geralmente um homem, chamado *paterfamilias*, mas, se o marido tivesse morrido e a pessoa mais velha fosse uma mulher, ela a lideraria como *materfamilias*. Essas pessoas supervisionavam automaticamente os que viviam em sua casa, incluindo filhos, parentes, escravos e inquilinos. Precisavam ter boas habilidades relacionais, organizacionais e administrativas,[545] bem como a capacidade de ensinar, disciplinar, cuidar e administrar recursos materiais. Portanto, pode-se presumir que, pelo menos em alguns casos, ser o líder de uma casa fazia de alguém um dos principais candidatos a líder da igreja que nela se reunia. Ninfa fez mais do que simplesmente abrir as portas. Afinal, as igrejas domésticas serviam de base para a evangelização local e o discipulado dos convertidos — tudo isso exigia liderança, treinamento e provisão de recursos. "O tipo de hospedagem praticado no período do Novo Testamento era o estabelecimento de uma base de operações estratégica e de longo prazo, na qual o dono da casa era peça-chave para o sucesso ou o fracasso dos objetivos da igreja."[546]

Se tivessem um histórico de piedade e estivessem firmados no evangelho, seriam candidatos ideais para a liderança pastoral. Considere as três funções dos pastores apresentadas em 1 Tessalonicenses 5:12: "os que trabalham arduamente" (grego: *kopiōntas*), os "que cuidam de vocês" (grego: *proistamenous*) e os "que os admoestam" (grego: *nouthetountas*). "Trabalhar arduamente" fala do trabalho físico necessário para sustentar o ministério, tanto prática quanto espiritualmente.[547] "Cuidar de" significa dar direção, administrar e assumir a responsabilidade pelo bem-estar da comunidade.[548] "Admoestar" envolve ensino corretivo.[549] O uso do tempo presente indica que essas responsabilidades não eram esporádicas, mas contínuas. Mas veja: essas eram exatamente as habilidades e capacidades em que um bom líder de casa se destacaria. Além disso, os donos da casa também eram responsabilizados perante a comunidade

545. É por isso que Paulo incentiva a materfamilias a "governar a casa", literalmente a ser "déspota" da casa, em 1 Timóteo 5:14.

546. Jamin Hübner. Fonte: www.bit.ly/3BNaSY8

547. Veja 1 Tessalonicenses 2:9 e 3:5.

548. A mesma palavra é usada para a função relacionada ao "dom de liderar" em Romanos 12:8, bem como para aquilo que se esperava de todos os líderes de casa diligentes, que "governavam" bem a sua casa.

549. Veja 1 Coríntios 4:14

ao redor por aquilo que acontecia na casa.[550] Assim, como regra geral, "o dono da casa parecia adquirir autoridade de liderança na igreja".[551]

Brian Capper, especialista no contexto greco-romano primitivo e na forma das igrejas do primeiro século, observa que uma igreja numa cidade consistia em uma ou mais igrejas domésticas, e conclui:

[D]a estrutura "celular" das congregações paulinas … emerge a razão da pluralidade de líderes locais. Cada subgrupo se reunia na casa de um líder da comunidade cristã; cada um desses líderes é um presbítero/supervisor, dos quais havia uma pluralidade em cada cidade. … Podemos ter certeza de que, no mundo antigo, ao dono da casa era assegurado o controle último de qualquer reunião que hospedasse. Esse era o costume e a cortesia comum. Como os primeiros donos de casa cristãos que recebiam reuniões da igreja em suas casas eram sempre mais antigos na fé e os patrocinadores locais do evangelho, eles se tornaram as figuras dominantes da congregação em nível local. Status social, maturidade, generosidade, carisma e comissionamento apostólico combinavam-se para dar autoridade a esses patrocinadores locais do Evangelho. … Para o presbítero, a igreja era simplesmente uma extensão de sua própria casa, pois ele hospedava a igreja em seu próprio lar."[552]

Isso explica por que leitores patriarcais posteriores, mais próximos do contexto antigo, se incomodaram com a menção de mulheres anfitriãs de igrejas domésticas. Por exemplo, copistas acharam o evidente papel de liderança de Ninfa tão escandaloso que alguns deles masculinizaram o seu nome, chamando-"o" de Ninfas. Para eles, mudar o gênero de uma personagem bíblica era mais aceitável do que reconhecer uma pastora.

Tudo isso para dizer que, apesar do status geralmente baixo das mulheres na esfera pública, uma *materfamilias* com uma casa grande o bastante para hospedar pessoas teria sido tão adequada quanto um *paterfamilias* para o trabalho de liderança da igreja, possuindo as mesmas habilidades. O que deveria nos intrigar, então, é que *o Novo Testamento menciona mais nomes de mulheres do que de*

550. Veja Atos 17:5-7, como exemplo.
551. www.bit.ly/3bHJPmo
552. www.rb.gy/cmxtqm

homens ao detalhar as casas em que as igrejas se reuniam — não apenas Ninfa e Lídia, mas também Maria, a mãe de Marcos, cuja casa servia de base para a igreja de Jerusalém;[553] Cloe, cujas pessoas são literalmente chamadas "os da casa de Cloe" e viajaram até Paulo para relatar algumas preocupações sobre a igreja de Corinto;[554] Priscila,[555] a quem voltarei em breve; e muito possivelmente uma líder de igreja doméstica não identificada pelo nome, chamada "a senhora eleita".[556]

Uma plantadora de igrejas

Outro provável pastor é alguém que fundou e liderou uma igreja, mas não é apóstolo. Comecemos por um exemplo masculino — o exemplo mais marcante no livro de Atos é Áquila. Ele ajudou Paulo a iniciar a igreja em Corinto, hospedando-a em sua casa e financiando o seu trabalho.[557] Depois de ser formado por Paulo durante 18 meses, partiu de navio com Paulo. "Chegaram a Éfeso, onde Paulo deixou Áquila",[558] aparentemente para cuidar de alguns convertidos de uma única mensagem evangelística dirigida aos judeus na sinagoga local.[559] Durante os seis a doze meses em que Paulo esteve fora, Áquila hospedou em sua casa uma igreja composta por um número crescente de "irmãos e irmãs".[560] Ele continuou a frequentar a sinagoga, procurando pessoas receptivas com quem pudesse compartilhar o evangelho. Sabemos disso porque, num sábado, ele conheceu um homem notável chamado "Apolo, natural de Alexandria", que "era homem culto, com profundo conhecimento das Escrituras. Tinha sido instruído no caminho do Senhor, … ensinava com exatidão acerca de Jesus, embora conhecesse apenas o batismo de João.

553. Atos 12:12
554. 1 Coríntios 1:11
555. Romanos 16:3
556. Os complementaristas insistem em que "a senhora eleita" se refere à própria igreja, mas, para ser justo, isso não explica por que "a senhora eleita" é distinguida de "seus filhos" (2 João 1), nem por que "ela" é tratada da mesma maneira como João saúda o indivíduo Gaio, a quem escreve 3 João. Veja Scott McKnight, "The Elect Lady," Patheos (blog), 18 de setembro de 2014, www.bit.ly/3CMNSd1
557. Atos 18:1-3
558. Atos 18:18
559. Atos 18:19-21
560. Atos 18:27

Começou a falar ousadamente na sinagoga. Quando … Áquila o ouviu, [ele] o convidou para [sua] casa …"[561]

Embora Apolo conhecesse o Antigo Testamento e, aparentemente, tivesse ouvido o suficiente sobre Jesus para perceber que ele é o Messias prometido no Antigo Testamento, ainda havia lacunas em sua teologia que Áquila percebeu. Ele o convidou para sua casa e "lhe explicou com mais exatidão o caminho de Deus". A palavra "explicou" (grego: *exethento*) é sinônima da palavra "ensinar" e é usada para descrever o ministério de Paulo em Roma, onde "desde a manhã até a tarde" ele estava "*explicando* o reino de Deus".[562] Como a prioridade de Áquila não era apenas reunir convertidos, mas enviar embaixadores do evangelho, ele incentivou Apolo a ir para outra cidade, onde o treinamento teológico que Áquila lhe dera produziu muito fruto.[563]

Certamente Áquila era presbítero ou pastor da igreja de Corinto e, com mais certeza ainda, da igreja de Éfeso, não? Embora o Novo Testamento nunca use a terminologia de alguém "plantar" ou "liderar uma igreja", é precisamente esse o trabalho que Áquila está fazendo.

E agora, a reviravolta: embora eu tenha deixado propositalmente o nome dela de fora nos parágrafos anteriores, Atos 18 associa escrupulosamente o nome dele ao nome de sua esposa, Priscila. *Tudo o que Áquila fez, Priscila também fez. Ambos* hospedaram a igreja em Corinto, sustentando-a com seu trabalho conjunto como fabricantes de tendas. *Ambos* partiram de navio com Paulo. Paulo deixou *ambos* em Éfeso para estabelecer ali uma presença do evangelho. *Ambos* reuniam novos convertidos na casa *deles*. *Ambos* alcançavam os ainda não crentes na sinagoga local. *Ambos* ensinaram Apolo.

Com base nas evidências de Atos 18 e de outros textos,[564] podemos afirmar quase com certeza que Áquila era presbítero ou pastor em Éfeso. Ele é o

561. Atos 18:24-26

562. Atos 28:23

563. Atos 18:27-28

564. Embora eu não explore Atos 18 em profundidade aqui, em outro lugar apresento muito mais evidências dos papéis de ensino, de plantação de igrejas e de liderança de igreja desse casal na igreja de Éfeso, além de tratar das supostas evidências em contrário — veja meu artigo "Was Priscilla a pastor?" em www.terranwilliams.com, em www.rb.gy/ttr2do, no qual refuto a tentativa de Mark Ellis de "desfazer a ideia de Priscila como pastora".

candidato mais provável que temos no Novo Testamento! E, no entanto, com base nas mesmas evidências textuais, não temos razão para suspeitar que ele tivesse um nível mais alto de status de liderança espiritual ou eclesiástica do que sua esposa. *Em vez disso, eles — como Adão e Eva antes da Queda — atuavam como iguais e parceiros na vocação e no ministério.*

Os cooperadores de Romanos 16

Em Romanos 16, Paulo saúda pelo nome 27 pessoas da igreja de Roma. Sendo muitas dessas primeiras igrejas tão pequenas, certamente algumas dessas pessoas faziam parte da equipe de liderança daquela igreja. Mas quais? A melhor pista são as expressões identificadoras "os que trabalham arduamente no Senhor" (grego: *polla ekopiasen en kyrio*) e "cooperadores" (grego: *synergos*), que Paulo atribui apenas a alguns dos indivíduos da lista. Sabemos disso porque Paulo usa esses mesmos termos em outros lugares para os integrantes mais importantes de sua equipe. Ele chama Timóteo, Apolo, Urbano, Tito, Epafrodito, Marcos, Epafras e Lucas de seus "cooperadores"[565] — esses são seus principais parceiros no empreendimento de ver o evangelho se espalhar. Paulo também usa com frequência o verbo "trabalhar arduamente" para designar os que são dignos de liderança, bem como uma função-chave do presbiterato.[566] Essa é também uma de suas maneiras preferidas de descrever o próprio ministério.[567]

Evidentemente, Paulo não tinha o hábito de usar títulos ministeriais como "pastor" (para os que estavam baseados numa igreja) ou "missionário" (para os que eram enviados a novas regiões), mas fala deles como "cooperadores" que "trabalham arduamente no Senhor". Na verdade, em sua carta aos Coríntios, ele usa ambos os termos para descrever aqueles a quem a igreja deveria se submeter.[568]

565. Veja Romanos 16:21, 1 Coríntios 3:9, Romanos 16:9, 2 Coríntios 8:23, Filipenses 2:25, Colossenses 4:11, Filemom 24.
566. 1 Tessalonicenses 5:12
567. 1 Coríntios 4:12; 15:10; Gálatas 4:11; Filipenses 2:16; Colossenses 1:29; 1 Timóteo 4:10
568. 1 Coríntios 16:16.

É fascinante que, na lista de Romanos 16, haja dez pessoas descritas com esses e outros termos relacionados a uma contribuição ministerial séria. Talvez seja melhor você estar sentado para o que vou dizer agora: *sete dessas dez são mulheres!* Vamos enumerá-las: Priscila é chamada de "cooperadora" (v. 3), enquanto de Maria (v. 6), Trifena, Trifosa e Pérside (v. 12) se diz que "trabalharam arduamente no Senhor". Outras menções notáveis são Júnia, uma apóstola (v. 7), e Febe, que é tanto diácona da igreja em Cencreia (v. 1)[569] quanto benfeitora ou patrona de Paulo (v. 2). Febe é também aquela a quem Paulo confia a viagem a Roma levando consigo — rufem os tambores, por favor — a carta aos Romanos.

Alguns desses termos são atribuídos também a outras mulheres em outras igrejas. Paulo honra duas mulheres, Evódia e Síntique, a quem elogia como "cooperadoras" que "lutaram ao [seu] lado pela causa do evangelho".[570] A palavra grega para "lutaram" (*synēthlēsan*) emprega a analogia de um atleta ou soldado que retesa todos os músculos para alcançar a vitória. Em outras palavras, Paulo equipara a dedicação delas à causa de Cristo à sua própria.[571]

N.T. Wright diz: "Eu costumava pensar que Romanos 16 era o capítulo mais enfadonho da carta, e agora, ao estudar os nomes e refletir sobre eles, fico

569. Segue uma rápida celebração de Febe: ela é a primeira 'diácona' registrada na história do cristianismo, embora alguns estudiosos debatam se ela era realmente diácona, porque o termo "diakonos" às vezes se refere a "servos", e não ao ofício de diácono mencionado em Filipenses 1:1. Mas ela é diakonos "da igreja em Cencreia". Esta é a única ocorrência da palavra no Novo Testamento ligada especificamente a uma igreja local. Se Paulo quisesse dizer apenas "serva", provavelmente teria usado uma forma verbal como "aquele que serve" (diakoneo) (Romanos 15:25) ou o termo geral "ministério" (diakonia) (1 Coríntios 16:15). O particípio presente (sendo diácona) parece referir-se a um ministério contínuo. Isso, combinado com o qualificativo "da igreja em Cencreia", aponta para um ofício reconhecido na igreja. N.T. Wright diz que as tentativas de fazer o termo significar outra coisa que não "diácono" fracassam. Traduzi-lo como "serva" apenas empurra o problema um passo adiante, uma vez que isso "significaria ou que Febe era uma funcionária remunerada da igreja (para fazer o quê?) ou que havia uma ordem de ministério, de outro modo desconhecida, chamada 'servos'". Craig Keener observa: "A maioria dos leitores provavelmente suporia esse significado [diácono] aqui se esta passagem não se referisse a uma mulher." O termo geralmente significa "ministro da palavra" — Paulo o aplica a si mesmo como apóstolo do evangelho em sete lugares (1 Coríntios 3:5; 2 Coríntios 3:6; 6:4; 11:23; Efésios 3:7; Colossenses 1:23, 25) e o usa para seus parceiros no evangelho (Efésios 6:21; Colossenses 1:7; 4:7; 1 Tessalonicenses 3:2; 1 Timóteo 4:6). Tudo isso indica que ela tinha um ministério reconhecido ou uma posição de responsabilidade dentro de sua igreja.

570. Filipenses 4:3

571. Essas duas mulheres tinham tanta visibilidade em sua igreja que, quando entraram em conflito uma com a outra, isso exigiu que Paulo escrevesse uma carta inteira — a epístola aos Filipenses — sobre a importância da unidade.

impressionado com a força com que o ensino tanto de Jesus quanto de Paulo estava sendo posto em prática."[572] Essa lista de mulheres designadas mostra, de modo inconfundível, que não havia distinção de status ou de serviço entre elas e os homens.

Não é possível, e até provável, que pelo menos algumas dessas mulheres da igreja de Roma, a quem Paulo honra com designações ministeriais, estivessem na equipe de liderança principal de sua igreja? Sobretudo considerando que elas estavam, em sua maioria, baseadas naquela igreja e não eram missionárias itinerantes? Diz Cynthia Westfall: "No cristianismo do primeiro século, esses termos se correlacionam estreitamente com o que mais tarde se tornaria o clero ordenado. Paulo parece usar os termos de forma coerente quando honra líderes."[573]

Na antiga sociedade mediterrânea, pouco poder social era dado às mulheres. No entanto, naquele mundo extremamente machista, em que as condições sociais quase nunca concediam às mulheres uma voz pública ou um papel significativo na liderança da comunidade, veja quantas mulheres estavam se apresentando para Cristo em ministérios significativos e sendo celebradas por isso pelo apóstolo Paulo. Se, numa cultura tão hostil às mulheres, elas podiam florescer no ministério, quanto mais podem as mulheres se levantar em poderosas contribuições para o reino agora que as condições sociais da nossa cultura já não resistem a isso?

Mas estou me adiantando. Deixe-me recapitular. O Novo Testamento não dá o nome dos pastores de suas igrejas, mas, argumento eu, oferece cinco pistas principais sobre quem essas pessoas podem ter sido: os que sofreram a pior perseguição; os que foram os primeiros na fé e, portanto, capazes de discipular outros; os que transformaram sua casa em base para a igreja; os que plantaram uma igreja; e/ou os que foram designados em Romanos 16 com as mais altas honras por suas realizações no ministério.

Nada disso é prova irrefutável, mas cada pista torna bastante convincente que tal pessoa estava na equipe de liderança de sua igreja. Agora, espero que você

572. www.bit.ly/3URMrTN

573. Cynthia Westfall, Paul and Gender, cap. 8.

ainda esteja sentado, porque *há uma mulher cujo nome aparece em todas essas cinco categorias*.

Priscila

Priscila foi um alvo importante de perseguição? Sim. Paulo nos diz que ela "arriscou a própria vida"[574] ao ser sua parceira no evangelho, uma referência ao fato de que sua visibilidade no ministério da igreja era grande o bastante para atrair a atenção de autoridades hostis.

Ela foi uma "primícia" capaz de discipular crentes mais novos? Sim. Junto com o marido, ela foi o primeiríssimo membro tanto da igreja de Corinto quanto da de Éfeso, e uma das pessoas espiritualmente mais experientes em ambas. Além disso, em Éfeso, ela estava singularmente qualificada, na ausência de Paulo, para cuidar e discipular os primeiros convertidos que, tendo chegado à fé durante a breve visita de Paulo à sinagoga local, parecem ter se tornado mais tarde (outros) pastores de Éfeso.[575]

Ela era líder de uma igreja doméstica? Sim. Na verdade, temos evidências bíblicas de que ela transformou sua casa em base para as atividades da igreja em nada menos que três igrejas diferentes: a de Corinto, a de Éfeso e a de Roma.

Ela plantou uma igreja? Sim. Especialmente em Éfeso, ela e o marido fizeram tudo o que os plantadores de igrejas contemporâneos poderiam fazer: mudaram-se para uma nova região para ajudar a iniciar um trabalho; evangelizaram; reuniram convertidos; ensinaram-lhes teologia; formaram-nos para o ministério; e os enviaram em missão.

Ela é chamada de "cooperadora" na lista de Romanos 16? Mais uma vez, sim. Na verdade, de todas as pessoas saudadas na igreja de Roma, *o nome dela é o primeiro!* Seu ministério era tão conhecido que Paulo não só lhe expressa gratidão por ele,

574. Romanos 16:3

575. Veja meu artigo "Was Priscilla a pastor?" em www.rb.gy/ttr2do, no qual argumento, com base em Atos 18:17-19, 27 e 20:18, que Paulo deixou os seus primeiríssimos convertidos da sinagoga de Éfeso aos cuidados de Priscila e Áquila até que eles se tornassem pastores da igreja de Éfeso, ao lado de Priscila e Áquila.

como também lhe transmite a gratidão de "todas as igrejas dos gentios"![576]

Ofereço isto como conclusão: *o fato de Priscila se encontrar em todas as cinco categorias é praticamente a evidência textual mais forte de que ela serviu na equipe de liderança principal de uma ou mais igrejas*. Eu chegaria a dizer que isso é quase uma certeza.

Já que estou insistindo nesse ponto, deixe-me dizer abertamente qual é a implicação disso: se pudermos encontrar ainda que uma só discípula de Jesus do primeiro século que, apesar do contexto severamente patriarcal em que vivia e trabalhava, foi quase com certeza pastora, então é óbvio que, nos contextos decididamente igualitários em que nos encontramos no século XXI, devemos estar prontos para liberar com alegria mulheres dotadas e chamadas para as equipes de liderança pastoral.

Objeções a Priscila como pastora

Se fui rápido demais, deixe-me voltar um pouco. Talvez você tenha alguma reserva quanto à minha conclusão de que Priscila era realmente uma líder de igreja de alto nível como o marido. Na verdade, há quatro objeções comuns à ideia de que Priscila tinha um papel de liderança e de ensino de alto nível. A primeira é que 1 Timóteo 3 fala de um supervisor como "fiel à sua esposa". Examinaremos isso detalhadamente no próximo capítulo, mas deixe-me tratar agora das outras três objeções.

A primeira objeção é sugerir que Priscila apenas apoiava Áquila. Nos círculos complementaristas de hoje, é comum falar de "casais ministeriais". Por mais maravilhoso que seja esse termo, quando o reduzimos à sua essência, o que realmente querem dizer com ele é que o marido é, por direito, o líder e a esposa é sua competente ajudante (de acordo com a afirmação de John Piper de que Eva era a "assistente leal" de Adão). Sem os dons de liderança do marido abrindo a porta para o casal, a esposa tem poucas chances de algum dia exercer os seus próprios dons de liderança. Neste caso, então, Áquila era o pastor, enquanto Priscila era apenas sua assistente maravilhosamente competente.

576. Romanos 16:3

E, no entanto, o modelo líder–ajudante é extremamente improvável no caso de Priscila e Áquila. *Das seis vezes em que o casal é mencionado na Bíblia, em quatro ela é nomeada primeiro.* Aos ouvidos modernos, isso talvez não signifique muito, mas na literatura patriarcal antiga é raro sequer mencionar a esposa de alguém (pense, por exemplo, em quão poucas esposas são mencionadas pelo nome no Novo Testamento). É ainda mais raro o nome de uma esposa ser mencionado *primeiro*.

Alguns dizem que isso é mera coincidência. Mas o fato de *tanto* Paulo quanto Lucas a nomearem primeiro em seus respectivos escritos, e o fato de o fazerem quatro (não apenas uma ou duas) de seis vezes, mostra que não se trata de coincidência. Em contraste, alguns versículos depois da menção de Priscila e Áquila em Romanos 16, Paulo menciona outro casal e volta à prática habitual de colocar o nome do homem primeiro.

Alguns estudiosos dizem que isso apenas mostra que ela tinha proeminência social. Talvez ela fosse de família nobre e Áquila de origem humilde, ou ela fosse cidadã romana e ele não? Mas isso contorna o significado mais óbvio. Sempre que os autores do Novo Testamento nomeiam alguém primeiro de forma consistente, isso costuma atestar sua proeminência no ministério (que, por sua vez, está ligada ao seu dom específico). É por isso que Lucas e os outros evangelistas sempre nomeiam Pedro primeiro na lista dos nomes dos apóstolos. É por isso que Lucas nomeia Barnabé antes de Paulo ao se referir à parceria ministerial dos dois na igreja de Antioquia, mas depois, quando finalmente pegam a estrada missionária e a pregação e o ministério de milagres de Paulo atingem outro nível, a partir daí ele nomeia Paulo primeiro.[577]

No meu levantamento dos casais mencionados pelo nome na Bíblia, descobri que em apenas três outros casais a esposa é nomeada antes do marido: a juíza Débora é nomeada antes de Lapidote;[578] a profetisa Hulda é nomeada antes de

577. Em Atos 11:26, 30; 12:25; 13:1-2, é sempre "Barnabé e Saulo/Paulo". No entanto, depois de seu ministério impressionante na ilha de Pafos, a primeira etapa da viagem missionária dele e de Barnabé, Paulo passa a ser nomeado primeiro — veja, por exemplo, Atos 13:13, 42, 43, 46, 49; 14:1, 3. Quando Lucas descreve a plantação de igreja de Áquila e Priscila em Éfeso, devemos notar, então, que ele, três vezes, coloca o nome dela primeiro — veja Atos 18:18, 19, 26.

578. Juízes 4:4

Salum;[579] e Maria é nomeada antes de José.[580] Em todos esses lugares, o fato de serem mencionadas primeiro enfatiza claramente o seu ministério mais proeminente. Então, por que isso não nos levaria a concluir o mesmo sobre Priscila? Embora só possamos especular sobre que dons Priscila tinha que a tornavam mais proeminente que Áquila, a única coisa que podemos dizer com certeza é que ela não era uma simples coadjuvante no ministério do marido. Tudo isso para dizer que, no mínimo, ela era igual a Áquila, liberada em seus dons públicos tanto quanto ele (se não mais).

Uma segunda objeção é concentrar-se no fato de que "presbítero" e "pastor" são palavras masculinas, e, portanto, por mais dotada e honrada que Priscila fosse, a única coisa que ela não podia ser era homem e, consequentemente, presbítero.

Essa objeção não entende que o grego antigo, como todas as línguas antigas, era *androcêntrico* e, portanto, centrado no homem. Até a língua inglesa, que agora está abandonando rapidamente o seu androcentrismo, ainda usa substantivos masculinos para ambos os gêneros: um "he" ("ele") genérico pode significar "he or she" ("ele ou ela"); "mankind" ("humanidade") e "manmade" ("feito pelo homem") incluem as mulheres; assim como termos como "chairman" ("presidente") e "fireman" ("bombeiro").

No grego antigo, esse androcentrismo é muito mais acentuado, *pela razão de que os substantivos que designam pessoas são masculinos ou femininos, sem opção neutra.* A forma feminina só é usada quando se refere apenas a uma mulher ou a um grupo de mulheres. Quando se refere apenas a um homem ou a homens *ou a um grupo misto de homens e mulheres*, usa-se a forma masculina do substantivo.[581]

Quando Pedro se dirige aos milhares de homens *e mulheres* da multidão no Pentecostes, ele os chama pelos substantivos masculinos "irmãos" (*adelphoi*) e "homens" (*andres*). Da mesma forma, ao se referir aos "discípulos" no livro de Atos, mesmo onde há claramente mulheres presentes, usa-se ainda assim a forma masculina. Ou, quando se faz referência aos muitos profetas que

579. 2 Reis 22:14

580. Mateus 1:18

581. Às vezes o contexto deixa claro que o autor se refere apenas a homens, outras vezes a homens e mulheres, e às vezes o leitor não pode ter certeza se as mulheres estão incluídas ou não.

participam das reuniões da igreja descritas em 1 Coríntios 14, usa-se uma forma masculina, embora saibamos que mulheres também profetizavam.[582] Ou considere que "Paulo e Silas … foram para a casa de Lídia, onde se encontraram com os *adelphoi* (literalmente 'irmãos') e os encorajaram"[583] — e, o tempo todo, Lídia e muitas outras mulheres fazem parte desse grupo misto, que, no entanto, é descrito com um substantivo coletivo masculino. Esse uso androcêntrico da linguagem era tão extremo que às vezes até uma única mulher num cargo de liderança podia ser descrita com o substantivo masculino — por exemplo, como já citei anteriormente, Febe, embora mulher, é chamada em Romanos 16:1 de diácono, e *não* de diaconisa.

Isso significa que, quando lemos que Paulo "designou presbíteros … em cada igreja",[584] pode ter havido mulheres no grupo ou, no mínimo, o seu uso da palavra "presbítero" não é, por si só, sinal de que ele não designou mulheres presbíteras. É claro que, na cultura altamente patriarcal da época, seria bem provável que muitas igrejas tivessem uma equipe só de homens. Mas nem sempre era necessariamente assim, sobretudo se Priscila estivesse na igreja naquela época.

Eis uma cena imaginária para ilustrar o meu ponto: depois de voltar à igreja de Éfeso, Paulo a deixou mais uma vez e, algum tempo depois, estava passando perto de Éfeso quando decidiu não entrar na cidade, mas chamar apenas os presbíteros da igreja a uma cidade próxima, Mileto, para poder passar um dia relatando os seus dois anos de ministério e reanimando-os para o ministério pastoral. Ele descreveu esse encontro como "a última vez que veriam o seu rosto".[585] O encontro terminou com eles reunidos à sua volta, chorando, enquanto oravam por ele na despedida. Mas observe: nem todos da igreja foram convocados, apenas os presbíteros.[586] Agora, você consegue imaginar Áquila dizendo a Priscila, que tenta acompanhá-lo na viagem a Mileto: "Querida, Paulo disse só os presbíteros. Você vai ter de ficar aqui"? Eu não consigo. E vou lhe

582. Veja 1 Coríntios 11:2; 14:29.
583. Atos 16:40
584. Atos 14:23
585. Atos 20:38
586. Atos 20:17

dizer por quê: Priscila havia atuado como pastora naquela igreja tanto quanto o marido.

Uma última objeção é destacar que a igreja original, a de Jerusalém, era liderada apenas por homens. É verdade que os apóstolos homens lideravam a igreja de Jerusalém (em Atos 1-5) e que depois designaram sete homens para ajudá-los a liderar (em Atos 6-8), mas nenhum desses fatos serve de modelo universal para todas as igrejas. Deixando de lado a importância simbólica de os Doze serem homens (tratei disso no capítulo anterior), devemos lembrar que, como toda igreja, a igreja de Jerusalém *foi moldada por sua situação local*. Em Atos 6, por exemplo, a igreja, e não os apóstolos, escolhe sete homens para lidar com os grandes conflitos entre as viúvas vulneráveis que eram judias helenistas e as que eram judias hebreias. Naquela cultura da Judeia, era de esperar que mulheres marginalizadas, que precisavam de alguém para protegê-las e defendê-las, escolhessem homens livres (não outras mulheres nem escravos) para fazer isso.

Há mais a dizer sobre a aparente centralidade masculina da igreja de Jerusalém. As novas realidades teológicas, desencadeadas pela ressurreição de Jesus e pelo dom do Espírito, ainda assim levaram, ao que parece, alguns anos para penetrar na nascente igreja do primeiro século. Ao lermos o livro de Atos do começo ao fim, notamos certa progressão nas práticas, já que a igreja primitiva leva tempo para aplicar o evangelho que recebeu tão recentemente. Correndo o risco de simplificar demais, a era da "igreja primitiva" descrita no Novo Testamento divide-se em duas fases. Na primeira década, a igreja é sobretudo uma seita judaica em Jerusalém. Depois, ela se espalha rapidamente para além de sua base judaica, pela Ásia Menor e pela Europa, onde se torna sobretudo uma comunidade gentia. Acompanhando essa evolução dentro da igreja primitiva, há um movimento claro de uma liderança *só* judaica para uma liderança judaica *e* gentia, um processo que leva tempo, embora desde o início, teologicamente falando, "não há judeu nem gentio". *Pois bem, algo semelhante pode ser conjecturado sobre o lento progresso que a igreja faz em envolver mais plenamente as mulheres, embora desde o início, teologicamente falando, "não há homem nem mulher".* Qual dessas duas fases da igreja do Novo Testamento ressoa mais com as igrejas contemporâneas? Embora possamos nos inspirar na igreja de Jerusalém do ano

35 d.C., provavelmente seríamos mais bem orientados pela igreja de Roma do ano 57 d.C. — que já não era uma seita judaica (a grande ideia de Romanos 1-15) e já não era dominada por homens (a grande ideia de Romanos 16).

Em conclusão: há muitas boas razões para crermos que Priscila era pastora, e nenhuma razão sólida para não crermos. Mas talvez tenhamos nos fixado demais em Priscila. Há outra mulher mencionada em Romanos 16 cujas credenciais ministeriais repreendem com força a minimização do ministério das mulheres na igreja histórica e contemporânea.

Júnia, a apóstola

Depois de saudar Priscila e Áquila, Paulo elogia outro casal da igreja de Roma: "Saúdem Andrônico e Júnia, meus compatriotas judeus que estiveram na prisão comigo. Eles são notáveis entre os apóstolos e estavam em Cristo antes de mim."[587]

Às vezes supomos que todo o ministério significativo que aconteceu nas primeiras décadas da igreja mundial está descrito no livro de Atos. Mas este versículo despedaça essa percepção. Aqui está um casal que o livro de Atos nem sequer menciona e que, no entanto, aparentemente realizou um ministério enormemente importante e pioneiro, e a um alto custo: foram presos por isso.

Quando Paulo escreve à igreja de Roma, ele ainda não estivera naquela cidade nem naquela igreja. Esta é uma das poucas igrejas na Europa que ele não havia plantado. Resta-nos adivinhar quem a plantou, e esse casal, acreditam muitos estudiosos, é o candidato mais provável. Júnia e Andrônico, judeus como Paulo, eram crentes antes de Paulo, o que significa que tinham passado a seguir Jesus na igreja de Jerusalém. Possivelmente faziam parte do círculo íntimo de crentes em Jerusalém que tinham testemunhado o Jesus ressuscitado e que foram lançados ao mundo mais amplo quando Estêvão foi morto.

Como no caso de Priscila e Áquila, Paulo não nos dá nenhuma chance de ler no casamento deles um "padrão líder–ajudante" complementarista; ao contrário,

587. Romanos 16:7

trata-os como um verdadeiro casal ministerial, atribuindo a ambos, simultaneamente, o mesmo elogio — *ambos* são apóstolos; *ambos* têm sido notáveis em seu ministério pioneiro; e *ambos* foram presos. Infelizmente, intérpretes hierarquistas vêm tentando há muito tempo minimizar o ministério dela, de uma de três maneiras.

Primeiro, alguns argumentam que Júnia não era mulher. Embora tenha sido reconhecida como mulher até a Baixa Idade Média,[588] Egídio Romano, no século XIV, identificou-a como homem porque ela era chamada de apóstola. Mas essa "mudança de sexo" foi, como diz um estudioso, "uma invenção da imaginação machista".[589] O nome *Junia* era um nome feminino comum no Império Romano, derivado do latim. Em contraste, uma busca exaustiva no banco de dados de nomes antigos mostra que não foi encontrado um único exemplo do suposto nome masculino *Junias*.[590] Depois de um surto renovado, no século XX, de chamá-la de homem, há quase quatro décadas o consenso acadêmico confirmou mais uma vez que ela era mulher[591] (embora alguns estudiosos complementaristas continuem a argumentar o contrário[592]).

Segundo, alguns dizem que ela não era apóstola. Em 2001, dois estudiosos complementaristas[593] escreveram um artigo que foi usado para justificar a tradução da ESV, que optou por: "Júnia era muito estimada pelos apóstolos" — e, portanto, não seria uma dos apóstolos. Mas a afirmação desses estudiosos (e, portanto, a tradução do versículo na ESV) não resistiu ao princípio da revisão por pares. Depois de examinar o banco de dados e analisar o vocabulário e a gramática, estudiosos do texto como Linda Belleville, Eldon Epp e Richard Bauckham logo refutaram essa afirmação, demonstrando que é muito mais convincente entender o versículo no sentido de que Júnia era tanto mulher

588. Veja Paul Jewett, Romans, p. 961–62. A exceção é Epifânio (315-403), que se refere a um Junias masculino, mas que também pensa que a Priscila de Romanos 16:3 é um homem, o que sabemos não ser verdade. Por isso, parece seguro descartá-lo como testemunha confiável. Veja Eldon Epp, *Junia*, p. 34.

589. Paul Jewett, Romans, p. 962.

590. Kevin Giles, What the Bible Actually Teaches on Women, p. 276

591. Por exemplo, comentaristas recentes do livro de Romanos, como M.J. Lagrange, Leon Morris, John Ziesler, J. A. Fitzmyer, C. E. B. Cranfield e James Dunn, sustentam essa visão.

592. No entanto, a maioria dos estudiosos complementaristas mais renomados e praticamente todos os comentaristas atuais, como Andreas Köstenberger e Douglas Moo, admitem que ela era mulher.

593. Michael Burer e Daniel Wallace em "Was Junia Really an Apostle? A Re-examination of Romans 16:7" NTS 47 (2001), p. 76–91.

quanto apóstola, de acordo com o entendimento da igreja primitiva.[594]

Os argumentos deles são tão convincentes que até Tom Schreiner acabou admitindo que ela era mulher e apóstola,[595] embora, ao mesmo tempo, tenha levantado ainda outra objeção.

Ela não era uma apóstola propriamente dita. Schreiner diz que "a palavra 'apóstolos' aqui provavelmente se refere a 'plantadores de igrejas' ou 'missionários' e, portanto, não coloca Júnia e Andrônico no mesmo nível dos Doze ou de Paulo".[596]

Mas Schreiner parece ter uma compreensão inadequada do apostolado. Embora a palavra "apóstolo" signifique *enviado*, há três tipos de "apóstolos" no Novo Testamento. Há o apóstolo do primeiro tipo, os Doze que Jesus escolheu enquanto ainda estava na terra. Depois, há o apóstolo do segundo tipo. Isso se refere ao círculo mais amplo de apóstolos, incluindo Paulo, Barnabé e Tiago, que Jesus pode levantar e enviar agora que está no céu.[597] Quase todas as referências a apóstolos no Novo Testamento se encaixam nesses dois usos, embora, quando Romanos é escrito, algumas décadas depois do início da história da igreja, "os apóstolos" já não se refira aos Doze, mas ao grupo mais amplo. Era assim que Paulo normalmente usava o termo.

Por fim, há o apóstolo do terceiro tipo, aqueles escolhidos e enviados por uma igreja específica para uma missão importante, notadamente a de ser portador de uma oferta em dinheiro. Em apenas dois lugares do Novo Testamento a palavra é usada para descrever uma pessoa que uma igreja local pode enviar com a

594. Veja Linda Belleville, "A Re-examination of Romans 16:7 in Light of Primary Source Materials," NTS 51 (2005): p. 231–49; Eldon Epp, Junia: The First Woman Apostle; Richard Bauckham, Gospel Women, p. 165–85.

595. Em "Recovering Biblical Manhood and Womanhood", de 1995 (p221), ele contesta qualquer certeza de que Júnia seja apóstola, enquanto em "Two Views of Women in Ministry", de 2005 (cap. 1), passa a concordar com a maioria dos estudiosos. Da mesma forma, em sua resenha do livro de Philip Payne "One in Christ", ele concorda com Payne: "Júnia era quase certamente uma mulher, e Paulo a identifica como apóstola." (Fonte: www.bit.ly/3qaJctI) Ele não está sozinho — outros importantes estudiosos complementaristas que concordam são Douglas Moo, em seu comentário Romans (p. 923), e Köstenberger, em "God's Design for Man and Woman" (p. 153).

596. Diz Schreiner em "Two Views of Ministry", p. 105. Douglas Moo apresenta um argumento semelhante em seu comentário sobre Romanos, p. 922.

597. Veja Atos 14:14, 1 Coríntios 9:5-6 e Gálatas 1:19.

tarefa especial de representar a igreja diante de alguém ou de outra igreja: a igreja de Filipos envia Epafrodito como "enviado" para consolar Paulo e prover para ele,[598] enquanto várias igrejas escolhem e enviam, cada uma, alguém para ajudar a levar uma grande oferta em dinheiro à igreja de Jerusalém[599] — a NIV traduz aqui a palavra como "representantes".

Então, a quais apóstolos Paulo se refere quando diz que Júnia está entre "os apóstolos"? Obviamente, não pode ser aos apóstolos do primeiro tipo, a quem Paulo em outro lugar chama de "os Doze".[600] E quase certamente não se trata de meros representantes de igrejas, do terceiro tipo, numa missão especial. Sabemos disso porque, nos dois lugares em que Paulo usa o termo no sentido de um representante enviado, ele o qualifica com pronomes possessivos: Epafrodito é "*vosso* apóstolo", enquanto os portadores do dinheiro são "apóstolos *das* igrejas". Em contraste, um apóstolo do segundo tipo não é mero representante de alguma igreja local — é enviado pelo próprio Cristo. O fato de Paulo chamar o casal simplesmente de "apóstolos" indica que eles não eram meros enviados de uma igreja numa missão. Nem Epafrodito nem os portadores do dinheiro correm o risco de prisão ao realizar essas tarefas, ao passo que Júnia e seu marido tinham sido presos — muito provavelmente por fazerem o trabalho de um apóstolo do segundo tipo. Como Paulo, eles são comissionados diretamente por Jesus Cristo para realizar um ministério pioneiro de alto custo, que inclui pregar o evangelho, plantar e firmar igrejas, estabelecer a doutrina dessas igrejas e formar e ordenar pastores.

Embora o apostolado de Paulo seja único dentro do círculo mais amplo de apóstolos, porque ele também escreve Escritura, assim como alguns dos Doze, ainda assim ele usa uma linguagem que identifica o casal apostólico consigo mesmo. Eles são "compatriotas judeus". Estiveram na prisão "com" ele.

Perguntamo-nos como o fato de Schreiner chamar Júnia meramente de "plantadora de igrejas" ou "missionária" a torna algo menos que Paulo, que era precisamente isso. Na verdade, Paulo usa uma linguagem que expressa que, a

598. Filipenses 2:25
599. 2 Coríntios 8:23
600. 1 Coríntios 15:5

seu ver, Júnia é sua igual. Que outra coisa ele poderia querer dizer com ela ser "notável [no sentido de: a melhor da turma] entre os apóstolos", um grupo que inclui ele mesmo? Pelo menos parte do que tanto impressiona Paulo em Júnia é que ela parecia estar fazendo trabalho apostólico havia mais tempo que ele. Como ele diz, ela estava "em Cristo antes" dele.

Aí está o erro de Schreiner: sua tentativa de fazer de Júnia algo menos que Paulo vai contra a tentativa do próprio Paulo de fazer dela algo mais parecido com ele — *na verdade, até mais do que* ele mesmo. Talvez Schreiner fizesse bem em dar ouvidos às palavras do Pai da Igreja João Crisóstomo em seu antigo comentário sobre Romanos 16: "Ser apóstolo é algo grande. Mas ser notável entre os apóstolos — pense que maravilhoso cântico de louvor é isso! Eles eram notáveis com base em suas obras e ações virtuosas. Na verdade, quão grande deve ter sido a sabedoria desta mulher, para que fosse considerada digna até do título de apóstolo."[601]

Concluímos: Júnia era mulher, e era apóstola — e, além disso, apóstola do segundo tipo. Mas você percebe o que tudo isso significa?

Embora a maioria das denominações modernas não reconheça o ministério do apostolado, o Novo Testamento diz em dois lugares que ele é o ministério mais crucial que existe. De fato, Paulo chega a usar a palavra "primeiramente" ao descrever a maneira como o Espírito Santo estabelece mais igrejas no mundo. Ele diz: "Deus estabeleceu na igreja, *primeiramente*, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, milagres; depois, dons de curar, de socorrer, de governar e variedades de línguas."[602]

Isso suscita uma pergunta simples: se Romanos 16:7 menciona pelo nome uma mulher que era apóstola, fazendo parte, portanto, do ministério mais elevado, crucial, fundamental e autorizado do mundo, seria um problema uma mulher liderar em qualquer nível inferior de ministério, inclusive como líder de uma igreja local? A resposta contradiz tanto a crença complementarista de que as mulheres não podem exercer alta autoridade na igreja que agora entendemos até onde os seus estudiosos parecem dispostos a ir para pôr em dúvida o gênero e o

601. João Crisóstomo, Homilia 31 sobre Romanos
602. 1 Coríntios 12:28-29. Veja também Efésios 4:11.

apostolado de Júnia.[603]

PROFETISAS

No Novo Testamento, temos uma apóstola (Júnia), uma evangelista (a mulher samaritana) e uma pastora e mestra (Priscila). Isso nos lembra os cinco ofícios de liderança mencionados em Efésios 4:11 ("O próprio Cristo deu os apóstolos, os profetas, os evangelistas, os pastores e mestres, para equipar o seu povo."[604]), o que, por sua vez, nos aponta mais um ministério crucial de que ainda não tratamos neste capítulo: os profetas.

Dando continuidade à tradição das profetisas na Bíblia Hebraica (incluindo Miriã, Débora e Hulda), e cumprindo a profecia de Joel sobre mulheres e filhas que profetizariam, há várias profetisas mencionadas pelo nome no Novo Testamento: Ana, Maria, a mãe de Jesus, e as quatro filhas de Filipe.[605] Paulo também elogia mulheres não nomeadas que profetizam na igreja de Corinto.[606] No Apocalipse, Jesus confronta uma profetisa e mestra — e possivelmente uma líder — na igreja de Tiatira, chegando a lhe dar tempo para se arrepender, não porque ela estivesse tentando ensinar e profetizar *sendo mulher*, mas porque era uma pessoa imoral que promovia a imoralidade.[607]

Embora no Novo Testamento pareça haver uma diferença entre o *ofício de liderança* de profeta, menos comum (mencionado em Efésios 4:11), e o *dom* de profetizar, mais comum, não há absolutamente nada no texto que sugira que as mulheres só pudessem ter o dom e não o ofício, sobretudo à luz das mulheres que claramente ocuparam o ofício de profeta no Antigo Testamento. Agora considere quão crucial é essa percepção.

603. A outra implicação de tudo isso é que temos mais uma razão para aceitar Priscila como pastora, pois, se Júnia compartilhava o ofício do apostolado com o marido, podemos supor que seria normal Priscila compartilhar o ofício da liderança pastoral com o marido, Áquila.
604. Embora 1 Coríntios 12 e Romanos 12 se refiram aos dons como funções dadas a várias pessoas (inclusive mulheres), Efésios 4:11 fala de certos líderes que são, eles mesmos, os dons de Jesus à igreja.
605. Lucas 2:36; Atos 1:14 e 2:17; Atos 21:9
606. 1 Coríntios 11:4
607. Apocalipse 2:20-24

Os profetas também eram mestres — por que outro motivo Paulo diria em 1 Coríntios 14 que eles podem trazer "uma palavra de instrução"[608]? Analisando 1 Coríntios 14, Derek Morphew conclui: "Para Paulo, profecia é um termo que abrange certos tipos de ensino inspirado. O ensino do profeta se sobrepõe ao do mestre e só pode ser distinguido pela maneira como é transmitido ou pelo status reconhecido de profeta daquele que ensina."[609]

As denominações modernas que tendem a traçar uma demarcação clara entre mestres e profetas, e também a classificar os mestres acima dos profetas, tentam adaptar retroativamente suas crenças ao Novo Testamento dizendo que o ensino é confiável e, portanto, tem autoridade, enquanto a profecia pode ser mais espontânea e, portanto, não tem. Na realidade, espera-se que tanto os ensinos dos mestres quanto os ensinos dos profetas sejam verdadeiros e guiados pelo Espírito, mas ambos correm o perigo de não ser verdadeiros e, por isso, devem ser avaliados pelas igrejas.[610] Pedro chega a equiparar o falso ensino à falsa profecia e, consequentemente, o ensino à profecia: "[A]ssim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres."[611] Com essa sobreposição conceitual entre ensino e profecia, "teólogos e comentaristas protestantes, antes de os complementaristas entrarem em cena, argumentavam que a profecia é uma forma de pregação [bíblica], [que era] um dos ministérios mais importantes da igreja primitiva. Até João Calvino via a profecia como 'a interpretação da Escritura aplicada à necessidade presente'."[612]

O Novo Testamento simplesmente não sustenta a maneira como os estudiosos complementaristas dizem que o ensino é um ministério "oficial", enquanto a profecia é um ministério "não oficial".[613] Fora dos cinco ofícios de liderança que

608. 1 Coríntios 14:26

609. Derek Morphew, em "Equal but Different", cita E.E. Ellis em "Prophecy and Hermeneutics in Early Christianty" (p. 141).

610. 1 Coríntios 14:29; Apocalipse 2:20, 24

611. 2 Pedro 2:1

612. Kevin Giles, What the Bible Actually Teaches on Women, cap. 6.

613. Kevin Giles cita um estudioso complementarista que diz: "a função autoritativa da profecia não reside num ofício institucionalizado, mas no próprio pronunciamento como palavra de Deus". (cap. 6) Mas esse argumento vale para os dois lados. Pode-se também dizer: "O mestre e o ensino não têm autoridade inerente; o que tem autoridade, como a profecia, é 'o próprio pronunciamento como palavra de Deus'."

Paulo menciona em Efésios 4:11, o mais próximo que chegamos de Paulo articular algo que pudesse ser chamado de ministério "oficial" é Efésios 2:20, onde Paulo diz que as igrejas devem ser edificadas sobre os ministérios "dos apóstolos e profetas" (sem mencionar pastores ou mestres), e 1 Coríntios 12:28, onde Paulo ordena os ofícios do mais proeminente e estratégico para o menos: "Deus estabeleceu, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres." Não temos nenhuma justificativa bíblica para atribuir ao ensino uma posição mais elevada do que à profecia — se algo se pode argumentar, é que os profetas estão acima dos mestres. Ensino e profecia têm, ambos, autoridade na medida em que a mensagem que trazem é verdadeira e vem de Deus. Tudo isso para dizer que o argumento complementarista de que mulheres podem ser profetisas, mas não pastoras ou mestras, que têm autoridade mais alta em seu ministério "oficial", talvez faça sentido em muitos contextos eclesiásticos modernos, mas contradiz a teologia de Paulo.

O argumento da história da igreja

Outra maneira pela qual os estudiosos complementaristas procuram refutar tanto Priscila como pastora quanto Júnia como apóstola é apontar que, até onde sabemos, os Pais da Igreja não designaram mulheres como líderes ou mestras do segundo século em diante. Na verdade, com o passar do tempo, reprimiram isso cada vez mais.[614] O que dizer sobre isso?

No capítulo 2, revisitamos as atitudes misóginas evidentes em tantos Pais da Igreja. Como vimos, eles infelizmente perderam de vista como Jesus vê as mulheres e leram as Escrituras pelas lentes de sua cultura patriarcal, em vez de lerem sua cultura pelas lentes das Escrituras. E assim, antes mesmo que secasse a tinta do Novo Testamento, que celebra as mulheres, a misoginia impregnou a igreja. Esqueça a ordenação de pastoras: a igreja ficou tão convicta da inferioridade e da subordinação femininas que quase nenhuma igreja dos séculos passados chegou sequer a ordenar diáconas.

614. Que pelo menos algumas mulheres eram ordenadas presbíteras de igrejas no período patrístico fica evidente pela proibição dessa prática em concílios como o Concílio de Laodiceia, em 370 d.C.

Embora tenhamos muito a aprender com a história da igreja, devemos também criticá-la com uma compreensão melhor das Escrituras e do ensino bíblico sobre todo tipo de assunto. Por exemplo, embora a igreja, em seus primeiros séculos, tenha feito grandes progressos na definição de doutrinas relacionadas à Trindade e a Jesus Cristo, parece que ela rapidamente se desviou do ensino do Novo Testamento sobre a liderança da igreja. No final do primeiro século, a liderança plural enfatizada no Novo Testamento foi abandonada. O Pai da Igreja Inácio orientou que cada igreja fosse liderada por um episcopado monárquico — um único pastor, ideia ainda amplamente praticada.

Foi somente depois da Reforma que grupos como os presbiterianos resgataram a ideia de uma pluralidade de liderança. Embora denominações inteiras abracem isso novamente hoje, notamos que isso se desviou de mais de um milênio de "história da igreja", um desvio baseado na redescoberta daquilo que o Novo Testamento sempre ensinara. *Da mesma forma, rejeitar tanto a inferioridade quanto a subordinação femininas, tão difundidas na história da igreja, é justificado pela redescoberta daquilo que o Novo Testamento sempre ensinou.*

Embora a história humana, de modo geral, no último século, tenha permitido que cada vez mais mulheres se juntassem aos homens no comando da sociedade, a ironia é que muitas igrejas lideradas por uma pluralidade seguiram na direção oposta. Durante os séculos de episcopados monárquicos, apenas um homem liderava uma igreja, o que significava que pelo menos muitas mulheres podiam, em princípio, estar ao lado dele em ministérios de segundo escalão. *Mas, quando os que resgataram a liderança plural também presumiram que todos na equipe de liderança deviam ser homens, essas igrejas se tornaram mais dominadas por homens do que nunca!*

Sou muito grato por estar vivo numa época em que cada vez mais estudiosos redescobriram o ensino geral das Escrituras — se Priscila era pastora, e Júnia era apóstola, e havia profetisas, então não há boa razão para excluir as mulheres de qualquer parte da ação do reino. Embora não devamos tratar a tradição com desdém, Jesus nos ensina a renovar nossas tradições com base em nossa compreensão renovada das Escrituras e nos adverte contra o uso de tradições

para nos esquivarmos de agir de acordo com as implicações do evangelho.[615]

Bíblico versus biblicista

Mesmo depois de tudo o que eu disse, alguns ainda fincam o pé, dizendo que, a menos que tenhamos cem por cento de certeza de que Priscila ou outra mulher era pastora, devemos pecar pelo excesso de cautela e não ordenar pastoras hoje.

O primeiro problema disso é que não temos certeza absoluta de que algum gentio ou escravo tenha sido ordenado presbítero no Novo Testamento. Conhecemos apenas um homem que pode ter sido pastor — Pedro, um judeu livre. Vamos agora, em nome da certeza, proibir gentios e pessoas de baixo status de exercer a liderança principal nas igrejas?[616] Precisamos ser coerentes. Se ficamos nervosos com a ideia de ter mulheres presbíteras porque não se pode citar nenhum exemplo explícito, então deveríamos ficar igualmente nervosos com presbíteros gentios.

615. Mateus 15:2-6

616. Por que nos sentimos tão à vontade para ordenar gentios na igreja atual? Não quero dar peso demais a esse argumento da falta de provas de presbíteros gentios, mas vou considerá-lo para mostrar que chegamos ao mesmo ponto de inconclusividade a que chegamos ao argumentar a favor ou contra mulheres presbíteras. Quem são os líderes gregos na igreja primitiva? O grego Tito não era presbítero, mas delegado apostólico. Timóteo, tendo aprendido as Escrituras com uma mãe e uma avó judias, era mais judeu do que não. Mas, mesmo que fosse gentio, ainda assim era delegado apostólico, e não presbítero. É duvidoso que Lucas fosse gentio, mas, mesmo que fosse, era companheiro de viagem e escritor, não presbítero. É pelo menos plausível que, como a estratégia de Paulo era ir primeiro aos judeus de cada cidade, e só depois aos gentios, ele escolhesse presbíteros do contingente judeu, que conhecia bem as Escrituras. Mas quem de nós, ouvindo tudo isso, proibiria por isso os gentios de serem presbíteros? Eu não, e provavelmente você também não. Por que, então, tantos estão dispostos a impedir que mulheres exerçam o presbiterato pela razão de que não se pode citar de forma conclusiva nenhum exemplo bíblico? Se alguém tentasse defender por que gentios podem ser presbíteros, como faria isso? Imagino que citando um destes quatro argumentos: 1) Gálatas 3:28 diz que em Cristo 'não há judeu nem gentio'. Mas então devemos lembrar que esse versículo também diz o mesmo sobre o gênero: 'nem homem nem mulher'. 2) A visão de Pedro no terraço e o subsequente derramamento do Espírito sobre Cornélio mostraram-lhe que os gentios não eram impuros, como os judeus haviam imaginado, mas dignos de serem membros plenos da igreja. Mas então devemos lembrar que, como evidenciado pelo derramamento do Espírito sobre elas no Pentecostes, as mulheres também eram membros plenos. 3) Apontando um delegado apostólico grego como Tito, mostrando assim que pessoas de menor autoridade, como os presbíteros, também podiam ser gregas. Mas então devemos lembrar que temos Júnia, a apóstola, que está um degrau acima de Tito no espectro da autoridade. 4) Destacando o fato de que, além do Império Romano e do primeiro século, provavelmente haveria culturas exclusivamente gentias, ao contrário das vilas e cidades do Novo Testamento, onde sempre se podiam encontrar judeus (6 milhões deles viviam fora da Palestina). Mas então devemos lembrar que isso ecoa o argumento igualitário de que agora nos encontramos numa cultura igualitária, ao contrário das culturas patriarcais do primeiro século.

Mas o problema maior é que não é assim, de forma alguma, que devemos aplicar as Escrituras! Essa é uma abordagem biblicista, não bíblica. A primeira não permite nada a menos que se encontre um versículo para isso, enquanto a segunda procura agir de acordo com os princípios das Escrituras, mesmo que isso signifique não encontrar um texto bíblico de apoio que prescreva exatamente aquela prática. Proponho que, quando se trata da missão da igreja, conduzida pelo Espírito e sensível ao contexto, em vez de assumirmos uma postura biblicista e medrosa de não fazer nada a menos que se encontre um texto-prova, devemos antes assumir a atitude de quem é livre para agir de acordo com os princípios das Escrituras.

De fato, esse já é o nosso *modus operandi* nas cem coisas que as igrejas modernas, com mentalidade missionária, fazem hoje: podemos usar instrumentos musicais e sistemas de som, organizar equipes especializadas de intercessão, distribuir folhetos evangelísticos, criar trilhas de formação de líderes, contratar vários funcionários, imprimir e distribuir Bíblias, criar sites, comprar prédios ou separar as crianças e os adolescentes uns dos outros e dos adultos. E, no entanto, nenhuma dessas coisas é prescrita, ou sequer descrita, no Novo Testamento.

A liberdade de ordenar mulheres pastoras é uma direção que encontra ênfase paralela na Bíblia: visto que certamente havia na igreja mulheres evangelistas, mulheres que lideravam casas, mulheres mestras, profetisas, diáconas e apóstolas, e na falta de uma proibição bíblica clara contra isso, é razoável, e não insensato, reconhecer mulheres presbíteras naquelas situações em que Deus as levanta e em que isso é vantajoso para a missão — o que é o caso na maioria das culturas igualitárias de hoje. Como diz Jamin Hübner, não faz sentido "relegar o presbiterato ou o ofício pastoral a uma categoria separada e especial, distinta dessas outras funções — de tal modo que um dos sexos pudesse ser automática, universal e permanentemente excluído de um papel e, ainda assim, exercer *todas* as outras funções".[617] Isso é ainda mais verdadeiro quando *não* se pode ter certeza de que somente homens eram presbíteros na era do Novo

617. Diz Jamin Hübner em sua tese de doutorado, "A New Case for Female Elders". (Fonte: www.bit.ly/3BNaSY8 p.171)

Testamento; quando *não* há nenhuma proibição explícita do presbiterato feminino; e quando podemos ter *quase certeza* de que Priscila, assim como seu marido, era pastora.

Além disso, a razão pela qual a igreja de Roma estava pronta para liberar líderes e mestras mulheres em seu meio era que ela entendia bem o princípio orientador de reconhecer os dons espirituais.



13

Dons (Romanos 12) vs. gênero (1 Timóteo 3)

"Quando o gênero é usado para fazer a primeira triagem, quaisquer dons e habilidades que Deus tenha dado às … mulheres podem acabar numa prateleira do armário. O sentimento de frustração que a negação desses dons pode gerar é uma das consequências, mas ainda maior é a raiva ou a tristeza experimentada quando uma parte intrínseca da nossa pessoa foi desconsiderada." Alice Mathews[618]

Um dos custos do patriarcado na sociedade não é apenas o fato de ele suprimir a contribuição de metade da população, mas também a contribuição medíocre que ele torna mais provável naqueles da outra metade que, com demasiada frequência, se sentem no direito de receber promoções, mesmo que outros sejam mais qualificados para o cargo**.** Em seu livro de 2019 sobre mulheres na liderança, Melinda Gates explica sua visão sobre equilibrar a balança da igualdade de gênero, dizendo:

Nunca defendi a ideia de que as mulheres são melhores que os homens, ou de que a melhor maneira de melhorar o mundo é as mulheres ganharem mais poder que os homens. Penso que o domínio masculino é prejudicial à sociedade porque qualquer domínio é prejudicial: significa que a sociedade é governada por uma falsa hierarquia, em que poder e oportunidades são concedidos segundo o gênero, a idade, a riqueza e o privilégio — e não segundo a competência, o esforço, o talento ou as realizações.[619]

618. Alice Mathews, Gender Roles and the People of God, cap. 13
619. Melinda Gates, The Moment of Lift: How Empowering Women Changes the World

Algo semelhante pode ser dito da igreja quando ela escolhe líderes e mestres com base no gênero. É claro que, num contexto altamente patriarcal (como uma nação estritamente islâmica), em que isso poderia ser visto como uma grave pedra de tropeço para que pessoas de fora recebam o evangelho, pode ser vantajoso para a missão escolher somente homens como líderes na igreja. Mas, quando essa pedra de tropeço já não existe, parece-me claro que o dom deve prevalecer.

Examine as muitas listas de dons espirituais[620] que Paulo apresenta em suas cartas às igrejas de Roma, de Éfeso e de Corinto (por coincidência, justamente as que Priscila ajudou a liderar em determinados momentos), e você descobrirá que *o Espírito distribui esses dons sem se importar com o gênero ou com a posição social de cada um*. O Espírito que concede dons parece não fazer distinção de gênero.

A razão pela qual a igreja de Roma se sentia tão à vontade para liberar mulheres para papéis de contribuição significativa, como fica evidente em Romanos 16, é que ela tinha uma compreensão sólida dos dons como base para a distribuição de funções, como fica evidente em Romanos 12:

Temos diferentes dons, segundo a graça dada a cada um de nós. Se o seu dom é profetizar, profetize de acordo com a sua fé; se é servir, sirva; se é ensinar, ensine; se é encorajar, encoraje; se é contribuir, contribua com generosidade; se é liderar, lidere com zelo; se é exercer misericórdia, faça-o com alegria.[621]

Se Paulo acreditasse que certas funções eram limitadas pelo gênero de cada um, este teria sido o lugar perfeito para dizê-lo. Mas ele não o faz. Não há absolutamente nada nesta passagem que sugira que Paulo possa estar excluindo as mulheres de qualquer um desses dons.[622] Quando lemos até o fim da sua carta e encontramos a menção que ele faz de Priscila, por exemplo, que, segundo as evidências, tanto liderava quanto ensinava homens, temos uma explicação: Priscila devia ter os dons espirituais de ensino e de liderança.

620. Veja Efésios 4:11; 1 Coríntios 12 e 14; Romanos 12:6-8.

621. Romanos 12:6-8

622. Não há sequer um único pronome masculino, como em "se é ensinar, que ele ensine".

Os dons espirituais como niveladores

Liberar pessoas para ofícios e funções com base na posição social, na etnia ou no gênero divide as pessoas sem que se perceba, ao passo que fazê-lo com base nos dons espirituais une. O primeiro critério se baseia em preferências humanas; o segundo, na escolha divina. Considere o compromisso de Paulo com a unidade prática entre judeus e gentios em suas cartas magistrais aos Efésios e aos Romanos. Em Efésios 1-3 e Romanos 1-11, ele começa com o fundamento teológico da unidade e depois, em Efésios 4-6 e Romanos 12-15, expõe a piedade necessária para viver essa unidade na prática. Mas observe que *um ensino sobre os dons espirituais, que manifestam a igualdade*, em Romanos 12:3-8 e Efésios 4:11-16, é a cola que une as seções iniciais e finais. Paulo parece dizer que, visto que o Espírito reparte os dons, inclusive os dons de liderar e de ensinar, *independentemente da etnia de cada um*, essa é mais uma maneira pela qual ele une pessoas de várias etnias. Do mesmo modo, em 1 Coríntios, embora a carta não esteja dividida de forma tão clara nessas mesmas seções, observamos como o tratamento teológico que Paulo dá às discrepâncias entre homem e mulher, e entre ricos e pobres, é reforçado pelo seu ensino sobre como o Espírito distribui os dons soberanamente (e, portanto, sem levar em conta a posição social ou o gênero de cada um).

Em tudo isso, Paulo apresenta três razões catalisadoras para a unidade que ele espera ver entre judeus e gentios (e podemos acrescentar: entre ricos e pobres, escravos e livres, *e homens e mulheres*): uma compreensão do evangelho unificador, que derruba as barreiras da sociedade; um compromisso, que edifica a unidade, de amar e servir pessoas diferentes de nós mesmos; *e o reconhecimento dos dons que Deus dá a quem ele quer*. Em contraste com "a guerra dos sexos", a solução de Deus, que une os gêneros, é que nós, como igreja, nos juntemos a ele em "não fazer acepção de pessoas" e liberemos para liderar e ensinar aquelas pessoas a quem Deus soberanamente concede dons e chama para isso.

O perigo de sufocar os dons

A tragédia de interpretar erroneamente 1 Timóteo 2:12 como uma proibição universal de que qualquer mulher ensine ou lidere qualquer homem é que isso se torna uma camisa de força para as mulheres a quem o Espírito capacita com esses dons. Dizer a essas mulheres que usem seus dons somente com crianças e outras mulheres não só as ofende, mas — e esta é a minha verdadeira preocupação — priva a igreja, que tanto precisa de todos os canais de graça que Deus lhe concede.

E, no entanto, uma das fundadoras do complementarismo, na prática, aconselha as mulheres a cobrirem seus dons com um véu quando há um homem na sala: "Uma mulher sábia preferirá abrir mão de uma oportunidade de mostrar e usar seus dons se, ao usá-los, ela correr o risco de trazer desonra à Palavra de Deus e, portanto, a ele."[623] Da mesma forma, Kevin De Young, depois de reconhecer que "as mulheres têm dons espirituais vitais, inclusive dons de ensino e de liderança", mesmo assim conduz esses dons para longe dos homens: "Será que ensinar crianças e outras mulheres é um desperdício dos dons de uma mulher?"[624] Mas o ensino de Paulo sobre receber com humildade as contribuições de outros crentes adverte contra esses sentimentos prejudiciais: "Não podem os olhos dizer à mão: 'Não precisamos de ti'; nem ainda a cabeça, aos pés: 'Não preciso de vós'."[625]

Acabo de tomar um café com uma líder fantasticamente talentosa que deixou o ministério remunerado na igreja. Ela me conta da dor de ter sua contribuição na igreja posta de lado, tratada com desconfiança e, em alguns casos, silenciada por homens da igreja. Do mesmo modo, Alice Mathews, teóloga e ex-decana acadêmica, hoje com mais de 80 anos, conta da agonia de ter seus dons engavetados durante grande parte da vida:

623. Diz Dorothy Patterson em "Women in the Church" (2nd Edition), cap. 6
624. Fonte: www.bit.ly/3k2AA4x
625. 1 Coríntios 12:21

Muitos anos atrás, quando meu marido e eu servíamos como missionários na Europa, eu estava sentada em nossa cama certa manhã, lendo Mateus 25. Quando cheguei ao fim da parábola dos talentos, percebi que estava chorando. E orei: "Senhor, o Senhor vai me dar um desconto por eu não usar o que me deu, já que quem manda não me deixa?" O gênero havia prevalecido sobre o dom, e eu me sentia impotente para fazer qualquer coisa a respeito. Essa não é uma experiência incomum para muitas mulheres cristãs.[626]

Uma igreja complementarista não só corre o risco de ferir pessoas, como também prejudica toda a eficácia missionária dessa igreja. Em minha cidade, tive o privilégio de ver uma igreja próxima crescer rapidamente até chegar aos milhares, à medida que libera homens e mulheres segundo os seus dons e sem levar em conta o gênero. Tanto homens quanto mulheres lideram. Tanto mulheres quanto homens pregam.

John Piper e Tom Schreiner podem achar "belo" que somente homens liderem e que as mulheres apoiem esses homens, mas eu acho muito mais belo ver homens e mulheres liderando e ensinando lado a lado.

Algumas vezes, nos últimos tempos, creio que o Espírito de Deus compartilhou comigo um pouco da sua própria tristeza diante da supressão da contribuição feminina. Numa ocasião, numa conferência de liderança de um movimento complementarista, uma mulher compartilhou durante 15 minutos tudo o que havia aprendido sobre alcançar seus amigos para Jesus. Tomei notas febrilmente e me inspirei muito nela. Mas depois um amigo, homem, com formação teológica avançada, comentou comigo — e isso embora ela tivesse se mantido dentro do combinado de não ensinar nenhuma teologia: "Fico arrepiado quando uma mulher sobe ao púlpito." O comentário dele me entristeceu — por não conseguir vê-la como Deus a vê, ele nem sequer conseguia ouvir as palavras de Deus por meio dela.

Será que impor a uma igreja uma interpretação errada de um único texto não acarreta um risco espiritual incalculável para as pessoas que, de outro modo, seriam beneficiadas pelos ministérios mistos — de homens e mulheres — de

626. Alice Mathews, Gender Roles and the People of God, cap. 13

evangelismo, discipulado, pastoreio, liderança e plantação de igrejas? Numa igreja local, precisamos que todos os dons estejam em ação, de modo que possam beneficiar cada uma das outras pessoas, para que a igreja "cresça e se edifique em amor, à medida que cada parte realiza a sua função".[627] É preciso estar absolutamente seguro da própria interpretação de 1 Timóteo 2:12 para justificar a limitação do pleno exercício dos dons que o Espírito Santo concede às mulheres. Mas, como propus no capítulo 7, nenhuma pessoa de mente aberta e verdadeiramente honesta deveria ter tanta certeza.

Limitar os dons põe uma camisa de força não só nas mulheres, mas também no próprio Deus. Encontrar uma justificativa teológica distorcida para ficar arrepiado enquanto o Espírito de Deus usa uma mulher para ministrar a você entristece o Espírito Santo, que "sopra onde quer"[628] e costuma designar qualquer porta-voz que lhe pareça adequado.[629] Diz Gordon Fee:

A evidência do Novo Testamento é que o Espírito Santo inclui ambos os gêneros, concedendo dons tanto a homens quanto a mulheres e, assim, potencialmente libertando todo o corpo, para que todas as partes ministrem e, de várias maneiras, exerçam liderança em favor das outras. Por isso, no fim das contas, a minha questão não é uma agenda de mulheres no ministério. É, antes, uma agenda do Espírito, um apelo para que o Espírito seja libertado das nossas restrições e estruturas, a fim de que a igreja possa ministrar a si mesma e ao mundo de maneira mais eficaz.[630]

Há duas maneiras pelas quais costumamos sufocar os dons que Deus dá às mulheres para o avanço do reino: podemos impor um teto a eles; ou as condições sociais podem impedir até mesmo que eles sejam descobertos.

627. Efésios 4:16
628. João 3:8
629. Êxodo 15:20; Juízes 2:16; 4:4; Ester 4:14
630. Fonte: Discovering Biblical Equality, 2005, p. 254.

Quando odres velhos desperdiçam vinho novo

Embora tenha havido surtos momentâneos de ministério feminino significativo na história da igreja, há pouquíssimos exemplos, na história da igreja anterior a 1900, de mulheres que lideraram igrejas *por um período prolongado*. Por que isso? Jesus advertiu sobre o perigo de odres velhos estragarem o vinho novo. Uma das maneiras pelas quais isso acontece é quando o Espírito se move com poder, trazendo para a linha de frente todo tipo de pessoas dotadas, mas depois as forças do institucionalismo estabelecem políticas e procedimentos excessivamente definidos, para substituir o que foi gerado por Deus. O cumprimento de descrições de cargo substitui aquilo que antes era movido pelos dons.

Quando se examinam séculos de avivamentos, por exemplo, o que se encontra nas fases iniciais é um derramamento de vinho novo — em que todo tipo de pessoas "sem credenciais", inclusive mulheres, irrompem em cena no poder do Espírito, liderando, pregando, evangelizando e plantando ou pastoreando igrejas. Pense no movimento pentecostal no início do século passado, em que multidões de mulheres foram poderosamente capacitadas pelo Espírito para o evangelismo, a pregação e a liderança pioneira. Mas então, com o passar do tempo, o institucionalismo se infiltra e a igreja volta aos seus odres velhos de ministros "profissionais" (uns poucos de elite fazendo a maior parte da obra de Deus) e da subordinação feminina (às vezes a homens menos dotados). Maria Boccia, em *Hidden History of Women Leaders of the Church*, resume esse padrão triste e recorrente na história da igreja: "Quando a liderança envolvia a escolha carismática de líderes por Deus, por meio dos dons do Espírito Santo, as mulheres eram incluídas. Com o passar do tempo, a liderança foi institucionalizada, a cultura patriarcal secular infiltrou-se na Igreja e as mulheres foram excluídas."[631]

Isso remonta ao segundo século. Até onde sabemos, nunca mais houve na igreja uma equipe de liderança mista, de homens e mulheres, depois daquela descrita

631. Fonte: Journal of Biblical Equality, setembro de 1990, p. 58.

em Romanos 16. Poucas décadas depois de Paulo escrever sua carta à igreja de Roma, um poderoso patriarcalismo e institucionalismo se enroscou firmemente em torno da igreja. Tertuliano, por exemplo, reimaginou a igreja como um microcosmo da sociedade romana, com seus escalões de oficiais hierarquizados, de modo que os pastores se tornaram governantes. Desapareceu o uso dinâmico dos dons e, em seu lugar, nasceu a divisão entre clero e leigos, com direitos especiais para o clero, bem como a suposição de que somente homens podem ser clérigos.

Quando uma igreja determina que nenhuma mulher deve liderar ou pregar, ela deixa escorrer parte do seu potencial redentor. Graças a Deus, ele continua a agir nela (pois nunca teve uma igreja perfeita). Mas, se uma igreja (ou um movimento de igrejas) não quiser perder parte da provisão do Espírito, ela *precisa* se livrar dos odres velhos que se concentram numa hierarquia de governo ou que baseiam a liderança e o ensino no gênero. Se a igreja primitiva e os numerosos avivamentos posteriores servem de referência, o odre melhor descobre e põe em ação os dons que o Espírito dá a *todas* as pessoas: jovens e velhos, ricos e pobres, negros e brancos, homens e mulheres. Dito isso, há algo ainda mais grave do que impor um teto aos dons das mulheres. Trata-se de nem sequer conseguir percebê-los.

As condições sociais podem impedir o desenvolvimento dos dons

Celebro o sucesso do Movimento de Libertação das Mulheres, especialmente na medida em que lutou por igualdade de oportunidades na educação e na vida profissional. Numa perspectiva histórica ampla, o mundo ainda está apenas começando a descobrir quão capazes as mulheres são quando são liberadas para todas as áreas da sociedade. De fato, até a década de 1960, era aceito quase por unanimidade que as mulheres não poderiam fazer aquilo que hoje fazem aos milhões! A Deus seja a glória pelos talentos, dons e oportunidades que ele deu aos homens *e às mulheres*!

Isso deve nos fazer parar e refletir sobre todos os talentos e dons que foram desperdiçados na história do mundo porque as condições sociais eram tais que as mulheres quase nunca recebiam a educação ou as oportunidades para desenvolver o seu potencial. Isso também se aplica à história da igreja — quantos apóstolos, profetas e mestres nem sequer viram a luz do dia? Quantos dos bons presentes de Deus para a sua igreja nem sequer foram abertos? Infelizmente, não são apenas as igrejas do passado que perderam tanto. São as igrejas de hoje que têm uma teologia que limita conforme o gênero, a qual ou as cega para as mulheres dotadas em seu meio ou, se esses dons são percebidos e desenvolvidos, os limita a salas onde não há homens.

Agradeço a Deus por viver numa cultura igualitária, em que as condições sociais são tais que é mais provável que minha filha dê à sociedade qualquer contribuição profissional para a qual Deus a capacitou. Espero sinceramente que o mesmo valha para o seu ministério na igreja.

Contudo, devo admitir que ainda não tratei de uma objeção comum levantada por estudiosos hierarquistas: se a liderança da igreja não deve se basear no gênero, por que, então, 1 Timóteo 3:2 diz que o pastor deve ser "fiel à sua esposa"? É uma pergunta que leva a examinar com cuidado não só o próprio versículo, mas também o próprio método de interpretação.

Romanos vs. 1 Timóteo — normativo vs. corretivo

Eis a passagem em que a expressão aparece:

Quem aspira a ser supervisor deseja uma nobre função. Ora, o supervisor deve ser irrepreensível, **fiel à sua esposa**, moderado, sensato, respeitável, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não violento, mas gentil; não briguento, não amante do dinheiro. Ele deve governar bem a sua própria casa e cuidar que seus filhos lhe obedeçam, e deve fazer isso de modo digno de pleno respeito. (Se alguém não sabe governar a sua própria família [literalmente, "casa"], como cuidará da igreja de Deus?) Não pode ser recém-convertido, para que não se ensoberbeça e caia na mesma condenação que o diabo. Também

deve ter bom testemunho dos de fora, para que não caia em descrédito e na armadilha do diabo.[632]

Esta passagem é bastante semelhante a uma lista de requisitos para presbíteros dada a Tito em seu ministério apostólico na ilha de Creta.[633] A diferença entre as duas é que a passagem de Timóteo acrescenta depois uma lista semelhante, porém mais curta, de requisitos para diáconos.[634] As três seções — a de Tito sobre os presbíteros e as duas de Timóteo sobre presbíteros e diáconos — incluem a expressão "fiel à sua esposa" como requisito.

À primeira vista, isso parece entrar em choque com Romanos 12 e 16, onde o dom e o chamado, e não o fato de ser homem ou o estado civil, são o único critério. *Assim, perguntamos: "Devemos interpretar Romanos 12 e 16 à luz de 1 Timóteo 3, ou o contrário?"*

Se eu escrevesse uma carta a um filho meu, na qual lhe falasse do meu amor e também compartilhasse com ele a minha melhor sabedoria para a sua vida, e depois escrevesse outra carta, na qual expressasse a minha preocupação com a maneira desastrada como ele lidou com determinada situação e o aconselhasse sobre como corrigi-la, eu esperaria que, com o passar dos anos, meu filho deixasse a primeira carta, positiva, servir de moldura para a segunda, corretiva. Da mesma forma, devemos deixar que Romanos 12 e 16 sirvam de moldura para 1 Timóteo 3. Como mostrei no capítulo 7, toda a carta de 1 Timóteo tem um tom principalmente corretivo, procurando restaurar uma igreja que havia sido prejudicada por falsos mestres. Embora haja sabedoria atemporal em suas passagens, essas verdades precisam ser cuidadosamente escavadas pelas igrejas de hoje, que talvez enfrentem situações completamente diferentes.

Voltando à minha analogia: se minha filha, numa situação completamente diferente, lesse a carta que escrevi ao irmão dela sobre como pôr em ordem a confusão em sua vida, eu esperaria que ela não aplicasse irrefletidamente tudo o que eu disse naquela carta. Aplicando essa analogia, Romanos se parece mais com uma carta circular que escrevo a todos os meus cinco filhos,

632. 2 Timóteo 3:1-7
633. Tito 1:6-9
634. 1 Timóteo 3:8-12

independentemente da situação de cada um. Embora trate de uma situação singular, a integração entre judeus e gentios, ela não tem natureza principalmente corretiva — ao contrário, Paulo ensina de tal maneira que quase tudo o que ele diz pode ser aplicado diretamente a qualquer igreja, em qualquer lugar. Isso porque ele ainda nem sequer estivera naquela igreja e, por isso, escreve em grande parte como escreveria a qualquer igreja genérica.

Em contraste, 1 Timóteo, assim como a carta a Tito, é dirigida principalmente a uma única pessoa. Embora uma congregação específica possa ter conhecimento do seu conteúdo, o fato de ser escrita a um líder específico que enfrenta desafios muito específicos significa que é preciso ter um cuidado redobrado ao aplicar o seu conteúdo a todas as igrejas.

Por fim, devemos ter em mente que as passagens claras devem ser usadas para interpretar as passagens mais obscuras. Embora 1 Timóteo 3 possa parecer bastante simples numa primeira leitura, um pouco de reflexão mostra como ele parece contradizer o que tantas outras passagens da Bíblia ensinam claramente. Darei exemplos em breve. Visto que a Escritura interpreta a Escritura, e as passagens claras devem lançar luz sobre as passagens mais obscuras, *nossa tentativa de extrair de 1 Timóteo 3 verdades de aplicação universal deve ser guiada por Romanos 12 e 16*.[635]

Duas maneiras de ler 1 Timóteo 3 e Tito 1

Há duas maneiras de interpretar 1 Timóteo 3 (e Tito 1) no que diz respeito ao gênero e à liderança da igreja. A primeira é lê-lo como se Paulo estivesse *ordenando* que os presbíteros das igrejas de Éfeso (e de Creta) fossem homens e, portanto, em todas as igrejas de todos os lugares. *A segunda é lê-lo como se Paulo estivesse supondo que o presbítero mais provável, e talvez mais adequado, naquelas igrejas*

635. Por favor, não entenda o que não estou dizendo. Precisamos de todo o conjunto das Escrituras para interpretar qualquer seção específica, mas, ainda assim, talvez seja melhor ler 1 Timóteo, uma carta corretiva, pelas lentes de Romanos, uma carta normativa, do que o contrário.

greco-romanas seria um paterfamilias, um homem chefe de casa, embora exceções pudessem ser possíveis.[636]

Proponho que a segunda maneira de lê-lo é a melhor. Como diz N.T. Wright: "[Embora] Paulo se refira ao [supervisor] como um homem … isso acontece porque a gramática grega normalmente se refere aos dois gêneros juntos e porque, nos primeiros tempos da igreja, os líderes da maioria das comunidades provavelmente eram homens. Não vejo nisso uma exclusão das mulheres deste ministério e desta vocação em particular."[637]

Wright acerta quando diz: "A gramática grega normalmente se refere aos dois gêneros." Ao contrário das nossas traduções inglesas, as palavras que Paulo usa são, em primeiro lugar, inclusivas quanto ao gênero. No grego original, a palavra de Paulo para "quem" (*tis*) em "quem aspira a ser supervisor"[638] inclui ambos os gêneros. Mas, ainda mais importante, *não há pronomes masculinos em nenhuma das listas de 1 Timóteo 3 ou de Tito*. Compare isso com as nossas traduções inglesas da lista sobre os supervisores em 1 Timóteo — "his … He … his … his … him … he … his … he … He … he … He … he …" —, que nos levam a imaginar um homem em quase todas as linhas, de um modo que os leitores originais não teriam imaginado.

Essa possibilidade de inclusão de ambos os gêneros se fortalece quando entendemos que a expressão "fiel à sua esposa" (literalmente "homem de uma só mulher") é a única parte da lista que, numa leitura superficial, implica ser homem. No entanto, trata-se, na verdade, de uma expressão usada neste contexto para qualquer pessoa *genérica*, homem ou mulher. É verdade que, se *somente* mulheres estivessem sendo tratadas, Paulo usaria "mulher de um só marido" (como faz em 1 Timóteo 5:9). Mas, visto que Paulo, como qualquer

636. Depois de concluir meu livro, li "Men and Women in Christ", de Andrew Bartlett, e descobri nas páginas 315–327 uma terceira maneira: Paulo usa propositalmente uma linguagem genérica e, portanto, inclusiva quanto ao gênero, e assim nem sequer supõe que os supervisores serão homens. Se não fosse a menção às misteriosas "mulheres" no versículo 11, que procuro explicar no Apêndice 5, eu mudaria de lado e adotaria a visão dele. Do jeito que está, fico em cima do muro entre a segunda e a terceira maneira. Seja qual for a leitura, a passagem não deve ser lida como excluindo as mulheres da função pastoral.

637. Tom Wright, Paul for Everyone: The Pastoral Letters, p. 29

638. A mesma palavra "quem" ou "alguém" (*tis*) aparece novamente no versículo 5 e também em Tito 1:6. Ela não significa "qualquer homem", mas "qualquer pessoa" — por exemplo, Jesus diz: "Se alguém (*tis*) quer me seguir, tome a sua cruz." (Mateus 16:24)

escritor grego antigo androcêntrico, usava a forma masculina de uma expressão quando ambos os gêneros estavam incluídos num grupo, podemos entender como isso poderia ter acontecido aqui. Jesus faz algo semelhante quando cita a lei, formulada de modo androcêntrico, que proíbe cobiçar "a mulher do teu próximo"[639] — uma lei que se aplica também às esposas, que não devem cobiçar o marido da sua próxima.

Se o ponto de "fiel à sua esposa" não é ser homem, qual é? A expressão significa ser *monogâmico no casamento e na sexualidade*. Ela exclui pessoas com mais de um cônjuge, assim como pessoas sexualmente infiéis ao seu cônjuge.[640] Até estudiosos complementaristas como Schreiner (e outros) admitem essa possibilidade: "Os requisitos para presbíteros em 1 Timóteo 3:1-7 e Tito 1:6-9, inclusive a afirmação de que devem ser homens de uma só mulher, não excluem necessariamente, por si sós, que mulheres sirvam como presbíteras."[641]

Mas suponhamos (embora talvez não haja nenhuma razão substancial para isso) que Paulo *estivesse* se referindo especificamente apenas a homens nesta lista. Bem, ainda assim temos boas razões para concluir que Paulo, no máximo, está *supondo* que os presbíteros naquele contexto provavelmente serão homens, sem necessariamente fazer disso uma regra rígida para todas as igrejas em todos os tempos.

Este não é, de forma alguma, um pensamento inovador. Durante décadas servi em igrejas "lideradas por presbíteros" que afirmavam aplicar 1 Timóteo 3 na escolha de pastores. No entanto, nenhum de nós, líderes de igreja, tomava os requisitos mais circunstanciais de Paulo como uma legislação estrita sobre quem poderia liderar. Aquelas qualidades relacionadas ao caráter ("gentil, não briguento, não amante do dinheiro"), à competência de liderança relacional

639. Marcos 10:12

640. "Homem de uma só mulher" é uma expressão idiomática que deve ser entendida como a soma das suas partes. Da mesma forma, tivemos em inglês títulos com "man" (homem), como "mailman" (carteiro) e "chairman" (presidente), que não indicavam que a pessoa referida era homem, mas sim que o masculino era o gênero padrão. Veja a discussão em Philip Payne, Man and Woman, One in Christ, cap. 24.

641. Fonte: www. bit.ly/31ls4qR p. 36. Do mesmo modo, Douglas Moo, defensor de uma liderança exclusivamente masculina, diz, mesmo assim: "Seria ir longe demais argumentar que a expressão [homem de uma só mulher] exclui claramente as mulheres." (The Interpretation of 1 Timothy 2: 11-15: A Rejoinder.) Assim também Craig Blomberg: "1 Timóteo 3:1-7 e Tito 1:5-9 não são muito relevantes." (Two Views on Women in Ministry, cap. 1).

("capaz de governar") e ao conhecimento doutrinário ("apto para ensinar"), todos concordávamos, são universais. Contudo, *os fatores mais circunstanciais mencionados nos versículos 4 e 5 não o são*. De fato, tomá-los como uma ordem obrigatória limitaria as igrejas a ordenar somente pessoas idosas (a palavra "presbítero" implica idade avançada), casadas e que tenham dois ou mais filhos crescidos, cada um dos quais sirva a Cristo com entusiasmo e obedeça a cada ordem dos pais. Certamente Paulo não está proibindo universalmente a possibilidade de ordenar pastores que *não* sejam idosos, *não* sejam casados, *não* tenham mais de um filho, *não* tenham filhos bem-comportados ou crentes, *não* tenham a sua própria casa (comumente com escravos, parentes e inquilinos) *e, estendendo esse argumento, não sejam homens*, não é?

Devemos realmente acreditar que Paulo pensa que Jesus, Timóteo e ele mesmo — todos solteiros — não deveriam ter permissão para fazer parte da equipe de liderança principal de uma igreja? Usando um pouco de bom senso, percebemos que o que temos nesta lista é a suposição de Paulo sobre os presbíteros mais prováveis e/ou mais adequados para a igreja de Éfeso naquela época — e não a sua prescrição universal dos tipos de pessoas que podem liderar igrejas até o fim dos tempos.

Como eu disse, os atributos de caráter em 1 Timóteo 3 e Tito 1 são material bíblico crucial para nos ajudar a escolher presbíteros, *mas até essa lista de traços de caráter é moldada pela situação*: por que, podemos perguntar, a lista se preocupa tanto com qualidades exteriores — a percepção de retidão — e não com as interiores? Por que não há uma única menção a algum traço relacionado ao amor por Deus e pelas pessoas? Por que esta lista tem paralelos tão impressionantes na literatura grega da época, de modo que, com exceção de "não ser recém-convertido" (v. 6), cada uma das qualidades listadas seria esperada de um funcionário público não cristão no mundo greco-romano? Por que a falta desses traços levaria ao "descrédito" (v. 7)?[642] Por que Paulo não aplica todas as suas próprias instruções quando ordenava presbíteros — por

642. A preocupação de Paulo com a credibilidade cultural é um dos principais motores de toda a sua carta a Timóteo. Paulo quer que os líderes da igreja "tenham bom testemunho dos de fora, para que não caiam em descrédito". Da mesma forma, 1 Timóteo 2:10, 15; 3:4, 8, 11; 5:10; e 6:1 revelam uma preocupação generalizada com a reputação da igreja diante dos de fora.

exemplo, embora diga aqui que novos cristãos não devem ser nomeados presbíteros (v. 6), ele e Barnabé às vezes ordenavam presbíteros dentre um grupo de recém-convertidos?[643]

A resposta a cada pergunta parece ser que a igreja de Éfeso já havia caído em descrédito por causa de falsos mestres e de líderes caídos que haviam destroçado a reputação da igreja. *Por trás desta lista está a preocupação central de Paulo de que a igreja, por meio da credibilidade dos seus líderes, recupere a sua própria credibilidade e o seu testemunho em seu contexto.*[644] Naquela cultura, uma igreja liderada por pessoas mais velhas transmitiria uma mensagem melhor do que uma liderada por jovens — além disso, ser homem, ser casado e ter membros submissos em sua casa eram traços preferíveis e observáveis nos líderes de qualquer entidade emergente daquela época. Mas não devemos supor que todos esses fatores circunstanciais estarão sempre presentes em outras culturas e contextos. De fato, em nossa própria cultura, líderes sem filhos, solteiros, mais jovens ou mulheres não minam a credibilidade da igreja. Tornei-me pastor recém-casado, com muito pouca "presbiteridade" (eu ainda estava na casa dos 20 anos) e sem filhos, e aqueles que me ordenaram não acharam que estavam violando o ensino da Bíblia, nem as pessoas da igreja que aceitaram a minha liderança espiritual.

Se há algo que devemos aprender sobre ler 1 Timóteo corretamente, é o quanto muitas de suas instruções são situacionais. Nem tudo nela é legislação universal. Por exemplo, nunca fiz parte de uma igreja que mantivesse uma "lista de viúvas", e, no entanto, 1 Timóteo 5:3-9 diz que somente as viúvas (não os viúvos) com mais de 60 anos (não 59 ou menos) deveriam receber sustento financeiro da igreja. E muitas igrejas estão dispostas a sustentar também viúvos com menos de 60 anos! Quando lhes perguntamos por que ignoram "o ensino claro" de 1 Timóteo 5, elas respondem, com razão, que na sua situação — diferente da de Éfeso — é certo fazê-lo. Da mesma forma, se perguntamos por que uma igreja de hoje poderia acrescentar à sua equipe de liderança principal

643. Atos 14:8-23

644. William Mounce, em seu comentário sobre 1-2 Timóteo e Tito, demonstra que, quando se juntam as listas de 1 Timóteo 3 e Tito 1 e se elabora uma lista do que sabemos, a partir dessas duas cartas, sobre os opositores de Paulo, os falsos mestres e os efeitos deles sobre a igreja, quase cada descrição nas listas de Paulo tem um oposto equivalente nos opositores. Em outras palavras, Paulo está pressionando Timóteo e Tito a procurar líderes que não se pareçam em nada com os opositores que devastaram a(s) igreja(s).

um homem solteiro, piedoso e dotado, ou uma mulher casada, apesar do "ensino claro" de 1 Timóteo 3, ela responde, com razão, que na sua situação — tão diferente daquela da igreja ferida de Éfeso — é certo fazê-lo.

"Existe algo que ela não consiga fazer?"

Muitas vezes me maravilho com a notável habilidade da minha esposa como pessoa completa e profissional experiente, e me faço essa pergunta. Mas, quando se trata do pastoreio, ela merece ser feita a respeito de mulheres piedosas e adequadamente dotadas.

O Novo Testamento detalha tanto as qualidades quanto as funções exigidas dos presbíteros ou pastores. O que me impressiona quando examino esses detalhes é que cada um deles está também ao alcance das mulheres.

Comecemos pela lista de requisitos de caráter em 1 Timóteo 3 (que ecoa em Tito 1). Com exceção da expressão "homem de uma só mulher" (que, como argumentei antes, deve ser lida de forma genérica como "monogâmico no casamento e na sexualidade"), não há nada na lista que um leitor moderno possa identificar como exclusivamente ao alcance de homens. Mas ainda podemos perguntar: Paulo pensava assim? Não precisamos especular para responder a isso: em outros trechos de suas cartas a Timóteo e a Tito, ele imagina especificamente mulheres piedosas que encarnam essas mesmas qualidades:

O presbiterato é uma boa obra (3:1); as mulheres devem praticar boas obras (5:10). Os presbíteros e, conforme se menciona em outros lugares, as mulheres devem ser: irrepreensíveis (3:2; 5:7); moderados (3:2; 3:11); sensatos (3:2; 2:9, 15); respeitáveis (3:2; 2:9); hospitaleiros (3:2; 5:10); sóbrios (3:3; Tito 2:3); bons administradores de suas casas (3:4; 5:14); e de boa reputação entre os de fora (3:7; 5:7, 10). Os presbíteros devem ser aptos para ensinar (3:2); as mulheres devem ensinar o que é bom (Tito 2:3). Os presbíteros não devem amar o dinheiro (3:3); as mulheres não devem usar ouro, pérolas e roupas caras (2:9). Os presbíteros devem mostrar dignidade na maneira como mantêm seus filhos sob controle (3:4); as mulheres também devem mostrar dignidade (3:11). Os

presbíteros não devem ser recém-convertidos, caindo por orgulho na condenação (3:6); as mulheres devem ser humildes e não estar sob condenação (5:10, 12).[645]

Deixando de lado os traços de caráter, o que dizer da competência exigida de um pastor ou presbítero? Em resumo, eles devem "pastorear, guiar, ensinar, admoestar e vigiar o rebanho. Isso inclui proteger contra falsos mestres. Devem também dar bom exemplo e orar pela cura dos enfermos. Podem estar envolvidos na profecia e na imposição de mãos para transmitir dons espirituais".[646] Existe alguma dessas funções, qualquer que seja, que esteja além da capacidade de mulheres suficientemente dotadas, preparadas e experientes para exercê-las?

Na ausência de uma passagem bíblica que proíba claramente que mulheres sejam pastoras (mostrei, até aqui neste livro, que essa passagem não existe), seria razoável supor que não há absolutamente nada nas listas de requisitos e de funções que excluiria uma mulher de buscar exatamente o chamado que Paulo convida "quem quer que seja" a buscar, quando escreve: "Quem aspira a ser supervisor deseja uma nobre função" (3:1). Tudo isso para dizer que, certamente na cultura igualitária em que me encontro, é certo e sábio ordenar para a liderança da igreja também mulheres cheias de caráter, chamadas e competentes.

(Além das palavras de Paulo "fiel à sua esposa", há dois outros argumentos tirados de 1 Timóteo 3 que os complementaristas usam para defender um presbiterato exclusivamente masculino. Trato deles no Apêndice 5: Mais dois argumentos tirados de 1 Timóteo 3.)

645. Andrew Bartlett, em "Men and Women in Christ" (p. 318–319), chamou minha atenção para esses pontos. Ele acrescenta: "Paulo inclui mais três requisitos: gentil, não violento (compare 1:13) e não briguento (3:3). É incontroverso que esses traços podem ser encontrados em mulheres."

646. Atos 20:28; 1 Timóteo 3:5; 5:17; 1 Pedro 5:2-3; Atos 20:28-31, Tiago 5:14-15, 1 Timóteo 4:14. Agradeço a Andrew Bartlett, em "Men and Women in Christ" (p. 294), por esta lista de funções, que cito quase literalmente.

Os dons como base do ensino e da liderança

Repetindo: em Romanos, uma carta normativa, Paulo enfatiza os dons como base para liderar e ensinar na igreja, enquanto em 1 Timóteo, uma carta corretiva, ele está mais preocupado em corrigir uma situação na igreja de Éfeso.

Contudo, isso não significa que 1 Timóteo abandone por completo a importância do reconhecimento dos dons na escolha de líderes e mestres. Um versículo decisivo perto do fim da carta revela isso: "Os presbíteros que dirigem bem os assuntos da igreja são dignos de dupla honra, especialmente aqueles cujo trabalho é pregar e ensinar."[647] Observe duas referências implícitas aos dons neste versículo. A primeira é o dom de liderança. Alguns presbíteros são particularmente bons, diz Paulo, em "dirigir a igreja". A palavra grega para dirigir (*proestōtes*) é a palavra mais usada para liderar uma igreja.[648] E, no entanto — e isso deveria nos sacudir —, Paulo usa a mesma palavra para o "dom de liderança", sem distinção de gênero, em Romanos 12. O que quero dizer é que o sinal mais seguro de que Deus pode querer que uma pessoa seja supervisora é ela demonstrar um dom de liderança dado por Deus.

A segunda é o dom de ensino. Antes, na carta, Paulo diz que todos os presbíteros devem "ser aptos para ensinar", mas, ao escrever "especialmente aqueles cujo trabalho é pregar e ensinar", ele deixa claro que alguns presbíteros provavelmente devem fazer isso muito mais do que outros. Minha experiência na vida da igreja me leva a concordar: alguns pregadores simplesmente têm mais dom para isso do que outros. Segundo 1 Timóteo, sabemos que as equipes de liderança pastoral devem estar profundamente atentas aos dons dados por Deus (entre elas mesmas e nos outros), porque Paulo lembra a Timóteo: "Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concedido mediante profecia, com a imposição das mãos do presbitério."[649]

647. 1 Timóteo 5:17
648. Ela ocorre em 1 Timóteo 5:12, que usa um cognato do verbo para descrever a liderança da igreja.
649. 1 Timóteo 4:14

Vamos encerrar este capítulo onde começamos: o "odre do Espírito" que devemos procurar aplicar é o reconhecimento dos dons, e certamente não a exclusividade de gênero. As igrejas devem buscar pessoas piedosas e dotadas para preparar e liberar para os ministérios de grande impacto do ensino e da liderança. Afinal, Paulo ordena isso diretamente: "Se o seu dom … é ensinar, ensine; … se é liderar, lidere com zelo."[650] Em vez de nos sentirmos ameaçados por mulheres dotadas, deveríamos louvar a Deus por elas. Talvez haja mais verdade do que gostaríamos nesta conclusão de Ben Witherington, estudioso do Novo Testamento que escreveu sua tese de doutorado sobre o ministério das mulheres na igreja primitiva: "[O] problema na igreja não são as mulheres fortes, mas sim … os homens que se sentem ameaçados por mulheres fortes e que tentaram vários meios, até mesmo uma exegese duvidosa, para proibi-las de exercer seus dons e graças na igreja."[651]

Loren Cunningham, da JOCUM, relata algo que o falecido David Yonggi Cho lhe disse certa vez: "Todas as igrejas [na Coreia] são pequenas [porque] contêm as suas mulheres, não permitindo que elas façam o que Deus as chama para fazer. Eu lhes disse que liberassem as suas mulheres, mas eles insistem que esse não é o problema. Perguntam-me: 'Qual é a chave da sua igreja?' Digo-lhes outra vez: 'Liberem as suas mulheres', mas eles simplesmente não me ouvem!"[652]

Recentemente, eu estava conversando com um amigo que, junto com sua esposa, replantou uma igreja com cinquenta adultos e a viu crescer até chegar aos milhares. Como eles também lideram uma grande família de igrejas na África Austral, assim como uma família de igrejas em multiplicação que plantaram anteriormente na Zâmbia, perguntei-lhe como ele dá conta da carga. Ele responde de tal maneira que mostra que adota o reconhecimento dos dons, independentemente do gênero, tanto em seu casamento quanto em seu ministério, como o odre no qual derramar a bênção de Deus sobre o mundo:

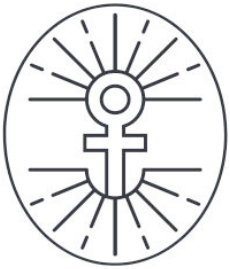
650. Romanos 12:6-8

651. Fonte: www.bit.ly/3BJj5wh

652. Loren Cunningham, Why Not Women? A Biblical Study of Women in Missions, Ministry, and Leadership

Minha esposa e eu lideramos juntos. Para nós, isso tem um efeito multiplicador sobre o que fazemos. Nós dois lideramos e funcionamos como uma equipe, liderando e nos submetendo um ao outro em várias áreas, de acordo com os nossos pontos fortes. Procuramos tirar o melhor um do outro e apoiar um ao outro. Quando plantamos igrejas na Zâmbia, temos mais oportunidades do que líderes de igreja homens. Muitas vezes, as mulheres são as mais dotadas e têm o melhor caráter. Quando colocamos igrejas sob os seus cuidados, vemos repetidas vezes que elas e as igrejas que lideram prosperam.

Perdemos muito da graça de Deus quando pomos de lado ou minimizamos as mulheres dotadas. Privamos não só as próprias mulheres dotadas, mas também as igrejas que lideramos, o mundo a que servimos e os homens, da parceria de que eles tanto precisam.



QUARTA PARTE

A LIBERAÇÃO DAS MULHERES



14

Feminilidade e masculinidade bíblicas

"Deixe de lado a velha noção tradicional da mulher como cuidadora e do homem como líder. Deixe de lado também as novas noções da mulher como supermulher e do homem como opressor. Comece com a mais aterradora de todas as coisas: uma folha em branco." **Anna Quindlen**[653]

John Piper diz: "A igreja precisa de uma resposta sobre o que dizer a um menino ou a uma menina de oito anos que pergunta: 'Mamãe, o que significa crescer e ser homem, e não mulher?' … Não me fale de virtudes humanas genéricas. Diga-me o que significa ser homem, e não mulher."[654] Mas eu poderia perguntar a ele a mesma coisa. O que ele diria aos meus filhos, que têm mais ou menos essa idade? Perdoe-me se, com o que segue, ponho palavras na boca dele — mas são as palavras dele mesmo.

A Declaração de Danvers, que ele redigiu, afirma que Deus chama todos os homens a liderar, prover e proteger as mulheres. As mulheres, por sua vez, devem submeter-se a essa liderança, provisão e proteção e recebê-las, e concentrar-se especialmente no lar e nos filhos. Se meus filhos perguntassem o que significa ser um homem devidamente *masculino* e uma mulher devidamente *feminina*, Piper arrisca uma resposta:

No cerne da masculinidade madura está um senso de responsabilidade benevolente de liderar, prover e proteger as mulheres de maneiras apropriadas aos diferentes relacionamentos de um homem … e … no cerne da feminilidade

653. Discurso de formatura de 1999 no Mount Holyoke College
654. Veja www.vimeo.com/44525286.

madura está uma disposição libertadora de afirmar, receber e nutrir a força e a liderança de homens dignos, de maneiras apropriadas aos diferentes relacionamentos de uma mulher.[655]

Mas veja: Piper agora projeta sua compreensão dos papéis no casamento sobre *todos* os relacionamentos entre homens e mulheres. Se ele estiver certo, então eu deveria orientar minha filha de oito anos a começar a "receber a liderança" dos seus quatro irmãos. É isso mesmo que Deus espera dos meus filhos e da minha filha? Vamos tratar, da forma mais completa possível, da questão do que a Bíblia ensina sobre masculinidade e feminilidade.

A complementaridade como doutrina

O primeiríssimo versículo sobre a humanidade na Bíblia, em seu primeiro capítulo, nos diz que "*homem e mulher os criou*". Biologicamente, Deus fez a raça humana sexualmente dimórfica. Antes, em Gênesis 1, a linguagem da noite e do dia, do sol e da lua, talvez forneça um modelo para a complementaridade entre masculino e feminino. Somos a contraparte um do outro. Como duas peças de um quebra-cabeça, preenchemos as lacunas um do outro. Jesus sublinhou a distinção entre os sexos ao fazer referência a Gênesis 1: "Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, 'os fez homem e mulher'?"[656]

O segundo capítulo da Bíblia também demonstra a *complementaridade dos sexos*. Se tomarmos Adão e Eva como protótipos dos homens e das mulheres em geral, então somos "semelhantes e opostos" (*kenegdo*) — completamo-nos um ao outro como contrapartes *e* atuamos juntos como parceiros para tirar o melhor um do outro. (Juntando essas ideias, somos "contraparceiros".)

A complementaridade é, portanto, ideia de Deus! Até aqui, tudo bem. *Mas, quando perguntamos a esses capítulos iniciais da Bíblia qual é exatamente a diferença entre homens e mulheres, além das óbvias diferenças biológicas, temos dificuldade de encontrar*

655. Fonte: Recovering Biblical Manhood and Womanhood, cap. 1.

656. Mateus 19:4. Curiosamente, só o falso Jesus gnóstico dissolve a diferença: "Quando fizerdes dos dois um … de modo que o masculino não seja masculino e o feminino não seja feminino … então entrareis [no reino]" (Evangelho de Tomé 22).

respostas. É certo que o homem não pode gerar, dar à luz e amamentar filhos, mas o que mais ele não pode fazer, ou não deve fazer? E, além de engravidar uma mulher, o que uma mulher não pode fazer? Sugiro que os capítulos iniciais das Escrituras dão poucas respostas claras.

O mais perto que podemos chegar de algum tipo de "definição de papéis" está na maneira como Deus distribui os castigos em Gênesis 3. A mulher terá dores no parto — será essa a maneira de Deus reconhecer que a orientação da vida dela será criar filhos? E o homem será frustrado pelo campo — será essa a maneira de Deus confirmar que ele será o provedor financeiro?

Será que devemos sequer arriscar tirar tantas conclusões sobre os nossos papéis a partir desses castigos? Afinal, essa passagem descreve ou prescreve? Quando pensamos nos leitores originais de Gênesis, percebemos que provavelmente algo está sendo descrito, e não prescrito. O texto foi escrito para uma cultura agrária, na qual os homens faziam a parte fisicamente exigente do trabalho no campo, enquanto as esposas estavam amamentando o sexto filho.

De fato, não há nada nesses castigos que prescreva esferas exclusivas de cada sexo a todos os homens e mulheres, solteiros ou casados, em todas as culturas. Gênesis 1, ao contrário, enfatiza que homem e mulher estão *ambos* envolvidos na criação dos filhos ("sede fecundos"). Eva pode dar à luz os filhos, mas Adão também cuida dos filhos deles e os cria. (Em Gênesis 2, o narrador dá a entender que o plano de Deus é que a criança seja criada *tanto* por um pai *quanto* por uma mãe.[657])

E *ambos* estão envolvidos no cultivo dos campos ("sujeitai a terra"). Pode ser verdade que, antes de Eva chegar, Adão é colocado no jardim para cultivá-lo, mas somos informados de que Eva lhe é dada como auxiliadora idônea e

657. Veja Gênesis 2:24

parceira, o que implica que ela participa da carga de trabalho.[658] Não que haja algo de errado com esses papéis de provedor e de cuidadora, mas, quando os complementaristas os impõem a *todos* os homens e mulheres, vão além do ensino claro dessa passagem.

Em resumo, o dimorfismo sexual e a ideia de complementaridade podem ser evidentes em Gênesis 1-3, mas prescrições sobre papéis e esferas masculinos e femininos, ou definições de masculinidade e feminilidade, não são.

Masculinidade e feminilidade: Uma construção social?

As perguntas sobre o que significa ser um "homem de verdade" ou uma "mulher de verdade" tornam-se ainda mais complicadas na nossa cultura moderna pelo fato de a ideia pós-moderna do gênero como uma "construção social" ter prevalecido. Deixando de lado o sexo biológico, afirma-se hoje amplamente que ideias como masculinidade e feminilidade resultam muito mais da criação e da cultura de cada um do que da sua genética.

Parte da força do argumento da nossa cultura está em que muitas meta-análises de estudos sobre homens e mulheres chegam às mesmas conclusões: além das diferenças biológicas, o homem médio e a mulher média são notavelmente semelhantes. Muitos estudiosos concluem que, quando se levam em conta as influências culturais, as diferenças são tão pequenas que não vale a pena aplicá-las como generalização.

Antes de sermos tentados a descartar essa conclusão como uma agenda feminista que distorce os resultados das ciências sociais, lembremos que ela coincide, em certa medida, com o ensino de Gênesis 1 e 2: homens e mulheres são feitos no mesmo planeta (e não um de Marte e o outro de Vênus); feitos da

658. Alastair Roberts sugeriu recentemente que leiamos no texto mais coisas sobre as diferenças entre os sexos: se lermos Gênesis 2 à luz de Gênesis 1, a vocação do homem, tal como descrita em Gênesis 2, corresponde principalmente às tarefas dos três primeiros dias da criação: nomear, domar, separar e governar. A vocação da mulher envolve principalmente encher, glorificar, gerar, estabelecer comunhão e dar à luz nova vida — tarefas associadas aos três dias seguintes da criação. Por mais empolgante que seja essa maneira de ler o texto, trata-se de uma abordagem nova e talvez seja um exemplo de eisegese imaginativa. Se for para aceitá-la (e duvido que devamos), eu aperfeiçoaria a proposta de Roberts incluindo também "governar" na vocação das mulheres: afinal, o sexto dia trata enfaticamente de governar e sujeitar.

mesma matéria ("osso" e "carne"); e feitos à mesma semelhança e imagem (a de Deus). A "semelhança" que o homem e a mulher compartilham com Deus em Gênesis 1 encontra uma analogia na "semelhança" entre o homem e sua esposa em Gênesis 2. Além disso, a palavra *kenegdo* talvez não enfatize tanto a diferença quanto a igualdade — daí a tradução "idônea". Há uma correspondência entre o homem e a mulher, uma "igualdade" humana, que Adão, por mais que tentasse, não conseguiu encontrar em nenhum dos animais do jardim. Tudo isso nos ajuda a não exagerar as diferenças entre homens e mulheres.

Tikva Frymer-Kensky estudou as mulheres do Antigo Testamento e observou que o que se destaca é a humanidade delas, não o fato de serem mulheres:

Quando examinamos o registro bíblico dos objetivos e das estratégias das mulheres, surge um fato surpreendente. Não há nada de distintamente "feminino" na maneira como as mulheres são retratadas na Bíblia, nada de particularmente feminino nem nos seus objetivos nem nas suas estratégias. Os objetivos das mulheres são os mesmos objetivos dos personagens masculinos da Bíblia e dos autores das histórias.[659]

Dito isso, existem, a meu ver, estudos suficientes para sustentar a ideia de que homens e mulheres, em média, têm diferenças cognitivas, psicológicas e emocionais, por menores que sejam. Para usar uma expressão que ouvi de vendedores ambulantes no Oriente: homens e mulheres são "igual, igual, mas diferente".

As diferenças

Pense nas diferenças entre os nossos cérebros. Nosso cérebro foi projetado para trabalhar alternando entre o hemisfério direito, intuitivo e criativo, e o hemisfério esquerdo, factual e analítico. No cérebro masculino, a conectividade neural, em média, vai da frente para trás em cada metade, o que dá aos homens vantagem na percepção e nas ações coordenadas. O cérebro feminino, ao contrário, tem muito mais vias entre as duas metades, o que prepara as mulheres

659. Tikva Frymer-Kensky, In the Wake of the Goddesses: Women, Culture and the Biblical Transformation of Pagan Myth, cap. 11

de modo mais natural para comunicar e perceber. Ao que parece, é por isso que os homens muitas vezes se orientam melhor e concluem melhor tarefas isoladas, e as mulheres se destacam em fazer várias coisas ao mesmo tempo e em resolver problemas em grupo. E é por isso que, em média, os homens pensam de forma mais linear, e as mulheres de forma mais inclusiva, bilateral e contextual.[660] Talvez isso explique uma designação popular segundo a qual os homens, em média, procuram amadurecer desligando-se, enquanto as mulheres o fazem ligando-se aos outros.[661]

Além disso, exames de imagem do cérebro revelam diferenças na quantidade de massa cinzenta (onde a informação é processada) e de massa branca (onde a informação é transmitida eletricamente a outras partes do corpo). Os homens, com mais massa branca, destacam-se facilmente na coordenação física, enquanto as mulheres processam informações mais depressa e identificam sinais sociais.[662]

O mais fascinante, a meu ver, é que cientistas sociais identificaram dez escalas de tipos de personalidade — cada uma medindo quão baixa ou alta é uma pessoa em compaixão, polidez, imaginação, diligência, entusiasmo, estabilidade de humor, organização, assertividade, mentalidade analítica e capacidade de

660. Veja dois artigos sobre o assunto: www.bit.ly/2ZR6n12 e www.cbsn.ws/2YaJ7L6
661. Carol Gilligan, In a Different Voice. Citado por Tim e Kathy Keller: "The Meaning of Marriage", cap. 6.
662. Alice Mathews, Gender Roles and the People of God, cap. 13

manter a calma — e descobriram que, em média, homens e mulheres ficam em pontos diferentes em muitas dessas escalas, como mostra a tabela a seguir.[663]

	Percentil feminino	Percentil masculino
Compaixão	61	39
Polidez	59	41
Imaginação	56,5	44,5
Entusiasmo	55	45
Organização	54,5	45,5
Diligência	50	50
Assertividade	48	52
Mentalidade analítica	45	55
Humor estável	42,5	57,5
Manter a calma	40	60

Para entender a tabela, imagine que se formam cem pares de homens e mulheres a partir de cem homens e cem mulheres escolhidos ao acaso. Quanto à diligência, a probabilidade estatística é que, em metade dos pares, a mulher seja mais diligente que o homem e, na outra metade, o homem seja o mais diligente — isso mostra que eles têm a mesma inclinação para a diligência. Quanto à compaixão, porém, em 61 dos pares a mulher será mais compassiva que o homem, mas nos outros 39 pares será o contrário.

Embora haja empate quanto à diligência, observe que as mulheres, em média, pontuam um pouco mais alto em compaixão, polidez, imaginação, entusiasmo e organização, enquanto os homens pontuam mais alto em assertividade, mentalidade analítica, estabilidade de humor e capacidade de manter a calma.[664]

Muito interessante! Mas ainda assim devemos perguntar: o que fazemos com essas médias? Certamente não devemos projetá-las como expectativa sobre cada indivíduo ou casal. Para um pai ou uma mãe, pode ser que a filha tenha uma mente mais analítica que a do irmão, e que ele seja mais compassivo que ela. Da

663. Fonte: www.bit.ly/3pZn7OU

664. Veja www.bit.ly/3q6HGJh. Para ser justo, as ciências sociais ainda não estabeleceram com certeza em que medida essas médias resultam da natureza ou da criação.

mesma forma, ao distribuir funções, não devemos limitar automaticamente os candidatos com base no sexo. Dorothy Sayers disse:

Acontece que poucas mulheres são mecânicas natas; mas, se houver uma, é inútil tentar convencê-la a ser algo diferente. … Se [ela] é capaz de ser uma advogada, médica, arquiteta ou engenheira de primeira linha, então deve ter permissão para tentar. A regra [deveria ser] que o trabalho vem primeiro e então [é] aberto a todo indivíduo, homem ou mulher, gordo ou magro, alto ou baixo, feio ou bonito, que seja capaz de fazer esse trabalho melhor do que o resto do mundo.[665]

Esse é um grande problema do argumento complementarista em favor da prescrição de papéis de gênero. É correto afirmar que Deus criou homens e mulheres de forma distinta. Em média, os homens talvez tenham mais facilidade natural para assumir o comando, por causa da sua assertividade, enquanto as mulheres, em média, talvez estejam mais preparadas para organizar uma casa e cuidar de crianças pequenas, por causa da sua organização e compaixão. Mas, para aqueles homens e mulheres cujos dons os colocam fora da média, impor-lhes esses papéis seria extremamente prejudicial.

Na verdade, duvido que seja sequer possível usar a Bíblia para sustentar estereótipos de gênero.

Homens bíblicos que desafiam os estereótipos de gênero

Estude os personagens da Bíblia e você talvez descubra que a maioria das nossas suposições culturais atuais sobre masculinidade e feminilidade não aparece em lugar nenhum.

Quando os homens Bezalel e Aoliabe são ungidos por Deus para "lapidar pedras" e "entalhar madeira", poderíamos pensar que isso confirma um trabalho específico de cada sexo, em que os homens fazem o trabalho pesado. Mas o que fazemos com o fato de que eles também receberam dons para fazer

665. Dorothy Sayers, Are Women Human? Essays on the Role of Women in Society, p. 19, 29. Citado em William Witt, Icons of Christ, cap. 17

"desenhos artísticos" e costurar "vestes finamente tecidas"?[666] Ou, quando o rei Davi se lança à guerra ou atira sua pedra na cabeça de um gigante, podemos aplaudir a escolha que Deus fez de um homem para a tarefa, mas o que fazemos com ele tocando harpa e escrevendo poesia cheia de emoção? Ou, quando Jesus vira as mesas no templo, gostamos de comentar sua coragem masculina, mas o que pensamos dele querendo reunir o seu povo debaixo das asas, como uma galinha que ajunta os seus pintinhos?[667] Homem de verdade não chora? Pois Jesus chorou. Homem de verdade empunha armas? Jesus mandou Pedro guardar a dele. Homem de verdade não demonstra afeto? Jesus deixou João recostar a cabeça em seu peito. Homem de verdade não faz serviço doméstico? Jesus cozinhou e preparou comida para os seus discípulos e lavou os pés deles.[668]

Muitas vezes gostamos de pensar que Paulo exemplifica traços "masculinos", como uma garra imparável, uma ambição inesgotável e a disposição de enfrentar todo tipo de perigo. No entanto, quando ele procura metáforas que impulsionam e moldam o seu ministério, muitas vezes se agarra a metáforas femininas. A uma igreja ele diz: "Meus filhos, por quem, de novo, sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós."[669] E a outra ele diz: "Assim como uma mãe que amamenta cuida dos seus filhos, 8 assim nós cuidamos de vocês."[670]

Ou leia mais algumas vezes as palavras de Paulo sobre o casamento em Efésios 5 e observe o que Jesus, o marido ideal, faz pela sua noiva: ele dá banho, veste, alimenta, cuida e lava a roupa da sua esposa — naquela cultura, essas eram tarefas domésticas.[671] Não nos esqueçamos de que todo leitor homem, nas analogias de Paulo entre Cristo/marido e igreja/esposa, é comparado à noiva de Jesus. Os homens, que muitas vezes buscam independência e isolamento por causa da sua "masculinidade", deveriam aprender a buscar intimidade com

666. Êxodo 31:1-10
667. Mateus 21:12-17; 23:27
668. Agradeço à minha amiga Margo Davies por estas percepções, publicadas em seu blog: www.bit.ly/3mLLnlK
669. Gálatas 4:19
670. 1 Tessalonicenses 2:7-8
671. O versículo 27 talvez até se refira a ele obter e conservar o vestido de noiva da sua esposa.

Cristo, seu marido, recebendo com vulnerabilidade o cuidado dele. Isso, sim, é desafiar o estereótipo masculino.

Mulheres bíblicas que desafiam o estereótipo de gênero

Também confundimos a feminilidade "tradicional" com a feminilidade "bíblica". Não são só os homens que matam para proteger o seu povo. Já vi muitas Bíblias infantis que incluem a história de Davi e Golias, mas nenhuma conta a história de Jael e Sísera, em que a mulher Jael, sem medo, crava uma estaca de tenda na cabeça de um general inimigo em fuga — garantindo uma vitória mais certa para o povo de Deus.[672] Ou o que dizer da mulher que salva a sua cidade sitiada ao providenciar que a cabeça de um homem seja cortada e lançada por cima do muro, aplacando assim os inimigos acampados?[673]

Como essas mulheres são diferentes das mulheres classicamente "femininas" de um romance de Jane Austen, que estão "sempre escrevendo no diário sobre os seus sentimentos, tramando as suas melhores perspectivas de casamento, desmaiando a quase cada aflição emocional, usando camadas e mais camadas de roupa, inclusive um espartilho apertado, sem que se espere delas que trabalhem".[674] Não são, de modo algum, as mulheres que Elisabeth Elliot tinha em mente quando idealizou, de forma imprecisa, a feminilidade bíblica: "As mulheres se rendem, ajudam e respondem, enquanto os maridos provêm, protegem e tomam a iniciativa. Uma mulher bíblica é uma mulher submissa."[675]

É claro que, no mundo patriarcal antigo (e nas culturas tradicionais de hoje), as mulheres deviam cuidar dos filhos, deixar com submissão que os homens liderassem e proporcionar o conforto da comida e do sexo aos homens, cuja vida estava absorvida pela esfera pública. Mas, embora a Bíblia se acomode a esse mundo, ela não o aprova como o ideal mais elevado de Deus — fato que se torna ainda mais certo por causa de todas as mulheres bíblicas que desafiaram

672. Juízes 4. Da mesma forma, Judite, nos livros apócrifos, cujo nome significa simplesmente "mulher judia", usa a sua astúcia para decapitar um general inimigo, Holofernes.
673. 2 Samuel 2:22
674. Não consigo encontrar onde li esta citação pela primeira vez, mas ela não é minha.
675. Elisabeth Elliot, Let Me Be A Woman, p. 50. Citado em Barr, introdução

esses papéis clássicos. Às vezes, não conseguimos aceitar isso. Por exemplo, um viés de tradução aparece em três passagens[676] sobre mulheres: nossas Bíblias nos dizem que Rute era uma mulher "de caráter nobre"; que uma esposa "de caráter nobre é a coroa do seu marido"; e que a mulher de Provérbios 31 supera as "coisas nobres" que outras mulheres fazem. No entanto, a palavra hebraica *nayil* é traduzida por "nobre" em cada uma dessas passagens, *embora nas suas outras 95 ocorrências bíblicas, quando usada em relação a homens, seja traduzida por "valente", "guerreiro" ou "força".*

As mulheres bíblicas também são aguerridas! Se Paulo, em Efésios 5, chama não só as mulheres, mas também os homens, a se identificarem com a noiva de Cristo (e também a fazerem tarefas domésticas, como o bom marido da igreja, Jesus), então não deveria nos surpreender que, em Efésios 6, ele chame não só os homens, mas também as mulheres, a serem guerreiras no exército de Cristo, tomando seus escudos e espadas e fazendo recuar as trevas.

Sou totalmente a favor de homens que são fortes em Cristo, mas não vejo por que precisaríamos de algo diferente de mulheres que também sejam fortes em Cristo — posicionando-se ao lado de nós, homens. Com tudo o que é dominado pelas trevas em nosso mundo, precisamos liberar a outra metade do exército para se juntar a nós, homens, como vingadores contra a injustiça e o engano, como combatentes da liberdade que procuram resgatar os oprimidos e traumatizados, e como portadores da tocha e defensores da causa de Cristo. Não falo aqui apenas de um futuro esperado. Repetidas vezes, guerreiras de Cristo já causaram um impacto enorme por Jesus. William Booth, fundador do Exército de Salvação, costumava dizer que "os seus melhores homens eram mulheres". Do mesmo modo, o livro *Life and Work on the Mission Field* registra que "quanto mais difícil e perigoso o trabalho, maior a proporção de mulheres em relação aos homens".[677]

676. Rute 3:11, Provérbios 31:29, Provérbios 12:4

677. Herbert Kane, Life and Work on the Mission Field, p. 143. Citado em Bessey, Jesus Feminist, cap. 8.

Ignorando os estereótipos

O fato de a Bíblia não fornecer definições de feminilidade e masculinidade me diz que talvez tenhamos nos fixado nessas ideias de forma indevida. Sim, os seres humanos são homem e mulher, e devemos viver em harmonia com a nossa identidade sexuada encarnada, mas a Bíblia não tem quase nada a dizer sobre a natureza da feminilidade ou da masculinidade. O estudo de Tikva Frymer-Kensky sobre os personagens da Bíblia revela que:

[A Escritura] não apresenta nenhuma característica do comportamento humano como "feminina" ou "masculina", nenhuma divisão de atributos entre os polos do 'feminino' e do 'masculino', nenhum indício de distinções de polaridades como agressividade masculina — receptividade feminina, inovação masculina — conservação feminina, impulso masculino para fora — contenção feminina … ou qualquer outra das polaridades pelas quais estamos acostumados a pensar a distinção entre os sexos.[678]

Enquanto escrevo isto, abro o Twitter e leio um professor de um seminário batista. Outro dia, preparando-se para o Dia das Mães, quando é comum algumas igrejas convidarem uma mulher para pregar, ele escreve: "Ouçam bem. Se a sua igreja tem, mesmo que ocasionalmente, uma mulher pregando, vocês precisam sair dessa igreja."[679] Depois ele parece antecipar a nossa pergunta sobre quais atividades, então, as mulheres devem exercer, pois no tuíte seguinte elogia as mulheres que lavam roupa, costuram e tricotam e cuidam de crianças — todas atividades que, segundo ele, quando bem feitas por mulheres, serão recompensadas por Cristo.[680] Enquanto olho o seu perfil, aparece outro tuíte dizendo que "os principados e potestades odeiam a ordem da criação, odeiam a masculinidade e a feminilidade bíblicas, odeiam a Deus".[681] Suas convicções estão equivocadas: e se a estratégia de Satanás tiver sido levar metade do

678. Frymer-Kensky, In the Wake of the Goddesses: Women, Culture and the Biblical Transformation of Pagan Myth, p. 141.
679. www.bit.ly/2ZNt9ai
680. www.bit.ly/3nQAwpC
681. www.bit.ly/2ZS465M

exército a domesticar a outra metade? O que Satanás *realmente* odeia são homens e mulheres unidos em força, lado a lado na batalha espiritual e na proclamação do evangelho.

A Declaração de Danvers diz que "as distinções entre os papéis masculinos e femininos são ordenadas por Deus e deveriam encontrar eco em todo coração humano". Mas pense em quão pouco útil é essa afirmação. Visto que o seu autor, em outro lugar, define "masculino" como "força e liderança" e "feminino" como "afirmar a força e a liderança masculinas", o que isso significa se você é homem e, ainda assim, consegue afirmar a força e a liderança de uma mulher, ou se você é uma mulher forte que deseja liderar? Significa que algo que não vem de Deus está atuando em você.

O verdadeiro sinal da obra de Deus tanto em homens quanto em mulheres é que ambos buscam a semelhança com Cristo. Não é segredo como Jesus é. Talvez Apocalipse 5 seja o texto que melhor resume a natureza de Jesus, que desafia todos os estereótipos. Nele, João é convidado a olhar para "o Leão de Judá", que venceu, mas, quando ergue a cabeça para vê-lo, surpreende-se ao ver "um Cordeiro como tendo sido morto". Jesus é, ao mesmo tempo, o leão destemido e o cordeiro imolado. Ele carrega um cetro de autoridade, mas também carrega as cicatrizes de ter sido pregado numa cruz. Ele é majestoso e manso. Ele é rei e servo. Ele se ergue alto, exaltado aos céus, mas também se ajoelha para nos tomar nos braços e nos apertar contra o peito. Ele é poderoso, porém vulnerável; tem autoridade, porém é acessível; é firme, porém condescendente; ruge, porém chora; é inquebrável, porém foi quebrantado.

Aos homens (e mulheres) firmes, embora às vezes agressivos, que talvez pendam naturalmente para as qualidades leoninas de Jesus, chega o convite de Jesus: "[A]prendei de mim, porque sou manso e humilde de coração."[682] Às mulheres (e homens) gentis, porém facilmente intimidáveis, que talvez pendam naturalmente para as qualidades de cordeiro de Jesus, chega o convite de Jesus: "[O] reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele."[683] Para deixar claro, a Bíblia nunca nos ordena buscar níveis maiores de

682. Mateus 11:29
683. Mateus 11:12

masculinidade ou de feminilidade. Em vez disso, somos chamados a níveis maiores de semelhança com Cristo. Não perguntamos: "Estou cumprindo meu mandato de me tornar uma mulher ou um homem 'bíblico'?" Mas sim: "Estou imitando a Cristo?"

É por isso que Paulo escreve: "Quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino", e não: "desisti das coisas próprias de mulher". Em vez de contrastar a condição de mulher com a condição de homem, como muitas vezes fazemos, talvez devêssemos contrastar ambas com a infância. As crianças tendem a esperar instruções, a ser egocêntricas, medrosas e extremamente dependentes dos outros. Em contraste, sabemos que amadurecemos como mulheres e como homens quando aprendemos a servir aos outros, a ser interdependentes e a tomar mais iniciativa e responsabilidade.

Mas existem *alguns* mandamentos específicos para cada sexo? Sugiro que existe um para as mulheres e um para os homens.

Mordomia da beleza e da força

Comecemos com uma instrução para as mulheres que diz respeito à sua beleza: "Quero que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso, porém com boas obras (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas)."[684]

Observe que Paulo não critica, mas afirma o desejo da mulher de ser bela. Na verdade, em outro lugar, ele dá a entender que a beleza da mulher é o ponto alto da criação.[685] A preocupação de Paulo, porém, é que muitas mulheres se contentam com facilidade demais com uma beleza superficial. A mulher de Provérbios 31 é elogiada não por sua beleza exterior, que é passageira, mas por seu amor radiante a Deus. Na igreja de Éfeso, parece ter havido mulheres ricas que procuravam chamar a atenção para si com seus acessórios luxuosos. Paulo diz que elas deveriam, antes, concentrar-se naquele que não as julga pela aparência exterior, mas por suas ações motivadas pelo amor. Paulo talvez também esteja confrontando mulheres cristãs que se vestiam de forma sedutora,

684. 1 Timóteo 2:9-10
685. 1 Coríntios 11:15

como meio de usar sua beleza para explorar os outros. De modo algum estou sugerindo que a maneira como uma mulher se veste deva determinar como os homens a tratam, ou que as mulheres devam algum dia sentir-se responsáveis pela pureza sexual dos homens. Cada mulher é livre para se vestir como quiser, mas mulheres piedosas devem revestir-se, em primeiro lugar, de amor. E esse amor deve ser dirigido *primeiro* a elas mesmas. Apesar da suposta celebração da autoexpressão em nossa cultura, mulheres e meninas nunca foram tão afligidas pela tirania do ideal físico. Em grande parte por causa da influência das redes sociais, os índices de depressão, ansiedade e transtornos alimentares entre os mais jovens estão disparando.[686] Na busca interminável pela perfeição e por cada vez mais "curtidas", nosso desejo natural de beleza ficou desfigurado. Nossa aparência física nunca foi feita para exercer tamanho poder sobre nós ou sobre os outros.

Agora permita-me dizer algo sobre isso de uma perspectiva masculina. Em seu Sermão do Monte, Jesus ordena aos *homens* que não olhem para as mulheres com cobiça — ele não ordena às mulheres que evitem ser objetos de cobiça. Como homem, sei que posso olhar com cobiça até para uma mulher vestida com modéstia. E, como homem cristão, passei a perceber que a solução para a cobiça não é evitar olhar para as mulheres. Afinal, Jesus olhava para mulheres o tempo todo. Antes, a melhor estratégia de batalha pela minha pureza é *realmente ver* as mulheres como Deus as vê — não como objetos de gratificação sexual, mas como minhas companheiras portadoras da imagem de Deus.

Agora consideremos um mandamento dado aos homens que pode estar relacionado à sua força física. Pedro pede que o homem use corretamente sua força física na presença das mulheres: "Maridos … vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações."[687] Por mais que as mulheres possam torcer o nariz para essas palavras de Pedro, elas não pretendem ser uma ofensa. Ele apenas comenta o que é um fato universal: homens adultos são

686. www.bit.ly/3bIo4mc
687. 1 Pedro 3:7

quase sempre fisicamente mais fortes que as mulheres. Os homens devem usar sua força especialmente para proteger, e nunca para ferir.

É horrível pensar que a violência doméstica só passou a ser considerada inaceitável e criminosa em meados do século passado. Como já enfatizei antes, no capítulo 2, foi somente na década de 1960 que as mulheres começaram a ser vistas como iguais e, consequentemente, a subordinação das mulheres passou a ser questionada. Na verdade, encontrei um artigo de jornal da década de 1960, no *New York Daily Mirror*, intitulado "Se uma mulher precisa, ela deve levar umas palmadas?"[688] Com base nos quatro homens que escrevem ao jornal, a resposta unânime é: sim! "Isso lhes ensina quem é que manda", escreve um certo Teddy Gallel. "Muitas mulheres tendem a esquecer que este é um mundo de homens, e muitos homens que deixaram de ser o chefe da família gostariam de não ter feito isso." Vivo num país em que impressionantes 50% das mulheres serão estupradas ou sofrerão abuso sexual ao longo da vida. Cada história trágica é um exemplo de um homem que usa sua força para fazer das mulheres sua presa, em vez de protegê-las. Que mau uso da força física masculina!

Nas guerras e batalhas do Antigo Testamento, quando era necessária força física bruta, eram os homens que eram enviados para a linha de frente.[689] Quando a vida deles estava em perigo, Maria e o menino Jesus podiam confiar em José como seu escudo físico.[690] Na verdade, Paulo espera que todos os maridos estejam prontos a dar a vida por suas esposas.[691] Mais uma vez, não quero criar uma generalização. Pode haver ocasiões em que uma senhora idosa num barco que está afundando julgue melhor dar o último colete salva-vidas a um rapaz, ou em que uma esposa fisicamente mais forte proteja fisicamente do perigo o marido com deficiência, ou em que uma mulher como Raabe expresse sua fé em Deus escondendo em sua casa fugitivos inocentes do sexo masculino.[692]

É muito importante notar que Pedro não faz o que muitos estudiosos complementaristas fazem, ou seja, extrapolar a fraqueza física da mulher para

688. www.bit.ly/3EI1Tcr
689. Deuteronômio 20:7-8, Josué 1:14
690. Mateus 2:13-14
691. Efésios 5:25ss
692. Josué 2

uma fraqueza emocional ou espiritual — ao longo da história da igreja, as mulheres foram erroneamente consideradas emocional, intelectual, moral e espiritualmente mais fracas que os homens. Mas não é isso que Pedro está dizendo, e com certeza isso não deve ser usado para excluir as mulheres de funções ministeriais. Li recentemente um argumento apresentado pelo principal teólogo de um movimento complementarista de milhares de igrejas, no qual ele observa, com razão, que os homens são programados para ser os protetores físicos, e depois diz, também com razão, que uma das principais atribuições dos pastores é proteger espiritualmente o rebanho. Mas então ele deduz, erroneamente, que por isso os homens são mais adequados para a tarefa de liderar igrejas.[693] Na verdade, quando se trata dos aspectos não físicos da vida, a mulher é tão capaz quanto o homem de proteger os outros, inclusive os homens.

Resgatando a complementaridade sem hierarquia

Os complementaristas começam no lugar certo, ao afirmar o fato de que homens e mulheres foram feitos de modo diferente e precisam uns dos outros. Mas depois vão além do texto e afirmam que as diferenças "ordenadas por Deus" se reduzem essencialmente a autoridade e submissão. Para eles, a complementaridade é hierárquica e, por isso, leva à perda da complementaridade, porque cria zonas exclusivamente masculinas na igreja, como o governo da igreja e a pregação no púlpito, onde só se ouve a voz masculina. Ao fazer isso, eles minam a complementaridade entre os sexos, que refletiria de forma mais integral a imagem de Deus.

Neste capítulo, tentei arrancar a complementaridade das mãos do complementarismo e casá-la não com a hierarquia, mas com a mutualidade. O plano de Deus não é que, em geral, os homens liderem as mulheres, mas que, em geral, os homens liderem ao lado das mulheres. Não há nada nas Escrituras

693. Da mesma forma, Owen Strachan, em "The Grand Design", argumenta que a coragem e a agressividade necessárias para enfrentar as trevas espirituais são atributos propriamente masculinos. Por isso, os homens devem liderar. No entanto, os textos que ele usa para defender essa ideia — 1 Coríntios 16:13-14, Isaías 19:16, 1 Reis 2:2 e Ezequiel 22:30 — não sustentam sua afirmação. É claro que a força física é necessária para batalhas físicas, mas as batalhas espirituais não exigem força física, e por isso as mulheres também podem servir com coragem na linha de frente da obra de Deus.

que associe capacidades intelectuais ou de liderança a um dos sexos. O máximo que podemos dizer é que, *em média*, as mulheres pensarão ou liderarão de um jeito e os homens de outro.

Se considerarmos as diferentes estruturas cerebrais de homens e mulheres, ou os dez pontos da tabela apresentada anteriormente neste capítulo, segundo os quais as mulheres, em média, são mais compassivas e criativas, e os homens, em média, mais assertivos e analíticos, nossos casamentos, ministérios e locais de trabalho não seriam muito mais ricos se juntássemos nossos pontos fortes? Precisamos de todos nós para nos tornarmos tudo o que devemos ser. Se mulheres e homens, em média, são programados de forma diferente, então uma equipe de liderança formada por homens e mulheres, em média, trará uma liderança muito mais completa a qualquer entidade ou comunidade que lidere.

É realmente triste que a sociedade esteja à frente da igreja nesse ponto, mas o benefício de incluir mulheres nos níveis mais altos de liderança, embora lento para ser assimilado em muitos países, está produzindo resultados notáveis. Um estudo abrangente[694] mostrou que, quando as equipes de alta gestão das empresas são formadas apenas por homens, elas tomam boas decisões em 58% das vezes. Se, porém, mulheres forem acrescentadas a essas equipes, a probabilidade de tomar boas decisões salta para 73%![695]

Quando tentamos correr com uma perna engessada, mancamos e saltitamos. Com as duas pernas funcionando, podemos dar passos muito maiores e alcançar distâncias muito maiores. O mesmo acontece com as contribuições complementares e singulares de homens e mulheres. Depois de descrever como Deus criou portadores de sua imagem masculinos e femininos, o narrador de Gênesis 1 diz que Deus "viu tudo quanto fizera, e eis que era muito bom". Não faz muito tempo, no Ocidente, talvez parecesse fazer sentido usar apenas uma perna (afinal, a outra era considerada inferior: propensa à irracionalidade, à instabilidade e ao medo). Agora que nossa cultura descobriu o contrário, e que o

694. www.bit.ly/3BKuImw

695. Se a equipe fosse formada por uma diversidade de gêneros, idades, lugares de criação e de formação universitária, o número sobe para 87%.

sentido e a intenção originais das Escrituras foram recuperados, podemos e devemos correr com as duas pernas.

Temos muito pelo que esperar à medida que atuarmos mais em parceria, mas o fato de sermos diferentes significa que nem sempre será um mar de rosas. A diversidade leva a mais crescimento e produtividade, mas também a mais complexidade e mal-entendidos. Nossos velhos preconceitos são especialmente teimosos. Esse é, pelo menos em parte, o motivo pelo qual o casamento pode ser tão difícil. Ainda assim, difícil não é errado — muitas vezes é justamente a oportunidade de que precisamos para crescer na semelhança com Cristo.

Afinal, o objetivo da vida, conforme definido pela Bíblia, não é tornar-se mais masculino ou mais feminino, mas tornar-se mais parecido com Jesus, que é ao mesmo tempo Leão e Cordeiro.



15

EVA NÃO DOMESTICADA

"É perfeitamente idiota tirar das mulheres suas ocupações tradicionais e depois reclamar porque ela procura novas. Toda mulher é um ser humano — nunca é demais repetir isso — e um ser humano precisa ter uma ocupação, se ele ou ela não quiser se tornar um estorvo para o mundo." Dorothy Sayers[696]

Recentemente, quando perguntaram a um destacado professor da Bíblia quais duas palavras ele diria à mais popular pregadora batista do Sul, ele respondeu: "Vá para casa." Isso não foi apenas uma forma pessoal de diminuir Beth Moore; foi também um conselho fiel à sua teologia complementarista.

Em 1998, os batistas do Sul, depois de anos de discussão, aprovaram oficialmente a domesticação das mulheres como seu destino ordenado por Deus: "A esposa … tem a responsabilidade, dada por Deus, de respeitar o marido e de servir como sua auxiliadora na administração do lar e na criação da próxima geração."[697] Segundo os complementaristas, Adão pode alçar voo como líder na sociedade, na igreja *e* no lar. Eva, porém, deve alcançar seu voo pleno dentro de casa — mas mesmo ali ela apenas auxilia Adão, "o cabeça do lar", cuidando da casa e dos filhos dele. Como já observamos, esse tipo de machismo não é nada novo. No século V, um Pai da Igreja explicou esse conceito a seus companheiros maridos:

A esposa tem um único dever: conservar o que ajuntamos, proteger nossa renda, cuidar de nossa casa. … [N]ossa vida é composta de duas esferas de

696. Dorothy Sayers, Are Women Human? p. 32.
697. Barry Hankins, Uneasy in Babylon, p. 214–215. Citado em Barr, cap. 1.

atividade, a pública e a privada. Quando Deus separou essas duas, atribuiu à mulher a administração do lar … [E]la não pode dar sua opinião no conselho público, mas pode dar sua opinião no lar.[698]

Esse tipo de doutrina encolhe a plena contribuição da mulher na sociedade, na igreja e — em menor grau — no lar. É claro que mães (e pais) devem amar seus filhos de todo o coração, criando-os num lar seguro, mas e as mulheres solteiras? Ou as que não têm filhos? Mesmo nas muitas décadas de vida de uma mãe, os anos intensos de criação dos filhos (caso ela escolha dedicar-se a isso em tempo integral) não duram para sempre. Ao exaltar o papel doméstico, o complementarismo enfraquece a importância de todos os outros papéis, em todas as outras fases da vida, que uma mulher possa ter.

Sarah Bessey conta que cresceu numa igreja em que lhe ensinaram uma teologia ampla sobre as formas como ela poderia servir a Jesus, e que por isso ansiava por "uma vida de pacificação redentora e de busca da justiça". Quando se mudou para o Sul dos Estados Unidos, porém, onde o ministério feminino se concentrava principalmente na maternidade em tempo integral em casa, ela experimentou "uma compreensão do seguimento de Jesus que ia diminuindo a cada dia".[699] De fato, essa doutrina da domesticação feminina, com sua incapacidade de ver tudo o que Deus vê numa mulher, leva muitas mulheres a viver, com o passar do tempo, vidas menores, restritas e pouco realizadas, e não vidas maiores e amplas.

Em louvor às mães

Por favor, não ouça o que eu *não* estou dizendo. Ao sugerir que as mulheres foram diminuídas por uma doutrina que diz que sua principal contribuição está na maternidade, de modo algum quero diminuir também o papel das mães. Elas são o alicerce da família e de sociedades saudáveis. Devemos honrar esse papel e tê-lo na mais alta estima. Sinto-me continuamente tocado e grato pela forma como Julie derrama a vida por nossos cinco filhos. Entre todos os papéis que

698. São João Crisóstomo, On Marriage and Family Life
699. Sarah Bessey, Jesus Feminist, cap. 3.

ela tem na vida, este é o que ela mais valoriza, e nossos filhos e o mundo são mais ricos por causa disso.

Ainda assim, a Declaração de Danvers, que chama as mães a se concentrarem principalmente no lar e nos filhos, é mais um artefato cultural do que bíblico. Com frequência e facilidade demais, a igreja confundiu o que é tradicional — um pai que sustenta a casa e uma mãe dona de casa — com o que é bíblico. A família tradicional é uma invenção cultural recente. Só a partir da Revolução Industrial os pais passaram, em massa, a sair de casa para trabalhar. Isso foi especialmente comum no período de prosperidade após a Segunda Guerra Mundial, em que um pai conseguia ganhar numa linha de montagem uma renda suficiente para cobrir todas as despesas da família. Com exceção das regiões mais ricas, esse tipo de família desapareceu do panorama econômico mundial. De fato, em meu próprio país, onde 60% das crianças são criadas por mães solo, e onde uma porcentagem ainda maior é criada por mães que precisam trabalhar fora de casa, a ênfase exagerada e a expectativa de que mães piedosas deveriam, idealmente, dedicar-se inteiramente ao papel doméstico são ultrapassadas e até cruéis. Mães que estão lutando realmente não precisam de mais culpa. Além disso, até a mãe de Provérbios 31 "examina uma propriedade e adquire-a" e, com esse dinheiro, "dá mantimento à sua casa".[700]

Ordenadas a ficar em casa?

Köstenberger apresenta a chamada "base bíblica" para a domesticação complementarista das mulheres:

Na carta de Paulo a Tito, as mulheres são chamadas a ser "trabalhadoras no lar" e a "amar o marido e os filhos". A alegria e o trabalho da vida das mulheres serão mais bem vividos quando ela se centrar principalmente em sua família e em seu lar. Ao mesmo tempo, o complementarismo não exclui que as mulheres algum dia trabalhem fora de casa. [Mesmo assim,] não há necessidade de recuar

700. Provérbios 31:15-16

do plano de Deus para as mulheres, centrado na família e no lar, salvo fatores atenuantes, como a doença do marido etc.[701]

Em outras palavras, as mulheres podem trabalhar fora de casa, mas, se possível, não deveriam. Será que Tito 1 realmente ensina isso? Köstenberger não leva em conta o contexto greco-romano da igreja à qual o texto foi escrito. Ao tirar o texto de seu contexto, ele nos oferece um pretexto.

Platão disse que o homem deveria "administrar o Estado" (essa é a esfera pública) e a mulher deveria "pôr ordem em sua casa, guardar o que está dentro dela e obedecer ao marido".[702] Fílon era ainda mais restritivo:

A mulher não deve ser intrometida, metendo-se em assuntos alheios às preocupações de sua casa, mas deve buscar uma vida reclusa. Não deve exibir-se como uma vagabunda pelas ruas, diante dos olhos de outros homens, exceto quando precisa ir ao templo, e mesmo então deve ter o cuidado de ir não quando o mercado está cheio, mas quando a maioria das pessoas já foi para casa.[703]

Foi nesse tipo de mundo que Paulo exortou as mulheres da igreja a "ser trabalhadoras no lar".[704] Aliás, essa é a única instrução desse tipo na Bíblia. Paulo estava preocupado em preservar a credibilidade da igreja diante do povo de Creta, onde se esperava que as mulheres "decentes" ficassem em casa. Não fazer isso, explica Paulo logo em seguida, faria com que "a palavra de Deus fosse difamada"[705] aos olhos dos observadores que tentavam formar uma opinião sobre esse grupo cristão recém-surgido. Em outro lugar, Paulo diz que ficar em casa evitaria a impressão de que as mulheres cristãs viviam "ociosas, andando de casa em casa" e eram "tagarelas e intrigantes, falando o que não

701. www.bit.ly/3SHnecQ
702. Platão, Mênon, seção 71e–f
703. Fílon. Fonte: www.bit.ly/3kquueP
704. Tito 2:5. A tradução da NIV "busy at home" ("ocupadas em casa") não capta o sentido de que as mulheres podiam fazer mais do que simplesmente tarefas domésticas e criar os filhos. O lar greco-romano era o lugar onde se realizava a maior parte do trabalho economicamente produtivo.
705. Tito 2:5

devem".[706] Essa instrução de "ser ocupadas em casa" não é um ideal ou decreto universal. É sabedoria específica para uma situação, em favor do evangelho.[707]

O outro texto-prova que os complementaristas apresentam para centrar as mulheres (e não os homens) no lar e na criação dos filhos é 1 Timóteo 5. Mais uma vez, o contexto da situação é ignorado. É claro que as viúvas sem recursos mencionadas nesse capítulo, que dependiam da caridade da igreja, deveriam usar seu tempo e sua energia para cuidar de seus filhos e netos.[708] E as viúvas jovens que se casassem de novo e, por isso, fossem sustentadas por seu *paterfamilias*, deveriam, por sua vez, administrar a casa, incluindo escravos e filhos.[709] Além disso, os complementaristas ignoram a possibilidade de que algumas mulheres possam ganhar uma renda: Paulo diz a "qualquer um" (o que inclui as mulheres) que tenha condições de trabalhar que o faça, para que possa "ter cuidado dos seus".[710]

Em resumo, Tito 1 e 1 Timóteo 5 definitivamente não são base bíblica suficiente para uma doutrina tão categórica e de tamanho único. Nem todas as mulheres, em todo lugar, têm o mandato de se orientar principalmente pelo lar.

Mulheres que trabalham

Não só a maioria das mães do mundo *precisa* trabalhar, como muitas *querem* trabalhar. Nas culturas pré-industriais, como em grande parte da África rural de hoje, as mulheres eram limitadas no tipo de trabalho que podiam fazer pelo fato de terem muitos filhos para gerar mão de obra. Durante grande parte de sua vida, essas mulheres normalmente estavam grávidas ou amamentando, o que significava que não podiam fazer trabalho pesado nem viajar para longe de casa.

706. 1 Timóteo 5:13
707. É verdade que um número muito pequeno de mulheres da classe alta exercia papéis públicos como patronas, proprietárias de negócios e funcionárias públicas. Mas esse tipo de comportamento só era aceitável em mulheres da elite — a grande maioria das mulheres seria criticada por agir como homem fora de casa. Por exemplo, essas mulheres ricas eram tão raras nas primeiras igrejas que, quando uma delas se convertia, Lucas considerava o fato digno de menção (Atos 13:50, 17:12, 34).
708. 1 Timóteo 5:3-4
709. 1 Timóteo 5:14
710. 1 Timóteo 5:8

O trabalho perto de casa que podiam fazer incluía confeccionar roupas e alimentar e cuidar dos pequenos, dos doentes e dos idosos. Os homens, sendo mais fortes e livres para sair de casa, podiam fazer todo outro tipo de trabalho, inclusive exercer papéis públicos na sociedade.[711]

Em seu famoso ensaio de 1971, *Are Women Human?*, Dorothy Sayers menciona os tipos de trabalho remunerado que as mulheres pré-industriais podiam fazer, como fiar, tingir, tecer, fornecer refeições, fabricar cerveja, fazer conservas, preparar picles e administrar propriedades. Então vem a Revolução Industrial e …

Está muito bem dizer que o lugar da mulher é no lar — mas a civilização moderna tirou de casa todas essas atividades agradáveis e lucrativas, das quais as mulheres cuidavam, e as entregou à grande indústria, para serem dirigidas e organizadas por homens à frente de grandes fábricas. É perfeitamente idiota tirar das mulheres suas ocupações tradicionais e depois reclamar porque ela procura novas. Toda mulher é um ser humano — nunca é demais repetir isso — e um ser humano precisa ter uma ocupação. … O trabalho não é, em primeiro lugar, algo que se faz para viver, mas aquilo para o qual se vive. … [T]odo criador e todo trabalhador é chamado a servir a Deus em sua profissão ou ofício — não fora dele.[712]

Nessa declaração, Sayers expõe a interpretação equivocada dos complementaristas de que "ficar em casa" significava que uma mulher piedosa da antiga Creta ou de Éfeso não ganhava a vida: no primeiro século, "em casa" era *onde* as mulheres trabalhavam para obter renda — "fiar, tingir, tecer, fornecer refeições, fabricar cerveja, fazer conservas, preparar picles e administrar propriedades". Mesmo assim, já nos tempos bíblicos, algumas mulheres se dedicavam a trabalhos fora de casa: Débora era juíza e estrategista militar; Ester, rainha e legisladora.

No Novo Testamento, encontramos a empreendedora Lídia, de Tiatira, uma cidade na Turquia conhecida pela fabricação e venda de tinta púrpura. Ali ela

711. Carrie Miles, The Redemption of Love: Rescuing Marriage and Sexuality from the Economics of a Fallen World, p. 43-46. Citado em Witt, Icons of Christ, cap. 7.
712. Dorothy Sayers, Are Women Human? p. 32; e Dorothy Sayers, Why Work? (Fonte: www. bit.ly/31wL85K)

comprava a tinta e a transportava para sua outra casa, na Grécia, que provavelmente servia também de sede para seu negócio. Num sonho, Paulo ouviu "o varão macedônio" chamando-o. Que surpresa descobrir que esse "varão" era, na verdade, Lídia, uma mulher, e ainda por cima solteira. E não uma mulher qualquer: ela foi a primeira convertida de Paulo na Europa. Depois de abrir o coração para o evangelho, ela abriu sua casa e seu local de trabalho, que agora passava a ter um terceiro uso, como local de reunião da nova igreja da cidade.[713] Toda mulher, especialmente as solteiras, pode se inspirar na atitude empreendedora de Lídia, em seu sucesso profissional e na fecundidade de seu ministério (e também se recusar a ser sufocada por qualquer crença complementarista de que o casamento é o propósito verdadeiramente nobre das mulheres).

Depois, no livro de Atos, encontramos Tabita, ou Dorcas, que se especializou em levantar recursos para poder confeccionar roupas para as viúvas da cidade de Jope. Quando Pedro a ressuscitou dos mortos, as primeiras pessoas que vieram celebrar o milagre foram essas viúvas que ela havia vestido.[714] Seu exemplo, superado apenas pelo do Bom Samaritano, tem inspirado igrejas a servir às necessidades dos mais vulneráveis, bem como a fundar instituições de caridade, trabalhos de ajuda humanitária e organizações sem fins lucrativos.

Todas essas mulheres bíblicas fizeram diferença com sua vida fora de casa. E, no entanto, os cristãos evangélicos nos Estados Unidos são, estatisticamente, o grupo "mais hesitante" quanto ao trabalho das mulheres fora de casa[715] e também o que se sente menos à vontade com uma mulher como CEO ou presidente. Esse nervosismo generalizado se deve, sem dúvida, ao sentimento difundido entre muitos complementaristas que acreditam que a razão da autoridade masculina é o fato de Adão ter sido formado primeiro, antes de Eva. Se a hierarquia homem–mulher é realmente um princípio da criação, então ela não pode ser aplicada apenas na igreja e não também na sociedade — daí a

713. Atos 16:11-16, 40

714. Atos 9:32-43

715. Um estudo do Barna de 2017 constatou que os evangélicos são o grupo "mais hesitante" em apoiar o trabalho das mulheres fora de casa: apenas 52% "se sentem à vontade com a possibilidade futura de haver mais mulheres do que homens no mercado de trabalho" (20% menos do que a população americana em geral). Fonte: www.bit.ly/3CNBtoX

hesitação generalizada dos evangélicos em serem liderados por uma mulher em qualquer esfera da vida.

Felizmente, porém, Paulo parece não ter recebido esse memorando! Embora seja o suposto formulador dessa "ordem da criação", ele parece alheio a ela quando diz aos escravos, metade dos quais eram homens, que se submetam a seus senhores,[716] muitos dos quais eram mulheres, a *materfamilias*. As viúvas teriam autoridade exclusiva, ao passo que as esposas teriam autoridade delegada sobre seus escravos. Da mesma forma, Paulo parece não saber nada da preocupação de Piper de que, "quando a influência de uma mulher sobre um homem é pessoal e diretiva, ela … contraria a ordem criada por Deus". O fato de Paulo esperar que uma *materfamilias* exercesse autoridade sobre escravos homens, igual à dos senhores homens, é prova de que ele não teria nenhum problema com homens que se submetem às suas chefes mulheres, como Baraque fez certa vez com Débora.

Além desses obstáculos sutis, mas inegáveis, as mulheres que trabalham também tiveram de enfrentar a indignidade e a injustiça da disparidade salarial de gênero. Embora a Revolução Industrial tenha levado muitas mulheres ao mercado de trabalho, onde podiam ganhar uma renda fora de casa, ela também reforçou a desvalorização dessas mesmas mulheres, pagando-lhes menos que a seus colegas homens. Em 1833, James Mitchell, um comissário fabril britânico, apresentou uma justificativa: "Seus baixos salários não a tentam a abandonar o cuidado de seus próprios filhos. Assim, a natureza providencia que seus desígnios não sejam frustrados."[717]

Uma das formas pelas quais o complementarismo perpetua essa injustiça em muitas igrejas é na contratação de membros da equipe ministerial de liderança. Os homens tendem a ser recompensados financeiramente pela natureza "governamental" de seu trabalho, enquanto as mulheres, que podem ter responsabilidades de liderança igualmente pesadas, muitas vezes recebem menos porque, por convicção teológica, seu trabalho é considerado mais de apoio do que de autoridade.

716. Efésios 6:9, Colossenses 4:1
717. Beth Allison Barr, The Making of Biblical Womanhood, p. 164

Jesus e Paulo nunca exaltam o papel doméstico

É fascinante que Jesus e Paulo sejam as duas figuras bíblicas que mais desafiam o atual foco complementarista na domesticação feminina. *Observe, por exemplo, como Jesus subverte a identidade materna da mulher.* Naquela cultura, o propósito principal de uma mulher era gerar filhos, de preferência homens. Um ventre estéril era tomado como sinal do desagrado de Deus. Mas Jesus não concordava. Somos informados de que, certa ocasião, enquanto Jesus ensinava, "uma mulher, que estava entre a multidão, exclamou e disse-lhe: 'Bem-aventurada aquela que te concebeu, e os seios que te amamentaram'". Em vez de receber o elogio em nome de Maria, ele respondeu: "Antes, bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam."[718] Por que essa aparente descortesia de Jesus? *Porque ele queria deslocar o centro do valor principal de uma mulher de seu papel doméstico e de criação dos filhos para seu relacionamento com Deus.* Segundo Jesus, nem o relacionamento com o cônjuge nem o relacionamento com um filho é o mais central para a identidade de uma pessoa. Ser discípulo de Jesus é. Não a procriação, mas a nova criação pela palavra de Deus é o que mais importa. Não ter um filho ou uma filha, mas ser filho ou filha de Deus — esse é o verdadeiro prêmio da vida.

Como pai de família, aprecio toda inspiração que posso receber sobre como derramar minha vida por minha família — mas temos de admitir que Jesus desafiava constantemente o ídolo de concentrar demais a nossa vida em nossa família biológica. Embora ele seja o Filho amado, também diz: "Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim."[719]

Na mesma linha, Paulo diz que o casamento pode desviar da prioridade ainda mais alta de servir a Deus:

A mulher não casada e a virgem cuidam das coisas do Senhor, para serem santas, assim no corpo como no espírito; a que se casou, porém, se preocupa com as coisas do mundo, de como agradar ao marido. Digo isto em favor dos vossos próprios interesses; não que eu pretenda enredar-vos, mas somente para

718. Lucas 11:27-28
719. Mateus 10:37-38

o que é decoroso e vos facilite o consagrar-vos, desimpedidamente, ao Senhor.[720]

A afirmação de Paulo não é absoluta, porque ele menciona o que chama de "angustiosa situação presente",[721] mas, diante de seus sentimentos, acho extremamente improvável que ele assinasse embaixo, assim como Jesus também não, da Declaração de Danvers — que deveria ser vista como de fato é: uma tentativa sincretista de casar o ensino das Escrituras com o ídolo da família tradicional, inventada recentemente.

Ao vasculhar os extensos escritos de Paulo, encontro apenas um elogio a uma mãe. Em Romanos 16, ele saúda a mãe de Rufo, "que também tem sido mãe para [ele]". Eu também louvo a Deus por aquelas mães na igreja que, em certos momentos, me acolheram debaixo de suas asas! Mas, mesmo aqui, Paulo não a elogia como mãe biológica, e sim como alguém que serve ao povo de Deus de maneira maternal.

Os roteiros que o Espírito nunca escreveu

Embora o desenvolvimento evolutivo de qualquer cultura possa trazer novos desafios ao cristianismo, as tendências recentes da sociedade ocidental contemporânea de ver mais mulheres no mercado de trabalho, e mais pais envolvidos de forma mais direta na criação dos filhos, não devem, a meu ver, ser rejeitadas como algo ruim.

Nem o antigo lar greco-romano nem a família tradicional dos anos 1950 são roteiros que o Espírito escreveu para todas as mulheres e todos os homens. O Espírito simplesmente não conduz todos os homens a serem provedores e tomadores de decisão, assim como não conduz todas as mulheres a serem donas de casa e a criarem os filhos. Homens e mulheres podem desempenhar alguns ou todos esses papéis, mas não casemos, como fazem os complementaristas, a família tradicional com o chamado espiritual. Isso só serve para sufocar a plena contribuição das mulheres, além de minar a disposição e a capacidade do

720. 1 Coríntios 7:34-35
721. 1 Coríntios 7:26

homem de abrir espaço para a contribuição e a voz das mulheres na igreja e na sociedade.

Embora muitas mulheres possam florescer em papéis tradicionais e encontrar neles seu chamado, presumir que todas as mulheres florescerão ou deverão florescer neles não é apenas falho, mas também antibíblico. Para algumas mulheres, esses papéis tradicionais acabam sendo um "jugo de escravidão", se elas presumirem que Deus escreveu o roteiro que ensina que "o chamado mais elevado de uma mulher [é] enriquecer a vida do marido e dos filhos, … que as mulheres devem praticar a abnegação e a obediência; [e] sufocar desejos e sonhos pessoais em favor de suas famílias".[722]

Um dos aspectos empolgantes de ver minha esposa como minha parceira, e não apenas como minha auxiliar na criação dos filhos e no ministério, bem como no trabalho e no sustento da casa, é que isso permite muita variedade em nossa caminhada juntos. Durante a maior parte de nossos anos como pais até aqui, eu ganhava a maior parte da renda todo mês. Agora estamos num momento em que minha esposa ganha mais e, embora isso me permita escrever livros e estudar para mais um diploma, também tive o privilégio de assumir mais tarefas relacionadas à casa e aos filhos. Tem sido realmente um privilégio (embora meus filhos talvez não concordem totalmente — as refeições da mãe deles fazem sempre mais sucesso que as minhas). Ainda assim, eu escolheria sem dúvida esta parceria mais dinâmica a ficar limitado a papéis estáticos década após década.

Ao mesmo tempo, não há nada de errado com casais que escolhem a abordagem mais tradicional. Muitas pessoas encontram certa felicidade simplesmente ao escolher um roteiro mais conservador. Mas não devemos idealizar esse arranjo como a vontade universal de Deus para todo casal. Uma teologia de toda a Bíblia não permite essa conclusão. Quaisquer que sejam as generalizações possíveis, há exceções suficientes para rejeitar a ideia de que todas as mães são mais adequadas para fazer o pão, enquanto todos os pais são mais adequados para ganhar o pão. O que a Bíblia *de fato* ensina, porém, é a importância de o casal trabalhar em equipe visando o bem-estar mútuo e o máximo serviço aos outros.

722. Beth Allison Barr, The Making of Biblical Womanhood, cap. 7.

Quando penso nos casais que conheço, algumas esposas anseiam por ficar em casa, enquanto outras ficam horrorizadas com essa ideia. Algumas desejam mais tempo com os filhos, outras oram por mais tempo fora de casa. Algumas abrem mão alegremente de suas aspirações profissionais; outras estão determinadas a continuar progredindo em sua área de trabalho. Não existe modelo ideal. Dito isso, seja qual for o modelo adotado, Paulo parece sugerir que, a não ser que se trate de pai ou mãe solo, *tanto* as esposas quanto os maridos devem estar envolvidos na vida do lar e na criação dos filhos[723] — formar a próxima geração é uma tarefa tão importante que merece nossas forças e sacrifícios somados.

723. 1 Timóteo 5:14 se refere a esposas que criam os filhos e administram a casa, enquanto 1 Timóteo 3:4, 12 se refere a maridos que governam a própria casa e criam os filhos.



16

Implicações práticas para as igrejas

"A questão teológica, embora importante, não é na verdade o principal indicador de se as mulheres estão ou não usando plenamente no ministério seus dons de liderança e outros dons. O que decide é a cultura que estamos criando. Somos uma cultura que vê o dom acima do gênero? Estamos dispostos a convidar todos para as oportunidades, ou nem pensamos nisso?" Kadi Cole[724]

Uma das coisas que me despertaram para o erro doutrinário da hierarquia de gênero em minha própria igreja foi minha crescente dissonância cognitiva. Apesar dos dons espirituais consideráveis, e às vezes superiores, evidentes em tantas mulheres que eu conhecia — só homens eram ordenados para a liderança principal e, portanto, autorizados a contribuir com verdadeira autoridade espiritual.

À medida que eu examinava mais a fundo a suposta base bíblica dessa proibição generalizada, comecei a ver as falhas dos argumentos usados para defender a exclusão das mulheres. Peneirando cuidadosamente cada texto, descobri também muitos textos e argumentos adicionais que pareciam ter sido convenientemente ignorados pelo meu círculo complementarista. Em lugar de ler a autoridade e submissão entre homem e mulher como a interpretação integradora das Escrituras, descobri algo muito melhor: uma hermenêutica harmonizadora e libertadora da mutualidade entre homem e mulher no ministério da igreja, nos casamentos, no lar e também na sociedade.

724. www.bit.ly/2ZRzaCO

Em minha experiência, muitas igrejas começaram a ver as mesmas falhas em sua teologia da exclusão feminina, mas mesmo assim se sentem paralisadas para mudar de posição por causa das implicações práticas. Muitas vezes, o pragmatismo tem se mostrado uma força mais poderosa do que a exegese pura.

Neste capítulo, portanto, vamos ser o mais práticos possível, tratando de preocupações práticas menos teológicas, mas muito reais, relacionadas a viver uma teologia da liderança da igreja mais inclusiva quanto ao gênero.

Abra mão de suas pressuposições

Em minha experiência, a maioria das igrejas, independentemente de sua posição sobre a liderança feminina, pode ter dificuldade para alcançar homens e levantá-los para a liderança. É compreensível, então, que alguns temam que, se (mais) mulheres forem designadas para liderar e pregar, a igreja perca ainda mais sua capacidade de atrair e reter homens.

No entanto, assim como igrejas com equipes de liderança envelhecidas precisam procurar acrescentar líderes mais jovens, sem simplesmente remover todos os mais velhos, também as equipes exclusivamente masculinas devem procurar acrescentar mulheres dotadas, sem remover homens igualmente dotados.

Além disso, as mulheres líderes não precisam ter sempre um tipo de personalidade "suave e sensível" — embora muitas mulheres sejam gentis (como Jesus), muitas outras são fortes e diretivas (como Jesus). Não devemos presumir que qualquer mulher líder acrescentada trará apenas um aspecto mais emocional e colaborativo às mensagens e às decisões da igreja (embora isso possa muito bem acontecer).

Ao mesmo tempo, precisamos ensinar aos homens que, à medida que mais mulheres se dispõem a liderar ao lado deles, isso não é de forma alguma um chamado para que eles se retirem. Como diz minha colega presbítera Jen Pedersen, "Quando os homens são passivos, é fácil demais para nós, mulheres,

nos levantarmos — mas o ideal de Deus é que homens fortes e mulheres fortes estejam lado a lado."

Mesmo depois que uma igreja muda sua teologia para incluir as mulheres em níveis mais altos de ministério, pode levar algum tempo até que as mulheres assumam essas novas oportunidades. Em vez de simplesmente deixar isso a cargo das mulheres, podemos dar passos para mudar a cultura da igreja no que diz respeito à liderança feminina.

Nesse sentido, talvez precisemos reconhecer e abandonar dois pesos e duas medidas sexistas. Isso vale não só para a igreja, mas para todos os setores da sociedade. Penso na tentativa de Taylor Swift de questionar a mesma coisa em sua área: "Existe um vocabulário diferente para homens e para mulheres na indústria da música. Um homem faz algo, é estratégico. Uma mulher faz a mesma coisa, é calculista. Um homem pode reagir. Uma mulher só pode reagir de forma exagerada."[725]

Kadi Cole, em *Developing Female Leaders,* diz que, ao entrevistar mulheres em funções de liderança na igreja, elas observaram em suas igrejas que "a paixão num homem, especialmente em torno de questões de liderança carregadas de emoção, é percebida como forte, útil e positiva. Mas essa mesma paixão vinda de uma mulher pode parecer raiva, insistência, teimosia e negatividade. Da mesma forma, homens que dão instruções e expectativas claras são considerados bons líderes, enquanto mulheres que fazem o mesmo muitas vezes são vistas como mandonas."[726]

Talvez a primeira maneira de melhorar a cultura de nossa igreja seja descobrir qual é realmente a cultura atual — fazendo a mulheres dotadas e chamadas algumas perguntas investigativas, como: *Como é ser uma mulher líder nesta igreja? O que, se é que algo, a impede de ser mais plenamente aproveitada? Como poderíamos melhorar tudo isso?* Os homens que lideram podem presumir erroneamente que já sabem as respostas a essas perguntas, mas essa suposição automática é exatamente parte do problema. Se quisermos trabalhar melhor em equipe e construir culturas eclesiais mais saudáveis, o primeiro passo é não presumir nada, mas

725. www.cbsn.ws/3wNUpSk

726. Kadi Cole, Developing Female Leaders, cap. 3.

fazer perguntas mais difíceis.[727]

Em minha própria experiência, muitas vezes encontrei mulheres com dons estratégicos surpreendentemente caladas em reuniões de liderança. George Surrat conta uma experiência semelhante. Embora a experiência dele talvez não corresponda à sua cultura, eu a compartilho porque certamente ressoa com a minha. Quando ele perguntou por que a nova integrante da equipe estava tão calada, ela respondeu: "Muitas vezes era difícil conseguir falar, com os homens interrompendo constantemente e falando uns por cima dos outros. 'Além disso', disse ela, 'não tenho certeza de que minha opinião seja realmente necessária.'" Em resposta, Surrat compartilhou duas observações com essa líder educada demais: "Primeiro, em salas cheias de homens, se você esperar que lhe perguntem, provavelmente nunca vão lhe perguntar. Para o bem ou para o mal, você precisa se manifestar. E segundo, se sua opinião não fosse necessária, você não estaria à mesa. A igreja precisa da sua contribuição."[728] Tudo isso para dizer que, quando as mulheres são convidadas pela primeira vez para equipes de liderança predominantemente masculinas, talvez precisem de algum encorajamento pessoal para começar a falar de verdade.

Treine os líderes homens para liderar ao lado das mulheres

Vamos recorrer a mais sabedoria de Surrat, que — tendo uma esposa e uma filha que são excelentes líderes, mas que também conhecem a dor causada por homens pouco receptivos à sua presença nas rodas de liderança — dá quatro conselhos aos homens que são novos no trabalho com mulheres:[729]

Ouça: as mulheres muitas vezes têm um estilo de comunicação mais matizado que o de muitos homens. É mais provável que incluam contexto, emoção e relacionamento na discussão. Descartar essa textura mais complexa é um erro.

727. Esta paródia bem-humorada revela o erro que os homens cometem quando falam pelas mulheres em vez de deixar que as próprias mulheres falem: www.bit.ly/3bKamzu
728. George Surrat, Why Women Don't Lead in your Church, www.bit.ly/2YgL4FR
729. www.bit.ly/2YgL4FR

Não interrompa: os homens muitas vezes interrompem uns aos outros, especialmente quando a conversa fica carregada de emoção. Embora isso seja sempre falta de educação, torna especialmente difícil para muitas mulheres líderes participar da discussão.

Faça perguntas esclarecedoras: é sempre útil fazer perguntas para entender, mas isso é especialmente útil quando homens e mulheres lideram juntos. Percebemos o mundo de maneira diferente e chegamos a conclusões por caminhos diferentes. Em vez de descartar uma opinião que você não entende, peça o contexto.

Confie: as mulheres que são novas à mesa de liderança da sua igreja precisam saber que você confia nelas para liderar. Não as trate como sócias juniores ou como crianças que precisam ser protegidas. Confie nas mulheres para liderar como adultas inteligentes e reforce essa confiança com suas palavras e ações.

Pode haver momentos, adverte Surrat, em que homens (e possivelmente mulheres) serão culpados de machismo ou misoginia. Isso não deve ser tolerado, mas confrontado. Se a pessoa não se arrepender disso, não deve liderar. Diz Surrat: "Isso pode parecer extremo, mas você manteria um racista na liderança? Toleraria um líder que tratasse [pessoas de outra raça] de forma diferente de todos os outros, minando a liderança delas? Se não é aceitável discriminar uma raça, então não é aceitável discriminar um gênero."

Em outros momentos, o problema pode ser que os líderes homens têm dificuldade de abrir mão daquilo a que estão acostumados. Uma objeção comum das equipes de liderança exclusivamente masculinas com as quais conversei é que, quando há mulheres presentes, "a dinâmica na sala muda". Esse comentário dá a entender que a conversa é, como escreve Surrat, "mais autêntica e frutífera quando só há homens presentes". A verdade, porém, é que, quando uma gama diversa de pessoas está numa equipe de liderança, as conversas podem ser um pouco mais complexas, mas serão sempre muito mais ricas e terão mais probabilidade de gerar uma perspectiva mais ampla e, portanto, também decisões melhores.

Conduza a igreja a receber o ministério das mulheres

Promover qualquer mudança numa igreja sempre exigirá certa habilidade de liderança. A maneira mais importante, proponho, de conduzir uma igreja através de uma mudança é ensiná-la com base nas Escrituras. Seria um erro apenas a equipe de liderança fazer uma jornada bíblica e teológica que a leve a começar a liberar mulheres para liderar e pregar, sem conduzir também a igreja inteira por uma jornada semelhante. Minha esperança é que o conteúdo deste livro forneça material para esse tipo de jornada em pregações e pequenos grupos.

Depois de ensinar sobre o valor que as Escrituras, Jesus e o Espírito, juntos, atribuem a mulheres que lideram e ensinam, comece a expor a igreja, talvez devagar e aos poucos, a mulheres que lideram e mulheres que pregam. Apenas ensinar sobre as grandes contribuições que as mulheres podem dar, sem mostrá-las, não basta. Para muitas pessoas, é preciso ver para crer. Só quando ouvem uma mulher pregar ou veem uma mulher liderar é que começam a aceitar isso como norma bíblica. Por exemplo, o Exército de Salvação do século XIX se via como pioneiro na liderança feminina. Em 1929, Bramwell Booth, filho do casal fundador, disse exatamente isso:

Há poucas dúvidas de que as mulheres do Exército desempenharam um papel na emancipação geral das mulheres que vemos em curso nas nações ocidentais. As mulheres que marchavam à frente dos pequenos grupos de desprezados salvacionistas, em anos passados, foram acostumando a mente do público ao espetáculo de uma mulher no comando, de uma mulher que participa ativamente e sem recuar do dever público e que vence, pela graça de Deus, suas supostas inferioridades. Assim, podemos dizer com verdade que estávamos abrindo uma porta pela qual as mulheres poderiam levar a Mensagem de Amor e de Vida a multidões que nunca a [teriam] recebido [a não ser] dos lábios de uma mulher. Essa porta nunca mais será fechada.[730]

730. Bramwell Booth, Echoes and Memories, p.172

Uma das coisas que o Exército de Salvação fez foi nomear publicamente mulheres para os mesmos cargos de liderança que os homens. Há bons motivos para fazer o mesmo na igreja. Algumas igrejas complementaristas fora do comum estão dispostas a dar às mulheres funções comparáveis às dos homens — convidando sua perspectiva para equipes de liderança pastoral, ou deixando-as pregar —, mas mesmo assim não reconhecem o ofício bíblico ou o chamado que os homens com as mesmas funções têm. Mas liberar uma pessoa para liderar ou ensinar na igreja sem reconhecer o ofício que Deus lhe deu acaba, sem querer, minimizando sua contribuição. Afinal, uma das maneiras pelas quais Jesus nos ensina a extrair o máximo de graça daqueles que nos ministram é afirmar tanto a graça *quanto o ofício* que Deus lhes deu: "Quem recebe um profeta *no caráter de profeta* receberá o galardão de profeta."[731] Em minha igreja anterior, embora complementarista, deixávamos as mulheres exercerem funções pastorais, mas não reconhecíamos oficialmente seu ofício pastoral. Embora isso seja muito melhor do que reprimir totalmente as mulheres, passei a acreditar que ainda assim teve o efeito de minimizar a graça na vida de muitas mulheres.

Deixe-me dar um exemplo pessoal do ministério de minha esposa na igreja que plantamos. Ao refletir sobre sua contribuição na pregação e na liderança ao longo de uma década, percebo agora que, se ela tivesse se visto como pastora ordenada por Deus por direito próprio (e não apenas casada com um pastor), provavelmente teria se levantado para contribuir mais na igreja. E, se as pessoas que a seguiam e a ouviam pensassem o mesmo, provavelmente teriam aproveitado ainda mais aquilo que ela oferecia. Do jeito que foi, ela acessou uma porção grande, *mas incompleta*, da graça de Deus sobre ela, assim como aqueles que receberam seu ministério.[732]

Invista em mulheres líderes e pregadoras e seja mentor delas

Se quisermos ver mais mulheres líderes e pregadoras de alto nível no futuro, precisamos começar a treiná-las hoje. Depois de décadas formando grandes

731. Mateus 10:41

732. Compartilho esta história com a permissão dela, e preciso enfatizar que, como sinal de sua humildade, creio eu, ela não buscou mais. Mas preciso ser honesto e dizer que, refletindo bem, ela tinha mais a oferecer.

líderes e pregadores, sei que eles são feitos, não nascem prontos. Uma vez que líderes já existentes, como eu, identificavam líderes em potencial, nós os fazíamos passar por um processo de desenvolvimento no qual os treinávamos e os colocávamos em ação gradualmente.

No entanto, quando reflito sobre meus anos como complementarista, percebo que meus olhos de caçador de talentos tinham antolhos: eu procurava homens dotados e, sem dúvida, deixei de ver muitas mulheres dotadas. *O resultado final disso é que, anos depois, nossa igreja estava cheia de líderes e pregadores homens testados e aprovados, mas pouquíssimas mulheres comparáveis.* Isso perpetua um ciclo de viés de confirmação numa igreja complementarista. Perguntamo-nos: "Se Deus quisesse que liberássemos mulheres dotadas para níveis mais altos de contribuição, por que há tão poucas?" No entanto, o Espírito Santo pode ter dado dons de liderança e de comunicação semelhantes (ou superiores) a uma mulher em nosso meio, mas só o irmão dela foi notado, treinado, recebeu oportunidades e acompanhamento e foi colocado em ação. Logo, ele parece muito mais dotado do que ela. Na realidade, isso é resultado da nossa discriminação, não da de Deus, e da nossa incapacidade de ver nela o que Deus vê.

Tenho uma amiga que atua no ministério com mulheres. Ela me conta que, durante anos, viu mulheres se revezarem para liderar ou pregar a outras mulheres, mas — até onde ela podia ver — sem nenhum treinamento por parte dos pastores da igreja. Ela me diz: "Inevitavelmente, essas mulheres ministravam com dons mal desenvolvidos e não chegavam a muita coisa, justamente porque não tinham sido treinadas. Os líderes homens treinados deixavam as líderes mulheres sem treinamento seguirem mancando."

Penso em outra amiga, uma comunicadora excepcional no mundo profissional. No entanto, apesar de seu desejo de pregar havia décadas, os pastores só convidavam homens, inclusive o marido dela, para o "treinamento de pregadores". Arrasada por não ter sido convidada, ela pediu ao marido que gravasse o áudio do treinamento para que ela pudesse treinar a si mesma em segredo.

Os líderes precisam de mentoria para chegar ao próximo nível. Kadi Cole entrevistou uma mulher líder que disse: "A coisa mais importante que a igreja fez para me desenvolver como líder foi me colocar em posições que me desafiavam e, ao mesmo tempo, me acompanhar com mentoria durante todo o processo. Nunca fui deixada sozinha nos grandes momentos de crescimento." Um mentor precisa estar relacionalmente acessível a quem ele mentoreia.

É muitas vezes aqui que as coisas desandam — mentores homens ficam nervosos em passar tempo frente a frente com mentoradas mulheres. Conhecida como *a Regra de Billy Graham* (graças a um de seus primeiros defensores), a ideia é que líderes cristãos homens íntegros nunca devem ficar sozinhos com uma mulher. Embora Billy possa ter seguido essa norma, vale notar que Jesus não seguia regra alguma desse tipo.[733] É claro que ainda é necessária sabedoria prática: um almoço de mentoria provavelmente é mais sensato do que um jantar de mentoria; levar duas pessoas numa viagem ministerial é melhor do que levar apenas uma; e mentorear duas pessoas ao mesmo tempo pode ser mais seguro do que investir em apenas uma. Mas admitamos também que cumprir regras não suprime o desejo pecaminoso — quem quer ter um caso extraconjugal encontrará um jeito de ter um caso! No fim das contas, devemos formar líderes com o tipo de caráter, sabedoria, profundidade espiritual e limites relacionais adequados que os ajudarão a reduzir e/ou vencer a tentação. Em algum momento, é preciso desenvolver maturidade para lidar com as tentações com sabedoria, sem evitá-las por completo.[734]

Repense o ministério de casais

Uma das fraquezas do complementarismo é sua abordagem de tamanho único para casais que servem a Deus no ministério. O modelo principal, em alguns

733. Por exemplo, João 4:8 deixa claro que Jesus e a mulher samaritana estavam sozinhos. Em vez de evitar essa situação (como muitos homens complementaristas fariam), Jesus parece ter buscado esse momento intencionalmente, e aproveita a oportunidade não só para conversar superficialmente com ela, mas para se conectar com ela no nível mais profundo.

734. Recomendo fortemente o capítulo de Kadi Cole "Create a safe environment", em "Developing Female Leaders", para uma resposta mais abrangente a essa questão. Ela também trata da questão do assédio sexual e dos relacionamentos inadequados no ambiente de trabalho e na igreja.

casos o único, é o que chamo de *"modelo Pedro e esposa"*.[735] Nesse modelo, o marido é o líder e a esposa é a auxiliadora. O homem, como o apóstolo Pedro, é um líder e/ou pregador que está à frente, enquanto sua esposa (que, neste caso, permanece sem nome) fica feliz em apoiá-lo nos bastidores de seu ministério. Não há nada de errado nisso! Para muitíssimos casais, talvez a maioria, isso funciona maravilhosamente bem. O problema é que com certeza não funciona para todos os casais no ministério. Sugiro que existem outros três modelos possíveis.

Existe o modelo "Débora e Lapidote".[736] Neste caso, a esposa é a líder que está à frente, enquanto o marido é seu principal apoiador. Mesmo em círculos complementaristas, há muitas mulheres que foram chamadas a ministérios públicos de grande alcance, enquanto seus maridos, talvez mais dotados para atuar nos bastidores, têm orgulho de apoiar suas esposas em sua obra para Deus.

Existe também o modelo "Priscila e Áquila". Neste caso, a esposa e o marido combinam seus dons de liderança trabalhando juntos — de modo muito semelhante ao desse casal bíblico, que trabalhava em parceria nos negócios, na administração da casa e na liderança da igreja. Esse é o modelo que melhor descreve o que tenho em meu próprio casamento. Sou casado com uma pessoa que prefere formar equipe comigo no ministério a seguir um chamado separado. Ela une alegremente seus dons de liderança aos meus. Eu retribuo com a mesma alegria.

735. A esposa de Pedro parece ter apenas dado apoio a Pedro, sem ter um ministério próprio à frente. No início do ministério de Jesus, ele curou a sogra de Pedro na casa de Pedro. (Lucas 4:38-40) Supomos que muitos, se não todos, os outros apóstolos também fossem casados. Mas ela não é mencionada até décadas depois, quando viajou com Pedro para a Europa em suas viagens ministeriais (1 Coríntios 9:5) — talvez os filhos já tivessem crescido e ela estivesse livre para viajar mais.

736. Veja Juízes 4:4.

Não nos esqueçamos do modelo "Ester e Assuero"[737]. Embora a rainha Ester possa ter apoiado alguns empreendimentos de liderança de seu marido, ela concentrou sua capacidade de liderança em outras oportunidades e esferas, e pediu e recebeu o apoio dele enquanto fazia isso. Como Priscila e Áquila, esse tipo de casamento no ministério inclui uma dupla de dons de liderança pública, só que, neste caso, eles lideram duas entidades diferentes.

Como podemos ver, há muitos formatos possíveis para casais se envolverem no ministério. Infelizmente, uma visão hierárquica do casamento só apoia o primeiro modelo ("o modelo Pedro e esposa") e lança uma sombra de dúvida e preocupação sobre os milhares de casais que funcionam de outra forma. Em contraste, uma visão mutualista abre espaço para cada modelo e celebra todos eles.

Essa variedade de modelos de casamento no ministério também poderia servir de base para equipes de liderança da igreja inclusivas quanto ao gênero.

Equipes mistas

Não haverá duas equipes de liderança exatamente iguais numa igreja que afirma o mutualismo homem–mulher, porque cada equipe será formada por uma combinação diferente dos dons de liderança disponíveis naquela igreja. Mesmo assim, podemos identificar os diferentes tipos de pessoas que podem servir numa delas:

- *Pode haver uma Lídia, ou um Timóteo, ou dois.* São mulheres solteiras e homens solteiros com dons de liderança. Como o Novo Testamento atribui igual chamado a solteiros e casados, o estado civil não deve desqualificar ninguém

737. Embora Assuero não seja modelo de homem piedoso, e seus casamentos não fossem relações entre iguais, o que ele parece ter feito, e que pode ser reproduzido em casamentos piedosos hoje, foi permitir que suas esposas (primeiro Vasti, depois Ester) seguissem suas próprias iniciativas enquanto ele seguia as dele — Vasti organizou um banquete para mulheres, enquanto Ester escreveu leis. Esse arranjo conjugal era tão raro no mundo antigo, acessível apenas à elite mais alta, que este é o único exemplo dele nas Escrituras. Em muitas culturas modernas, nas quais as mulheres são cada vez mais iguais aos homens intelectual e socialmente, é mais viável que os cônjuges busquem objetivos, carreiras ou ministérios diferentes, permanecendo numa parceria dinâmica.

para a liderança. Na verdade, Paulo sugere que as pessoas solteiras podem investir na igreja com um senso singular de foco.[738]

- *Pode haver um casal como Priscila e Áquila, ou dois.* São casais em que ambos têm o mesmo chamado de liderança e ambos fazem parte da equipe.
- *Pode haver um Pedro ou um Assuero, ou dois.* São homens casados com dons de liderança, cujas esposas preferem funções mais de apoio, ou têm dons de liderança totalmente investidos em outro lugar e, por isso, não estão disponíveis para a equipe de liderança. Seria injusto, creio eu, consumir a capacidade limitada de voluntariado dessas esposas, fazendo-as passar horas sentadas em reuniões e impondo-lhes exigências para as quais talvez não tenham desejo, capacidade ou perfil, quando provavelmente encontrariam mais alegria servindo na igreja ou fora dela de maneiras para as quais *têm* desejo, capacidade e perfil.
- Da mesma forma, *pode haver uma Débora ou uma Ester, ou duas.* São mulheres casadas com dons de liderança, cujos maridos preferem funções mais de apoio ou têm dons de liderança totalmente investidos em outro lugar e, por isso, não estão na equipe de liderança.

As igrejas mutualistas que formam equipes de liderança mistas podem experimentar inúmeras maneiras de combinar esses tipos de pessoas. O principal desafio que vejo nesse modelo de liderança inclusivo quanto ao gênero é o cuidado e a integração da esposa de Pedro e do marido de Débora. Uma maneira de manter esses cônjuges incluídos, mesmo que não se peça liderança deles, está nos aspectos de vínculo relacional da equipe pastoral. Convidá-los para um dia de diversão, um jantar especial ou um tempo de oração intensa pela igreja contribuirá muito para mantê-los dentro do círculo, e não fora dele.

É claro que toda configuração de equipe de liderança apresenta alguns pontos fortes, bem como algumas possíveis fraquezas. Em vez de optar por uma estrutura simples, mas potencialmente estéril, como um modelo complementarista formado apenas por "Pedros", é muito melhor abraçar as complexidades da diversidade e confiar no Espírito de sabedoria, que guiará

738. 1 Coríntios 7:32-34

cada equipe de liderança específica a encontrar uma prática específica para sua fase específica.

Aprenda com outras igrejas

Muitas equipes de liderança de igrejas mudaram ou estão pensando em mudar sua doutrina do complementarismo para o mutualismo. Mas como isso deve ser feito? Em meus anos de liderança na igreja, estive envolvido duas vezes em promover um ajuste formal na teologia de uma igreja. O que aprendi do jeito mais difícil é que acertar a teologia é uma coisa; trazer uma igreja inteira junto é outra. É aqui que aprender com outras igrejas que já fizeram a transição se torna tão importante. Sou grato ao Dr. Rob Dixon e a April Fiet por criarem um roteiro para igrejas em transição para o mutualismo homem–mulher, com base em entrevistas direcionadas que fizeram com igrejas que já realizaram essa melhoria.[739]

Por exemplo, podemos aprender com a Bent Tree Bible Fellowship, uma igreja proeminente em Dallas, no Texas. Embora inicialmente resistentes ao mutualismo homem–mulher, eles discerniram que Deus talvez lhes tivesse enviado dois catalisadores de mudança — um líder-teólogo de confiança em seu meio, que propôs uma teologia melhor, e uma valorização antiga da liderança compartilhada, que parecia cada vez mais dissonante com a exclusão das mulheres da equipe de liderança principal. A equipe de presbíteros da Bent Tree, formada só por homens, passou um ano inteiro estudando os textos relevantes e reunindo-se periodicamente para comparar anotações. Eles consultaram livros que tinham lido. Quando finalmente se reuniram para compartilhar suas conclusões, o grupo foi unânime em seu estudo das Escrituras e em sua percepção da direção do Espírito para a igreja: não deveria mais haver nenhum ofício da igreja vedado às mulheres.

Em seguida, envolveram a congregação nessa mudança doutrinária de forma transparente e sem pressa. Fizeram isso de muitas maneiras: por meio de

739. www.bit.ly/3nECNFR

declarações dos presbíteros; de um sermão;[740] de um documento teológico que produziram; e, o mais importante, colocando-se à disposição em muitas ocasiões para responder perguntas ou tratar preocupações levantadas por membros da igreja. Aprenderam como é crucial conduzir essa conversa com membros da igreja discordantes ou inseguros de maneira acessível, amorosa, paciente e pastoral.

As igrejas que fazem a transição contam a mesma história: embora a grande maioria dos membros faça a mudança, algumas pessoas não conseguem aceitar esse ajuste doutrinário. Isso é inevitável, mas ainda assim nós, líderes de igreja, devemos orar para que todos os que estão conosco permaneçam conosco; e fazer tudo o que pudermos para ajudá-los.

Essa transição não é o fim de uma jornada. É o começo de uma. Depois de fazer a mudança doutrinária, é hora de agradecer a Deus e respirar fundo; depois, começar a implementar mudanças estruturais e culturais, à medida que discernimos, como comunidade e como líderes, novas maneiras de trabalhar de fato em parceria como mulheres e homens — tudo para que o evangelho possa avançar em maior medida em nossa igreja e por meio dela.

740. Role a página para baixo e ouça este sermão aqui: www.bit.ly/3xbsb4h



17

O POVO CONTRA O PATRIARCADO

"Essa narrativa de que os homens carregam a autoridade de Deus é assustadora, e não é cristã." Beth Allison Barr[741]

"Minha experiência como pastor ao longo de quarenta anos é que, quando a liderança das mulheres na vida da igreja é afirmada, tudo fica melhor." Kevin Giles[742]

Numa manhã, há pouco tempo, minha esposa me ajudou a ver que a maneira como os homens veem as mulheres (e como as mulheres veem a si mesmas) é a ideia mais importante deste livro. Fui eu que comecei a conversa: "As igrejas complementaristas continuam marchando sem perceber o que estão perdendo, porque há homens talentosos suficientes com esposas que os apoiam muito, para quem o complementarismo cai como uma luva. O problema é que isso muitas vezes limita ou exclui aquelas esposas e mulheres solteiras que são líderes por mérito próprio, que transbordam de muito mais para oferecer, além dos ministérios com mulheres, com crianças, administrativos e de aconselhamento."

Minha esposa balançou a cabeça. "Não, esse não é o problema. Bem, não o principal", explicou ela:

O problema principal é a maneira como a teologia e a prática complementaristas ensinam os homens a ver as mulheres e — talvez de modo ainda mais triste — a maneira como ensinam as mulheres a ver a si mesmas. Por mais sutil que seja, a mensagem é que a mulher é, de algum modo, menos do que o homem e, portanto, tem menos a oferecer. Com essa mentalidade

741. Entrevista na revista The New Yorker, 25 de julho de 2021. Fonte: www.bit.ly/2YjaG4Z
742. Kevin Giles, What the Bible Actually Teaches on Women, cap. 8

subconsciente instalada, por mais benevolentes e "honradores" que os homens sejam com as mulheres, haverá garantidamente um tom de paternalismo, na melhor das hipóteses, ou de superioridade, na pior, na maneira como os homens se relacionam com as mulheres e como as mulheres permitem que os homens se relacionem com elas.

Minha esposa sabe do que está falando — ela se entregou de corpo e alma a igrejas complementaristas durante toda a sua vida de seguidora de Cristo. Notavelmente, ela teve o temperamento, as oportunidades e a autoconfiança para não se sentir significativamente difamada. Mesmo assim, ela acerta em cheio: *a teologia é o problema*. A teologia de uma igreja não é, como supomos, um documento fechado de argumentos bíblicos guardado em algum Google Drive. É algo muito mais próximo do que isso: a teologia é a nossa percepção, a nossa visão e a nossa maneira de ver a realidade. Assim, uma teologia sobre as mulheres é a nossa maneira fundamental de ver as mulheres.

De fato, o principal efeito de eu ter abandonado a teologia complementarista foi a mudança sutil, mas inegável, na minha percepção das mulheres. Em poucas palavras: *vejo mais nas mulheres do que eu costumava ver*. Lenta, mas seguramente, Deus tem misericordiosamente tirado as traves dos meus olhos. Agora percebo, certamente mais do que nunca, quanto as mulheres têm a oferecer — ideias, perspectivas, discernimento, formulações, orientações — no lar, na igreja e na sociedade. E quanto mais vejo nelas, mais sinto o peso e a convicção das palavras de Deus a Adão (e a seus filhos): "Não é bom que [os homens] estejam sós."

Tetos de vidro e gaiolas douradas

Fico maravilhado com a quantidade de pessoas que Deus continua colocando no meu caminho e que me contam suas histórias de partir o coração. Não saí à procura de nenhuma delas — parece que são elas que vêm à minha procura!

Uma cristã madura e talentosa me conta como, ingenuamente, compartilhou com os líderes da sua igreja as experiências espirituais nas quais sentiu que Deus

a chamava para se preparar para liderar e pregar numa igreja, só para ouvir que, se ela fosse homem, seu senso de chamado seria elogiado como algo legítimo, mas, como não é, ele precisava ser redirecionado para outra coisa. Desde então, ela deixou aquela igreja e plantou outra com sucesso.

Outra mulher, ainda uma complementarista convicta, depois de décadas de esforço para se submeter ao marido, percebe que quase perdeu o acesso à própria voz e, em consequência, seu casamento está numa situação precária. Ela se pergunta como poderá algum dia recuperar, nesse casamento, o senso de quem ela é.

Um amigo pastor me conta que sua esposa, depois de ajudar a liderar a igreja deles por décadas, agora se dedica ao mundo profissional com grande entusiasmo e tem pouquíssima motivação para servir à igreja — ela explica que, lá fora, seus dons são respeitados e os homens a tratam como uma igual.

Outra amiga, uma líder talentosa, depois de trabalhar em igrejas a vida inteira, finalmente se juntou a uma igreja que vê as mulheres como iguais. Ela me conta que, pela primeira vez na vida, não fica se perguntando se os outros estão ignorando suas ideias estratégicas por causa do seu gênero, nem teme ser vista como uma espécie de Jezabel por causa da força das suas convicções e da sua visão.

Há alguns anos, depois de uma conferência de três dias para líderes de igreja, uma líder experiente me confidencia que, a cada dia da conferência, ela se sentiu menor e menor, e menos ambiciosa pelo reino de Deus. A princípio fico na defensiva, mas então ela me aponta todas as maneiras, sutis e nada sutis, pelas quais lhe foi comunicado que a liderança cristã é coisa de homem. Procuro apenas escutar e, finalmente, eu a ouço — não apenas as suas palavras, mas a profunda decepção e a dor escondidas por trás delas.

Mais recentemente, participei de uma conferência de pastores, na qual escolhi um workshop sobre mulheres no ministério. Escutei uma mulher após a outra expressar a agonia de tentar usar seus dons para servir a Deus em contextos dominados por homens. "Sou chamada por Deus — mas me deixam

questionando esse chamado de novo e de novo. No entanto, meus irmãos nunca são incentivados a duvidar dos seus chamados." Outra lamenta um padrão duplo: "Muitos homens na liderança são, na verdade, culpados de serem agressivos, mas, por serem homens, todo mundo tolera. Ao passo que, se uma mulher é apenas assertiva, presume-se que ela deve estar pecando."

Acrescente a essas as histórias de mulheres que me contam como procuraram líderes homens na igreja que, apesar de todo o seu carisma e sucesso ministerial, parecem não conseguir realmente ouvir as suas preocupações. É revelador que algumas tenham descoberto que é mais eficaz pedir aos homens da sua vida — maridos, pais, filhos — que falem em nome delas. E assim, hoje mesmo, um amigo me escreve um e-mail sobre a dificuldade que tem para manter sua esposa e sua filha envolvidas na igreja dele. Mulheres talentosas como são, elas lhe dizem que não se sentem vistas na igreja, e ele não parece conseguir convencê-las do contrário.

Tenha isto em mente: essas histórias casuais, de mulheres corajosas o bastante para compartilhá-las comigo, aconteceram todas em contextos complementaristas *moderados*.

Na minha cidade, o vento sudeste uiva, às vezes por semanas a fio. O resultado é que muitas árvores ficam permanentemente inclinadas na direção noroeste. Nas minhas décadas de vida na igreja, percebi que a "teologia" de uma igreja — seu sistema de crenças e sua maneira de interpretar as Escrituras sobre um assunto-chave — molda as atitudes, os pressupostos e as práticas de uma igreja mais do que qualquer outra coisa. O complementarismo é um desses ventos — com exposição suficiente a ele, uma mulher que viveu sob esse vento predominante tem mais probabilidade de ficar curvada: seu potencial ministerial, refreado, e seu bem-estar pessoal, ameaçado. (Não, não estou exagerando — há dados concretos que mostram isso.[743])

743. Um estudo com 2.234 mulheres de idade média de 47 anos, com base em pesquisas dos últimos quinze anos, confirma que mais mulheres sofrem problemas de saúde quando frequentam igrejas complementaristas, em comparação com igrejas inclusivas. (Patricia Holman e Amy Burdette, "When Religion Hurts: Structural Sexism and Health in Religious Congregations", *American Sociological Review*, 2021, Vol. 86 (2): 234–55.)

Olhando para trás, nunca imaginei ter feito ou dito algo que limitasse as mulheres em seu serviço a Cristo — até que me peguei pensando no futuro ministerial dos meus filhos. Embora confiando que Deus os guiaria como achasse melhor, eu me vi desejando que meus filhos homens pudessem um dia ser pastores e desfrutar da emoção de formar equipe com outros no ensino e na liderança de igrejas. Então olhei para minha única filha, Ivy, brincando ao lado dos irmãos, e desejei que *ela se casasse com um homem assim*.

Naquele momento, ficou claro para mim que os tetos de vidro com que tantas mulheres se deparam raramente são criados por arquitetos maquiavélicos do patriarcado, decididos a manter as mulheres no seu lugar. Não, esses tetos são construídos de maneira muito sutil a partir da nossa teologia sobre os gêneros. Ali estava eu, um pai coruja de uma filha talentosa — impondo limites invisíveis, mas impenetráveis, ao potencial dela e à sua contribuição para o povo de Deus. Tudo porque eu acreditava que só casando com o homem certo ela poderia desfrutar do mesmo nível de contribuição que os irmãos.

"Faça isso parar!"

Enquanto escrevia os capítulos finais deste livro, passei a fazer parte da equipe de liderança mista, de homens e mulheres, de uma igreja na minha cidade. Ali procuro praticar a disciplina espiritual de "ver" e (o que é igualmente importante) "ouvir" as mulheres dessa equipe. Numa reunião de liderança recente, eu contava como escrever as partes finais deste livro parecia puxar um caminhão ladeira acima: "Continuo", disse eu, "porque quero que isso pare!" Com "isso" eu me referia ao trabalho exaustivo, demorado e emocionalmente desgastante de escrever um livro.

Ao que uma das mulheres da equipe disse: "Faça isso parar!", e repetiu o breve imperativo mais duas vezes, com peso profético. Fiquei um pouco perplexo, mas depois entendi aonde ela queria chegar: "Faça parar essa maneira como os cristãos e as igrejas veem e tratam as mulheres!" Havia uma seriedade no seu apelo que parecia quase enviada do céu. Enquanto orava por perseverança para concluir este livro, o Espírito Santo continua trazendo à minha mente as

palavras dela: "Faça isso parar! Faça isso parar!" Este livro é a minha pequena oferta nessa direção.

Então, o que precisa parar, exatamente?

Mesmo que o complementarismo erre o alvo quanto a uma interpretação decente da questão à luz da Bíblia inteira, poderíamos nos perguntar: ele é realmente tão prejudicial assim? Não conhecemos todos igrejas complementaristas que estão ajudando tantas pessoas? Talvez até estejamos numa delas. E, como alguém que foi líder complementarista por muito tempo, sei por experiência própria que o complementarismo, como fermento, não leveda cada pão (cada igreja) no mesmo grau. Igrejas complementaristas moderadas, como aquela que ajudei a liderar, fazem o possível para conciliar a doutrina que exclui as mulheres com a doutrina que libera as mulheres, de tal modo que a maioria das mulheres se sinta genuinamente honrada. Nenhuma igreja é perfeita, e Deus é perfeitamente capaz de usar até igrejas imperfeitas para fazer coisas maravilhosas. Ainda assim, já estou nessa estrada há tempo suficiente para ver os efeitos negativos se manifestando até nas igrejas complementaristas mais moderadas.

O complementarismo esconde com muita facilidade atitudes sexistas. O sexismo, seja hostil (e misógino), seja "benevolente" (e, portanto, paternalista), mina a capacidade de um homem de realmente ouvir uma mulher. Rachael Denhollander, a primeira de muitas vítimas a tornar públicas suas acusações contra o seu abusador, Larry Nassar, o médico da equipe de ginástica dos Estados Unidos (USA Gymnastics), disse o seguinte à sua denominação, a Convenção Batista do Sul: "Acho muito revelador que eu tenha ouvido centenas, literalmente centenas, de sermões sobre a esfera quieta e submissa que uma mulher deveria ter. Não ouvi nenhum sobre como valorizar a voz de uma mulher."[744]

Foi só depois que as igrejas brancas na África do Sul se arrependeram do falso ensino do apartheid que elas conseguiram sequer começar a se arrepender de atitudes racistas. Acho triste que, enquanto tantos homens não cristãos na minha cultura estão confessando atitudes machistas pecaminosas, tantos

744. Fonte: www.bit.ly/3COpaJc

homens cristãos simplesmente se escondam atrás da sua teologia complementarista.

O complementarismo cria uma igreja que pensa com um só hemisfério do cérebro. Ao excluir as mulheres das equipes de liderança principal e das equipes de pregação, a igreja garante os seus próprios pontos cegos — sua incapacidade de usar os dois lados do cérebro em suas tomadas de decisão, em sua abordagem pastoral, em sua interpretação das Escrituras e em seu ministério tanto a homens quanto a mulheres. "Já passou da hora de equilibrar o domínio masculino no ministério e na liderança da igreja", diz Alan Hirsch. "Se não fizermos isso, podemos esperar mais dos mesmos resultados (de certa forma, de um só hemisfério cerebral) que estamos obtendo atualmente."[745]

Esta é a grande ironia das igrejas complementaristas — embora afirmem promover a complementaridade de homens e mulheres, na verdade atribuem somente aos homens os dois papéis principais que dirigem e instruem a igreja — os papéis de pregação e de liderança pastoral — e, com isso, nos privam da voz e dos pontos de vista tão necessários das mulheres. As igrejas complementaristas moderadas pelo menos tentam atenuar isso convidando mulheres para as reuniões de liderança e para o púlpito — mas, ao mesmo tempo, no meu entender, não lhes conferem autoridade suficiente para realmente se manifestarem.

O complementarismo causa uma dor enorme a algumas mulheres marginalizadas, talentosas e chamadas. Continuo ouvindo a mesma história: mulheres chamadas ou talentosas que são ignoradas ou postas de lado sem cerimônia em favor de homens. Para piorar as coisas, o complementarismo tem um mecanismo embutido de gaslighting: ele repreende a mulher que deseja liderar ou pregar por ter, para começar, esse desejo equivocado, se não pecaminoso. Se ela aceita essa acusação, passa a se recriminar. *Deve haver algo errado comigo, já que chego a desejar aquilo que Deus aparentemente proíbe.* Uma amiga talentosa me diz: "Quando eu era jovem, ouvi Deus me chamando para liderar o seu povo — mas, depois de ouvir que eu tinha entendido Deus errado, passei a desconfiar totalmente da minha capacidade de discernir a voz de Deus."

745. Alan Hirsch e Dave Ferguson, On the Verge, cap. 3.

Mas como devem reagir as mulheres que recusam esse veredito e agora têm um legítimo senso de injustiça? Elas simplesmente enterram a dor e continuam servindo? Elas se manifestam e se expõem ao possível ridículo ou a mais gaslighting? Ou deixam a igreja e procuram outra? As três opções são incrivelmente dolorosas.

A dor da mulher ignorada — medo, raiva, frustração — pode ser sentida de maneira aguda, mas, na maioria das vezes, a igreja não faz a menor ideia do preço que paga quando o dom que Deus deu numa pessoa talentosa é marginalizado por nenhum outro motivo além do seu gênero. Não só no mundo profissional, mas também na igreja, a mediocridade é o preço a pagar quando pessoas menos competentes são promovidas acima de outras por causa do seu gênero.

O complementarismo contribui para sufocar o potencial de liderança da mulher. Cito a consultora de liderança Kadi Cole sobre este ponto:

Quando você tem mulheres fiéis e maduras que estão prontas e deveriam estar assumindo elementos de liderança, quaisquer que sejam, seja dirigindo uma equipe de voluntários, seja dando uma aula na escola dominical, seja algum tipo de função formal de liderança, [os homens] talvez se surpreendam ao saber quanta energia e esforço essas mulheres cristãs piedosas gastam se perguntando se estão usurpando autoridade. Mulheres piedosas são muito sensíveis ao fato de que provavelmente há uma linha em algum lugar abaixo da qual elas deveriam viver. E o problema é que, se essa linha está, digamos, num sete [enquanto para os homens ela está num dez], a maioria das mulheres piedosas vai viver mais ou menos num quatro, para não [ultrapassá-la] por acidente.[746]

Achei essa observação de Cole muito esclarecedora. Nas igrejas complementaristas moderadas que liderei, eu me perguntava por que tantos homens, compreensivelmente, alçavam voo como líderes, enquanto as mulheres que eram incentivadas a liderar numa área específica muitas vezes só chegavam a um nível medíocre. Quando há um teto de vidro, uma linha de limitação específica de gênero, pouquíssimas mulheres chegam sequer perto dela — o

746. www.bit.ly/3wvNjlD

problema não é apenas que existe um teto de vidro; o problema é que o teto de vidro cria um piso pegajoso.

O complementarismo contribui para silenciar a voz das mulheres. Adam Galinski, em sua palestra TED *How to Speak Up for Yourself*[747], diz que a ousadia de se manifestar exige várias condições prévias: a convicção moral de que é certo se manifestar, o apoio da comunidade, o poder ou a plataforma para fazê-lo e a liberdade em relação ao medo de punição.

É por isso que tantas mulheres na igreja se sentem tão silenciadas ou não ouvidas nas igrejas complementaristas: a doutrina da submissão e do silêncio femininos as faz duvidar de que seja sequer certo se manifestar; por isso, a comunidade não as apoia quando o fazem; não lhes é dada nenhuma plataforma nem poder para se manifestar; e, quando elas se manifestam, enfrentam as consequências de serem repreendidas por sua atitude não submissa ou por ultrapassarem a linha apropriada ao seu gênero.

Nas poucas igrejas complementaristas que permitem que mulheres preguem num domingo, essas mulheres são instruídas a ensinar, mas não a "ensinar com autoridade" (com base na sua interpretação equivocada de 1 Timóteo 2:12). Mas isso enche de pavor o coração de muitas pregadoras, que pensam que, a qualquer momento da pregação, podem demonstrar convicção demais ou talvez tropeçar em algum tipo de formulação doutrinária e, com isso, pecar.

Uma das fundadoras do complementarismo, Mary Kassian, escreveu um artigo no site de John Piper intitulado *Women Teaching Men—How Far Is Too Far?*[748] Ela diz que muitas vezes as mulheres lhe perguntam se podem pregar no domingo de manhã, ou no domingo ou na quarta-feira à noite. E se podem compartilhar o seu testemunho. Ou falar num estudo bíblico misto, ou para um público misto numa conferência religiosa. Ou dar um seminário, ou lecionar num seminário teológico com homens presentes. Ou dirigir uma reunião de oração. Ou mentorear homens em particular. Ou pregar na TV ou no rádio. Ou instruir homens por meio de artigos e livros. Ela responde: "[A] questão de como eu — como mulher com o dom espiritual do ensino — devo honrar a liderança

747. www.bit.ly/3k7dsSF. Agradeço a William Witt por ter me indicado esta palestra.
748. www.bit.ly/3fxTcKC

masculina na igreja tem muitas semelhanças com a questão de como uma jovem [com seu namorado] deve honrar o princípio da pureza [sexual]."

Embora ela admita que, nos dois casos, a linha não está explicitamente clara nas Escrituras, ao comparar uma mulher que ensina um homem a pecar sexualmente com ele e, assim, ao insinuar que ela deveria ficar tão longe da linha quanto possível, o seu artigo, amplamente lido, sem dúvida já colou muitas mulheres ao piso do silêncio. Ou elas simplesmente evitarão as oportunidades de falar que Kassian menciona, ou, se falarem, tomarão muito cuidado para evitar dizer a coisa errada — ou a coisa certa com qualquer grau de franqueza e convicção.

O complementarismo restringe muitos dos trabalhadores da colheita que Deus deu. Jesus disse que, embora a seara seja grande, os trabalhadores são poucos. Devemos orar por mais trabalhadores e, depois, garantir que esses trabalhadores sejam postos para trabalhar. A missão da igreja de evangelizar e fazer discípulos é importante demais, e a igreja local e o púlpito de domingo são instrumentais demais para o cumprimento dessa missão, para que se possa desprezar metade dos seus dons de liderança e de pregação. Diz Carolyn Custis James: "Quando metade da igreja se retrai — seja por escolha, seja porque não temos escolha —, todos perdem e a nossa missão sofre reveses."[749]

O complementarismo nos cega para as líderes mulheres que estão despontando em nosso meio. Quando pensei pela primeira vez em deixar a igreja que ajudei a liderar por vinte anos, eu estava consciente da necessidade que a igreja tinha de mais dons catalisadores de liderança — por anos, Deus me concedera a graça de ser um deles, e eu orava por mais dons semelhantes aos meus para me substituírem. Certa ocasião, fiquei no fundo da congregação mais jovem — centenas de pessoas na casa dos vinte anos — e me perguntei quais dos homens daquela multidão poderiam ser a resposta às minhas orações. Do nada, senti o Espírito Santo me dizer: "E se os próximos dons catalisadores forem mulheres?" Meus olhos se abriram de repente para a outra metade da multidão. Percebi naquele momento o poder de uma teologia restritiva para nos condicionar de antemão a não ver tantos dos dons que estão bem diante de nós.

749. Carolyn Custis James, Half the Church, p. 162. Citado em Bessey, cap. 10.

O complementarismo põe um teto nos sonhos das mulheres para o reino. Nem toda ambição é ruim. Há uma ambição nascida do Espírito de glorificar a Deus e realizar grandes proezas para ele, que arde em alguns de nós. Aos vinte e poucos anos, eu fazia parte de um movimento de plantadores de igrejas que crescia rapidamente. Como homem mais jovem, eu olhava com admiração para os homens mais velhos que estavam à frente desse movimento. Eu teria de esperar uma eternidade para fazer o que eles estavam fazendo para Deus, pensava comigo mesmo. Isso até que o líder do movimento explicou que a idade não era critério para liderar, mas apenas a piedade e os dons de cada um. Ao tirar os fatores circunstanciais da equação, ele me motivou a dar tudo de mim, e eu dei.

Pois bem, algo parecido acontece quando dizemos às moças que nem a idade nem o gênero delas, mas apenas a sua piedade e os seus dons, são os fatores principais para determinar o quanto elas podem ser úteis a Deus na igreja e no mundo. Mesmo que não acabem sendo pregadoras e pastoras, é mais provável que se destaquem em quaisquer outras tarefas do reino para as quais Deus as chamar.

O complementarismo pode ser particularmente duro com homens mais gentis e excessivamente elogioso com homens naturalmente assertivos ou agressivos. Em círculos complementaristas, presenciei muitas conversas sobre o problema dos "homens fracos" que não conseguem liderar "mulheres fortes". Mas será esse realmente o problema principal? Ou poderia haver uma trave muito maior nos nossos próprios olhos:

Alguns homens são líderes natos. Segundo a teologia complementarista, um homem que lidera bem está fazendo a vontade de Deus. Mas, se um homem não lidera bem, está cedendo à sua natureza pecaminosa e caída. Então, se você é homem e acha natural e confortável ser o líder em casa, é fácil pensar que você é um cristão melhor do que aquele sujeito ali que simplesmente não gosta de ser o líder e não é muito bom nisso. Mas isso é realmente espiritualidade — ou apenas personalidade?[750]

750. Kristen Rosser em "The Consequences of Complementarianism for Men". www.bit.ly/3BNNCsL

Inversamente, o complementarismo pode ser particularmente severo com mulheres assertivas e excessivamente elogioso com mulheres naturalmente submissas. Tenho notado que mulheres que têm o privilégio de ficar em casa enquanto o marido trabalha, ou mulheres naturalmente dóceis, muitas vezes não têm problema algum com o status quo. Os antigos pressupostos patriarcais confirmavam a si mesmos: mulheres concentradas nos filhos e totalmente dependentes do marido financeiramente se submetiam naturalmente ao marido, que, enquanto isso, crescia em sua confiança para atuar na sociedade. Ainda hoje, na igreja, muitas mães que ficam em casa adotam facilmente o mesmo pressuposto. Para elas, a submissão da esposa parece certa. Além disso, elas são louvadas como exemplos de feminilidade piedosa.

Mais comumente, são as mulheres que trabalham fora, especialmente as que recebem autoridade no seu local de trabalho e que possuem dons de liderança, que começam a se irritar com a injustiça da situação. Se elas de fato se manifestam em protesto, tanto a firmeza da sua opinião quanto a sua disposição de se manifestar são rapidamente vistas como sinais de um espírito não submisso.

Pense em como essa discriminação de gênero é injusta: com a mentalidade complementarista instalada, um homem confiante que está pronto a expressar a sua visão das coisas é visto como um líder em potencial; enquanto uma mulher confiante que se manifesta é vista como uma ameaça em potencial.

O complementarismo faz a igreja perder parte da sua capacidade de desafiar as hierarquias de gênero destrutivas na sociedade. Ideias têm consequências. Por trás do flagelo global da violência contra as mulheres está o pecado da desigualdade de gênero. A igreja deve ser sal e luz numa sociedade devastada pelo pecado, desafiando atitudes e sistemas injustos e pecaminosos que causam sofrimento. Contudo, as sociólogas do Movimento de Libertação das Mulheres demonstraram de maneira convincente que

[e]m sociedades em que os homens têm a precedência e as mulheres lhes são subordinadas, encontramos: uma preferência por meninos que leva a dezenas de milhões de fetos femininos abortados; desigualdade na educação, na saúde, na

renda, na posse de propriedades e no trabalho para as mulheres; violência generalizada e aceita contra as mulheres; [e] o tráfico de mulheres, principalmente para a prostituição.[751]

Embora nenhum complementarista apoie abertamente qualquer uma dessas injustiças, a doutrina da reciprocidade entre os gêneros — que eleva as mulheres a um lugar de genuína igualdade com os homens — é um presente muito melhor para a sociedade, contribuindo para a sua redenção, em vez de fornecer sementes de preconceito que poderiam potencialmente perpetuar a injustiça.

Na África e na Ásia, por exemplo, a qualidade de vida da menina comum é, devido às mentalidades patriarcais, determinada inteiramente pela benevolência ou malevolência do seu pai, tios e irmãos. Culturas de desigualdade de gênero, nas quais as mulheres têm pouca autonomia, as deixam à mercê dos homens. Como essas culturas tendem a ser religiosas e derivam das suas comunidades de fé a maneira como tratam as mulheres, essas meninas ficam também, indiretamente, à mercê daquilo que é ensinado. Infelizmente, uma análise de 50 países constatou que o nível de igualdade de gênero tem uma correlação negativa com a religiosidade.[752] Os ensinos complementaristas aplicados no primeiro mundo só às vezes prejudicam as mulheres, porque a sociedade em geral contrabalança os seus efeitos, mas, quando esses ensinos chegam aos dois terços do mundo — como de fato chegam —, o seu impacto negativo se multiplica. Estudos mostram que a religião "é um fator importante que molda as normas e as aspirações das comunidades em relação às mulheres e às meninas. Ela pode ser um catalisador de ações para melhorar a vida das mulheres, ou pode ser uma fonte de conflito e um freio à mudança."[753] Que trágico, então, quando os seguidores de Jesus não fazem soar um chamado claro pela igualdade de gênero, por amor a milhões de mulheres que sofrem, por causa de uma doutrina equivocada de subordinação feminina.

O complementarismo enfraquece as capacidades teológicas e interpretativas da igreja. Como me esforcei para mostrar ao longo deste livro, ele normaliza uma hermenêutica

751. Giles, 549

752. Fonte: www.bit.ly/3xSsK5k

753. Berkeley Center for Religion, Peace and World Affairs; Georgetown University (2008). *Challenges of Change: Faith, Gender and Development,* p. 5

ruim. Constrói doutrinas importantes sobre textos obscuros e permite interpretações de textos obscuros que contradizem o ensino de textos mais claros. Pega questões secundárias e as transforma em doutrina central — por que outro motivo os professores dos seminários batistas do Sul teriam de assinar a Declaração de Danvers todos os anos, sob pena de perder o emprego? Demoniza leitores pensantes que creem na Bíblia e veem as coisas de outra maneira, acusando-os de não levar a Bíblia a sério e de capitular diante da cultura. Incentiva o reacionarismo, e não uma ortodoxia crítica, no engajamento com a sociedade. Até pouco tempo atrás, ele chegava a arrastar a Trindade para o debate, e mostrou disposição para reimaginar as relações eternas na Divindade, tudo para sustentar o seu compromisso prévio com a hierarquia de gênero.

O complementarismo não serve bem à próxima geração. Quando eu estava decidindo se valia mesmo a pena me dedicar a enfrentar o complementarismo, foi a minha preocupação com a igreja do futuro que me encorajou. Embora as atuais estruturas de poder e alianças dentro da maioria das igrejas ou denominações complementaristas possam, compreensivelmente, predispô-las contra corrigir a sua teologia nessa área — quando nos tiramos de cena e imaginamos os nossos filhos, daqui a duas décadas, liderando a mesma igreja, as coisas ficam mais claras. Imagino os meus próprios filhos sentados um dia nas equipes de liderança de igrejas e a triste perspectiva de *eles* terem de defender essa doutrina cada vez mais indefensável. Que falta de visão a nossa deixar para eles a tarefa de arrumar a nossa bagunça. Se fizermos isso, suspeito que eles olharão para a nossa época e acharão imperdoável que tenhamos estado tão dispostos a defender uma teologia hierárquica baseada em argumentos bastante frágeis e em vagas preocupações pragmáticas.

Eu poderia continuar. O complementarismo pode minimizar os sonhos de uma menina de mudar o mundo para Jesus. Ele dá aos não cristãos, e aos cristãos que duvidam, mais um motivo para descartar o cristianismo. Pode fazer as mulheres solteiras sentirem que a falta de um cônjuge reduz a sua voz, a sua utilidade e a sua contribuição, tanto na igreja quanto na sociedade. Leva à prática injusta de, nas igrejas complementaristas, as mulheres casadas com

líderes homens receberem níveis mais altos de participação do que mulheres talvez mais talentosas e engajadas que são solteiras ou não são casadas com um líder. Faz com que mulheres que talvez sejam genuinamente chamadas por Deus (e talvez liberadas pela sua igreja) para liderar e ensinar passem pela dor desnecessária de serem julgadas, em vez de encorajadas, por outros seguidores de Jesus. Pode criar refúgios seguros para homens abusivos. Aumenta a probabilidade de um marido tomar decisões limitadas, com um só hemisfério cerebral, em nome da sua família. Pode promover casamentos do tipo "pai–filho", que sufocam o desenvolvimento pessoal, em vez de casamentos "adulto–adulto", com possibilidades infinitas de crescimento. Pode multiplicar a culpa e a pressão sobre uma mãe cristã que trabalha fora: culpa porque, enquanto trabalha, sente que o lugar onde deveria estar é em casa; e pressão porque, depois de um dia inteiro de trabalho, cabe mais a ela do que ao marido cuidar da casa e organizar as crianças. Pode levar uma esposa a abrir mão de parte da sua autonomia; afinal, o seu florescimento parece depender principalmente de quão bem o marido a lidera.[754]

Jesus disse: "Pelo fruto se conhece a árvore."[755] Embora esse axioma se referisse principalmente às pessoas e às suas ações, ele pode ser aplicado também às doutrinas e aos seus efeitos. Uma doutrina sadia e verdadeira deveria levar a experiências positivas dentro das igrejas e na vida dos cristãos. Contudo, quando olho para os frutos amargos do complementarismo, isso me faz duvidar duplamente da sua validade. E pensar que, o tempo todo, existe uma alternativa bíblica viável a esse patriarcado "cristão" — defendida por tantos dos maiores estudiosos da Bíblia do mundo.

754. Como explica Julie, minha esposa: "No complementarismo, era fácil demais para mim deixar as coisas com o meu marido e tomar menos iniciativa. Muitas vezes eu me 'desligava' de me sentir verdadeiramente responsável pela minha vida, pelo meu ministério e pelo rumo de ambos — nunca abertamente, é claro, mas em todo tipo de decisões pequenas, porém de grandes consequências, simplesmente porque, num sentido muito sutil, mas poderoso, eu podia!"

755. Mateus 12:33

Ideologia de extrema esquerda ou ladeira escorregadia?

Muitos talvez temam que o mutualismo esteja fazendo concessões à influência generalizada da ideologia de extrema esquerda, com a sua política identitária, que, ironicamente, parece pegar as antigas vítimas de versões abusivas do patriarcado e colocá-las como os novos opressores. *"'Os homens são um lixo', então é melhor deixar as mulheres liderarem!"*

Mas aqueles que tentam inverter a dinâmica de poder em favor dos que antes foram despojados do poder estão mais próximos dos guardiões misóginos do poder do que talvez pareça à primeira vista. Dominar os antigos dominadores é pagar o mal com o mal — e, de fato, agravar a ruptura das relações entre homens e mulheres.

Em contraste, abraçar o mutualismo homem–mulher se apoia na convicção bíblica de que nem homens nem mulheres, nem negros nem brancos, nem vítimas nem agressores, nem privilegiados nem desfavorecidos têm qualquer direito intrínseco de dominar o outro. Em vez de ver um como de algum modo superior, ele busca uma interdependência enraizada no humilde reconhecimento do verdadeiro valor do outro, bem como na consciência das nossas próprias fraquezas, pontos cegos e pecados.

Os argumentos deste livro a favor do mutualismo são frequentemente acusados de serem argumentos de "ladeira escorregadia", impelidos pela nossa cultura para um apego mais frouxo à ortodoxia cristã fundamental. Mas não. A nossa cultura igualitária pode ter colocado essa conversa em pauta, mas são as Escrituras, e não a cultura, que decidem *como* essa conversa deve acontecer e aonde ela deve chegar. Como fundamentei neste livro, as Escrituras de fato fornecem a energia catalisadora para restaurar a dignidade e a contribuição das mulheres — o que não é pouca coisa, se considerarmos como a misoginia e o patriarcado dominaram as culturas humanas durante milênios. A pergunta é: como os cristãos, individualmente, participam dessa transformação de toda a igreja?

Tornando-se agentes de mudança

Se você está numa igreja que afirma o mutualismo no plano doutrinário, então este livro talvez ajude a aprofundar as suas convicções sobre o assunto.

Mas, se você está numa igreja complementarista e acha a maioria dos argumentos deste livro convincentes e corretos, como poderia incentivar uma mudança da hierarquia homem–mulher para o mutualismo homem–mulher na sua igreja? Essa resposta é um pouco mais complicada.

Manifeste-se. Jesus pregou: "Bem-aventurados os pacificadores." Às vezes, a única maneira de se tornar um verdadeiro pacificador é ser um aparente perturbador da paz. Manifestar-se exigirá coragem. E pode custar caro. Mas talvez você possa se inspirar numa história escondida no livro de Números. Se houver alguma dúvida quanto à importância espiritual de desafiar leis e normas que perpetuam a desigualdade de gênero, temos as filhas de Zelofeade para nos assegurar do apoio de Deus. No antigo Oriente Próximo, a principal riqueza de uma pessoa era a sua terra. Pelas leis de herança de Israel, a propriedade passava de pai para filho, e nunca para as filhas. Mas cinco mulheres se uniram corajosamente para enfrentar esse sistema injusto e, embora não tenham eliminado o seu caráter patriarcal, conseguiram que se criasse uma cláusula de exceção.

Quando o pai delas morre, as suas cinco filhas suplicam a Moisés: "Por que se tiraria o nome de nosso pai do meio da sua família, porquanto não teve filho? Dá-nos possessão entre os irmãos de nosso pai." Moisés, com bondade, leva a questão a Deus, que (maravilhosamente) concorda com as mulheres. Uma lei mais justa é promulgada: "Quando alguém morrer e não tiver filho, fareis passar a sua herança a sua filha. … Isto aos filhos de Israel será por estatuto de direito, como o SENHOR ordenou a Moisés."[756]

Ainda hoje, onde normas ou regulamentos nas igrejas, ou leis nos governos e processos nas empresas, minam a igualdade de tratamento das mulheres, é

756. Números 27:4, 8, 11

legítimo que as mulheres protestem contra essa injustiça, dirigindo-se aos líderes, que, como Moisés, devem então levar a sério as suas preocupações.

No contexto das igrejas de hoje, as mulheres podem questionar o fato de que os homens tendem a dominar as suas funções ministeriais mais importantes — como a liderança e o ensino. Afinal, a ideia veterotestamentária de herdar a terra é espiritualizada mais adiante na Bíblia, para falar da herança espiritual de cada um ou do seu ministério singular no meio do povo de Deus.[757] Embora seja Deus quem, em última análise, nos introduz na nossa herança, é bem possível estar num sistema social ou religioso que impede o acesso ao próprio potencial dado por Deus, de um modo que empobrece a própria igreja e limita a sua capacidade de alcançar mais pessoas que estão longe de Deus.[758] Isso não está certo, e precisamos de algumas pessoas corajosas que se manifestem de maneira cativante e respeitosa.

Seja realista. O teólogo canadense John Stackhouse ajuda muito neste ponto:

Jesus nos mandou amar a Deus e amar o nosso próximo. Mas precisamos ver da forma mais clara possível o que significa amar a Deus e o nosso próximo numa situação específica. Dado um conjunto específico de circunstâncias, o que Deus quer que aconteça? Dadas as limitações aparentes, quais são as prioridades de Deus? Considerando quem são os nossos próximos, de que maneiras posso amá-los, e de que maneiras eles me permitirão fazê-lo? Esse realismo nos ajudará a tomar as decisões difíceis necessárias num mundo em que normalmente não conseguimos ter êxito em tudo o que tentamos, um mundo em que frequentemente temos de nos contentar com meio pão, um mundo em que muitas vezes enfrentamos um conflito de valores e temos de trabalhar pelo valor mais alto à custa do mais baixo.

757. No Salmo 2:8, a terra inteira, incluindo todo o povo de Deus, é a herança singular de Jesus. No Salmo 16:6, Davi se refere à prática de dividir a terra prometida e de atribuir, por meio de sorteio, a cada clã e família o seu pedaço de terra: "Caem-me as divisas em lugares amenos, é mui linda a minha herança." Paulo diz a um grupo de presbíteros que Deus quer lhes dar "herança entre todos os que são santificados" (Atos 20:3). Cada um de nós deve imitar "aqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdam as promessas" (Hebreus 6:12).
758. Isso não deve ser feito de maneira divisiva. É possível estar certo sobre alguma coisa, mas agir da maneira errada. Essas cinco filhas mostram, com seu exemplo, a importância de se dirigir diretamente aos líderes, em vez de compartilhar de maneira divisiva o seu descontentamento ou senso de injustiça com qualquer um que esteja disposto a ouvir.

Precisamos considerar exatamente o que um indivíduo ou um grupo ou classe específica de pessoas pode realizar numa determinada situação. Os presbíteros de uma igreja específica não darão ouvidos a muitos jovens, por exemplo, por mais que estes tenham razão. Muitos homens não darão ouvidos às mulheres. Não é justo, e não é bom, mas é assim que as coisas são. Esses cristãos precisam decidir, entre as opções reais que têm, como podem honrar melhor a Deus e fazer avançar o seu reino. O quanto antes, devem abandonar qualquer ilusão de que serão ouvidos simplesmente pelo mérito dos seus argumentos e independentemente das realidades sociais da situação.

Para que eu não seja mal-entendido neste ponto, quero afirmar a minha convicção de que o Espírito Santo pode transformar corações e às vezes o faz de maneiras surpreendentes. Mas precisamos ver com realismo que aquilo de que estamos falando agora é uma suspensão das relações humanas normais, o que eu chamo de "milagre sociológico".[759]

Na minha igreja anterior, formada por dez congregações repletas de milhares de pessoas, eu esperava criticar de maneira substancial a teologia dos meus colegas responsáveis pelas decisões: a equipe de liderança principal, de umas dez pessoas. Fui, compreensivelmente, visto como uma ameaça à unidade da igreja. O que aconteceria se apenas metade dessas pessoas mudasse de opinião? Isso dividiria a igreja inteira em duas. E se apenas duas ou três delas mudassem de opinião? Isso talvez levasse à perda dos seus empregos e do seu lugar à mesa. Eu tinha ingenuamente esperado por "um milagre sociológico". Quais eram as chances de todas ou a maioria dessas pessoas não só mudarem de opinião, mas também mudarem de opinião ao mesmo tempo? Muito baixas, como se viu.[760]

759. John Stackhouse, Finally Feminist, p. 99–100.

760. Alguns talvez se perguntem por que algumas igrejas simplesmente não aceitam tanto o complementarismo quanto o mutualismo. Mas essa questão se encaixa num tipo específico de doutrina, chamado "convicção definidora". Deixe-me explicar. Há três tipos de doutrina. Há as doutrinas essenciais — estas são os verdadeiros pontos inegociáveis da ortodoxia cristã. Pense no Credo Apostólico, pense na divindade de Jesus e na obra salvadora da cruz. Depois há as questões discutíveis — pense no consumo de álcool e nas crenças sobre as profecias do fim dos tempos. E há as convicções definidoras — estas são as doutrinas discutidas em toda a cristandade que, mesmo assim, definem como uma igreja deve funcionar. Uma igreja precisa decidir, por exemplo, se crê nos dons sobrenaturais do Espírito e se será liderada por presbíteros e, é claro, de que gênero esses presbíteros devem ser. Os líderes da igreja precisam estar unidos em suas respostas a essas perguntas, porque elas definem as práticas da igreja.

Ainda assim, apesar da angústia que essa questão causou a muitos dos meus irmãos, creio que foi certo levantar a questão. E continuo cheio de esperança, por causa do próximo ponto.

Pense a longo prazo. Stackhouse continua:

Pode haver algumas situações em que forçar [o mutualismo] rápido demais e longe demais causará a ruptura e até a destruição de um casamento ou de uma congregação. Isso não parece, pelo menos em geral, ser a vontade de Deus. O ideólogo pode tirar satisfação pessoal da sua pureza e do seu zelo, mas Deus se importa muito mais com pessoas reais do que com princípios abstratos.[761]

Muito verdadeiro! Pense em quão paciente Deus tem sido com cada um de nós, conduzindo-nos em sua vontade e em seus caminhos tão depressa quanto conseguimos ir, mas raramente mais depressa do que somos capazes. É por isso que um empurrão lento e constante para que a igreja repense a questão deve vir acompanhado de um apoio cheio de gratidão por toda a obra genuína que o Espírito está realizando nela.

Considere as suas opções. "Se não temos fortes motivos para esperar um milagre num determinado caso, então devemos fazer outras escolhas — antes que fiquemos amargurados não só com os nossos irmãos da igreja, pela sua obstinação, mas também com Deus, por não realizar o milagre que buscávamos."[762] Se você vier a discordar da teologia complementarista da sua igreja, combine a disposição de se manifestar com aquilo que Stackhouse chama de "hesitação profética".

Reconhecemos a prioridade da espera quando hesitamos antes de agir. Lembramos a nossa finitude e o nosso caráter pecador e recordamos a nós mesmos que a iniciativa não pertence aos seres humanos. … No meio da ação, fazemos uma pausa e repetimos … como sinal de respeito — por Deus e pelas criaturas com as quais compartilhamos a terra. E isso expressa humildade: há

761. John Stackhouse, Finally Feminist, p. 100.
762. John Stackhouse, Finally Feminist, p. 100.

valores e realidades que estão além da nossa compreensão e do nosso controle.[763]

Devemos também impregnar de oração todos os nossos esforços. E, ao fazermos isso, precisamos confiar que o nosso trabalho, como a paciência de uma mulher grávida, acabará dando o fruto de uma igreja melhor.

Se você precisar decidir se, apesar de tudo, permanece na igreja ou se sai dela por causa dessa questão, o que é melhor?

Ficar pode ser melhor. Seguidores comprometidos de Jesus não têm a liberdade de deixar uma igreja toda vez que discordam de algum aspecto da maneira como a sua igreja faz as coisas. Muitos de nós, nas nossas culturas modernas e individualistas, perderam a ideia de aliança que está na raiz da comunhão da nossa comunidade. Podemos escolher os nossos amigos, mas não escolhemos a nossa família. Na maioria dos casos, devemos supor que Deus escolheu para nós esta família da igreja — com todos os seus defeitos.

Além disso, se todas as pessoas que esperavam dias melhores para a doutrina da sua igreja simplesmente saíssem, que esperança haveria de que essa igreja um dia mudasse a sua doutrina de maneira refletida? Enquanto isso, ao esperarmos em oração pela mudança, podemos imitar a humildade e a longanimidade de Jesus da melhor maneira possível e aprender a disciplina de celebrar tudo o que pode ser celebrado na nossa igreja.

O processo de santificação em tantos casamentos muitas vezes leva um dos cônjuges a um ponto em que há algo no parceiro de que ele realmente não gosta, mas, ainda assim, encontra a graça e a misericórdia para permanecer nesse casamento e encontrar nele verdadeiro sentido e felicidade. O mesmo princípio pode se aplicar à nossa igreja.

Ainda assim, para algumas pessoas, permanecer numa igreja que não apoia o mutualismo homem–mulher pode ser insuportável ou imprudente. Quando mutualistas me perguntam se devem ficar ou sair da sua igreja, faço-lhes duas perguntas. A primeira é: "Existe na sua região alguma igreja mutualista que você

763. Glenn Tinder, The Political Meaning of Christianity, p. 164. Citado em Stackhouse, p. 97.

consiga se imaginar frequentando?" Para quem mora em cidades menores, pode ser que simplesmente não haja nenhuma.

A outra pergunta que faço é: "Se você fizesse uma lista, da mais importante para a menos importante, de dez coisas que são muito importantes para você numa igreja, onde colocaria o mutualismo homem–mulher: entre as cinco primeiras ou entre as cinco últimas?" A minha regra prática — que de modo algum deve ser tomada como direção do Espírito — é que, se esse valor estiver entre as suas cinco primeiras, talvez seja insustentável para você permanecer naquela igreja. No entanto, se estiver entre as cinco últimas, então provavelmente não é importante o bastante para ser um fator decisivo na escolha da igreja que você vai frequentar.

Se não podemos ficar e não há na nossa região igrejas adequadas às quais nos juntar, então uma outra opção talvez seja começar uma nova — só se Deus assim nos dirigir, é claro. Às vezes, pode ser melhor colocar vinho novo em odres novos, em vez de fazer pressão sobre um odre velho que foi costurado de ponta a ponta com uma linha complementarista.



EPÍLOGO: COMO JESUS VÊ AS MULHERES

Jesus é a teologia perfeita. Ele é a autorrevelação de Deus. Se queremos saber como Deus vê as mulheres, não precisamos ir além da leitura dos Evangelhos para descobrir como Jesus vê as mulheres.

Em Lucas 13, Jesus está ensinando numa sinagoga no sábado, quando encontra uma mulher que Satanás mantinha aleijada havia dezoito anos. Lemos que ela "andava encurvada, sem de modo algum poder endireitar-se. Quando Jesus a viu …"

Agora, devagar …

Jesus …

a …

viu.

Antes, no Evangelho de Lucas, encontramos Jesus tentando ajudar um homem a ver numa mulher aquilo que ele vê: "E, voltando-se para a mulher, disse [Jesus] a [o homem]: 'Vês esta mulher?'"[764] A sua pergunta ainda ecoa hoje para cada um de nós.

A percepção que Jesus tem da mulher encurvada traz à memória a maneira como Deus viu Agar em Gênesis. Como Deus fez por Agar, Jesus faz aqui. Ele não apenas a vê. Ele a liberta. Ele faz aflorar a grandeza dela. Em seguida, "chamou-a e disse-lhe: 'Mulher, estás livre da tua enfermidade.'"[765] Ele a toca; ela imediatamente se endireita, mais alta do que jamais tinha sido, e louva a Deus!

764. Lucas 7:44
765. Lucas 13:11-13

Você consegue ver as pessoas presentes se alegrando com ela?

Não tão depressa: o chefe da sinagoga fica indignado porque Jesus a curou no sábado. Isso deixa Jesus furioso, e ele acusa o homem de se importar mais com os seus animais do que com essa mulher.

Pare aqui.

Eis uma mulher que, por quase duas décadas, frequentou essa comunidade de fé, deformada e curvada pela dor. O líder espiritual, cuja tarefa é ver as pessoas da sua comunidade como Deus as vê, não parece incomodado com a sua condição deplorável.

É só quando ela fica de pé, ereta, que ele se escandaliza.

Jesus então provoca novas ondas de choque na assembleia ao conceder a essa mulher um título que nunca tinha sido dado antes: "[E]sta mulher [é] filha de Abraão." Sarah Bessey comenta esse momento: "As pessoas só tinham ouvido falar de 'filhos de Abraão' — nunca de filhas. Mas, ao som das palavras de Jesus, 'filha de Abraão', ele lhe deu um lugar ao lado dos filhos, especialmente daqueles que rosnavam com o seu senso de posse e de exclusividade sobre tudo aquilo."[766]

Não é só o seu novo nome que restaura o lugar dela no mundo de Deus. É a sua estatura renovada. Jesus é um mestre da ação simbólica. Pense na humilhação dela, na sua angústia mental e na sua dor física. Num mundo patriarcal, todas as mulheres estão de algum modo encurvadas, sofrendo sob a ideia equivocada de que às vezes são menos do que os homens, ou estão abaixo dos homens. E, mesmo que elas se vejam como verdadeiramente iguais aos homens, com muita frequência não sentem a liberdade de se estender até a plenitude dos seus dons e da sua contribuição.

Um pastor norueguês de terceira geração me contou recentemente sobre uma conversa com o seu avô de oitenta anos. "Tenho um único arrependimento, e o que eu não faria para voltar atrás e mudar isso", disse o homem, em lágrimas, à beira da morte. "Minha esposa nunca foi plenamente liberada em seus dons. Eu

766. Sarah Bessey, Jesus Feminist, cap. 1.

poderia ter mudado isso. Eu poderia ter confrontado a cultura da igreja que a manteve na sombra."

Tanto a criação quanto a redenção deveriam nos despertar para resistir às artimanhas dos patriarcas, que dão domínio somente aos homens e domesticam as mulheres. Segundo Gênesis 1, Pedros, Susanas, Edmundos e Lúcias devem reinar lado a lado. E as mulheres redimidas carregam a mesma natureza do Leão ressurreto de Judá. Embora muitos de nós estejamos atentos ao perigo de domesticar Jesus, transformando-o num animal de estimação, mesmo assim subjugamos as suas irmãs régias, em cujas veias corre o sangue de um Leão.

Assim como Jesus fez por essa filha de Abraão há tantos séculos, ele ainda faz hoje: confrontando aqueles que preferem as mulheres encurvadas; trazendo bálsamo curador às canas quebradas; e transformando árvores jovens vergadas em altos carvalhos de justiça. É nosso privilégio e nossa responsabilidade nos unirmos a ele nessa obra santa — convidando cada mulher a se estender para fora e para cima, ao lado dos homens, rumo a tudo aquilo que Deus deseja para ela.

APÊNDICE 1: DEUS É MASCULINO?

Nas Escrituras, Deus se revela de maneiras predominantemente masculinas. Se Jesus é a mais alta autorrevelação de Deus, então a sua masculinidade acentua ainda mais essa nossa percepção. Muitas feministas rejeitam as Escrituras puramente por esse motivo — um Deus masculino é claramente uma criação patriarcal dos homens, um artefato que favorece a preeminência e o poder masculinos sobre as mulheres, dizem elas. É verdade que os homens cristãos usaram isso ao longo da história como argumento em favor do seu direito de permanecer no poder. Afinal, as Escrituras são vulneráveis a sustentar essa conclusão (assim como quase qualquer outra forma de opressão). Existe uma maneira de aceitar a Bíblia como palavra de Deus, incluindo a sua representação da "masculinidade" de Deus, sem endossar o patriarcado como um ideal?

Com certeza! Mas só se fizermos uma leitura *cuidadosa* das Escrituras.

A maioria dos teólogos sérios de todas as épocas rejeitou a ideia de que Deus tenha órgãos genitais ou outros sinais de masculinidade humana. Num certo sentido, Deus não é nem masculino nem feminino; no entanto, *na maneira como ele escolhe se revelar a nós*, ele é tanto masculino quanto feminino. A melhor prova disso é o primeiro capítulo da Bíblia: "Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou."[767] Observe que homem *e* mulher, *juntos*, encarnam e expressam melhor algo da essência de Deus. Não é como se o portador masculino da imagem fosse igual a Deus, enquanto a portadora feminina da imagem fosse algo estranho a Deus. Tanto as mulheres *quanto* os homens derivam a sua essência de Deus e estão, de algum modo, ligados à sua semelhança.

767. Gênesis 1:27

Imagens femininas de Deus

A maioria dos líderes de igreja e dos pregadores da Bíblia afirma que Deus é tanto masculino quanto feminino, ainda que, nas Escrituras, ele seja revelado sobretudo de maneiras masculinas. No entanto, tenho notado, nas tradições de igreja das quais fiz parte, que com muita frequência o apresentamos como *sempre* masculino e *nunca* como feminino.

Enquanto isso, a Bíblia oferece numerosas imagens femininas de Deus. Margo Houts, em *The IVP Women's Bible Commentary*[768], reúne exemplos de descrições de Deus, que é apresentado como uma mãe que dá à luz os israelitas; amamenta os seus filhos; não se esquece da criança que amamenta; consola os seus filhos; e chama, ensina, segura no colo, cura e alimenta os seus pequenos.[769] Em vários lugares da história bíblica, Deus é uma costureira que faz roupas para Israel vestir; uma parteira que assiste a um parto; uma mulher com autoridade "para quem a serva olha em busca de misericórdia"; uma mulher que mistura o fermento na massa do pão; e uma mulher em trabalho de parto cujas respirações vigorosas são uma imagem do poder divino.[770] Quando Jesus lança o olhar sobre as multidões que em breve o crucificarão, ele clama: "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!"[771] Ao fazer isso, ele aplica a si mesmo uma imagem recorrente de Deus como uma ave fêmea que protege os seus filhotes debaixo das asas[772], muitas vezes especificada como uma águia[773]. Em outro lugar, o amor feroz de Deus é comparado a uma ursa enfurecida: "Como

768. Margo G. Houts, "Images of God as Female", em The IVP Women's Bible Commentary, p. 356-58. Citado por Peppiatt, cap. 1.
769. Números 11:12; Deuteronômio 32:18; Isaías 49:14-15, 66:12-13; Oseias 11:1-4
770. Neemias 9:21; Salmos 22:9-10; 71:6; Isaías 66:9; Salmos 123:4; Lucas 13:20-21; Isaías 42:14
771. Mateus 23:37
772. Salmos 17:8; 36:7; 57:1; 91:1, 4; Isaías 31:5
773. Deuteronômio 32:11-12; Êxodo 19:4; Jó 39:27-30

ursa roubada de seus filhos, eu os atacarei e lhes romperei a envoltura do coração."[774]

Atualmente, estou lendo trechos selecionados da Bíblia com os meus filhos. Quando li pela primeira vez Provérbios 8, que personifica a Sabedoria como uma mulher por meio de quem a criação é dada à luz, perguntei a cada um deles de que parte do capítulo mais tinha gostado — minha filha disse, encantada, que tinha gostado do fato de Deus ser uma mulher. Eu a corrigi com delicadeza, explicando que a passagem, na verdade, fala da Sabedoria como uma espécie de figura intermediária, nem Deus nem criação.

Contudo, refletindo melhor, o próprio Paulo, seguido por muitos dos primeiros Pais da Igreja e teólogos antigos, observou que há mais coisas acontecendo nessa passagem do que costumamos admitir. Paulo ensina explicitamente que Jesus é "a sabedoria de Deus", aquele em quem "todos os tesouros da sabedoria […] estão ocultos".[775] Cristo, a própria encarnação da sabedoria, é tanto o próprio Deus quanto aquele por meio de quem a criação é feita. Da mesma forma, o Pai da Igreja Ireneu interpretou essa mulher misteriosa como um aspecto do ser de Deus, referindo-se ou ao Espírito Santo ou a Jesus como o Verbo (uma referência a Jesus em João 1:1-3 e Hebreus 1:1-2). Não podemos ter certeza, mas o fato de os autores do Novo Testamento e Ireneu identificarem "ela" com o Filho e com o Espírito desafia as nossas tentativas de apagar os mistérios de Deus, aqui retratados de maneira feminina.

Deus balbucia

O teólogo da Reforma João Calvino lutou com a maneira como as Escrituras atribuem a Deus "boca, ouvidos, olhos, mãos e pés". Ele explicou que essas expressões não devem ser tomadas literalmente: "Como fazem as amas com as criancinhas, Deus 'balbucia' quando fala conosco. Tais formas de falar não expressam tanto com clareza como Deus é, mas antes *acomodam* o conhecimento dele à nossa pequena capacidade. Para fazer isso, ele precisa descer muito abaixo

774. Oseias 13:8
775. 1 Coríntios 1:30 e Colossenses 2:3

da sua sublimidade."[776]

O termo teológico para a disposição de Deus de se apresentar às nossas mentes de maneiras humanas é *antropomorfismo*, que significa *assumir forma humana*. Com a palavra "acomodar", Calvino quer dizer que Deus se inclina desde a sua insondável sublimidade e "balbucia", para que nós, criaturas finitas, possamos começar a compreender mais dele. Deus tem muito a nos mostrar, mas precisa se contentar com a nossa linguagem, as nossas formas de pensamento e o leque das experiências humanas. Essas acomodações, embora revelem muito, não captam tudo o que há para saber sobre um Deus infinito e santo, que é, por definição, grande demais para caber nos limites de mentes de criaturas. É verdade que Deus é dono de vinha, rocha que abriga, guerreiro feroz, marido, mãe, pai, oleiro, pastor, construtor e rei — cada uma dessas imagens nos diz algo *real* sobre Deus, mas não *tudo* sobre ele. E não devemos forçar demais essas metáforas — nem as melhores analogias transmitem perfeitamente tudo sobre Deus.

Da mesma forma, quando Deus se revela como masculino, ele está balbuciando. Ao contrário dos deuses hindus, que têm literalmente um gênero e são capazes de ter relações sexuais com outros deuses, Javé não é literalmente masculino. A sua masculinidade é uma analogia. Toda analogia que Deus emprega tem uma limitação. Por exemplo, os braços e os olhos de Deus são mencionados, mas a analogia da masculinidade não nos leva a imaginá-lo também da cintura para baixo. Jesus ensinou que Deus é espírito.[777] Como tal, ele não tem um corpo masculino, com os respectivos apêndices. As metáforas humanas serão, na melhor das hipóteses, uma tentativa de descrever alguma parte de um Deus que é, na realidade, indescritível. As imagens masculinas de Deus, tão predominantes nas Escrituras, não sugerem de fato que Deus tenha gênero, corpo ou sexualidade, assim como a igreja não é de fato uma noiva virgem à espera do seu marido. Mesmo assim, isso leva a uma pergunta.

776. John Calvin, Institutes of the Christian Religion, 1.13.1. Citado por Peppiatt, cap. 1.
777. João 4:24

Por que a masculinidade de Deus é tão predominante?

Se Deus não é de fato masculino, por que então escolheu se revelar nas Escrituras sobretudo como masculino? Por que Deus se revela a nós como "ele" (e não como "ela")?

Cada um dos livros que compõem a Bíblia foi escrito para nós, mas não necessariamente dirigido a nós. Cada autor — Moisés, Amós, Davi, Pedro — escreveu a pessoas específicas, numa época específica, numa situação específica. Só podemos entender a palavra de Deus *para nós* depois de entender corretamente a palavra de Deus *dirigida a eles*. É por isso que, para entender a palavra de Deus, precisamos deixar de lado as sensibilidades e os pressupostos da nossa cultura e fazer o possível para entrar no quadro de referência da cultura deles. Isso nos leva a uma parte da nossa resposta: *na maioria dos lugares das Escrituras, Deus considerou melhor acomodar-se a uma antiga cultura patriarcal apresentando-se como masculino*. O teólogo canadense John Stackhouse nos desafia a pensar por que isso talvez seja assim. Esta é a sua proposta:

Nas Escrituras, Deus procura transmitir aos seres humanos duas ideias principais sobre si mesmo. A primeira é que ele é transcendente, todo-poderoso, existente por si mesmo; o criador[778] e sustentador de todas as coisas, autor da história, defensor da justiça, juiz da terra, consumador dos tempos. Como Deus melhor comunicaria essa ideia às pessoas nas culturas do Antigo e do Novo Testamento? Usando a imagem de senhor, governante, monarca, juiz, amo — imagens de posições que, naquelas culturas, eram geralmente ocupadas por homens.

A segunda ideia, complementar, que Deus procurou nos transmitir é que ele se importa profundamente com os seres humanos e também com o restante da criação. Deus nos fez, cuida de nós, nos disciplina e nos atrai a uma comunhão

778. Permita-me desenvolver a ideia de Deus como criador masculino. Como o Antigo Testamento enfatiza a ideia de que Deus é diferente dos falsos deuses e também de que está envolvido em sua criação, embora distinto dela, a revelação acomodada de Deus como Criador masculino comunica melhor do que seria o caso se Deus fosse uma Criadora feminina. Na reprodução, por exemplo, as mães geram vida de dentro de si mesmas, de modo que essa metáfora faria perder a separação categórica entre Criador e criação.

renovada consigo mesmo. Em particular, Deus escolhe e ama com ternura um povo, estabelece com ele uma aliança de cuidado e procura forjar com ele um vínculo eterno de devoção fiel e mútua. Como transmitir isso às pessoas nas culturas do Antigo e do Novo Testamento? Usando a imagem do amante — do pai ou da mãe, sim, mas ainda mais do pretendente e do cônjuge. Combinar as ideias de senhor e de amante certamente exigiria, na maior parte das vezes, imagens masculinas. Em culturas nas quais os homens tomavam a iniciativa no namoro, tendo de cortejar e conquistar a noiva (normalmente com o consentimento dos pais dela), a imagem de um pretendente masculino funcionava da maneira mais natural. Em culturas nas quais maridos e pais governavam as suas casas, proviam materialmente para elas e as defendiam, a imagem masculina funcionava da maneira mais natural.

Ao "balbuciar", corre-se o risco de ser mal-entendido. A acomodação é o risco que Deus assume. O fato de ele acomodar a sua autorrevelação às nossas formas de pensamento e às nossas compreensões culturais não significa que ele as endosse inteiramente. Por exemplo, o fato de Deus se revelar como rei não significa que um governo monárquico seja superior a um governo democrático. Isso apenas demonstra até onde Deus está disposto a ir para nos encontrar onde estamos.

O mesmo pode ser dito sobre a autorrevelação de Deus como — mais uma vez com imagens masculinas — Pai e Filho. Essa relação entre Pai e Filho é uma metáfora poderosa e rica para a maneira tão eficaz como Jesus revela Javé; para a maneira como o Antigo Testamento retrata tanto Israel quanto o rei prometido da linhagem de Davi como "Filho de Deus"; e para a relação íntima que o Filho e o Pai compartilham (e para a maneira como nós, como irmãos e irmãs adotivos de Jesus, somos acolhidos no cuidado do Pai). Mas isso continua sendo uma analogia. Nem toda dimensão da metáfora é verdadeira — o Pai não é literalmente pai de um filho gerado sexualmente.

"Darás à luz um filho"[779]

Essas são as palavras de Gabriel à virgem Maria. Milênios depois, o cumprimento dessas palavras — Jesus ser um filho, e não uma filha — pode levar à conclusão de que Deus endossa o patriarcado. Para sempre, o único Salvador e Senhor que temos é homem.

Quando o apóstolo João tenta descrever o maior ato de revelação de Deus, ele diz: "E o Verbo se fez carne."[780] O principal presente de Deus à raça humana é uma Pessoa. Durante aqueles 33 anos na terra, a presença encarnada de Jesus conosco, como judeu de Nazaré, superou todas as outras maneiras pelas quais Deus tinha se revelado, porque Jesus é a comunicação direta, sem intermediários, de Deus. Isso é um *antropomorfismo* literal — Deus de fato assumiu olhos, mãos, boca e um corpo masculino.

Por que, então, Jesus era homem?[781]

Talvez porque, num mundo patriarcal, isso refletisse melhor a sua identidade como Senhor e esposo da igreja e a sua capacidade de prover e proteger. A masculinidade de Jesus também leva ao clímax temas do Antigo Testamento que revelam o Messias como o cabeça de uma nova humanidade (o novo Adão), de um novo Êxodo (o novo Moisés) e de um novo reino (o novo Davi). A sua masculinidade reforça o impacto da sua escolha de ser o nosso servo. Na cultura de honra e vergonha na qual o Filho de Deus entrou, as mulheres já estavam sujeitas aos homens. Um Salvador homem podia derrotar melhor as estruturas de poder inerentes a essa cultura: ele salva despojando-se da sua autoridade e assumindo *voluntariamente* o papel de servo, que renuncia aos seus poderes para salvar e servir a todos nós.

Além desses motivos bíblicos e dessas realidades do contexto, não devemos exagerar o significado da masculinidade de Jesus. Por outro lado, também não

779. As palavras de Gabriel à virgem Maria em Lucas 1:31

780. João 1:14

781. Agradeço ao primeiro capítulo de Lucy Peppiatt em "Rediscovering Scripture's Vision of Women" por me ajudar com a resposta a esta pergunta, que vem a seguir.

devemos tratá-lo como um ser andrógino. Ainda assim, quando o Filho de Deus se tornou um de nós, ele não estava tanto assumindo a masculinidade, mas a natureza humana. Teologicamente, a igreja sempre enfatizou que Jesus não estava assumindo tanto a sexualidade masculina quanto a natureza humana em sua totalidade, seja masculina, seja feminina. É por isso que ele é capaz de salvar, em seu corpo terreno crucificado e ressuscitado, tanto homens quanto mulheres. E é por isso que tanto homens quanto mulheres podem fazer parte do seu corpo espiritual, a igreja.

É um erro reduzir o significado do Filho de Deus à sua dimensão física e à sua vida terrena. Podemos fazer uma leitura panorâmica dos Evangelhos e, mesmo assim, deixar de perceber muita coisa sobre ele. Jesus pode ser a coisa mais importante que sabemos sobre Deus, mas quanto do Filho de Deus realmente conhecemos? Até os discípulos que andaram e conversaram com ele chegaram a perceber que estavam apenas tocando a superfície da pessoa que estava diante deles. Pense na transfiguração: antes de Jesus se transformar diante dos seus olhos, eles talvez o conhecessem como um judeu da Judeia que fazia milagres. Mas depois diriam: "Fomos testemunhas oculares da sua majestade" e "Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou."[782] Lucy Peppiatt reflete sobre a experiência dos discípulos e o seu significado para nós: "Poderíamos dizer que há mais em Jesus do que os olhos veem. … Por isso, precisamos tomar cuidado para representar Jesus de tal maneira que o Verbo que vem na carne não seja reduzido à carne. … Em suma, sabemos que, por enquanto, só conhecemos em parte e vemos como em espelho, obscuramente."[783] É verdade que Jesus na terra é a autorrevelação *principal* de Deus, mas certamente não é verdade que o corpo terreno de Jesus seja a autorrevelação *exclusiva* de Deus. Há muito mais no Filho de Deus do que a masculinidade de Jesus — um fato que nos ajuda a considerar com cuidado uma objeção comum à liderança feminina na igreja.

782. 2 Pedro 1:16 e João 1:18
783. Lucy Peppiatt, Rediscovering Scripture's Vision for Women, cap. 1.

Um líder homem representa melhor um Cristo homem?

Algumas igrejas protestantes, e a maioria das igrejas católicas, apresentam este argumento para excluir as mulheres da liderança principal da igreja ou do sacerdócio: "Um homem, em virtude da sua masculinidade, representa melhor Jesus diante da igreja."

O motivo pelo qual os católicos adotam essa visão é que, na tradição deles, o sacerdote desempenha um papel intermediário entre Deus e a congregação. Especialmente ao presidir a Eucaristia, o sacerdote representa Cristo.[784]

Mesmo que eu aderisse a essa ideia de que o pastor/sacerdote representa Jesus de modo especial (e não adiro, porque ela não tem base nas Escrituras), o argumento continuaria não se sustentando. Por que a *masculinidade* de Jesus precisaria ser retratada no líder da igreja, e não também a sua condição de judeu (excluindo assim os gentios), a sua plena capacidade física (excluindo assim as pessoas com deficiência) ou o seu estado de solteiro (excluindo assim as pessoas casadas)? (A propósito, o último item da lista é justamente um argumento importante a favor do *celibato* sacerdotal no catolicismo.[785]) Embora o catolicismo derive as suas doutrinas não só das Escrituras, mas também dos Pais da Igreja, essa ideia não está presente em lugar nenhum, nem mesmo nos escritos dos Pais da Igreja.[786]

O mais importante é que a afirmação de que um líder homem representa melhor um Cristo homem não faz distinção entre o sacerdote/líder da igreja como *representante* de Cristo e uma *representação* de Cristo, ou seja, uma semelhança física com ele. Não há apoio bíblico para dizer que o líder ou o pregador precisa se parecer fisicamente com Jesus — ao passo que há muitas

784. A doutrina é chamada de "in persona Christi".

785. O mérito por este argumento é de John Stackhouse, em "Finally Feminist".

786. "Há uma passagem (em Cipriano) que tem sido invocada como um exemplo antigo de uma teologia in persona Christi do ministério ordenado, mas isso é quase certamente uma leitura equivocada." A afirmação do cardeal Ratzinger em "Responsum Ad Propositum Dubiu", de que a doutrina está "fundamentada na Palavra de Deus escrita e, desde o princípio, constantemente conservada e aplicada na Tradição da Igreja", carece de apoio verificável. Esse ensino foi introduzido pela primeira vez na Idade Média por Tomás de Aquino. (William Witt, Icons of Christ, cap. 10.)

evidências bíblicas para dizer que qualquer pessoa pode ser representante de Jesus como seu porta-voz.[787]

787. Veja, por exemplo, 1 Pedro 4:11, que usa a palavra "alguém" — um termo inclusivo quanto ao gênero.

Apêndice 2: Adão e Eva antes da Queda (continuação)

Quando um leitor decide de antemão que uma porção narrativa da Escritura ensina alguma coisa, mesmo que ela não ensine, é possível sustentar essa conclusão prévia especulando sobre todo tipo de inferências que vão além do ensino claro da passagem. No capítulo 4, apresentei e critiquei cinco inferências populares que estudiosos complementaristas leem em Gênesis 2-3. Neste apêndice, vou responder a mais alguns argumentos comuns.

"Deus criou o 'homem' à sua imagem"

Alguns complementaristas argumentam que, *como a raça humana é chamada de "homem" (em Gênesis 1:27), Deus deve preferir que os homens, e não as mulheres, liderem*. É o que argumenta Ray Ortlund: "O fato de Deus chamar a raça humana de 'homem' sussurra a liderança masculina." Esse argumento, porém, não lê seu texto-prova no contexto. Em primeiro lugar, ele ignora o contexto literário. É verdade que Gênesis 1:27 diz: "Criou Deus o homem (ou a humanidade) à sua imagem." Mas o mesmo versículo esclarece que "homem" inclui tanto o homem quanto a mulher.[788]

Em segundo lugar, ele ignora o contexto androcêntrico (centrado no homem). A palavra de Deus chega até nós na forma de linguagem de uma cultura típica do antigo Oriente Próximo, na qual substantivos masculinos são frequentemente usados para representar ambos os sexos. Nas últimas décadas, a palavra inglesa *mankind* foi substituída pela palavra mais inclusiva *humankind* ("humanidade"). Isso acontece porque estamos vivendo numa nova era, em que a própria linguagem está sendo podada de suas tendências androcêntricas. Em contraste, os primeiros leitores viviam numa cultura em que a linguagem androcêntrica era inquestionável e normal.

788. Veja também Gênesis 5:2, onde o nome "homem" (ou "humanidade") se refere a ambos os sexos.

Em terceiro lugar, é uma lógica falha. A palavra hebraica *ha'adam* (que não deve ser confundida com o nome *Adão* nem com a palavra para "homem" no sentido de macho) em Gênesis 1 significa *humanidade*, não "a raça masculina". Se Deus quisesse que *ha'adam* significasse "a raça masculina" (e ele não quer), isso faria das mulheres um mero apêndice, ou algo menos que humano. No entanto, nenhum complementarista acredita nisso hoje — antes dos anos 1960 acreditava-se que as mulheres eram inferiores, mas não mais, o que torna estranho, arbitrário e incoerente que eles argumentem depois, como faz Ortlund, que isso não implica a inferioridade da mulher, apenas sua posição subordinada.

Adão representa a raça humana

No jardim antes da Queda, há um tempo em que Adão existe como o único ser humano e, portanto, nesse tempo, ele representa toda a humanidade que viria depois — todos os que estão "em Adão". De fato, pode-se extrair de Gênesis 2 a percepção de que até Eva estava "em Adão". Por exemplo, o corpo dela derivou do corpo dele (como o nosso também deriva). Além disso, embora Deus tenha dado o mandamento ao homem antes de Eva existir, ela foi responsável diante de Deus por não cumpri-lo. E, embora somente Adão tenha sido sentenciado à morte e depois à expulsão em Gênesis 3, Eva também saiu do jardim envergonhada e voltou ao pó — evidentemente, "em Adão" ela também morreu.

Talvez seja por isso que o papel representativo de Adão adquire um significado simbólico especial nos escritos de Paulo, onde ele destaca duas vezes o papel de Adão como representante de toda a humanidade em suas escolhas: "pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores" e "porque, assim como, em Adão, todos morrem …"[789]

Isso significa que Paulo vê Adão como o único representante da humanidade em seu fracasso? Talvez não — ele pode não estar excluindo a ideia de que Eva

789. Romanos 5:9; 1 Coríntios 15:22

também representou a humanidade subsequente.[790] No entanto, se supusermos que Paulo de fato se refere a Adão como *o único* representante, o que concluir disso? Seria Adão, por isso — como afirmam alguns complementaristas —, o líder da humanidade e de Eva?

Não. O papel representativo de Adão não diz nada sobre uma suposta autoridade funcional sobre Eva. Se há indícios do papel singular de Adão em Gênesis, é o de que ele é o primeiríssimo ser humano, o protótipo de todos nós — tanto homens quanto mulheres, incluindo a primeira mulher, Eva.

Ser o precursor não significa que ele seja o rei de todos os seres humanos que vieram depois, nem de Eva, aliás. Deduzir da representação de Adão que ele era o líder da humanidade (ou de Eva) é confundir erroneamente categorias teológicas. Representação não é de modo algum a mesma coisa que liderança.

Adão pode representar Eva, mas ele não é o regente de Eva nem o nosso. Para ilustrar: quando o jovem Davi lutou contra Golias como representante de Israel, ele ainda não era o líder do povo. Saul era. (Só décadas depois ele se tornaria rei.) Da mesma forma, Adão não era o regente reinante de Eva (nem de qualquer outra pessoa), embora fosse o representante ou protótipo caído de Eva (e de todos os demais).

Mais importante ainda: Adão já não é o nosso representante. Em ambas as passagens, Paulo contrasta Adão como nosso representante caído com Cristo como nosso precursor ressuscitado. A morte e o patriarcado podem ter se originado na queda de Adão, mas a redenção das relações entre os sexos tem sua gênese na ressurreição de Jesus dentre os mortos.

790. Talvez Paulo simplesmente escolha Adão, e não Eva, não porque ele seja o representante de toda a humanidade, mas porque está fazendo uma comparação entre ele e Jesus, e faria mais sentido escolher aquele que também é homem e o primeiro da sua espécie. Além disso, Paulo pode estar se referindo a Adão antes que ele se "multiplique" em Adão e Eva — embora tanto Adão quanto Eva pequem, "Adão" é uma forma abreviada de "Adão-e-Eva", a ascendência unida da raça humana.

Outros argumentos a favor da autoridade de Adão sobre Eva

O compromisso teológico prévio de crer que Adão de alguma forma estava no comando de Eva antes da Queda gera mais quatro argumentos, todos baseados em especulação:

Somente Adão fala no jardim. Ele declara que ela é osso dos seus ossos e carne da sua carne, e ela não diz nada em resposta. Alguns complementaristas dizem que isso implica a liderança dele sobre Eva. Ele inicia o relacionamento, enquanto ela recebe a iniciativa dele. Porém, isso obscurece o fluxo da narrativa, no qual, antes de Eva ser feita, Adão está procurando sua parceira adequada. Não admira que ele tenha algo a dizer quando finalmente a encontra! Não há nada no que ele diz que implique liderança ou autoridade, apenas reconhecimento e alegria. Ler mais do que isso é exatamente isto — ler no texto mais do que ele oferece. Além disso, o fato de somente Adão falar em Gênesis 2 (antes da Queda) não revela sua liderança sobre a mulher, assim como o fato de somente Eva falar em Gênesis 4 (depois da Queda) não indica a liderança dela sobre o homem.

Deus dá o mandamento a Adão, não a Eva. Os complementaristas argumentam que, embora isso não seja dito explicitamente, parece que Adão tem a responsabilidade de instruir sua esposa, quando ela chegar, acerca do mandamento que recebeu de Deus — portanto, ele é o líder dela. Mesmo que isso fosse verdade, estar em condições de transmitir uma informação, até mesmo um mandamento que você ouviu, não coloca você intrinsecamente no comando da pessoa que você informa. Por esse argumento, uma esposa que ouve o evangelho antes do marido seria líder dele. O maior problema desse argumento é que ele não é verdadeiro. Se lermos com atenção o texto hebraico, Gênesis 3:3 dá a entender que Deus repetiu o mandamento que antes dera a Adão, desta vez com Eva presente, pois ela diz à serpente: "Disse Deus: 'Não comereis [plural] do fruto … nem tocareis [plural] nele, para que não morrais [plural].'"

Gênesis 2:24 diz que "deixa o homem pai e mãe" para se casar. Alguns complementaristas dizem que isso implica que ele sai de debaixo da autoridade para se tornar o novo cabeça da família. Mas como é estranho que seja o *homem* quem deixa pai e mãe — nas antigas culturas patriarcais, eram as mulheres que saíam, em reconhecimento da autoridade do marido. Este texto *inverte* isso. O que fica claro é que, na família anterior do homem, ele estava sob a autoridade do pai *e* da mãe.

A essência da Queda foi uma inversão dos papéis de gênero. Esse argumento, apresentado inicialmente pelo fundador do complementarismo, George Knight, em 1977, é tratado no capítulo 7, sob o título "Eva foi enganada, não Adão". O que direi aqui é que a tragédia no jardim *não* foi que Eva devia ficar abaixo de Adão como sua subordinada, mas, em vez disso, assumiu a posição dele. Lido corretamente, o que foi calamitoso é que ela devia ficar *ao lado de Adão como sua parceira e auxiliadora*, mas, em vez disso, deu-lhe veneno para comer.

O QUE É EXPLÍCITO DEVE LIMITAR O QUE PODE SER INFERIDO

Deixe-me ampliar o olhar e observar as percepções mais importantes deste apêndice e do capítulo 4, "Uma parceria feita no paraíso".

As narrativas bíblicas são especialmente suscetíveis a interpretações equivocadas. Na verdade, *todos* os argumentos complementaristas a favor da suposta liderança de Adão sobre Eva em Gênesis 2 e 3 são *lidos para dentro* de uma narrativa escassa.

Felizmente, os autores das narrativas bíblicas muitas vezes incluem no roteiro alguns controles interpretativos. No caso de Gênesis 1-3, há declarações entrelaçadas na história que servem de parâmetro para o que pode e o que não deve ser inferido da história a respeito de homens e mulheres.

Considere o que Gênesis 1-3 ensina *expressamente* sobre as relações entre os sexos:

- *O homem é feito para governar a terra ao lado da mulher (1:26-28).*

- *A mulher é dada como parceira e contraparte do homem no governo do Éden/da terra (2:18, 23-25).*
- *Depois da Queda, o homem passará a governar a mulher (3:16).*

Portanto, todos os argumentos baseados em supostos indícios na narrativa de Gênesis que sujeitam as mulheres aos homens como uma espécie de ideal do Criador devem ser abandonados.

Percebe o que isso significa? Grudem diz que os mutualistas podem reclamar que "não é justo que os homens tenham um papel de liderança … simplesmente porque são homens. Mas, se isso se baseia na atribuição de papéis feita por Deus desde o princípio, então é justo".[791]

Mas, se Deus *não* atribuiu tais "papéis desde o princípio" de autoridade e submissão, então *é* injusto. Quando a igreja, sem nenhuma razão circunstancial especial para isso, exclui as mulheres da liderança *por serem mulheres*, ela dá a um mundo que observa uma imagem pobre do Deus a quem afirmamos servir, um Deus que "não faz acepção de pessoas".[792]

791. Wayne Grudem, Evangelical Feminism and Biblical Truth, cap. 1.
792. Romanos 2:11

APÊNDICE 3: O QUE SIGNIFICA KEPHALĒ

O que Paulo quer dizer quando usa a palavra grega *kephalē*? No inglês moderno, *head* ("cabeça"), usado metaforicamente, muitas vezes significa autoridade, como quando o diretor-executivo está à frente da empresa ou o oficial comandante está à frente do pelotão. Além disso, quando nós, modernos, imaginamos uma cabeça literal de um corpo literal, supomos que a cabeça, que contém o cérebro, é por isso o centro de controle do corpo. Por meio do sistema nervoso, ela envia ordens ao corpo. A pergunta que devemos fazer é o que Paulo quis dizer quando escolheu a palavra *kephalē* e o que seus leitores originais teriam entendido.

Ao acompanhar os anos de debate de idas e vindas entre estudiosos de todos os lados, vejo que Grudem argumenta que a palavra quase *sempre* significa *autoridade sobre*, enquanto outros estudiosos argumentam que ela *raramente ou nunca* significa isso. Eu chego à conclusão de que, no tempo de Paulo, e certamente no uso de

Paulo, só *em raras ocasiões* ela implicava autoridade.[793] Como toda metáfora, ela pode ter sentidos diferentes em contextos diferentes, e talvez em alguns deles a ideia de autoridade esteja incluída. Ainda assim, permita-me apresentar os argumentos que mostram por que esse seria um significado muito raro.

No tempo de Paulo, a palavra grega para a cabeça física de uma pessoa tinha um significado metafórico diferente daquele que tem a nossa palavra em inglês. Nos séculos anteriores ao nascimento de Paulo, a cabeça às vezes era entendida como a fonte de vida do corpo. Aristóteles ensinava que a cabeça era como uma nascente ou fonte de abastecimento para todo o corpo,[794] uma visão que muitos escritores da medicina compartilhavam. Pitágoras, por exemplo, ensinava que a

793. Como a palavra grega *kephalē* era usada antes e durante o primeiro século no mundo greco-romano? Quase sempre ela se referia a uma cabeça física literal, embora às vezes fosse usada em sentido figurado. Os melhores estudiosos se dividem quanto aos usos figurados da palavra, principalmente porque a palavra metafórica parece ser usada de muitas maneiras diferentes: 1) O mais comum, no primeiro século, era que ela se referisse àquele que é mais proeminente e desempenha um papel representativo (do mesmo modo que a cabeça de uma pessoa é a representante pública do corpo inteiro). Nesse sentido, significa "o mais proeminente". 2) Mais raramente, referia-se a alguém que está em posição de "autoridade" (do mesmo modo que o cérebro dirige o corpo). 3) Também raramente, referia-se a alguém que fornece alimento ou existência (do mesmo modo que a boca alimenta o corpo, ou do modo como uma cabeça sem corpo morre). Nesse sentido, significa "fonte". Mas como Paulo a usou? Até os anos 1970, a maioria dos estudiosos da Bíblia supunha que Paulo queria dizer "autoridade" — mas isso pode ser atribuído 1) ao fato de que, em latim, alemão e inglês (as principais línguas em que a teologia histórica se desenvolveu), a palavra para cabeça se refere a alguém que tem autoridade, e 2) ao fato de que a igreja, como a sociedade, até os anos 1960 acreditava na inferioridade feminina e, por isso, a subordinação feminina era pressuposta sem questionamento. Tendo como expoente o importante comentário de Gordon Fee sobre 1 Coríntios, houve uma grande mudança na opinião acadêmica no último quarto do século passado em direção ao significado de "fonte". Mas a opinião acadêmica mudou mais uma vez, em direção ao significado de "aquele que é proeminente" — como mostra o comentário igualmente magistral de Anthony Thiselton sobre 1 Coríntios. No entanto, embora Thiselton esteja tão convencido quanto Fee de que Paulo não quer dizer "autoridade", ele escolhe "aquele que é proeminente" em vez de "fonte", mas admite que ele e sua equipe de copesquisadores fizeram essa escolha por uma margem "mínima". Tendo estudado todos os argumentos, concordo com Fee e Thiselton que a palavra não significa "autoridade", e compreendo a observação de Thiselton de que, fora dos escritos de Paulo, no primeiro século ela raramente era usada no sentido de "fonte". No entanto, ajudado pelo trabalho recente de Cynthia Westfall em "Paul and Gender", vejo-me concordando com Fee que Paulo quer dizer "fonte", no sentido de "aquele de quem outro deriva sua existência ou seu sustento". O uso metafórico que Paulo faz da palavra era evidentemente inédito, sobretudo porque, ao contrário de todos os outros escritores gregos antigos, ele a aplicou de modo singular à relação entre homens e mulheres, e entre um marido e sua esposa. Além disso, "fonte", tanto em 1 Coríntios 11:3 quanto em Efésios 5:23, é o que melhor dá sentido às passagens que vêm em seguida. Em 1 Coríntios 11:3, pode estar incluída a nuance de "aquele que é proeminente", porque Paulo, nos versículos seguintes, enfatiza a honra devida às cabeças literais e figuradas de cada um. Em Efésios 5:25, Paulo se refere ao antigo marido greco-romano como uma *kephalē*, e de fato esses maridos antigos estavam no comando de suas esposas, mas não devemos confundir a palavra em si com a pessoa a quem ela se refere — veja "Posição 4: O marido como *paterfamilias* redimido", no capítulo 8, para mais detalhes.

794. Aristóteles, Problemas 10 867a

cabeça física era a fonte do sêmen masculino, que descia pela medula espinhal até os órgãos genitais. Fílon, um mestre judeu de língua grega, afirmava que a cabeça extraía poder do céu e distribuía sua força vital a todo o corpo.[795] Assim, quando os antigos gregos falavam de uma pessoa como "cabeça" de outra ou de um grupo de pessoas, isso não era necessariamente uma referência a ela como autoridade, mas, mais provavelmente, uma referência ao modo como ela era uma fonte de vida ou um progenitor.

A palavra hebraica para a cabeça humana é *rosh* e, como em inglês, em hebraico ela significava autoridade quando usada metaforicamente. O que é fascinante, então, é que antes do tempo de Paulo as Escrituras hebraicas foram traduzidas para a língua grega (a chamada *Septuaginta* ou *LXX*). Cynthia Westfall estuda os 171 lugares da *LXX* em que se confirma com segurança que a palavra *rosh* significa autoridade, e observa que os tradutores gregos usam a palavra *kephalē* apenas quatro vezes e quase sempre optam por outras palavras gregas que denotam autoridade com mais clareza.[796]

Pense nisso. Os tradutores gregos leem a palavra hebraica *rosh* e, se ela se refere a uma cabeça física, optam por *kephalē*. Mas em 97,7% dos casos em que *rosh* se refere metaforicamente a alguém em posição de autoridade, eles optam por outras palavras gregas.[797] Isso significa que, na mente dos gregos pouco antes do tempo de Paulo, *autoridade não era um significado metafórico comum da palavra kephalē*; do contrário, ela teria sido a palavra mais natural a usar. Isso é amplamente conhecido. *The LSJ Greek–English Lexicon,* o léxico de grego antigo

795. "O virtuoso será a *kephalē* da raça humana, e todos os outros serão como membros que tiram sua vida das forças da cabeça." (Fílon, Det. Pol. Ins. 85)

796. A contagem mais recente de Grudem é de 14 lugares. No entanto, Westfall, em correspondência comigo, disse o seguinte: "Grudem argumenta que Paulo é influenciado por passagens da LXX em que *rosh* foi traduzido por *kephalē* onde significava autoridade. Das 171 ocorrências em que *rosh* parece se referir a 'autoridade' na Bíblia hebraica, houve apenas quatro passagens em que foi traduzido como *kephalē* sem variantes (2 Samuel 22:44; Salmos 18:43 [17:44 LXX]; Jeremias 31:7 [LXX 38:7]; Lamentações 1:5). Essas ocorrências podem ser escolhas de tradução infelizes dos tradutores da Septuaginta (hebraísmos), ou algumas podem refletir uma relação simbiótica entre um rei antigo e seu povo ou território. Essas quatro passagens não têm nenhum vínculo intertextual ou semântico com o uso que Paulo faz de *kephalē*, de modo que o argumento de Grudem de que passagens da LXX explicam o uso que Paulo faz de *kephalē* não é convincente." O artigo de R.S. Cervin apoia a conclusão de Westfall: "A LXX tem sido superestimada como evidência de que *kephalē* conota líder ou autoridade." Veja www.bit.ly/3GOWjqB

797. Isso apesar de os tradutores da Septuaginta mostrarem forte tendência a preferir traduções literais e a esticar as palavras gregas além de seus significados habituais, a fim de permanecer próximos do texto hebraico.

mais exaustivo que temos, enumera 48 significados metafóricos possíveis — *e nenhum deles é autoridade*. O recente *Cambridge Greek Lexicon* segue o mesmo caminho.[798]

Quando estudamos os vários usos metafóricos que Paulo faz da palavra, fica evidente que ele sabe disso. Tendo crescido como judeu da Diáspora na Ásia Menor, ele devia conhecer bem as expressões idiomáticas e o pensamento gregos. Além disso, ele escreve suas epístolas a pessoas de língua grega. Sendo o único escritor bíblico a usar a palavra metaforicamente, ele a usa sobretudo como parte de uma analogia cabeça–corpo, na qual se fala de Jesus como a fonte de vida à qual a igreja, pela salvação e pelo Espírito, está organicamente ligada. Ouça como ele expressa isso em Efésios 4:15-16: "[C]resceremos para nos tornar, em todos os aspectos, o corpo maduro daquele que é a cabeça, isto é, Cristo. Dele todo o corpo … cresce e edifica a si mesmo em amor." Depois, em Colossenses 2:19, Paulo diz que temos "ligação com a cabeça, da qual todo o corpo, sustentado e unido por seus ligamentos e tendões, cresce conforme Deus o faz crescer". Em outras palavras, quando Paulo desdobra sua metáfora cabeça–corpo, Jesus, a cabeça, provê especificamente crescimento e ligação, amor e vida, sustento e força ao seu corpo, a igreja. Nós, pessoas modernas, com a *nossa* compreensão da função executiva do cérebro, supomos que Paulo também faria alguma referência a Jesus como quem provê liderança e direção. Porém, Paulo, com a *sua* compreensão de cabeça, não faz isso.

Grudem, embora admita que a metáfora cabeça–corpo pode implicar a ideia de "fonte",[799] contesta a ideia de que *kephalē* raramente significava autoridade, e reúne uma lista impressionante de exemplos na literatura de generais e reis que são a *kephalē* do exército ou do povo. Mas, para isso, ele recorre principalmente a literatura posterior. Além disso, os antigos gregos provavelmente entendiam que seu líder também era sua fonte de vida. Corte a cabeça de um animal ou de

798. Philip Payne, Man and Woman, One in Christ, p. 121. Além disso, os dicionários de grego clássico secular desde o século XII costumam registrar *kephalē* ("cabeça") com o significado de "fonte", mas não citam nenhum exemplo anterior ao Novo Testamento com o significado de "autoridade".

799. "É um fato elementar da vida que recebemos alimento pela boca e, portanto, em certo sentido, pela cabeça, e essa ideia também era evidente para o mundo antigo; portanto, a ideia de que pudesse ocorrer uma metáfora em que 'cabeça' significasse 'fonte' não é impossível", escreve Grudem em Evangelical Feminism and Biblical Truth (p. 567).

um ser humano, e ele morre. O mesmo acontece com um exército ou uma nação: mate o general ou o rei, e o povo perece. Reis e generais são cabeças no sentido de que seu reino se mantém unido debaixo deles. É assim que Paulo parece usar uma palavra relacionada a *kephalē* em Efésios 1:10 para se referir a Jesus, quando diz que o plano de Deus é reunir todas as coisas (no sentido de judeus e gentios), *resumindo-as numa só cabeça*, Jesus Cristo. É claro que Jesus é o Senhor com autoridade, mas aqui Paulo parece usar a metáfora da cabeça para destacar não sua autoridade, mas seu papel de *fonte de vida que une* o seu povo.[800] Algo semelhante acontece quando Paulo, em Colossenses 1:16-17, diz que Jesus é "antes de todas as coisas; nele tudo subsiste; a cabeça do corpo, da igreja, e o princípio". Esses descritores não se concentram em seu domínio; descrevem aspectos do ministério de Jesus diferentes do seu reinado — no entanto, cada um deles sustenta sua capacidade e seu merecimento de estar no comando, que é o argumento de Paulo quando diz: "*para que* em todas as coisas tenha a primazia". Embora Paulo aqui *coloque lado a lado* as ideias de Jesus como sustentador, fonte de vida e originador com a afirmação de sua primazia, não devemos simplesmente *fundir* os significados. Jesus como *cabeça* da igreja e das coisas que se originaram nele e nele subsistem não é exatamente a mesma coisa que Jesus como *Senhor* do seu povo e das coisas feitas por meio dele e por ele sustentadas.

E quanto aos dois lugares em que Paulo parece fundir os significados — Efésios 1:22 e Colossenses 2:10? Mesmo nessas passagens, Paulo pode colocar bem próximas, lado a lado, as ideias de Jesus como aquele que tem autoridade e de Jesus como *kephalē*, mas não necessariamente as funde.[801]

Efésios 1:22 traz a expressão "*kephalē* sobre todas as coisas". A palavra grega para "sobre" (*hyper*) normalmente significa *em benefício de*, como em "Cristo … se

800. No que os teólogos chamam de ensino de Paulo sobre a "liderança federal" (*federal headship*), há duas possíveis "cabeças" da humanidade: Adão ou Jesus. Como primeiro pecador, Adão não é nosso líder, mas infelizmente é nossa fonte: herdamos dele a posição escravizada pelo pecado e a natureza corrompida. Graças a Deus, Jesus se torna uma nova cabeça da raça humana redimida: dele herdamos sua posição elevada e sua semelhança.

801. Aqui me apoio em Cynthia Westfall, que respondeu à minha pergunta sobre o significado de *kephalē* em Efésios 1:22 e Colossenses 2:10, em sua correspondência comigo, enviando trechos de um ensaio que ela escreveu para a segunda edição de "The IVP Dictionary of Paul and his Letters".

entregou *por (hyper)* nós, como oferta" (Efésios 5:2). No entanto, em Efésios 1:22 ela significa *acima de* ou *sobre*, mas não *de* — ela introduz uma imagem espacial de Jesus num trono *acima* de todas as coisas. A surpresa, quando lemos esse versículo no contexto de 1:18-2:6, é que não é apenas Jesus-como-cabeça, mas Jesus-*e-a-igreja*, ou a-cabeça-*e-o-corpo*, que está sentado num trono. Paulo diz que Jesus como *kephalē* acima de todas as coisas é "para a igreja, *a qual é o seu corpo*". Todas as coisas estão "debaixo dos seus pés" — *mas nós somos os seus pés*. Tudo isso para dizer que o fato de Jesus ser *kephalē* aqui não significa especificamente que ele tem autoridade sobre nós, nem mesmo sobre todas as coisas (o que, é claro, ele tem) — antes, explica como Jesus, que é o legítimo Senhor sobre todas as coisas, compartilha essa autoridade conosco; afinal, é o corpo inteiro de um rei, e não apenas a sua cabeça, que está no comando.

Colossenses 2:10 fala de Jesus como a *kephalē* "de" (e não, como algumas traduções colocam, "sobre") todo principado e potestade. Essa é uma de duas passagens que falam de Jesus como a *kephalē* de algo diferente da igreja. Em 1 Coríntios 11:3, diz-se que ele é a *kephalē* de "todo homem" — o que significa que Deus, por meio de Cristo, criou Adão (e, por derivação, os filhos dele). Da mesma forma, Jesus como cabeça de todos os principados e potestades em Colossenses 2:10 retoma 1:16, que diz que esses mesmos principados e potestades foram criados por meio de Cristo e, portanto, subsistem nele. Como cabeça deles, Jesus é, assim, a *fonte criadora* de todo poder espiritual — e é por isso que Paulo diz que os colossenses devem olhar para Jesus, e não para os anjos, em busca de sua plenitude, pois Cristo, o Criador, pode fazer por nós o que nem mesmo as criaturas angelicais podem.

Cada passagem singular tende a extrair um significado matizado da palavra *kephalē*, específico do seu contexto. Alan Johnson, por exemplo, faz um metaestudo de 17 estudos importantes, de todos os lados, sobre a palavra *kephalē* e conclui: "Parece haver um acordo crescente de que *kephalē* como metáfora pode ter um sentido diferente num contexto diferente."[802] Isso nos leva ao problema da amostra de Grudem, com generais e reis como a *kephalē* de outros: Paulo, quando aplica *kephalē* às relações humanas, o faz apenas à relação

802. Veja www.bit.ly/3GJ9Vnc

entre um homem e uma mulher, e não entre um rei e seus súditos, nem entre um general e seu exército, nem entre pais e filhos, nem entre um senhor e seus escravos. São registros completamente diferentes, e cada registro fará aparecer um matiz diferente de significado. Na verdade, entre todos os escritores antigos até o seu tempo, Paulo é o único de quem temos notícia que aplicou essa metáfora a um homem e uma mulher — em 1 Coríntios 11:3, diz-se que Adão é a *kephalē* de Eva, e em Efésios 5:25 diz-se que o marido é a *kephalē* de sua esposa.

Mas, mesmo nesses dois casos, Paulo não usa a palavra exatamente da mesma maneira. Em 1 Coríntios 11:3, ele se refere ao modo como Eva foi feita do corpo de Adão e, por isso, Adão (e seus filhos) deve honrar sua própria imagem em Eva, enquanto Eva (e suas filhas) deve honrar Adão como aquele em quem ela se originou. Aqui, portanto, a palavra parece significar não *autoridade*, mas *fonte de vida digna de honra*. (Veja o capítulo 6 para mais detalhes.)

E em Efésios 5:25, Paulo traça um paralelo entre Jesus como a cabeça ou fonte de vida do seu corpo e o marido como a fonte de vida de sua esposa; por isso, os maridos devem amar e cuidar de suas esposas, com quem são "uma só carne", tanto quanto uma cabeça, como é próprio, provê e cuida do seu próprio corpo. Até John Piper admite (sem querer) que *kephalē* aqui também pode ter esse significado.[803] Aqui, portanto, a palavra parece significar não *autoridade*, mas *fonte de cuidado e serviço ligada de modo vital e íntimo*. (Veja o capítulo 8 para mais detalhes.)

803. Num momento de incoerência, na nota 15 do capítulo um de "Recovering Biblical Manhood and Womanhood", John Piper tenta dar uma base bíblica para sua afirmação extrabíblica de que cabe principalmente aos homens sustentar financeiramente suas esposas. Ele cita o modo como Deus chama o homem de "cabeça" em Efésios 5:25 e, assim, ele deve prover para ela da mesma forma que Jesus provê para a igreja. Ele escreve: "A imagem da cabeça implica que Cristo é o provedor … " A ironia aqui é que Piper, sem dúvida sem querer, admite que *kephalē*, entre outras coisas, também pode significar fonte ou provedor, afinal de contas — embora o complementarismo em nome do qual ele fala negue isso categoricamente.

Apêndice 4: As mulheres podem ensinar?

A aplicação estrita da leitura complementarista de 1 Timóteo 2:12 não permite que mulheres ensinem homens na igreja. Infelizmente, a The Gospel Coalition adota essa posição.[804] Muitas igrejas não permitem que mulheres ensinem em pequenos grupos, nem em reuniões de oração, e certamente não nos cultos semanais. Algumas nem sequer permitem que mulheres leiam a Bíblia no culto.[805] John Piper não apoia que mulheres deem aulas a homens na formação ministerial e teológica (embora aprove que teólogas escrevam, porque isso "tira a mulher, como autora, da vista do leitor e, em certo sentido, remove a dimensão de sua personalidade feminina".[806]).[807]

Ainda assim, alguns estudiosos complementaristas *moderados* procuram encontrar uma forma de permitir que mulheres ensinem na igreja. Estas são as três maneiras pelas quais o fazem: primeiro, alguns permitem que mulheres ensinem homens fora dos cultos. Em aulas e cursos especiais, mulheres podem ensinar homens, mas não na reunião principal de domingo. A forma como justificam isso é argumentar que Paulo fala especificamente da reunião da igreja em 1 Timóteo 2 e que, portanto, sua proibição se limita a esse ambiente.

Segundo, alguns permitem que mulheres ensinem sob a autoridade dos presbíteros ou pastores, e dentro dos parâmetros doutrinários que eles estabelecem. Para usar uma analogia, um maestro e um violinista "interpretam" Beethoven. O violinista apenas executa a interpretação, mas sob a supervisão e a direção de outra pessoa. Da mesma forma, os líderes pastorais principais

804. Um dos principais colaboradores, Kevin De Young, continua a apontar qualquer contestação, no mundo evangélico, à pregação feita por mulheres e procura corrigi-la. Veja www.bit.ly/3BHFz0N.
805. Veja www.bit.ly/3ENSkc4.
806. Veja www.bit.ly/3wqsGXW.
807. Considere como é dolorosa a convicção de Piper, amplamente divulgada, ouvindo uma professora de nível mundial contar o efeito que ela teve sobre ela: "Fiquei mais do que triste e frustrada. Sempre fico momentaneamente sem palavras quando vejo opiniões como essa impressas. Sou educadora teológica e diretora de uma faculdade teológica (especializada em formação espiritual para a vida, a liderança e o ministério). Tenho um ministério de ensino e pregação na igreja há mais de vinte anos." www.bit.ly/31xWCWF

definem a doutrina, enquanto outros, incluindo mulheres, podem transmitir a doutrina.

Terceiro, alguns permitem que mulheres "profetizem" e "exortem" num sermão, mas não que "ensinem". Eles definem "ensinar" como "estabelecer as doutrinas apostólicas centrais". Nem todos os sermões contemporâneos são "ensino" nesse sentido, dizem eles. O próprio Paulo distingue entre "exortar", "profetizar" e "ensinar". Paulo espera que mulheres "profetizem" na congregação e nunca proibiu as mulheres de "exortar" a congregação.

Por mais que eu aprecie essas três tentativas bem-intencionadas de justificar que mulheres ensinem homens, elas são tentativas contorcidas de contornar a própria interpretação equivocada de 1 Timóteo 2:12.[808] *É por isso que estudiosos complementaristas continuam a refutá-las.*[809] Como exponho no capítulo 7, porém, uma vez que abandonamos a leitura complementarista de 1 Timóteo 2:12, podemos abordar o tema de uma maneira muito melhor. Podemos então perguntar: *Quem, segundo as epístolas pastorais, não deve ensinar?* e *Que passagens claras da Escritura sobre mulheres que ensinam podem nos ajudar a interpretar melhor a passagem nebulosa de 1 Timóteo 2:12?*

Pessoas que não devem ensinar

Quanto à primeira pergunta, há três tipos de pessoas que *não* devem ensinar. Primeiro, os falsos mestres não devem ensinar. Paulo diz a Tito que "é preciso fazê-los calar, porque … [andam] ensinando o que não devem".[810] Segundo, pessoas que não se deixam ensinar e que não são semelhantes a Cristo não devem ensinar. Como argumentei no capítulo 7, devemos interpretar 1 Timóteo

808. A primeira posição está errada porque 1 Timóteo 2 não fala apenas do culto comunitário, e o Novo Testamento não distingue nitidamente entre os diferentes tipos de reunião que uma igreja pode ter em determinada semana. A segunda erra porque, se (como eles creem) Deus diz às igrejas que as mulheres não devem ensinar, então os presbíteros não podem permitir o contrário. A falha da terceira, cujo pioneiro foi John Dickson em seu livro, de resto fantástico, "Hearing Her Voice", é que a palavra "ensinar", mesmo nas epístolas pastorais, se refere à transmissão da doutrina apostólica, e não — como diz Dickson — a "estabelecer [a doutrina]" com autoridade; e, em termos práticos, não consigo imaginar como alguém pode fazer um sermão de trinta minutos, por mais profético ou exortativo que seja, sem transmitir doutrina apostólica.
809. De Young contesta a posição de John Dickson: www.bit.ly/3wqsXtW Da mesma forma, Schreiner procura refutar Andrew Wilson: www.bit.ly/2ZTCIoH
810. Tito 1:11

2:12 como uma proibição de que grupos de pessoas afetados por um ensino distorcido tenham atitudes orgulhosas, independentes, autoafirmativas ou dominadoras em relação aos outros. O que esse tipo de pessoa precisa é de uma nova dose de sentar-se humildemente debaixo da palavra de Deus e ser ensinado.

Terceiro, pessoas que não foram ensinadas não devem ensinar. Paulo diz a Timóteo: "[E] o que de minha parte ouviste diante de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a pessoas confiáveis e também idôneas para ensinar a outros."[811] Tendo ensinado a Timóteo as doutrinas apostólicas, Paulo lhe pede que as ensine a outros, para que estes, por sua vez, possam ensiná-las a ainda mais pessoas. Note que esses mestres em formação são "pessoas", não homens — Paulo usa o termo genérico *anthrōpois*, incluindo assim homens e mulheres.[812] Embora Paulo imagine que os presbíteros façam grande parte do ensino, ele nunca limita o ministério do ensino somente a eles.[813] Da mesma forma, o autor de Hebreus deseja que toda a comunidade, homens *e* mulheres, com base em sua boa doutrina e maturidade espiritual, esteja apta para o ministério do ensino, quando diz: "Pois, quando já devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes novamente necessidade de alguém que vos ensine … os princípios elementares."[814] (A propósito, isso nos dá esperança de que até as

811. 2 Timóteo 2:2. A NIV traduz corretamente esses indivíduos como "pessoas" (*people*), e não "homens" (*men*, ESV), porque o termo grego *anthropos*, embora masculino na forma, é usado de modo a incluir as mulheres. Por exemplo, quando Jesus nos manda perdoar aos outros que pecaram contra nós, ele usa *anthropos* para "os outros" (Mateus 6:14).

812. Por exemplo, a palavra é usada explicitamente para mulheres em 1 Pedro 3:4.

813. Li vários estudiosos complementaristas que argumentam que as epístolas dizem que somente os presbíteros devem ensinar. Isso pode ser uma regra em certas denominações, mas não é uma regra da Escritura. Esses estudiosos costumam empilhar as seguintes referências para apoiar sua afirmação: 1 Timóteo 2:12; 3:2; 4:11-13; 5:17; 2:24-26; 4:1-5; Tito 1:5-6;15, e Tiago 3:1. Mas essas referências não sustentam a exclusão dos não presbíteros do ensino. Além do fato de que 2 Timóteo 2:2 sugere que qualquer pessoa ensinada pode potencialmente ensinar, um exame cuidadoso da longa lista de versículos-"prova" revela que apenas três deles falam especificamente de presbíteros que ensinam (1 Timóteo 3:2, 5:17 e Tito 1:5-6). Quatro deles falam de delegados apostólicos, e não de presbíteros, como Timóteo e Tito, que ensinam (2 Timóteo 4:11-13, 2 Timóteo 2:2, 4:1-5, Tito 2:1-6, 15). E não é possível que uma mulher fosse delegada apostólica? Pense, por exemplo, em Febe, que levou pessoalmente a carta aos Romanos em nome de Paulo (Romanos 16:1-2). Mais incisivamente, pense em Júnia, que (junto com o marido) era apóstola (um nível acima de um delegado apostólico). Finalmente, Tiago 3:1 (em que "irmãos" significa "irmãos e irmãs") mantém aberta a porta para que potencialmente qualquer pessoa, e não apenas homens ou presbíteros, seja mestre.

814. Hebreus 5:14

mulheres efésias possam ser restauradas e voltar a ser capazes de ensinar no futuro.)

Exemplos de mulheres que ensinam

Que passagens claras da Escritura sobre mulheres que ensinam podem nos ajudar a interpretar melhor a passagem nebulosa de 1 Timóteo 2:12? Há muitas: Paulo ordena tanto a homens *quanto a mulheres* que usem seus dons de ensino;[815] que ensinem e admoestem uns aos outros quando reunidos para o culto;[816] e que tragam uma palavra de ensino nas reuniões da igreja.[817] Todas essas passagens usam a palavra grega *didaskein*, que também é usada em 1 Timóteo 2:12. Tudo isso se harmoniza, por exemplo, com a mulher samaritana evangelizando homens,[818] com muitas passagens da Escritura ricas em doutrina compostas por mulheres[819] e com o relato de Priscila e Áquila, que, depois de convidarem Apolo para sua casa, "lhe expuseram com mais exatidão o caminho de Deus".[820]

Quanto ao ministério de ensino de Priscila, a palavra "expuseram" (grego: *exethento*) é sinônima da palavra "ensinar"[821] e é usada para descrever o ministério de Paulo em Roma, onde "desde a manhã até à tarde" ele estava "*expondo* acerca do reino de Deus".[822] Contudo, estudiosos complementaristas obscurecem o significado simples do ensino de Priscila a Apolo para fazê-lo caber no *leito de Procusto* de sua interpretação errada de 1 Timóteo 2:12, que, segundo creem, proíbe uma mulher de ensinar um homem com autoridade na igreja. O ensino dela foi particular e informal, não público e formal, afirmam. Essa afirmação não reconhece que as reuniões da igreja de Éfeso provavelmente aconteciam na mesma casa e (a menos que tentemos importar

815. Romanos 12:7, 1 Coríntios 12:28-30
816. Colossenses 3:16
817. 1 Coríntios 14:26
818. João 4:39
819. Veja, por exemplo, Juízes 5:2-31; 1 Samuel 2:1-10; 25:24-31; Lucas 1:25, 42-45, 46-55.
820. Atos 18:26
821. www.bit.ly/3q7sZpi
822. Atos 28:23

práticas eclesiásticas muito posteriores para meados do primeiro século) eram íntimas e informais.[823]

Quanto ao argumento de que o tipo de ensino dela nada tem a ver com o tipo de ensino "oficial" ou "com autoridade" que Paulo menciona em suas cartas pastorais a Timóteo e Tito, na realidade Priscila é um exemplo perfeito do ministério de ensino que Paulo manda Timóteo multiplicar em "pessoas confiáveis que [sejam] idôneas para *ensinar* a outros".[824] Priscila não estava apenas compartilhando pensamentos devocionais — tendo sido ensinada por Paulo, ela exercia um tipo poderoso de ensino, instruindo Apolo na doutrina e corrigindo suas ideias falhas e insuficientes. E observe o fruto do ensino dela: Apolo, tendo recebido o ministério de ensino dela, foi mais tarde enviado, plenamente equipado, para ser um dos grandes mestres da era da igreja primitiva.[825]

Resumindo: segundo uma interpretação da Escritura que leva em conta a Bíblia inteira, as mulheres devem ter permissão para ensinar e pregar nas igrejas hoje? *Sim, sem dúvida.* Mas sob três condições, que se aplicam também aos homens: devem ser pessoas confiáveis que, tendo sido ensinadas, agora estão aptas para ensinar outros; devem ter o dom de ensino; e (agradecemos a 1 Timóteo 2:12 por esta percepção cuidadosamente escavada) devem ensinar de um modo que não demonstre orgulho nem hostilidade pecaminosa para com certas pessoas da igreja. O que fortalece ainda mais a conclusão de que mulheres podem pregar a homens é o fato de que o Novo Testamento celebra profetisas na igreja, um ministério declarativo que se sobrepunha à função de ensinar e ao qual se atribuía uma importância estratégica ainda maior do que ao ensino.[826] Não faz sentido, portanto, excluir as mulheres do púlpito hoje.

823. Os estudiosos complementaristas, observa Kevin Giles em "What the Bible Actually Teaches about Women" (cap. 6), tendem a ignorar o fato de que "os primeiros cristãos se reuniam em casas, em pequeno número. Por não reconhecerem esses fatos, eles leem no Novo Testamento sua própria compreensão cultural moderna de igreja e de liderança da igreja e depois apelam para ela a fim de apoiar suas conclusões sobre o que deveria ser normativo para a vida da igreja hoje".

824. 2 Timóteo 2:2

825. Veja www.rb.gy/ttr2do para um estudo detalhado do ministério de Priscila em Éfeso e do seu ministério de ensino a Apolo.

826. Veja o capítulo 12, "Profetisas", para mais sobre isso.

Apêndice 5: Mais dois argumentos tirados de 1 Timóteo 3

No capítulo 12, trato do argumento complementarista baseado no fato de Paulo, em Timóteo 3, descrever o supervisor como alguém "fiel à sua esposa". Neste apêndice, trato de mais dois argumentos, também baseados em 1 Timóteo 3, que os complementaristas apresentam para excluir as mulheres da liderança da igreja.

O mistério das "mulheres" em 1 Timóteo 3:11

Depois de enumerar as qualificações do presbítero, Paulo faz algo semelhante para os diáconos. Fique atento à menção das "mulheres":

Da mesma forma, os diáconos devem ser dignos de respeito, sinceros, não dados a muito vinho e não cobiçosos de ganho desonesto. Devem guardar as verdades profundas da fé com a consciência limpa. Devem primeiro ser provados; e então, se não houver nada contra eles, que sirvam como diáconos.

Da mesma forma, **as mulheres** devem ser dignas de respeito, não maldizentes, mas sóbrias e fiéis em tudo.

O diácono deve ser fiel à sua esposa e deve governar bem seus filhos e sua própria casa. Os que servem bem alcançam uma excelente posição e grande confiança na fé em Cristo Jesus.[827]

Depois de 1 Timóteo 2:12-15, esta é a segunda passagem mais debatida desta carta. A diferença de opinião entre os estudiosos tem a ver com quem eram essas "mulheres". A palavra se refere às esposas dos diáconos ou a diaconisas? Por alguma razão, Paulo não deixa isso claro. Essa falta de clareza aparece no trabalho dos tradutores — de 28 versões inglesas, 18 optam por "esposas dos diáconos"; 2 por "diaconisas"; e as 8 restantes deixam "mulheres" (para que o leitor possa decidir). Pessoalmente, acho que a maioria dos tradutores tem razão

827. 1 Timóteo 3:8-13

em usar a palavra "esposas", porque Paulo usa exatamente a mesma palavra, *gunaikas*, no sentido de "esposa" na expressão "fiel à sua esposa", que ocorre alguns versículos antes (v. 2), bem como no versículo imediatamente seguinte (v. 12). É improvável que, tão estreitamente cercada por esses outros usos, ela tenha aqui outro significado.

Estudiosos complementaristas argumentam que, quer se entenda como esposas dos diáconos, quer como diaconisas, isso mostra que Paulo não admitia mulheres presbíteras. Se se refere às esposas dos diáconos, dizem eles, isso implica que Paulo imaginava dois grupos: presbíteros homens e diáconos homens com suas esposas. Por outro lado, se se refere a diaconisas, dizem alguns estudiosos complementaristas, então significa que Paulo imagina três grupos: presbíteros homens, diáconos homens e diáconas (mas nenhuma mulher presbítera). Qualquer das duas leituras exclui a possibilidade de mulheres presbíteras.

Para começar, mesmo que admitamos a segunda possibilidade, a pergunta permanece: Paulo então *prescreve* que deve haver três ofícios em toda e qualquer igreja local, a saber, presbíteros homens, diáconos homens e diáconas? Ou ele *pressupõe ou sabe* que esses são os ofícios presentes na igreja de Éfeso no momento em que escreve, e apenas prescreve em 1 Timóteo 3 *os tipos de pessoas* mais adequados para esses ofícios? Penso que é uma pressuposição, não uma prescrição. Além disso, se Paulo se refere a diáconas, isso significa que, no versículo seguinte, quando Paulo diz que os diáconos (incluindo as mulheres) devem ser "fiéis à sua esposa" (v. 12), isso apenas confirma o uso inclusivo quanto ao sexo dessa expressão idiomática que encontramos, por exemplo, nas qualificações dos presbíteros em Tito 1, onde Paulo imagina apenas os presbíteros, e não os diáconos, como ofício ordenado nas igrejas de Creta.[828] Isso significa que as especificações de Tito 1 para os presbíteros, livres de quaisquer pronomes ou expressões idiomáticas que excluam um dos sexos, permitiriam a ordenação de mulheres presbíteras.

828. João Crisóstomo percebeu isso. Na Homilia 11 sobre 1 Timóteo 3, ele escreve: "Marido de uma só mulher … é apropriado dizer também a respeito das mulheres diáconas."

A opinião majoritária, porém, é que Paulo quer dizer que essas mulheres não são diáconas, mas esposas dos diáconos. Nesse caso, ele parece imaginar apenas presbíteros homens e diáconos homens. Mas a fraqueza dessa opinião é que temos então mais uma prova de que não devemos tomar essas listas de 1 Timóteo 3 como norma legislativa para todas as igrejas, porque Romanos 16:2, escrito mais ou menos na mesma época desta carta, menciona uma mulher chamada Febe, que Paulo recomenda como diácona da igreja de Cencreia.[829]

Em outras palavras, *qualquer uma das opiniões sobre essas mulheres mina a crença complementarista de que a passagem de Paulo em 1 Timóteo 3 exclui a possibilidade de mulheres pastoras em todas as igrejas*.

Há outra maneira de entender as "mulheres" do versículo 11? Acho mais convincente a opinião de que essas mulheres incluem na verdade não apenas as esposas dos diáconos ou as diaconisas (seja qual for a sua leitura), mas também as esposas dos presbíteros ou mulheres presbíteras. Deixe-me explicar. Como explica Michael Eaton em seu comentário sobre 1 Timóteo, e como era comum na escrita antiga, Paulo cria duas listas semelhantes (uma para presbíteros e outra para diáconos), mas, *para evitar repetição excessiva*, distribui entre as duas seções certo conteúdo *que deve ser aplicado a ambas.*[830] O argumento dele é sólido, particularmente nesta passagem. Observe, por exemplo, que na seção dos presbíteros o versículo 1 fala do desejo de fazer a obra, e o versículo 7 fala da necessidade de ter bom testemunho dos de fora. Depois, na seção dos diáconos, o versículo 9 fala da necessidade de guardar as verdades profundas da fé, o versículo 10 fala da necessidade de ser provado antes de ser liberado para a função, e o versículo 13 fala da recompensa de Deus aos que servem bem. *No entanto, todos esses cinco pontos se aplicam tanto a presbíteros quanto a diáconos.* Os leitores antigos perceberiam isso mais depressa do que nós, modernos. Tendo usado esta passagem durante décadas para formar presbíteros e diáconos, foi assim que organizei instintivamente minha explicação dela. Os diáconos, e não

829. Veja a nota relativa a Febe sob o título "Os cooperadores de Romanos 16", no capítulo 12, para a prova de que ela era diácona.

830. "Algumas coisas que se aplicam aos presbíteros se aplicam aos diáconos, e vice-versa. É típico do estilo hebraico de escrita que, quando se quer dizer coisas semelhantes sobre dois assuntos, a matéria seja dividida em dois parágrafos, dizendo-se uma coisa sobre uma parte e outra coisa sobre a outra parte. Mas o estilo hebraico quer que apliquemos isso a ambas as partes." (Michael Eaton, Preaching Through the Bible: Timothy)

apenas os presbíteros, não deveriam desejar servir a Deus dessa maneira e ter bom testemunho dos de fora? E os presbíteros, e não apenas os diáconos, não deveriam refletir profundamente sobre a Escritura, ser provados antes de serem ordenados e esperar a recompensa de Deus por liderarem bem?[831]

Mas veja: essa maneira de ler algumas qualificações como aplicáveis a ambos os grupos talvez seja a única explicação para o fato de Paulo escrever apenas "esposas/mulheres" e não "esposas *dos diáconos*" ou "mulheres *diáconas*" — ele não quer limitar sua aplicação somente aos diáconos.

Portanto, se Paulo quer dizer esposas no versículo 11, então ele se refere às qualidades de caráter exigidas das esposas tanto dos diáconos quanto dos presbíteros. Se tivermos em mente a existência da diácona Febe, então a verdade atemporal a extrair desta passagem é que a piedade dos cônjuges (e não apenas das esposas) dos presbíteros e diáconos é importante.

E, se Paulo quer dizer a versão feminina do ofício no versículo 11, então ele se refere às qualidades de caráter exigidas tanto das diáconas quanto das mulheres presbíteras. Essa interpretação se torna ainda mais plausível pelo fato de que Priscila e seu marido certa vez plantaram e lideraram essa mesma igreja.

Seja como for, quanto mais nos debruçamos sobre esta passagem, menos certos ficamos de quem eram essas mulheres misteriosas, e mais seguros ficamos de que o versículo 11 é tão obscuro ou tão específico do seu contexto que, por qualquer abordagem interpretativa sensata, dificilmente é uma base suficiente para proibir a ordenação de mulheres sempre e em toda parte.

Os presbíteros são pais?

P. J. Smyth, um ex-líder de movimento, publicou recentemente um argumento *novo* a favor de um presbitério exclusivamente masculino, que, a meu ver, merece crítica. Cito-o em três partes, avaliando uma de cada vez.

831. Ainda podemos perguntar por que Paulo está disposto a repetir muito conteúdo entre os dois grupos. A resposta é que ele o faz especialmente com relação aos traços de caráter, que merecem ênfase extra.

Em nosso mundo moderno, moldado pela tecnologia, tendemos a pensar nas pessoas de maneira mecanicista. Isso significa que tendemos a ler o termo "presbítero" como se significasse o mesmo que "líder" nos negócios, na política ou na indústria. Nessas esferas, faz sentido que a pessoa mais competente — independentemente do seu sexo — receba o cargo de diretor-executivo, presidente ou gerente. Mas, quando a Bíblia descreve o papel dos presbíteros, ela não tem realmente em vista os nossos modelos corporativos contemporâneos de liderança. Ao contrário, a imagem é muito mais a da igreja como uma família supervisionada e protegida por pais.

Smyth argumenta que, numa família, o pai sempre lidera. Como a igreja é uma família, o sexo deve mais uma vez prevalecer sobre o dom, de modo que uma equipe de homens deve liderar, independentemente de quaisquer mulheres que possam ser igualmente dotadas para isso. Mas o argumento de Smyth se baseia em duas suposições falhas.

Primeiro, tanto os pais *quanto* as mães devem liderar os filhos. Qualquer referência no Novo Testamento a pais que lideram sua família é *descritiva* do mundo greco-romano, no qual, a menos que tivesse morrido, um *paterfamilias* liderava cada casa. *Mas, quando procuramos o que a Bíblia prescreve (e não apenas descreve) sobre quem lidera os filhos, fica claro que mães e pais formam juntos uma equipe como líderes de sua família.* Em muitos setores da igreja contemporânea, ouvimos que "o pai deve ser o cabeça do lar" e o praticamos tão amplamente que deixamos de perceber que, na verdade, isso não tem apoio na Escritura.

O marido pode ser a cabeça da esposa (embora tenhamos visto no capítulo 8 que isso provavelmente nem se refere a autoridade), mas é somente *junto com sua esposa* que ele deve liderar o lar: "Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor, pois isto é justo. Honra a teu pai *e a tua mãe*."[832] Da mesma forma, em nada menos que quatro lugares, a Escritura afirma a liderança dupla de mãe e pai com a fórmula: "Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher."[833] Essa fórmula mostra um filho deixando uma família liderada por ambos os pais para formar (presumivelmente) uma nova família liderada, mais uma vez, por ambos

832. Efésios 6:1
833. Veja Gênesis 2, Marcos 10, Mateus 19, Efésios 5

os pais.[834] Em vez de retratar a mãe como uma líder de segunda categoria, situada a meio caminho na estrutura de autoridade entre o pai e os filhos, a Bíblia prescreve que a mãe e o pai formem juntos uma equipe como "uma só carne" ao liderarem o lar. Minha experiência pessoal reforça essa percepção: há uma coisa melhor do que um pai liderando seus filhos — é um pai *e uma mãe* formando juntos uma equipe para liderar seus filhos.[835]

Embora muitos saltem erroneamente da ideia de que o marido é a cabeça da esposa para a ideia de que o marido é o cabeça da família, nenhum escritor do Novo Testamento fez isso. O primeiro lugar de que temos registro em que esse erro aconteceu é o segundo século, no terceiro livro de Hermas.[836]

Segundo, Smyth usa uma metáfora da igreja (como família) de tal modo que ela anula outra (a igreja como corpo). No entanto, o Novo Testamento nos oferece duas metáforas principais que fundamentam o modo como devemos estruturar as igrejas. Smyth minimiza a igreja como um corpo multifuncional ao associar a própria ideia de dom a uma empresa ou nação. É verdade que a igreja é, como ele diz, uma família baseada no pertencimento, mas também é verdade que a igreja é um corpo orgânico (e não apenas uma organização) baseado nos dons. Embora essa orientação pelos dons seja algo muito mais orgânico e dirigido pelo Espírito do que o que se pode encontrar numa empresa ou organização secular, uma igreja se parece com uma empresa moderna pelo menos num aspecto: em ambas, o reconhecimento dos dons nada tem a ver com o sexo da pessoa.

Na carta a Timóteo, a imagem não é, como Smyth vai sugerir no que diz em seguida, "muito mais a da igreja como família" — na verdade, apenas um

834. Da mesma forma, em Provérbios tanto as mães quanto os pais instruem e orientam seus filhos: "Filho meu, ouve o ensino de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe" (Provérbios 1:8). "Ouve a teu pai, que te gerou, e não desprezes a tua mãe." (Provérbios 23:22). Em tantos outros versículos também, mães e pais formam uma equipe para exercer liderança na criação, no treinamento, na disciplina e no ensino de seus filhos (Êxodo 20:12; Levítico 19:3; Deuteronômio 6:6-9, 21:18-21, 27:16; Efésios 6:1-4; Colossenses 3:20; 2 Timóteo 1:5; veja também Lucas 2:51).

835. Além disso, mesmo que seja vontade de Deus que o pai seja "o cabeça do lar", é um salto estranho, com base no fato de Paulo imaginar uma pluralidade de líderes, dizer que vários pais, formando juntos uma equipe, devem ser o "cabeça" da igreja.

836. Em Hermas, Comparações (Similitudes) 7.3, diz-se ao homem que sua "família não pode ser punida de outra forma senão se tu, o cabeça da casa, fores afligido".

versículo da carta equipara diretamente a igreja a uma família.[837] Antes, a carta de Paulo se concentra principalmente na igreja de Éfeso como *um conjunto de casas greco-romanas*. Timóteo é instruído a ministrar com sabedoria às diversas condições das pessoas nessas casas antigas — velhos e jovens, escravos e livres, ricos e pobres, homens e mulheres, viúvas e casadas.

Smyth acrescenta outra camada ao seu argumento:

[A] igreja [é] uma família supervisionada e protegida por pais [cuja] principal qualificação é seu caráter piedoso como pais. Isso fica especialmente claro na primeira carta de Paulo a Timóteo: um homem só deve ser reconhecido como presbítero se for um bom pai de sua família biológica. Este é um ponto que nunca será enfatizado o suficiente: os presbíteros devem ser pais.[838]

Este aspecto do seu argumento, mais uma vez, se apoia em duas premissas falhas. Primeiro, Paulo não se concentra apenas nos presbíteros como pais, mas como líderes de uma casa. Entendendo mal o contexto antigo dos leitores originais desta carta, Smyth imagina que a casa desses líderes consistia apenas numa "família biológica" — talvez dois ou três filhos. Mas em 1 Timóteo 3 Paulo diz que um pastor deve "governar bem a própria casa". Nesta passagem, a palavra grega (*oikos*) é mais bem traduzida não como "família", mas como "casa" (no sentido de todo o grupo doméstico) — o que potencialmente inclui escravos, inquilinos e outros parentes. Mas, se concordarmos com Smyth que, por terem os pastores gerado filhos como pais, eles devem, portanto, ser pais da igreja, então precisamos ser coerentes e dizer também que os pastores devem

837. 1 Timóteo 3:1

838. Alan Frow apresenta o mesmo argumento circular: "Um presbítero é como um pai, e a esposa do presbítero é como uma mãe. Embora eles cuidem juntos da igreja como pais, assim como numa família bíblica, em que os pais e não as mães lideram, a igreja é liderada pelos presbíteros. Eu não esperaria que os presbíteros fossem mulheres, assim como não esperaria que as mães fossem pais." www.bit.ly/2ZPRZGH

ser maridos da igreja, senhores da igreja e senhorios da igreja — pois esses papéis também fazem parte de governar uma casa.[839]

Segundo, um ponto já apresentado antes, no capítulo 12: a *materfamilias* também se qualificaria! A competência de liderança necessária para governar uma casa, mesmo no mundo antigo, não era algo exclusivamente masculino. Paulo fala mais adiante nesta carta de uma mulher casada que governa a sua casa;[840] e sabemos também que a primeira comunidade de crentes que Paulo plantou na Europa estava na casa que Lídia governava.[841]

Smyth então encerra o seu argumento: "Deve significar que eles são capazes de ser pais da igreja. As mulheres não devem ser presbíteras porque as mulheres não podem ser pais."[842]

Tendo reduzido a administração da casa à paternidade, Smyth usa então essa redução para criar toda uma nova metáfora para o pastoreio: ser pai. No entanto, nesta mesma carta, vemos Paulo rompendo com a norma cultural da hierarquia da casa antiga ao colocar um homem mais jovem, Timóteo, no comando de homens mais velhos — algo que o próprio Jesus fez quando escolheu homens jovens como apóstolos. Ao contrário do que Smyth supõe, Timóteo recebe a instrução explícita de liderar espiritualmente não como pai, mas como filho em relação às pessoas mais velhas do que ele, e como irmão em relação aos da sua idade.[843] Afinal, a principal metáfora bíblica para ser pastor não é a da paternidade, mas a do pastoreio. Jesus é o Supremo Pastor, e os pastores são "subpastores".[844] Mas nenhuma Escritura, em lugar algum, sugere

839. Isso nos ajuda a entender quão diferente era a situação doméstica antiga das nossas famílias nucleares modernas. Certamente, um aspecto importante de "governar uma casa" naquela cultura incluía cuidar para que "seus filhos lhe obedeçam", mas envolvia também liderar bem sua esposa, bem como outros que pudessem viver em sua casa, como escravos, parentes e inquilinos. É por isso que, no versículo 12, Paulo separa claramente as duas categorias: os diáconos devem, por um lado, governar bem seus filhos, mas, por outro lado, governar bem também sua casa. Além disso, Paulo diz o mesmo sobre os diáconos — será que os diáconos também devem "ser pais da igreja"?
840. 1 Timóteo 5:14
841. Atos 16:14-15, 40
842. P.J. Smyth, Elders, cap. 12.
843. 1 Timóteo 5:1-2
844. 1 Pedro 5:1-4

que, como Deus é o pai da igreja, os pastores devam ser "subpais".[845] Na verdade, devemos ter um cuidado especial ao enfatizar os presbíteros homens como pais da igreja, quando Jesus ordena a atitude padrão oposta: "A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus."[846] Teologicamente falando, a metáfora bíblica da igreja como família, corretamente aplicada, apresenta não algum pastor terreno, mas Deus, como nosso único e verdadeiro pai, e nossos líderes como irmãos e irmãs (muitas vezes mais velhos) em Cristo.

Além disso, se aceitarmos a visão de Smyth da igreja como principalmente uma família liderada por pais (e respeitosamente duvido que devamos aceitá-la), então faz mais sentido que tenhamos uma equipe de "pais e mães" — *pastores e pastoras* — trabalhando juntos para liderar, como qualquer unidade familiar saudável teria.

845. Só em raras ocasiões a Bíblia chama um líder espiritual de "pai" de outros: nos casos em que ele se relaciona 1) com sucessores apostólicos (2 Timóteo 1:2), 2) com uma igreja que plantou desde o início (1 Coríntios 4:14-15) ou 3) com uma igreja que está sob seu cuidado apostólico, especialmente se o apóstolo já é um homem idoso (1 João 2:1).
846. Mateus 23:9

Apêndice 6: Por que os fatos talvez não nos façam mudar de ideia

"A maioria das pessoas não quer informação precisa; quer informação que as confirme. O crescimento exige que você esteja aberto a desaprender ideias que antes lhe serviram." James Clear

Quando me tornei cristão e aceitei o evangelho como, bem, a verdade do evangelho, lembro-me de pensar: "Espere só até eu contar aos meus amigos não cristãos o que descobri! Todos eles vão crer também." Maravilhosamente, alguns creram. Mas, para minha surpresa, a maioria não.

Devo admitir uma ingenuidade semelhante na minha abordagem inicial ao mudar de ideia (e depois ao tentar fazer outros mudarem de ideia) sobre a hierarquia de gênero.

No meu caso, esse despertar foi doloroso. Até onde eu podia ver, aquilo em que eu acreditara durante décadas não passava da roupa inexistente do imperador. Por que, então, eu me perguntava, pessoas excelentes ainda veem as roupas invisíveis, mesmo quando elas simplesmente não estão lá? Isso me deixou muito perplexo, mas finalmente topei com uma explicação provável: o *viés cognitivo*.

Acontece que o tipo de conversa teológica que muitas igrejas travam oferece as condições perfeitas para que todo tipo de viés esteja em ação. Nenhum de nós — eu incluído — é tão objetivo quanto pensa.

Até a nossa "racionalidade" é impulsionada pela emoção

Podemos dizer a nós mesmos que tomamos nossa decisão com base apenas nos fatos, mas até as nossas escolhas mais objetivas são, na verdade, sustentadas pela emoção. Podemos não expressar essa subjetividade, nem mesmo estar cientes dela, mas ela está lá mesmo assim.

Em *The Righteous Mind*, Jonathan Haidt chama o pensamento emocional de "intuição". Ele escreve: "Os papéis relativos da intuição e da racionalidade nos seres humanos são mais bem entendidos como análogos à relação entre um elefante e seu cavaleiro. A intuição é o elefante moral; a racionalidade, o seu cavaleiro. A cavaleira pensa, erroneamente, que dirige o elefante quando, na verdade, ela o serve, em geral oferecendo justificativas *post hoc* para os juízos intuitivos da pessoa."[847]

Em outras palavras, toda razão é motivada emocionalmente. Algumas ideias e tipos de informação nos atraem. Outras nos aterrorizam. É por isso que não acreditamos necessariamente no que é verdadeiro. Na maioria das vezes, acreditamos no que preferimos acreditar. Geralmente sem perceber, assumimos um compromisso prévio com uma crença e depois geramos "justificativas engenhosas" ou nos agarramos a elas. Stackhouse aplica esse princípio especificamente à nossa teologia dos sexos:

Sejamos claros conosco mesmos: ninguém forma sua opinião sobre um conjunto de questões tão cruciais simplesmente com base em argumentos teológicos. Não ousemos nos lisonjear achando que estamos sentados em algum pico intelectual, pesando calmamente cada item na balança de nosso intelecto finamente calibrado e de nossa alma inteiramente santificada. Estamos todos irremediável e profundamente investidos num determinado conjunto de pressupostos sobre os sexos, seja ele qual for. Estamos todos enredados em estruturas sociais que nos recompensam ou punem por causa das nossas opiniões. Simplesmente não podemos ser desinteressados ao decidir sobre esse conjunto enorme, e enormemente importante, de questões. Então … perguntemo-nos: Em que eu realmente quero acreditar a respeito dos sexos?

O viés de confirmação

O *viés de confirmação* é a busca inconscientemente seletiva de evidências que confirmem as nossas crenças atuais, em vez de procurarmos informações que as desafiem. Num nível subconsciente, inflamos as evidências confirmatórias e

847. Jonathan Haidt, The Righteous Mind, p. 32.

evitamos, descartamos ou minimizamos as informações contrárias. Abraçamos de todo o coração os argumentos a favor da nossa posição, mesmo quando podem ser argumentos fracos — na verdade, somos cegos para a possibilidade de que sejam fracos. Nós "decretamos" a força deles mesmo quando não são fortes.

Como diz o economista J.K. Galbraith: "Diante da escolha entre mudar de ideia e provar que não há necessidade de fazê-lo, quase todo mundo se ocupa da prova."[848]

Esse viés de confirmação é a razão pela qual tendemos a construir narrativas simplistas demais com informações incompletas. Depois acreditamos nessa narrativa enquanto ela for coerente na nossa própria mente. O problema surge quando juntamos pontos de dados escassos, e talvez sem relação entre si, para criar um quadro maior que, na verdade, não é sustentado por esses poucos pontos. É claro que é necessário trabalhar com as informações que temos, mas cometemos o erro de tratar essas informações como tudo o que há para saber.

É exatamente por isso que o complementarismo, como narrativa, um dia fez sentido para mim. Seguindo o caminho do livro de 1977 de George Knight, o fundador da hierarquia de gênero revisada, eu tinha juntado um punhado de versículos da Escritura ou, para ser mais exato, inferências especulativas sobre esses versículos, para formar uma narrativa. Mas, à medida que examinei esses pontos de dados de modo mais intenso, o que me impressionou foi quão escassos eles eram e quão pouco relacionados entre si. O complementarismo funciona de modo muito parecido com uma constelação no céu: uma pessoa contempla o céu noturno cintilante e liga um punhado de estrelas, imaginando uma conexão entre elas (e preenchendo alguns pontos que faltam pelo caminho), e depois a chama de Virgem ou Sagitário. As constelações, como o complementarismo, existem nos olhos de quem as contempla.

Depois que ligamos os pontos de certa maneira, é quase impossível "desver" a constelação. Liev Tolstói escreveu certa vez: "Os assuntos mais difíceis podem ser explicados ao homem mais lento de raciocínio, se ele ainda não formou

848. John Galbraith, Economics, Peace and Laughter

nenhuma ideia sobre eles; mas a coisa mais simples não pode ser esclarecida ao homem mais inteligente, se ele está firmemente convencido de que já sabe, sem sombra de dúvida, o que lhe é apresentado." De fato, ver o que não está lá é um tipo peculiar de cegueira. Por exemplo, uma vez que "vemos" liderança e submissão no Adão e na Eva de Gênesis 2, antes da Queda, ficamos cegos para a verdadeira beleza de sua igualdade e mutualidade.

Uma das razões pelas quais o viés de confirmação prospera não é apenas que o usamos para sustentar aquilo em que já acreditamos, mas também que não gostamos de questionar a nós mesmos. Dependendo do nosso tipo de personalidade, muitos de nós têm uma necessidade maior de desfecho — de chegar a uma decisão definitiva sobre um assunto. Com essa constituição, não gostamos de ambiguidade nem de questionar nossas conclusões anteriores. Somos impacientes com longos processos de conversa sobre um assunto. Tendemos a pensar em preto e branco e ficamos contentes em ouvir apenas um lado da questão. Se ele nos convence, nós (em virtude da nossa necessidade de desfecho) ficamos contentes em nos comprometer com esse lado.

Nada distorce o nosso pensamento como o medo da perda

O elefante movido pela emoção de que fala Haidt basicamente evita ameaças e persegue oportunidades. No entanto, desses dois impulsos emocionais, o medo da ameaça é maior do que a possibilidade de recompensa. Não tememos tanto a mudança quanto tememos a perda. Num fenômeno chamado *viés de negatividade* (ou *viés do status quo*), o nosso cérebro está programado para dar mais peso ao que podemos perder do que ao que podemos ganhar.

Por exemplo, há muito a ganhar numa igreja, ou num casamento, quando o mutualismo homem–mulher substitui a hierarquia homem–mulher. Mas a pessoa comum não se concentra no que pode ser ganho. Em vez disso, fixa-se no que pode ser perdido. Ao explorar uma nova posição teológica, ela não pergunta principalmente: "Isto é verdade?", mas, subconscientemente: "Se eu passasse a crer nisto, o que poderia perder?" Embora possa haver resultados de

longo prazo imensamente positivos em mudar de ideia, esses ganhos são ofuscados pela possibilidade de uma perda de curto prazo, tornada ainda mais marcante pela disposição natural da maioria das pessoas de querer evitar mudanças drásticas.[849]

Talvez não haja maior medo de perda do que o medo de perder o próprio lugar numa tribo. Como observou Stackhouse: "Estamos todos enredados em estruturas sociais que nos recompensam ou punem por causa das … nossas opiniões sobre os sexos."[850] Na maioria das vezes, acreditamos naquilo que a nossa tribo, o nosso círculo principal de relacionamentos, acredita ser certo e verdadeiro. O medo de decepcionar um líder cuja aprovação prezamos, ou o terror de ficar fora de sintonia com o nosso círculo de aliados, é um medo determinante que permeia todo o nosso pensamento. Enquanto não admitirmos isso, nunca conseguiremos chegar mais perto de pensar corretamente, e os fatos nunca nos farão mudar de ideia.

Um psicólogo de Harvard expressou isso assim: "As pessoas são acolhidas ou condenadas de acordo com as suas crenças, de modo que uma das funções da mente pode ser manter crenças que tragam a quem as mantém o maior número de aliados, protetores ou discípulos, em vez de crenças que tenham maior probabilidade de ser verdadeiras."[851] É por isso que as pessoas são tão apegadas às crenças que marcam a identidade — são essas as exigidas para sermos incluídos num círculo de relacionamentos. É também por isso que tentar mudar a opinião de alguém é, na verdade, o processo de tentar convencê-lo a mudar de tribo. Logo no primeiro momento em que repensam suas crenças atuais, as pessoas avaliam se mudar de crença as fará perder seus laços sociais. Stackhouse sugere uma dinâmica igualmente interessante em ação em muitos grupos complementaristas:

Para alguns grupos cristãos, as questões dos sexos se tornaram marcadores de "fronteira" e de "identidade", ligados a questões ainda mais fundamentais de

849. Uma forma pela qual passei a entender o meu próprio modo de ser e o dos outros é a "curva em forma de sino de Rogers" — embora eu esteja entre os 16% das pessoas que tendem a ser inovadoras e adotantes iniciais quando o raciocínio me parece sólido, a maioria das pessoas precisa hesitar e deliberar por muito mais tempo.
850. John Stackhouse, Finally Feminist, p. 102.
851. Steven Pinker, Language, Cognition and Human Nature

autoridade religiosa, método teológico e resistência ao mundanismo. Assim, as questões dos sexos tornam-se grandes demais, quase impossíveis de submeter a um reexame sério — e por isso não são reexaminadas.[852]

Tendo decidido de antemão que as crenças do seu grupo estão corretas, tudo o que precisam fazer é recorrer aos documentos de defesa da comunidade para a sua crença, ou pedir aos "principais estudiosos" do movimento ou da denominação que respondam a essa nova ameaça — o que eles invariavelmente fazem. O problema é que ninguém está mais entrincheirado num grupo do que os "especialistas" que, profissionalmente, definem e defendem as suas crenças e, portanto, ninguém tem mais a perder se admitir as falhas do seu pensamento. A não ser por um milagre, suspeito que pouquíssimos desses estudiosos sequer conseguirão mudar de ideia. O custo — a perda do respeito do seu círculo e a provável perda do emprego — é grande demais.

Não são apenas os estudiosos dos movimentos complementaristas ou os formuladores da doutrina nas igrejas complementaristas que se levantarão em defesa da doutrina; muitas mulheres — especialmente as esposas de líderes homens — também se levantarão em sua defesa. Embora algumas dessas mulheres sejam persuadidas apenas pelos fatos (como elas os veem), suspeito que, em muitos casos, algo um pouco mais subconsciente esteja em jogo. Como diz Kevin Giles:

Em qualquer ideologia dominante, uma porcentagem dos que não têm poder sempre apoia o status quo. No sistema de castas hindu e nas aristocracias clássicas, por exemplo, alguns dos defensores mais fortes da ordem social hierárquica vigente são os que estão na base. O que acontece é que eles interiorizam essa ordem; creem que os que estão acima deles os governam com razão e que sua posição inferior é dada por Deus.[853]

Pensando bem, pode haver uma razão muito compreensível para que elas defendam a hierarquia: como esposas complementaristas, há muito tempo se comprometeram a apoiar o ministério (e as opiniões) de seus maridos. Contestá-

852. John Stackhouse, Finally Feminist, p. 103, nota 35.
853. Kevin Giles, What the Bible Actually Teaches on Women, p. 225.

lo exigirá uma coragem enorme e talvez até ameace a harmonia da sua comunidade principal, o seu próprio casamento.

Pensar como um soldado

Quando as nossas crenças que marcam a identidade são questionadas, voltamos facilmente ao modo soldado. Confrontados com um conjunto incômodo de fatos, todos tendemos a nos aferrar ainda mais à nossa posição atual em vez de admitir que podemos estar errados. Como esta discussão sobre uma teologia dos sexos é tão ameaçadora para tantas pessoas (elas poderiam perder o emprego se mudassem de ideia), é compreensível (e, ainda assim, trágico) que ela seja abatida tão depressa.

De fato, muitos dos que tentam levar essa conversa às suas igrejas têm feridas para mostrar. Isso acontece porque é extremamente difícil separar a pessoa que traz a ideia ameaçadora da própria ideia. Nos nossos piores momentos, podemos não apenas matar o mensageiro, mas manipulá-lo até que duvide de si mesmo: a dor dele, dizemos a nós mesmos, não poderia ser porque nós estávamos errados. O mais provável é que tenha sido porque ele nos prejudicou. Ou assim pensamos.

No entanto, sendo a doutrina complementarista tão controversa quanto é, a maioria dos líderes complementaristas experientes tem hoje uma longa lista de pessoas em suas igrejas que mudaram de ideia sobre essa questão e, em consequência, os deixaram. Com tantas baixas, é de se perguntar por que esses líderes não param com mais frequência para rever cuidadosamente a sua teologia. A resposta vem mais uma vez na forma de um viés cognitivo, mais evidente na guerra: *quanto maior o custo que já pagamos para defender uma linha, maior a probabilidade de continuarmos pagando o mesmo custo*. Na Batalha de Verdun, em 1916, que durou um ano, franceses e alemães escolheram uma linha em que quase um milhão de homens foram mortos ou gravemente feridos. Embora tivesse sido melhor que um ou ambos os lados simplesmente abandonassem

suas trincheiras, quanto mais vidas se perdiam, mais vidas estavam dispostos a continuar perdendo.

Além disso, quando nós, como grupo, somos ameaçados por pessoas de fora do grupo que possam ter uma opinião divergente, sucumbimos mais facilmente ao *pensamento de grupo*, um viés coletivo que garante que os nossos pontos cegos fiquem inatacáveis. Quando protegemos a nossa opinião coletiva e descartamos prematuramente opiniões alternativas, tomamos más decisões. Há exemplos públicos suficientes disso para servir de advertência: seja a decisão do governo Bush de invadir o Iraque com base na crença equivocada e incontestada em suas armas de destruição em massa, seja os círculos de agentes financeiros que fomentaram o colapso dos derivativos hipotecários. Ambos os casos de *pensamento de grupo* catastrófico envolveram grupos isolados de tomadores de decisão que ignoraram "dados contrários numa espiral descendente de autoconfirmação".[854]

Felizmente, há um caminho muito melhor do que voltar automaticamente ao modo soldado:

Guardiões das portas e batedores

É claro que nós, que lideramos igrejas e estamos às portas, precisamos proteger a doutrina da nossa igreja. Mas não somos chamados a ser soldados que atiram em qualquer um que se aproxime dos muros da cidade. Como bons anciãos à porta da cidade, não assumimos o compromisso prévio de não deixar entrar nada: antes, avaliamos cada visitante e a sua carga, verificando se há algo de que possamos precisar. Não somos os muros de Jericó, trancando dentro aquilo em que já acreditamos e trancando fora aquilo em que não acreditamos. Antes, devemos demonstrar tanto abertura para a possibilidade de estarmos errados sobre algumas coisas quanto uma avaliação crítica da questão.

A história da teologia cristã é a história da sua interação com uma cultura em constante evolução. Num extremo estão as igrejas que creem que a cultura está

854. Daniel Goleman, Focus: The Hidden Driver of Excellence, cap. 7.

sempre errada. No outro extremo, alguns parecem supor que a cultura está sempre certa. A maioria de nós fica em algum lugar no meio, o que significa que estamos, pelo menos em teoria, abertos a novas ideias. É por isso que, embora possa haver um tempo para ser soldado, não deveríamos viver sempre em modo defensivo. Julia Galef, numa palestra TED, argumenta que também devemos aprender a viver e pensar em modo batedor: "O trabalho do batedor não é atacar nem defender. O trabalho do batedor é entender. O batedor quer saber o que realmente está lá, com a maior precisão possível. E num exército real, de verdade, tanto o soldado quanto o batedor são essenciais."[855]

Quando a nossa mente está em modo soldado, somos impulsionados por um senso de defensividade e tribalismo, diz Galef, enquanto que

Os batedores são curiosos. É mais provável que digam sentir prazer quando aprendem uma informação nova ou sentir uma comichão para resolver um enigma. É mais provável que se sintam intrigados quando encontram algo que contradiz as suas expectativas, [e] mais provável que digam que acham virtuoso testar as próprias crenças, e é menos provável que digam que alguém que muda de ideia parece fraco.

Em outras palavras, explorar como batedor é uma estratégia contra o viés. No seu cerne, é a convicção humilde de que as nossas conclusões anteriores podem estar erradas e de que talvez nos esteja escapando alguma coisa — talvez seja isso o que Pedro chama de ter uma "mente humilde".[856]

A mudança de paradigma

Na história da ciência, da filosofia e da teologia, as descobertas decisivas e as mudanças de paradigma vieram por causa desse tipo de abertura de espírito. Durante séculos, um campo pode ser governado por um paradigma bem estabelecido, que domina os pressupostos de todos. Então algumas pessoas começam a notar algumas anomalias sérias. O missiólogo Alan Hirsch explica isso bem:

855. www.bit.ly/3BKjApP
856. 1 Pedro 3:8

Desenvolve-se, dentro do paradigma, uma sensação crescente de anomalia, um sentimento de que algo está errado. Ou, pelo menos, de que o modo de pensar predominante não consegue resolver todos os problemas que o próprio paradigma enfrenta. Paradoxalmente, são aqueles que dominaram o paradigma predominante os que, com mais frequência, são os primeiros a romper com o consenso — por exemplo, Einstein e Heisenberg na ciência, ou Calvino e Barth na teologia. Os verdadeiros especialistas são os mais capazes e os mais propensos a perceber quando as coisas estão erradas! Começa assim o que Kuhn chama de "uma divagação da mente", um novo senso de liberdade para lidar com as anomalias sem recorrer aos pressupostos e ao conjunto de soluções preconcebidos.[857]

É exatamente o que acontece com o surgimento do mutualismo a partir do paradigma do hierarquismo. Isso também descreve algo da minha própria jornada rumo a uma parceria mais plena entre os sexos — quando me propus a provar o complementarismo mergulhando mais profundamente em seus numerosos argumentos de apoio, senti-me um pouco como Neo encontrando, não por escolha minha, cada vez mais falhas na Matrix. Quanto mais minuciosamente eu conseguia explicar por que eu, como complementarista, acreditava no que acreditava, menos eu conseguia acreditar nisso.

Parte desse processo envolveu aprender a ler a Escritura como batedor, não como soldado. Em seu livro *Models for Interpretation of Scripture*, John Goldingay adverte contra tratar a Bíblia como um documento de defesa para sustentar as nossas crenças atuais: *"Um teste para saber se é esse o caso é perguntar quando foi a última vez que alguém mudou de ideia (ou, melhor, de comportamento) por causa de algo que leu na Escritura. Em geral, todos nós usamos a Escritura para confirmar, e não para confrontar [as nossas crenças], apenas para 'replicar a nós mesmos'."*

É natural preferir sentimentos de confiança e certeza à sensação desconcertante e humilhante de perceber que estávamos errados sobre algo. Na verdade, mesmo quando somos expostos a fortes evidências de que a sensação de confiança em nossas crenças pode estar equivocada, temos dificuldade para nos

857. Alan Hirsch, On the Verge, cap. 2.

livrar da sensação de que a nossa crença ainda está correta. Os estudiosos do viés cognitivo chamam esse tipo de viés de *ilusão de validade*.

Hirsch explica como o velho paradigma, outrora defendido com tanta firmeza por todos, começa a se desfazer: "Lentamente, cada vez mais pessoas reconhecem que algo está errado na concepção predominante das coisas; finalmente, chega-se a um ponto de virada."[858]

Normalmente, porém, à medida que o novo paradigma desponta, o velho se reafirma em forte oposição. Estar certo não basta para garantir uma mudança rápida de opinião. (Por exemplo, Galileu só salvou o pescoço ao se retratar da "heresia" de uma realidade centrada no sol.) Hirsch explica que isso acontece "porque alguns investiram no paradigma o seu senso de identidade e, por isso, recebem dele a sua legitimidade".[859]

Ainda assim, com tempo suficiente, o novo paradigma acaba substituindo o velho. Como afirmou o filósofo alemão do século XIX Arthur Schopenhauer: "Toda verdade passa por três estágios: primeiro, é ridicularizada. Segundo, sofre resistência. Terceiro, é aceita como evidente por si mesma." Quando tive contato pela primeira vez com uma interpretação mutualista da Escritura, décadas atrás, minha impressão na época era de que ela oscilava entre ser ridicularizada e sofrer resistência. Olhando ao redor agora, ela oscila entre sofrer resistência e ser evidente por si mesma. Apesar do medo do liberalismo que a igreja evangélica dos EUA tem, e que a faz orientar-se pela interpretação mais conservadora das coisas, já um quarto de todas as maiores igrejas dos EUA permite pastoras e pregadoras.[860] O ponto de virada já foi ultrapassado, o filete de água já se tornou uma enchente, e suspeito que agora não há mais volta.

Mais uma coisa sobre o viés, que se aplica especialmente àqueles de nós que fizeram a transição do hierarquismo para o mutualismo: cuidado com o *viés retrospectivo*. É o modo como, depois de mudarmos de ideia, perdemos tão depressa a empatia por aqueles que creem como nós críamos antes. Quando as pessoas mudam suas crenças à luz de novas informações (uma façanha rara!),

858. Alan Hirsch, On the Verge, cap. 2.
859. Alan Hirsch, On the Verge, cap. 2.
860. www.bit.ly/3COXZxW

elas têm dificuldade para lembrar o conteúdo de suas crenças antigas, o que as leva a pensar que sempre tiveram uma inclinação para a opinião correta. Com esse viés em ação, a memória da nossa história de crenças fica distorcida. Na verdade, não seria o *viés retrospectivo* a explicação para o espírito de julgamento tantas vezes presente em muitos movimentos sociais nos últimos anos? Há menos de um ano, uma pessoa talvez acreditasse em outra coisa; agora mudou de ideia e está pronta para denunciar com veemência os "intolerantes" que ainda acreditam naquilo em que ela acreditava no ano passado! É por isso que é tão importante permanecer humilde, mesmo depois que a sua humildade de espírito o levou a mudar de ideia.

Com isso, encerro o meu livro e resumo uma convicção que durante a maior parte da minha vida ministerial eu não tinha, mas que agora, depois de sondar a Escritura da melhor forma que pude, tenho — uma posição que recomendo à sua consideração:

O mutualismo homem–mulher assume a posição teológica, fundamentada na Escritura, de que homens e mulheres são distintos e, ainda assim, iguais, criados para servir e atuar como parceiros, lado a lado, em todas as esferas da vida. A autoridade, os dons e a competência que Deus deu a cada pessoa podem e devem ser reconhecidos e celebrados, independentemente do seu sexo.

MUITO OBRIGADO

Meu maior agradecimento vai para a minha família mais próxima e minha equipe — Julie, Eli, Fynn, Ivy, Charlie e Sam —, vocês aguentaram um marido e pai que dedicou a este livro uma parte grande demais do seu cérebro, do seu coração e do seu tempo. Seja qual for o bem que ele produzir, nós o fizemos juntos.

Obrigado aos meus sogros, Joy e Keith, e à minha segunda família no Nest Deli. Com o melhor café na mão, vistas deslumbrantes das montanhas e pessoas gentis ao meu redor, esse lugar me deu o espaço seguro e amplo de que eu precisava para escrever este livro.

Àqueles que oraram por mim — Shae Walton e Edwina Hanslo em particular —, obrigado, obrigado. Nunca esquecerei o dia em que me senti tão completamente sozinho, digitando sem parar, e então chegou a mensagem de voz de vocês: "O Senhor colocou você em nossos corações, Terran. Seja no que for que você esteja trabalhando agora, continue! Ele está com você enquanto você faz isso, torcendo por você."

Aos inúmeros estudiosos da Bíblia que abriram para mim uma leitura melhor da Escritura — por exemplo, os doutores Lucy Peppiatt, Jamin Hübner, William Witt, Alice Mathews, Derek Morphew, Katia Adams —, serei para sempre grato. Na minha humilde opinião, há quatro estudiosos da Bíblia em particular que merecem prêmios pelo conjunto da obra por terem sido, durante tanto tempo, vozes proféticas solitárias: os doutores Cynthia Westfall, Craig Keener, Philip Payne e Kevin Giles. Tendo sido às vezes tratados como hereges por defenderem a verdade, vocês são verdadeiros heróis da igreja. Um dia, muito mais pessoas agradecerão a Deus pelo amor de vocês à igreja, pelos dons de intelecto e discernimento, pela profundidade da sua coragem e por todas as lágrimas que vocês provavelmente semearam. Os seus esforços não foram em vão.

Ryan Botha, obrigado por emprestar o seu excepcional talento de design, dado por Deus, à capa e ao ícone deste livro. À minha esposa, Julie, a Christine Van Wyk e a Craig McKellar, pelas suas habilidades de edição e revisão — sou muito grato. E, finalmente, aos amigos que me encorajaram e oraram por mim — Paul Van Coller, Sarah e Steve Binos, David Child, Jen Pedersen, Gareth e Angela Marillier, Julian e Katia Adams, Kelly e Guy Chennells, Sue e Ant Ryan, Mike Day, Tom e Jess Basson, e meus irmãos Mandy e Richard —, eu teria desistido deste projeto há muito tempo sem vocês.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

Barr, Beth Allison, 2021, "The Making of Biblical Womanhood: How the Subjugation of Women Became Gospel Truth." Brazos Press

Bartlett, Andrew, 2020: "Men and Women in Christ: Fresh Light from the Biblical Texts." Intervarsity Press.

Beck, James R. (ed), 2005: "Two Views on Women in Ministry (Counterpoints: Bible and Theology)." Zondervan

Bessey, Sarah, 2013: "Jesus Manifesto: An Invitation to Revisit the Bible's View of Women." Howard Books

Davidson, Richard, 2012, "Flame of Yahweh: Sexuality in the Old Testament." Baker Academic

Frymer-Kensky, Tikva, 1992, "In the Wake of the Goddesses: Women, Culture and the Biblical Transformation of Pagan Myth." Ballantine Books

Giles, Kevin, 2019: "What the Bible Actually Teaches on Women." Cascade Books

Gregoire, Sheila; Lindenbach, Rebecca; Sawatsky, Joanna, 2021: "The Great Sex Rescue." Baker Books

Grudem, Wayne, 2012: "Evangelical Feminism and Biblical Truth: An Analysis of More Than 100 Disputed Questions." Crossway

Hübner, Jamin, 2013: "A New Case For Female Elders: An Analytical Reformed-Evangelical Approach." PhD Thesis *www.bit.ly/3BNaSY8*

Hübner, Jamin, 2015: "Translating Authentein in 1 Timothy 2:12a." *www.bit.ly/3EKqWM8*

Keller, Kathy, 2012: "Jesus, Justice and Gender Roles: A Case for Gender Roles in Ministry." Zondervan

Keller, Timothy and Kathy, 2016: "The Meaning of Marriage." Penguin Group

Knight III, George, 1977: "The New Testament Teaching on the Role Relationship of Men and Women." Baker Books

Köstenberger, Andreas: Köstenberger, Margaret, 2014: "God's Design for Man and Woman: A Biblical-Theological Survey." Crossway

Köstenberger, Andreas; Schreiner, Thomas, 2016: "Women in the Church: An Analysis and Application of 1 Timothy 2:9-15." Baker Academic

Mathews, Alice, 2017: "Gender Roles and the People of God." Zondervan

Payne, Philip, 2015: "Man and Woman, One in Christ: An Exegetical and Theological Study of Paul's Letters." Zondervan Academic

Peppiatt, Lucy, 2019: "Rediscovering Scripture's Vision for Women." IVP Academic

Pierce, Ronald; Groothuis, Rebecca; Fee, Gordon (eds), 2005: "Discovering Biblical Equality: Complementarity without Hierarchy." IVP Academic

Piper, John; Grudem, Wayne (eds), 2021: "Recovering Biblical Manhood and Womanhood: A Response to Evangelical Feminism." Crossway

Stackhouse, John, 2005 "Finally Feminist: A Pragmatic Christian Understanding of Gender." Baker Academic

Storkey, Elaine, 2018: "Scars Against Humanity: Understanding and Overcoming Violence against Women." IVP Academic

Westfall, Cynthia, 2016: "Paul and Gender: Reclaiming the Apostle's Vision for Men and Women in Christ." Baker Publishing Group

Westfall, Cynthia, 2014: "The Meaning of Authentein in 1 Timothy 2:12." *www.bit.ly/3EL7OgM*

Witt, William, 2020: "Icons of Christ: A Biblical and Systematic Theology for Women's Ordination." Baylor University Press

Wojtyła, Karol, 2002: "Mulieris Dignitatem: On the Dignity and Vocation of Women." Catholic Truth Society

Próximos passos para as igrejas: Recursos recomendados

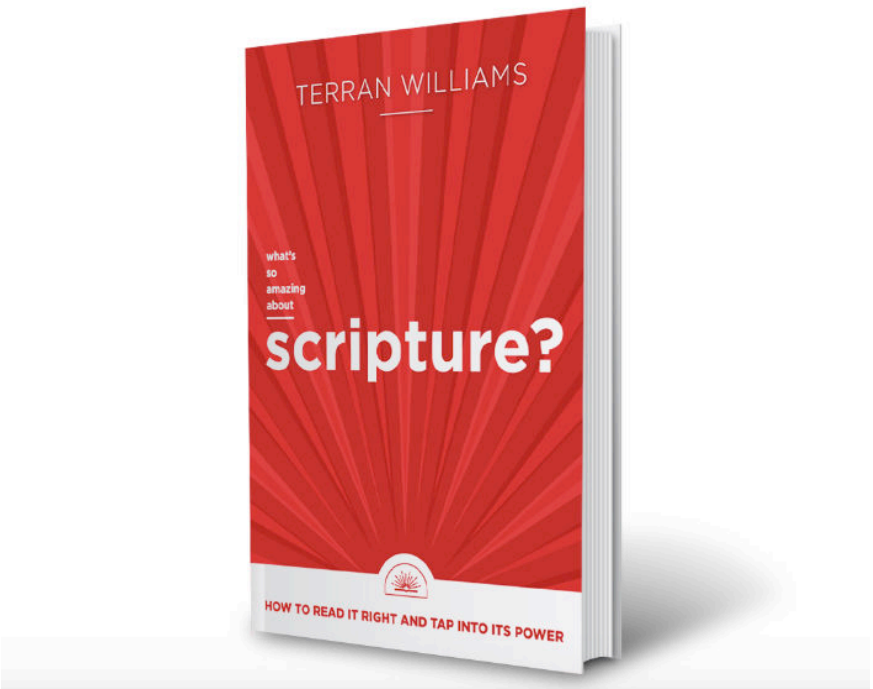
Cole, Kadi, 2019: "Developing Female Leaders: Navigate the Minefields and Release the Potential of Women in Your Church." Thomas Nelson

Dixon, Rob, 2021: "Together in Ministry: Women and Men in Flourishing Partnerships." IVP Academic

Williams, Terran, 2022: "How God Sees Women: End of Patriarchy, 10 Session Group Study Guide." Faça com outras pessoas uma jornada de 10 encontros por este livro; baixe gratuitamente este *Study Guide* (guia de estudo) em *www.bit.ly/37FBBfQ*

Outros livros de Terran Williams

What's So Amazing About Scripture? How To Read It Right And Tap Into Its Power



Terran Williams escreve com profundidade por trás da simplicidade. O livro é fácil e acessível, mas por trás dele há uma leitura atualizada da literatura teológica mais importante. Ele também escreve com paixão. Pode-se sentir em cada capítulo que ele simplesmente ama o seu assunto. Ele ama a Bíblia, ama a grande história e ama o herói central. Oro para que você "pegue" a paixão dele pela Escritura enquanto lê.

—Dr. Derek Morphew, autor de Breakthrough e The Kingdom Reformation, e fundador do Vineyard Bible Institute internacional

Como pastor que procura ajudar as pessoas a se envolverem com a Escritura, busquei o livro que expressasse com clareza o que a Bíblia é e de que ela trata, por que e como ela ainda nos fala, como ela surgiu, como lê-la e aplicá-la e como nos aproximarmos de Deus por meio dela. Um livro escrito para leitores experientes da Bíblia e pastores como eu, mas também para iniciantes e para quem tem dúvidas. Uma tarefa difícil, mas finalmente o encontrei!

—*Grant Clark, pastor da One Harbour*

Terran Williams faz um trabalho genial ao sintetizar de forma vívida e acessível as obras complicadas dos estudiosos da Bíblia. Prepare-se para a viagem da sua vida, enquanto encontra inspiração para mergulhar nas Escrituras e é capacitado para descobrir a Bíblia por si mesmo.

—*Minah Koela, pastora e diretora-executiva da Beautiful Gates*

A maioria dos livros sobre a Bíblia é simples e envolvente, mas não trata das dinâmicas bíblicas mais complexas; ou é complexa e acadêmica, mas não ajuda o leitor comum. Este livro raro e notável faz as duas coisas.

—*Stephen Pohlman, autor de The Reason For Everything.*

Creio que estamos testemunhando o surgimento de um pensador, orador e escritor muito significativo em Terran. Ele tem uma capacidade incrível de comunicar com precisão a verdade de Deus num estilo muito envolvente e profético, tão necessário em nossa cultura da "pós-verdade".

—*Craig Botha, formador de pastores*

"What's So Amazing About Scripture? How to Read it Right and Tap Into Its Power" está disponível como livro impresso (paperback) na Amazon e como livro eletrônico Kindle.

www.terranwilliams.com